"Um livro perfeito."
THE INDEPENDENT

A Improbabilidade do Amor

"Para quem anseia por uma irresistível
mistura de arte e intriga ao jeito
de O PINTASSILGO, de DONNA TARTT,
este romance vai saciar-vos completamente."
LIBRARY JOURNAL



HANNAH ROTHSCHILD

ASA

Ficha Técnica

Título original: THE IM PROBABILITY OF LOVE

Autor: Hannah Rothschild

Capa: Neusa Dias

Traduzido do Inglês por: Raquel Dutra Lopes

Imagens da capa: Shutterstock

Fotografia da autora: Nell Brookfield

ISBN: 9789892334196

Edições ASA II, S.A.

uma editora do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdova, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

© 2015, Hannah Rothschild

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt

www.asa.leya.com

www.leya.pt

Para Nell, Clemency e Rose

Prólogo

O Leilão (3 de julho)

Ia ser a venda do século.

Desde a alvorada que uma multidão começara a reunir-se e, ao final do dia, já se espraiava do monumental pórtico cinzento da casa de leilões, a Monachorum & Filhos (desde 1756) pelo passeio largo, chegando a Houghton Street. Ao meio-dia, tinham sido erguidas barreiras metálicas para manter livre um caminho central e, pelas quatro da tarde, dois porteiros fardados da leiloeira desenrolaram uma passadeira grossa e vermelha, que ia das aflautadas colunas dóricas até ao outro lado do passeio. O sol incidia sobre a multidão e, como gesto de boa vontade, a leiloeira distribuiu gratuitamente garrafas de água e gelados. Quando soaram seis badaladas pesarosas do Big Ben, a polícia desviou o trânsito habitual e enviou dois agentes a cavalo e oito a pé para patrulharem a rua.

Os *paparazzi,* com escadotes, computadores portáteis e várias lentes, foram conduzidos para um pequeno redil de um dos lados, de onde espreitavam ansiosamente pela porta, vendo três equipas de televisão e vários jornalistas acreditados que tinham conseguido passes para fazerem a cobertura do acontecimento a partir do interior.

– O que se passa? – perguntou um transeunte a um dos mirones.

– Vão vender o quadro, sabe, aquele das notícias – explicou Felicia Speers, que já estava ali desde o pequeno-almoço. – *A Impossibilidade do Amor.*

– *A Improbabilidade do Amor* – corrigiu-a a amiga, Dawn Morelos. – Improbabilidade – repetiu, rolando lentamente as sílabas pela língua.

– Tanto faz. Toda a gente sabe do que estou a falar – disse Felicia, a rir.

– Esperam que haja problemas? – perguntou o transeunte, cujo olhar passava dos cavalos da polícia para os corpulentos seguranças privados da leiloeira.

– Problemas, não... só toda a gente que é gente – respondeu Dawn, mostrando o seu *smartphone* e um caderno de autógrafos cuja capa tinha as palavras « *Rock* e Realeza» gravadas a dourado.

– Tanto alvoroço só por causa de um quadro? – espantou-se o transeunte.

– Ora, não é uma velharia qualquer, pois não? – disse Felicia. – De certeza que já leu alguma coisa acerca disto?

No cimo dos degraus espaçosos da Monachorum, quatro jovens de vestido preto e sapatos de salto alto encontravam-se de pranchetas na mão, a postos para começarem a riscar nomes. Naquele evento, só se entrava por convite. A partir de certos locais privilegiados, a multidão no exterior conseguia ter vislumbres dos magníficos interiores. Antiga residência dos duques de Dartmouth, o edifício da

Monachorum era um dos maiores palácios palladianos da Europa que ainda estava de pé. O vestíbulo era suficientemente grande para acolher dois autocarros de dois andares lado a lado. O teto de gesso, uma miscelânea de querubins e pulcras sereias, estava pintado em tons de rosa e dourado. Uma enorme escadaria, tão larga que oito cavaleiros poderiam galgá-la lado a lado, levava os visitantes para o grande salão de vendas, um átrio de paredes forradas a mármore branco e verde e com o teto iluminado por três cúpulas arredondadas. Era, por vários motivos, bastante inadequado para que ali fossem penduradas e expostas obras de arte; não obstante, constituía o cenário perfeito para suscitar assombro e desejo.

Numa sala adjacente, duas dúzias de jovens impecavelmente arranjados recebiam as últimas instruções. Por sorte, naquela noite tão quente, o ar condicionado mantinha a sala com uns estáveis dezoito graus centígrados. O leiloeiro principal e arquiteto da venda, o conde Beachendon, vestido para a ocasião com um *smoking*, encontrava-se diante deles. Falava firme e tranquilamente numa voz afinada por oito gerações de bela vida aristocrática e superioridade assumida. Fora educado em Eton e Oxford mas, graças ao pendor do pai para a mesa da roleta, o oitavo conde fora o primeiro membro da ilustre família a ver-se na necessidade de procurar um emprego regular.

Beachendon elogiou a equipa. Ao longo das quatro semanas anteriores, haviam ensaiado, prevendo todas as eventualidades, desde um salto partido a uma tentativa de homicídio. Estando presentes num só lugar meios de comunicação social do mundo inteiro e muitos dos mais importantes clientes da casa de leilões, era crucial que tudo fosse gerido com a precisão de um relógio suíço. Aquela noite seria marcante para a história do mercado de arte: todos esperavam que o valor recorde granjeado por uma única obra de arte fosse absolutamente arrasado.

– Temos a atenção dos média mundiais concentrada em nós – disse Beachendon à audiência arrebatada. – Centenas de milhares de olhos estarão a assistir. Um erro mínimo poderá transformar o triunfo num desastre. Em causa não está apenas a Monachorum, os nossos bónus ou a venda de um quadro. Este evento vai repercutir-se num setor que mobiliza anualmente mais de 100 mil milhões de dólares e a forma como lidarmos com esta noite terá impactos globais e duradouros. Não preciso de vos recordar que nos encontramos numa arena internacional. Está na altura de a nossa contribuição para a riqueza e o bem-estar das nações ser reconhecida.

– Sem pressões, senhor – espicaçou alguém.

O conde ignorou o remoque.

– De acordo com a nossa investigação exaustiva, os clientes de que cada um de vocês se encarregará serão os que apresentarão licitações mais elevadas: cabe-vos cuidar, bajular e encorajá-

los para que deem um pouco mais. Convençam-nos de que a grandeza jaz na aquisição; espicacem-lhes a curiosidade e os impulsos competitivos. Sirvam-se de todas as armas ao vosso dispor.

Envolvam-nos num mar de untuosidade perfeitamente ministrada. Relembrem a cada um como é indispensável, talentoso e rico e, sobretudo, de que só nesta casa o seu verdadeiro valor é apreciado e compreendido. Por uma noite, esqueçam a amizade e a ética: concentrem-se tão-só em vencer.

Beachendon percorreu a fila de rostos com o olhar, verificando que todos estavam ruborizados de entusiasmo.

– Cada um de vocês deverá fazer com que o convidado que lhe foi atribuído se sinta especial.

Especial com letra maiúscula. Mesmo que não consigam comprar aquilo que procuram, quero que

estes Detentores-de-Altos-Rendimentos acabem a noite ávidos por voltar, desesperados pela próxima ronda. Ninguém deverá sentir-se como um vencido ou um mero concorrente; todos devem sentir que algo ínfimo conspirou contra eles mas que, da próxima vez, triunfarão.

Beachendon percorreu a fileira de funcionários, fitando cada um. Para eles, a noite seria uma experiência exaltante, com um bónus potencial; para si, tudo se resumia a penúria e orgulho.

– Agora lembrem-se, sobretudo as senhoras, de que se espera que sirvam e encantem. Deixo a interpretação da expressão «servir e encantar» inteiramente a cada um dos presentes, mas a discrição é uma regra fundamental deste jogo.

Um riso nervoso espalhou-se por entre os funcionários.

– À medida que vou lendo os nomes dos convidados, gostaria que os seus acompanhantes dessem um passo em frente. Todos devem estar familiarizados com a aparência, os gostos, desagrados e pequenas falhas dos clientes de que se encarregarão. – Beachendon fez uma pausa antes de proferir a sua piada bem ensaiada e de intencional incorreção política: – Nada de oferecer álcool a muçulmanos ou sanduíches de presunto a judeus.

O público riu-se, obediente.

– Quem vai cuidar de Vlad Antipovsky e Dmitri Voldakov?

Duas jovens, uma delas a usar um vestido justo de tafetá preto, a outra um de seda verde, sem costas, ergueram as mãos.

– Venetia e Flora, tenham presente que, se lhes for dada a oportunidade, estes dois homens darão cabo um do outro. Conseguimos reduzir o contingente de segurança privada de cada um ao mínimo e pedimos-lhes que deixassem as armas de fogo em casa: a prevenção é a nossa melhor política.

Mantenham-nos longe um do outro. Compreendido?

Venetia e Flora assentiram com a cabeça.

Consultando a sua lista, Beachendon leu o nome seguinte:

– Suas Altezas Reais, o emir e a princesa de Alwabbi.

Tabitha Rowley-Hutchinson, que era a mais antiga funcionária da equipa de atendimento ao cliente, estava envolvida em cetim azul-escuro; apenas o longo pescoço e os pulsos esguios eram visíveis.

– Tabitha... que assuntos evitará a todo o custo?

– Não mencionarei o apoio supostamente prestado por Alwabbi à al-Qaeda, as outras esposas do emir ou o historial da nação quanto a transgressões aos direitos humanos.

– Li Han Ta. Está completamente informado a respeito de Mr. Lee Lan Fok?

Li Han Ta assentiu com um ar sério.

– Lembre-se: é possível que os chineses não triunfem hoje, mas são eles o futuro.

Olhando em redor, viu que todos os presentes estavam de acordo.

– Quem foi incumbido de acompanhar Sua Excelência, o presidente de França?

Marie de Nancy estava a usar um casaco formal de seda azul, com calças a condizer.

– Irei fazer-lhe perguntas acerca de queijo, da primeira-dama e de arte francesa, mas não mencionarei mais uma vitória britânica na Volta à França, a amante dele ou o que dizem as sondagens acerca dos seus níveis de popularidade – avançou ela.

Beachendon assentiu com a cabeça.

– Quem se ocupa do Honorável Barnaby Damson, ministro da Cultura?

Um jovem saltitou para a frente. Estava a usar um fato de veludo cor-de-rosa e tinha o cabelo penteado num estilo em tempos conhecido como cauda de pato.

Beachendon gemeu.

– Mais subtileza, por favor... o ministro poderá ter essa «inclinação», mas não gosta de que lho recordem em público.

– Ocorreu-me que poderíamos conversar acerca de *ballet*... ele adora *ballet*.

– Cinja-se a futebol e cinema – instruiu-o Beachendon. – E quem se encarregará de Mr. M. Power Dub-Box?

Nos últimos meses, o *rapper* mais bem-sucedido do mundo tinha surpreendido o mundo da arte adquirindo várias obras icónicas. Com quase dois metros e quinze, e cento e dez quilos, flanqueado por uma comitiva de lacaios de fato preto e mulheres praticamente nuas, era impossível não dar pela presença de Mr. M. Power Dub-Box e, ao que parecia, também era impossível superar as suas licitações. O seu comportamento, estimulado por drogas e álcool e amplificado pela infâmia, conduzia frequentemente a detenções mas, até à data, estas não haviam resultado em condenações.

Dois homens de *smoking* avançaram. Vassily, russo, era um ex-campeão de boxe, na categoria de peso-médio, enquanto Elmore frequentara Harvard graças a uma bolsa de desporto.

Olhando para aqueles homens imponentes, Beachendon agradeceu mentalmente aos Recursos Humanos por terem contratado aqueles colossos num mundo povoado por estetas de feições delicadas.

– Adiante. Quem cuida do Stevie Brent? – quis ele saber.

Dotty Fairclough-Hawes estava vestida como uma *cheerleader* norte-americana, com uma minissaia às riscas e um *top* minúsculo.

– Não estamos numa final de um campeonato de beisebol – repreendeu Beachendon.

– É capaz de o fazer sentir-se em casa – justificou-se Dotty.

– Trata-se de um gestor de fundos de risco, a tentar criar uma cortina de fumo em torno de perdas recentes. A última coisa de que precisa é de uma fã tresloucada dos Boston Red Sox, a relembrá-lo do facto de ele não ter dinheiro para comprar este quadro. Dotty, a menina é a única pessoa aqui presente cuja missão é *impedir* que o Stevie Brent compre. Segundo as nossas fontes, tem um passivo de 4 mil milhões de dólares. Não me importo que ele levante o braço no início, mas sente-se em cima da tabuleta dele assim que as licitações passarem dos duzentos milhões de libras.

Dotty saiu, em busca do seu vestido formal de tafetá azul.

– Oh, mais uma coisa, Dotty – chamou-a Beachendon. – Não lhe ofereça *Coca-Cola*, que ele vendeu as ações que tinha demasiado cedo e entretanto subiram

dezoito por cento.

O conde continuou a percorrer a sua lista de VIP, assegurando-se de que a cada um fora atribuído um assistente adequado.

– Mrs. Appledore? Obrigado, Celine.

«Os condes de Ragstone? Obrigado, John.

«Mr. e Mrs. Hercules Christantopolis? Obrigado, Sally.

«Mr. e Mrs. Mahmud? Lucy, ótimo.

«Mr. e Mrs. Elliot Slicer IV? Muito bem, Rod.

«Mr. Lee Hong Quiuo-Xo? Obrigado, Bai.

«Mr. e Mrs. Bastri? Obrigado, Tam.»

Venetia Trumpington-Turner ergueu a mão.

– Quem é que vai cuidar dos vendedores?

– Essa tarefa importante e delicada cabe ao nosso diretor – respondeu o conde Beachendon.

Todos assentiram sabiamente com a cabeça.

– Quanto aos restantes, deverão assegurar-se de que os meros mortais se mantêm no sítio correto –

prosseguiu o conde. – Os diretores de museus de vários lugares do mundo ficam na fila H. Os editores dos jornais na fila I. Ao resto da comunicação social não deve ser permitido sair do redil, exceção feita a alguns jornalistas identificados: a Camilla tem tudo acerca deles. Os outros Detentores-de-Altos-Rendimentos devem ir para as filas J, K, L e M. Os negociantes de topo nas filas P e Q. Quero umas quantas modelos e atrizes espalhadas no meio dos outros para dar algum brilho, mas nada de dar *upgrades* a quem tenha mais de quarenta anos ou vista um L. Qualquer celebridade que não seja uma superestrela pode ficar de pé.

Beachendon endireitou-se e olhou em redor.

– Meninas, vão lá retocar o *gloss* nos lábios; meninos, ajeitem as gravatas e alinhem-se à entrada.

Deem o vosso melhor.

A limusina de Mrs. Appledore avançava lentamente. O percurso do Claridge até Houghton Street costumava fazer-se em dez minutos, mas havia obras na estrada e desvios, pelo que o trânsito se arrastava em redor de Berkeley Square. Estava um fim de tarde invulgarmente quente, mesmo para julho. Os londrinos, convencidos de que aquele era o primeiro e último vislumbre que teriam do sol, saíam dos *pubs* para as ruas. Os homens despiam os casacos, revelando manchas escuras e húmidas debaixo dos braços, enquanto as mulheres usavam vestidos sem mangas que revelavam braços e pernas cor de camarão. Pelo menos pareciam razoavelmente animados, para variar, pensou Mrs.

Appledore. Os Britânicos são tão macambúzios e taciturnos durante o inverno. À medida que o seu carro se arrastava por Berkeley Street acima, ela perguntava-se se aquela seria a sua última grande venda. Celebraria o octogésimo aniversário no ano seguinte e a sua viagem anual aos leilões londrinos ia perdendo o lustre. Em tempos, conhecia toda a gente na sala de vendas; mais importante ainda, toda a gente a conhecia.

Ainda que mantivesse o olhar fixo no futuro, ansiava pelos costumes e *modus operandi* do passado. Nascera na Polónia, em 1935, e fora-lhe dado o nome Inna Pawlokowski, antes de toda a sua família ter sido assassinada por tropas soviéticas no Massacre da Floresta de Katyn. Educada por freiras durante o resto da guerra, a jovem Inna fora depois enviada, juntamente com outros três mil órfãos, para a América, em 1948. Conhecera o seu futuro marido, Yannic, no barco de refugiados, chamado *Carregamento de Esperança*, e, apesar de só terem treze anos, ele pedira-a em casamento enquanto passavam pela Estátua da Liberdade. Ela prometeu que lhe daria seis filhos (engravidaria nove vezes) e ele jurou que os tornaria milionários (o património de Mr. Appledore, aquando da sua morte em 1990, foi avaliado em 6 mil milhões de dólares). No dia do casamento, em 1951, Inna e Yannic mudaram de nome, para Melanie e Horace Appledore, e nunca mais proferiram uma palavra que fosse em polaco. O primeiro negócio que tiveram, inaugurado no dia a seguir ao do casamento, foi o de uma companhia que alugava fatos e sapatos a imigrantes empobrecidos que precisavam de causar boa impressão em entrevistas de emprego. A Appledore Inc. não demorara a expandir-se em propriedades, fábricas e capitais privados.

Sabendo, por experiência pessoal, que os imigrantes trabalhavam bem mais do que os cidadãos nacionais, os Appledore proporcionavam fundos iniciais para a criação de empresas, em troca de uma fatia do capital social, além dos juros sobre o empréstimo inicial. Graças à Lei dos Deslocados de Guerra, vagas e vagas de imigrantes iam

chegando às costas dos Estados Unidos, e os Appledore ajudaram e espremeram europeus, mexicanos, coreanos, indianos e vietnamitas. À beira do novo século, Melanie e Horance detinham participações pequenas mas significativas e altamente lucrativas em negócios familiares nos cinquenta estados.

Melanie compreendia que não bastava o dinheiro para garantir um lugar à mesa mais importante.

Determinada a deixar a sua marca nos patamares mais elevados da sociedade de Park Avenue, ela sabia que precisava de se informar acerca de padrões e expectativas para poder fazer parte de uma corrente harmoniosa de elegância e conduta apropriada. Para esse fim, empregou laureados com o Prémio Nobel, diretores de museus e senhoras da alta-roda a atravessar tempos difíceis para que a educassem acerca de todos os temas que pudessem contribuir para o seu progresso. Aprendeu a dispor as pratas na mesa; foi instruída acerca de castas de vinho; movimentos artísticos; a diferença entre *allegro* e *staccato*; a gorjeta adequada a dar ao mordomo de um duque; para que lado deveria virar-se durante um jantar; e qual a direção a seguir para obter uma garrafa de vinho do Porto.

Aquela nova geração, pensava Mrs. Appledore com melancolia, alardeava a vulgaridade como se de um distintivo de honra se tratasse.

Horace e Melanie contribuíam para vários institutos culturais; tinham financiado a reconstrução do La Fenice, em Veneza, e o restauro de uma pequena igreja em Aix-en-Provence. No entanto, a sua paixão principal era uma mansão construída pelo industrial Lawrence D. Smith, em 1924, como prova de amor pela esposa francesa, Pipette. Localizada na margem do rio Hudson, setenta quilómetros a norte de Manhattan, tinha uma fachada de noventa metros e uma área que abarcava praticamente um hectare. Infelizmente, Pipette falecera pouco depois de a casa ter sido concluída e o bilionário destroçado nunca chegara a mudar-se para lá. A mansão permaneceria vazia e ignorada até Horace e Melanie a terem comprado em 1978 pela principesca quantia de 100 dólares.

A casa Smith foi rebatizada como Museu Appledore de Artes Decorativas Francesas. Horace e Melanie despenderam as décadas seguintes e uma parte considerável da sua fabulosa fortuna a restaurar o edifício e a criar uma das maiores coleções de mobiliário e arte franceses fora da Europa. Para eles, ter objetos de valor fazia-os sentir que eles próprios tinham valor. À beira do octogésimo aniversário, com um coração fraco e osteoporose grave, Mrs. Appledore decidira estourar todos os cêntimos que lhe restavam na fundação beneficente no *A Improbabilidade do Amor.*

Não se importava que a deixasse a zeros: fosse como fosse, ela já estava com os pés para a cova, e os seus filhos já tinham fortunas.

O vestido *Chanel* que Mrs. Appledore usava, feito de seda de um verde-lima, um tom quase idêntico ao da folhagem de *A Improbabilidade do Amor,* tinha sido escolhido por si e por Karl Lagerfeld, para condizer com a pintura. A completar o conjunto havia um simples colar de diamantes e brincos – nada deveria desviar as atenções da sua última grande compra. Naquela manhã, pedira que lhe fizessem um novo penteado, com ondas ligeiramente mais soltas e um vestígio de rosa.

Queria estar perfeita para o momento do seu último «viva!». Por aquela hora, no dia seguinte, todos os jornais teriam uma fotografia do quadro com o novo proprietário. Numa conferência de imprensa, ela anunciaria a doação imediata da sua coleção privada, incluindo *A Improbabilidade do Amor,* ao seu adorado Museu Appledore. Só faltava que o seu querido e falecido marido pudesse estar presente para assistir àquele derradeiro golpe de mestre.

Sentado ao computador na sua casa nova de Chester Square, Vladimir Antipovsky inseriu dezassete códigos diferentes, colocou o olho à altura do leitor de íris, passou as impressões digitais pelo *scanner* ultravioleta e transferiu 500 milhões de dólares para a sua conta-corrente. Estava preparado para arriscar mais do que dinheiro para adquirir a obra.

O emir de Alwabbi estava sentado no seu carro blindado, em frente ao Hotel Dorchester, em Londres, à espera de que a mulher, a princesa Midora, se lhe juntasse. Aquele leilão correspondia à ideia que o emir tinha de tortura. Um homem que prezava a privacidade, passara toda uma vida a evitar os *flashes* das câmaras, a curiosidade e os olhares dos jornalistas – em suma, qualquer género de vida pública. A única exceção fora quando o seu cavalo, *Espírito de Combate,*

venceu o Derby e, nesse dia glorioso, consumação do sonho de uma vida, o emir não conseguira resistir a apresentar-se diante de Sua Majestade, a rainha de Inglaterra, para aceitar o troféu magnificente em nome do seu principado ínfimo. Custava-lhe que tão poucos tivessem noção de que todos os puros-sangues descendiam de quatro cavalos árabes. Os ingleses, em particular, gostavam de pensar que, por meio de alguma estranha alquimia de boa criação e seleção natural, aqueles animais magníficos tinham –

sabia-se lá como – despontado dos póneis atarracados, de pernas abauladas e pelo desgrenhado que eles tinham lá nas suas charnecas.

O emir queria construir um museu equestre no seu país sem saída para o mar. O sustento da sua família havia recaído, durante muitos séculos, sobre o camelo e o cavalo árabe; o petróleo só fora descoberto nos últimos trinta anos. Mas a mulher dizia que ninguém visitaria um sítio assim; que só a arte detinha o poder de persuadir as pessoas a viajar. Indicava-lhe o sucesso de projetos vizinhos, no Catar e no Dubai, a transformação de terreolas como Bilbao e Hobart. Quando esses argumentos não bastaram para impressionar o marido, a princesa, furiosa, alegara que seria necessário menos do que o rendimento do crude de uma semana para construir o maior museu do mundo. O emir cedera; o museu fora construído. Era consenso universal que se tratava da obra-prima do melhor arquiteto do mundo, um templo à civilização e um monumento à arte. No entanto, havia um problema fundamental em que nem a princesa, nem as suas legiões de conselheiros, *designers* ou mesmo o celebérrimo arquiteto tinham pensado: o museu nada continha. Visitantes passeavam pelos cavernosos espaços brancos maravilhando-se com as linhas de sombra, os controlos perfeitos da temperatura, os frescos pavimentos de mármore, a iluminação engenhosa, mas pouco havia que quebrasse a monotonia das intermináveis paredes brancas: faltava-lhe arte.

Quatro pisos acima do esposo, na suíte real, a princesa estava sentada em frente ao toucador.

Prometida aos nove anos, casada aos treze, mãe de quatro filhos ao chegar aos vinte, tinha agora quarenta e dois anos. Como mãe do príncipe herdeiro, tinha o futuro assegurado. Pouco havia que o marido ou cortesãos pudessem fazer para lhe refrear os gastos; tudo o que podiam fazer era vê-la a arrebanhar as melhores peças das salas de leilões de todo o mundo e elevar os preços a valores inéditos. A princesa precisava de uma peça-estrela mas, infelizmente, a maioria das

grandes obras já se encontrava em museus nacionais ou coleções privadas. Assim que viu *A Improbabilidade do Amor,* soube que era a joia que procurava para a coroa do seu museu. Ali estava um quadro capaz de atrair turistas de todo o mundo. Ao contrário daqueles que queriam comprar a obra por um preço

razoável, a princesa desejava que as licitações se descontrolassem por completo. Queria que o seu quadro (havia muito que assumira que seria seu) fosse o mais dispendioso alguma vez adquirido num leilão; quanto mais publicidade suscitasse, melhor. Enquanto o marido vencia em corridas de cavalos, ela triunfaria na grande arena gladiatória da sala de leilões – a imagem da princesa a lutar pelo seu quadro apareceria em todos os ecrãs de todo o mundo. Depois de uma batalha longa e acérrima, os governantes de Alwabbi arrancariam a vitória das garras dos colecionadores mais opulentos e gananciosos do mundo. Seria o remate final do seu sonho, o derradeiro anúncio. Sentada na sua suíte de hotel, desenhou a última linha de *kohl* à volta dos belos olhos escuros.

Bateu palmas, ao que sete aias apareceram, cada uma carregando um vestido de alta-costura. A princesa só usava uma percentagem ínfima das roupas feitas para si, mas gostava de ter opções.

Naquela noite, olhou para os vestidos – o *Elie Saab,* o *McQueen,* o *Balenciaga,* o *Chanel* e o *de la Renta* – mas, depois de alguma deliberação, decidiu usar um vestido novo, um *Versace,* feito de seda preta e fio de ouro genuíno a ligar moedas sólidas de ouro que tilintavam levemente à medida que ela caminhava. O vestido ficaria tapado por uma longa *abaya* negra, mas ao menos os seus botins *Manolo Blahnik* seriam visíveis: debruados a arminho, de camurça branca e com saltos cravejados de diamantes de 24 quilates, que lampejariam com os *flashes* dos fotógrafos quando ela subisse ao pódio para inspecionar a sua mais recente e mais grandiosa aquisição.

Noutro recanto de Londres, na zona leste de Clapham, no seu estúdio de uma só divisão, a crítica de arte Delores Ryan estava sentada e atolada em desespero. A única forma que imaginava para salvar a reputação era destruindo a obra, a si mesma, ou a ambas. Era do conhecimento universal que ela, uma das maiores especialistas em arte francesa do século xviii, tivera a peça nas mãos e a desconsiderara, julgando-a uma reprodução de má qualidade. Com aquela categorização errada, uma decisão equivocada, eviscerara o trabalho de toda uma vida, uma reputação feita de trabalho e instrução. Apesar de ter mais do que quatro triunfos de que podia orgulhar-se, incluindo o *Stourhead* de Boucher , o

Fonthill de Fragonard e, o mais espetacular de todos, um Watteau que estivera esquecido e mal identificado na cantina do pessoal do Rijksmuseum, tudo isso fora esquecido. Seria conhecida para todo o sempre como a tonta atraiçoada por *A Improbabilidade do Amor.*

Talvez, tantos anos antes, devesse ter aceitado o pedido de casamento de lorde Walreddon. Teria um título nobiliário e viveria numa grandiosidade delapidada com uma cacofonia de filhos e *labradores* pretos e envelhecidos. Mas o primeiro e único amor de Delores era a arte. Acreditava no poder transformador da beleza. Estar com Johnny Walreddon enfastiara-a ao ponto do desespero; estar diante de um Ticiano levava-a às lágrimas de doce deleite.

Como um monge que sentisse o apelo do sacerdócio, ela pusera de parte (a maioria) os prazeres terrenos, em busca de um reino mais elevado.

Ter sido incapaz de reconhecer a importância daquela obra, a que se juntava a verdadeira obsessão que a venda iminente suscitara, representava para Delores não apenas perder a face, mas também perder a fé. Não queria fazer parte de uma profissão na qual a arte e o dinheiro se tinham tornado inextricavelmente ligados, onde a espiritualidade e a beleza eram meras notas de rodapé. Agora até ela olhava para telas perguntando-se quanto valeria cada uma. As suas adoradas pinturas tinham-se transformado em mais um produto comerciável. Pior ainda, aquele tema rarefeito com os seus próprios códigos e uma linguagem especial fora desmistificado: ainda no dia anterior ouvira dois

miúdos num café a discutir os méritos relativos de Boucher e Fragonard. Delores já não era uma sumo sacerdotisa da arte superior, não passava de mais uma solteirona solitária a viver num apartamento arrendado.

Delores chorava aqueles anos desperdiçados a estudar, as horas passadas a ler monografias e palestras, as férias enfiada em bibliotecas subterrâneas. Chorava pelos quadros que tinham passado pelas suas mãos e que, caso ela tivesse sido financeiramente mais astuta, a poderiam ter mantido num esplendor e conforto perenes. Soluçava pelos filhos por conceber e pela outra vida de que talvez tivesse desfrutado. Estava devastada por à sua juventude ter faltado a visão ou a sabedoria necessárias para prever qualquer um daqueles resultados.

Exatamente às 19h00, uma hora antes do início do leilão, um murmúrio expectante pairou por Houghton Street enquanto a primeira limusina ronronava

em direção à leiloeira. Lyudmila sabia como fazer uma entrada impressionante: muito devagar, libertou uma perna longa, deixando-a aparecer centímetro a centímetro no exterior do carro. Os clarões dos *paparazzi* explodiram e, caso certos acontecimentos não tivessem ocorrido, a imagem das icónicas pernas de Lyudmila, envoltas em meias de rede pretas e a emergir de um *Bentley* preto teriam adornado as primeiras páginas dos tabloides, de Croydon ao Curdistão. O seu noivo, Dmitri Voldakov, que controlava 68 por cento da potassa do mundo e valia várias dezenas de milhares de milhões de libras, não atraiu nem um *flash*.

Não se importava: quanto menos gente estivesse a par da sua aparência, menor a probabilidade de ser assassinado ou raptado. Dmitri escrutinou os telhados em redor e sentiu-se aliviado ao ver os seus homens a postos, armados e alerta; os guarda-costas, dos quais apenas dois tinham autorização para entrar no edifício, já estavam perfilados, ladeando-o. Dmitri calculava que o pequeno arrivista Vlad fosse tentar superar a sua licitação naquela noite. «Pois que tente», pensou.

– Lyudmila, Lyudmila – chamavam os fotógrafos. Lyudmila virava-se para a esquerda e para a direita, com um beicinho perfeito a adornar-lhe o rosto.

Dois *Range Rovers* personalizados, de uma brancura ofuscante, cada um a pulsar em sintonia com uma música *rap* aos altos berros pararam diante da entrada principal.

Um sussurro serpenteou por entre a multidão expectante.

– Mr. Power Dub-Box. Power Dub-Box.

Um contingente de grandes guarda-costas a envergar fatos pretos e auriculares conspícuos saltou do primeiro carro e correu para o segundo. Quando a porta se abriu, a rua vibrou com a batida da música de maior sucesso de Mr. Power Dub-Box: «I Is the King». O escultural e autointitulado Sumo Sacerdote do *Rap* usava calças de ganga e uma *T-shirt*, e era seguido por três mulheres que pareciam estar nuas.

– Aposto que se dão por contentes por estar uma noite quente – disse Felicia a Dawn, de olhar fixo e maravilhado.

– Aquela última tem alguma coisa vestida? – quis saber Dawn.

– Tem um *microtop* da cor da pele – observou Felicia.

– Não é da parte de cima que eu estou a falar – replicou Dawn enquanto tirava uma foto com o telemóvel ao traseiro nu da mulher, que já desaparecia para o interior da casa de leilões.

– Mas que grande prazer conhecê-lo, Mr. M. Power Dub-Box – saudou-o o conde Beachendon, dando um passo em frente, de mão estendida para a do músico. Tentou, em vão, não olhar para as

mulheres seminuas ao lado do *rapper.* M. Power ofereceu-lhe uma palmada pouco entusiasta na mão, antes de se virar para as equipas de filmagens ali à espera. As três acompanhantes dispuseram-se à sua volta como pétalas a emoldurar uma grande haste.

– Olá! – gritou Marina Ferranti, a minúscula apresentadora do programa *BBC Arts Live*, cumprimentando M. Power Dub-Box como se este fosse um amigo que há muito não visse. – Porque veio esta noite?

– Gosto de fazer compras.

– Isto são umas compras muito sofisticadas!

– *Iá.*

– Espera conseguir comprar este quadro?

– *Iá.*

– Quanto vai gastar?

– O que for preciso.

– Acha que dava uma boa capa para um álbum?

– Não.

M. Power Dub-Box lançou um olhar incrédulo à apresentadora. De certeza que a BBC sabia que os álbuns eram uma coisa mesmo do século passado? Ultimamente, o que estava a dar era o *outer-play* viral e simultâneo.

– Então porque quer comprá-lo? – perguntou Marina.

– Gosto dele – respondeu, antes de se afastar.

Impassíveis, Marina e a sua equipa de TV rodearam o conde.

– Lorde Beachendon, surpreende-o a quantidade de atenção que este quadro tem suscitado?

– *A Improbabilidade do Amor* é a obra de arte mais importante que a Monachorum alguma vez teve o prazer de leiloar – disse ele.

– Muitos peritos afirmam que esta peça é apenas um esquisso e que a estimativa feita está completamente desajustada à sua verdadeira importância – continuou Marina.

– Permita-me que responda à sua questão com outra: como é que se avalia uma obra de arte?

Decerto nada tem que ver com o peso da tinta ou da tela, nem sequer da moldura que a rodeia. Não, o valor de uma obra de arte é fixado pelo desejo: quem quer possuí-la e a que ponto.

– Julga mesmo que este pequeno quadro vale dezenas de milhões de libras?

– Não, vale centenas de milhões.

– O que o leva a dizer isso?

– Eu não decido o valor. A mim cabe-me apresentar o quadro à melhor luz possível. O leilão determinará o preço. – O conde sorriu.

– É a primeira vez que um quadro foi publicitado com uma digressão mundial, uma biografia, uma aplicação, um *website* dedicado, um filme e um documentário? – perguntou Marina.

– Pareceu-nos importante realçar a sua história usando todo o género de tecnologia moderna.

Trata-se de um quadro que deu azo a um movimento, o qual alterou a história de arte. Também tem uma proveniência ímpar: pertenceu a algumas das figuras mais poderosas da história. Esta tela testemunhou grandiosidade e atrocidade,

paixão e ódio. Quem nos dera que pudesse falar.

– Mas não pode – atalhou Marina.

– Estou ciente disso – respondeu o conde sem disfarçar a condescendência. – Mas qualquer um com o mínimo conhecimento do passado poderá imaginar que acontecimentos ilustres, que

personagens importantes terão estado associados a esta joia extraordinária. O afortunado novo proprietário irá ficar inextricavelmente ligado à história.

Marina decidiu pressioná-lo um pouco mais.

– Esta noite, só falei com uma pessoa, M. Power Dub-Box, que realmente gosta do quadro. Todas as outras parecem querê-lo por um motivo diferente – disse ela. – O ministro francês da Cultura e o seu embaixador dizem que detém uma importância significativa para a nação. O diretor da National Gallery disse-me que há pouca pintura francesa do século xviii em Trafalgar Square. Os Takri querem-na para o seu novo museu em Singapura. Steve Brent quer levá-lo para o seu novo casino em Las Vegas. A lista continua. Parece-lhe que o amor à arte se tornou irrelevante nos dias que correm, que possuir quadros passou a ser mais uma forma de ostentar riqueza?

– Estão a chegar convidados muito importantes. Tenho de ir cumprimentá-los – esquivou-se Beachendon, num tom agradável.

– Só mais uma pergunta? – pediu Marina. – Por quanto espera que o quadro seja arrematado?

– Estou confiante de que será estabelecido um novo recorde mundial. Agora, se me dá licença...

Com a noção de já ter dito demasiado, o conde Beachendon regressou rapidamente à porta para receber o emir e a princesa de Alwabbi.

Meia hora depois, tendo chegado todos os principais participantes e feita a devida correspondência com os assistentes que lhes haviam sido atribuídos, o conde esgueirou-se por entre as duas enormes portas de mogno, passando para o santuário interior da sala de leilões da Monachorum. Encostando-se ao pódio de madeira escura, observou as fileiras de cadeiras vazias abaixo e olhou para a

filas de telefones que percorriam o fundo da sala. Era aquele o seu anfiteatro, a sua arena e, dentro de exatamente vinte minutos, iria dirigir uma das batalhas mais ferozmente travadas na história da arte. Os arsenais dos licitadores estavam cheios de libras, dólares e outras divisas. As únicas armas do conde consistiam num pequeno martelo e numa voz autoritária. Ele teria de marcar o ritmo aos atacantes, arrancar-lhes os melhores movimentos e impedir que as fações se destruíssem mutuamente demasiado depressa. Beachendon sabia que, quando as emoções chegavam ao rubro como naquela noite, quando tanto mais do que orgulho e dinheiro estava em causa, quando egos gigantescos e feridas antigas se sentavam em lugares de tamanha proximidade, muita coisa poderia correr mal.

Olhou para baixo, para o seu caderninho preto secreto, que continha as notas que tomava acerca de todos os compradores; onde se sentariam e quanto era provável que licitassem. À margem, o conde fizera listas dos clientes que licitariam por telefone e dos que estavam interessados em manter o anonimato. Naquela tarde, catorze novos esperançosos tinham-se registado, ao que os colegas do conde se viram forçados a esmiuçar referências bancárias e outros títulos. Já tinha um concorrente a garantir uma licitação de 250 milhões; havia um recorde ainda antes de a primeira licitação pública ser feita. Se ninguém oferecesse mais, o leiloeiro atribuiria a venda a um comprador anónimo por telefone. Beachendon levou a cabo uma ronda de ensaio, dando voz a licitações imaginária das cadeiras vazias e das linhas telefónicas sem ninguém:

– Setenta milhões, oitenta milhões e duzentos mil, noventa milhões e trezentos mil, cem milhões e quatrocentos mil. A licitação mais alta está ao telefone. Não, está na sala. Agora é a sua, cavalheiro.

Duzentos e cinquenta milhões e quinhentos mil.

Mais tarde, cada licitação seria alvo de tradução simultânea para dólares, euros, ienes, iuanes, rupias indianas e indonésias, refletida em grandes ecrãs eletrónicos.

O conde parecia calmo e compenetrado; por dentro, estava em frenesim. Um pouco mais de um século antes, aquele quadro pertencera a uma pessoa da família da sua mãe: nada mais, nada menos do que à rainha Vitória; que se tivessem desfeito dele era só mais um exemplo do inexorável declínio da sua linha nobre. Agora o fabuloso preço e a notoriedade do quadro uniam-se para troçar dele, recordando-lhe tudo o que se perdera: quarenta hectares em

Wiltshire, na Escócia e na Irlanda; propriedades nas Caraíbas, bem como grandes pinturas de van Dyck, Ticiano, Rubens, Canaletto e Leonardo. Se ao menos tivéssemos ficado só com este quadro, pensava o conde com tristeza enquanto olhava para a tela mínima protegida por um vidro à prova de bala. Imaginava uma vida diferente para si, uma vida que não requeresse a Linha Norte do Metro de Londres, fazer vénias aos ridiculamente ricos e aos cardumes que os rodeavam – os negociantes, conselheiros, agentes, críticos e especialistas que descreviam círculos à volta das grandes baleias endinheiradas, como rémoras nas águas do mundo internacional da arte. Dali a meia hora, o soalho a seus pés estaria pejado dessa gente e caber-lhe-ia pescar os melhores preços. Pelo menos, consolava-se, a sua descoberta pessoal do quadro provava que, ainda que a família Beachendon tivesse perdido a fortuna, nunca perdera o olho.

Tal como o resto do mundo, ele gostaria de saber quanto alcançaria aquele pequeno quadro.

Mesmo segundo a estimativa mais prudente, bastaria para comprar um par de mansões em Mayfair, uma propriedade na Escócia e nas Caraíbas, para pagar as dívidas de jogo do seu filho e herdeiro, o visconde Draycott, e para assegurar apartamentos decentes para as suas cinco filhas, as ladies Desdemona, Cordelia, Juliet, Cressida e Portia Halfpenny.

Apesar de ser descrente, Beachendon era um pragmatista, pelo que ofereceu uma pequena prece aos céus.

Estava tão perdido na sua fantasia privada que não reparou num jovem de origem chinesa, fardado como um porteiro, a examinar o plinto coberto de veludo. Muitas horas depois, quando a equipa de segurança e a polícia examinassem as gravações do circuito de vigilância interna, perguntar-se-iam como era possível que um só indivíduo tivesse conseguido levar a cabo um ato tão audaz diante do astuto conde, das câmaras sem som e de vários guardas. A maioria tinha partido do princípio de que fosse o filho de alguém a ganhar experiência, um de entre legiões de jovens a quem nada se paga pela glória de trabalharem para uma grande casa leiloeira, por precisarem de algo que lhes distinga o currículo. É claro que os diretores dos departamentos de recursos humanos e de segurança acusaram o toque de imediato, pedindo a demissão, mas por essa altura já era demasiado tarde. Demasiado tarde mesmo.

Capítulo 1

Seis meses antes (11 de janeiro)

Ainda que passasse com frequência pela Bernoff & Filho, Annie nunca se sentira tentada a explorar a loja de velharias; havia qualquer coisa muito pouco convidativa na janela suja cheia de pilhas altas feitas de escombros das vidas de outras pessoas. A decisão de entrar naquela manhã de sábado foi tomada por impulso; esperava encontrar uma prenda para o homem com quem andava a ir para a cama, mas que mal conhecia.

Annie e Robert tinham-se conhecido cinco semanas antes, numa noite para solteiros, chamada «A Arte do Amor», na Coleção Wallace, em Manchester Square. Era a primeira vez ela que tentava a sua sorte em encontros amorosos desde os tempos da adolescência, e fizera-o com poucas expectativas de conhecer alguém; esperava, pelo menos, aprender alguma coisa acerca de arte. O folheto prometia

«palestras para quebrar o gelo» e que haveria «peritos reconhecidos a nível mundial» à mão para discutir determinados quadros. Robert tinha-lhe chamado a atenção durante uma conferência sobre

«Paixão na Corte de Luís XIV». A forma de ele olhar era encavacada e apenas parcialmente esperançosa – por instinto, ela reconheceu nele outra pessoa com um coração pulverizado. Era bem-parecido, mas pouco cuidado – tinha o cabelo demasiado comprido, a camisa mal engomada e uma postura algo sofrida. Era atraente de uma forma que não constituía qualquer ameaça. Umas horas depois, tinham-se beijado num passadiço atrás de Marylebone High Street. Ele ficara com o número dela (Annie partira do princípio de que o fazia apenas por uma questão de delicadeza). No dia seguinte, enviara-lhe a seguinte mensagem de texto: «Querida Annie, a minha avó costumava dizer que, depois de cairmos, é importante voltarmos a montar o cavalo. Que tal um copo?» Depois disso, Annie passou a encontrar-se com Robert uma ou duas vezes por semana, para sessões de sexo enérgico e conversa desconexa. Quando ele admitiu que ia passar o dia do aniversário sozinho, ela ofereceu-se para lhe fazer um jantar. Não obstante o que o seu próprio discernimento lhe dizia, ela esforçava-se por refrear a esperança. O seu anseio por amar e ser amada era tão forte que a levava a descurar a incompatibilidade que tinha com Robert. Pelo menos, pensava ela, o bom, sólido e confiável Robert, o advogado de Crouch End cuja mulher fizera o imperdoável e fugira com o melhor amigo dele, nunca se comportaria de modo menos do que amável ou cavalheiresco.

Annie empurrou a porta da loja, que se abriu com um tremor relutante. Ao canto estava um homem, embora fosse difícil distinguir entre o corpo dele e o cadeirão em que se encontrava esparramado.

Ambos eram largos e forrados a um tecido castanho a imitar veludo. O homem estava a assistir a televisão sem som e, nos óculos dele, Annie viu o reflexo de cavalos a correr.

– Estão abertos? – perguntou.

O homem fez-lhe sinal para que entrasse, sem desviar o olhar do ecrã.

– Despache-se, feche a porta.

Annie fechou a porta com cuidado atrás de si.

Um telefone tocou. O homem arrebanhou-o.

– Antiguidades, Restauros e Salvados Bernoff – atendeu ele, com um sotaque monocórdico do sul de Londres. – Fala Ralph Bernoff. – Tinha uma voz surpreendentemente aguda e jovem. Parecia ter uns cinquenta anos, mas não devia passar dos trinta. – Gaz, velho amigo, estás a ver o Canal 4? Já viste que o Ninnifer passou de trinta para um? – perguntou Ralph. – Nem acredito, porra.

Fez uma pausa, para ouvir a resposta.

– É claro que não quero essa merda. Ainda na semana passada correu para trás, em Haydock.

Empresta-me umas massas. Eu sei que o Ninnifer vai rebentar com a escala. Por favor, companheiro.

Pausa.

– Como assim, devo-te dinheiro? – queixou-se Ralph.

Pausa.

– Então põe na minha conta. Aqueles cabrões disseram que me partiam as pernas se não lhes pagasse logo à noite. Por favor, Gaz. Dá-me uma ajudinha.

Pausa.

Annie deslizou pela parede das traseiras da loja, passando pelas filas de porcelana desirmanada, livros de capa mole com relevo, chávenas estaladas, tigelas rachadas, montes de missangas de plástico, uma reprodução de uma boneca vitoriana e um ninho de canecas em forma de gente. Ia olhando nervosamente ora para o homem, ora para a porta, receosa de que os credores estivessem prestes a chegar.

– Ninguém vai comprar nada – chorou-se ele ao telefone. – Nunca ninguém compra nada. É só uma data de gente desocupada e aborrecida a querer matar tempo ao sábado – lamentou-se, lançando um olhar na direção de Annie.

Pegando numa forma de latão vitoriana em forma de cometa, ela perguntava-se se poderia ter utilidade para aquilo. Robert nascera em 1972 e a sua intenção era preparar-lhe um jantar inspirado na década de setenta. Talvez uma gelatina elaborada fosse melhor do que o babá de rum que tinha pensado fazer? Virou a forma ao contrário – custava 3 libras. Era bastante para um único jantar e, além disso, não havia tempo suficiente para que a gelatina solidificasse. Devolveu-a ao seu lugar, ao lado de uma boneca de porcelana.

– Se não emprestas 500, então que seja 25. Devolvo-te com juros assim que ganhar – disse Ralph.

Pausa.

Gaz deu a resposta errada; Ralph desligou o telefone com um estrondo.

Annie avançou até outra mesa e folheou uma edição de capa dura de *Estalinegrado* – iria Robert gostar daquilo? Era genial, mas demasiado deprimente. Examinou uma caixa com madrepérola embutida. Bonita, mas demasiado feminina. Uns passos mais adiante, reparou num quadro encostado à parede por trás da árvore-da-borracha.

– Posso? – perguntou ao homem, sem emitir som.

– Esteja à vontade.

Nem olhou para ela, continuando sentado e a fitar o televisor. Annie tirou o quadro do armário de arquivo; levando-o até à janela, observou-o com mais

atenção.

– O que sabe acerca disto? – perguntou.

– É um quadro.

Ela olhou para ele, a tentar decidir se ele era estúpido, grosseiro ou as duas coisas.

– Sabe de quando é, ou quem o pintou?

– Não faço ideia, está aqui há anos.

– Ando à procura de um presente para um amigo... – Annie hesitou. – Isto era capaz de o divertir.

Ralph Bernoff não era dado a conversas; estava habituado a velhotas solitárias sempre a rezingarem acerca de uma coisa ou outra. Aquela era uns anos mais nova do que a maioria dos seus clientes habituais, mas ele detetava os sinais: triste, solteira e do lado errado dos vinte e cinco.

Mirou-a de cima a baixo – umas pernas bem feitas, mas demasiado lisa em cima. Se fizesse umas madeixas e usasse uma saia curta, talvez tivesse hipótese.

– Partilhamos um certo interesse por pintura. – Annie corou, sentindo o olhar dele no seu corpo. –

O meu amigo – declarou num tom firme –, é capaz de gostar disto. Faz-me lembrar uma coisa que vimos na Coleção Wallace.

– Certo.

Ralph não parava de olhar para o relógio e de remexer nos bolsos, como se fosse possível aparecerem-lhe ali alguns trocos, por milagre.

– Sabe de onde veio?

– Não faço ideia... veio com a loja. Comprámos este sítio com a maior parte destas porcarias. Foi a pior decisão que o meu pai alguma vez tomou. – Ralph abarcou a loja com um gesto.

– Quanto custa?

Annie puxou a manga do casaco e, com cuidado, limpou o pó acumulado sobre a pintura.

– Não faço ideia. Volte na segunda, que o meu pai logo lhe diz.

– Isso é demasiado tarde – disse Annie. – Que pena... gosto mesmo dele.

Ralph bufou de forma rude.

– Há muita tralha aqui. Escolha outra coisa qualquer. Faço-lhe um desconto, já que é sábado e tudo.

Enfiou o dedo mindinho numa orelha e agitou-o com a concentração de um violinista em busca de um dó perfeito. Annie desviou o olhar e devolveu cuidadosamente o quadro ao armário de arquivo.

Ralph olhou para o relógio de pêndulo; eram quase três horas.

– O quê?! O Ninnifer passou para cinquenta para um, raios partam.

Saltou da sua cadeira e espetou um dedo em direção ao ecrã.

– Não há outra coisa que me agrade – disse Annie, farta daquele malcriado e do seu antro claustrofóbico.

– Maldita seja, a fazer-me perder tempo – resmoneou Ralph entre dentes.

Apertando bem o cinto do casaco e tapando as orelhas com uma boina de lã, Annie abriu a porta.

Uma rajada de ar frio entrou pela loja e a poeira rodopiou à volta do seu rosto em remoinhos luminosos. Lançou uma última mirada ao quadro. Mesmo com o pó e a escuridão daquele sítio, era bastante bonito. Falaria dele a Robert mais tarde; seria algo de que poderiam conversar, no seu mundo onde os temas de conversa escasseavam. Já estava na rua e a agachar-se para abrir o cadeado da bicicleta quando Ralph saiu da loja de repente, a brandir o quadro.

– Espere lá. Quanto dinheiro é que tem? – perguntou-lhe.

– Cinquenta libras – respondeu Annie, com um sorriso à laia de desculpa.

– Quinhentas e é seu – disse Ralph, de quadro no ar.

– Não tenho esse dinheiro, nem nada que se pareça – disse ela.

– Quanto é que tem?

– Levantei cem libras, mas tem de chegar para o jantar.

Corou ligeiramente e passou o peso de um pé para o outro.

– Dê cá duas de cinquenta.

– Já lhe disse que não tenho.

Annie já estava irritada. Guardou a corrente na cesta da bicicleta e começou a empurrá-la pela rua abaixo.

– Tem quatro minutos para decidir, querida, ou o negócio fica sem efeito.

– Dou-lhe setenta e cinco... é a minha última oferta – ouviu-se Annie dizer.

Ralph hesitou e, estendendo a mão, respondeu:

– Setenta e cinco. Passe para cá. Depressa.

Capítulo 2

Eu sabia que seria resgatado, mas nunca pensei que isso demorasse cinquenta anos. Deviam ter sido formadas equipas de busca, batalhões e legiões. Porquê? Porque o meu valor é incalculável e porque sou também a obra-prima que desencadeou todo um novo género artístico. E, como se isso não bastasse, consideram-me a maior, mais comovente e emocionante representação do amor.

Fui inspirado por sentimentos de profunda alegria, esperança e júbilo, mas a minha composição decorativa mascara uma alma retorcida embriagada pelo veneno misterioso do desespero. Infeliz e inadvertidamente, exerço uma força desviante e errática sobre homens e mulheres – por vezes inspiradora e positiva, por vezes o oposto. Sou tanto a progénie como o pai da tragédia.

Regressando ao presente. Imagine-se encafuado numa loja de bricabraques, na companhia de uma data de mobílias de palhinha, porcelanas baratas e imitações de pinturas famosas. Não me considero um snobe, mas há limites. Não entabularei conversa com penicos e colares de pérolas falsas. *Non!*

Estou habituado à magnificência, ao roçagar do tafetá e a *le mouffle du damas*, ao refulgir das velas, ao brilho no mogno, ao aroma delicado de água de rosas e cera de abelhas, ao som de gravilha a ser pisada e aos sussurros de cortesãos. Não a uma salita acanhada iluminada por lâmpadas sem quebra-luz e por uma luz esverdeada a passar por montras de vidro onde a sujidade está grudada. A atmosfera da loja é por de mais danosa para a minha tela delicada: fungos e bolor. E nem menciono as capas de fumo de cigarros e eflúvios humanos a pender como camadas de mil-folhas naquele ar estagnado.

Não se trata da primeira vez que fui negligenciado. Os seres humanos são entidades caprichosas, movidas por gostos e modas. O seu destino é o de serem perpétuos amadores – não vivem o suficiente para lograrem ser algo mais. O que é possível fazer-se nuns meros setenta ou oitenta anos?

Durante a primeira parte das suas vidas, tudo é pressa e fornicação. Depois disso, a maioria dos seus esforços é dedicada a manterem-se vivos.

Quanto a mim, tenho trezentos anos. Dado que as primeiras pinturas do Homem foram feitas há uns quarenta mil anos, não passo de um pintainho na panóplia da história de arte, mas gosto de me ver como um ganso marinado em termos de experiência. Tenho sido exposto em lugares de destaque nos mais grandiosos palácios e salões da Europa, da Rússia, da Escandinávia e até dos Estados Unidos, como posse adorada de realeza e de entendidos. Ocasionalmente, por triste que seja, o capricho de uma nova amante ou uma crítica nova têm-me condenado ao desterro, ao cartão vermelho que me faz ser atirado para os aposentos dos criados ou para arrecadações.

Desta feita, foi diferente. Fui mesmo, genuinamente perdido.

Estava na loja de Bernoff, cada vez mais solitário. É arrogante presumir que os seres humanos detenham o monopólio da comunicação – nós, pinturas, conversamos com objetos com os quais temos afinidade. Experimente o leitor manter uma relação com uma lata de biscoitos ou uma caneca em forma de gente. Esta última foi feita no East End de Londres, é tão comum como lama –

só falava

de futebol, de carteiristas e de quecas. Isso cansa, sabe. Dou por mim a sair-me com expressões terrivelmente lascivas e ordinárias. A minha língua materna é o francês pré-revolucionário, mas já vivi em Espanha, em Inglaterra, na Rússia, na Alemanha e em Itália. O meu vocabulário, outrora palaciano, transformou-se num horripilante *franglais* abastardado, suspenso entre vários séculos.

Ainda assim, uma obra-prima desenvolve um certo *sang-froid*, oriundo de uma crença no triunfo da excelência. Afinal, o que são umas poucas décadas quando nos esperam séculos em que inspiraremos, agradaremos e informaremos? Era uma questão de paciência; mais tarde ou mais cedo, alguém entraria por aquela porta e reconheceria o meu verdadeiro valor. Depois isso aconteceu; duas vezes num só dia. O primeiro avistamento foi sinistro. Nunca pensei que voltasse a vê-lo. Aqueles olhos azul-claros – aquele olhar furtivo e aquele imenso arcabouço nada desgastado ou curvado pelo tempo. Abominei-o então; ainda o abomino. Sabia que me procurava havia muitos anos. Por algum motivo, não me adquiriu de imediato, enfiando-me longe da vista, atrás de uma árvore-da-borracha e de um cachepô. Esse erro seria a sua perdição.

Passadas apenas algumas horas, chegou uma mulher, uma rapariguinha, na verdade, obviamente pobre e bastante ignorante. Pressenti que haveria problemas. Desenvolvi essa capacidade. Mas de grande coisa serve uma boa intuição quando não se pode fugir ou gritar.

Era uma típica manhã de sábado na loja de Bernoff. O velhote tinha tirado o dia e o deplorável filho Ralph ficara a cuidar da loja. O hediondo (um termo elogioso, asseguro) estava a estudar a lista de cavalos. Para além de uma ou outra loura ordinária e de roupas baratas que ele possuiria rápida, suada e ruidosamente em cima do armário de arquivo, as corridas de cavalos eram a única coisa que o excitava. Nesse dia, um evento em Cheltenham emanava de um pequeno televisor a cores que ele tinha em cima da secretária. O telefone tocava a intervalos de poucos minutos. Era o seu

«companheiro», Gaz. Seria que ele gostava daquele? Então e o Jock? Uma má corrida em Haydock.

Isto passava-se todos os sábados. Gaz deixou-o todo entusiasmado com um cavalo baio que corria às 15h30, de seu nome «O Ninnifer». O único problema

era que Ralph já gastara o salário da semana no *pub*. Levou a cabo o truque do costume, que consistia em percorrer todas as gavetas, os bolsos do casaco do pai e a caixa dos trocos. O velhote não era estúpido; limpara tudo isso. Mas o *Ninnifer* era coisa certa, ao que parecia. Ralph soltou uma torrente de imprecações. Eram 14h30. Começou a ligar aos amigos, perguntando-lhes se poderiam emprestar-lhe «uma de dez». Eles já conheciam os seus truques.

Ouviu-se uma campainha e um restolhar enquanto a porta da frente se abria.

– Que inferno, porra – resmungou Ralph, ao telefone com Gaz –, lá vem mais um fazer-me perder tempo. – Pausa. – Como é que queres que saiba, deve ser uma velhota à procura de uma almofada para o gato. – Pausa. – Os clientes de sábado nunca compram nada.

Observei a jovem a caminhar por entre as mesas, cada uma atafulhada de quinquilharias indesejadas. Pegou num livro de capa dura de aspeto já velho, antes de ir até outra mesa e examinar uma caixa, que era uma coisa com entalhes bastante bonitos. Reparou em mim, aproximou-se e afastou ligeiramente a árvore-da-borracha.

– Posso? – perguntou a Ralph.

– Esteja à vontade.

Nem sequer olhou para ela. Com muito cuidado, a jovem tirou-me do armário de arquivo, afastou-me das plantas em vasos e levou-me até à janela. Já não vejo lá muito bem: duas camadas de verniz e fumadores inveterados deixaram-me com a superfície mais do que um pouco turva. Ela olhou para

mim com muita, muita atenção. Já se tinha passado imenso tempo desde que me admiraram convenientemente. Vejo-me forçado a reconhecer que me agradou. Olhei para os dedos dela. Não tinha aliança. Podia ter adivinhado. Ou uma pega, ou uma desesperada *jeune fille à marier*; o mais provável era que estivesse na penúria, pelo que, naquela altura, não me preocupei muito.

Fui novamente colocado ao lado da planta envasada e deixei escapar um minúsculo estremecimento de alívio. Ela saiu da loja. De repente, Ralph pôs-se de pé num pulo, arrancou-me à prateleira e correu para a rua, na direção da rapariga. Na verdade, ela não me queria. Instei-a a não me comprar. Houve um pouco do regateio da praxe e ela começou a pescar coisas da mala: de lá saiu um

velho pó compacto, um caderno, dois porta-chaves, um pouco de unguento para os lábios, um telemóvel, uma caneta sem tampa, um chocolate a meio e papéis rasgados. Por fim, recuperou uma carteira de couro a pelar, inchada de tantos recibos e fotografias que tinha. Contou o dinheiro, uma miséria: a derradeira vergonha.

O que estava eu a pensar? Talvez mo queira perguntar. Ora, não estava a dar pulos de alegria, isso é certo. Não teria saudades de Ralph Bernoff. Eu estava farto do fumo de cigarros, da companhia, da televisão, mas já me tinha habituado ao sítio, que era seguro. Quanto àquela rapariga maltrapilha, eu nada sabia. Nem quanto ao aniversariante. Quem sabia como seriam? As coisas de que podiam gostar?

Eu tinha um pequeno sonho. Um dia, a porta abrir-se-ia, a campainha soaria e um homem de aspeto honrado entraria. Estaria a usar um fato de *tweed* e uns daqueles óculos com aros dourados em forma de meia-lua. O seu olhar fixar-se-ia na minha superfície e ele saberia. Numa questão de dias, outros homens, profissionais, apareceriam com elegantes luvas brancas e depositar-me-iam numa almofada de veludo vermelho. Levado por uma guarda armada para um local especial, uma galeria, com paredes de mogno e tapetes luxuosos, eu seria o centro das atenções, recebendo peritos que apresentariam as suas declarações e exclamações. Seria limpo com o maior dos cuidados e colocado numa moldura decente. E, melhor, ver-me-ia reunido com algumas das outras obras do meu mestre.

Como de costume, não fui tido nem achado no que aconteceu em seguida; sou uma perpétua vítima do capricho humano.

Ralph enfiou-me num saco de plástico, entregou-me à jovem e foi a toda a brida na direção da casa de apostas da zona. Eu ouvia os dentes da rapariga a baterem ligeiramente uns nos outros enquanto ela me colocava na cesta de vime em frente ao guiador da sua bicicleta. Chovia um pouco. Gotas frias atingiam o plástico transparente, turvando-me ainda mais a visão. A corrente da sua bicicleta foi retirada, ela montou-a e lá fomos, avançando contra um vento gélido. Foi uma experiência nova estar entre aqueles monstros de lados planos que rosnavam, rangiam e guinchavam. Rugiam ao passar por nós, sugando-nos para uma corrente húmida em direção a rodas negras. Ela ia na bicicleta como Pedro, *o Grande*, gostava de galopar no seu cavalo, sem pensar em mais ninguém, arrogante e intrepidamente. Sobrevivi a muitas situações, mas não era

tão abanado e sacudido desde aquela viagem pelos Pirenéus, quando Filipe e Isabel foram expulsos do Escorial e as suas obras mais grandiosas foram carregadas ao lombo de mulas para chegarem a um lugar seguro.

Depois de dez minutos a serpentear por entre o trânsito, a bater em buracos cheios de água, a ouvir buzinas a berrar, homens a gritar, cães a ladrar – uma cacofonia interminável –, chegámos a um mercado disposto numa via com cerca de nove metros de comprimento, ladeado por mesas de madeira cobertas por toldos frágeis, que luziam no ar húmido e estavam cheias de legumes e verduras. Algumas das bancas ainda tinham restos de luzes e decorações de Natal. O ar de animação

falsa pairava sobre aquele local como um perfume barato.

– Teve um bom Natal, querida? – perguntou-lhe um vendedor. – Foi às Caraíbas?

– Fiquei aqui e cozinhei um peru para um amigo – respondeu a rapariga, enquanto escolhia tomates com cuidado.

– Quer fazer-me companhia logo à noite? – perguntou-lhe outro.

A jovem não respondeu.

– Vem aí um vento do Ártico... ainda se arrepende.

– Estes tomates estão um bocadinho invernais – disse ela, a tentar esquivar-se aos comentários.

– Estamos em janeiro, meu anjo, para o caso de não ter reparado – riu-se o homem.

Ela era conhecida no mercado e todos gostavam dela. Dois vendedores fizeram-lhe convites. Um deu-lhe um saco de laranjas de graça. A maioria chamava-lhe Annie. A ausência de apelido ou de título não era auspiciosa. Raramente pertenci a alguém sem classe ou posição social. Não sou snobe (o meu mestre de forma alguma nasceu numa família fidalga), mas um título sugere coisas tranquilizadoras, como abundância, educação e segurança. Até à data, nunca conheci uma rainha chamada Annie.

Ela demorou uma eternidade a selecionar fruta e legumes, a apalpar e a cheirá-

los, a verificar que cada um era perfeito. Precisou de mais tempo para escolher uma batata do que o que levou para me escolher a *moi.* Perguntava pela proveniência de tudo – o vendedor sabia de onde tinha vindo ou quando fora colhido aquele produto? Calculo que só lhe faziam a vontade por ela ter um rosto bonito.

No talho, hesitou quanto a comprar um bife do lombo, mas só tinha que chegasse para um corte da aba, a qual, segundo fiquei a saber, é saborosa e barata.

Pelo menos a rapariga não guardou a carne, as batatas ou outros bem perecíveis no meu saco de plástico; deve dar-se graças pelas pequenas bênçãos. Os vendedores puseram-lhe algumas coisas de parte. Eu tinha de admitir que gostava bastante dela. Tinha uma voz agradável, um pouco sussurrada porque aspirava muito ar antes de falar. Nunca tinha sido ensinada a respirar a partir do diafragma, e as respirações superficiais levavam-me a crer que era propensa a ataques de pânico. O seu sotaque não tinha qualquer distinção, era definitivamente inglês e, vá lá, falava com frases arredondadas, em vez de naquele estilo abreviado horroroso que eu tinha de aturar na loja de Bernoff. Mas sofria daquele terrível hábito moderno de deixar que as palavras se atropelassem umas às outras, na pressa para terminar uma frase.

Por fim, fui pedalado até à residência dela. Não sei como chegámos; o caminho estava cheio de lombas, de barulhos; mais do que um automóvel travou bruscamente para evitar uma colisão. Ela foi criticada por pedalar perigosamente. Parecia não dar por nada. Isso era preocupante.

Parámos e ela abriu a porta da rua. Imagine-se o meu desapontamento ao ver que não havia empregados para a receber, nem sequer um velho mordomo. Isso era muito mau augúrio. Subimos e subimos. Contei dois, três, quatro, até chegar a cinco pisos. Permita-me que o desengane já da ideia romântica de que os artistas gostam de águas-furtadas. Tretas. Os artistas são como toda a gente –

querem os maiores espaços. Quando se chega ao sótão, onde vivem os criados, as vigas podem estar a uns meros noventa centímetros do soalho com os tetos inclinados e baixos. Foi a primeira coisa para que olhei quando a rapariga me tirou do saco de plástico. Era uma má notícia; alguém de posição social muito baixa comprara-me. Como explicarei uma e outra vez, a minha sobrevivência depende de boas circunstâncias; guerras, fome, pobreza, mau tempo, modas e outros atos ímpios aterrorizam-me.

Apoiado numa mesa instável de madeira, consegui observar convenientemente o meu novo lar.

Aquela sala percorria a largura e o comprimento da casa e estava pintada num tom ordinário de amarelo. O teto era baixo; não dava para pendurar um grande Rubens ali e um Veronese teria de ser dobrado em oito. Havia janelas em três dos lados (a luz do sol, para nós, quadros, é mais um risco terrível). Por trás de uma divisória (não daria para lhe chamar uma divisão independente), vislumbrei uma cama por fazer. Um lado tivera alguém a dormir nele; o outro estava ainda bastante arrumado. Era evidente que ela vivia sozinha. Reparei que o colchão estava assente em tábuas e tijolos. Sobre um caixote de madeira havia pilhas de livros. Embora tivesse a visão gravemente distorcida, parecia-me que todos os tomos eram acerca de comida.

Não havia arte que pudesse fazer-me companhia. Pelo menos não havia crianças; não suporto crianças. Certa vez, o delfim, esse miserável filho e herdeiro de Luís XIV, um anafado, um tonto de pé chato, fez uma birra e atirou uma bola a *moi*! Na minha opinião, as crianças não devem ser vistas, nem ouvidas.

Na outra ponta da sala havia uma alcova com equipamento de cozinha: uma caixa branca de metal com discos, um lava-loiça de aço inoxidável com uma janela com vista sobre os telhados. De um lado e do outro havia prateleiras carregadas de panelas, tachos e loiças desarrumadas. Em dois velhos jarros de barro estava uma floresta de utensílios de cozinha, facas e garfos. Pequenos armários de cada lado da caixa branca continham várias embalagens e produtos de mercearia. Havia poucos ornamentos: uma caneca de loiça decorativa mas profundamente vulgar com umas flores murchas, um póster emoldurado, de um filme, *Isabella and Ferdinand*, e um urso de peluche muito puído, só com um olho e com uma bandana vermelha à volta do pescoço. O chão era de madeira, pintado de branco mas muito desgastado, e havia um tapete azul e branco diante de dois pequenos cadeirões com mantas sobre os espaldares. Sobre outra caixa de madeira estava uma espécie de feto num vaso de terracota.

Enquanto ela tirava as compras dos sacos, pude atentar melhor à minha nova proprietária. Ela uma coisinha ligeira: não media mais dos que um metro e sessenta. Usava umas roupas pavorosas, daquelas calças largueironas, cheias de bolsos, e uma camisola mal cerzida nos cotovelos com linha rosa-choque. No pés tinha um par de botas castanho-claras, com salto de cunha. A sua pele era maravilhosamente pálida e tinha uma nuvem de caracóis escuros e acobreados a

emoldurar-lhe o rosto de uma forma muitíssimo atraente. Pouco depois preparou uma bebida quente e sentou-se a olhar intensamente para mim, ao que pude vê-la melhor. A rapariga não era uma beleza clássica, nenhuma Mona Lisa ou Vénus de Milo , mas tinha qualquer coisa, um certo *je ne sais quoi.* Uns olhos grandes, amendoados e verdes, umas sobrancelhas impecavelmente arqueadas, dentes brancos ligeiramente lascados no meio, formando um triângulo em miniatura. A sua boca era um tudo-nada grande, mas de um bom vermelho-escuro, como uma ameixa. A pele era tão pálida que brilhava como mármore suave. Era um rosto um pouco comprido, o que lhe dava um ar bastante encantador, sério, pensativo. Depois sorriu. «C'um caraças!», como costumavam dizer os rapazes de terracota. « *Mon Dieu*», para citar o velho Nicolas Poussin. A minha salvadora, via-me forçado a admitir, era mesmo bonita, *une belle pepée.*

– Gostava de saber qual será a tua história... – Dirigiu-se-me de uma maneira que havia muito não acontecia. A minha *craquelure* cintilou de prazer. – Quem me dera conseguir ver-te melhor. Isso é idade ou sujidade? Há qualquer coisa tão comovente nesse homem deitado na relva, maravilhado a olhar para a mulher que dança. Ela não está interessada nele, pois não? Está a ver-nos a olhar para

ela e mal sabe ou quer saber do que ele pensa. É capaz de inspirar grande amor, não é? Onde estão?

Parece uma clareira num bosque. Mas o sol vem da esquerda, uma linda luz matizada. Isso é um fantasma, aí ao canto? Ou uma nuvem?

O que poderia eu dizer? Ela tem olho. E coração. Pode ser uma pobretanas, mas *sabe*, não é verdade? Sente e pressente a minha grandeza. Como todos, também preciso de ser amado e admirado.

Ela olhou para o relógio na parede e levantou-se de um pulo, a criticar-se. Havia trabalho a fazer.

Tratava-se evidentemente de uma ocasião especial. Esticou-se para chegar ao fundo do armário e tirou de lá um grande tecido branco. Não era de linho, nem damasco. Colocando-o sobre a mesa, alisou cuidadosamente os rebordos. Pescou umas facas e uns garfos e limpou-os à parte de trás da toalha. Uma atitude bastante desleixada, concordará o leitor. Tirando quatro pequenas canecas esmaltadas da prateleira, dispôs narcisos brancos em cada. Maria Antonieta tinha uma predileção por narcisos – isso fez-me recuar no tempo. Dois copos de vinho

foram polidos e colocados um diante do outro, dos dois lados da mesa. Pegando nalguns guardanapos cor-de-rosa e envolvendo cada um com fitas escarlate, colocou-os entre as facas e os garfos, enviesados. O que se passa com esta juventude? Qual é o problema de arranjos clássicos e de fazer as coisas corretamente? Ainda assim, tinha um toque criativo e um ar festivo. Havia que dar-lhe esse crédito.

Tirando a carne de um saco, esfregou pós na sua superfície e colocou-a numa tigela, tapada com um pano. Depois passou para a pequena divisão ao lado e não tardei a ouvir o som de água a correr.

Quando ela saiu do banho, tive vislumbres de pele nua e clara – membros longos da cor do mel que poderiam ir a meças com um Ticiano, permita-me que o diga. *Vénus ao Espelho,* de Velasquez, teria um ataque de fúria se visse aquela concorrente.

Vi-a vestir-se. Escolheu uma blusa de seda branca e umas calças roxas de veludo, puídas nos joelhos e com um remendo de um dos lados. Qual será o problema de um bom vestido? Torceu e apanhou o cabelo comprido num nó, que prendeu com um pauzinho. Mas o que terá contra usar um travessão? Ainda assim, estava com melhor aspeto.

Já passei uma ou outra temporada num salão de banquetes, em salões nobres e em *boudoirs* (*oh la la,* as história que poderia contar-lhe – as vidas sexuais de reis e rainhas), mas nunca me remeteram à cozinha, nem nunca tinha visto uma *domestique* a trabalhar. Cabe-me admitir que foi agradável observá-la; ela cozinhava como se dirigisse uma orquestra, tendo no lugar de uma batuta facas refulgentes e colheres de pau. As suas mãos voavam como andorinhas em voos rasantes sobre panelas e uma pesada tábua de madeira. Havia verduras a serem cortadas em juliana fina, claras batidas em castelo. A minha jovem mantinha um olho atento aos molhos, apurando, mexendo e, de quando em vez, adicionando uma pitada de sal ou umas quantas ervas aromáticas finamente cortadas.

Por fim, algo espumoso e lustroso resultou dos ovos, sendo deitado às colheres sobre tiras de carne cor de rubi.

A minha antiga proprietária, Maria Antonieta, costumava empregar dúzias de chefes pasteleiros; havia uma servente apenas para ver um *gâteau* a crescer. O seu comentário quanto a que comessem brioches foi completamente

descontextualizado. A intenção era bajular. Que importava que não houvesse pão? Brioche era algo mais delicioso. Reconheço que foi um pouco inaceitável, tendo em conta as circunstâncias, mas as coisas na altura eram diferentes.

Colocando velas em todas as superfícies planas da sala, nos parapeitos das janelas, num aparador, no lintel da lareira e na própria lareira, Annie acendeu-as uma a uma e apagou as luzes. Lá fora, o

crepúsculo instalava-se e pela janela só passava um brilho mínimo e alaranjado dos candeeiros de rua.

Quem quer que fosse que a minha jovem esperava tinha-se atrasado. E atrasou-se mais. Ela não conseguia sossegar. Tornou a arranjar os talheres sobre a mesa. Abriu a garrafa de vinho e serviu-se de um copo. E depois de outro. Abriu e fechou um livro. Perdi a conta a quantas vezes foi até à janela e fitou a rua lá em baixo, semicerrando os olhos.

O meu mestre era idêntico, à espera de que «ela» chegasse. Ela atrasava-se sempre, quando não faltava de todo. O meu mestre tentava pintar, pegava num pincel e colocava-se em frente ao cavalete.

Dava para o ver o seu esforço para recuperar a concentração, mas logo recomeçava a corrida entre a paleta, as escadas e a janela.

A jovem olhava para o relógio de pulso. Andava de um lado para o outro. Com frequência, pegava no telefone e começava a marcar números, detendo-se em seguida. Serviu-se de um terceiro copo de vinho e depois de um quarto. À luz das velas, vi o rubor nas suas faces, um brilho acrescido nos seus olhos. Ela remexeu numa gaveta e tirou de lá um maço de cigarros. Senti um grande desapontamento.

Não a tinha julgado uma fumadora. Acendeu um e aspirou o fumo profundamente, até aos pulmões.

Com uma tosse desaustinada, atirou a beata para lareira vazia. As velas tinham-se consumido. Uma ou duas já estavam apagadas. O convidado não viria. Não era preciso ter trezentos anos de experiência para perceber isso.

No meio da sala, ela começou a oscilar de um lado para o outro. As suas pernas começaram a mexer-se e os braços elevaram-se dos dois lados, era como se

estivesse a empurrar o próprio ar. Um lamento terrível e choroso saiu-lhe da boca, primeiro delicado, mas intensificando-se até se transformar num uivo animalesco. À medida que o volume aumentava, os seus movimentos aceleravam e passado pouco já se mexia e retorcia como um rebento jovem sob um vento forte.

Quanto a mim, fitava-a, assombrado. Enquanto ela dançava, a sua sombra girava à luz das velas e corrupiava pelas paredes. Ela tornava-se cada vez mais veloz, com o cabelo a ir para um lado e para o outro, rodopiando como se a sua cabeça pudesse cair. Clarões de luz incidiam-lhe na franja e refletiam-se nas córneas brancas dos seus olhos. A sua respiração era cada vez mais intensa. Depois parou, tão de repente como começara, e deixou-se cair de joelhos, pousando a cabeça no chão. Ouvi um som estranho e desconcertante, como vento a assobiar por baixo de uma porta, ou uma criança a tocar oboé. Apercebi-me de que era ela. A chorar. Era um som de partir o coração. Tinha-o ouvido uma vez, do meu mestre, quando «ela» lhe disse que nunca se casaria com ele.

A jovem ficou no chão, a embalar-se, ainda agarrada aos joelhos ou pondo os braços atrás da nuca.

Chorou até a luz suave da madrugada romper sobre os telhados e um pássaro solitário começar a cantar.

Capítulo 3

Annie acordou já a tarde ia avançada e, abrindo um olho, viu raios de um sol poente entrarem pela janela, por cima da sua cama, dando tons de um vermelho-dourado à colcha branca. Se não me mexer, pensou, talvez me doa menos a cabeça. Passou a língua pelo céu da boca – tinha um sabor espesso e metálico. Espreitou o telemóvel – já eram quatro da tarde e não tinha chamadas perdidas, *emails* ou mensagens de texto. Ao menos só restavam umas quantas horas de domingo, pensou, cambaleando até à casa de banho. Postou-se diante do espelho do lavatório; o seu reflexo escarnecia dela. Não admira que ele não tenha aparecido, não admira que todos te deixem, concluiu, fitando o cabelo sem volume, os olhos inchados e raiados de sangue, a tez manchada. Quem, no seu perfeito juízo, haveria de te querer? Abrindo a torneira até a água sair gelada, molhou a cara. Com o cotovelo, espremeu o último esguicho de pasta da bisnaga e escovou vigorosamente os dentes.

Viu o quadro pelo espelho, apoiado à parede por cima da cómoda. Era um objeto simultaneamente inanimado e trocista. O que é que me passou pela cabeça? Setenta e cinco libras? Que loucura. Vê lá se te recompões ou se te internas num manicómio. A primeira coisa que vou fazer amanhã de manhã é devolvê-lo, esquecer o Robert e atirar o Desmond ainda mais para as profundezas da minha memória. Enquanto escovava os dentes com vigor renovado, Annie fez – não pela primeira vez –

vários votos; o primeiro da lista era o de castidade. Cancelaria a sua subscrição do serviço de encontros amorosos «Arte do Amor», tiraria o seu anúncio de todas as colunas para corações solitários e aceitaria que era uma mulher solteira e feliz com isso. Número dois: deixaria de beber; era evidente que se arriscava a transformar-se na mãe. Número três: doravante, toda a sua alimentação seria saudável e cortaria na cafeína e no açúcar. A sua mente e o seu corpo estavam a precisar de um choque benigno. Sim, um recomeço. Usar experiências negativas para se catapultar para uma mudança positiva. Número quatro: deixar de ser tão autocrítica.

Porém, o corpo gritava por hidratos de carbono para absorver a ressaca. Ao deparar-se com os restos do jantar da noite anterior em cima da mesa, decidiu adiar as novas resoluções até à manhã de segunda-feira. Talvez saiba melhor frio, pensou, enfiando grumos de batatas *dauphinoise* e uma tirinha de carne na boca. Havia de me ter deixado se tivesse comido isto, pensou ela, enquanto arrancava um pedaço de carne endurecida que se prendera entre os dentes. Comeu tudo rapidamente, decidindo que a velocidade disfarçaria a qualidade.

Robert devia ter recebido notícias da mulher: a reconciliação que desejava. Tudo o que sempre quisera era voltar a estar com ela e com os filhos – ele deixara isso bem claro desde o início. Devia tentar alegrar-se por ele; Robert fora apenas um corpo a pôr entre si e Desmond.

Tirando a pequena e velha cafeteira prateada do armário, Annie desatarraxou a tampa, encheu a parte inferior com água e, cuidadosamente, com o auxílio de uma colher, colocou café acabado de moer na secção superior. A junta entre as duas metades estava muito gasta, pelo que era preciso apertar bem para que o café não saísse a borbulhar por ali. Desmond dissera-lhe muitas vezes que

arranjasse uma nova ou, melhor ainda, que deixasse de beber café. Fazia-lhe mal, dizia ele. Não queria que o «seu amor» ficasse com os dentes estragados.

Para lhe agradar, Annie refreara o hábito de beber café e a velha cafeteira tinha sido relegada para o fundo do armário. Quando partira de Tavistock, aquele tinha sido um dos poucos itens que levara para Londres. Fora selecionada apenas por não estar maculada pela memória dele.

Tinha havido apenas dezasseis anos de vida antes de Desmond, e depois catorze com ele. Toda a sua vida adulta passada com uma única pessoa. Até à separação, doze meses antes, ele fora o seu único amante, o seu melhor amigo e o seu sócio.

Saberia ela a sorte que tinham, costumava perguntar-lhe Desmond todas as manhãs, por se terem encontrado? Teria ela noção de que a maioria dos meros mortais não encontrava o verdadeiro amor e se limitava a cambalear pela vida, fazendo cedências e contentando-se com menos do que isso? Eu sou o homem mais feliz do mundo, dizia-lhe ele todas as noites.

A cafeteira começou a borbulhar, com vapor e água a ferver a passar pelo café moído, enegrecendo a água e perfumando o ar. Annie levantou a tampa para verificar o progresso. Uma gota de café a ferver acertou-lhe numa face. Ela saltou para trás e limpou a cara com as costas da mão. Onde estavam aquelas lágrimas refrescantes quando eram precisas?

O que estaria Desmond a fazer naquele momento? Ainda uns meses antes, estariam os dois sentados à mesa da cozinha, a ler jornais e a ouvir Dylan ou Neil Young. Dava para acertar o relógio pelos hábitos dele. Os domingos começavam sempre com a corrida do costume que os levava pela margem do rio Tavey abaixo, passando pela ponte em Grenofen e pelo cimo de Lady’s Hill; o primeiro a chegar a casa tomava duche primeiro. Por norma, Desmond ganhava; dos dois, era Annie a atleta nata, mas as pernas compridas de Desmond deixavam-no em vantagem. Depois de banhos e pequeno-almoço, voltavam para a cama e faziam amor ociosamente até à hora de almoço. Seria possível correr com um bebé pequeno, perguntava-se Annie.

A cafeteira soltou um último gorgolejo. Desta feita, ela teve cuidado. Envolvendo um pano à volta da pega, verteu o líquido quente, espesso e preto numa chávena. A soprar à superfície para o arrefecer, foi até à janela e olhou lá para fora. Um gato cor de laranja ia a passar por um parapeito –

um rasgo de cor numa paisagem urbana e cinzenta. Os telhados de Hammersmith, as camadas lamacentas de cor, eram tão diferentes da vista sobre

as copas das árvores até Dartmoor, com os seus tons de verde com toques de maçãs vermelhas e amarelas, dando depois lugar aos castanhos e laranjas suaves do outono, com a brisa a insuflar-lhes movimento constante. Enquanto observava o gato a contornar a chaminé da casa ao lado, Annie pensou na coruja do celeiro que fazia o ninho na caixa de madeira sólida que ela lhe preparara sete anos antes e colocara numa árvore perto da casa deles, no Devon. Ainda estaria lá? Seria que os póneis das charnecas, desesperados por algo que comer nos estéreis meses de inverno, tinham voltado a derrubar a cerca e destruído as hortências adormecidas? Ali, em Hammersmith, a única vida selvagem que ela via reduzia-se a pombos, uma raposa sarnenta com peladas na cauda e um ou outro rato.

Gostaria de saber quem viveria na antiga casa deles. Tinha pedido ao agente imobiliário que não lhe dissesse – que, depois de deduzidos os devidos encargos, se limitasse a depositar cinquenta por cento na sua conta. A única instrução que deixara tinha sido que a transação se efetuasse com a maior brevidade possível. Ela estaria fora até tudo ficar resolvido.

Ao longe, Annie via as primeiras luzes de Westway a acenderem-se, o tungsténio a lampejar à medida que a luz do crepúsculo se dissipava. Na rua em baixo, um homem e uma mulher estavam a

discutir; a uns quarteirões dali, o alarme de um carro tocava insistentemente. O café arrefecera o suficiente para que o bebesse, mas estava tão espesso e amargo que ela só conseguia dar golos ínfimos. Seria capaz de lhe cortar a ressaca e fazer levantar o ar pesado de vinho tinto velho? Pelo menos a dor de cabeça abafava a dor da rejeição. Fora uma estupidez pensar que as coisas poderiam ter resultado com Robert.

Olhou para o quadro. Fazia pouco dela. O absurdo das suas ações fê-la sorrir e ela começou a rir-se. Uma risada discreta, ao início, seguida por uma gargalhada. Gastar uma fortuna num quadro velho e sujo para dar a um tipo que conheceste numa festa de encontros rápidos num museu de Londres?

Que se segue? És uma lunática, Annie McDee, doida varrida e atestada. Sem grande interesse, perguntou-se se o cavalo do proprietário da loja teria vencido a corrida. Como se chamava, *Ninny*?

Ninnifer, qualquer coisa assim.

A cafeína estava a começar a fazer efeito, aquela familiar sensação de turbulência, o nervosismo ligeiro, o coração a latejar. Talvez devesse tentar correr com a ressaca? As ruas estariam desertas.

Talvez devesse ligar a um amigo. Retomar o contacto com o passado. Sabia que muitos amigos estavam sentidos com o seu silêncio e que se perguntavam por que razão ela nunca respondia aos *emails.* Passara-se um ano inteiro desde que a sua vida implodira. Para os antigos amigos, a vida de Annie parecia bastante glamorosa: seis meses na Índia e agora um emprego como *chef* de Carlo Spinetti, um realizador de cinema muito respeitado em Londres. Durante uma das suas raras conversas, a melhor amiga, Megan, dissera-lhe que era uma sorte não estar amarrada a uma vila provinciana, à espera de que os miúdos chegassem a casa da escola, que ela tinha conseguido livrar-se do ciclo de lavar, cozinhar e fazer bolos para a família. Annie deu por si a concordar, numa voz alegre como ornamentos natalícios, uma voz que ela mal reconhecia. Sim, disse ela, é fantástico.

Sinto que estou a viver cada segundo ao máximo, mesmo. Nasci de novo, foi-me dada uma segunda oportunidade para me reinventar. Sou eu, sem fazer cedências.

Ela queria que os amigos entrevissem para lá da representação e lhe perguntassem o que estava a fazer tão longe de casa, tão isolada de tudo o que lhe era familiar. Por uma ou duas vezes, quase o disse a Megan. Mas não sabia por onde ou como começar a contar a sua história. Vivo sozinha num apartamento arrendado do lado indesejado de Uxbridge Road. Apanho a Central Line todas as manhãs para ir trabalhar e, na maioria das noites, fico a trabalhar até tarde, porque nada tenho em casa à minha espera. Passam-se fins de semana inteiros sem que fale com outra pessoa. Embora o meu emprego pareça glamoroso, a realidade é bastante diferente. Se tiver sorte, calha-me preparar uma taça de massa ou de salada. Mas sobretudo faço galões sem fim e limpo tampos. Aborreço-me tanto que me ofereço como voluntária para todas as tarefas insignificantes e alheias às minhas funções – sou a chata do trabalho. O meu salário é tão miserável que, depois de pagar a renda e as outras despesas básicas, sobra-me o suficiente para sair um bocadinho à noite de três em três semanas – sozinha, claro está. Inscrevi-me numas quantas agências de encontros amorosos e conheci algumas pessoas, mas nada deu no que quer que fosse. O meu empregador é um realizador italiano altamente talentoso e lascivo mas, desde que trabalho para ele que estamos «em desenvolvimento», o que significa que

ele tem almoços demorados fora do escritório e que passa as tardes na cama com a mais recente das suas jovens amantes.

Se morresse aqui no meu estúdio numa noite de sexta, ninguém repararia até que o meu empregador

quisesse que fosse feita uma reserva num restaurante ou que alguém fosse buscar a sua roupa à lavandaria. No Devon, eu costumava entrar no *pub* e conhecer metade das pessoas; aqui nem sequer conheço as pessoas que moram no meu prédio.

Como conto a verdade aos meus velhos amigos?

Para outra pessoa, poderia ser uma vida formidável: interessante, estimulante e relativamente livre de preocupações. O problema é que não se trata da vida que quero. Não foi assim que a planeei. De alguma maneira, baralharam-me os guiões. Eu, Annie, devia viver numa pequena aldeia nos arredores de Tavistock, com o amor da minha vida, a gerir uma empresa fundada por nós os dois.

Não sei como, mas fui expulsa da minha história a meio e acabei na vida de outra pessoa; não quero passar aqui nem mais um segundo. Estou demasiado velha, demasiado assustada para esta existência, que se destina a uma pessoa mais jovem, mais corajosa.

Como digo aos meus amigos que a solidão marca cada um dos meus movimentos e que uma sensação de desolação me pesa no coração? A minha mágoa não se assemelha a uma nuvem ou a uma atmosfera: tem um peso físico e uma presença concreta. Por vezes, assume a forma de um cobertor pesado, ou de pesos minúsculos suspensos de cada dedo, lóbulo e pestana; ou pode ser um pedregulho, ou uma mala de viagem que tem de ser empurrada ou arrastada.

Acabando com as borras do café, Annie perguntava-se como haveria de ocupar as horas seguintes.

Por norma, aos sábados, ia à lavandaria automática. Gostava da companhia, do barulho, da tagarelice de Magda, a gerente polaca que, ao fim de apenas três anos em Londres, se transformara numa verdadeira rezingona britânica.

«Este país vai com os porcos, porra. Libra não vale *shlotti*. Educação uma treta. Greves por todo o lado. Serviço-Nacional-Sem-Saúde, é o que eu digo. Vou

voltar para a Polónia, país decente, e bons valores. Quer engomada ou só dobrada?»

Se ao menos não tivesse tratado da roupa na quarta, pensou ela.

Por vezes, quando o fim de semana parecia demasiado vazio, Annie apanhava o autocarro 27, de Shepherd's Bush a Chalk Farm, passando pelas faixas culturais de Londres: o opulento Holland Park, Notting Hill, onde viviam os banqueiros, o boémio Bayswater, Paddington dos Irlandeses, subindo até Marylebone Road, via Camden. Aqueles passeios eram mais baratos do que ir ao cinema e, regra geral, era bem mais satisfatório inventar histórias para os transeuntes e para os outros passageiros.

Uma vez, fizera uma pedicura num salão de beleza local só para ter com quem conversar; mas a rapariga que lhe arranjara os pés era vietnamita e tinha um domínio limitado do inglês, ao passo que a mulher no lugar ao lado passara o tratamento todo ao telemóvel.

Umas ruas mais adiante havia um beco. Por trás de uma fila de caixotes, fora da jurisdição do guarda do parque, um homem vivia no seu carro. Era um pequeno *Ford Escort* branco e o homem, provavelmente da Europa de Leste, fizera cortinas a partir de jornais descartados e partira o assento do passageiro para criar uma cama plana. Quando Annie passava por ali a caminho do trabalho, ele estava a dormir, embrulhado num velho tapete. Ela tentava não imaginar onde se lavaria. Por vezes deixava-lhe uma sanduíche ou uma maçã na boina. Não sabia se esses gestos provinham de verdadeira compaixão ou se se sentia simplesmente aliviada por encontrar alguém que estava ainda pior do que ela.

Tinha comprado um guia de percursos por Londres e atravessava a cidade, explorando áreas diferentes e pequenas lojas e bares. Havia sempre palestras e concertos gratuitos, bem como exibições de filmes a preços reduzidos mas, quanto mais solitária se sentia, menos aventureira se

tornava.

Vestindo o sobretudo grosso, pôs as chaves no bolso e saiu do estúdio. No saguão comunal do edifício, alguns dos filhos dos vizinhos estavam a brincar com um camião *Tonka* e uma velha *Barbie*.

Fitaram-na com um ar desinteressado. Ela ainda pensou sorrir-lhes, mas não ia

dar-se a esse trabalho. Além disso, o movimento poderia gretar-lhe a pele seca e retesada. Lá fora, fazia frio a sério, pelo que inspirou a medo pequenas golfadas de ar, enquanto apertava mais o casaco e desejava ter trocado as sabrinas por algo mais resistente. A caminhar na sua direção, em fila, vinham quatro jovens, com os capuzes a taparem-lhes a cara. Iriam assaltá-la, espancá-la? Ela queria avisá-los de que a única coisa que tinha nos bolsos era desespero e cerca de setenta e cinco *pence.* Mesmo antes de chocarem, a falange de rapazes dividiu-se, deixando o centro do passeio livre.

– Olá – disse um deles num tom amável. – Está frio, não está?

– Sim – respondeu Annie. – Muito.

Eles veem, pensou para consigo, que nem sequer vale a pena assaltar-me.

Caminhando pela sua rua em direção a Uxbridge Road, ia espreitando as caves bem iluminadas, os casais e as famílias, as crianças sentadas com as cabeças voltadas para os trabalhos de casa; as mães ao lava-loiça, um pai a um computador. Tentou, em vão, imaginar-se com um marido, alguns filhos.

As vidas das famílias felizes pareciam pertencer a outros. Em Goldhawk Road, amontoavam-se sacos pretos de lixo, à espera de serem recolhidos. Um televisor descartado tinha sido abandonado ao lado de um sapato vermelho de salto-agulha. Um asiático estava a fechar a sua loja, atabafado com um cachecol, um gorro e um casaco de carneira, debatendo-se com os cadeados pesados e as persianas de ferro. Um cão vadio apareceu ao lado de Annie e acompanhou-a alegremente até ser distraído por um jovem que levava uma fumegante empada da Cornualha.

Por uma janela, ela viu um casal deitado num sofá a assistir a um filme antigo, numa confusão de membros enlaçados. Na casa ao lado, seis jovens amigos ainda estavam a almoçar, tendo já afastado três garrafas vazias e pratos sujos, e riam-se de uma memória partilhada ou de algum comentário inesperado. Como era que as pessoas se juntavam, criavam uniões e se apaixonavam? Teria ela perdido a capacidade de se ligar aos outros? Iria a solidão ser a sua amiga e amante constante?

Conseguiria ela viver assim? Caminhou pelo mercado, entretanto deserto à exceção de uma raposa em busca de restos nos caixotes ali largados e de comida indesejada e pisada no pavimento. Apesar do frio, a rua tinha um cheiro fétido e

persistente – Annie caminhou rapidamente em direção ao rio, procurando uma brisa.

Viu as luzes a piscar antes de virar para a rua estreita. No crepúsculo, os feixes azuis davam uma aparência sobrenatural às pequenas casas geminadas, como uma cena de um filme de ficção científica. Caminhando em direção ao carro dos bombeiros e aos carros-patrulha, reconheceu a fileira de lojas onde comprara o seu quadro. Uns vinte passos adiante, apercebeu-se de que a loja de velharias não passava de uma concha estorricada. O fogo tivera lugar muitas horas antes, apenas uns levíssimos fios de fumo emanavam das cinzas e os bombeiros estavam por ali a beber chá. O único pensamento que lhe ocorreu foi onde e como poderia devolver o quadro. De repente, tudo o que queria era livrar-se do espectro bidimensional cuja aquisição parecia resumir todas as decisões equivocadas, apressadas e francamente autodestrutivas da sua vida.

A área em torno da loja estava delimitada por fita de plástico. Uma polícia estava de guarda junto à entrada, atenta a umas crianças de bicicleta, que falavam do incêndio.

– Deve ter morrido ali uma família inteira, queimada.

– Vamos ver as notícias logo, para descobrir o que aconteceu.

– Achas que vai passar na BBC?

– Procura no *Twitter*... é muito mais rápido.

Annie aproximou-se da polícia.

– O que aconteceu?

– Estamos a investigar as causas do incêndio.

– O homem deixou um endereço alternativo? Algum sítio onde seja possível contactá-lo? –

perguntou Annie. Tinha de encontrar Mr. Bernoff e conseguir um reembolso.

– Conhecia o falecido?

De súbito, a agente parecia interessada.

– O falecido? Oh, meu Deus, quer dizer que morreu?

Annie olhou para as cinzas e estremeceu.

– Talvez queira acompanhar-me e prestar declarações.

A polícia levantou a fita de plástico para a deixar passar.

– Não o conhecia, comprei-lhe aqui uma coisa ontem. Um quadro. Queria devolvê-lo. Mudei de ideias.

Annie não acreditava naquela reviravolta. Setenta e cinco libras – para a próxima, arranjaria um fósforo para queimar o dinheiro; pouparia uma data de tempo. Maldito fosse Robert e a sua ex-mulher também. E maldita a sua própria impetuosidade.

Meia hora depois, tendo desapontado a inspetora com a sua falta de conhecimento ou de informações pertinentes, Annie voltou para casa com as palavras fogo posto, homicídio, assassinato e motivo a ecoarem-lhe nos ouvidos. Estava estupefacta pela aparente aleatoriedade do crime e pela sua proximidade. Passadas apenas umas seis horas depois de ela ter saído da loja, alguém forçara a entrada, amarrara o lojista, encharcara o interior com gasolina e atirara um trapo em chamas, também ensopado em gasolina, lá para dentro. Tudo ardera como um barril de pólvora. Coisas velhas, mesmo bricabraques, ardiam depressa. Ninguém ouvira os gritos do homem, nem o crepitar do fogo desaustinado, até ser demasiado tarde. Annie envolveu melhor o sobretudo à sua volta. Esquecendo a ideia de uma revigorante caminhada à beira-rio, encaminhou-se para casa, enquanto os seus próprios pensamentos de autocomiseração adquiriam uma outra perspetiva.

O seu telemóvel tocou – um número bloqueado. Devia ser um vendedor – ia ser um desapontamento para ambos.

– Miss McDee?

– Sim... – respondeu Annie, num tom hesitante.

– Fala da esquadra da Polícia de Paddington Green. Temos aqui uma senhora

que diz ser sua mãe.

Tem dito muitas coisas hoje, umas mais fantasiosas do que outras. – O homem parecia cansado.

Annie parou no meio da rua e olhou para o céu. A ressaca, esquecida com o drama do incêndio, regressou com toda a força.

– Ela tem algum documento de identificação? – perguntou.

– Nada. Quer que lhe faça uma descrição física?

– Sim – respondeu Annie, embora soubesse que era a mãe. Tinha havido muitas chamadas similares.

– Então mede cerca de um metro e sessenta e cinco, tem o cabelo ruivo, é magra, está bem vestida e tem uma boa aparência. Uma pequena tatuagem de um pássaro no braço e um grande olho negro.

– É preciso pagar fiança? – perguntou.

– Não, e estamos desejosos de libertar a cela.

– Em que estado é que ela se encontra?

– Está a ficar sóbria, aos poucos.

– Já vou buscá-la.

Annie sabia que devia deixar Evie onde estava – resgatá-la nunca resultava durante muito tempo.

Entrou num pequeno café e pediu um chá e um dónute; forças para as horas que se seguiriam.

Estava certa do que a esperava. A mãe passaria pelos ciclos previsíveis de negação, fúria, recriminação e depressão. Annie teria de a ouvir, consolar, bajular. A mãe ficaria com ela durante algum tempo, até que um dia desapareceria sem avisar.

Desta vez não vou, pensou Annie, enquanto bebericava o chá a escaldar. Mas

sabia que iria; só se tinham uma à outra.

É o que dá desejar não estar sozinha: uma piada divina, sem graça nenhuma.

Da última vez que Annie tivera notícias de Evie, esta mudara-se para Owestry e estava a fazer formação para ser massagista de *shiatsu*. «Finalmente encontrei a minha vocação.» Annie não tinha ficado animada. Observara rapidamente a fotografia. A ovelha lanuda acocorada ao fundo de um vale cheio de neve não inspirava confiança. De cada vez que Evie se mudava, acreditava que essa seria a solução: um novo sítio, um novo começo. Annie frequentara onze escolas entre os cinco e os dezasseis anos. Mas, por mais vezes que atravessassem Inglaterra, o demónio da bebida encontrava-as sempre.

Arrastando-se para fora do café, Annie caminhou até Shepherd's Bush e entrou no metro. A carruagem oscilava, levando-a para leste, passando pelo acampamento de ciganos, por uma fábrica de leite e uma escola de equitação, altura em que passava por baixo de uma via rápida e seguia entre um carril e um canal. Uma lata vazia de cerveja a seus pés rolava para trás e para a frente, com a canção queixosa de metal fino num chão ondulado. Ela encostou o rosto à janela fria e suja e, olhando para cima, viu um bando de gansos a descrever círculos no céu. Por baixo da carruagem havia um descampado de mato e terra. A vista era feita de cinzentos: um céu cinzento, edifícios cinzentos, estofos cinzentos e betão cinzento a suster a via rápida cinzenta. A luz era demasiado monótona; não havia sombras que a tornassem interessante, nada que tentasse o olho ou o espírito.

Saiu do metro em Royal Oak e caminhou por Harrow Road em direção a Paddington. Ao chegar a uma grande rotunda, apercebeu-se de que não fazia ideia de onde ficava a esquadra. Um homem empurrava o filho num carrinho uns vinte metros à sua frente e Annie correu para o alcançar. Ele parecia embriagado de cansaço; a criança dormia a sono solto. O homem apontou para norte. Depois de passar por duas torres de apartamentos e por um cruzamento movimentado, Annie viu uma igreja –

uma perfeita joia georgiana – num pequeno jardim de lápides e estátuas. A seu lado, a fachada sombria da esquadra.

Depois de entrar, Annie preencheu vários formulários, apresentou a carta de condução e passou por uma cancela que dava para um espaço interior que fedia a

desinfetante e a vómito. Ouvia-se alguém a bater na porta da cela; outra pessoa, um homem (achava ela), gemia.

– Veio buscar Mrs. Eve McDee? – perguntou-lhe um agente de ar cansado.

Annie assentiu com a cabeça.

– É preciso preencher mais uns quantos formulários.

Entregou-lhe uma prancheta com alguns documentos. Annie já conhecia aquelas perguntas; não era

a primeira vez que as via.

– Sou descendente direta do coronel Sir Cospatrick Ninian Dunbar Drummond de Durn – ouviu-se a voz da mãe de Annie, algures atrás de uma porta trancada.

– É uma personagem e tanto, não é? – comentou o polícia.

Annie não sabia o que preencher em frente a «endereço conhecido». Onde viveria Evie?

– Ele conquistou a Cordilheira Bital Wadi Akarit, a última barreira que o nosso exército tinha de atravessar para chegar ao extremo sul da planície tunisina. Cospatrick liderou o seu pelotão numa batalha vital.

– O oficial de serviço disse que ela estava demasiado bêbada para se lembrar do seu próprio nome, mas está há horas a debitar esta história toda.

Annie, depois de alguma consideração, escreveu a sua própria morada.

– Tem uma memória prodigiosa.

– A minha família descende dos condes de Moray.

– Oh, cale-se! – gritou uma voz irritada.

– Cuidado, que no século xvii tínhamos a nosso cargo a erradicação do banditismo, expurgámos a fronteira de malfeitores, assaltantes e salteadores.

– Que alguém lhe enfie uma meia na boca – gritou outra voz.

– Alguma coisa disto é verdade? – perguntou o polícia a Annie.

– Não: a família é da Irlanda e do Sudoeste de Inglaterra. Cresceu no Wiltshire e os pais criavam porcos – respondeu Annie num tom fleumático. – Não há de demorar para começar a cantar.

Como se esperasse por aquela deixa, as notas hesitantes de «Carrickfergus» chegaram das celas à receção.

– « *I wish I had you down in Carrickfergus, only four nights in Ballygrand,/ I would swim over the deepest oceans, to long ago.»*

– Ela é sempre assim? – perguntou ele.

– Nos dias bons – sorriu Annie.

Quando era pequena, nunca deixava que falassem mal da sua mãe. Defendia-a apaixonadamente, esperando convencer-se e aos que a rodeavam que a última ronda de bebedeiras fora apenas uma aberração. Durante grande parte do tempo, Evie fora uma mãe maravilhosa: divertida, anárquica e carinhosa. Mais jovem do que todos os outros pais, muitas vezes julgavam-na uma aluna do último ano ou uma professora substituta, e Annie orgulhava-se dela quando os pais se voltavam para a ver ou quando as raparigas mais velhas lhe copiavam os penteados e a maquilhagem. Sem a presença de um pai ou de um namorado fixo, mãe e filha eram uma equipa: dançavam ao luar; apanhavam autocarros sem destino marcado; cantavam álbuns de Elvis Presley de uma ponta à outra; faziam bolos extravagantes e comiam-nos na cama, enquanto assistiam a filmes clássicos. Mas depressa Annie aprendera a detetar os sinais de perigo – mais cigarros do que era habitual; música tocada a alto berros; a mãe a andar, irrequieta, de um lado para o outro, com a paciência a esgotar-se até ao momento terrível em que estourava. Era uma vida construída numa falha sísmica, ou junto a um vulcão, e não dava para saber quando apareceria a fissura seguinte, ou quando a cratera explodiria.

Nessas alturas, Annie era enviada para fora de casa, sendo-lhe dito que encontrasse o caminho para a escola seguindo crianças que usassem uniformes idênticos ao seu. Telefonemas de hospitais não eram invulgares; até eram um alívio – significavam que Evie estava viva. O momento que realmente temia era aquele em que a campainha tocava sem que ela estivesse à espera: «Temos más notícias.» Annie

imaginara tal cena vezes sem conta.

Sentou-se numa das cadeiras duras da receção para esperar por Evie. As paredes estavam cobertas de cartazes simpáticos a publicitar a associação Neighbourhood Watch. Os sons ténues da estação Radio 1 chegavam-lhe, vindos de um dos gabinetes. Talvez, pensou Annie, desta vez seja diferente.

Talvez Evie tenha finalmente batido no fundo. Abanou o corpo para se livrar dos laivos de esperança. Era uma ideia ridícula, depois de tantos anos.

– Oh, és tu – comentou Evie, fingindo-se surpreendida ao ser escoltada da cela pelo polícia.

– Olá, mãe, vamos lá embora – respondeu Annie.

Evie tinha um aspeto terrível. O fato amarelo-claro estava manchado de sangue e vómito e o seu olho esquerdo fazia lembrar uma ameixa inchada e azul.

– Tem sido horrível, querida – começou a queixar-se. – Eu não queria, mas era o aniversário da morte do paizinho e...

Annie aproximou-se e passou os braços à volta da mãe.

– Não faz mal, mãe, não te preocupes. Vamos lá para casa para que tomes um banho. Onde está a tua carteira?

– O maldito estupor roubou-ma. E agora vai apresentar queixa. É uma conspiração.

Evie lançou um olhar furioso ao sargento.

– O dono do bar disse que ela chegou de mãos a abanar, que começou a maltratá-lo quando ele se recusou a atendê-la e que depois partiu um espelho.

– Se os condes de Moray o ouvissem... você não é melhor do que os patifes que estão nas celas.

Annie, prenderam-me – disse Evie num tom queixoso.

– Está na hora de ir embora.

Encaminhou a mãe com firmeza em direção à porta.

– Onde está o carro? – O olhar expectante de Evie percorreu Edgware Road de cima a baixo.

– Vamos de metro.

– Ele não te dá um carro? Pensava que esse era o objetivo de trabalhar no cinema: aviões privados e limusinas.

– Talvez seja assim em Hollywood. Anda, a caminhada vai fazer-te bem.

– Tenho o salto partido, não posso.

– Não há outra maneira. Só tenho dinheiro que chegue para apanharmos o metro até casa.

– Não tens carro, não tens dinheiro. Mourejar, mourejar – resmungou Evie num sussurro.

Annie caminhava ao lado da mãe, a desejar não ter ido buscá-la. Era sempre a mesma coisa.

Lágrimas de raiva e frustração ardiam-lhe nos olhos. Apressou o passo, determinada a deixar Evie para trás.

– Annie? Espera.

Annie ouviu os passos irregulares que começaram a correr.

– Não me deixes.

Não respondeu; manteve um ritmo constante.

Evie mudou de tática.

– Eu nunca quis estar assim – disse ela, começando a chorar. – Mal tenho tocado numa gota que seja. Conheci um homem. Ele deixou-me. Fiquei triste.

Annie virou-se e viu a mãe, sozinha no meio do passeio: uma mulher cansada, de meia-idade, que lhe encheu o coração de pena. Evie começou a coxear na sua

direção, com um salto a pender para o

lado. Annie descalçou as sabrinas.

– Calça estas, mãe.

– Então e tu?

– Tenho umas meias grossas.

– Farias isso por mim? A sério? – perguntou Evie, enfiando os pés nos sapatos da filha. – São lindas e estão quentes. Adoro-te mesmo, Annie.

– Anda, vamos para casa.

Estendeu a mão e Evie aceitou-a.

No apartamento, Annie preparou um banho para a mãe e deixou-lhe roupas limpas em cima da cama. Evie estava sentada à mesa de cozinha, a olhar em redor.

– Estavas à espera de alguém para almoçar?

A mesa continuava posta para duas pessoas.

– Para jantar, ontem à noite. Ele não apareceu.

Annie deitou água a ferver em duas canecas, mergulhou uma saqueta de chá em cada e passou uma à mãe.

– Lamento. – Evie esboçou um sorriso compassivo.

Annie encolheu os ombros.

– Era alguém especial?

– Não.

– Não vou dizer o óbvio.

Evie pôs os dedos à volta da caneca.

– Não digas.

– Precisas de um homem como deve ser.

– Agora não, mãe.

– Se ao menos tivesses sido mais... – Evie interrompeu-se.

– O teu banho está pronto.

Annie estava demasiado cansada para discutir.

– Seja como for, adoro-te tal como és – disse Evie, numa tentativa de se redimir.

– A água vai arrefecer.

Annie sentia-se cada vez com menos paciência. Pegou na sua caneca e foi até à janela.

– Por acaso não tens nada que se beba nesses teus armários? – perguntou Evie, num tom esperançoso.

– Não.

Annie começou a levantar a mesa. Tê-la assim posta só servia para ativar memórias que ela não queria ter. Agarrou nos talheres com uma mão e enfiou-os, virados ao contrário, num jarro.

– Querida, pareces estafada... está tudo bem?

– Está tudo ótimo... por favor, vai lá tomar banho.

Annie encheu a chaleira com mais água e ligou-a à tomada.

– O teu problema, Annie, é que estás determinada a *Chiku.*

– *Chiku*?

– É uma expressão chinesa: quer dizer «comer amargo». Dificultar a própria vida. Um dia hás de

sentir-te agradecida por o Desmond te ter deixado e libertado daquela vida pardacenta. Estavas a sufocar aos poucos.

Annie virou-se de supetão e fitou a mãe com os olhos a chispar.

– Se não vais tomar banho, vou eu.

Sentia a necessidade urgente de ter uma porta a separá-las.

A custo, Evie levantou-se e avançou para a casa de banho. Parou em frente ao quadro.

– O que é isto? – perguntou, a apontar.

– O que te parece? – retorquiu Annie num tom sarcástico.

– De quem é?

Evie pegou no quadro e observou-o durante muito tempo. Acercando-se da secretária de Annie, inclinou o candeeiro flexível para que a luz atingisse o centro da pintura.

– Onde foi que o arranjaste?

– Numa loja de velharias em Goldhawk Road.

– É lindo – disse Evie. – Faz-me lembrar aqueles quadros lindos que há na Coleção Wallace. O teu pai costumava levar-me lá. Estava sempre aquecido, aquele espaço. Sentávamo-nos nos bancos das galerias e inventávamos histórias para acompanhar cada quadro.

– A Coleção Wallace – repetiu Annie. – Que estranho. Foi por isso que o comprei.

Os seus pensamentos regressaram a Robert, o que a fez corar de vergonha renovada. O que a teria levado a pensar que ele talvez se mantivesse na sua vida?

– O teu pai tinha um preferido. Já não me lembro do nome do pintor. Flagon, não, Fraggin, não, Fragonard, era isso... uma rapariga num baloiço. Era muito parecido com este. Coisas assim muito ligeiras, músicos e festas. O teu pai

adorava-o. Era mesmo inesperado. Seria de pensar que um motociclista de corridas optasse por algo sólido, como aquele *Cavaleiro a Rir*. Esse também está lá.

– Também foi desse quadro que gostei – confessou Annie, com um ligeiro calafrio.

Sabia tão pouco acerca do pai e do que ele gostava. Morrera quando ela tinha dois anos; nem sequer tinha uma fotografia em que estivessem juntos.

Virando ligeiramente a luz, Evie mirou o quadro. Sob o clarão, a dançarina ganhava ânimo. Os amarelos e dourados do vestido pareciam ondular e tremer, enquanto a paisagem por trás tremeluzia.

No chão, o jovem observava-a com um ar de admiração arrebatada.

Annie arquejou.

– Parece que está vivo.

Evie segurou o quadro com uma mão, lambeu o dedo e esfregou-o ao de leve sobre a figura da dançarina. As cores tornaram a brilhar e cintilar.

– Acho que é qualquer coisa especial – concluiu, subitamente sóbria. – Devias ir à Wallace.

Podíamos ir juntas.

Annie sorriu. Uma das melhores qualidades da mãe era a capacidade de ver sinais de esperança em qualquer situação. De outra forma, como poderia ter sobrevivido tanto tempo, deixar de beber, encontrar novos empregos, novos sítios onde viver, embarcar em novas aventuras amorosas?

– A água do banho já deve estar gelada – disse Annie, recuperando o quadro e apontando para a porta.

– Tenho cá um pressentimento – resmungou Evie, a caminho da casa de banho. – Não deverias ignorar os meus pressentimentos.

Capítulo 4

Rebecca Winkleman, mulher de Carlo Spinetti, trabalhava com o pai, Memling, na Obras d'Arte Winkleman, Ltd., e ocultava as emoções com uma expressão fria. Só os familiares mais próximos sabiam que se tratava de uma fachada: Rebecca padecia de uma timidez paralisante e vivia convencida de que o desastre se encontrava à espreita em cada esquina. Todos os aviões em que embarcasse estariam fadados a despenhar-se; os negócios que tentasse falhariam; a qualquer momento – tinha a certeza – haveria de ser desmascarada como uma usurpadora incompetente.

Morrendo de medo de ser julgada ou denunciada como alguém que tivesse obtido a posição que ocupava devido a nepotismo, Rebecca trabalhava mais horas e gozava menos folgas do que qualquer outra pessoa na empresa, incluindo o próprio pai. Ensaiava factos e opiniões antes de qualquer reunião e ficava acordada na cama durante a maioria das noites, a remoer comentários isolados ou um erro ocasional. O médico recomendara-lhe *Valium,* que ela se recusava a tomar, não fosse turvar-lhe o intelecto. Outro sugerira psicoterapia, mas a ideia de falar com um desconhecido estava absolutamente fora de questão. Sofria com pesadelos terríveis – os seus gritos eram tão estridentes que tinha um quarto à prova de som e Carlo passara a dormir no quarto ao lado. Cerca de uma vez por semana, acordava a tremer e encharcada em suor.

Vestia-se de forma a atrair o mínimo possível de atenções; as suas roupas eram simples, de corte impecável e nada reveladoras. De dia, usava fatos de calças azul-escuras ou pretas, com uma irrepreensível blusa de seda branca. À noite optava pelo mais simples dos vestidos pretos e uns discretos sapatos de salto alto. Cortava o cabelo louro a direito, mantinha as unhas curtas e cuidadas.

Usava muito poucas joias: um pequeno diamante em cada orelha, um colar de belas pérolas. Embora nunca lhe passasse pela cabeça sair de casa sem se «arranjar», a sua rotina de maquilhagem resumia-se a um toque de corretor, *bâton* de um tom claro e umas pinceladas de rímel. Herdara os olhos azul-claros do pai, mas escondia-os por trás de óculos de aros pesados de tartaruga. Se lhe fosse pedido que descrevesse a sua aparência, Rebecca diria, ao fim de alguma hesitação, «Normal»; outros consideravam que, mais do que elegante, era linda.

Annie só entrevira a esposa do seu empregador uma vez, mas estava a par dos rumores: Rebecca era vista como uma mulher encurralada entre um marido infiel e um pai controlador. Annie, como todos os outros, partia do princípio de que era o medo de ficar sozinha e sem amor o que levava Rebecca a continuar com o

marido gastador e mulherengo, e que Carlo, aterrorizado pela perspetiva de ser pobre, se conformava a uma existência como homem a viver às custas da mulher. Poucos adivinhavam a verdadeira razão: os Spinetti amavam-se, reconhecidamente de uma forma inconvencional e invulgar, e haviam arranjado maneira de acomodar cada uma das falhas um do outro. Rebecca adorava o uso italiano que ele dava à hipérbole, a sua espontaneidade, carnalidade e necessidade infantil de ser elogiado, mimado. Encantava-a a forma como as emoções de Carlo rodopiavam como um catavento, tanto que cada rajada, cada *nuance* do seu temperamento ficava à

vista de todos. Embora os filmes dele fossem duramente criticados, Rebecca encontrava beleza e originalidade em cada sequência. As raras ocasiões em que ele entrava no seu quarto compensavam as semanas de desejo insatisfeito. Ela sentia-se fantasticamente orgulhosa do perfil aquilino, cabelo encaracolado, boca em forma de arco e dentes perfeitos do marido. Acima de tudo, era pragmática, e reconhecia que a sua dependência do trabalho era tão desagradável como as indiscrições sexuais do marido. Quanto a Carlo, apreciava o intelecto frio da mulher, bem como a beleza e as inseguranças terríveis que a caracterizavam. Ser a única pessoa capaz de lhe controlar os ataques de pânico e devolver-lhe a confiança fazia-o sentir-se omnipotente e protetor. Apesar de ser viciado em apaixonar-se, Carlo só podia entregar-se às suas fantasias sabendo que Rebecca estava em casa, inabalavelmente devotada e comprometida. Para Carlo, esta base sólida, coberta pelo alvoroço da culpa, tornava cada galanteio delicioso.

Quando o *chef* dos Winkleman, Monsieur George, teve um ataque cardíaco, Carlo pediu a Annie que o substituísse até ele poder regressar ao trabalho. Embora George se tivesse formado na Academia Cordon Bleu e recebido estrelas Michelin, Carlo assegurara-lhe que as funções seriam simples. Os colegas desaconselhavam-lhe aquela mudança: Rebecca era quase tão exigente com os seus funcionários como consigo mesma.

– Ao menos vá à entrevista – pediu Carlo. Não precisava de acrescentar que a mulher lhe atenazava a vida; toda a gente da firma o sabia.

A produtora de Carlo Spinetti tinha a sua sede num grande armazém em Bermondsey. À semelhança de muitos escritórios contemporâneos da moda, o edifício fora despojado e mantido com acabamentos semi-industriais, com as «entranhas» funcionais das instalações – os canos, tijolos e condutas de ar-condicionado – à vista. Jovens produtores associados e administradores usavam

um uniforme de calças de ganga e *T-shirts*. Havia um zunzum constante de conversa, música e telefones a ecoar pelo piso amplo de betão.

Ao chegar à porta da Obras d'Arte Winkleman, Annie ficou impressionada pelo contraste total entre os estabelecimentos do marido e da mulher. A grandiosa mansão do século xviii estava afastada da rua e limitada por gradeamentos de ferro. Quatro degraus de pedra, cada um tão largo como a cabeça de um elefante, conduziam a umas polidas portas de mogno. Annie demorou um pouco a encontrar uma discreta campainha de bronze. Uma voz pediu-lhe educadamente que se voltasse para uma câmara de segurança localizada acima do lintel da porta. Ela indicou o seu nome e aguardou.

Sem qualquer ruído, a porta abriu-se e ela deparou-se com um porteiro de libré. Dois guardas estacionados num corredor de mármore fitaram-na de cima a baixo, deixando bem claro que Annie não correspondia ao tipo de visitantes a que estavam acostumados. O porteiro encaminhou-a para o primeiro salão privado: uma sala de estar de tapeçarias pesadas, com portas envidraçadas a dar para um jardim de inspiração italiana. As paredes estavam forradas a damasco de seda e ostentavam as melhores obras de arte que a Winkleman disponibilizava. Annie fora avisada quanto ao facto de nem Rebecca, nem o pai desta, Memling – o presidente da firma – estarem presentes para a receber: esse privilégio estava reservado apenas para convidados importantes. A maior parte dos clientes era recebida por um dos oito membros permanentes da equipa de vendas, a qual incluía três antigos diretores de museus. Negociantes entravam pela porta dos fundos. Ao contrário da atmosfera buliçosa do estúdio de Carlo Spinetti, a galeria Winkleman era tão silenciosa e taciturna como um

mausoléu. Nada que distraísse da arte em exposição.

Se lhe fosse proposta aquela substituição temporária e ela a aceitasse, teria, tal como os outros funcionários, de entrar pelas cavalariças, nas traseiras. Os Winkleman eram proprietários de todos os edifícios cuja frentes ou traseiras davam para aquele quarteirão de Curzon Street. Quatro faziam parte da Obras d'Arte Winkleman; os outros três eram as residências privadas da família. Memling vivia num deles, Rebecca e a família noutro, enquanto o terceiro se destinava a receber clientes.

Havia um campo de ténis subterrâneo e uma piscina para uso exclusivo da família. Um contingente fardado de oito empregados filipinos tratava das

limpezas. Havia dois motoristas, uma massagista residente, uma passeadora de cães empregada a tempo inteiro e uma treinadora de ténis a tempo parcial, para além de um treinador pessoal.

Uma mulher de meia-idade, envergando um elegante fato preto e com cabelo cinza-platinado apanhado num puxo retesado, sem qualquer maquilhagem no rosto, avançou para a cumprimentar.

– Sou a assistente executiva de Mrs. Winkleman-Spinetti, Liora van Cuttersman. Por favor, queira acompanhar-me.

Annie foi levada por um corredor espessamente atapetado, chegando a uma pequena sala de espera com dois cadeirões de couro separados por uma mesa de centro baixa, coberta de revistas de arte.

Na parede em frente encontrava-se um quadro pequeno mas maravilhoso de uma Madona com o Filho. Annie reparou que não havia qualquer vidro de proteção ou cordão vermelho a separar o espectador da obra de arte. Pousando a mochila, não resistiu a vê-lo mais de perto. O rosto da Madona era plano e bidimensional, com uma expressão triste e apagada, enquanto o Cristo Menino mais parecia um velhote amargurado do que um bebé.

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by ePubtoPDF

– É de Duccio... do final do século xiii – disse uma voz abrupta.

Annie virou-se e deu de caras com Rebecca Winkleman-Spinetti, que era, pensou ela, de uma beleza extraordinária. Os olhos de Rebecca eram lagos de turquesa iridescente, destacando-se numa pele e cabelo de um branco leitoso. O único outro laivo de cor naquele rosto de lua era a boca surpreendentemente carnuda, evidenciada por *bâton* de um rosa-claro.

– É encantador – disse Annie, a pensar mais no rosto de Rebecca do que no quadro.

– Uma das melhores obras com que temos tido o prazer de trabalhar – disse Rebecca. Depois, consultando o relógio, convidou-a a entrar no seu gabinete. – Só posso dispensar alguns minutos.

Annie seguiu-a por um par de portas duplas de mogno, entrando numa divisão longa, ladeada por estantes de livros enquanto se maravilhava com a figura elegante de Rebecca, velada por um fato de caxemira preta, de corte perfeito e sem um único vinco. A seu lado, Annie, que usava umas calças largueironas e um blusão de penas, sentia-se uma vagabunda.

– Trouxe um CV? – perguntou-lhe Rebecca.

Annie entregou-lhe uma folha A4. Rebecca olhou para baixo e depois virou o papel, como se esperasse ver mais.

– É curto.

– Passei catorze anos a construir uma empresa.

– Foi atingida pela recessão?

– O negócio esteve sempre em boa forma; a sociedade soçobrou.

Annie corou e olhou pela janela, desejando que não houvesse mais perguntas de teor pessoal.

Olhando para a mulher mais jovem, Rebecca perguntava-se por que não se esforçara um pouco mais – comprando algo decente para usar, aplicando um

pouco de maquilhagem. Pelo menos, pensou,

o meu marido não há de ir para a cama com ela; Carlo só gosta das que se aperaltam.

– Para além das aulas noturnas na faculdade local, a única experiência culinária que tem é a de gerir uma loja de queijos numa vila do sudoeste de Inglaterra?

Rebecca falava numa voz seca e aguda. Annie reparou que as mãos dela tremiam ligeiramente, o que fazia o papel vibrar, e que tinha um espasmo ínfimo no músculo da face esquerda. O que levaria aquela mulher a irradiar tamanho nervosismo? Decerto não seria a sua presença.

– Sou autodidata, sobretudo – admitiu Annie. – Também tínhamos um café ao lado da loja e eu preparava comida todos os dias. Saladas, sanduíches e bolos.

– A nossa empresa tem de estar associada à maior das qualidades em todas as coisas – disse Rebecca.

– Tudo era caseiro e fresco. Recebíamos críticas excelentes no TripAdvisor – respondeu Annie, à defesa. Deveria dizer a Rebecca que havia clientes habituais que atravessavam todo o Devon para comer o seu *cheesecake* e as suas tartes, e que todas as sextas-feiras de manhã, dia em que fazia pão, se formava uma fila meia hora antes da abertura da loja?

Rebecca encolheu os ombros e tornou a concentrar-se no CV de Annie.

– O único passatempo que refere é cozinhar?

– É mais uma obsessão do que um passatempo.

– Não tem outros interesses?

– A senhora tem? – perguntou Annie. Não estava a ser insolente. A sua pergunta denotava um interesse genuíno.

Um sorriso mínimo perpassou os lábios de Rebecca.

– Não – replicou, hesitante. – Suponho que a arte seja toda a minha vida.

– Talvez não sejamos assim tão diferentes, então – comentou Annie.

Rebecca olhou para a jovem, com aquela nuvem de cabelo acobreado e rebelde, o blusão de penas, umas *Doc Martens* coçadas, e duvidou de que pudessem ter muito em comum.

– O meu marido elogia imenso as suas competências. O que faz para ele? – quis saber.

– Honestamente, não faço grande coisa – reconheceu Annie. – Adoro trabalho e cozinha exigentes, mas como Mr. Spinetti não se encontra em filmagens, não se passa grande coisa. Faço muito café e, de vez em quando, pratos de massa.

Rebecca olhou para o relógio. Dali a pouco chegaria um cliente potencial. Aquela ideia de Carlo não tinha qualquer cabimento: ela arranjaria um cozinheiro substituto através de uma agência.

Virando-se para Annie, disse:

– Não vejo como podemos correr o risco de a contratar; nada no seu CV sugere competência.

Annie estremeceu.

– Cometi um erro e deixei que a minha vida amorosa e profissional se enredassem. Isso deixou-me numa situação bastante complicada.

Rebecca observou-a com um ar pensativo. Havia qualquer coisa no dilema de Annie que inspirava compaixão. Qualquer pessoa poderia cometer aquele erro; muitas cometiam-no. Rebecca sabia que também ela estava demasiado entrosada com a sua própria família. Caso se desentendessem, a quem haveria de recorrer?

Um telefone em cima da secretária tocou. Rebecca atendeu-o e o seu tom alterou-se, adquirindo uma untuosidade cordial. Educadamente, fez várias perguntas à interlocutora.

– Mrs. Ankelehoff... Suzanne... que tal as Baamas? E o pequeno Tommy... o Duccio está reservado

para outro cliente... sim, é claro que é uma das colecionadoras mais importantes

com quem trabalhamos... a reserva é de dezoito... deixe-me falar com o meu pai... cumprimentos ao Richard.

Desligou rapidamente e ligou à assistente.

– Liora, localize o meu pai.

Annie pegou na mochila e avançou para a porta.

– Não se preocupe, eu saio sozinha.

– Espere – disse Rebecca. – Vou correr um risco e apostar em si. Não faço ideia porquê. – Deixou escapar uma pequena risada, intrigada com o seu ato invulgar de impulsividade. – Não me desiluda.

A Liora mostra-lhe a cozinha. Jantamos às sete. Estude os menus cuidadosamente.

Rebecca acenou na direção da porta. Quanto a Annie, estava demasiado surpreendida para responder.

– O salário é de quatrocentas e cinquenta libras por semana, líquidas. Não pagamos horas extras.

Seis dias por semana, se necessário. No melhor dos casos, o horário será errático. Pode começar já?

Annie assentiu com a cabeça – era o dobro do que ganhava, bastando para lhe calar quaisquer hesitações.

A entrevista durara menos de quatro minutos.

*

O novo domínio de Annie era uma cozinha comprida e estreita ao lado da sala de jantar «de visitas». Ao abrir os armários, deparou-se com todo o género de equipamento de cozinha, a maior parte ainda com invólucros de proteção. Annie pensou nas suas posses mais estimadas e valiosas, as facas japonesas de cozinha. Os cinco conjuntos na cozinha dos Winkleman eram de uma qualidade que ela nunca poderia pagar.

Depois de lhe ter sido pedido que assinasse um acordo de confidencialidade, foi-lhe dada uma *password* ativada através da leitura da íris e uma lista de menus. Para sua grande deceção, Annie viu que a rotina nunca variava. O almoço e o jantar alternavam entre peixe e legumes cozidos a vapor. As únicas ervas aromáticas aceitáveis eram funcho e cerefólio – alho, coentros e malaguetas não seriam usados em circunstância alguma; sal e pimenta apenas em doses reduzidas. As omeletas seriam feitas sem gemas e a todas as refeições seguir-se-ia uma maçã cozida. Os ingredientes deveriam ser biológicos e, na medida do possível, adquiridos a produtores locais. Para Annie, preparar montes de comida insossa constituía uma espécie de tortura. A comida, a seu ver, era feita tanto de cor, cheiro e apresentação como de sabor: a experiência gastronómica devia começar pelos olhos e pelo nariz, até à erupção na própria imaginação. Mastigar e saborear eram o clímax de uma experiência sensual.

Nas noites em que Memling ou Rebecca comessem nas suas respetivas habitações, Annie deveria entregar a comida aos criados filipinos, que depois a deixariam numa gaveta aquecida. Ela nunca deveria abordar Memling Winkleman, esperando-se que desviasse o olhar caso o encontrasse no corredor, e só falaria com Rebecca quando esta lhe dirigisse a palavra. As refeições mais interessantes que prepararia seriam para o *husky* branco de Memling, chamado *Tiziano*, o qual alternava entre carne fresca de coelho, vaca e galinha, misturada com ovos crus e legumes finamente cortados.

No terceiro dia, Annie começou a compor a sua carta de demissão, mesmo que isso a levasse à penúria certa. Não queria saber que o peixe fosse de qualidade ímpar, servido em porcelana de Sèvres e acompanhado pelos melhores vinhos franceses: o seu sonho era cozinhar, não passar a vida

curvada sobre panelas de cozer a vapor. Parte da alegria de criar uma refeição deliciosa era ver a expressão no rosto de quem a comia; naquele emprego, enviava a comida por um elevador aquecido.

O ataque cardíaco do seu predecessor só podia ter sido causado pela monotonia. A noite de quarta-feira ia já avançada quando Rebecca a chamou. Annie levou a carta de demissão no bolso do avental branco engomado. Antes de que pudesse entregá-la, Rebecca disse-lhe que preparasse um jantar na semana seguinte, para vinte comensais, em honra de uma importante cliente americana, Melanie Appledore. O objetivo da noite era apresentar-lhe um quadro de Caravaggio, intitulado *Judite e Holofernes*, uma versão ou estudo recém-descoberto da

famosa obra que se encontrava no Palazzo Barberini, em Roma. Disse-lhe que podia fugir ao regime do peixe, desde que não usasse alho ou malaguetas. O jantar teria três pratos e o primeiro deveria ser servido às oito da noite em ponto. A assistente pessoal de Rebecca enviar-lhe-ia uma lista de gostos e alergias de cada um dos convidados. Ao deixar o gabinete da patroa, Annie apercebeu-se de que, mais uma vez, a reunião durara exatamente quatro minutos.

Sem acesso a qualquer registo de Monsieur George, Annie pouca ideia fazia do que se esperaria do jantar «Caravaggio». O mordomo principal dos Winkleman, Jesu, e a mulher deste, Primrose, disseram-lhe que as noites começavam com sopa e que o prato principal era, invariavelmente, de peixe. O maior jantar que Annie alguma vez cozinhara fora uma festa-surpresa de aniversário para Desmond e cinquenta dos amigos deles, no Devon. Ele queria *mojitos,* hambúrgueres e *marshmallows* chamuscados – «nada dessas merdas sofisticadas» – mas Annie esperava que o banquete lhe desse a volta. O verão ia no fim e era o quadragésimo aniversário dele, pelo que, combinando o tema do festival das vindimas com os anos dourados de Desmond, ela tinha pendurado espigas de milho, dálias e crisântemos do teto do celeiro de um amigo, para criar um jardim suspenso interior. Mesas feitas de tábuas apoiadas em cavaletes gemiam sob o peso de abóboras, maçãs e bonecos feitos de barbas de milho, enquanto os convidados, a quem fora pedido que se vestissem de vermelho ou dourado, se sentavam em fardos de palha. Ela tinha preparado vasilhas de sopa picante de abóbora e passara o dia inteiro a assar um porco debaixo de uma macieira; a sobremesa era um *crumble* de amora e maçã com *clotted cream* do Devonshire, bem espesso. Ela tinha feito uma coroa de cevada para Desmond usar, mas ele atirara-a para as brasas e por pouco não arruinara a noite com o seu amuo.

Tendo pouco dinheiro para presentes, Annie oferecia-se sempre para cozinhar em festas para os amigos ou para os filhos destes. Alguns diziam a brincar que tinham mais filhos ou casavam só para desfrutarem dos banquetes dela. As suas festas eram lendárias: montes altíssimos de gelatina de cores vibrantes, cães e ovelhas em tamanho real feitos de bolo e cobertos de pelo e caudas realistas, feitos com açúcar e maçapão. Para um amigo, um professor de antropologia que passava metade do ano numa aldeia remota no Camboja, Annie recriara uma festa tribal. Para outra amiga, Pernilla, que nascera numa pequena cidade a norte de Estocolmo, Annie preparara um tradicional jantar sueco, com sopa de sangue, pato seco ao vento e uma sobremesa de bagas vermelhas. Embora nada tivesse sobrado, Desmond dissera que tinha sido o jantar mais asqueroso e incomestível

em que ele alguma vez tivera o azar de participar; não admirava que Pernilla tivesse fugido do país natal.

Annie foi ver o quadro, que já estava pendurado no vestíbulo principal da galeria. Tratava-se de uma imagem nada apelativa: a garganta cortada de um homem, o sangue a jorrar para uma toalha branca, a vida a escoar-se a cada batida do coração; a perpetradora era uma linda mulher de cabelo preto que olhava para o espectador com um ar triunfante, segurando uma lâmina ensanguentada e

sendo observada por uma velha enrugada. Passando os dedos pela carta de demissão, Annie decidiu que havia pouco a perder preparando um banquete fantástico: ao menos seria despedida por algo de que se sentiria orgulhosa.

Aproveitando as horas de almoço para pesquisar na Internet, Annie ficou a saber que, entre o nascimento, em 1571, e a morte precoce em 1610, Caravaggio tinha sido quase tão famoso pelo mau comportamento como pela pintura e que usava uma técnica tão espontânea e combativa como o seu temperamento, tendo o pintor passado a maior parte da vida a fugir às autoridades. Apesar de condenado por «vulgaridade, sacrilégio, irreligiosidade e repulsa», o seu talento e «espírito sombrio» inflamavam os desejos dos colecionadores. Annie perguntava-se como haveria de introduzir este elemento de perigo e brio no seu menu. O pintor vivera no período pós-renascentista, entre Roma, Nápoles, Malta e Sicília – quatro regiões diferentes, com distintos tipos de comida.

A comida que formava a base da subsistência de Caravaggio – pão, vinho, restos de carne de porco e queijo empurrados com vinho jovem da região – dificilmente seria apropriada para os convidados de Rebecca, pelo que Annie pesquisou os banquetes dos patronos do pintor: cardeais, papas e nobres. Descobriu que o açúcar, um bem de consumo recém-descoberto na altura, era um sinal de grande opulência, generosamente usado para obter um efeito visual e simbólico, batido e retorcido, usado como cobertura ou calda. Em certo jantar organizado por Don Ercole, o filho do duque de Ferrara, para um grupo de nobres, um modelo à escala real de Hércules com um leão – colorido e dourado – foi encomendado como peça de centro de mesa, flanqueado por modelos em miniatura de Vénus e Cupido. Alguns jantares, que chegavam a ter dez pratos, incluíam castelos de pastelaria e tartes que continham pássaros vivos, galinhas douradas assadas, cisnes e pavões, os quais eram cozinhados antes de lhes ser reposta a plumagem. Os convidados podiam lavar as mãos em fontes individuais

de água de flor de laranjeira e havia um acompanhamento musical a marcar cada prato servido.

Absorta na sua pesquisa e incapaz de enfrentar Evie, Annie passou uma terceira noite numa cama de campismo no trabalho, lavando-se e à roupa interior na cozinha.

Na manhã seguinte, Evie apareceu diante da Obras d'Arte Winkleman. Chegou à porta da frente, mas os seguranças mostraram relutância em deixar passar aquela mulher de aspeto desmazelado para o vestíbulo. Annie, que se encontrava numa reunião de pessoal, foi chamada à receção.

– Passa-se alguma coisa? – perguntou ela, olhando para a câmara de videovigilância e esperando que nenhum dos colegas visse que a mãe tinha um olho inchado, que entretanto deixara de estar roxo e apresentava uma espiral de amarelo tingido de alperce.

– Onde tens estado? – perguntou Evie num tom petulante.

– A trabalhar.

Annie pegou na mãe pelo braço e encaminhou-a firmemente para a saída.

– Não há nada no frigorífico. Nem sequer tens televisão. – Evie hesitou e depois acrescentou: –

Vim buscar-te para irmos almoçar fora.

Parecia vulnerável, como uma criança pequena.

– Estou com tanto trabalho... não posso mesmo.

– É 22 de janeiro... o meu aniversário – disse Evie numa voz sumida. – Esqueceste-te.

– Oh, pois é – respondeu Annie com o máximo de graciosidade que era capaz de invocar.

– Quero ir à Coleção Wallace.

Olhando para esquerda e para a direita do átrio para verificar que ninguém as observava, Evie abriu um grande saco de plástico que tinha na mão e revelou o quadro.

– Contorna a esquina até à entrada da cavalariça e espera lá por mim. Tenho de ir buscar o casaco e a carteira.

Uns minutos depois, Annie emergiu da casa.

– E se fôssemos antes à National Gallery? – sugeriu. Não tinha vontade alguma de regressar à Wallace, o cenário da noite de solteiros onde conhecera Robert.

– É o meu aniversário e eu quero ir à Wallace – insistiu Evie.

A Wallace ficava a uma meia hora a pé do seu trabalho e, com um pouco de sorte, calculava Annie em silêncio, poderia levar a mãe até lá, dar-lhe uma sanduíche e voltar à sua secretária em menos de uma hora. Por sorte, Rebecca e o pai estavam em Paris e não se esperava que chegassem antes do jantar.

– Estás a usar o meu melhor vestido – queixou-se Annie, olhando para a mãe.

– Era a única coisa decente que tinhas no guarda-roupa... e é só da *Zara,* grande sofisticação.

– Pois, pode ser feito em série, mas continua a ser o único bom que tenho, por isso faz-me um favor e não o uses – replicou, zangada.

– Devias ter trazido um cachecol – disse-lhe a mãe. – Está frio.

– Não sou uma criança – disse Annie, avançando pela rua empedrada. Nunca tive permissão para ser criança, pensou.

– Porque não tens um rádio ou qualquer sistema de som lá em casa? – perguntou-lhe Evie. – Dantes ouvias música a toda a hora.

Annie tinha deixado de ouvir música. Despertava demasiadas memórias e parecia-lhe mais fácil não viver com estimulantes emocionais inesperados.

– Só ainda não tive oportunidade de arranjar um – mentiu.

– Não é normal viver sem música – decretou Evie.

Caminharam por Curzon Street e passaram por um jardim minúsculo por trás de uma igreja em Mount Street. Ao longo de um muro protegido, camélias brancas e vermelhas começavam a brotar, e os botões – que se agarravam a ramos verdes e frágeis – oscilavam com movimentos pendulares ao sabor da brisa. Annie olhou para as flores de cores vivas e pensou que o seu adorado Dartmoor continuaria desguarnecido de fetos, enlameado. Naquela altura do ano, ela adorava passear pela paisagem lunar, inclinando-se para resistir às rajadas de vento que varriam os vales, vindas da Cornualha. Muitos dos residentes evitavam a charneca no inverno; sem aviso, podiam instalar-se nevoeiros tão espessos como algodão molhado. Todos os anos havia caminhantes que se perdiam; alguns morriam. Um cavaleiro, perdido durante toda a noite no meio de nevoeiro e com temperaturas gélidas, matara o cavalo e abrira-lhe o estômago, em desespero, esperando encontrar abrigo nas entranhas quentes. Dois dias depois, fora encontrado, gelado, dentro da barriga do animal.

– Não ouviste nem uma palavra do que tenho estado a dizer-te, pois não? – Evie puxou-lhe a manga.

– Desculpa. Estava a milhas daqui.

– Contei-te que eu e o Stanley nos separámos? – perguntou-lhe Evie.

– Quem era o Stanley?

– Eu achava que ele era diferente.

– Achas sempre.

Atravessaram Oxford Street e viraram por uma ruela secundária para evitarem a gente a fazer compras à hora de almoço. Evie tinha razão: Annie gostaria de se ter lembrado de pôr um cachecol.

– O que tens estado a fazer? – perguntou-lhe a mãe num tom falsamente animado e conversacional.

– Tenho andado a viver num mundo inventado, debochado e excessivo de banquetes pós-renascentistas.

– É melhor do que Shepherd’s Bush.

– A Rebecca quer oferecer um jantar a clientes, para celebrar um quadro. Sinto-me tentada a preparar um jantar temático... mas sei que não é isso que ela tem em mente.

– Tu serias capaz de fazer com que qualquer coisa ficasse deliciosa. Tens um verdadeiro talento.

Annie enlaçou o braço no da mãe.

– Ao contrário do último cozinheiro deles, não tenho formação e estou muito enferrujada.

Evie parou no meio da rua e virou-se para a filha.

– Desafio-te.

Annie riu-se. Era um jogo que mãe e filha costumavam jogar. Desafio-te a comer o jantar. Desafio-te a vestires-te. Desafio-te a gostares de mim.

– Se correr mal, vou perder o meu emprego certo.

– Achas que um homem a quem fosse oferecida uma grande oportunidade se preocuparia com o seu emprego certo?

– Isso não tem nada a ver.

– Claro que tem. Tens de correr riscos.

Annie parou e virou-se para a mãe.

– Não achas que quero correr riscos? Mas, se eu perder o emprego, quem é que te vai tirar da cadeia? Para onde irás?

Evie olhou para o chão.

– Andas a evitar ir para casa por eu estar lá?

– Isso tem um certo peso.

Evie limpou uma lágrima do rosto.

– Gostaria de ter mais uns dias para me recompor e ver o que faço. É pedir demasiado?

Annie sentia que sim, que era mesmo demasiado; a ideia de passar nem que fosse só mais uma noite debaixo do mesmo teto que a mãe deixava-a absolutamente desesperada.

– Mãe, é só que...

– É só que estou assustada e sozinha e tu és tudo o que tenho.

Evie desfez-se em lágrimas.

Lá vamos nós, pensou Annie. Voltamos ao carrossel interminável de autorrecriminação solipsista.

Annie sabia que devia soltar-se do braço da mãe e ir-se embora; em vez disso, deu-lhe a mão e, em silêncio, guiou-a por Manchester Square, até entrarem na Coleção Wallace.

– Podes ficar uns dias lá em casa.

O rosto de Evie iluminou-se como o de uma criança.

– Eu e o teu pai costumávamos vir cá – disse a Annie.

– Tinhas-me contado.

– Nessa altura eu era feliz.

– Também me contaste isso.

Annie marchou pela grande escadaria acima, desejando que o museu impusesse uma política de silêncio obrigatório.

– Espera por mim. Já não sou tão nova como antigamente – queixou-se Evie, a ofegar.

Annie não esperou, caminhando a direito pelas galerias. Os quadros passavam

por si como borrões enquanto ela ia pensando em receitas possíveis. Poderiam gostar de uma gelatina de hipocraz, feita com litros de vinho, canela, noz-moscada e gengibre? Tendo sido registada pela primeira vez na década de 30 do século xvi, precedia em quarenta anos o nascimento de Caravaggio, mas adequar-se-ia na perfeição ao sangue que jorrava do pescoço de Holofernes. Ansiava por preparar uma das 250 receitas de *Do prazer e da saúde honráveis*, que, coligido em 1465, era considerado o arauto da moderna culinária italiana. O autor, Platina, deixara instruções engraçadas: levar ao lume durante «o tempo de dois Pais-Nossos» e cortar banha do tamanho de dados, carne do tamanho de punhos, para as guisar num «caldo delicado».

– Eu sei quando te pões a pensar em comida – disse Evie, a puxar a camisa da filha. – Ficas com esse olhar distante. Anda ver este... era outro dos preferidos do teu pai.

Annie, com o devaneio interrompido, viu Evie a apontar para uma pintura de um homem de bigode encaracolado e um sorriso bastante presunçoso. Pouco depois, ficou com a visão bloqueada por um grupo de turistas japoneses, todos vestidos com elegantes gabardinas. O guia, concluiu Annie, seria a némesis do estilo deles. O seu fato sem forma, feito de bombazina de um tom forte de ameixa e com cotoveleiras de um tecido diferente, parecia ter sido confecionado para alguém maior do que ele –

talvez o pai – ou comprado numa loja de solidariedade. Usava uma gravata, uma coisa horrível de tricô, talvez uma prenda de uma tia solteirona, cujo nó estava definitivamente descentrado. Annie reparou que o cabelo escuro do guia estava despenteado, excessivamente comprido e muito emaranhado.

– Aqui está – explicava ele –, um quadro de Frans Hals, intitulado *O Cavaleiro Sorridente.* –

Falava com frases curtas, marcadas por muitos movimentos dos braços e com um entusiasmo tão genuíno que Annie e Evie pararam de implicar uma com a outra e começaram a ouvi-lo. – Como poderão observar, o Cavaleiro não está a rir, nem sequer a sorrir, e decerto não é cavaleiro algum –

prosseguiu. – O nome foi atribuído ao quadro muito mais tarde, no século XIX, mais de duzentos anos depois de ter sido pintado, em 1624. É provável que este retrato tenha sido uma prenda nupcial para uma jovem dama.

– Nupcial? – perguntou uma senhora japonesa.

– Prenda de noivado.

– Noivado?

Ela continuava confusa. O guia olhou em redor, em busca da descrição certa, e, por acaso, o seu olhar encontrou-se com o de Annie que, sem pensar, apontou para o seu dedo anelar sem qualquer adorno.

Obrigado, articulou ele sem som.

– Casamento! O homem terá enviado este retrato a uma jovem dama e, se ela gostasse do que ali via, acederia a casar.

Desta feita a tradução funcionou e a senhora japonesa assentiu com a cabeça.

Jesse tornou a olhar para a jovem de cabelo acobreado preso numa trança. Parecia-lhe que teria

olhos verdes, talvez azuis; refletiam a luz, bailavam com humor e compreensão. Reparou numas quantas sardas que ela tinha nas maçãs do rosto e perguntou-se distraidamente se haveria mais espalhadas pelos seios dela. Tentou adivinhar-lhe a idade – pelas rugas mínimas à volta dos olhos, calculava que estivesse no final da casa dos vinte. O seu rosto era um tudo-nada longo e a boca um pouco grande de mais para que pudesse ser considerada uma beleza clássica. Tinha uma qualidade etérea, onírica, como se não estivesse bem enraizada mas antes flutuasse acima de questões terrenas.

Usava roupas excêntricas – calças às riscas e um casaco branco – talvez fosse cozinheira, ou alguém que gostasse de se vestir à *chef*. Os sapatos, coçados na biqueira, e a carteira, com a alça remendada com cordel cor de laranja, sugeriam que não devia ser bem remunerada – ou então seria muito frugal.

A mulher correspondeu-lhe ao olhar durante um segundo mais do que seria de esperar, corou e desviou o olhar.

Jesse sentiu uma vaga de desapontamento: ela não estava interessada. Virou-se de novo para o grupo.

– Este casaco encantador tem motivos bordados, sinais ocultos que, na altura, simbolizavam as agruras e os prazeres do amor, incluindo flechas, cornucópias flamejantes, nós de namorados e por aí adiante – contou-lhes.

Annie fingia olhar para outro quadro, mas não conseguia resistir a escutá-lo.

– Cornucópia? – perguntou um japonês.

– Quer dizer montes de coisas, muitos símbolos, muita coisa a acontecer. – O guia agitou os braços. – Esta pintura tornou-se um dos quadros mais famosos e reconhecidos da arte ocidental. É a nossa *Mona Lisa* masculina.

O público continuava com um ar confuso.

– Mona Lisa? – repetiu uma senhora.

O guia bateu com uma mão na testa.

– Peço desculpa. Que tonto. Provavelmente ainda não foram a Paris. É um quadro que está no Louvre? Pintado por Leonardo da Vinci. – O guia tornou a olhar para Annie, ligeiramente desesperado. Ela sorriu-lhe: ele tinha qualquer coisa de atraente. Quando ele lhe correspondeu ao olhar por um momento, ela reparou que tinha olhos castanho-claros, bem fundos num rosto largo com maçãs do rosto altas. O cabelo dele era espesso, escuro e indomável; algumas madeixas caíam-lhe sobre o rosto, outras partes espetavam-se no ar. Annie reparou também que o colarinho da camisa dele estava gasto e que os punhos tinham *clips* a fazer as vezes de botões. Como não estava habituada ao escrutínio de estranhos, virou-lhe as costas – onde estava a mãe quando ela precisava que a distraíssem?

Não teve de procurar muito. Evie tinha tirado o quadro do saco de plástico e estava a compará-lo com outros nas paredes. Uma funcionária observou-a com um ar desconfiado enquanto ela abria caminho por entre a multidão de turistas japoneses, passando pelo guia, para o colocar ao lado do *Cavaleiro Sorridente*. Junto do Frans Hals, parecia completamente deslocado, as figuras eram demasiado diáfanas e pintadas com leveza quando comparadas com o cavaleiro sólido. Annie viu o guia desviar o olhar de Evie para a pintura. Ao início, pareceu não fazer caso da tela, mas tornou a olhar com mais atenção e ia dizer qualquer coisa quando Evie afastou o quadro e se encaminhou para uma representação de uma mulher a usar um vestido cheio de folhos, com um

delicado sapatinho de seda a espreitar por baixo da bainha.

Annie avançou para junto da mãe. A placa dizia *Madame de Pompadour,* de Boucher. Mãe e filha

olhavam ora para um quadro, ora para o outro. Havia semelhanças definitivas na forma como a tinta fora levemente aplicada, e tanto a folhagem como a composição pareciam similares. Ambos tinham figuras em primeiro plano, numa paisagem elísia com uma estátua; contudo, o uso da tinta – um plumoso e vibrante, o outro apagado e ensaiado – convenceu Annie de que provinham de mãos diferentes.

Seguiram caminho, comparando o quadro com cenas intermináveis de pastoras seminuas, *putti* impudicos e mirones lascivos do sexo masculino. Para Annie, aquelas mulheres não estavam desprovidas apenas de roupas, mas também da dignidade: debruçavam-se em estados suplicantes e servis de sedução. As cores usadas pelo artista eram como o recheio de chocolates baratos: azuis-claros e amarelos para os céus, rosas para a pele, uma mão-cheia de pastéis. As duas mulheres detiveram-se em frente a *O Baile*, de Jean-Baptiste Pater.

– Tenho a certeza de que foi este quadro que serviu de inspiração ao Carlo para os cenários de *O*

Rei Sol – comentou Annie.

– Alguma vez fazem coisas originais no cinema? – Evie, tal como muita gente, considerava que o cinema era um parente muito pobre das outras artes.

– Os maus artistas copiam; os bons roubam – disse Annie.

– Quem é que disse isso?

Annie encolheu os ombros.

– Um cineasta trabalha em muitas dimensões, mas conseguir o pano de fundo certo é crucial. Não é muito diferente de preparar a tela quando se é pintor ou aprender gramática quando se é escritor.

Cria-se um ambiente, um mundo em que o espectador entrará.

– Então isto é um *pastiche*?

– Tenho a certeza de que o Pater terá aprendido a copiar as coisas dos que o precederam e de que o professor dele também terá copiado o seu mestre. Todos somos imitadores – concluiu Annie, lembrando-se do livro de receitas de Platina.

Do outro lado da sala, o guia apresentava outro pintor, Antoine Watteau, aos seus turistas.

– Eis o pintor que deu início a todo este género conhecido como *fête galante*, reproduzindo figuras elegantes em trajes teatrais, históricos e contemporâneos em cenários de parques – ouviu-o ela dizer.

– Hoje em dia, é mais conhecido como rococó.

Evie atravessou a sala e meteu-se pelo meio deles, com o quadro.

– Anda cá, Annie, vê só isto! – chamou-a.

Annie, mortificada pelo comportamento da mãe, recuou discretamente, esperando que o guia não se apercebesse de que estavam juntas.

– Annie, Annie! – gritou Evie. – Anda cá olhar para a cara deste tipo. É igualzinho ao homem do teu quadro!

Evie debruçou-se sobre o cordão vermelho e ergueu o quadro para o comparar com a pintura de Watteau.

Um funcionário da galeria saltou da sua cadeira e correu na direção de Evie. Annie rezou em silêncio para que a mãe se acalmasse e seguisse caminho.

– Não acha que há uma semelhança impressionante? – perguntou Evie ao guia.

Este observou os dois quadros com atenção.

– Vejo semelhanças, sem dúvida. Trata-se de um artista muito imitado. E com razão – acrescentou, diplomaticamente.

– Vocês, os académicos, até das próprias sombras têm medo – retorquiu Evie num tom rude, virando-se para os turistas japoneses. – O que é que vocês

acham? Vá lá, usem os olhos e não as teorias, como este aqui.

– Minha senhora, peço-lhe que mantenha uma distância respeitosa das obras, caso contrário teremos de lhe pedir que saia – disse o funcionário.

– Você tem olhos, não vê? – Evie espetou-lhe o quadro debaixo do nariz.

– Estou aqui para proteger as obras de arte.

Evie passou uma perna por cima do cordão e inclinou-se para a pintura.

– Têm os dois a mesma expressão entristecida. E a mesma estátua em pano de fundo.

As observações de Evie foram abafadas pelo barulho de um alarme e pelo som de pés a correr. Ao fim de alguns momentos, guardas cercaram-na e, desviando o cordão, seguraram-na firmemente pelos braços e afastaram-na dos quadros.

– Não me arrastem à força – grasnou ela. – Eu não estava a fazer nada de mal. Sou uma admiradora de arte. Ao contrário de vocês, seus bárbaros. Deixem-me em paz. Vou escrever ao meu representante parlamentar.

Annie viu a mãe ser levada pela outra porta.

Os japoneses falavam entusiasticamente entre si. Annie deu pelo olhar discreto e apologético do guia. Lamento, articulou ele sem som. Annie fez um esgar e saiu da galeria com toda a dignidade que conseguia aparentar.

Fora do museu, Evie, com o quadro debaixo de um braço, tentava convencer outros visitantes a mudarem os planos.

– Não entrem aí... isso está cheio de selvagens. Basta olharmos para um quadro que eles tentam expulsar-nos.

– Estiveste a beber? – perguntou-lhe Annie ao alcançá-la. – Tiveste sorte, não te prenderam nem apresentaram queixa.

– Mas quem é que eles são para dizerem, só porque têm umas coisas penduradas nas paredes, que tudo o resto é treta? – Com o quadro diante de si, Evie proclamou: – Eu acredito em ti.

Annie sentou-se no muro. A mãe estava a seguir um padrão muitas vezes repetido. Devia ter bebido qualquer coisa mesmo antes de chegar ao seu trabalho. A caminhada e o ar fresco tinham-lhe espalhado o álcool pelo sistema e o ponto alto dera-se perto do *Cavaleiro Sorridente.* Em breve começaria a perder o ânimo. Choraria, encontraria outra bebida, ficaria feliz, retrair-se-ia e assim sucessivamente, sem parar.

Annie, ansiando pela calma relativa da cozinha dos Winkleman, afastou-se de Evie. A mãe bem que poderia encontrar por si mesma o caminho de regresso a casa.

– Desculpe – chamou-a uma voz de homem. Apertando mais o casaco à sua volta, Annie estugou o passo. Decerto a galeria não precisaria de um depoimento por causa de uma louca solitária. Decerto ela conseguiria afastar-se daquele incidente sem mais embaraços. – Menina. Por favor, espere. – O

guia alcançou-a e começou a caminhar a seu lado. – Lamento o que aconteceu ali dentro.

Annie nada disse. Tinha o rosto a arder de vergonha.

– Comprei-lhe um postal de uma coisa que se parece muito com o seu quadro. É só um esboço, mas acho que verá as semelhanças – disse ele, mostrando-lho. – Aquela senhora tinha razão. Os dois quadros são realmente parecidos. As figuras são muito similares... e o pano de fundo também. Se quiser investigar mais a questão.

Annie interrompeu-o antes que ele continuasse.

– Não estou mesmo interessada. Essa coisa só me tem trazido azar.

– Se mudar de ideias... – disse o guia, que ficara para trás.

Annie não se virou.

Capítulo 5

Barthomley Chesterfield Fitzroy St. George gostava do que via ao espelho de corpo inteiro. Tinha sessenta e nove anos, mas mantivera a pele retesada com cirurgias e a figura esbelta com exercícios diários e uma pitada de cocaína antes

das refeições. Os olhos haviam adquirido um tom azul bastante aquoso, mas os dentes eram perfeitos, dignos de Hollywood. O cabelo, espesso e abundante, era quase todo seu, e todas as partes do seu corpo eram impecavelmente arranjadas e cuidadas por uma equipa de manicuras, esteticistas e massagistas. Apesar de já não se poder descrever como encantador, Barty (como quase todos lhe chamavam) encontrava-se, como ele próprio gostava de dizer, «num estado tremendamente bom».

– Aquele querido fez um bom trabalho, não lhe parece? – perguntou Barty, apreciando o seu queixo recentemente esticado.

Lady Emeline Smythe, a secretária de vinte e dois anos, encarregada da sua agenda social, assentiu com a cabeça.

– Está, tipo, mesmo à maneira.

Barty esboçou um sorriso gracioso; tinha de concordar.

– O sinal de uma cirurgia bem-sucedida – prosseguiu – não é que nos digam que temos um aspeto jovem; é que nos deem os parabéns por estarmos com bom ar. E foi tremendamente razoável –

acrescentou. – Menos do que um carro novo ou um fim de semana em Antibes. Talvez faça um *lift* do sobrolho no próximo verão. O botox tem um efeito tão mortiço.

– A mãezinha está mesmo cheia de inveja – comentou Emeline. – O paizinho diz que ela tem de escolher, ou uma cara nova, ou um cavalo novo.

O pai de Em tinha uma propriedade de quatro mil hectares numa zona nobre do Lincolnshire.

– Ele não pode vender uns campos e dar-lhe as duas coisas? – Barty não compreendia as prioridades da aristocracia.

– O paizinho diz que toda a terra está num fundo para o meu irmão – respondeu Emeline num tom pesaroso. – Diz que é melhor apressar-me e casar enquanto ainda tenho uma cara que se veja, caso contrário fico para tia sem um centavo.

Em silêncio, Barry concordava com o pai dela. Em tinha um ar adorável – lábios

cheios, uma tez de pêssego, um nariz arrebitado e cabelo louro a fazer lembrar uma cascata – mas esse tipo de beleza nunca se alongava para lá dos primeiros tempos da juventude.

– A sua tia Joanna desleixou-se – disse Bary. – Vi-a em casa dos Devonshire uma noite destas.

Estava sentada e o traseiro dela esparramava-se pelo sofá como um *Brie* maduro.

– Pobre titi Jo – lamentou Emeline, com sinceridade. – Nunca superou a perda do *Topper.*

– Pensava que o marido dela se chamava Charles...

– Chamava; o *Topper* era o pequinês dela.

A conversa foi interrompida pela chegada de Frances, assistente pessoal de Barty, a brandir uma

caneta e uma mão-cheia de convites de cartão rígido. Frances, tão larga e robusta como um pónei das Terras Altas, vestia-se como uma governanta de um colégio privado. Os seus olhos seguiam em direções diferentes, mas nada lhe escapava e toda a gente, Barty incluído, tinha um pouco de medo dela.

– Tem quatro convites para o fim de semana de sete de junho: a princesa de Alwabbi, os duques de Midlothian, Elliot Slicer e os Bromage – disse ela.

– Tudo isso me parece bastante maçador – disse Barty, sentando-se num sofá rosa-pálido. – Quem tem o melhor jardim? Estou ávido por ver um pouco de cor. Este inverno tem sido tão triste, até os heléboros estão atrasados.

Frances pairava sobre ele, acenando com os convites. Barty fechou os olhos.

– Rosas em junho é o que se quer. O que lhe parece, Em?

Barty abriu um olho e dirigiu-o a Emeline, que empregava em parte por o pai dela ser o marquês mais elegante de Inglaterra, mas também pelos seus alegados conhecimentos da cena social.

– Provavelmente não haverá muitas rosas na Arábia ou no Texas em junho. Os

Brommage estão no barco deles, pelo que sugiro os Midlothian... o paizinho diz que têm uma propriedade linda.

Barty gemeu ruidosamente.

– Querida! O castelo deles fica no norte da Escócia, lá tudo floresce um mês mais tarde, pelo menos! Os seus pais não lhe ensinaram nada?

Emeline ficou envergonhadíssima.

– Desculpe, Barty. Detesto a Escócia, tento nunca ir lá.

– Como todos nós, querida, como todos nós – concordou Barty.

Frances comprimiu os lábios.

– É melhor aceitar o convite dos Alwabbi: com aquele gás todo, ficam mais ricos a cada segundo que passa e nós estamos a tentar gerir um negócio.

– Não use a palavra «negócio», querida. É vulgar – disse Barty num tom queixoso.

– É vulgar ter comida no prato e um teto por cima da cabeça? – replicou Frances no seu tom mais severo.

– Como a Frances preferir – disse Barty, aquiescendo.

– Vou aceitar o convite de Suas Altezas Reais em seu nome.

Frances esboçou um breve sorriso e saiu da divisão.

A principal indulgência de Barty (embora ele a visse como uma vocação) era o seu chalé em Regent’s Park. Construído para a amante de um duque no final do século xix, a Casa Branca era um palácio neoclássico perfeito em miniatura, projetado pelo arquiteto James «Ateniense» Stuart e instalado numa clareira no meio de um parque. Quando os descendentes do duque de Plantagenet tentaram vender a relíquia a promotores imobiliários, Barty impulsionou uma campanha arrebatada para a salvar e persuadiu o juiz a deixá-lo comprar o palácio, restaurá-lo para a nação e, por noventa dias por ano, manter os salões abertos ao público. A Casa Branca sugava dinheiro – se não fosse o telhado, era a canalização, a

caldeira, as janelas, os algerozes ou a instalação elétrica. Barty adorava-a com uma paixão ilimitada e cada centavo dos seus honorários elevados acabava nesse projeto de estimação.

Um tremendo restolhar de plástico e politeno anunciou a chegada do criado de Barty, Bennie. Barty adotava uma aparência diferente para cada ocasião social importante. Quanto mais extravagante o *look*, mais provável era que fosse «falado» e a publicidade, dizia, era boa para o negócio.

Sobretudo, a publicidade era boa para a sua disposição: adorava aparecer na comunicação social.

Até a pior das fotografias ou o comentário mais mesquinho lhe davam prazer. Guardava grandes álbuns com recortes em que aparecesse e, em noites sombrias de inverno, passava horas felizes a rever visuais e festas antigas.

Todas as segundas de manhã, ele e Bennie discutiam compromissos sociais iminentes e roupas inadequadas. Barthomley insistia que cada pormenor deveria ser perfeitamente equilibrado. «Valha-nos o eBay», comentava com frequência. Naquele dia, em honra do aniversário do primeiro número 1

de Elvis, tinham-se decidido por um visual à *Teddy Boy*; Benny andara por lojas de roupa *vintage* em busca de um fato original dos anos 1950, sapatos com sola de crepe e uma peruca com uma poupa à cauda de pato.

– Que acha destes? – perguntou-lhe, mostrando-lhe um casaco castanho e uma absurda peruca preta.

– Adoro, adoro, adoro. A lapela cor-de-rosa é simplesmente divina – disse Barty, a bater palmas e vestindo o casaco para se ver ao espelho de três faces. – Sou literalmente o Elvis – declarou, ao que parecia sem ironia. – Queridos... preocupa-me que talvez seja demasiado convincente. O que acontece se ninguém adivinhar que sou eu? – perguntou, a dar voltas em frente ao espelho.

– Acha que o público da estreia de *Der Rosenkavalier* vai pensar que o Rei decidiu reincarnar na Ópera Real? – argumentou Bennie.

– Mas fica-me bem?

Barthomley receava que a combinação de uma lustrosa peruca preta e a sua pele

pálida de sessenta e nove anos não fosse lisonjeira.

– Eu cá ia consigo! – riu-se Bennie.

– Cuidado. Olhe que ainda o faço cumprir isso!

Ambos sabiam que não o fariam. Barthomley achava que o sexo era tremendamente vulgar, devendo ser deixado para os jovens.

Mesmo depois de cinquenta anos a ser submetido ao escrutínio público, a ser fotografado com todas as pessoas famosas da zona e de fora, ninguém da sua terra em Keddlesmere alguma vez o reconhecera ou entrara em contacto com Barthomley. A sua versão mais jovem, nascida a 14 de março de 1945 com o nome Reg Dunn, saíra de casa a 14 de março de 1960 e nunca mais voltara.

Aos quinze anos, já sabia que não havia futuro para «maricas» em Keddlesmere. Soltando a antiga personalidade como se de uma pele indesejada se tratasse, criara uma nova identidade unindo os nomes das aldeias por que passara à boleia até Londres. Reg Dunn morrera: longa vida a Barthomley Chesterfield Fitzroy St. George.

Na sua primeira noite na cidade, Barthomley fora engatado por um ministro conservador na estação de metro de Piccadilly Circus, o qual recomendara o jovem aos colegas e, a partir daí, o jovem Barty passara da «Casa» para as grandes mansões de Inglaterra. «Aprendi aos pés dos grandes», gostava de dizer. «Eu estava de joelhos; eles estavam de pé.» Ao fim de cinco anos, Barty passou de prostituto a padrinho. Não se dava apenas o caso de Barthomley ter atingido a maioridade numa era em que as diferenças entre as classes sociais se esbatiam, em que era considerado chique ter amigos de diferentes origens; o principal motivo para o sucesso social de Barty baseava-se num facto simples: ele melhorava a vida. Quer se estivesse encafuado num esconderijo de caça numa charneca

da Escócia, num comboio da realeza no Rajastão ou num lanche de uma duquesa viúva, a companhia de Barty tornava tudo muito mais divertido. A sua insaciável sede de viver, a capacidade que tinha para ver o ridículo (especialmente em si mesmo) e o seu genuíno amor pelas pessoas era compulsivamente adorável. Barthomley Chesterfield Fitzroy St. George tornou-se conhecido como

«querido Barty» e festas e eventos da sociedade passaram a ser planeados de

acordo com a sua disponibilidade. As asperezas da sua pronúncia foram desaparecendo e, ao fim de uma década, fazia de tal forma parte da classe alta que a maioria presumia que a sua família fosse nobre.

No entanto, ao contrário do novo mundo em que se movia, Barty não tinha qualquer fundo fiduciário, tias solteironas indulgentes ou educação a que pudesse recorrer, e percorrer as festas das casas de Inglaterra, ser a vida e a alma de cada condado, isso era estafante. Barty ansiava por alguma independência, um *pied-à-terre* para onde pudesse escapar e um pé-de-meia para a reforma. A sua carreira começara por acaso: em 1979, com a queda do Xá do Irão, Londres viu-se subitamente cheia de persas abastados e deslocados, com dinheiro para queimar mas sem fazerem ideia de onde deveriam gastá-lo. Cobrando uma taxa, ele encontrava-lhes apartamentos, decoradores, assistentes pessoais e alfaiates. Mostrava-lhes que bares e clubes deviam frequentar e instruía-os quanto às *nuances* da vida britânica. Ajudava os seus protegidos a darem festas monumentalmente extravagantes. Depressa descobriu que, quanto mais altos os honorários, mais feliz ficava o cliente.

Quanto mais cobrava, mais seguros eles se sentiam.

Barty nunca teve um cartão de visita; nunca precisou de uma descrição para o seu trabalho. Tudo funcionava estritamente através do boca a boca. Os ricos e carentes rapidamente o encontravam.

«Considere que sou parte Svengali, parte Henry Higgins, com uma pitada de Cedric Montdore», dizia às pessoas, embora poucas entendessem as referências.

– Vamos lá pôr a «Hound Dog» a tocar e entrar como deve ser no espírito – disse Barty, enfiando os sapatos de sola de crepe. – Depressa, depressa, Em, ligue lá o Spotify.

Emeline correu até à aparelhagem e, segundos depois, a voz de Elvis já ricocheteava pela sala.

Barty deu-lhe a mão e começaram a dançar o *rock'n'roll.* Enquanto dançavam, vários assistentes entraram para fazerem perguntas.

– Barty, o Mitch quer mudar de alfaiate e ir a Hunstman... alguém lhe disse que eram os mais antigos. – Milly era uma de sete raparigas que o ajudavam a gerir clientes individuais.

– Savile Row é tão século passado. Se ele quer ficar a parecer-se com um *Chow Pei*, a escolha é dele.

– *Chow Pei* é um prato chinês?

– É uma raça de cães... não vos ensinam nada na St. Mary's Ascot?

Amelia, que tratava dos sul-americanos, foi a seguinte.

– O primo do Carlos Braganza foi preso em Northolt por trazer cocaína no seu avião privado e gostava de saber se pode ajudá-lo.

– Ligue àquele querido dos Negócios Estrangeiros que eu conheci em Highgrove.

Diandra, que se ocupava dos russos, estava muito agitada.

– O Dmitri Voldakov quer saber se pode organizar um chalé em Gstaad onde durmam trinta pessoas?

– Diga-lhe que sim, claro... nem que eu mesmo tenha de construir um.

– A Pilar despediu o decorador... pode recomendar outro? – perguntou Dambesi.

– Já é o terceiro num mês! Vou ter de pensar e dar-lhe uma resposta depois. Alguém viu o M. Box

Power nos Mojos, ontem à noite? Meu Deus, é mesmo *sexy.*

– Pensava que tinha estado com os Swindon, ontem à noite.

– Aquilo estava um bocado aborrecido, por isso segui para os Mojos. Acha que a poupa é demasiado grande?

– Não, é perfeita.

– Tenho o rímel esborratado.

Barty, a ofegar ligeiramente, tornou a sentar-se no sofá cor-de-rosa.

Frances voltou a aparecer e baixou a música.

– Mas o que irá o russo pensar? – perguntou-lhe. – Não acha que devia conhecer este novo cliente com um visual mais discreto?

– Qual russo?

– Vladimir Antipovsky. Vai encontrar-se com ele daqui a vinte e cinco minutos na casa nova dele, em Berkeley Square.

– Esqueci-me por completo. Quero ir à inauguração do Tim antes da ópera.

Frances leu do seu caderno de apontamentos.

– Vlad Antipovsky, quarenta e um anos, de Smlinsk, uma vila na fronteira da Sibéria. Controla 43

por cento das reservas mundiais de estanho. Estima-se que valha uns 8 mil milhões de dólares, e há de valer mais. Não tem mulher nem dependentes conhecidos. Não se lhe conhecem interesses. É mais uma das expulsões súbitas do regime.

Barty virou-se para Frances, com os olhos a brilhar de excitação.

– Imagine como deve sentir-se abjeto, e logo sem mulher ou dependentes. Não há dúvida de que adoro uma tela em branco. Pense-se só no potencial. A transformação. Deve ser o que Miguel Ângelo sentiu quando encontrou aquele pedaço perfeito de mármore de Carrara: onde a maior parte das pessoas via um naco de pedra, ele viu David. Quanto dinheiro é que disse que ele tem?

– Oito mil milhões – respondeu Frances.

– Libras ou dólares? – quis saber Emeline.

– Querida, às vezes é tão vulgar – censurou-a Barty.

Os funcionários novos partiam do princípio de que o amor que Barty votava aos recém-enriquecidos era motivado pela ideia de comissão; enganavam-se. Barty adorava o seu trabalho. De cada vez que resgatava um novo cliente à obscuridade social e ao esquecimento cultural, revivia a sua própria fuga de Keddlesmere. A verdadeira emoção não era quantificável financeiramente, desde que lucrasse o suficiente para manter a Casa Branca aberta. Muitas vezes dizia

que o seu cartão profissional, caso tivesse feito um, diria «Alquimista»; «Recebo dinheiro e ignorância e teço-os para formar um paraíso terreno.»

Bennie tentou fazer um ajuste final à peruca, mas Barty já se tinha levantado e encaminhava-se para a porta.

– Levem-me ao meu russo. Depressa, depressa. Despachem-se, despachem-se. Não há um momento a perder.

Sozinho, na sua casa de dezassete divisões recém-adquirida em Berkeley Square, Vlad Antipovsky estava imerso num profundo lamaçal de angústia. Tinham-se passado exatamente cinquenta e quatro dias desde que oito homens de fato preto tinham entrado no seu gabinete de Moscovo com um bilhete

só de ida para Londres. Tinham-lhe dado trinta minutos para que desocupasse a secretária, caso contrário arriscava-se a perder as casas, as empresas e a liberdade. Uma suíte do Connaught fora reservada em seu nome até que encontrasse uma casa e um escritório. Desde que Vlad fizesse um ou outro favor a uma pessoa que permaneceria anónima, que não se metesse em problemas e se abstivesse de se associar a quaisquer atividades ou comentários políticos, poderia reter 65 por cento da fortuna e viver sem recear ser assassinado ou preso. Caso se comportasse, poderia visitar Courcheval para desportos de inverno, St. Barts para apanhar sol no inverno e Cap d'Antibes durante o mês de agosto.

Vlad não pôs em causa nem a autoridade, nem as intenções deles; não precisava. Ainda no dia anterior, Anatoli Aknatova, outrora um oligarca abastado e poderoso, fora exibido na televisão nacional, emaciado e algemado, depois de se encontrar encarcerado numa minúscula jaula de metal pelo quinto ano consecutivo. Tinha havido outros exemplos de homens que tinham enriquecido excessivamente ou que tinham sido ouvidos a expressar uma opinião hostil ao regime. A maioria não era presa com o conhecimento público; limitava-se a desaparecer. Um acidente de avião ou um ataque cardíaco serviam de lembrete para que todos soubessem quem detinha o verdadeiro poder e quão rápida e eficientemente era possível dar-se uso a esse poder.

Vlad fora direto para o aeroporto. Não tinha família que levar consigo, nem amigos a sério de quem se despedir, mas o seu coração e a sua alma estavam enraizados em solo russo. Sem a sua adorada pátria, aquelas paisagens vastas, aquela pobreza e grandiosidade, a vida de Vlad perdia o significado. Visitara

Londres algumas vezes, e a pequena escala parecia-lhe deprimente. Quanto às mulheres europeias, eram como os póneis das minas – só pernas curtas e moral lamacenta.

Ao chegar ao Connaught no final de agosto, encontrara um envelope com os seus novos dados bancários e opções de compra de ações. Para sua surpresa, podia fazer levantamentos, desde que com aviso prévio, com o consentimento de um cossignatário sem rosto; no entanto, aqueles ativos podiam ser-lhe retirados a qualquer momento e dependiam da permanência de Vlad fora da Rússia e do crescimento do seu negócio a uma taxa anual de 6 por cento. Os novos coacionistas (anónimos) tinham o direito de retirar capital sem aviso. Vlad sabia perfeitamente quem era aquele acionista; não havia autoridade mais elevada.

Durante os primeiros vinte dias, mal saíra da sua suíte, andando de um lado para outro a considerar as opções ao seu dispor, que eram extremamente limitadas. A única linha de ação era ficar em Inglaterra, à espera de uma mudança de regime. Acalentava sonhos tácitos de ajudar a estimular um golpe de estado. Deveria haver eLivross russos em número suficiente para formarem uma aliança formidável. Contudo, Vlad tinha demasiado medo de dar voz ao seu sonho, mesmo em privado; suspeitava de que os outros sentiriam o mesmo.

Tentou aplacar a solidão com consumo desenfreado, requisitando raparigas, carros e champanhe pelo serviço de quartos. Uma semana depois, assinou o contrato de arrendamento de um novo escritório e comprou uma casa em Berkeley Square. Passaram-se outras duas semanas e ele já tinha ido para a cama com mais raparigas desde que chegara a Inglaterra do que no resto da vida. Tinha dezassete carros e empregava quatro secretárias, um mordomo, dois criados, um motorista, três guarda-costas e onze filipinos. Mas, apesar de toda esta atividade, Vlad sentia-se séria e desesperadamente aborrecido. Quando dois amigos, Natalia e Stanislav, os únicos moscovitas que conhecia que pareciam felizes a viver em Londres, lhe sugeriram que conhecesse Barty St. George, Vlad concordou, embora pouca ideia fizesse do que ou quem esperar.

Quando o diminuto e envelhecido *Teddy Boy* chegou à sua casa vazia, Vlad partiu do princípio de que se trataria de uma piada complexa.

– Não me disseram que seria tão bonito! E grande. Que grande. Hmmm! – exclamou Barty, correndo para ele de mãos abertas. – Meu querido, é tão delicioso que se pudesse o espalhava numa tosta. – Barty deu um estalido com

os lábios. – E tão musculado. E alto. Quanto mede? Dois metros, de meias? – Contornou Vlad, a fazer sons de apreço. – Sabe que a primeira vez que vim a esta casa foi em 1964, morava cá o conde Honey. Podia contar-lhe algumas histórias acerca dessa noite, mas o meu amigo é demasiado heterossexual para as apreciar. O Coelhinho Honey, como lhe chamávamos, saltitou pela sua fortuna inteira em sete anos. Devo admitir que o ajudei um pouco. As festas que costumávamos dar. Que divertido.

Vlad perguntava-se como haveria de retaliar aquela provocação de Natalia e Stanislav. Talvez mandasse entregar uma carrada de macacos na casa de campo deles.

– E se nos sentássemos? – Barty olhou em redor, observando a sala vazia. – Estou a ver que não tem mobília. Podemos tratar disso. Nem cortinas. Tem dormido aqui?

– No Connaught – disse Vlad, perguntando-se quão rapidamente poderia escapar de novo para o anonimato relativo da sua suíte de hotel.

– O Connaugh é tão sinistro... como é que aguenta? Não importa, vamos dar uma vista de olhos.

Barty apressou-se a avançar pela casa, avaliando a sua condição e medindo o potencial. Vlad seguia-o, observando, espantadíssimo, o *Teddy boy* que ia rabiscando notas num pequeno caderno de couro.

– Está a perguntar-se porque estou aqui e que diacho posso fazer por si.

Barty olhou para Vlad com uma expressão bondosa, avuncular. Tinha noção de que, apesar de toda a sua altura e força, dos milhões postos de parte num banco local, o homem que se encontrava junto a si estava assustado e sozinho. Não era o primeiro eLivros russo a quem Barty ajudara.

– Por favor, falar devagar... inglês não bom – disse Vlad, que tinha de reconhecer que havia algo compassivo naquele estranho homem; era como o médico na mina, cujos modos tranquilizadores tivessem sido aperfeiçoados por anos a lidar com desastres naturais.

– Está a ver, meu rapaz, de nada serve ter dinheiro se não nos divertirmos nem fizermos nada com ele, pois não? Se for esperto, o dinheiro pode dar-lhe uma

vida *e* mais dinheiro! – Barty bateu palmas como que para sublinhar o seu argumento. – Na minha opinião, tem uma escolha. Pode passar o resto da vida nesse hotel horroroso, ir ao Sketch e a outras discotecas e passar tempo com tipas ordinárias em *jacuzzi*. Fazer férias em Courcheval e em St. Barts. Arranjar um avião maior, talvez um barco ou dois. O seu dinheiro chegará para lhe comprar um lugar à mesa principal com um ou outro membro pouco importante da realeza. Ou pode seguir as minhas sugestões e em breve presidentes, primeiros-ministros e até alguns reis e rainhas pedirão para se sentar consigo.

– Rei, rainha? – Vlad estava perplexo.

Barty estava a ver que aquele grande rufia russo não entendia os pontos de referência, não estava a ficar devidamente impressionado. Talvez tivesse encontrado alguém que não pudesse transformar, talvez aquele homem nunca fosse empreender a viagem de crisálida a borboleta. Barty sentia um profundo *ennui.* Talvez ele mesmo já tivesse tido que chegasse. Estava quase a fazer setenta anos.

Reformar-se? Talvez estivesse na altura de se recostar, cultivar rosas ou levar um jovem a passar uma temporada no Sul de França. A ideia era tentadora, mas não tão deliciosa como o desafio que tinha diante de si.

– Conhece os meus encantadores clientes, Carbaritch e Vassonliswilli?

Vlad apurou os ouvidos. Claro que tinha ouvido falar deles. O mineiro ucraniano e o fundidor da Geórgia eram lendas no Cáucaso. Dois homens que tinham feito fortunas com carvão e aço, que tinham sido eLivross dos seus países e reemergido como atores principais nos mercados acionistas globais. Carbaritch tornara-se tão rico que pudera adquirir um estúdio de cinema e uma editora discográfica, o último patamar sem lucros de um ricalhaço. O que era mais importante era que Carbaritch e Vassonliswilli pareciam felizes.

Barty percebeu que tinha acertado no alvo. O russo já compreendia. Inclinando-se para frente, disse-lhe, num sussurro conspiratório:

– Tudo obra minha. Eram zés-ninguém infelicíssimos quando saíram do avião. Fui eu que os fiz.

– Como fazer? – Vlad parecia cético.

– Querido, mostrei-lhes como haviam de viver. O Carbaritch (eu chamo-lhe Cabbie negro... é tão maroto) chegou a Londres com uma mulherzinha desleixada e vinte milhões. Agora tem uma ala na Tate nomeada em sua honra e um lugar de destaque em Davos. Remodelámos-lhe a mulher, com o melhor cirurgião de Hollywood, pusemo-la a seguir a dieta Dukan, demos-lhe dentes e joias novas e ela agora almoça com a Dasha.

– Vassonliswilli?

– Há dez anos, o único cavalo que ele alguma vez tinha visto era um pónei de minas. No ano passado, o cavalo dele venceu a corrida King George VI. Para o próximo, é um dos preferidos para a Breeder's Cup. Segundo me consta, Sua Majestade vai convidá-lo a acompanhá-la no Camarote Real, em Ascot. Nada mal, para um *gangster* assassino.

Vlad olhou automaticamente para trás. Vassonliswilli era célebre pela facilidade com que premia o gatilho, sobretudo com os críticos.

– Roma não se fez num dia; levou-me um ano ou dois.

Pela janela, Vlad fitou a paisagem urbana de Londres. Caía uma chuva miudinha e tudo o que ele via era cinzento. Um céu cinzento, telhados cor de chumbo, pombos cinzentos a abrigarem-se sob canos cinzentos. De repente, ansiou pela paisagem dramática da Sibéria, com o seu imenso horizonte vazio e ventos ensurdecedores. Como poderia ele alguma vez fazer dali a sua casa, daquele sítio tão pequeno, tão provinciano?

– Perturbei-o? – perguntou Barty, ansioso. O grande russo ganhara subitamente um ar tão triste e vulnerável, encolhido dentro do enorme casaco de cabedal.

– Não, pensar – disse Vlad.

– Em casa? – quis saber Barty.

– Sim. – Vlad estava surpreendido.

– Nunca conhecer ninguém que tenha emigrado da Rússia e não viver atormentado pela pátria.

Quando ele estar no auge da fama, eu costumar abraçar o Rudolf Nureyev que

soluçar pela Mãe Rússia.

Vlad olhou para o outro lado da sala, onde estava aquele pequeno e excêntrico imitador de Elvis; vestia-se como um bobo, mas estava longe de ser um tolo.

Barty pressentiu uma mudança na atmosfera.

– Esta casa é boa mas não se encontra propriamente no sítio certo. Berkeley Square está *passé.*

Onde quer viver é em Chester Square. Se Deus existisse, teria feito esse sítio três vezes mais comprido. Que pena ser tão pequeno.

– Nome de rua que vive Natalia? – perguntou Vlad.

– Kensington Park Gardens, uma daquelas mansões imponentes que dão para o Holland Park. O

Aditi Singh vai ter um evento lá na quinta-feira. Iremos.

– Aditi?

– Singh. Um industrial, é dono de metade da Índia. Pagou pela Garden Bridge, que cruza o Tamisa, e agora a ponte Singh é um dos maiores marcos da Europa. Bela jogada. Deveríamos pensar em algo assim para si. Imagine uma torre Vlad Antipovsky marcando para sempre a paisagem da cidade de Londres.

– E *hobby*?

– Tem três escolhas principais. Cavalos, carros ou arte. Os Árabes adoram cavalos porque, como saberá, é possível seguir a linhagem de todos os cavalos de corrida até um par de garanhões árabes.

Por isso, um e outro xeque veem-no como uma coisa de proveniência. Os cavalos, contudo, são um risco. Mesmo que consiga a melhor criação, o melhor treinador, o melhor jóquei, não há garantia de sucesso. Os malditos animais são tão temperamentais. O piso tem de ser ideal, apanham resfriados e partem coisas. Aqui entre nós, a vida social é um pouco limitada. De vez em quando há uma ovação aliciante e um ou outro vislumbre da Rainha, mas, na verdade, resume-se a manhãs frias, galochas e fazenda; muita espera e pouca ação.

Vlad nunca gostara muito de cavalos. A mina tinha estado cheia de animais de ar desesperado, cuja pele lhes pendia dos ossos como cortinas e que olhavam para o mundo através de olhos feitos de mágoa líquida.

– Carros? – A ideia agradava-lhe. Eram masculinos, excitantes e não requeriam qualquer investimento intelectual. Qualquer um podia falar de uma junta ou de um carburador.

– Teria de ser Fórmula Um, claro está – disse Barty. – Terá de comprar a entrada numa equipa: McLaren, Fiat, sabe. Mas, se acha que a malta das corridas de cavalos é enfadonha, oh, meu Deus. –

Barty lançou as mãos ao ar. – Silverstone é como Epsom, mas muito mais ruidoso. A minha noção de horror total. Não, tem de ser arte. Arte é a resposta! – exclamou, com grande brio.

Vlad sentiu-se imediatamente deprimido. Nada sabia acerca de arte. Na verdade, a primeira imagem original que tinha visto fora ao ir a Moscovo, quando tinha dezoito anos. Estavam vinte e quatro graus abaixo de zero e, para escapar ao frio, deambulara para o interior do museu municipal, cuja entrada era gratuita e que parecia estar apenas ligeiramente mais quente do que as ruas lá fora.

– Não saber de arte.

– Ninguém sabe! Montes de gente finge que sim... inventam todo o género de tretas abstratas acerca de escolas e movimentos e por aí fora, mas, para ser sincero, não passam de patranhas.

– Patranhas?

– Petas. Lérias. Cantigas.

Vlad nunca tinha ouvido falar de nenhum daqueles artistas. Decerto poderia ater-se a coisas que conhecia, como *Rolls, Lamborghini* ou *Bentley*? Qual era o problema de algo prático?

– Paredes! – exclamou Barty, acenando com os braços. – Paredes, paredes, montes de paredes encantadoras e vazias. Já imagino Jovens Artistas Britânicos intercalados com algum Impressionismo sério e abstrato.

Vlad também olhou para as paredes, mas via tijolos e betão, e cada uma era sua, a concretização de um sonho de infância. As paredes da casa da sua infância eram de gesso e contraplacado. Aquelas estruturas frágeis, que mediam seis metros quadrados, separavam as famílias visualmente, mas nunca

continham o som: cada fôlego, espirro, discussão, riso, cada disposição, boa ou má, reverberava pelos apartamentos. Vlad nunca se habituara à falta de privacidade física e a viver em mínimos subespaços pessoais no minúsculo apartamento de duas divisões. Para ele, o barulho invasor nunca fora suportável ou previsível e nunca houvera forma de o bloquear, quanto mais antever quando os Yalta teriam uma briga, Leonard bateria com o dedo do pé nalgum sítio ou os gémeos Smelty decidiriam pôr um disco a tocar.

– Bom, o que penduraremos nelas? Estou a pressentir alguma arte contemporânea.

– Não – disse Vlad com firmeza.

– Não? Então e se forem só alguns artistas mortos?

– Não.

– Um pouco mais do que mortos?

– Arte antiga. Romântica.

– Oh, não, querido. Na verdade, não importa o que compra, o que está em causa é o que vem por acréscimo. Eu estou a tentar dar-lhe uma vida. Arte moderna equivale a diversão, luz e cor. Arte antiga é vinho quente e queijo, tornozelos grossos e sapatos rasos. O mundo da arte moderna é feito de *martinis* e *sushi*, *Azzedine* e *Louboutin*.

Vlad continuava a não fazer ideia do que estaria a falar o Elvis envelhecido, mas decidiu assentir simplesmente com a cabeça para o manter calado.

Agarrando nas enormes mãos de Vlad com os seus dedos minúsculos e com uma manicure perfeita, Barty fitou o rosto do russo.

– Vamos divertir-nos imenso. Venho buscá-lo amanhã às seis.

Soltou o russo, deu meia-volta e esgueirou-se pela porta. Ia perder o primeiro ato de *Der Rosenkavalier*. Lady Montague ficaria tremendamente zangada – montes de rosas brancas extra para o dia seguinte – mas, não obstante, Barty não se importava: aquele russo seria uma das suas maiores transformações.

Capítulo 6

Deixe-me adivinhar o que está a pensar. A rapariga encontra um quadro; o quadro afinal vale uma fortuna. A rapariga (finalmente) encontra um rapaz com coração. A rapariga vende o quadro, ganha milhões, casa com o rapaz e todos vivem felizes para sempre.

Vá-se lixar. Sim, ouviu bem, vá-se lixar, como costumava dizer a lata de biscoitos na loja de Bernoff (estava decorada com *Os Guarda-Chuvas* de Renoir, o que explica bastante).

A vida não é assim tão simples.

Para começar, serei eu uma obra-prima? A minha palavra basta-lhe? Qual é a definição de obra-prima? Em última instância, não passa de uma pintura de que muita gente gosta. Ora, se ninguém me vê, como poderá um consenso ser alcançado?

Talvez eu esteja apenas a divertir-me às suas custas. Talvez não passe de uma falsificação velha. A passar-lhe uma rasteira, como dizia a calçadeira (era a única piada que conhecia).

Por isso, não importa se sou ou não o que digo ser. O que importa é que me querem. Talvez não saibam ainda que me querem mas, quando eu tiver contado a minha história, quando a compreenderem, todos irão querer-me.

O meu futuro depende de que haja gente a acreditar que valho algo e preciso de ser protegido. A arte só sobrevive quando toca no coração de alguém e lhe oferece consolo e serenidade. Um grande quadro é a destilação da emoção, oferecendo uma mão compassiva que atravessa o tempo e as circunstâncias. Uma composição maravilhosa inspira comunhão e harmonia. Não admira que os mortais lutem pela nossa posse.

Neste momento, valho menos do que 100 libras, o meu nadir absoluto. No total, tenho duas admiradoras. E uma delas, a velha bêbeda, esborratou-me a folhagem

com manteiga e gorduras animais.

Ainda assim, o jovem guia olhou duas vezes para *moi*. E talvez, se a Annie não lhe tivesse dado a volta à cabeça, ele me tivesse observado ainda com mais atenção.

Não é que ratifique esta união. Veja-se só o fato amarrotado dele. Em segunda mão, imagino. O

guia não é endinheirado. Preciso de prosperidade; a minha melhor oportunidade de conhecer mais um século é através da abastança. Quanto menos vezes eu for vendido, quanto melhor for o telhado que me abrigue, mais tempo sobreviverei. Não estamos a encorajar velha bombazina. *Non.*

Regressemos ao dia da visita ao museu. A pura ignomínia de ser enfiado num saco com três sanduíches. Graças a Deus, era o enfadonho e velho edam, em vez dos pungentes e derretidos *cheddar* ou *stilton*. Chocante, a bem da verdade. Imagine-se o que senti ao ser revelado em frente a todos aqueles velhos conhecidos, incluindo obras menores de Pater e Lancret; meros imitadores do meu mestre.

Houve sussurros de reconhecimento, um arquejo de horror coletivo quando fui tirado do saco: se aquilo pudera acontecer a *moi,* decerto poderia acontecer a qualquer um deles.

Eu já tinha estado pendurado com alguns daqueles quadros, noutra vida, incluindo aquele grupo de Canalettos comprados pelo primeiro marquês de Hertford. Canaletto, como todos sabemos, atirava-se àquelas paisagens venezianas com uma frequência alarmante. Era um pintor amaldiçoado pelo seu próprio sucesso – aqueles canais intermináveis eram tão prezados que o pobre e velho Giovanni nunca conseguia vender outra coisa. Imagine-se como deveria ser enfastiante pintar e tornar a pintar aqueles cursos de água velhos e malcheirosos.

Divago. É um mau hábito que tenho, fruto da idade e da solidão. A cafeteira da loja de Bernoff costumava chamar-me Pedro das Prédicas. Eu ignorava o chiste. Aconselho-o a continuar a ler, caso contrário poderá perder alguns pormenores cruciais do enredo. Até é possível que aprenda qualquer coisa.

De volta à Wallace. A maior parte das obras de arte e dos móveis que se encontra

naquela instituição venerável foi comprada para demonstrar a riqueza e o gosto superior do proprietário. Os Hertford originais nada sabiam acerca de arte. Não precisavam: tinham mulheres e conselheiros que lhes diziam o que comprar e quando. Por trás de cada grande colecionador encontra-se um batalhão de negociantes, consultores e críticos. Isso não minorou a minha humilhação ao ser tirado como um *lapin* de um *chapeau* e manuseado por uma flausina bêbeda, quase preso, enfiado novamente em *plastique* e enviado de volta para o frio da rua. Lá fora, a mãe arranjou uma discussão infundada com a filha e foi-se embora. Não precisava de uma desculpa – o desejo de beber vence sempre. Annie avisou-a, dizendo que, desta vez, não a tiraria da cadeia. Mas todos sabemos que o fará. A necessidade que tem de cuidar e proteger a mãe é tão forte como a que Evie tem de se autodestruir.

Evie levou-me numa excursão por vários *pubs*, durante a qual quase fui deixado, dentro do saco de plástico e em cima do balcão, não uma mas duas vezes. Muitas horas depois, chegámos a «casa» e eu fui atirado para um canto. Quase sentia nostalgia pela loja de Bernoff. Nunca julguei que fosse dizer isto.

Quando Annie chegou a casa, a mãe tinha perdido os sentidos. Tirando-me cuidadosamente do saco de plástico, ela limpou-me a manteiga da folhagem e fitou-me durante muito tempo. Não dava para perceber se estaria a pensar num amor perdido havia muito ou em *moi*.

Remexendo na sua mala, tirou de lá o postal da Wallace e segurou-o a meu lado. Trata-se de um esboço, não de uma pintura e, embora não fosse um estudo para *moi*, retratava uma cena similar: delicadeza na folhagem, nas roupas, nos penteados e nas disposições.

O meu mestre desenhava constantemente, tudo por gosto. No desenho, nem os grandes mestres o superam. Pergunte-se a um Rubens ou um Rafael quem é o desenhador mais genial e original. Vá, consulte um Rembrandt ou um Ticiano, já agora. Antoine está mesmo no topo. Na verdade, diria mesmo que nunca encontrou igual no que concerne o desenho a lápis. Tinha uma liberdade de mão e uma leveza de toque sem rival. Com uns laivos de giz vermelho, preto e branco, por norma em papel cinzento, ele capturava a delicadeza do perfil de uma pessoa e fazia as faces cantar com rubores arroxeados e os olhos ganhar vida com um brilho radiante. Outro efeito de um brilhantismo incandescente era passar branco ao lado do preto, o que acrescentava radiações e iluminações encantadoras. Gostava especialmente de desenhar as costas das figuras, para

poder capturar as *coiffures* do período. Não havia muito dinheiro para pagar a modelos, pelo que estes tinham de ser apanhados desprevenidos, em salões, nos parques.

Os esboços das paisagens eram feitos a giz vermelho – *pensées à la sanguine*. (Não se trata de um prato nacional.) Os estudos de folhagem e troncos exibem um cuidado e uma exatidão minuciosos. A

leveza do seu toque era tão delicada como o roçar das pétalas de uma flor ou de uma borboleta a pousar. Há algo quase impressionista a separar as folhas de erva numa margem florida. A partir daqueles esboços extraordinários, o meu mestre introduzia manchas de tinta, da maneira mais subtil, como se fragmentos de cor acabassem de ser soprados pela brisa. Pintava em tons de dourado e mel e cada pincelada seguia a disposição do momento – *l'heure exquise.* As suas paisagens resplandeciam com o fulgor do meio-dia, as suas figuras representavam faróis de estilo; as suas damas agitavam raios cintilantes das saias de seda, enquanto as mangas curtas de cavaleiros pareciam lanternas luminosas. As suas beldades tinham uma espécie de *désinvolture* (é melhor arranjar um dicionário). O meu mestre era o pintor-poeta de devaneios ideais; as suas obras eram tão doces e livres como inspirações do céu.

Agrada-me pensar que Annie terá ouvido ou intuído tudo isto; e que o génio do meu mestre brilhava através de sujidade e verniz. Durante dez minutos, pelo menos, os olhos dela dardejaram entre o postal e a minha superfície, das figuras para as árvores e para a fonte.

Depois virou o postal e viu um número rabiscado no verso, com um nome, Jesse. Sorriu. Senti-me bastante impressionado. Ela é extremamente bonita. Claro que nunca lhe telefonará; isso simplesmente não acontece.

Capítulo 7

Na sua imaginação, e de acordo com a receita (era certo que fora redigida quatrocentos anos antes), Annie via e saboreava a tarte: uma confeção perfeita de pistácio e peras a flutuar num creme aromatizado com romã e gerânio. Apesar de ter seguido as instruções até ao último grão de açúcar, a sobremesa recusava-se a solidificar. Eram três da manhã, faltavam menos de dezassete horas para que os primeiros convidados se sentassem à mesa dos Winkleman. As lágrimas de Annie caíam livremente na tigela da mistura; não chorava por não ter

conseguido; chorava pelo desespero com que queria consegui-lo.

Nos últimos seis dias, não dormira mais do que algumas horas por noite: medo e excitação tinham-na mantido acordada. O jantar apresentava-lhe a oportunidade perfeita de criar um festim memorável e delicioso, bem como o palco para testar uma teoria secreta. Annie acreditava que o sabor e os aromas tinham o poder de transportar as pessoas para outros locais. Por vezes, tratava-se de uma viagem para uma disposição diferente, mas também era uma forma de viagem no tempo. Para ela, a mínima pitada de erva acabada de cortar, a essência de agulhas de pinheiro, um *soufflé* de queijo acabado de crescer, o cheiro de uma rosa-canina ou de um aguaceiro sobre folhas outonais bastavam para evocar verões passados. Para o jantar dos Winkleman, ela queria levar os convidados para um mundo que Caravaggio teria reconhecido; que deixassem o século xxi, nem que fosse só por umas horas, e sentissem o espírito e o ser imersos no final do século xvi.

No meio da cozinha, em casa, rodeada por uma modesta coleção de taças de loiça e panelas, Annie sentiu-se envolvida pelo desespero. Corria o risco de perder tanto o trabalho como a fantasia.

Desligou o bico do fogão, foi até ao quarto e deitou-se na cama, completamente vestida, ao lado da mãe; adormeceu de imediato. Pouco depois, foi acordada pelas engrenagens ruidosas do camião do lixo na rua lá em baixo e deixou-se ficar durante alguns momentos, ouvindo os caixotes a serem despejados. Talvez, pensou, seja melhor dizer à Rebecca que arranje outra pessoa ou esforçar-me por garantir um *chef* temporário com provas dadas – Londres deve estar cheia de cozinheiros em busca de emprego. Uns segundos depois sentou-se, direita como um fuso; não desistiria com tamanha facilidade.

Saiu do quarto e foi até à mesa da cozinha, coberta de livros da biblioteca e impressões de receitas do tempo de Caravaggio. Já decidira quais seriam os primeiros dois pratos: codornizes bebé desossadas e escalfadas em vinho, servidas com *gnochi* num molho de *ricotta* e agriões, a que se seguiria vitela assada, adornada com contas de cebola, beterraba e uvas. A sobremesa, concluiu, precisava de ser ligeira, frutada, algo que limpasse o palato. Talvez, pensou ela enquanto folheava as diferentes opções, esteja a tornar isto demasiado complicado. Das receitas romanas e sicilianas, passou para as de Nápoles. Pensou e descartou tarteletes de maçapão, pastéis de ameixa e ginja, uma salada de flores, fatias douradas com açúcar e canela. Num velho livro a desfazer-se, encontrou a sobremesa perfeita: marmelos e peras finamente fatiados, escalfados

em água de rosas com mel. Não

seria muito difícil encontrar aqueles frutos. Annie decidiu acrescentar, como decoração, arilos de romã da cor de rubis e minúsculas folhas verdes de gerânio com aroma a rosas. Olhando para o relógio, viu que já eram oito da manhã. Faltavam exatamente doze horas para que o primeiro convidado se sentasse. Agarrando no computador, enviou o menu final aos calígrafos que criariam cartões para o lugar de cada convidado.

Septimus Ward-Thomas tinha um problema e, tanto quanto lhe era dado a ver, não havia solução.

Fora pedido à sua instituição, a National Gallery, que fizesse mais uma redução significativa no financiamento governamental, aumentando não obstante quer os programas, quer o horário de abertura. E os seus funcionários já recebiam pouco para o muito que trabalhavam.

– Este país enfrenta uma crise económica sem precedentes e temos de avaliar os méritos relativos dos bancos alimentares por oposição aos museus – disse Curtis Wheeler, conselheiro especial do ministro da Cultura. – O meu ministro compreende, mas sem que haja algo de peso e persuasivo na revisão de gastos da próxima semana, reticências.

– Reticências – repetiu Ward-Thomas numa voz sumida.

– A sua concorrente é a saúde e a educação – disse o conselheiro especial.

– O financiamento dado às artes representa uma proporção diminuta dos gastos gerais.

– É uma questão de perceção.

– Os nossos números de visitantes encontram-se em níveis recorde, nunca antes alcançados –

protestou Ward-Thomas.

– Não chegam a secções minoritárias da população.

– Sete milhões de pessoas representam uma grande percentagem.

– Mas será que é a percentagem certa? Ou terá demasiados estrangeiros e idosos?

O diretor calculava que Wheeler teria uns vinte e oito anos e considerava-o um exemplo perfeito da raça de jovens conselheiros políticos ambiciosos que tinham saído diretamente da universidade para o parlamento, passando de um pátio para outro sem sequer cheirarem o mundo real.

– O problema – disse Ward-Thomas num tom triste – prende-se com justificar algo que, pela sua própria natureza, é injustificável. Não há uma máquina que meça o efeito transformador da beleza, a importância da contemplação, nem sequer o nível de felicidade inspirado por uma vinda aqui.

Enquanto falava, entreviu-se ao espelho por trás da cabeça do conselheiro. Parecia exausto: *estava* exausto. Celebrado como uma das estrelas mais jovens da sua geração ao tornar-se diretor da National Gallery quinze anos antes, Ward-Thomas parecia agora estar mais próximo dos setenta e cinco do que da idade que realmente tinha, cinquenta e cinco. O seu passo, outrora energético, tornara-se pesado como chumbo, e os seus olhos estavam permanentemente raiados de sangue, devido à falta de sono. Como jovem curador, fora um galã, com uma densa cabeleira loura, uma expressão trocista e a echarpe vermelha que o caracterizava, a envolver-lhe descontraidamente o pescoço. Agora a echarpe fora-se, tal como a maior parte do cabelo, e só algumas das senhoras intelectualoides se davam ao trabalho de flertar com ele.

– O vosso problema é que tudo o que têm está *passé* – disse Wheeler, passando os dedos pelo cabelo cortado segundo os preceitos em vigor.

– *Passé?* – repetiu Ward-Thomas, incrédulo. Como poderia alguém descrever lindos quadros como estando ultrapassados? Decerto a idade era motivo de celebração e que tivessem sobrevivido

provava que eram demasiado poderosos e significativos para desaparecerem, votados à obsolescência... – Julgo que se encontra um grande conforto no facto de os temas do sofrimento e da alegria recorrerem de uma geração para outra – disse ele, a torcer as mãos.

– *Passé*, já não interessa a ninguém – declarou Wheeler com firmeza.

– A ninguém? – disse Ward-Thomas, reprimindo lágrimas de frustração.

Enganando-se quanto ao motivo dos olhos molhados do diretor, Wheeler pousou uma mão tranquilizadora no braço do homem mais velho.

– Deve ansiar por gerir a Tate Modern. Lá têm artistas vivos que podem explicar o que fazem e porquê.

Ward-Thomas fitou a mão pálida sobre o seu braço e depois, erguendo a cabeça, disse numa voz séria e baixa:

– Temos de matar a arte moderna.

– Desculpe? – perguntou Wheeler, apressando-se a afastar a mão.

– Foi uma coisa que disse o Picasso – explicou Ward-Thomas. – Queria dizer que, quando algo existe, já não é verdadeiramente moderno.

– Eu dei Picasso na escola – disse Wheeler, após o que soltou uma risada nervosa.

– Se ao menos ainda vivêssemos no século dezoito – lamentou-se Ward-Thomas. – Então a maioria dos nossos quadros pareceria tremendamente moderna. Afinal, a idade é apenas uma questão de perceção.

– Outra coisa – disse Wheeler –, é que se pode contar com os artistas da Tate para se portarem mal, suscitarem publicidade, porem o público a falar.

– Posso assegurar-lhe que ninguém tinha um comportamento pior do que Caravaggio – replicou Ward-Thomas. – Não se limitava a embebedar-se, assassinava pessoas.

– Em que período viveu? – perguntou Wheeler, subitamente interessado.

– Entre 1571 e 1610, por aí.

– Então os tabloides não o hão de mostrar a dar cabo de uma discoteca? – perguntou o conselheiro, dando uma gargalhada sonora em reação à sua própria piada.

– As pessoas falam dos Grandes Mestres – protestou Ward-Thomas.

– Eu cá não as ouço.

– Não serão necessariamente as pessoas que conhece.

– As que puxam os cordelinhos, imagino? – perguntou Wheeler com ironia escusada.

Ward-Thomas voltou a sentar-se na cadeira e espreitou pela janela, vendo Trafalgar Square e Nelson bem alto na sua coluna, vigiando Londres. O ruído dos artistas de rua e turistas quase abafavam o barulho do trânsito e um deles cantava uma canção *folk* bem conhecida, acompanhado por um amplificador distorcido.

Ele queria falar a Wheeler da senhora que ia à National Gallery havia mais de sessenta anos para olhar para um Canaletto que lhe recordava o amante, falecido mas não esquecido, na Segunda Guerra Mundial. Ou das expressões de assombro das crianças quando olhavam para *Whistlejacket,* o quadro de Stubbs que representava um cavalo à escala real. Perguntava-se se Wheeler acreditaria que alguns visitantes ali iam simplesmente em busca de um espaço tranquilo e contemplativo, longe do tédio e do *stress* das suas vidas quotidianas, ou que outros olhavam para aqueles quadros como raios de esperança que lhes mostravam que a luta humana é interminável e universal.

Wheeler tinha sacado de um caderno vermelho e de um lápis e olhava para ele com um ar

expectante.

– Quando eu era um jovem a dar os primeiros passos neste mundo, bastava amar a arte e conhecê-

la.

– Pode continuar a amar e conhecê-la – disse Wheeler. – Mas, se espera fundos governamentais, há mais alguns requisitos a cumprir. O ministro está do seu lado, mas precisa de algo substancial para apresentar, algo que capte a atenção do Tesouro.

Ward-Thomas recordou a reunião do pessoal e pensou em Ayesha Sen, uma das suas colegas mais jovens, que estava sempre a propor formas «chamativas» de

promover a arte.

– Temos um programa interessante para mães solteiras – disse, sentindo-se ligeiramente envergonhado, já que tentara, em muitas ocasiões, bloquear aquela ideia de Sen. – Trazemo-las e mostramos-lhes montes de pinturas da Madona com o Menino; isso ajuda a remover o estigma.

– E como reagem elas?

– Bem, desde que no final haja chá e biscoitos de graça.

– Vou incluir isso no seu formulário – disse Wheeler, a escrevinhar no seu caderno.

– Também há o clube dos jovens delinquentes: enviam-nos de Feltham e nós mostramos-lhes algumas das obras mais pesadas que temos, coisas de Caravaggio ou Rubens. Isso faz com que se sintam menos estigmatizados.

Ward-Thomas não acrescentou que também aquela fora uma ideia de Sen.

– Estou a gostar – disse Wheeler. Por fim, havia uma história a emergir, algo que poderia contar ao seu ministro, que considerava que descrever os méritos da arte ou dos museus era praticamente impossível: para ele, eram sítios onde uma pessoa podia abrigar-se da chuva; como enormes paragens de autocarros. – Já sei! – exclamou Wheeler, pondo-se de pé num pulo e atravessando a sala. – E se instalasse *wi-fi* gratuita? Todos os estudantes de Londres viriam até cá e os seus números de visitantes seriam brutais.

Ward-Thomas imaginou o piso da sua bela galeria cheia de estudantes a mascar pastilha, a ver o *email* e a falar com os amigos pelo *Skype.* Sentiu o ânimo a afundar-se. Mas foi o seguinte que se ouviu dizer:

– Ficamos abertos até mais tarde, às sextas à noite, para encorajar jovens a conhecerem-se e conviver. – Não acrescentou que se opusera por completo à última iniciativa de Sen.

– Noites de encontros e convívio! Adoro. – Wheeler também tomou nota disso. – Talvez o ministro venha... como já terá lido no *Daily Mail,* ele agora está solteiro.

– Eu não leio o *Mail* – replicou Ward-Thomas.

Pela primeira vez durante toda a conversa, Wheeler ficou com uma expressão de verdadeiro interesse.

– Não pode estar a falar a sério! É o prazer proibido de toda a gente.

– O meu são bolachas recheadas.

Curtis Wheeler voltou a tapar a caneta e guardou-a no bolso interior.

– É melhor ir andando e redigir o meu relatório. Quem sabe, ainda nos vemos num desses encontros de convívio.

Ward-Thomas esboçou um sorriso ténue e levantou-se para dar um aperto de mão ao jovem.

Depois de ele se ter ido embora, Ward-Thomas deixou-se cair pesadamente na cadeira e pôs a cabeça entre as mãos. Ter sido escolhido para diretor da coleção mais bem formada de Grandes Mestres que existia no mundo fora a concretização dos seus sonhos, mas não previra que aquela

nomeação fosse acompanhada por tantos acréscimos inesperados e indesejados. Olhando para o relógio, viu que já era meio-dia. Em menos de uma hora, tinha de fazer uma visita guiada a um grupo de colecionadores norte-americanos, a que se seguiria uma reunião com o comité financeiro e outra com o pessoal sénior do museu. À noite, haveria um jantar com os negociantes mais importantes de pinturas de Grandes Mestres, Rebecca e Memling Winkleman, em homenagem à colecionadora Melanie Appledore.

A sua sensação de *ennui* foi interrompida por uma batida na porta.

– Entre – disse ele.

– Tem um segundo? – Era Ayesha Sen, que tresandava a ambição. – Tive uma ideia.

Sem esperar por ouvir que ideia seria, Ward-Thomas fitou-a de cima a baixo e disse-lhe:

– Ayesha, tenho um conselho a dar-lhe. Tenha cuidado com aquilo que deseja. Tenha muito cuidado.

A menos de um quilómetro de distância, em Houghton Street, na sala do conselho da leiloeira Monachorum, numa reunião de emergência dos diretores do conselho, o conde Beachendon tentava justificar as significativas perdas recentes. A sala do conselho tinha soalho de mogno, paredes de mármore. Um teto ornamentado equilibrava-se em imponentes colunas dóricas aflautadas, também de mogno. Todos os sussurros produziam um ligeiro eco; uma voz elevada reverberaria como o tiro de uma caçadeira. Naquela manhã, a cacofonia de zanga que emanava do conselho parecia perfurar as têmporas do conde. Tirando um impecável lenço branco do bolso superior do casaco, passou-o pela cabeça luzidia, cada vez mais calva, tentado alisar o pouco cabelo que lhe restava. O conde tinha uma daquelas dermes tristemente rosadas que ganhavam uma cor intensa em alturas de embaraço ou esforço físico. Olhando para baixo, para o tampo altamente polido da mesa de mogno, viu que já tinha o rosto de um tom vermelho-cereja.

– Porque garantiu aqueles preços? – perguntou Abel Mount, o presidente do conselho, que abanava a cabeça, incrédulo. Tendo sido diretor da Bolsa de Valores, Mount tinha um fraco por vinho do Porto e um nariz que adquirira a aparência de um pedaço de queijo Stilton e que ele afagava quando se irritava.

– Todas as outras leiloeiras de Londres, Paris e Nova Iorque andavam atrás desta coleção. Para além dos Lloyd Webber, Harry Danes possui o melhor conjunto de pinturas pré-rafaelitas em mãos privadas. – Desconfortável, Beachendon mexeu-se na cadeira.

– O que aconteceu aos seus sublicitadores? Não constitui segredo algum que qualquer venda importante tem um fiador.

– Os catarenses desistiram à última hora. – O conde sentiu uma minúscula gota de suor a descer-lhe pelo pescoço em direção à coluna.

– Mas avançar e prometer aos vendedores a estimativa máxima mais dez por cento! – exclamou Mount, afagando a probóscide com alguma intensidade.

– Na semana anterior, um Burne-Jones foi vendido pelo dobro da estimativa – protestou Beachendon.

– James, não vou dizer-lhe como deve desempenhar o seu trabalho – interveio Rachel Westcott-Smith, debruçando-se sobre a mesa. Os doze membros do conselho sabiam que era precisamente isso que ela ia fazer. Westcott-Smith, gestora de fundos de capitais de risco com 17 mil milhões de

dólares ao seu cuidado, adquirira recentemente 10 por cento da Monachorum. – Mas o James conhece as regras: nunca corremos risco tolos. Isso foi uma aposta de loucos.

A gota de suor já se transformara num pequeno córrego e Beachendon receava que lhe tivesse ensopado a camisa e chegado ao casaco.

– É extremamente difícil assegurar estas coleções proeminentes sem alguma espécie de garantia –

disse Beachendon. – Os herdeiros tinham recebido uma oferta da Denham, a estimativa mais oito por cento.

– Tinham, ou estariam a fazer *bluff*? – ripostou Rachel.

Beachendon via-se forçado a reconhecer que não confirmara a oferta.

– O problema, James, é que passámos de estar no lugar cimeiro como a leiloeira londrina mais lucrativa e estabelecida há mais tempo a sermos uma instituição de cento e cinquenta anos à beira da bancarrota. Tratámos de milhares de heranças, vendas, leilões e por aí fora e, graças ao seu catastrófico erro de cálculo, temos agora um passivo de trezentos milhões de libras.

– E não é só. Não nos esqueçamos dos três processos pendentes quanto a erros de atribuição de autoria de obras – acrescentou Abel Mount.

– Na verdade, são quatro – atalhou Roger Linterman, o advogado da firma. – Há o *Homem no Canal com Cavalo*, de Constable; os Vasos de Howard Porphyry; o disputado Pieter de Hooch e o seguidor de Ticiano.

– Será que pode explicar-nos estes casos um por um, por favor, James? – pediu Rachel com uma cordialidade gélida.

Beachendon não tinha a certeza de quem abominava mais: se Rachel Westcott-Smith, que tinha o jato G5 a ronronar à sua espera no aeroporto de Northolt; se

Abel Mount, que só fazia parte do conselho por recomendação do próprio Beachendon; ou se Roger Linterman, que procurava uma promoção a qualquer custo. Para além de tudo isso, os concorrentes da Monachorum andavam a redobrar os esforços. Nos últimos meses, a Bratby & Filhos, outrora uma empoeirada e pequena casa de leilões sem qualquer perspetiva, fora adquirida por uns russos, sendo alvo de uma impressionante modernização, enquanto a principal rival, a Conrad & Flight, substituíra o CEO de longa data por um ex-vice-presidente de uma companhia tecnológica que, para além de tocar guitarra, triplicara os lucros da firma numa única temporada, obrigando-a a entrar na era digital.

Beachendon sabia que tinha os dias contados. Se ao menos pudesse aguentar-se o suficiente para que as últimas duas filhas, as jovens ladies Halfpennies saíssem de St. Mary's Ascot com algumas qualificações.

– Todos esses casos são desafortunados – disse ele, servindo-se dos seus modos mais urbanos para acalmar os rostos preocupados que o rodeavam.

– Acha que um Constable falso é desafortunado? – perguntou Rachel.

Beachendon fitou os sapatos.

– Esse quadro estava no Castelo Tamoka há pelo menos trezentos anos e a mesma família tinha tido três Constables.

– Era um segredo bem conhecido que, quando venderam os verdadeiros, na década de sessenta do século xix, mandaram fazer cópias para preencherem os espaços vazios – disse Rachel. – Roger, por quanto estamos a ser processados neste caso?

– Há os trinta milhões de libras do preço da venda, mais impostos e comissões e outros vinte milhões por danos pessoais e perda de credibilidade. Também vão apresentar um processo de

incompetência contra a firma.

– O que é isso? – quis saber Herman van Pampe.

– Basicamente, alegam que não temos competência para negociar.

– Fantástico – exclamou Rachel.

– Avancemos para os Vasos de Howard Porphyry – decidiu Abel Mount num tom firme.

– Trata-se de um caso muito desafortunado – admitiu Beachendon. – Julgávamos que tínhamos o direito único e exclusivo de vender estes vasos. – Hesitou. – Afinal, os objetos pertenciam ao primo do vendedor. Depois de a venda se concretizar, o primo, que vivia na Tasmânia, reapareceu de repente e pediu a devolução dos objetos.

– Onde é que eles estão agora? – perguntou Herman.

– Não sabemos ao certo. Temos o dinheiro no banco, mas o vendedor, ou vendedora, levou os vasos para sua casa, seja lá onde for.

– Se têm o dinheiro, decerto têm uma morada. Ele ou ela não terá entrado por aqui com uma mala cheia de dinheiro. Por quanto foram vendidos? Quatro milhões de libras ou algo assim? – Florian Grey fazia parte do conselho havia dez anos; era a primeira vez que alguém o ouvia falar.

– A transação foi feita por transferência direta de um banco das Ilhas Caimão. Não é invulgar.

– Então trata-se de um caso de lavagem de dinheiro? – perguntou Rachel.

– É o que parece.

– A polícia está a escrutinar todas as transações que efetuámos nos últimos cinco anos para verificar se estivemos envolvidos nalguma ilegalidade financeira – acrescentou Linterman.

– Já o Pieter de Hooch... tratou-se de uma situação praticamente inevitável – disse Beachendon.

– Não conseguir detetar uma falsificação é inevitável? – perguntou Rachel, num tom cético.

– O grande van Meegeren tornou a atacar – replicou Beachendon. – Não fomos os primeiros, nem seremos os últimos, a ser enganados pelo maior falsificador

do mundo.

– Fala como se estivesse em caso uma quantia insignificante – atalhou Rachel.

– Sete milhões não é uma ninharia, claro está – disse Beachendon, sentindo o rubor espalhar-se por cima das têmporas finas –, mas pelo menos os van Meegeren valem qualquer coisa por si sós.

Conseguiremos recuperar umas centenas de milhares de libras.

– A falsificação tem valor? – perguntou Herman, incrédulo.

– As obras de um falsificador de renome já são consideradas importantes – explicou Beachendon.

– Tenho clientes que penduram os seus quadros com placas que dizem «Tal e Tal, por Fulano de Tal, realizado por Meter van Meegeren».

– Isso seria interessante – disse Rachel –, caso estivéssemos a falar de uma perda pequena, mas esta falsificação custa-nos sete milhões e é uma humilhação.

– Infelizmente, é verdade – admitiu Beachendon. Não havia dúvida, o suor já perpassara a camisa e estava a molhar-lhe o fato.

– Será que pode dar-nos uns minutos, James? – pediu-lhe o presidente.

– Sim, com certeza.

Beachendon sentiu um aperto no peito; decerto estava prestes a ser despedido. Pensou na mulher, em sofrimento havia tanto tempo, no filho e nas filhas encantadoras – talvez elas gostassem da Academia Pimlico. Teriam de se desfazer da casa de férias. Poderiam vender a casa em Balham e mudar-se para Lewisham. Naquela noite era o jantar dos Winkleman – talvez o negociante de arte lhe oferecesse um emprego; um estipêndio em troca de ter um título inglês reconhecido na firma.

Barty e a amiga Delores Ryan, a historiadora de arte, estavam sentados lado a lado na grande cama de casal dele. Encontravam-se com frequência para partilharem mexericos, comida chinesa e os episódios de telenovelas que tinham por ver. Barty tinha uma máscara facial cor-de-rosa, Delores outra, da cor de

aveia.

Ao contrário dos salões no piso térreo da Casa Branca, os aposentos pessoais de Barty, que ocupavam o espaço anteriormente reservado aos criados, eram espartanos. Todas as superfícies estavam pintadas de branco-sujo. As cortinas eram de caxemira espessa e bege e até o tapete era da melhor lã de Axminster, mas branco. Barty não tinha uma costela de dona-de-casa; raramente estava em casa. A sua vida passava-se nas arenas de outras pessoas. Além disso, ter de se decidir por um único estilo de decoração ou de se comprometer com um objeto em particular entrava em contradição com o alquimista quixotesco.

– Estou a dizer-lhe que ele vai safar-se com ela. – Delores apontou com o pauzinho para o televisor.

– Não seja tão vulgar, querida – ralhou Barty.

– Fale-me da Sasha – pediu Delores, referindo-se a uma amiga que tinham em comum.

– Tudo o que ela fez foi casar com um homem rico; agora corre o grave perigo de se afogar num mar de presunção.

– Deve andar a divertir-se.

– Meu Deus, não, deu em filantropa e ao que parece é a única responsável por manter os museus e hospícios desta nação em funcionamento.

– O John escreveu mais um livro sobre a história do gosto.

– Isso causa-me um peso no coração. Vai contar-nos tudo o que precisamos de saber acerca do assunto e bastante mais.

– Na crítica que fez ao livro, o Trichcombe Abufel chamou-lhe rudemente «um fardo para as estantes da Biblioteca de Londres».

– O que aconteceu ao seu arquirrival, Mr. Abufel? Continua a ser um marginal do mundo da arte?

– Continua a planear a queda de Memling Winkleman. Isso nunca há de acontecer... aquela família tem tudo selado – disse Delores. – Fale-me desse

russo. É mesmo rico?

– Colossalmente. Não mandámos vir panquecas de pato?

– Estão debaixo da sua coxa esquerda. Quantos milhares de milhões?

– Ao que parece, oito.

– Gás ou petróleo?

– Estanho, acho.

– Atraente?

– Se me conseguir livrar do casaco de cabedal.

– Outro assim? Todos seguem o homem do «Chelski» como se fossem patinhos. De que é que este gosta?

– Ainda não sabe; isso é a minha função. Estou a pensar em arte americana contemporânea, Cap Ferrat, um ou outro cavalo de corrida e um iate do caraças.

– Preciso desesperadamente de um novo cliente – disse Delores. – Por favor. Querido. Por favor.

Os únicos negociantes que hoje em dia fazem dinheiro são o Winkleman e isso é só porque estão

metidos em tudo.

– Winkleman, Winkleman, parece que ninguém fala de outra coisa. Deve haver mais algum negócio neste cidade?

– Alguns conseguem mordiscar nas orlas do território deles, mas os Winkleman apresentam sempre qualquer coisa melhor. Sabe Deus onde arranjam o material.

– Não está na folha de pagamentos deles?

– Apenas um mísero estipêndio, como toda a gente no mundo da arte – gemeu Delores.

– O século xviii francês é tão pouco atraente e há tão poucas coisas. Preciso que ele gaste gaste gaste, não que espere até que um Boucher raro apareça no mercado.

– Tenho renda para pagar.

– Imagina um russo de 110 quilos e dois metros de altura a dizer «Rococó»? Toda aquela folhagem delicada, as cenas amorosas e os cupidos gordinhos? A minha principal preocupação é mantê-lo afastado de carros.

– O Barty é mesmo mau.

– Ele vai querer raparigas *sexy,* festas cheias de fumo e cocaína, não palestras e jantares enfadonhos.

– Eu dou-lhe um bom sermão.

Delores comeu um crepe primavera como uma jovem coquete.

Barty olhou para a sua adorada e rotunda amiga de cinquenta e nove anos.

– É preciso ser cruel para se ser bondoso: o meu russo nunca vai querê-la.

– Ui – disse Delores, abatida.

– É uma escolha, querida... bolos recheados ou cenouras de homens. A Delores é que escolhe.

– Sim, preferiria enfiá-lo na boca a... – Parou a meio da frase e guinchou: – São oito da noite!

Estou atrasada para o jantar dos Winkleman.

– Acabou de comer o suficiente para alimentar um exército! – exclamou Barty.

– Isto foi o aperitivo. Agora é que estou com fome. – Delores saiu da cama, sacudindo os restos de *dim sum* e pato do seu vestido. – Além disso, o jantar em casa dos Winkleman é sempre horroroso: peixe cozido, batatas cozidas e legumes assassinados, uma papa, de tão cozinhados. Não admira que a Rebecca seja tão magra.

Delores vestiu o casaco.

– A máscara – disse-lhe Barty. Sentira-se tentado a não a recordar. – Nem acredito que me vai deixar sozinho.

– Uma noite em casa vai fazer-lhe bem.

– Os vampiros da minha alma vão abater-se.

Barty, em pânico perante a perspetiva da sua própria companhia, perguntava-se a quem poderia ligar.

– Que tal estou? – Delores limpou os resquícios da máscara com uma toalha humedecida.

– Parece um manjar branco.

– Também o adoro.

Delores bamboleou-se para fora do quarto, desceu as escadas e saiu para chamar um táxi.

Carlo Spinetti terminou os exercícios da tarde. A rotina nunca variava: meia hora de flexões e

saudações ao sol. Passando para o duche, esfregou-se vigorosamente com sal marinho debaixo de água quente, terminando com um jato de água gelada. Tinha cinquenta e quatro anos. A idade tornara-o mais elegante: a sua pele já fortemente enrugada, marcada pela luz solar, suavizara-lhe os malares e o nariz romano. «Nobre» fora a palavra que a jovem atriz Chiara usara no dia anterior. Durante as filmagens de *O Rei Sol,* Carlo nem tocara na sua protagonista mas, assim que o filme ficara pronto, não perdera tempo a levá-la para a cama.

Observara-lhe atentamente o rosto enquanto se despia, receoso de que ela se sentisse horrorizada por um corpo que se começava a parecer com uma tela mal retesada numa moldura. Os jovens não faziam ideia de como a carne se separa dos ossos e o músculo se afasta dos tendões. Esperava que o êxtase professado por ela não tivesse sido uma audição para o próximo filme que ele realizasse.

Borrifou uma nuvem ténue de extrato de lima pela casa de banho e passou rapidamente por ela; um laivo de odor era suficiente. Sentia o tapete cor de amora, espesso e suave sob os pés descalços enquanto se encaminhava para o quarto pintado de laca preta e com painéis espelhados pendurados.

As janelas tinham cortinas de veludo roxo e a mobília era forrada a pele de lobo. As maçanetas das portas eram cópias de cabeças de leão de um *palazzo* italiano e as persianas da janela tinham sido impressas com imagens a preto e branco dos seus filmes. A cama era o elemento dominante do quarto: estilo Império, com pernas que eram enormes garras de tigre, a dourado.

O quarto fora um «presente» de Rebecca; ele teria preferido uma simples cama com roupa branca e paredes beges, mas deixava as questões de decoração a cargo da mulher e do sogro. Sabia que, nas suas costas, Memling lhe chamava «o marido da minha filha». Era um dado aceite que a filha do casal, Grace, seguiria os passos da família materna. Encontrava-se em Cambridge, a tirar um mestrado em história de arte e, dali a três anos, o seu nome estaria gravado na galeria de Curzon Street.

Carlo olhou para um retrato de Grace, da autoria de David Hockney, que se encontrava pendurado por cima da sua cama – outro presente de Rebecca, para lhe recordar o que era importante na vida.

Ele, por motivos óbvios, teria preferido admirar o retrato da filha numa área mais neutra, mas Carlo não tinha qualquer influência quanto ao que era pendurado nas paredes ou a quanto tempo as pinturas ali permaneciam. Tinha aprendido a nunca se afeiçoar a uma imagem: era raro o quadro que se demorasse. Duas vezes por mês, Rebecca e o pai eram anfitriões de jantares íntimos com possíveis clientes. Caso fosse necessário equilibrar os números à mesa, Carlo deveria comparecer, ser charmoso e, ocasionalmente, fazer um comentário bem ensaiado e completamente elogioso acerca de determinada obra de arte.

À semelhança de todos os que viviam na órbita dos Winkleman, Carlo constava da folha de pagamentos da família, em troca de favores esporádicos. Memling servia-se dos filmes que ele realizava como forma de transportar quadros ilegalmente pela Europa. Obras à venda eram introduzidas no inventário de adereços, colocadas em camiões e levadas pelo Canal da Mancha. Se os Winkleman precisassem de que certos quadros chegassem a França, Alemanha ou Itália, o camião poderia fazer três paragens a caminho das filmagens na Hungria. Na remota possibilidade de ser parado pelas autoridades, o condutor ignorante encolheria os ombros e diria estar somente a seguir ordens. Carlo receberia o transporte em cada paragem, sob o pretexto de verificar os adereços – na verdade, substituiria um quadro específico por uma reprodução. O original seria apresentado ao novo proprietário. Toda a gente ficava satisfeita: Carlo tinha financiamento assegurado para os seus filmes; os Winkleman concretizavam uma venda; e o novo proprietário recebia a obra sem a maçada

interminável das licenças de exportação ou impostos comerciais.

Por vezes, Carlo pensava lançar-se independentemente, mas sabia que, sem o dinheiro dos Winkleman, era pouco provável que visse um único filme seu ser financiado. O velho que me odeie, concluía; eu controlo a geração seguinte. Aquela noite seria uma das raras ocasiões em que teria de aparecer. Fazia parte do acordo tácito. Chiara teria de esperar um pouco mais. Decidiu telefonar-lhe para a manter contente.

Ao ouvir o marido falar ao telefone no quarto ao lado, Rebecca Winkleman

calculou que estivesse a marcar um encontro com uma das suas amantes. De vez em quando, ela tinha de silenciar os rumores com um presente generoso a um editor de jornal, de forma a proteger os sentimentos da filha.

O caso do quadro desaparecido fazia com que a mais recente infidelidade de Carlo parecesse uma questão comparativamente de somenos. Por razões que o pai se recusava a divulgar, uma pintura perdida, da autoria de Antoine Watteau, ameaçava fazer ruir todo o império da família.

Rebecca tornou a olhar para as fotografias desfocadas tiradas da gravação da câmara de vigilância, que mostravam a rapariga a colocar o quadro no cestinho da sua bicicleta e a pedalar por Goldhawk Road acima. Os seus contactos na esquadra tinham-se apressado a detetar a rota da rapariga, que virara por Cathnor Road, entrando em Melina Grove e, dado que não fora detetada pela câmara seguinte, em Batson Street, sugeriram que a jovem deveria viver ou trabalhar em Greenside ou em Goodwin Road. Infelizmente, o mesmo se aplicava a cerca de oitocentas outras pessoas e, para além de se determinar que a ciclista era uma mulher de cabelo encaracolado tapado por um gorro de lã e pernas magras com umas pesadas *Doc Martens*, não havia mais características que a distinguissem. Não obstante, Rebecca tinha a impressão de que a reconhecia de algum lugar. Parte da sua formação como especialista em arte era registar cada composição e cada rosto de todas as pinturas para que alguma vez olhasse. Desde os nove anos, nas manhãs de sábado e de domingo, Memling obrigava o filho e a filha a caminhar pela National Gallery. Tinham examinado mais de um milhar de telas da coleção do museu. Todas as semanas, ao pequeno-almoço, ao almoço e ao lanche, disparava perguntas para que os filhos respondessem: Rebecca e Marty tinham de recordar a composição, a técnica, a iconografia e os pigmentos de determinadas obras de arte. Aos quinze anos, Rebecca identificava corretamente os mais ínfimos pormenores: que flor jazia aos pés de *A Virgem dos Rochedos*, de Leonardo, ou em que Canaletto se encontrava uma lavadeira minúscula. Marty nunca conseguira chegar à altura da erudição ou da memória da irmã, mas ambos sabiam que isso não tinha importância; Marty, o varão e herdeiro, ocupar-se-ia do negócio.

Mais uma vez, Rebecca pegou numa das fotografias da câmara de videovigilância e fitou-a, esperando que tivesse sido uma compra acidental e que o quadro se encontrasse inocentemente pendurado nalguma parede suburbana, onde o verdadeiro valor e a história sombria da obra passariam despercebidos. Rebecca não era uma mulher que deixasse o que quer que fosse ao acaso: para

que as probabilidades jogassem a seu favor, estava a envidar todos os esforços e a empregar todos os recursos de que dispunha para encontrar a jovem e o quadro.

Ouviu Carlo devolver o telefone ao descanso e a entrar no seu quarto. Enquanto enfiava as fotografias na pasta, sentiu os olhos encherem-se de lágrimas.

– Querida, então? – O marido aproximou-se dela.

– Não é nada.

Rebecca afastou-se e limpou eficientemente o rosto com as unhas pálidas, sem verniz.

– É o teu pai? Não está bem? – Carlo tentou apagar o entusiasmo da sua voz.

– É um pequeno problema profissional.

Carlo observou atentamente a mulher e viu medo, ao invés de tristeza.

– O que posso fazer? – Estava genuinamente preocupado.

Rebecca começou a retocar o pó de arroz.

– Toma, lê as notas sobre os convidados desta noite.

Carlo sentou-se na cama da mulher, a gemer mentalmente. O objetivo da noite era persuadir Melanie Appledore a comprar um esboço a óleo que Cavaraggio fizera para *Judite e Holofernes*, pelo valor de um milhão de libras. Carlo duvidava de que a pintura agradasse realmente à grande dama septuagenária de Park Avenue, que colecionava artes decorativas francesas. O quadro era grotesco até para Caravaggio e mostrava o momento após Judite ter espetado a faca pela terceira vez no pescoço do general assírio.

– Será que Mrs. Appledore sabe que o modelo para Judite foi provavelmente a cortesã Fillide Melandroni? – perguntou Carlo.

– Não precisa de saber – disse Rebecca. – Espero que não vás arranjar complicações.

– Achas que jantar na presença desta imagem perturbadora vai criar a atmosfera certa para uma venda? O que vamos servir? Bife tártaro a condizer?

– Guarda as piadas para a tua pega – ripostou Rebecca.

Carlo fitou-a, atónito. Ela nunca falava assim com ele – o que teria acontecido? Disse a si mesmo que teria de lhe enviar flores na manhã seguinte.

Na cozinha, três andares abaixo, Annie supervisionava os preparativos de última hora. Usando uma natureza morta, outro quadro de Caravaggio, como inspiração, tinha colaborado com uma equipa de cenógrafos de Carlo para transformar a sala de jantar dos Winkleman. As paredes tinham passado a exibir um tom vermelho-rubi; pesadas grinaldas de rosas, cravos e papoilas adornavam a toalha de damasco branco; os aparadores estavam carregados de figos, pêssegos e maçãs, ao lado de pilhas de vegetais, cabaças, abóboras e até alho; os convidados beberiam água de cálices dourados e comeriam em porcelana delicadíssima colocada sobre pratos dourados.

Jesu, o mordomo principal dos Winkleman, media as distâncias entre os copos e os pratos com uma pequena régua, enquanto a sua mulher, Primrose, pincelava purpurina nas pétalas das flores para as fazer brilhar. Annie pontilhava a fruta com glóbulos de cola para simular gotas de água, esperando que ninguém se sentisse tentado a comer alguma daquelas peças. Todos os guardanapos eram quadrados de sessenta centímetros de lado, feitos de linho pesado com monogramas e dispostos em forma de um galeão espanhol. Rebecca entrou na sala e olhou em redor, estupefacta.

– Não é assim que fazemos as coisas aqui – disse-lhe.

– Queria destacar o quadro – respondeu Annie em voz baixa. Tinha esperado que a patroa ficasse satisfeita.

– Está correr um risco dos diabos com uma refeição – avisou-a Rebecca num tom severo.

Annie não protestou.

No quarto, Carlo apertava o último botão da camisa quando Jesu apareceu.

– Os convidados começaram a chegar, senhor. A senhora pediu que descesse.

Atravessando o quarto, Jesu pegou nos botões de punho que Carlo tinha na palma da mão e colocou-lhos nos punhos.

– Quem chegou? – perguntou Carlo, enfastiado.

– Senhora muito velha e amigo de senhora muito velha.

Jesu hesitou.

– O que se passa?

– Mr. Memling e Miss Rebecca estão noutra sala. A falar a sós. Não devem ser perturbados.

Carlo desceu, perguntando-se se aquele comportamento invulgar estaria relacionado com as lágrimas de Rebecca. Na sala de estar cinzenta, viu a convidada de honra. Fez uma vénia e tomou o pulso de Mrs. Appledore na sua mão. Custava acreditar que a velha senhora tivesse a força necessária para erguer um braço tão carregado de joias; Carlo estimava que houvesse vários milhões de libras em diamantes nos anéis e pulseiras dela.

– Que grande prazer tornar a vê-la – disse ele, deixando os lábios pairar sobre a mão de Mrs.

Appledore.

– Carlo – disse ela, com um sorriso.

– O que a traz a Londres? – perguntou-lhe, reparando que o rosto dela fora alvo de intervenções frequentes e que a sua pele era fina como um pergaminho, tão suave como a de uma criança.

– Compras. Costumo vir a Londres em julho, mas o Met está a ter uma temporada tão enfadonha.

– Julgava que tinham a *Tosca?* – Rebecca avançou pela sala, interrompendo a conversa. – Com a Renée.

– Não adoram a Renée? – arrulhou Mrs. Appledore. – Adoeceu, não souberam?

– Isso arruinou-nos os planos. – Um homem pequeno e elegante, de fato de veludo, avançou na direção de Carlo, com uma mão estendida. – William Carstairs, o Terceiro. Obrigado por nos receberem.

William Carstairs, diretor do museu de Mrs. Appledore, acumulava funções de companheiro permanente, contador de calorias e carregador de carteira da velha senhora.

– Como vão os filmes? – perguntou Mrs. Appledore a Carlo. – Algum novo?

– *O Rei Sol*, com Chiara Costanzia.

Mrs. Appledore não teve qualquer reação.

– Willy, assegure-se de que o temos no jato.

Chegaram outros dois convidados. Rebecca tratou das apresentações.

– Septimus Ward-Thomas, diretor da National Gallery. Certamente conhecerá Melanie Appledore?

– É sempre um prazer – respondeu Septimus Ward-Thomas.

– Melanie, estou certa de que já conhecerá Delores Ryan, que acaba de terminar um novo livro, *As Mulheres de Watteau: A Importância do Modelo na Obra do Artista*.

– É verdade, comprei-o ontem. Um ensaio importante que lerei com a maior das atenções.

– É verdade que tem um Boucher no seu jato? – perguntou Delores a Mrs. Appledore.

Septimus Ward-Thomas tossicou, tentando disfarçar o seu intenso desagrado; abominava a ideia de aquela delicada pintura ser submetida a descolagens e aterragens.

– Tinha, mas saltaram uns pequenos flocos de tinta do vestido de Madame de Pompadour quando passámos por uma zona de maior turbulência – confessou Mrs. Appledore –, por isso substituí-o por

uns esboços de Lancret.

– Uma ideia melhor – disse Ward-Thomas, numa voz sumida.

Seguiu-se um silêncio ligeiro perante a entrada de Memling Winkleman, ladeado pelo seu grande *husky* branco, *Tiziano.* Memling media mais de um metro e oitenta mas com um porte tão irrepreensível que muitos o julgavam ainda mais alto. Tinha uma cabeça enorme, um nariz aquilino e uma cabeleira farta e grisalha. Apesar de ter a linha do queixo e as maçãs do rosto obscurecidos por uma pele ligeiramente descaída e enrugada, as suas feições continuavam a poder ser descritas como cinzeladas. Conhecido no escritório como «Capo», raramente falava, exceto para dar instruções numa voz quase inaudível e ciciada, fluente em inglês, francês, russo e alemão. Nunca se dava ao trabalho de dizer olá ou adeus e abandonava reuniões ou desligava telefones quando tal lhe parecia indicado. *Tiziano* raramente se afastava dele. Aquele cão, entretanto com cinco anos, era o filho clonado de *Rafael*, e nascera para as mãos de Memling numa clínica da Coreia do Sul. *Rafael* era o trineto de *Leonardo,* o primeiro cão branco que ele tivera.

Tendo chegado a Inglaterra aos vinte e quatro anos sem uma educação formal, Memling começara por um curso de matemática e, dois anos depois, outro de química, em Cambridge, seguido por um doutoramento em história de arte, ao mesmo tempo que construía a sua empresa. Com noventa e um anos celebrados, Membling continuava em melhor forma do que a maioria dos homens com menos vinte anos. Jogava ténis com regularidade no campo coberto por baixo da sua casa e quase todos os dias passeava o cão. Bebia um ou dois copos de vinho tinto à noite e só comia alimentos biológicos.

À semelhança da filha, e do cão, tinha uns olhos azuis claríssimos. Os que se esforçavam por encontrar uma palavra apropriada para o descrever costumavam decidir-se por «patrício», comentando que Mr. Winkleman se parecia mais com um imperador do que com o neto de um rabi de Frankfurt. A maioria assumia que o seu autodomínio glacial, a sua intolerância para com tolos ou a incapacidade que tinha de desfrutar de qualquer género de emoção seria um legado de dois anos passados em Auschwitz, onde todos os membros da sua família tinham sucumbido.

Rebecca nunca conhecera ninguém, incluindo-se no rol, que não tivesse medo do seu pai exigente e dominador. Desprezando quer tolos, quer conversa fiada,

Memling tinha prazer em humilhar os que fossem desleixados ou indulgentes. Reservava o charme para os clientes abastados e, com esses, ainda que nunca chegasse a ser sedutor, tornava-se quase divertido; mas esse encanto inteiramente artificial não durava nem mais um segundo do que o necessário. Nunca dominara a arte da conversa de circunstância ou do diálogo. Recusava-se a ter telemóvel, a ler o *email* ou a ver televisão. Tinha um pequeno caderno com capa de pele e tomava notas copiosas acerca de todas as conversas e decisões, com a sua caligrafia minúscula.

– Boa noite, Memling – saudou-o Mrs. Appledore. – Ora, ora, que elegante está.

– E a senhora tão *soignée* como sempre – respondeu Memling.

– Continua a jogar ténis? – perguntou ela. – Tem uns braços tão... viris.

– Desafio-a para uma partida amigável.

– Parece-me bem que os meus dias de serviços já chegaram ao fim, infelizmente.

O conde Beachendon e a esposa, Samantha, chegaram pouco depois, seguidos pela envelhecida estrela *rock,* Johnny «Lábios» Duffy; este tinha sido convidado para dar alguma cor à noite, fazendo-a parecer-se menos com uma grande ofensiva de vendas. Johnny «Lábios» frequentara a escola de Belas-Artes e colecionava quadros britânicos. A sua fama diminuíra e, agora, as suas únicas aparições públicas eram em anúncios, a promover um novo campo de golfe ou um centro comercial.

A acompanhá-lo estava a mulher, Karen, antiga campeã olímpica de provas de equitação, que usava um vestido de *lamé* dourado sem costas.

Quando Rebecca levou os convidados para a sala de jantar, houve um arquejo coletivo perante a transformação do espaço num cenário pós-renascentista. Diretamente à frente do lugar de Mrs.

Appledore estava o estudo de Caravaggio.

– O esboço de Doria de Caravaggio! – Septimus Ward-Thomas bateu palmas. – Há anos que ansiava por ver este quadro, temia que tivesse sido destruído.

– É um pouco sangrento – comentou Mrs. Appledore, algo hesitante.

– É um sangue fantástico, um sangue magnificamente sangrento – atalhou Carlo, incapaz de pensar noutra coisa. – Quem me dera conseguir dirigir sangue assim.

Rebecca lançou-lhe um olhar virulento; tinha ficado horrorizada com a transformação da sua impecável sala branca num salão de banquetes minúsculo mas perfeitamente formado. O pai entrou e olhou para a filha com um ar interrogativo, ao que ela se limitou a encolher os ombros.

– A grande arte nunca se esquiva a temas difíceis – disse Ward-Thomas, diplomático. – Pensemos em Cristo na Cruz ou na decapitação de João Batista.

Mrs. Appledore assentiu cordialmente com a cabeça. Sabia, à semelhança de todos os presentes, que o intuito da noite era levá-la a comprar o quadro. Com a sua idade, qualquer atenção era agradável, pelo que decidiu entrar no jogo.

Exatamente cinco minutos depois de o primeiro convidado se ter sentado, Annie mandou servir as codornizes bebés. Tinha disposto folhas de alface e ervas de modo a parecerem tufos de erva e bolas de *gnochi* pintalgados faziam lembrar ovos em ninhos de batata. Pela porta entreaberta, Annie ouvia exclamações de deleite apreciativo à medida que cada prato era colocado diante dos convidados. Na maior parte das áreas da sua vida, Annie combatia os nervos, mas na cozinha sentia-se etérea e calma, trabalhando lenta e consistentemente, um olho atento ao relógio, outro aos tachos e às panelas.

Pela abertura da porta, enquanto cozinhava, ouvia pedaços da conversa.

– Ouviram o que o Gerry pagou pelo Richter? – flutuou uma voz pela porta.

– Vinte e cinco milhões, mais impostos e comissões – respondeu outra.

– Agora cobram por estar sentados no Conselho do Met?

– A Staton Holsters ofereceu cinquenta milhões e mesmo assim recusaram.

– Manet ou Monet? – perguntou alguém.

– Ambos estão corretos – foi a resposta.

– Viram o espetáculo do Velázquez? – quis saber uma mulher.

– Para que foi aquilo? Todos os quadros eram de museus... não havia nada para se comprar.

– A Felicia tem um iate novo.

– Foi o melhor conselho que alguma vez me deram – destacou-se uma voz de homem –, se flutua, fode ou faz voar, é para alugar.

Todos se riram.

– Quem quer mais vinho?

– Sabem que os Farley remodelaram o apartamento para o novo Koons?

– Como está?

– Vazio... o artista ainda tem de o produzir.

– Adivinhem quanto é que Norton está a pedir pelo David.

– O meu psiquiatra diz que sofro de um grave caso de MPE: Medo de Parecer Estúpido.

*

Para sua surpresa, Carlo gostava de Mrs. Appledore. Muitos partiam do princípio errado de que a posição que mantinha havia muito como decana da sociedade nova-iorquina se baseava apenas no tamanho da fortuna. Escapava-lhes o essencial: que Mrs. Appledore tinha estilo, essa qualidade elusiva, indefinível, impossível de ensinar, herdar ou adquirir, com a qual a maioria das pessoas só podia sonhar. Para celebrar a abertura de uma nova ala do Museu Appledore, remodelara lanchas com penas douradas e brancas para que os seus convidados pudessem ser levados rio acima desde Manhattan em cisnes gigantes. Quando uma anfitriã da alta-sociedade adoecera gravemente e ficara acamada, Mrs. Appledore contratou a Filarmónica de Nova Iorque para que a orquestra tocasse à janela dela. Ouvindo dizer que uma febre por sorvetes tomara conta de Park Avenue, Mrs. Appledore teve a ideia engenhosa de fazer uma melancia de gelo e substituir as sementes por pepitas de chocolate, servindo a sobremesa numa casca falsa de melancia feita de maçã gelada intercalada com tiras de folha de ouro. Depois disso, as mesas de Nova Iorque foram carregadas com invenções

cada vez mais elaboradas, até Mrs. Appledore vencer «a batalha das sobremesas geladas» ao servir um sorvete de *Château Lafite* de 1929. Extravagante? Sim. Imbatível? Não. A sua generosidade era lendária: hospedada pelo duque de Denbighshire, oferecera a Sua Senhoria um retrato que Goya fizera do seu antepassado, o primeiro duque. Quando a sua amiga, a *maharani* de Batsakpur, perdera um olho num acidente de equitação, Mrs. Appledore enviara-lhe sete palas, uma para cada dia da semana e cada uma decorada com fabulosas joias e pérolas mínimas.

Apesar de o dinheiro nunca ter faltado ao casal, fora a compreensão, por parte de Melanie, do poder do capital cultural o que o atirara para os mais altos escalões da sociedade. Ela financiava a ópera, o teatro, salas de concertos e museus. Servindo-se da sua perspicácia e conhecimento, criou a proeminente coleção de pinturas e artes decorativas francesas do século xviii, a maior fora de França. Enquanto a maioria dos colecionadores reunia «grandes sucessos» das suas áreas, Mrs.

Appledore aprofundava o seu tema. Para além de obras-primas, comprava desenhos, esquissos, livros, móveis, bacios, escrivaninhas, nichos, candelabros e até painéis originais de madeira.

Completamente autodidata, Melania sabia mais do que a maioria dos curadores e historiadores de arte; lera todas as monografias e visitara as igrejas e os museus mais obscuros, de Odessa a Monmouth. Servindo-se da sua posição de grande dama da sociedade, tornara a arte um assunto em voga, sério e relevante. Fora ela quem persuadira os amigos que tinha na Casa Branca a implementarem generosas isenções fiscais para incentivar donativos. Dando o exemplo, Mrs.

Appledore doara, ao longo da vida, mais de 500 milhões de dólares em arte e outros bens ao seu adorado museu. A sua generosidade era tal que outros diretores de museus se queixavam frequente da falta que lhes fazia uma Mrs. Appledore.

Também era, como Carlo descobriu enquanto comiam o primeiro prato, uma mímica fantástica e uma mexeriqueira de primeira, que conseguia evitar ser maldosa ou condescendente. Foi para ele uma revelação poder apreciar em absoluto conversar com alguém que tinha praticamente o quádruplo da idade das suas atuais amantes.

Na cozinha, Annie dava os últimos retoques ao prato principal – intercalava os lombos de vitela finamente fatiados com bolas de cores vivas de cebolas e beterrabas em miniatura, perfeitamente redondas e lustrosas, brancas, verdes e vermelhas, juntamente com uvas sem pele. Depois tirou umas quantas fotografias da travessa com o telemóvel, sabendo que, dentro de quinze minutos, esta regressaria para a cozinha completamente dizimada. A comida, concluía, era mais uma *performance* do que uma arte superior: o seu poder encontrava-se no seu carácter transiente e imediato.

*

Quando Jesu levou o prato fumegante para a sala, os comensais desataram espontaneamente a aplaudir.

– É quase demasiado bom para se comer – comentou Melanie, servindo-se de uma uva e um pedacinho de carne.

– Demasiado bom, mesmo – concordou Delores, enchendo o prato de carne e legumes.

– Quem é o cozinheiro? – perguntou Mrs. Appledore a Carlo enquanto dava uma segunda dentada numa beterraba minúscula e perfeitamente cozinhada.

– É uma cozinheira que eu encontrei... emprestei-a à minha mulher.

– Terá de me dar o nome e o número dela.

Colocando-se de forma a não ser vista, Annie espreitou pela portinhola entre a cozinha e a sala para observar as expressões dos comensais à medida que cada um levava uma primeira garfada hesitante à boca. Reparou que a conversa se interrompia momentaneamente aquando da erupção de sabor e textura nos palatos. Septimus Ward-Thomas pousou os talheres e ergueu o olhar para o quadro.

– Estou a ter um ataque sensorial – disse, sem interlocutor específico. – Só falta que Beethoven me dê um golpe de misericórdia.

Annie teve vontade de abraçar o diretor da galeria e agradecer-lhe por aquele invulgar voto de confiança. Mas em vez disso concentrou-se em escaldar as fatias de marmelo e pera, esperando que a fruta oferecesse equilíbrio aos

primeiros dois pratos, tão ricos.

Carlo, seguindo um olhar severo do sogro, virou-se com relutância de Mrs. Appledore para Delores Ryan.

– A comida está absolutamente divinal – disse esta, espetando o garfo na carne para enfiar duas fatias inteiras na boca.

– Como anda a sua vida? Escreveu algum livro recentemente? – perguntou Carlo, fingindo-se interessado.

– Não ouviu? Acabei de publicar um novo sobre as mulheres de Watteau. Promete que vem à minha pequena *soirée*? – pediu Delores, encostando firmemente a perna à dele. A coxa dela era tão maciça que ele tinha a impressão de que um carro fazia marcha atrás contra a sua perna.

– Eu acabei agora *O Rei Sol.* Tenho grandes esperanças – disse Carlo, já a voltar-se para Mrs.

Appledore.

– Que engraçado – comentou Delores, num tom desesperadamente enfadado. – Não tem um que se chama *A Rainha Sol*? Isso não é um pouco repetitivo?

– Alguma vez se perguntou porque será que os pintores pintam as mesmas cenas vezes sem conta?

– replicou Carlo, irritado.

– Pintar é diferente.

– Maldita sobranceria. Tanto uma disciplina como outra têm que ver com captar luz e beleza –

disse Carlo, cuja voz se elevava.

– Um cineasta depende de uma equipa, uma câmara e muitos aparelhos. Um pintor só precisa dos olhos, de um pincel e de alguma tinta.

A paciência de Carlo inflamava-se.

– Mas que treta. – A sua voz sobrepôs-se à dos outros convidados. Rebecca olhou nervosamente para o marido, temendo uma discussão. – Veja só o seu adorado Watteau: raramente consegue sair daquela clareira completamente artificial. São sempre os mesmos tipos enfadonhos a usar roupas de festa diferentes. Não suporto as obras dele – gritou.

– Querido, podes fazer-me a gentileza de ver se eu deixei a carteira lá em cima? – pediu Rebecca num tom firme.

Carlo pôs-se de pé e saiu da sala, jurando que nunca mais participaria num daqueles jantares.

Olhando para o relógio, viu que eram 21h40 – em breve poderia escapulir-se para a cama de Chiara.

O telefone tocou no corredor e, sem pensar, ele atendeu-o.

– *Pronto.*

Não estava ninguém do outro lado da linha. Era a terceira vez que lhe desligavam o telefone na cara num só dia.

– Ouvi dizer que os Evans estão a vender tudo; perderam uma fortuna em Espanha com a crise do euro. Isso quer dizer que aqueles encantadores Picassos do Período Azul não tardarão a estar à venda – disse Johnny «Lábios».

– Estou tão farta do Período Azul – interveio a mulher dele. – Vamos comprar um cor-de-rosa.

Na outra ponta da mesa, Ward-Thomas falava com Rebecca.

– No outro dia, levei um ucraniano numa visita guiada pela galeria e o fulano não parava de oferecer dinheiro pelos quadros. Isto é um museu nacional, expliquei-lhe... os quadros não são meus; pertencem ao povo da Grã-Bretanha e não estão à venda. Então ele duplicou a oferta: aqueles fulanos julgam que o mundo é de quem der mais – concluiu.

– Eu julgava que tudo tinha um preço – disse Carlo, regressando à sala.

– Querido, podes trocar de lugar com o Septimus? Ele está desejoso de falar com

a Delores acerca de uma atribuição de autoria raríssima – chamou-o Rebecca, com uma palmadinha na cadeira a seu lado.

Como uma criança repreendida, Carlo sentou-se ao lado da mulher.

Annie olhou para o relógio – já eram dez da noite – a última hora e meia tinha desaparecido. O

ruído da sala de jantar fora aumentando a cada garrafa aberta. Pela porta aberta, ela via que a pele branca como alabastro de Rebecca ganhara um leve rubor e ouvia Karen Duffy a dizer a Mrs.

Appledore que andar a cavalo seria muito benéfico para os seus músculos do períneo.

Deu os últimos retoques à sobremesa – estava linda –, feita de pedaços quase translúcidos de

marmelo e pera pontilhados com arilos de romã vermelhos e gloriosos como minúsculos rubis.

Quando Jesu e Primrose levaram a travessa de fruta, os convidados protestaram, dizendo que não conseguiriam comer mais nada. Meia hora depois, todos os pratos e bandejas regressaram à cozinha sem que tivesse sobrado o que quer que fosse.

Delores pediu uma segunda dose, mas o seu pedido foi abafado. Mrs. Appledore insistia que a *chef* tinha de ir à sala para ser aplaudida; Carlo pôs-se de pé num pulo e bateu palmas com força.

Olhando em redor, Annie divisou Memling Winkleman pela primeira vez; havia algo de hipnotizante e perturbador na mirada fixa e intensa dos olhos azul-aguados do homem. Annie pensou para consigo que deveria evitá-lo a todo o custo.

Enquanto os convidados saíam da sala de jantar, ouviu Mrs. Appledore dizer a Memling:

– Sou capaz de ter de comprar aquele quadro grotesco só para me lembrar deste jantar extraordinário.

Capítulo 8

Oúltimo convidado partiu à meia-noite, mas já passava da uma da manhã quando Annie se esgueirou pela porta do pessoal da casa dos Winkleman e pelas cavalariças por trás de Curzon Street. Estava uma noite fria e límpida. Ainda completamente desperta, Annie decidiu caminhar um pouco antes de apanhar um autocarro noturno para casa. A noite fora um sucesso tremendo. Tanto Delores Ryan como Mrs. Appledore tinham pedido o seu número de telefone. O conde Beachendon prometera recomendar os seus serviços ao conselho da Monachorum. Até Rebecca, conhecida por ser inexpressiva e silenciosa, lhe oferecera um agradecimento conciso, mas sincero.

Annie desceu por Piccadilly e virou à esquerda para Old Bond Street, olhando distraidamente para as montras das galerias de arte. Semanas antes, teria passado por elas sem reparar, mas agora espreitava cada uma com um interesse recém-descoberto. Numa vitrina, observou um quadro intitulado *Moisés e o Bezerro de Ouro,* de Ludovico Carracci. Dando voltas à cabeça, tentou recordar a história. Teria Deus fornecido uma vaca juntamente com um manjar, ou seria que o bezerro representava idolatria? A seu ver, Moisés parecia assolado por desespero, com as tábuas despedaçadas a seus pés e os seguidores a tremerem em pano de fundo. Annie perguntava-se se a sua incapacidade de descodificar a pintura teria importância ou se seria aceitável gostar de algo sem se compreender por completo as suas mensagens ocultas. Na galeria seguinte, havia uma instalação –

quatro grandes colchões suspensos de um teto à volta de uma chaleira partida, um *dildo* e uma escova

– intitulada «A mãezinha nunca me disse que ia haver dias assim». Para Annie, aquela composição era desconcertante. A arte, pensou, é uma linguagem diferente – e ela não tinha particular vontade de a aprender. Ter ouvido partes da conversa ao jantar, comentários acerca de fraudes e preços exorbitantes, para além das regras e dos costumes mutuamente destrutivos dos ultrarricos, só reforçara o amor que votava à cozinha. Por poucas libras, podia transformar ingredientes humildes numa experiência extraordinária que não requeria grande conhecimento, perspicácia ou investimento prévios. Comer era uma atividade essencial, sensual e comunal que nada exigia para além de papilas gustativas e uma mente aberta.

– Dinheiro para um chá, querida? – Uma voz sem corpo emanou de uma entrada. Annie deu um salto quando uma mão, seguida por um rosto, saiu de um caixote de cartão. Não tinha reparado em nada nem ninguém, no meio da escuridão. – Só algumas libras.

Annie remexeu no bolso e no fundo da carteira, em busca de trocos.

– Lamento imenso... só tenho o meu cartão do metro e um *bâton* – disse, num tom apologético.

– Não tenho grande serventia para essas coisas – disse a voz.

– Boa noite – despediu-se ela, decidida a voltar noutra noite com algum dinheiro.

Prosseguindo caminho, reparou noutra figura enrolada numa entrada; aquela não tinha caixa, mas estava rodeada de sacos de plástico de onde transbordavam bens pessoais – ela distinguiu a forma de uma chaleira, de uma escova e de uma caneca. Uma grande raposa com uma cauda comprida e suja

subia a rua, de cabeça baixa e andar determinado. Passou por Annie sem sequer olhar para ela antes de desaparecer pelos degraus que levavam à entrada de serviço de um grande hotel.

Ao virar para uma rua secundária e chegar a Berkeley Square, algumas pessoas saíram de uma discoteca. Três homens usavam *smoking*; duas jovens usavam vestidos minúsculos e outro homem, incongruentemente vestido como uma estrela do *punk rock*, seguia-os.

– Depressa, Barty, estou a gelar, caraças! – gritou uma das jovens enquanto a amiga acenava com os braços para mandar parar um táxi. Dois jovens protegiam um fósforo com as mãos, enquanto o terceiro tentava acender o cigarro com gestos ébrios.

– Já não se pode fumar nos táxis, Roddy! – guinchou Miss Vestido Cor-de-Rosa.

O *punk rocker* foi contra Annie.

– As minhas sinceras desculpas – disse ele. – Não a magoei? – Tinha uma voz ligeiramente irritadiça devido à idade e à bebida.

– Estou bem, obrigada – respondeu Annie, tentando passar por entre os amigos dele.

Miss Vestido Minúsculo e Dourado deu uns quantos passinhos na direção deles.

– Barty, deixe de engatar gente desconhecida. – Com um sorriso falso para Annie, puxou-o para o táxi.

Annie seguiu caminho até Mount Street e lançou um olhar desejoso a uma fileira de táxis estacionados em frente ao Hotel Connaught. Quem lhe dera ter dinheiro para apanhar um até casa e amigos risonhos com que pudesse enchê-lo. Saltou quando alguns jovens passaram por ela a correr, ateando um foguete que silvou e explodiu acima do telhado. O porteiro do hotel gritou-lhes, sem grande ânimo.

A trinta metros acima do passeio, na suíte real, o foguete acordou Vlad em sobressalto. Desde que fora expulso da Rússia que cada baque, cada barulho forte o assustava. Tranquilizou-se com a noção de que fizera os pagamentos necessários; devia ser outra pessoa a sofrer naquela noite.

Olhando para a cama, Vlad viu os outros três corpos, todos nus, todos femininos, todos louros, todos jovens e todos uma novidade para ele. O *concierge* tratara das apresentações, prometendo-lhe que vinham de uma «casa» de boa reputação, onde não havia ralé. Disse-lhe que também podiam organizar coisas de «Oxbridge»; Vlad não sabia bem o que isso queria dizer, mas recusara: só queria que fossem «jovens, magras, louras e limpas».

Depois de umas horas vigorosas, as raparigas tinham adormecido. Vlad, que não estava habituado a partilhar a cama para dormir, ali ficou com um espírito inquieto, demasiado cansado para se mexer, mas demasiado apreensivo para adormecer. Uma delas ressonava como um camionista; ele não conseguia perceber como algo tão leve e bonito poderia fazer um som tão extraordinário. Não obstante, as amigas dormiam a sono solto. O sexo fora bom; não, fora mais do que bom – as raparigas sabiam exatamente o que fazer e tinham desempenhado os seus papéis com graciosidade e um entusiasmo aparente. Ao contrário da maioria das prostitutas que Vlad contratara, os seus orgasmos e gemidos de satisfação pareciam autênticos. No entanto, apesar de toda aquela companhia, Vlad sentia-se vazio e sozinho. Talvez da próxima pedisse mais raparigas, mas sabia que esmagar a solidão não era uma questão de números. Talvez estivesse a precisar de uma namorada, de alguém com quem pudesse

desenvolver uma relação. A ideia fazia-o sentir-se ainda mais desesperado –

quem poderia compreender as suas origens, como era a sua vida? O preço a pagar pela liberdade

física era o exílio emocional.

Numa vida anterior, Vlad presumira que o dinheiro proporcionaria mais do que proteção física; era o facilitador e o acolchoamento por que todos ansiavam, um trampolim e uma pista suave de aterragem, uma passagem e um lubrificante. Lembrava-se de estar deitado na sua cama-gavetão em Smlinsk, planeando confortos futuros. Nem nos seus sonhos mais desvairados poderia imaginar quão rico chegaria a ser. A ironia era que agora não conseguia decidir em que gastar os seus milhões, quanto mais como ficar feliz. Apesar de todos os carros, raparigas, barcos, aviões, férias, fatos, cavalos, continuava incapaz de se livrar de uma sensação de desconforto e insatisfação. Passara a ver aqueles grandes lucros como uma imensa montanha sobre a qual ele se empoleirava, sozinho. A simplicidade das suas ansiedades antigas, que se prendiam com ter fome e frio, fora substituída por terrores mais abstratos – de não conseguir adaptar-se e ser amado.

Nada havia em Smlinsk de pudesse sentir a falta; no entanto, Vlad não era capaz de evitar recordar esses tempos com nostalgia. Havia uma simplicidade reconfortante: levantava-se, ia trabalhar, cansava-se, chegava a casa e dormia, todos os dias, sem exceção. A monotonia interminável oferecia-lhe um ritmo satisfatório e ainda outra coisa: a noção de que todas as outras pessoas de Smlinsk se encontravam na mesma situação. Todas tinham fome, todas estavam presas àquele local, onde sonhavam com uma vida noutro lugar ou com um futuro diferente. A maioria só ganharia o suficiente para comprar uma garrafa de *vodka* que serviria para esquecer a incessante rotina diária, um alívio de sábado à noite.

Vlad deu por uma das raparigas a começar a acordar. Ela abriu um grande olho azul e fitou-o, perguntando-se, sem dúvida, se lhe seria pedido que realizasse algum ato sexual. Sorriu-lhe com doçura e, deslizando para fora da cama, disse-lhe:

– Vou só refrescar-me.

Ele observou-lhe as costas nuas enquanto ela cambaleava em direção à casa de

banho e sentiu uma pontada de desejo. Que importância tinha que aquilo fosse uma transação mercenária, desprovida de amor e carinho? Que importava que ele fosse o caminho necessário para ela comprar ou desfrutar da vida que queria? Que importava que ela simulasse prazer e ele lhe desse pouco? A vida não se resumia a uma transação após a outra? Vlad baniu os sentimentos anteriores de vulnerabilidade e sentiu o coração endurecer. Todas as relações humanas se baseavam nalguma espécie de contrato, alguma forma de troca. O amor era apenas um bem indexado à inflação, tão volátil e negociável como qualquer ação num mercado aberto.

A rapariga voltou.

– Queres curtir? – perguntou-lhe.

– Não, falar.

– Adoro uma boa conversa – disse ela, enfiando-se debaixo das cobertas ao lado dele. – De que queres falar?

– Qual teu nome?

– Trish.

– Vlad.

– É um prazer conhecer-te, Vlad. – Trish estendeu-lhe uma mão pequena. – Não tivemos realmente oportunidade de nos apresentarmos antes.

– Sozinha, sentir? – perguntou-lhe Vlad.

– Se alguma vez me sinto sozinha? – perguntou Trish. – Nem por isso, vivo com a minha mãe e as

minhas duas irmãs, um *corgi,* um *Weimaraner* e um caniche, por isso nunca há tempo para me sentir sozinha.

– Onde?

– Epping. Tu de onde és?

– Smlinsk. Sibéria.

– Deve ser frio. – Trish aninhou-se contra a curva do braço de Vlad, estremeceu teatralmente e encostou a cara ao peito dele. – Fala-me da tua terra natal.

– Vila pequena, mina grande. Mina quase vazia agora. Sem empregos.

Vlad conhecia um homem que tinha assassinado a avó para haver mais comida na mesa para os seus filhos.

– Faz lembrar Epping. Fecharam a fábrica da Iceland na semana passada. Tens uma namorada lá na terra? – perguntou ela.

– Não, ninguém especial – mentiu Vlad. Só tivera uma namorada, Svetlana. Já estaria quase com trinta anos, por aquela altura.

– Mas há alguém, não há? – insistiu Trish, espetando-lhe um dedo ao de leve. – Tenho capacidades mediúnicas, sabes; sou capaz de adivinhar o que as pessoas estão a pensar. Vá lá, fala-me dela.

– Quantos anos tens?

– Vinte e dois. Quase. A minha mãe casou-se aos dezanove. Que andavas tu a fazer quando tinhas vinte e dois anos?

Vlad não sabia se haveria de lhe dizer que, com a idade dela, já passara sete anos numa mina e matara o seu primeiro homem.

– Matavas? – perguntou-lhe.

Trish pensou por um momento.

– Matava por uma gabardina da *Burberry* ou uma carteira cor-de-rosa da *Mulberry*, em pele de crocodilo.

Vlad pensou na decisão tomada numa fração de segundo para matar o irmão, empurrá-lo para o abismo profundo da mina. Leonard ficara-lhe com o melhor emprego e logo a seguir Svetlana, tudo na mesma semana. Durante três anos, Vlad vira-o chegar a casa com um salário melhor e exibir a posição melhor e a namorada. Por vezes vinha-lhe à memória a expressão sobressaltada, aterrada de

Leonard ao cair para trás, apercebendo-se das consequências do empurrão forte do irmão, que ouvira o estrondo do corpo a bater nas paredes do fosso e o baque final ao embater no fundo, dezoito metros abaixo. Nem por uma vez lamentara a morte do irmão. Leonard merecera.

– Também adoraria ter um par de sapatos do Kurt Geiger – continuava Trish –, mas provavelmente não mataria por isso. – Olhou para Vlad. – Nem sequer estás a ouvir, pois não? – Empurrou-o um pouco. – E tu, por que matarias?

– Eu mataria quando importante.

– A sério? – perguntou ela, nervosa.

Vlad não respondeu. Depois de ter matado Leonard, coisa que descobrira ser tão fácil e útil, voltara a fazê-lo: quanto mais rico se tornava, mais longe podia ficar do local do crime e menor se tornava a possibilidade de ser detetado.

Observando a suíte, a estiolada mobília bege, escolhida para refletir os gostos de toda a gente e de ninguém, os pensamentos de Vlad regressaram a Barty. Aquele estranho homem prometera-lhe «uma vida» cheia de cor, interesses e diversão. Vlad decidiu empregar os seus serviços; nada tinha a

perder, exceto dinheiro.

– Eu cá acho que tu tens um grande coração, na verdade – disse Trish, descendo com os dedos pelo peito e pelo estômago dele. – Já sei o que te vai deixar feliz – e, pondo-se de joelhos, passou-lhe a língua pelos mamilos.

A três quilómetros dali, Annie caminhava ao longo de Hyde Park e, espreitando pelas cercas, viu crocos e campânulas-brancas minúsculos despontarem entre a relva junto às árvores, sob o brilho dos candeeiros de rua. No Devon, pensou ela, ainda faltavam umas semanas para que aparecessem algumas flores; Londres antecipava-se em todos os sentidos.

Em Marble Arch, apanhou o autocarro noturno para casa. Por sorte, não havia estroinas no autocarro, nenhum espírito animado que fosse preciso contornar, apenas pessoas cansadas como ela, cada qual absorta nos seus pensamentos. No piso superior, Annie observou o vazio escuro de Hyde Park e foi contando os candeeiros de rua por que passavam. Perguntava-se se iria sempre ser uma estranha em Londres, uma estranha em todo o lado. Talvez devesse voltar ao

Devon; era o seu lar, onde passara a vida adulta. O seu exílio era autoimposto, mas Annie sabia que não suportaria ver Desmond uma vez que fosse, quanto mais todos os dias. Quando a relação terminara, Annie metera-se num avião para a Índia porque ele nunca iria lá. Vi-a como a terra das doenças e atinha-se à Toscana ou ao Promontório de Kintyre. Outrora, ela admirara a convicção dele, a forma como se recusava a deixar-se seduzir por ideias novas ou locais longínquos mas, caminhando pelas ruelas serpenteantes de Nova Deli, Annie tinha compreendido que o mundo de Desmond era limitado pelo medo. Ele não suportava sair do conhecido, do familiar. Na Europa, conseguia perceber os rudimentos da linguagem, as coordenadas da cultura mas, fora daí, ficava perdido. O mesmo se aplicava, começara ela a compreender, à absoluta dependência que tinha de ordem e rotina.

O autocarro parou no cimo de Queensway e um grupo de jovens asiáticos entrou. Sentaram-se na parte de trás, a falar em vozes baixas e urgentes. Annie gostaria de saber de onde seriam. Lembrou-se de estar deitada no seu pequeno quarto branco numa pousada de Nova Deli, apercebendo-se de que já passava das nove: horas de se levantar, tomar o pequeno-almoço, ver os cabeçalhos dos jornais, ir correr, ligar o computador e pôr o dia em andamento. Em vez disso, cortou com a tradição e deixou-se ficar na cama, desfrutando da moleza e com os sons da cidade a envolvê-la. O tagarelar de crianças a jogarem críquete na rua entrava-lhe pela janela; um vendedor de chá lançava os seus pregões; sobre buzinas de carros e campainhas de bicicleta, ouvia o canto de pássaros estranhos; uma vassoura varria ritmicamente a passagem em frente ao seu quarto. Continuou deitada, com a mente em branco e as emoções estranhamente esbatidas. Aquele abandono do tempo parecia-lhe quase perverso; ocorreu-lhe uma ideia nova e inteiramente alheia – talvez houvesse outras formas de viver.

Vagabundeou pela Índia durante os quatro meses seguintes, decidindo impulsivamente para onde ir, o que visitar, quando comer e onde se hospedar. O movimento constante ajudava-a a lidar com a mágoa, a acalmar as emoções. Longas viagens de autocarro ou comboio eram particularmente soporíferas e repousantes – o ruído do motor, a paisagem a passar, pedaços de conversas; o bulício da vida humana, tanto no interior como no exterior, tornou-se uma forma de meditação; pensamentos que tinham sido dolorosos flutuavam e recusavam-se a parar. Depois, haveria quem lhe perguntasse o que vira e onde tinha estado, mas os pormenores da viagem tinham passado como borrões. Era claro que vira e se lembrava do Taj Mahal, de Fatehpur Sikri, dos templos de Hampi, do Ganges em

Benares, do Forte Vermelho em Deli, da costa em Mahabalipuram, mas não conseguia falar com convicção acerca de qualquer um desses lugares. Para Annie, a viagem à Índia fora um escape mental, uma fuga de si mesma e não uma exploração de outra cultura.

O autocarro continuava por Holland Park. Do piso superior, Annie tinha vista para janelas de quartos – um casal a ler na cama, um homem a mudar de roupa, uma jovem a falar ao telefone. Mas a maioria das cortinas estava cerrada contra a escuridão. Lembrou-se do momento em que o *email* chegou. Ela tinha-se inscrito num passeio guiado em Assam quando, num cibercafé, decidira verificar o correio eletrónico. O primeiro *email* informava-a de que a casa fora vendida. Seguindo as instruções, os agentes tinham aceitado a primeira boa oferta; talvez não fosse o melhor preço, mas era um valor decente. A metade que lhe correspondia fora-lhe depositada na conta. Os agentes teriam todo o gosto em encontrar-lhe outro sítio para se instalar – na verdade, havia uma *maisonette*

«adorável» na aldeia próxima de Aston St. Peters, ou um apartamento de três assoalhadas num subúrbio de Bristol que era absolutamente «encantador». Clicando nos detalhes, Annie não conseguiu imaginar-se em qualquer um daqueles sítios. O problema era que não conseguia imaginar-se onde quer que fosse, exceto na Vivenda da Rosa, com Desmond.

Olhou em redor – o café não era mais do que um quarto de fundos com dois computadores antiquados. A seu lado estava uma jovem, que provavelmente tirara um ano para viajar antes de ir para a universidade, e que gritava no Skype , a tentar persuadir o pai a adiantar-lhe mais dinheiro.

Anúncios de papel na parede publicitavam viagens a um rio ou um mosteiro próximos. Annie perguntou-se quanto lhe duraria o novo montante de dinheiro obtido e ponderou a hipótese de tentar arranjar emprego por ali. Mas sabia que isso não era realista; não poderia deixar a vida em espera para sempre.

Entretanto, apareceu uma nova mensagem. Era de Desmond, o que a fez suster a respiração.

Chegando a cadeira para trás, permitiu-se alguns minutos para imaginar o que a mensagem poderia dizer. Que ele cometera um erro terrível, sentia a sua falta, amava-a e precisava que voltasse? Que Liz fora atropelada por um autocarro e se ela podia voltar e cuidar dele? Que estava muito arrependido da forma como se

comportara?

Olá, Annie,

Espero que estejas satisfeita com a venda da casa.

Tenho uma notícia maravilhosa. Faz hoje uma semana que me tornei o pai orgulhoso do Magnus Rory Andrew. Pesa quatro quilos e tem montes de cabelo louro, como o meu. O bebé e a mãe estão esplêndidos. Tem sido um choque, mas estou a aguentar e sinto-me muito orgulhoso. Espero que encontres espaço no teu coração para ficares feliz por mim.

Desmond

Feliz por ele? Esforçando-se por impedir uma torrente de lágrimas de cair, Annie desligou o computador e cambaleou para fora do café, sentindo o ar húmido da montanha. Desceu pela minúscula rua principal, passou pelas lojas de recordações e pelas pousadas, saiu da aldeia e adentrou-se pela floresta. Horas antes, os imensos rododendros carregados de flores vermelhas, as magnólias brancas e os caminhos ladeados por troviscos tinham-lhe parecido românticos e convidativos. Agora o vento a passar por folhas e ramos produzia um som sinistro e tanto os pássaros

noturnos como as rãs arborícolas troçavam dela com gritos agudos; fica feliz por mim.

Annie começou a chorar. De onde, perguntava-se, viriam todas aquelas lágrimas? Seria que todos as tínhamos em lagos dentro de nós, simplesmente à espera de um desgosto amoroso? Teriam estado sempre dentro de si, a crescer por trás de diques de resolução, à espera de rebentar? Convencida de que estava completamente sozinha, Annie deixou-se cair de joelhos e uivou. Fica contente por mim.

Mas ele conhecia-a? Alguma vez a teria conhecido? Que tipo de pessoa seria ele? Talvez a vida deles não tivesse passado de uma fraude, duas pessoas em universos paralelos sem qualquer ligação, cada um a ignorar os sonhos e medos do outro. Reviu mentalmente uma conversa em particular. Ela tinha-lhe dito que queria filhos, filhos dele. Ele dissera que isso não era discutível. Ele nunca poria uma criança naquele mundo cruel; mais depressa a deixaria do que teria um bebé. Annie fugira e refugiara-se em casa de Megan, para tentar esconder como

se sentia devastada. Uma vida sem filhos?

Seria isso realmente possível? Teria ele o direito de lho exigir, ou a quem quer que fosse? Megan disse que não. Megan disse que ela devia deixá-lo antes que fosse demasiado tarde para dar início a outra relação. Annie tinha quase trinta anos. O tempo não esperava pelas mulheres, só pelos homens.

Várias vezes, ao longo do ano seguinte, ela pensara deixar Desmond. De uma dessas vezes, até fizera as malas e escrevera uma nota a explicar as suas ações. O amor contivera-a. Abafara o relógio biológico com trabalho, exercício, o que quer que tivesse à mão, justificando-se com o facto de Desmond ser seu amigo, seu sócio, seu passado e seu futuro.

Sentou-se no solo da floresta, a abanar-se para trás e para a frente. A luz esvaíra-se abruptamente, o sol caíra como uma pedra por trás do cume da montanha. Envolvida pela escuridão súbita, Annie apercebeu-se de que se tinha perdido. Todas as árvores lhe pareciam idênticas. Ela não poderia estar a mais do que vinte minutos da aldeia; talvez a pousada enviasse uma equipa de resgate à sua procura. Talvez ela detetasse o cheiro a fogueiras ou ouvisse conversas. Não sabia se seria melhor ficar onde estava ou tentar encontrar uma saída. Tinham-na avisado de que as temperaturas caíam durante a noite e de que havia tigres e outros animais na floresta.

Atrás de si, ouviu galhos a estalar. Seria um animal? Uma cobra? Virou-se e deparou-se com uma velha engelhada, de túnica comprida e com uma tocha na mão. Tinha o rosto tão enrugado como uma noz, mas os seus olhos brilhavam como moedas de cobre acabadas de cunhar. Avançou para Annie e fitou-lhe o rosto manchado de lágrimas. Ergueu dois dedos, que pressionou delicadamente nos cantos dos olhos de Annie. O gesto, aquela marca ínfima de empatia humana a atravessar culturas, religiões e idades, comoveu profundamente a mais jovem. Foi então que soube, com toda a certeza, que queria viver e recomeçar. A velha senhora estendeu-lhe a mão e, com os dedos entrelaçados nos dela, levou-a de volta para a aldeia.

No dia seguinte, Annie marcou o voo de regresso a Inglaterra. Estava na altura de se reencontrar com a vida. Por fim, tinha um destino e o esboço de um plano. Também tinha algo mais importante: esperança. Ao longo da viagem de dezasseis horas que o autocarro demorou a chegar a Deli, Annie pensou aonde ir, o que fazer em seguida. Quando era mais jovem, sonhara ter um sítio que fosse

só seu, que ninguém pudesse tirar-lhe, cuja propriedade não fosse partilhada e cuja porta da rua só tivesse uma chave – a sua. Essa jovem ansiara por viver em Londres, coisa que imaginava que oferecesse toda uma rede de amigos e eventos sociais. Depois de a hipoteca da casa do Devon ficar saldada, a sua parte não bastava para dar entrada nem que fosse numa minúscula caixa de sapatos na capital, mas podia comprar-lhe algum tempo, servir de depósito de renda, um recomeço. Em Deli, inscreveu-se *online* em onze agências que ofereciam qualquer género de trabalho na área da

restauração e viu os classificados de fio a pavio. Antes de o seu avião com destino a Londres ter descolado, ela já arranjara emprego como assistente de *catering* de Carlo Spinetti. O salário podia ser uma miséria, mas era um começo.

O autocarro continuava a sua viagem diante das mansões vastas e silenciosas de Holland Park, entrando em Shepherd's Bush. Havia poucos carros; tristonhos candeeiros cor de laranja projetavam poças de luz tépida no passeio. Um jovem passou o joelho no meio das pernas de uma rapariga, que pôs os braços à volta do pescoço dele e lhe envolveu a cintura com as pernas; ele atravessou a rua com ela assim, a fitar-lhe o rosto sorridente. Um carro travou a fundo para não os atropelar, e o condutor carregou igualmente a fundo na buzina. A rapariga fez-lhe um sinal obsceno.

Saindo do autocarro na esquina da rua, Annie caminhou até ao seu prédio. Subiu as escadas e entrou no estúdio, onde encontrou Evie adormecida no sofá, com uma garrafa de vinho vazia a seus pés. Tapou-a com um cobertor. O dia seguinte era sexta-feira – um fim de semana cheio de nada pairava como uma nuvem carregada no horizonte. Pior ainda, tinha de se preocupar com a mãe.

Olhando para o relógio na parede da cozinha, Annie reparou que o postal da Wallace estava encostado à fruteira. Tinha um número de telefone e um nome: Jesse. Por cima, Evie escrevera, a lápis vermelho: «Telefona-lhe. Desafio-te.»

Capítulo 9

Annie sentou-se no passadiço de betão à beira do Tamisa, com as pernas penduradas e a abanar, e olhou para a água suja e acastanhada que ondulava contra a lama esburacada. A vazante tinha deixado entulho: uma camisola velha, uma frigideira sem pega e pedras raiadas de algas verdes. Um peixe morto passou a flutuar, inchado e sem barbatana traseira. Segundos depois, uma gaivota

saltaricou pela lama e espetou-lhe o bico amarelo-vivo, com os olhos salientes a voltarem-se para a esquerda e para a direita, atentos a outros predadores. Os pensamentos de Annie rumaram ao rio de fundo límpido nas traseiras do seu jardim no Devon, ao canto constante que acompanhara a sua antiga vida. Os guarda-rios ainda fariam o ninho na margem e as lontras teriam tido mais uma ninhada?

Pensou nos póneis selvagens que atravessavam o rio ao fundo da sua propriedade e na garça, uma assassina cinzenta e fantasmagórica, que esperava pacientemente por trespassar um salmão.

Tinha discutido com a mãe naquela manhã; o simples ato de fazer a cama crescera até se tornar um ataque violento, com comentários avulsos a abrirem velhas feridas. Annie perguntava-se se Evie cumpriria a promessa e sairia de casa até ao final do dia. Riu de si mesma. Quantas vezes, ao longo dos anos, teria ouvido aquilo? Demasiadas para as contar. Ameaças de suicídio, garantias falhadas e proclamações falsas eram como cicatrizes no rosto da relação delas. Annie rezou por coragem para mudar as fechaduras e números de telefone, para barrar a entrada da mãe na sua vida.

Por impulso, tinha marcado o número de Jesse. Não tinha nada para fazer e, pelo menos, havia alguém contente por ouvir a sua voz e que por acaso estava disponível a um sábado. Levou o quadro como álibi, algo de que pudessem falar, e tinha-o a seu lado, num saco de plástico. Um sol fraco de inverno espreitava por uma aberta, fazendo as águas planas e enlameadas brilhar. Reparou nos caranguejos minúsculos que corriam e nas algas cor de esmeralda a envolver rochas.

O homem que caminhava na sua direção tinha trinta e poucos anos, um rosto algo alongado com um sorriso contagiante e olhos azuis e profundos. Usava um fato amarrotado, ténis e uma *T-shirt* de um vermelho já esbatido a dizer «Van Morrison». Annie demorou algum tempo a perceber que era Jesse.

– Olá – disse ele, estendendo uma mão. Estava coberta de tinta, pelo que ele a limpou às calças, deixando-as com uma mancha amarela e verde, antes de voltar a oferecer-lhe a mão.

Annie aceitou-a e comentou nervosamente:

– O seu fato.

Jesse olhou para baixo.

– Raios! Isto resolve-se com um bocadinho de terebintina. – Sorriu. – Fico contente por ter trazido o quadro... tinha pensado que podíamos ir a um sítio aqui perto.

Annie começou a descer do muro. Jesse estendeu-lhe a mão. Annie hesitou e tornou a aceitá-la.

– Obrigado.

– É pintor?

– Pintor de noite; guia de dia. Tenho uma exposição para o ano e eles precisam de catorze telas;

faltam-me dez. Por motivos que ninguém compreende bem, incluindo eu mesmo, pinto variações de um campo em Shropshire.

– Um campo? – perguntou Annie.

– Suponho que tento pintar a minha infância. O campo é uma espécie de metáfora visual da memória. Não é assim tão invulgar... Delacroix ficou obcecado com uma paisagem em particular, tal como Constable, Bonnard e Cézanne. Não que esteja a querer comparar-me com eles – apressou-se a acrescentar. – O meu irmão viu o meu campo pintado (tenho seis irmãos, sou o mais novo) e disse que não tinha nada que ver com o sítio onde crescemos. A memória é uma coisa engraçada, não é?

Bem, estou a falar demasiado. Já não estamos longe.

Annie gostava bastante da voz suave e melodiosa dele.

– Trabalhei aqui numas férias – disse Jesse, a apontar para a Tower Bridge. – Como zelador suplente de Butler’s Wharf. Estava vazia; os estivadores já tinham desaparecido há muito. Já não havia entregas de cereais e farinha, ouro, especiarias, lã e madeira de cantos distantes do mundo, já não havia barcaças. No século xix os barcos eram tantos que dava para chegar à outra margem sem molhar os pés. Veja só o Tamisa agora, não passa de uma pista para barcos de recreio. – À medida que falava, ia abanando o quadro, que continuava no saco de

plástico, para a frente e para trás. De vez em quando, olhava para Annie; estava tão diferente naquele dia, com o cabelo solto a dar-lhe pelos ombros e a luz do sol a incidir ocasionalmente em madeixas ruivas e douradas. Usava uma *T-shirt* por dentro de umas calças largas de seda e umas botas castanhas à *cowboy*, gastas mas engraxadas. Em vez do sobretudo, tinha posto um xaile colorido sobre os ombros. Jesse perguntava-se se as fileiras de contas que tinha ao pescoço teriam sido compradas durante aventuras exóticas e com quem teria partido nessas aventuras.

O escape de um velho *Citroën* deu um estouro ao passar por eles. Por um breve segundo, Annie julgou que fosse o *Datsun* de Desmond, um carro a que ele chamava *Monty* e que precedia a relação deles. De súbito, foi inundada por pensamentos acerca de Desmond e lembrou-se do seu vigésimo primeiro aniversário. Desmond pedira emprestado o apartamento que um amigo tinha em Roma, duas grandes divisões num velho *palazzo* a dar para a Escadaria da Praça de Espanha. A mobília consistia apenas numa cama e num piano de cauda; as paredes e os tetos estavam cobertos de frescos: donzelas com jarros de água, homens com liras, faunos saltitantes. Eles tinham alugado uma acelera e subido a Via Ápia em direção a um restaurante com um letreiro de néon: massa para os deuses, proclamara Desmond, à medida que um prato de esparguete a seguir ao outro ia sendo levado para a mesa. Por favor, rezou Annie em silêncio, leva a Liz a qualquer lado, exceto a Roma.

– Todas as docas recebiam o nome das suas importações – disse Jesse, com um olhar na direção dela. – Sabia que Tamisa quer dizer «rio escuro», da palavra pré-celta *tamasa*? O mesmo homem que construiu a maioria destes edifícios também projetou a prisão de Dartmoor. – Sabia que estava a tagarelar mas, como um pescador incompetente e com fome, esperava apanhar uma ideia de passagem com uma larga rede de conversa. – Quando eu trabalhava aqui, o espírito de Turner era a minha obsessão: passou a juventude a desenhar os navios e as barcaças e morreu a ver o rio em Cheyne Walk – disse ele. – Oh, ser capaz de pintar como Turner!

Caminhou ao lado de Annie, com um pincel imaginário na mão esquerda e fazer gestos largos como se o ar à sua frente fosse uma tela gigante.

Ela mal dava pelas palavras de Jesse. Tinha os olhos fixos nos seus próprios pés, nas botas castanhas que palmilhavam o pavimento. Como horrendas imagens de um filme antigo a preto e

branco, imaginava Desmond a beijar Liz, via-lhe os lábios cheios e suaves a roçarem a parte de dentro do cotovelo dela; a ponta da língua a explorar-lhe os seios. Tentou apagar as imagens, mas o botão de controlo estava avariado. Se calhar amei-o demasiado, pensou.

Jesse e Annie pararam a meio da ponte. Por baixo, um pequeno rebocador avançava lentamente contra uma corrente forte, ondulando com determinação em direção a Westminster. Na direção contrária vinha uma grande e enferrujada barcaça vermelha; o convés comprido estava cheio de bicicletas retorcidas, carrinhos de compras e, no cimo da pilha, uma moto de um vermelho esplêndido. O comandante do barco encontrava-se debaixo de um pequeno toldo plástico e batia com os braços no tronco para se manter quente.

– Estivadores... é uma grande palavra. Vem do saxão, *stevadax* – disse Jesse. – O meu trabalho na Butler's Wharf era inacreditavelmente enfadonho. Eu ficava sentado num gabinete enorme e branco, com janelas em três lados, só a ver a água subir e descer. Ir e vir. Incessante e dogmático. O ponto alto do dia era ver o que a corrente largava quando o caudal se reduzia: um pneu furado, uma garrafa velha. Sabia que as taxas mais baixas de suicídio se encontram entre os que vivem perto de água? As mais altas são de gente que vive perto de linhas ferroviárias.

Oh, cala-te, disse Jesse a si mesmo. Nem acreditava na quantidade de baboseiras que lhe saía pela boca; não acreditava no efeito que aquela rapariga estava a ter nele ou, já agora, na falta de efeito que ele surtia nela. Seria aquilo o amor? Ela não falara nos últimos quinze minutos e, quanto maior o silêncio dela, mais idiota ele parecia. Com um relance, reparou que a atenção dela estava muito longe. A combinação de desinteresse e mágoa palpável atingiu-o como um murro: ele queria ajudá-

la, abraçá-la, fazer amor com ela.

Dando-lhe o braço, atravessou a rua com ela.

– Sente-se bem? – perguntou-lhe. – Está tão pálida. E se parássemos e comêssemos qualquer coisa? Tome, fique com o meu cachecol.

Colocou-lhe delicadamente o cachecol de lã à volta do pescoço. Sem pensar, segurou-lhe o cabelo para o passar por cima do cachecol, ao que os seus dedos lhe tocaram na parte de trás do pescoço.

Ela estremeceu ligeiramente e ele esperou que fosse de prazer.

Ao fundo da rua havia uma pequena cafetaria chamada Clemmy's, pintada de verde e vermelho. As janelas estavam embaciadas e quando Jesse abriu a porta, o cheiro a *bacon* e a óleo de batatas fritas escapou-se. Grupos de homens estavam sentados a mesas de fórmica, com jornais sensacionalistas e pequenos-almoços espalhados por cima das toalhas de plástico com padrões espiralados. Annie ficou a pensar no que estariam a fazer tão longe das famílias a um sábado de manhã.

– Tomou o pequeno-almoço? – perguntou-lhe Jesse, puxando uma cadeira para que ela se sentasse.

Levou umas canecas e dois pratos sujos para a bancada.

Annie olhou em redor. Sentia-se confusa, alheada. Os homens fitavam-na com um interesse indisfarçado, uma mulher no meio deles. Ela correspondeu-lhes ao olhar sem qualquer dificuldade até que eles tornaram a concentrar-se nas páginas dos jornais. Observou Jesse a pedir o pequeno-almoço. Estava a ter alguma dificuldade com as combinações – o número de ovos, de torradas para o chá. Deu um passo atrás para voltar a olhar para o menu afixado e embateu num homem grande com ar rude. Annie pressentiu problemas. O homem parecia irritado e retesou os ombros. Jesse bateu na sua própria cabeça com a palma da mão; revirou os olhos. O homem sorriu, ainda que a contragosto.

Jesse regressou com duas canecas de chá.

– A senhora traz a comida, diz que não confia em mim para trazer os pratos.

Pouco depois, uma empregada apareceu com dois pequenos-almoços completos à inglesa.

– Se quiserem mais batatas fritas, digam-me – disse ela, piscando o olho a Jesse.

– Podia sentir-me insultada pelo descaramento dela – comentou Annie, a descolar o papel dourado que tapava um pedacinho de manteiga. – Ela sabe lá se não estamos juntos.

Jesse pensou: eu quero estar. Tu queres? Tenho alguma hipótese? Porque tens um ar tão triste? O

que aconteceu? Observou-a a comer, de faca e garfo orgulhosamente em riste, ombros um pouco curvados e expressão fixa enquanto atacava o prato. Espetando as salsichas nos ovos, apanhando molho com batatas fritas, um toque de tomate escarlate, gema amarela, cogumelo bege a alinharem-se num garfo e a serem agilmente levados à boca. Acabou muito antes dele.

– Que fome – disse ela, a ganhar alguma cor nas faces. – Não jantei ontem à noite... não é nada habitual em mim. Adoro comida.

Recostou-se na cadeira e sorriu pela primeira vez no dia.

– Peço o mesmo? – perguntou ele, à laia de piada.

– Quer as suas batatas fritas?

Ele abanou a cabeça e ela, debruçando-se para a frente, espetou quatro palitos grossos na ponta do garfo.

– Vivemos alguns anos em Oxford – disse. – Eu tinha uns dez anos. A minha mãe tinha um namorado chamado Peter, professor universitário. – Puxando o prato de Jesse para perto de si, espetou o garfo em mais umas quantas batatas. – Ele era casado, por isso costumávamos ir a estes cafezinhos noutras partes da cidade, sítios onde a mulher dele não iria. Era do género de ir a restaurantes sofisticados. Este tipo de comida faz-me sempre lembrar do Peter. A comida tem esse efeito, tal como o cheiro, não acha?

Jesse assentiu com a cabeça. Dava graças por ela estar finalmente a falar; julgava que a tinha deixado muda de enfado. Ela tinha uma gota minúscula de gema de ovo na comissura dos lábios. A vontade dele era limpá-la com o indicador.

– Tínhamos uma rotina. Todos os domingos de manhã, pequeno-almoço inglês e um filme. Havia uma cinemateca em Walton Street – disse Annie, passando a mão pelos lábios.

– O que fazia a mulher aos domingos? – perguntou Jesse.

– Ele nunca disse. Uma das regras de se ir para a cama com um homem casado é não fazer esse género de perguntas.

– Porque é que a sua mãe a levava a esses encontros clandestinos?

– Eu detestava que me deixassem sozinha e mudávamo-nos com tanta frequência que nunca tinha tempo para fazer amigos.

– Sentavam-se juntos?

– Ele comprava quatro bilhetes. Quando as luzes se apagavam, a minha mãe saltava para o lugar ao lado dele, na fila atrás. É engraçado. Agora, quando torno a ver aqueles filmes, os Fellini e os Bergman, sinto a falta dos guinchinhos e risinhos abafados, dos beijos sem fôlego da minha mãe e do Peter.

– Acha que devia ter estado lá? – perguntou Jesse, querendo proteger a jovem Annie.

– Vi excelentes filmes.

– O que aconteceu ao Peter? – Não estava interessado nisso, mas queria que ela continuasse a falar. Adorava o som da sua voz grave e ligeiramente rouca.

– Foi-se – respondeu Annie, num tom franco. – Acabavam sempre por se ir embora.

Seria amargura ou resignação o que ele detetava? Certo era que não havia nem um vestígio de autocomiseração.

– Gostava dele, mais do que da maioria. Era esperto e divertido.

– É casada? – perguntou-lhe ele.

– Não. – Annie ficou surpreendida pela presunção dele. – O Jesse é? – Não que, na verdade, lhe importasse.

– Ora, quem quereria casar comigo? Não tenho dinheiro nenhum e ainda menos perspetivas de vir a tê-lo. – Levantou-se e pegou no saco de plástico. – Vamos até à esquina tomar outro café.

– Qual é o problema deste? – perguntou Annie.

– Explico-lhe quando chegarmos lá – disse Jesse, estendendo-lhe a mão. Ela não a aceitou.

Saindo do café, caminharam as poucas centenas de metros em silêncio. Jesse virou para uma rua secundária e parou em frente a um restaurante com uma montra prateada e as palavras *Le Breakfast* escritas em letras cor-de-rosa a piscar. O teto metálico estava iluminado por tubos de néon e as mesas e o chão eram de fórmica branca imaculada. A tresandar a carne velha e cinzenta, era provavelmente o pior sítio onde Annie alguma vez entrara. Aquele encontro, pensou ela enquanto deslizava para um banco de plástico vermelho, tinha mesmo sido um erro.

– Não estamos aqui pelo ambiente – disse Jesse, adivinhando-lhe os pensamentos. – O melhor sítio para se observar um quadro sujo é num assento de avião junto à janela; a força do sol a uma altitude elevada atravessa anos de sujidade acumulada. Numa manhã nublada de sábado em Londres, este sítio é o melhor que se arranja. – Remexeu no bolso, de onde tirou uma pequena lanterna. – O

instrumento secreto de um guia, tem um feixe luminoso equivalente a mais de cinco milhões de velas.

Posso ver o quadro?

Annie tirou-o do saco e pousou-o cuidadosamente na mesa entre eles. A empregada aproximou-se.

Pediram café. Jesse debruçou-se sobre o quadro e passou o feixe de luz pela sua superfície.

– Sim, sim – disse baixinho, falando consigo mesmo.

Annie soprou o seu café a fumegar e observou um grupo de mochileiros americanos e jovens a converterem preços locais com uma calculadora de bolso.

– Venha para este lado – disse Jesse, com uma palmadinha no lugar ao lado do seu. – Tem de imaginá-lo sem o verniz amarelo. – Soprou o cabelo que lhe caíra em frente aos olhos. – A lanterna ajuda, veja – disse ele, a percorrer o contorno com o feixe e, à medida que a luz passava, as cores estremeciam sob camadas de sujidade, animando as figuras.

Com um olhar atento, Annie detetou uma espécie de tensão entre o homem e a mulher – de súbito, sentia o desejo do homem e pressentia o desdém da mulher.

– Isso no canto é uma sombra ou uma figura? – perguntou, já que só distinguia uma forma branca debaixo de um alto de verniz descorado.

Jesse encolheu os ombros.

De repente, Annie queria saber mais acerca do seu quadro. Quem era aquele casal? Porque estava ali? O que se passava entre aquelas pessoas? Se pudesse provar que aquilo não era apenas uma reprodução de má qualidade, que fora pintado por um indivíduo com cuidado e precisão, a sua opinião seria sancionada. De certa forma, autenticar o quadro equivalia a validar-se a si mesma.

– Acho que é capaz de ter encontrado algo maravilhoso – disse-lhe Jesse, com os olhos a brilhar de excitação. – Veja só a forma como o pintor colocou a tinta em camadas para dar o efeito de luz a emanar subtilmente. Veja que usou cinco toques de cor para criar o rosto daquele homem, mas nós

sabemos exatamente o que ele sente; é como se entrássemos na mente dele, quase que podemos saborear o anseio e o desespero dele.

– Porque parte do princípio de que foi um homem a pintá-lo? – perguntou Annie.

– Na maior parte, os pintores do passado eram homens. Às mulheres não era dada essa oportunidade. Houve uma ou duas que conseguiram... Artemisia Gentileschi no século xvii e Rosalba Carriera no século xviii, mas essas foram exceções.

– Então e agora? Não basta procurá-lo num livro?

Ela tinha um nó de emoção na garganta. Acalma-te, disse a si mesma. Coisas assim não acontecem a pessoas como tu.

– Primeiro temos adivinhar a que artista pertence e quando terá sido pintado.

– Quanto a isso não posso ajudá-lo. Não sei nada de arte – disse ela.

– Comprou o quadro.

– Comprei-o para outra pessoa.

Jesse fitou-a intensamente, mas nada disse. Quem seria aquela pessoa cuja presença pairava entre eles, tão pesada?

– A atribuição de autoria assemelha-se ao trabalho de um detetive. De vez em quando, há coisas óbvias: um tiro certeiro, sem qualquer contestação acerca de quem o terá feito. Para obras menos evidentes, a autenticação requer passos lentos e morosos. A primeira coisa a fazer é estabelecer uma data, ainda que vaga.

– Como?

– É possível deduzir muito das roupas, dos penteados e da tinta – disse Jesse a contar umas quantas moedas, que deixou em cima da mesa. – E se saíssemos daqui? O néon já me deixou os olhos a arder.

– Todos os meus sentidos estão a queixar-se – admitiu Annie.

Caminharam por Tooley Street, em direção à estação de metro.

– O meu estúdio fica mesmo no cimo daquela rua – disse Jesse.

Annie olhou para ele com um ar duvidoso.

– Pareço-lhe um assassino?

Jesse indicou o caminho por uma rua secundária, atravessando uma passagem de nível; um comboio matraqueava por velhas arcadas transformadas em oficinas e garagens de automóveis. Pela rua acima, Jesse foi cumprimentando os mecânicos como se fossem velhos amigos. Ao fundo, parou diante de duas portas antigas unidas por um cadeado gigante. Em frente havia uma árvore de ramos negros coberta de flores carmins.

– Que linda – comentou Annie.

– Disseram-me que vem do Japão... sabe-se lá como terá vindo parar a uma rua no sul de Londres.

– Sabe como se chama? – perguntou ela.

– Por acaso sei: *Prunus mume* « Bebi-chidori», o que, traduzido à letra, quer

dizer «o voo das garças vermelhas». É bom conhecer outra pessoa que goste de plantas e árvores.

– É uma das coisas que mais falta me faz – disse Annie, detendo-se por uns segundos. – Em Londres, não consigo perceber quando uma estação acaba e outra começa. Onde eu vivia antigamente, era capaz de lhe dizer a data só por olhar para as folhas ou as flores a desabrochar.

Neste mês estaria à espera das prímulas e dos acónitos.

– E depois dos narcisos silvestres, dos gerânios, das dedaleiras e das orquídeas – acrescentou

Jesse.

– Seguidos pelas campainhas – disseram em uníssono, ao que se riram.

Era a primeira vez que Jesse a via rir e adorou a forma como a língua dela surgia entre os pequenos dentes brancos e as rugas minúsculas que lhe rodeavam os olhos. Tirando uma grande chave do bolso, abriu o cadeado e depois uma porta interior que revelou uma grande divisão de soalho de madeira cheia de telas e com algumas pilhas de livros. Ao canto havia uma cama por fazer e, ao longo de uma parede, uma *kitchenette* básica.

– Está um pouco desarrumada – disse ele, tentando esconder alguns pratos sujos e outros detritos.

Annie sentou-se num velho sofá Chesterfield, cujo forro de pele tinha nuvens de palha a espreitar em vários sítios, e observou Jesse, que se movimentava rapidamente pela divisão, arrumando objetos variados: um candeeiro, umas lupas, uma garrafa de vinho, algum algodão. Depositou cuidadosamente os objetos numa grande mesa apoiada em cavaletes, no centro do estúdio. Depois tirou delicadamente o quadro do saco de plástico e pousou-o, virado para baixo, sobre um pano à sua frente.

– Tem uma moeda?

Annie passou-lhe uma de dez *pence.* Com gestos suaves, Jesse começou a levantar os pequenos pregos que mantinham a moldura no lugar.

– É preciso ter muito cuidado com estas coisas. Às vezes a tinta fica presa à madeira. Na Wallace, arrancaram um pedaço de um Lancret.

Lentamente, afastou a moldura. O quadro ganhou de imediato um ar vulnerável e Annie foi tomada por um assomo de ternura para com o objeto. Jesse virou-o e observou-lhe os contornos.

– Venha ver – chamou-a. – A pintura tem dois contornos. O quadro original foi colocado sobre uma nova tela. A isto chama-se reentelar – explicou.

– O que é que isso quer dizer?

– Com o tempo, a tela original deteriora-se, ou fica lassa; por isso, para a fortalecer, puxa-se a composição toda e cola-se a um novo suporte, ou então cola-se tudo a uma tela nova. Já houve muitas obras arruinadas desta maneira, mas não há grandes alternativas: a tela degrada-se ao fim de cem anos; mais cedo ainda, se o pintor não tiver preparado a base convenientemente.

Annie passou delicadamente o dedo pelo contorno.

– Sentem-se três rebordos neste quadro – disse ela. – Isso pode querer dizer que já foi reentelado duas vezes?

Jesse pegou na pequena lanterna e fez a luz percorrer o contorno da pintura.

– Tem razão. Isso é capaz de significar que já terá uns séculos.

Annie deixou escapar um assobio.

– Acho que é melhor deixar de te enfiar na mochila – disse ela ao quadro.

Virando-o ao contrário, Jesse dirigiu a luz para a parte de trás da tela.

– Veja só este carimbo; é frequente os proprietários deixarem uma marca mais indelével e visível do que a assinatura do artista. Isso faz parte do impulso da posse. Há quadros na National Gallery e na Wallace com o brasão do duque de Milão e de Carlos I.

– Uma espécie de «O não-sei-quantos esteve aqui»?

Jesse assentiu com a cabeça e avançou até ao lava-loiça. Enchendo uma tigela com água morna, levou-a cuidadosamente até à mesa. Humedeceu uma pequena esponja e passou-a pela superfície do quadro.

– Isso será boa ideia? – perguntou Annie, nervosa.

– Muitas vezes conseguimos limpar a sujidade superficial assim: manchas de fumo, poeiras do dia a dia. É como lavar as mãos.

A esponja amarela ia ganhando um tom lamacento enquanto ele a esfregava delicadamente na superfície da pintura.

– Misturar água com óleo – comentou Annie em voz baixa.

– Por vezes, até aparecem figuras e árvores inteiras só ao fazermos isto, mas este está tão sujo que pouca diferença fez. Agora vamos ter de ser um pouco mais brutos.

Destapou a garrafa de vidro, o que libertou um cheiro acentuado e doce, típico de uma essência branca.

– Já fez isto antes?

– Nos meus próprios quadros, sim. Uso-o para limpar óleos.

– Limpar! Pare lá com isso. Ainda lhe faz um buraco – insurgiu-se Annie.

Jesse pousou o algodão.

– Tem razão, mas a alternativa é levá-lo para casa, pô-lo em cima do lintel da lareira e apreciá-lo, tal como está.

Annie perscrutou-lhe o rosto em busca de sinais de sarcasmo mas, em vez disso, encontrou uma expressão bondosa.

– Sinto uma estranha necessidade de o proteger – disse ela. – Um disparate, pois não passa de um pedaço de tecido com óleo e madeira à volta.

– A boa arte afeta-nos; é esse o seu propósito. – Sorriu-lhe. – Vamos lá considerar as opções de que dispõe. Aqui tem um obra de 45 centímetros por 60.

A composição é encantadora, com uma clareira num parque, uma dançarina, um homem a seus pés. Há árvores a fazer sombra, a luz do sol a vir do canto superior esquerdo, mas está tão sujo que se torna difícil distinguir os rostos ou as pinceladas do pintor. Por isso, como se descobre de quem é ou sequer em que altura terá sido pintada?

– Já sabemos que tem alguns séculos.

– Seria bom limitar um bocadinho essa noção, não seria? Não há dúvida de que parece seguir o estilo francês... a Annie verificou isso na Wallace, comparando-o com outras obras de arte.

– O que é que isso prova?

– Todos os artistas têm uma espécie de caligrafia única que os distingue. Um cavalo de Rembrandt é completamente diferente de um cavalo de van Dyck; uma árvore pintada por Constable é absolutamente individual, tal como uma pintada por van Eyck. As árvores e composições do seu quadro assemelham-se a um estilo conhecido como *fête galante.* O problema, no entanto, é que toda a arte e todos os grandes artistas têm imitadores e copistas, por isso, como separar o trigo do joio?

Annie não sabia de que estaria ele a falar.

– Ainda há pouco estive a folhear um livro novo da perita Delores Ryan, chamado *As Mulheres de Watteau.*

– Que coincidência... ontem cozinhei para ela.

– Não é alguém de quem nos esqueçamos com facilidade, ainda que, sendo um eu um mero guia, ela mal dê por mim. A tese dela baseia-se em identificar os modelos dos artistas. A maior parte dos pintores recorria aos mesmos modelos, por isso, é uma espécie de escola de atribuição por encaixe.

– Parece bisbilhotice de alto nível.

– Muitas carreiras têm dependido da exploração da vida privada de artistas. A maioria dos artistas pintou e tornou a pintar as mesmas pessoas. A Delores tem escrito livros e sido curadora de exposições cujo tema central é a identidade dos modelos, construindo uma enorme base de dados acerca de quem eram e de

quando posaram para determinados artistas. Se lhe mostrar um retrato de grupo pintado por David, ela será capaz de indicar o nome de cada pessoa retratada. Consegue fazer correspondências entre quadros e pintores, descobrir quem ia para a cama com quem, quem recebia o quê. Como lhe dizia: é trabalho de detetive.

– E se as pessoas no meu quadro não correspondessem à lista de modelos dela?

– Haveria de considerá-lo falso.

– Isso parece-me limitado – comentou Annie.

– Não é só a Delores – explicou Jesse. – Um Rembrandt só é um Rembrandt se o Ernst van de Wetering e o seu Projeto de Pesquisa Rembrandt o reconhecerem. John Richardson, velho amigo e biógrafo de Picasso, conseguia distinguir uma cópia a cem metros de distância.

– A Delores é a única perita neste período?

– A área resume-se a ela e ao Trichcombe Abufel. O trabalho dele baseia-se num estudo aturado da proveniência. Faz um exame forense a todos os aspetos da superfície pintada e a todos os sítios onde o quadro possa ter sido pendurado.

– Ótimo, vamos ligar-lhe.

– É praticamente um eremita, celebremente difícil de ser contactado.

– Como é possível que a identidade de um quadro seja decidida por apenas duas pessoas?

– A arte é um grande negócio mas, em última instância, a autenticidade é subjetiva e a única forma de provar que um quadro é «legítimo» é através de provas circunstanciais. Quanto mais antiga a obra, mais difícil se torna identificá-la. Na maior parte das vezes é uma questão de palpites e, para o século xviii francês, os palpites mais respeitados são os da Delores e os do Abufel.

Annie olhou em redor, intrigada por aquele guia/artista. Havia pilhas de livros sobre todas as superfície: monografias de artistas, cartas de artistas, biografias de artistas. Numa das paredes, ele tinha colocado desenhos e algumas reproduções de pinturas dos Grandes Mestres. Num cavalete estava uma grande pintura

basicamente monocromática a representar um campo delimitado por árvores de um lado e um rio do outro. Apesar de inacabada, apenas um esboço, agradava-lhe a sua grandiosidade e ousadia. Noutra parede estava a fotografia de um homem e uma mulher de braço dado, a rir, numa praia. A foto era a preto e branco e Annie calculou que fossem os pais dele.

Procurou sinais de uma namorada, mas não os encontrou. Ao contrário do seu apartamento espartano e escassamente mobilado, aquele espaço, embora tivesse aproximadamente o mesmo tamanho, parecia a casa de alguém. Não eram os objetos, o trabalho ou as fotografias, era uma questão de ambiente.

Ela levantou-se e contornou o sofá para fitar a paleta junto ao cavalete, com tinta espessa encrustada.

– Mas decerto a ciência já terá avançado o suficiente para ser útil em casos como este? Não é possível analisar a tinta ou até tirar amostras de ADN? – perguntou.

Jesse apontou para a fotografia do casal a preto e branco.

– É curioso que diga isso. Quando morreu, o meu pai estava a trabalhar num inovador projeto de análise científica. Achava que tinha encontrado uma maneira de tirar as impressões digitais a um quadro, tal como o fazemos com criminosos.

– E o que aconteceu?

– Telefonou à minha mãe, a dizer que tinha resolvido a questão e que ia para casa. Mas nunca chegou. Foi encontrado na manhã seguinte, debaixo da Battersea Bridge. O mais estranho é que a carteira, as chaves e o dinheiro continuavam na pasta dele, só o computador e os blocos de notas é que tinham desaparecido.

– Foi um acidente?

– A polícia declarou que foi suicídio. – Jesse hesitou. – Assim podiam encerrar o caso. Mas o meu pai nunca se teria suicidado. Adorava a vida. Adorava a minha mãe. Adorava-nos. Adorava o seu trabalho. Eu acho, embora nunca tenha conseguido prová-lo, que havia gente no mundo da arte aterrorizada com a descoberta dele. Há muito mais dinheiro em fraudes do que em provar a autenticidade.

Annie detetou um ligeiro tremor na voz dele. Virando-lhe costas, ele levou a mão a um frasco cuja etiqueta dizia «terebintina».

– Quando é que isso aconteceu? – perguntou ela.

– Há uns quinze anos; depois mudámo-nos para Shrophshire.

– Talvez seja isso que representa pintar sempre o mesmo campo... tentar manter vivia a memória do seu pai.

– É a primeira pessoa que o diz em voz alta.

– Peço desculpa... foi presunçoso da minha parte.

– Perspicaz, na realidade – emendou Jesse, pegando num pedaço de algodão. – Quem me dera que houvesse alguém que pudesse dar seguimento ao trabalho dele, mas ele nunca explicou o processo a quem quer que fosse. Tinha uma assistente, a Agatha, que compreendia um pouco e que está a tentar continuar a partir do ponto em que ele ficou.

– Costuma vê-la?

– Não, não costumo. Mas devia. – Jesse pegou no frasco de terebintina. – Está preparada para mergulhar no submundo?

Annie parecia apreensiva.

– Vale a pena tentar – disse ele num tom delicado.

Ela assentiu com a cabeça.

– Aproxime-se mais – pediu Jesse, inclinando o frasco com o algodão no gargalo. Annie conteve a respiração enquanto ele começava a esfregar o algodão no canto superior esquerdo do quadro. O

álcool criava uma lente luminosa na superfície suja. Por um momento breve, viram através das camadas de verniz acastanhado e descobriram um conjunto de verdes-esmeralda, verdes-lima e amarelos delicados. As pinceladas dançavam. As pregas do vestido da mulher flutuavam na brisa primaveril. O seu peito farto parecia subir e descer sob um brilho de cetim. Jesse e Annie entreolharam-se,

encantados.

– Experimente com o rosto – sussurrou Annie.

Ele passou o algodão ao de leve pelo cabelo da mulher; ambos se debruçaram, expectantes. Mais uma vez, como que por magia, a verdadeira imagem revelou-se e o rosto surgiu por entre as camadas de sujidade. Jesse agarrou num lápis e começou a esboçá-lo numa pequena folha de papel.

– Veja – disse ele, com uma emoção crescente –, o rosto dela é composto por quatro pinceladas principais: três passagens delicadas de rosa e um toque de amarelo-limão pálido. Mas as marcas subtis e suaves dão-nos uma ideia da sua personalidade. É aguerrida, intransigente. Vê-se, não é

verdade, na curva da boca, na forma direta como olha para nós.

– Quem acha que era? – perguntou Annie.

A terebintina começou a evaporar-se e o rosto tornou a obscurecer-se. Jesse encolheu os ombros.

– E se o víssemos a ele agora? – sugeriu ela, apontando para a figura deitada na relva. Jesse assentiu com a cabeça e deitou mais terebintina noutro pedaço de algodão. O rosto do homem estava parcialmente escondido por um chapéu. Mais uma vez, Jesse fez um esboço, um auxiliar de memória.

– Não tem nada mais forte?

Jesse riu-se.

– Mas que estranha mistura... é cautelosa e impulsiva. Há dez minutos estava horrorizada com a ideia de lhe passar uma esponja.

– Então que mais tem nestes frascos? – perguntou Annie, ignorando o remoque.

– Acetona seria o passo a dar em seguida.

– Como o que se usa para tirar verniz das unhas?

Ele acenou com a cabeça.

– Pode tirar mais do que sujidade. Sobretudo se o nosso pintor tiver misturado verniz e tinta para dar uma camada de brilho; alguns pintores eram muito desleixados. Watteau, por exemplo, nunca se dava ao trabalho de preparar as telas ou limpar os pincéis; a tinta dele está cheia de ciscos e insetos.

E diz-se que Turner diluía a tinta com cerveja.

– Continuo a achar que devíamos tentar – instou-o Annie.

– O quadro é seu – respondeu Jesse, nervoso. – Passe-me esse frasco azul.

Despejando a água da tigela, Jesse acrescentou umas gotas de acetona a um pouco de terebintina e, envolvendo um pauzinho cor de laranja numa mecha de algodão, mergulhou-o na mistura. Depois de alguma hesitação, endireitou os ombros e esfregou a tela com delicadeza. Dado que nada acontecia, acrescentou outra gota de acetona à tigela. Continuava a não obter resultados. Annie reparou que pequenas gotas de suor se tinham formado na testa dele. Jesse acrescentou outra gota, levantou-se e, carregando nalguns interruptores, inundou o espaço numa luz forte.

– Estas coisas não podem ser apressadas – disse ele, a limpar as mãos ao fato. Na gaveta da grande escrivaninha, encontrou uns óculos com lentes de aumento, que pôs na cabeça. Tremia-lhe ligeiramente a mão ao deitar mais uma gota de acetona na tigela. Depois parou. – Isto é demasiado arriscado; não quero cometer um erro. Poderíamos levá-lo à amiga do meu pai, a Agatha, que trabalha na National Gallery. Ela há de saber o que fazer.

– Obrigada por me ajudar – disse Annie, sorrindo-lhe.

– Talvez pudéssemos jantar?

– Sim, seria bom, um dia destes – respondeu ela, sem se comprometer.

Quem lhe dera que ele não a tivesse convidado. A ideia de uma ligação emocional provocava-lhe náuseas. De repente, só queria afastar-se daquele homem solícito.

– Talvez possa dar-me o seu número de telefone?

– Eu tenho o seu! – exclamou Annie com firmeza.

– Espero que me ligue.

Annie sorriu. Ele não fazia o seu género – de nada valia fingir que sim.

Capítulo 10

–ADelores Ryan telefonou e perguntou por si – disse Marsha, a rececionista, a Annie. – Aqui está o número dela.

– Deve ter perguntado pela Rebecca, não? – espantou-se Annie.

– Não, disse qualquer coisa acerca de cozinhar.

Uns dias depois, estando Rebecca e o pai no estrangeiro, Annie deu por si à porta do apartamento de Delores Ryan, em Stockwell, às onze da manhã. Visto de fora, tratava-se de um quarteirão desinteressante da década de 1950, semelhante a tantos outros daquela zona de Londres, perto de uma via principal. As áreas comuns estavam descuidadas e Annie teve de contornar brinquedos abandonados e uma bicicleta sem rodas. Verificou que tinha a morada certa e tocou à campainha, com alguma hesitação. À última hora, decidira levar o quadro.

Para sua surpresa, quem lhe abriu a porta foi uma empregada vestida formalmente de preto e com um avental branco rendado, que a levou por um corredor estreito. Lá dentro, Annie passou a estar num mundo diferente; esboços e desenhos encontravam-se cuidadosamente dispostos em paredes forradas a damasco. Os sapatos de salto alto da empregada matraqueavam no soalho de *parquet*; os ténis de Annie chiavam ruidosamente. Ao fundo do corredor, duas portas davam para uma sala grande de teto baixo, cujas cortinas pesadas de brocado estavam cerradas. A única luz provinha de um candeeiro de mesa que emanava uma pequena poça de luminosidade sobre um tapete com um padrão de pele de leopardo.

– Madame Delores está a tomar o *brunch* – informou a empregada com um sotaque do sul de Londres. – Virá em breve.

– Obrigada.

A empregada estendeu a mão. Annie deu um passo em frente para a apertar.

– O seu casaco – explicitou a empregada.

– Prefiro ficar com ele, mas obrigada – respondeu Annie, a corar e grata pela escuridão que a rodeava.

Tirando o quadro da mochila, encostou-o ao tecido do espaldar de uma cadeira.

– Tem de haver mais luz. Não consigo ver-te como deve ser – comentou ela, dirigindo-se ao quadro.

Os seus olhos dardejaram pela sala, em busca de um interruptor ou de um candeeiro. A mobília estava disposta em pequenos grupos de mesas e cadeiras delicadas. Tudo era a uma escala pequena: espaldares esguios, equilibrados em pernas finamente torneadas; tampos com pilhas altas de livros, objetos e caixas em miniatura. Havia vários candeeiros de tamanho normal com abajures carregados de franjas. Passando os dedos pelas lâmpadas e descendo-os pelo centro, Annie tentava encontrar um interruptor. Ficou com o cabelo preso num feto, assustou-se e deu um salto para trás, fazendo cair um *pug* de cerâmica. Conteve a respiração. Não te partas, por favor, rezou, observando-o a ressaltar

pelo tapete até se deter por baixo de uma harpa dourada. Nervosa, examinou-o. Não via qualquer lasca. Depois de o devolver ao lugar, concluiu que o melhor seria esperar parada. Tentou ficar sentada, mas depressa se levantou e pegou num livro, um de muitos escritos por Delores Ryan que ali se encontravam ordeiramente empilhados.

Leu a nota biográfica sobre Watteau que constava da sobrecapa: «Pintor francês (10 de outubro de 1684 – 18 de julho de 1721) cuja breve carreira desencadeou um renovado interesse na cor e no movimento. Foi responsável por revitalizar o idioma barroco esmorecido, que viria a ser conhecido como rococó.» Olhando para os outros livros de Delores naquela pilha, Annie viu *Watteau e a Corte de Luís XIV; Watteau e a Música,* para além do mais recente, *As Mulheres de Watteau: A Importância do Modelo na Obra do Artista.*

Pegou neste último e folheou-o. A premissa de Delores, como Jesse explicara, era comparar esboços e desenhos de gente em cada um dos quadros e demonstrar como o pintor revisitara as mesmas personagens vezes sem conta. Annie não estava particularmente interessada nisso; parecia-lhe evidente que um artista tornasse a pintar a mesma composição ou pessoa. Mas ficou fascinada com os desenhos preliminares e com a forma como as composições iam evoluindo

diante dos seus olhos à medida que Watteau ia apresentado diferentes arranjos de figuras, mãos, olhares e roupas, até encontrar a pose que funcionava. Por vezes, era apenas um dedo a mover-se um centímetro para a esquerda ou para a direita, mas esses ajustes mínimos faziam toda a diferença no sucesso e na força de uma composição.

Virando as páginas, Annie viu que a mesma mulher ia aparecendo ao longo da obra do artista.

Regressando ao prefácio, leu: «Durante a sua curta vida, Antoine Watteau pouco conforto encontrou no amor. Era um solitário adoentado, um misantropo acerca do qual não há registo de ter casado.

Reservava toda a paixão para o desenho e a pintura. No entanto, nesta sua obra pioneira, Delores Ryan revela que Watteau estabeleceu de facto ligações profundas e identifica o grande amor da vida do pintor como Charlotte Desmares, cujo nome artístico era Colette.» Annie leu que a carreira da famosa atriz tivera início quando esta tinha oito anos, em 1690. «Beldade famosa, tornou-se amante do duque de Orleães, o sobrinho do rei Luís XIV e futuro regente de França. Por associação, Charlotte tornou-se uma das mulheres mais influentes na corte. Bem mais do que um rosto bonito, Charlotte era uma colecionadora astuta, tendo deixado trinta e sete grandes obras de mestres italianos, franceses e holandeses.»

Annie tirou o seu quadro do sofá e colocou-o ao lado do livro de Delores. Folheando as páginas, tentou encontrar correspondência entre a mulher do quadro e alguma das reproduções que ali estavam. Havia semelhanças, mas nada impressionante. Annie concentrou-se noutras partes do corpo.

Numa página havia um par de mãos a repousar num colo; embora Annie tivesse dificuldade em ver através da forte camada de verniz, parecia-lhe que havia similaridades na forma como a modelo pousava o polegar no indicador, nos dedos longos e unidos, nas unhas perfeitamente formadas.

Ouviu alguém a fungar e arrastar os pés do outro lado da porta. Apressou-se a pousar o quadro no sofá e a fechar o livro. Apercebeu-se de que a tinham deixado uma hora à espera. Pouco depois, a maçaneta girou e dois *pugs* gordos bambolearam-se para dentro da sala, ladrando-lhe antes de se sentarem cada um de um dos lados de uma bonita poltrona. Delores surgiu momentos depois, a

arfar e ofegar quase tanto quanto os seus animais de estimação. À volta do pescoço tinha um conglomerado de folhos de uma brancura resplandecente, à exceção das manchas de tomate e ovo que claramente se tinham desviado durante a viagem do garfo até à boca. Delores tinha um queixo duplo que ia de

orelha a orelha mas, dentro dessa moldura flácida, havia um rosto bonito e de feições suaves, com olhos azuis como porcelana e uma boca de lábios voluptuosos.

– Então conte-me lá – disse ela, descalçando o par de sapatos rasos feitos de seda rosa e debruados a dourado –, como é trabalhar para o Memling e a Rebecca?

A voz dela retinia, era delicada, musical, bastante desproporcionada em relação ao tamanho do corpo.

– Assinei um acordo de confidencialidade – informou-a Annie.

– Que maçada – exclamou Delores, com um ar desapontado. – Há vinte anos que como em casa dos Winkleman e o seu jantar foi a primeira refeição decente que eles alguma vez serviram. Esteve muito bem.

Annie corou.

– Sabe alguma coisa acerca de *fêtes galantes*? – perguntou-lhe Delores com um sorriso condescendente.

– Nem por isso – admitiu Annie.

– É um termo que resume os entretenimentos dos ricos e ociosos nas cortes dos reis Luís XIV e XV, e parece-me que seria um tema interessante e apropriado para um jantar entre gente do mundo da arte, não acha?

Annie não sabia se deveria concordar ou opor-se, pelo que fitou um dos *pugs.*

– Encarregou-se da noite do Caravaggio de forma tão aliciante... como faria a minha? – insistiu Delores.

Annie pensou no seu quadro.

– Que tal criar uma linda clareira num bosque, caramanchões de rosas e flores

primaveris, uma estátua... a comida teria de transmitir uma ideia sedutora, coquete, leve e ornamentada. – Annie falava rapidamente; os olhos brilhavam-lhe de entusiasmo ao imaginar as possibilidades da noite, dos pratos que poderia pesquisar, experimentar e fazer.

– Está contratada! – exclamou Delores, a bater palmas.

Annie sentiu-se desanimada.

– Adoraria, mas não posso. Não tenho tempo para fazer jus a essa incumbência.

– Não tem dias de férias? – perguntou-lhe Delores. – É para celebrar o meu sexagésimo aniversário... quero que seja uma noite que ninguém esqueça. Os meus amigos são cá umas peças...

Annie tentava conter o entusiasmo, mas não conseguiu impedir-se de fazer uma sugestão.

– Devia haver traje recomendado... escolha um dos quadros da Wallace... não me lembro dos títulos.

– Parece que sabe muito.

– Estava agora mesmo a ler o seu livro.

– Quanto custará este jantar?

– Seria tremendamente dispendioso.

– Tem um orçamento de cinco mil libras.

– Cinco mil libras! – Annie nem acreditava no que estava a ouvir.

– Não chega? Não inclui o aluguer do espaço, nem o vinho, mas teria de dar para pagar ao pessoal e aos *sous chefs* e para alugar o equipamento de *catering.*

Annie abanou a cabeça, incrédula. Era mais dinheiro do que ela alguma vez vira. Mas Delores tornou a interpretar mal os sinais.

– Pronto, seis mil para a comida e eu trato da decoração e do equipamento de *catering.* Os seus honorários, os ingredientes e o salário do pessoal terá de ser

subtraído a esse valor.

– Para quantas pessoas? – perguntou Annie.

– Cinquenta convidados. Pode fazê-lo?

Annie assentiu com a cabeça. Era de loucos. Claro que não poderia fazê-lo. O jantar para Memling e Rebecca fora um golpe de sorte.

De súbito, apercebeu-se de que o único ruído na sala era o da respiração pesada e ofegante dos *pugs.* Ergueu a cabeça e viu Delores a observá-la com um ar pensativo.

– Quantos anos tem? – perguntou-lhe.

– Trinta e um – respondeu Annie.

– Nem marido, nem filhos. Deixou isso para demasiado tarde. Eu também. Temos de transformar as nossas carreiras nos nossos amantes; só no trabalho é que se pode confiar, não é verdade? – Delores tirou uma pequena caixa de pó compacto de um bolso e, abrindo-a, examinou o nariz. – A data é 1 de abril, mas não me pregue partidas.

Delores olhou para a porta, como se esperasse que Annie desaparecesse simplesmente.

– Na verdade, trouxe uma coisa... será que se importa de lhe dar uma vista de olhos? – Annie esticou-se para o quadro. – Comprei-o numa loja de velharias.

Delores olhou para o quadro encostado ao espaldar.

– Sabe quantas pessoas compram coisas em lojas de velharias e se convencem de que descobriram uma obra-prima?

– Não.

– Se eu levasse a sério nem que fosse uma pequena percentagem, não teria tempo para escrever os meus livros – continuou Delores. – É muito cansativo ser uma especialista mundial. Deixe-me lá ver isso.

Delores estendeu a mão com um ar displicente e Annie entregou-lhe o quadro.

– Quer que acenda uma luz?

– Não é necessário – disse Delores, tirando uma pequena lanterna do bolso e dirigindo o feixe de luz para a superfície da pintura. A luz forte refletia-se grotescamente no seu rosto. Delores cuspiu para a tela e esfregou o cuspo espumoso pela superfície, a resmungar qualquer coisa inaudível; em seguida arrancou o corpo ao cadeirão e bamboleou-se até à janela. – Abra a cortina.

Annie levantou-se e puxou o cortinado pesado; lá em baixo, dois rapazes estavam em frente a uma entrada, um deles a meter o dedo no nariz de uma forma extravagante. Delores tornou a cuspir e, desta feita, esfregou a tela com mais vigor antes de se voltar para Annie.

– É uma reprodução do século xix, feita segundo o estilo de Watteau. Eram produzidas em série para os vitorianos. Muito poucos podiam, ou podem, pagar pelas obras genuínas – concluiu Delores, já a atravessar a sala e a baixar o corpo novamente para o cadeirão.

– Como é que pode ter a certeza, só assim? – perguntou Annie.

– É a minha vida. É o que eu faço. Todos os dias.

– Mas só olhou para ele por uns segundos.

– E não preciso mesmo de mais tempo – replicou Delores, a tocar no nariz. – O grande Bernard Berenson certa vez disse: «A erudição é essencialmente uma questão de experiência acumulada, sobre a qual o espírito se instala inconscientemente.» Sinto-o no meu âmago.

Devolveu o quadro a Annie, que não conseguiu evitar o desapontamento. Embora fosse ridículo

pensar que tivesse encontrado algo de mérito numa loja de velharias, sempre fora um raio de esperança, algo que poderia compensar o fracasso da relação com Robert.

– Não fique assim! – exclamou Delores. – Sabe que mais? Dou-lhe vinte libras pelo quadro.

– Paguei mais do que isso por ele.

– Então o que fez foi desperdiçar ainda mais dinheiro! Se pudéssemos comprar obras-primas em lojas de velharias, seríamos multimilionários.

Annie assentiu tristemente com a cabeça. Delores tinha razão.

– A Annie é uma cozinheira interessante e uma péssima avaliadora de arte; eu sou uma cozinheira terrível e uma entendida genial. É assim que deve ser. Agora ânimo e toca a andar, minha menina...

está na hora da minha sesta. – Delores apontou para a porta. – Envie-me menus daqui a quinze dias.

Depois de guardar cuidadosamente o quadro na mochila, Annie saiu da sala e avançou pelo corredor. Quando chegou ao patamar das escadas, desatou a correr, desejosa de sair do prédio, pelos degraus de pedra e pela rua fora.

A menos de três quilómetros de distância, na Tate Modern, Vlad passeava sozinho por uma retrospetiva do artista Damien Hirst que, segundo observou, era escassos anos mais velho do que ele.

Uma semana antes, o russo nunca ouvira falar nem da Tate, nem de Hirst, mas, nos últimos dias, Barty organizara encontros com vários peritos, os quais tinham falado com Vlad acerca de arte, e agora com Ruggiero de Falacci, um negociante famoso pela regularidade com que superava os colegas com valores de múltiplos de cinco. Naquele ano, quando o índice artístico, pela primeira vez desde a última queda na década de 1990, descera aos -3,28 por cento, os clientes de Ruggiero continuavam no verde, a 16 por cento.

Vlad chegara cedo e entrara na primeira sala, dedicada a obras que o artista fizera quando tinha vinte e poucos anos; incluíam vasos de cores garridas, um secador suspenso cujo ar quente mantinha uma bola de pingue-pongue a flutuar alegremente no ar, e uma pintura confusa de manchas de cores fortes. Quando eu tinha essa idade, pensou Vlad, trabalhava numa mina de carvão subterrânea a trinta metros da superfície e planeava o meu primeiro assassínio. Perguntou-se como teria traduzido essa experiência para arte. O trabalho ingénuo e colorido de Hirst indicava que o artista desfrutara de uma vida relativamente protegida.

Nas salas seguintes havia peixes, um tubarão e um bezerro suspensos em tanques

de vidro cheios de formaldeído. Vlad estremeceu, tentando imaginar o irmão em forma de picle. Isso seria verdadeiramente chocante, pensou com cinismo, ver um homem morto em vez de um peixe. À medida que caminhava pelas salas, apercebeu-se de que o artista experimentava as mesmas ideias de formas diferentes: vida, morte e manchas, vezes sem conta. Tentou comover-se ou interessar-se pelos temas, esforçou-se por sentir e compreender o que Hirst lhe dizia. Nada acontecia. Olhando em redor, para os outros visitantes que fitavam intensamente a boca de um tubarão ou o quadril de uma vaca, Vlad sentia-se desconcertado e um pouco humilhado – porque seria que aqueles objetos não o afetavam?

Não deveria ter uma reação transformadora, transcendental? Atribuiu o problema ao fraco sistema educativo de Smlinsk ou à *vodka* no leite materno.

Decidiu esforçar-se mais e olhou diretamente para a boca do tubarão, instando o animal a transportá-lo dos vastos espaços vazios da Tate Modern para outro lugar. Não sabia ao certo qual ou o quê deveria ser esse destino. Por favor, Mr. Hirst, rezou em silêncio, arranque-me a este grupo de

transeuntes sérios, tire-me de Londres, da minha solidão, dos meus problemas com o Gabinete do Controlo Central. Atinja-me e diga-me que compreende as minhas dificuldades e os meus dilemas.

Vlad imaginou-se como um pequeno peixe a nadar pela bocarra aberta em direção ao ventre de compreensão mútua e instou Hirst e os seus estranhos monstros a engolirem o que ele sentia. No entanto, ao abrir os olhos, continuava parado em frente à besta torpe, naquele templo de ilusão.

Seguiu caminho pela exposição. O artista, concluiu, era como tantos outros, nada mais do que um pónei capaz de fazer um único truque. Manchas, moscas e coisas mortas, todas redispostas e rearranjadas por ordens diferentes, em cenários distintos ou em formações variadas. Ainda assim, pensou Vlad, a maioria não tem sequer uma ideia nova e limita-se a seguir cegamente as gerações anteriores, repetindo os mesmos padrões e erros vezes sem conta. O pai e o avô de Vlad tinham sido mineiros e os antepassados deles tinham-se esfalfado nos sistemas feudal e comunista. Apenas uma pequena ideia o distinguira do pai – sair de Smlinsk. Tal como Hirst, Vlad limitara-se a repetir a mesma ideia uma e outra vez: tudo o que fazia, fosse um negócio ou um homicídio, era para criar distância entre si e a terra natal.

Uns meses antes, Vlad nunca teria desperdiçado horas numa galeria. A recreação era um sonho distante. Só agora, que dispunha de grandes intervalos de tempo, poderia começar a ter *hobbies*. Era por esse motivo que a arte era um luxo incalculável: enviava uma mensagem que dizia: «Tenho tempo para delegar todas as tarefas corriqueiras e enfadonhas; desperdiço horas a contemplar ociosamente um pedaço de tela coberto de manchas; sou um apreciador de arte; sou rico em tempo. Posso vaguear por um mar de tubarões em conserva.»

Vlad empurrou umas portas de plástico e deu por si numa sala artificialmente aquecida onde borboletas vivas se banqueteavam antes de morrer. Olhou em redor, observou o interminável círculo da vida e viu que, depois de mortos, os cadáveres destruídos eram colados a grandes telas na parede.

Mais uma vez, pensou no irmão. Em vez de borboletas, viu centenas de minúsculos Leonards suspensos. Com o pânico a invadir-lhe a garganta, despiu o casaco de cabedal e obrigou-se a respirar lentamente. Eram borboletas, não irmãos, disse a si mesmo, empurrando uma porta de plástico para trocar aquela morgue abafada pela frescura da sala seguinte.

Passou por armários cheios de instrumentos médicos e cirúrgicos e entrou noutra sala onde a obra em exposição era um imenso sol enegrecido feito de moscas mortas. Vlad pensou: é precisa muita merda e morte para fazer um mundo. De repente, entendeu Hirst: o homem era um cómico genial que gozava com a vida, com o mundo da arte e com todos os que o levavam a sério. Quase correu para a sala seguinte e, quando chegou lá, riu-se a bom rir ao ver que todas as peças estavam cravejadas de diamantes e cobertas a folha de ouro. Para Vlad, a mensagem do artista parecia simples: é possível revestir qualquer coisa, acrescentar joias e metais preciosos, mas continua a ser mesma merda.

Podes julgar que saíste de Smlinsk, podes usar roupas elegantes e viver num casarão que custe milhões e milhões de libras, mas continuas a ser um cagalhão coberto de diamantes – continuas a ser o Vlad de sempre.

Estava tão absorto neste seu devaneio que nem se apercebeu de que Ruggiero de Falacci vinha a segui-lo de sala em sala. Quando se deteve diante de uma vitrina dourada cheia de beatas de cigarros, o homem pôs-se a seu lado.

– Claramente, o senhor é uma pessoa de discernimento e intelecto excecionais – comentou Ruggiero numa voz ligeiramente sussurrada mas apreciativa.

– O quê?

– Estava a observá-lo a olhar para a arte e vi que compreendeu por completo o que o artista quer dizer. – O tom do consultor era suave como mel.

– Compreendo – confirmou Vlad.

– Ruggiero de Falacci, às suas ordens – disse o homem, com uma ligeira vénia. – O Barty falou-me imenso de si.

– Caro? – perguntou Vlad, olhando em redor.

– Desmesuradamente – foi a resposta ronronada e melíflua de Ruggiero.

– Arranje-me aquele – disse Vlad, apontando para o monte de moscas. – Mais diamantes. Mais ouro.

– Estas obras são únicas – disse Ruggiero. – Mr. Hirst não aceita encomendas.

– Indicar-lhe que diga preço.

– Vou dar o meu melhor. Talvez o Damien possa abrir uma exceção.

Ruggiero tentou conter o sorriso. Aquele Barty era um fuinha esperto, valia cada centavo da sua grande comissão.

Vlad saiu da Tate e deslizou para o assento traseiro do seu novo *Maybach* azul-claro.

Numa rota a sul do rio, o carro passou por Lambeth Palace e seguiu pela ponte em frente às Câmaras do Parlamento. Espreitando pela janela, Vlad tinha de admitir que, embora Londres não fosse Moscovo, era uma bela cidade. Contudo, todos os pensamentos agradáveis se evaporaram quando o trânsito se reduziu a um rastejar lento. O dinheiro podia comprar-lhe um carro sofisticado com motorista, mas não lhe desocupava as estradas. Em Moscovo, qualquer um com o mínimo de valor tinha escoltas policiais a abrir caminho. Londres, pensou ele, é tão atrasada. Passaram-se trinta minutos e continuavam apenas em Pall Mall.

– Há uma manifestação, senhor – disse o motorista a Vlad, que olhava pela janela de trás. – Para se queixarem de Israel, provavelmente.

– Tarde – disse Vlad, batendo impacientemente no *Rolex.*

– Estou a fazer tudo o que posso, senhor.

Pela janela, Vlad fitou os jovens zangados com cartazes. «Fora dos Colonatos»,

«Não é a vossa terra prometida, é a nossa terra.» Onde seria a sua terra, agora? Seria ali, em Inglaterra? Em Smlinsk? Ou algures entre um sítio e outro? Alguma vez poderia voltar? Sabia que não. Vira demasiado, fizera demasiado. Perdera a capacidade de falar com as pessoas com quem crescera, mas ainda tinha de aprender a falar com todas as outras.

Ao longo das semanas anteriores, Barty insinuara-se em todos os aspetos da vida de Vlad; arranjara-lhe um bom grupo de amigos, uma casa maior e um alfaiate melhor. Ele tinha tido aulas intensivas de inglês e sessões de «melhoramentos». Barty era «disparatado» e «extravagante», mas também era divertido, irreverente e sensacionalmente útil. Na noite anterior, tinham começado por uma festa em Downing Street, onde, depois de um donativo de fundos partidários, Vlad conhecera o primeiro-ministro e o chanceler; mais tarde, tinham assistido ao primeiro ato da *Tosca*, na Ópera, faltando ao resto para irem ao lançamento de um novo champô de Paris Hilton, seguindo então para um jantar em casa de M. Power Dub. A noite acabara com uma visita a um clube chamado Box e a outro, chamado Lulu. Para Vlad, a noite assemelhara-se a estar sentado num carrossel, a girar sem parar e a ficar cada vez mais tonto.

Meia hora depois, no canto ao fundo do restaurante Zianni, em Brook Street, Vlad sentou-se em frente a outro imigrante, Dmitri Voldakov. Apesar de ter apenas mais um ano do que Vlad, Dmitri tornara-se o seu mentor desde que chegara a Londres, e era um alívio imenso poder falar na sua língua materna. À semelhança de Vlad, certa tarde Dmitri fora convocado ao Gabinete do Controlo Central, tendo-lhe sido oferecidas duas saídas estratégicas: a porta da esquerda dava para a prisão, a da direita para o aeroporto. Dmitri optara por Londres porque gostava de futebol e porque era onde havia um sistema fiscal mais vantajoso.

Um empregado aproximou-se da mesa e sacudiu o guardanapo de Vlad com o floreado de um toureiro a acercar-se de um touro de dez toneladas.

– Vamos querer trufas com ovos mexidos para começar, massa de lagosta como prato principal.

Para beber, *Château Latour*, 1960 – disse Dmitri ao empregado. Depois, em russo, disse a Vlad que tirasse as baterias dos telemóveis. – Estas coisas funcionam como microfones para as autoridades.

Também fez questão de tapar os copos com guardanapos. A nova tecnologia significava que *lasers* emitidos do espaço podiam escutar qualquer conversa através de materiais convexos.

Depois de beber uns quantos copos de vinho e de discutir os mais recentes jogos do Chelsea, Vlad arranjou coragem para pedir um conselho ao amigo.

– Tenho um problema – confessou.

– Não te preocupes, conheço um bom médico – disse Dmitri, dando-lhe uma palmadinha no braço.

– Não é desse género. Dinheiro – disse Vlad.

– Não pode ser!

Dmitri sabia que as minas de estanho de Vlad produziam milhões de dólares em metal todos os meses.

Vlad olhou em redor para se assegurar de que não eram ouvidos.

– Como fazer os pagamentos semanais.

– Ah. Sim – reconheceu Dmitri, tocando no nariz.

Tal como Vlad, ele tinha de entregar pelo menos 30 por cento do seu rendimento ao Líder, para garantir a sua segurança. Ainda na semana anterior um compatriota que se atrasara a pagar fora encontrado a boiar nas docas de St. Katharine.

Com o 11 de Setembro e as iniciativas ligadas à guerra ao terrorismo, transferir grandes quantias de dinheiro a partir da Grã-Bretanha era cada vez mais difícil. Transferir dinheiro diretamente para a Rússia atraía demasiada atenção indesejada.

Reduzindo a voz a um sussurro, Dmitri disse a Vlad:

– Alterna ações e títulos com arte ou joias. Faz o depósito na casa segura.

Vlad ia pedir mais informações quando uma mulher assombrosamente bonita se

saracoteou em direção à mesa deles. Todo o restaurante se remeteu a um silêncio apreciativo. Ao lado dos europeus naquela sala, ela parecia um puro-sangue à solta num campo de póneis de Shetland.

– Lyudmila – disse Dmitri, levantando-se para dar um beijo no rosto da aparição. – Apresento-te o Vlad, um recém-chegado.

Vlad só conseguiu assentir com a cabeça. Sentiu uma pontada de desilusão ao ver o enorme diamante que ela tinha no dedo anelar.

– A Lyudmila é a minha noiva – declarou Dmitri num tom firme.

Ela sorriu docemente a Vlad.

– Vamo-nos vendo – disse-lhe, antes de regressar à mesa das suas amigas.

Vlad reparou que ela tinha deixado cair o lenço ao chão e, fingindo que ia dar um laço ao atacador, baixou-se e guardou discretamente o lenço perfumado no bolso.

– Ela era a minha consultora artística – disse Dmitri.

– Artística? – repetiu Vlad. Se comprasse arte também encontraria uma Lyudmila?

– Foi o Barty que ma apresentou. Disse que eu precisava de um *hobby* e de alguém que me aconselhasse. Eu não estava convencido, até a ter visto. O Barty é um génio, porra.

Vlad assentiu com a cabeça.

– Ela também é um génio – disse Dmitri. – No mês passado, fez-me comprar um Andy Warhol por vinte e cinco milhões de dólares; hoje de manhã, ofereceram-me cinquenta milhões por ele. Vou fazer um depósito na próxima semana. O ouro é demasiado volátil e muito pesado.

– Eu também vou comprar arte – afirmou Vlad.

Dmitri agarrou no pulso de Vlad e apertou-o com força, força suficiente para o convencer de que o conselho que se seguiria não seria amistoso.

– Meu amigo, lembra-te de que tenho o monopólio do Damien Hirst, do Andy Warhol, do período tardio de Picasso... tenho quarenta e quatro em armazém, para serem dados ao Líder. Podes ficar com o resto – declarou, antes de lhe soltar o pulso.

Vlad mexeu-se desconfortavelmente na cadeira, a pensar em certa obra feita de moscas mortas e diamantes, que ele já decidira que era uma metáfora perfeita para o regime da sua terra natal. O Líder não poderia queixar-se: afinal, era arte. Quanto a Dmitri, concluiu Vlad, não precisava de ficar a saber.

Nenhum deles se apercebeu de que a linda mulher sentada na mesa adjacente tinha uma câmara escondida no brinco. Uns dias depois, Dmitri recebeu um pacote que continha imagens que mostravam Vlad a apanhar o lenço e uma cópia de uma nota de encomenda de uma nova obra a ser executada por um certo artista. Dmitri interpretou-as como declarações de guerra; e não tinha dúvidas quanto a quem venceria.

Capítulo 11

Olá. Continuo aqui.

E não nos esqueçamos de quem é o protagonista desta história.

E bem mais interessante do que comida.

E mais duradouro do que o amor.

Continuo aqui.

Moi.

Capítulo 12

Jesse caminhou ao longo do Tamisa, desde o seu estúdio ao apartamento da sua amiga Larissa, em Battersea. O fim de tarde estava frio, as temperaturas pairavam um tudo-nada acima dos zero graus e os candeeiros de rua lançavam sombras onduladas sobre a água. Por norma, Jesse adorava aquela caminhada mas, desde que conhecera Annie, sentia pouco entusiasmo pelo que quer que fosse.

Em vez de correr do trabalho para o estúdio, adquiria o hábito de se sentar no canto de *pubs* ou de apanhar sessões de fim de tarde no cinema. Incapaz de se concentrar em grande coisa, os seus pensamentos raramente se desviavam muito de Annie: onde estaria, o que poderia estar a fazer. A ausência dela abafava tudo no seu presente.

Até a ter conhecido, Jesse adotara uma abordagem de *laissez-faire* em relação ao romance; deixando que fossem as mulheres a escolhê-lo, tivera várias namoradas agradáveis, ainda que dominadoras, que haviam decidido, por motivos que Jesse na verdade nunca entendera, que ele era um consorte adequado. Mais cedo ou mais tarde, todas tinham ficado frustradas com a sua ambivalência e incapacidade de se comprometer seriamente.

– Em que planeta tens andado? – perguntara-lhe Larissa Newcombe dois dias antes ao vê-lo entrar na sala do pessoal da Galeria Wallace. – Trazes a cabeça, ou só o corpo?

– O quê? Desculpa?

Jesse obrigou-se a parar de pensar em Annie e a voltar ao presente.

Larissa desatou a rir.

– Estás a ver. Não estás cá.

Ela deu uma palmadinha no assento ao seu lado no sofá e Jesse deixou-se cair pesadamente.

Gostava de Larissa, que avançava pela vida envolta em sedas de cores garridas, com penas no cabelo e joalharia pesada a tilintar-lhe nos pulsos e no pescoço, vogando pelo mundo da arte como um navio de velas enfunadas seguido por uma flotilha de admiradores que tinham lido os muitos ensaios ou livros escritos por ela, que se inscreviam nas suas palestras e que frequentavam os seus cursos. O seu tema, a representação da música e dos instrumentos musicais na arte dos séculos XVII e XVIII, era esotérico, mas o entusiasmo de Larissa era infindo e contagiante.

– Pela tua cara, parece que alguém te pisou o bandolim. O que se passa?

– Nada, o problema é esse – disse Jesse, cansado.

– Uma mulher! – Larissa bateu palmas, encantada. Tinha acabado de submeter um longo artigo acerca do uso de tambores nos quadros maneiristas e estava desejosa por alguma distração ligeira. –

Não poupes pormenores – ordenou.

– Aí é que está – reconheceu Jesse, infelicíssimo. – Não há pormenores, não há nada a comunicar.

– Ainda assim, descreveu os detalhes de cada encontro, mensagem de texto, chávena de café e olhar significativo. – Ela entrou na sala Frans Hals, eu levantei a cabeça, olhei para a cara dela e fiquei perdido. Deixei de saber onde estava ou quem era, como se nós os dois fôssemos as únicas figuras

de um quarto vazio e sem som. Senti-me como se fosse a Alice a cair pela toca do coelho, mas continuo a cair, à espera de sair pelo outro lado.

Para seu alívio, Larissa não se riu. Ela via, pelas suas olheiras e o ligeiro tremor da sua voz, que estava enfeitiçado e não sabia o que fazer.

– Quantas mensagens de texto lhe enviaste hoje?

– Quatro.

– E ontem?

– Cinco.

– Quando foi a última vez que ela respondeu?

– Há dois dias. Disse que iria ao Museu Britânico, como eu lhe sugeri.

– Ao Museu Britânico?

– Ela encontrou um quadro numa loja de velharias. Eu ofereci-me para a ajudar a descobrir de quem será.

– Esperto, usares o quadro como isco para voltares a vê-la.

– É um quadro bonito – disse Jesse, envergonhado.

– Já recorri a estratagemas bem piores em nome do amor – disse Larissa. Puxou a sua cadeira para trás e, levantando-se, bateu palmas. – Pois o quadro terá de fazer de Cupido – decretou, num tom satisfeito.

Insistiu que congeminassem o plano com uma garrafa de vinho decente ao jantar. Embora fossem amigos havia muitos anos, era a primeira vez que Jesse ia a casa de Larissa. Levou-lhe um ramo de narcisos, de um amarelo-claro e com um aroma delicado, que ela colocou numa pequena jarra sobre a mesa.

Jesse olhou em redor. O espaço minúsculo estava preenchido com a coleção de instrumentos musicais de Larissa, uma cornucópia de tambores, gaitas e liras de formatos estranhos. Enquanto reunia os ingredientes para preparar o jantar, Larissa explicou-lhe que um alaúde de Roma emitia um som completamente diferente de um da Flandres e pô-lo a par da razão para os violinos mais belos do mundo serem oriundos de uma única aldeia, Cremona. Por instantes, Jesse esqueceu-se de Annie, concentrando-se na forma como Larissa correspondia os diferentes instrumentos a géneros musicais em particular, um processo moroso de investigação de inventários, diários e relatos da época.

Jesse ficou sentado num banco em frente à bancada enquanto Larissa cozinhava. Ela atirava os ingredientes da mesma maneira que se vestia: toques extravagantes de cor e texturas a misturarem-se.

– A Annie é cozinheira – disse Jesse. – Devias conhecê-la.

A voz dele, carregada de entusiasmo, subiu um pouco.

– Gostaria, mesmo muito – respondeu ela. – Deve ser bastante extraordinária, para ter tido este efeito em ti. Em quatro anos, nunca te vi tão caidinho.

– De rastos, é o que é.

– Uma das coisas boas de nos apaixonarmos – comentou Larissa – é que ficamos abertos e vulneráveis; acabamos em sítios inesperados.

– Como aqui? – riu-se Jesse.

Mais tarde, já sentados em frente ao aquecedor elétrico de três barras, Larissa sugeriu-lhe que

adotasse uma abordagem mais ligeira, mas também mais tática. O quadro era o isco perfeito, proporcionava margem de manobra interminável para romance. Ele deveria encará-lo como uma oportunidade para duas pessoas se unirem num propósito comum, uma demanda contra tudo e todos.

Resolver o enigma do quadro levá-los-ia a sítios diferentes e exigiria vários talentos. Através das suas tentativas para descobrirem a identidade do artista, Annie e Jesse criariam um arquivo de experiências partilhadas; para prosperar, o amor precisava de ligações e episódios partilhados Não fazia qualquer diferença, dizia ela, que o quadro fosse uma obra-prima ou uma reprodução barata, o que importava era que se tornasse uma cifra para a sedução. Se um perito desacreditasse o trabalho de imediato, poder-se-ia sempre procurar a opinião de outra pessoa e explorar outro caminho. Era essa a qualidade gloriosa da arte: o seu valor era inteiramente subjetivo.

Era quase meia-noite quando Jesse saiu e, embora as temperaturas tivessem descido abaixo de zero, ele sentia-se aquecido pela esperança e pela boa comida. Na mão, tinha uma folha de papel na qual ele e Larissa tinham anotado estratagemas para ele voltar a ver Annie, todos associados aos passos necessários para autenticar o quadro dela. Os bares tinham-se livrado dos últimos clientes e os restaurantes estavam fechados, o que deixava os passeios livres para Jesse e uma ou outra pessoa a passear o cão. Imaginou quão surpreendida ficaria Agatha ao ter notícias suas depois de tantos anos e perguntou-se se acederia a vê-lo, acompanhado por uma desconhecida e uma pequena tela. Até então, Jesse esforçara-se por se esquivar a quaisquer situações dolorosas que lhe trouxessem o pai à memória, o que incluía visitar a National Gallery, embora sentisse a falta dos quadros como se fossem amigos ausentes. Dois dos seus mundos estavam prestes a colidir.

Caso Jesse tivesse levantado a cabeça nesse momento e olhado para o assento traseiro de um grande *Mercedes* que acelerava pelo Embankment abaixo, teria visto Rebecca Winkleman a voltar para casa, vinda de uma angariação de fundos na Central Elétrica de Battersea. Patrocinada pela Credit Russe, a noite fora para auxiliar a fundação Breast Cancer Awareness e, para Rebecca, tinha sido uma perda de tempo.

O jantar fora servido no átrio principal. Enquanto jantavam, tinha havido um bombardeamento aéreo de acrobatas suspensos em cordas de seda e um espetáculo de fogo de artifício no interior da casa. Rebecca ficara sentada ao

lado de um gestor de fundos de risco e em frente ao negociante de arte que ele empregava.

– Tenho ganhado tanto dinheiro com a minha arte como com trocos – informou-a, sem lhe passar sequer pela cabeça perguntar-lhe o que fazia ela ou se entendia de arte.

Saul Franklin, o negociante, tentou corrigi-lo.

– Freddie, decerto já terá ouvido falar de Rebecca Winkleman, da Obras d'Arte Winkleman, uma entendida de renome mundial em pinturas dos Grandes Mestres?

Freddie Fundos de Risco ignorou-o.

– Quanto é que vale o meu Richter nos dias que correm, Saul?

– Vinte e dois milhões, Freddie.

– Ouviu, minha senhora? Isso para mim é que é recuperar um investimento. Quanto é que paguei por ele, Saul?

– Oito milhões – respondeu Saul, num tom cansado.

– E o meu Warhol?

– Pagou onze e agora vale dezoito.

– Arranja-me mais assim?

– Ofereci-lhe um desastre de viação na semana passada.

– Isso era capaz de perturbar os miúdos. Não me arranja um Presidente Mao?

Do outro lado de Rebecca encontrava-se um membro da aristocracia britânica que tinha um título, uma fortuna a dissipar-se e uma noção desproporcionada da sua própria importância.

– Aquele homem – disse lorde Clifton, inclinando a cabeça na direção de Freddie Webb –, é do género que tem de comprar a sua própria mobília.

Esperando que o nobre lorde talvez estivesse disposto a desfazer-se do último bom quadro na possa da família, um Goya, Rebecca esforçou-se afincadamente por entabular conversa com ele, mas sabia tão pouco acerca de criar gado de Herefordshire como ele acerca de Hooch ou Canaletto.

Foi uma noite longa, monótona. O jantar só foi servido às dez, ao que se seguiram discursos intermináveis em que o diretor elogiou a generosidade da Credit Russe e de vários benfeitores, incluindo Freddie Webb. Rebecca não conseguia pensar em muito para além do quadro desaparecido de Memling. O pai não lhe permitia que recorresse à rede de espiões e informadores de que dispunham: a busca tinha de ser mantida em segredo. O mundo da arte é tão pequeno, alegava ele, que, mais cedo ou mais tarde, o culpado haveria de aparecer. Rebecca tornou a pensar na voz trémula do pai, na sua recusa quanto a explicar por completo porque queria reaver o quadro com tamanha urgência. Memling não lhe deixara qualquer dúvida de que, a menos que o quadro fosse recuperado, o sustento deles ficaria em risco.

Só depois da meia-noite conseguiu escapulir-se. Não bebera nem comera muito e, apesar de ser tarde, conseguiria ainda trabalhar algumas horas. Esgueirando-se para fora do grande átrio, apressou-se pela escadaria larga rumo à liberdade. Enquanto o seu carro acelerava por Londres, ela tentava imaginar o que estaria o pai a ocultar. Talvez, quando era mais jovem, tivesse estado envolvido nalgum grupo fraudulento, como o que comprara uma Madona com o Menino de Duccio di Buoninsegna por poucos milhares, vendendo-o à National Gallery por 140 000 libras. Ou tratar-se-ia do trabalho de um falsificador que pudesse humilhá-lo ou desacreditá-lo? Uma por uma, Rebecca ia considerando e descartando estas teorias. Nenhuma chegava realmente a fazer sentido.

Quando o carro se deteve na entrada das traseiras do escritório, Rebecca viu uma figura a sair pela porta de trás, tirar o cadeado a uma bicicleta e pôr um gorro de lã.

– Quem é? – perguntou Rebecca ao motorista.

– Parece ser a sua *chef*, a Annie, minha senhora – respondeu Ellis. – É costume ficar a trabalhar até tarde.

Espreitando pelas janelas de vidro fumado, Rebecca teve a certeza de que aquela era a pessoa filmada pelas câmaras de videovigilância, a mesma que comprara o

quadro. Estremeceu – só podia ser mais do que uma extraordinária consequência. Não admirava que o pai estivesse assustado: era necessário um inimigo sofisticado e determinado para conjeturar uma infiltração no negócio deles.

Ellis abriu-lhe a porta e estendeu uma mão.

– Sente-se bem, minha senhora? – perguntou. – Está muito pálida.

Rebecca aceitou a mão. Tinha as pernas a tremer e o coração acelerado. A mesma jovem trabalhara para o seu marido, para ela, e espiara até o que fora dito num jantar privado. Que equipamentos de escuta teria conseguido instalar na casa dos Winkleman? O que já teria descoberto?

– Minha senhora? Trago-lhe alguma coisa? – perguntou-lhe Ellis, preocupado.

– Não, obrigada, Ellis. Está tudo controlado – disse Rebecca, tentando manter a calma.

Avançou rapidamente para a porta das traseiras e, marcando o código com gestos bruscos, entrou.

Depois de fechar a porta, encostou-se à parede para se amparar. Os seus passos seguintes seriam cruciais; perguntava-se se deveria reunir as coisas da cozinheira ou chamar a polícia. Não, concluiu, era muito melhor manter o inimigo por perto. Foi diretamente para o seu gabinete, abriu a gaveta secreta e verificou se a pistola estava carregada.

Capítulo 13

Imagine-se o meu horror perante a mais recente reviravolta: o jovem encontrou um restaurador. A mera menção de tal palavra causa-me arrepios na tinta. As atrocidades cometidas em nome da restauração; não é preciso procurar mais longe do que um certo Velázquez em Londres, ou um Leonardo em Paris. Sou tão delicado que zonas inteiras da minha composição poderiam desintegrar-se ao cuidado de mãos erradas. Ainda que a minha pátina esteja manchada por camadas de fuligem, marcas de vela, efluentes humanos, fumo de tabaco e verniz, a perspetiva de um restaurador com recurso a frascos de líquidos nocivos deixa-me a tremer de terror, faz-me perder a cabeça.

A minha conceção foi apressada, urgente e magnífica: o meu mestre sentia-se desesperado por captar a sensação de um primeiro amor, a exaltação dessa emoção. Fui pintado a alta velocidade, com pincéis sujos e uma mescla de óleos, unguentos, álcool e até tinta de parede. Se olhar com atenção para a linha do meu horizonte, verá um mosquito minúsculo incorporado no meu canto superior esquerdo. Zumbia à nossa volta nessa tarde de 1702 e teve (na minha opinião) a sorte de ser imortalizado, embalsamado na minha albumina e empaste. O meu mestre criou aquela folhagem silvestre, vibrante e cintilante misturando um pouco de vinho com canja de galinha e tinta de óleo.

Ora usava os dedos, ora um pincel, ora ainda um espátula ou até a manga na sua missão urgente de capturar com tinta o seu orgasmo de desejo.

Estou a divagar. Regressando àquela tarde. Numa entrada lateral da National Gallery, fomos recebidos por uma mulher. Magra que nem um espeto, de costas retas, cabelo grisalho e óculos de armações pesadas, usava roupas simples da forma mais desalinhada possível, sem qualquer chispa; uma imaginação de alfaiate. Esperei que abordasse o seu trabalho com a mesma falta de ego. Há tantos restauradores que são *artistes manqués*, convencidos de que poderão melhorar a obra de um artista. A mulher – chama-se Agatha – cumprimentou Jesse como um velho amigo que há muito não visse, apertando-o com força contra o peito magricela. Ele foi educado e não resistiu. Quanto à minha proprietária, desviou o olhar, claramente um pouco embaraçada.

– Pareces-te tanto com o teu pai, agora – comentou Agatha, limpando uma lágrima do canto do olho. – O David (o pai dele) e eu trabalhámos juntos durante quase vinte anos – disse ela à minha proprietária.

O que haveria Annie de responder? Que bom? Que interessante? Limitou-se a sorrir nervosamente.

– Agora venham comigo lá acima – disse-lhes Agatha. – Preparo-vos um chá; podemos conversar e vocês mostram-me a surpresa.

Annie lançou um olhar melancólico na direção da porta fechada.

Quanto a mim, senti-me aliviado por não ter de passar pela coleção principal e ser alvo dos esgares de velhos amigos. Longe das áreas abertas ao público, aquele sítio é uma verdadeira toca de coelho. Agatha levou-nos a toda a velocidade por corredores sinuosos até um elevador cavernoso e barulhento,

após o que subimos outra escadaria estreita. De repente, estávamos nas águas-furtadas

sobre Trafalgar Square, num espaço enorme iluminado por uma claraboia voltada para norte. Ao longo de uma parede havia prateleiras carregadas de frascos de vidro cheios de pigmentos diferentes. Sobre uma grande mesa, havia pincéis perfilados em potes de metal. O chão estava pintado de preto e por todo o lado havia cavaletes, paletas e pigmentos, luzes, câmaras e mais parafernália. Suponho que fosse uma espécie de estúdio. Sabe, o meu mestre não tinha um sítio seu ou assistentes que lhe mantivessem as tintas ou os pincéis em ordem. Na verdade, nunca teve um poiso fixo – não durante muito tempo. O seu espírito irrequieto sempre o levou a seguir caminho. A maioria dos quadros saía do seu estúdio pouco depois de ter sido completada.

Tinha três protetores: o seu vendedor, Monsieur Julienne; o seu principal colecionador, o estupendamente rico Pierre Crozat; e o seu biógrafo, o Comte de Caylus. Todos lhe davam alojamento em troco de desenhos. O velho e porco Caylus (um viajante abastado e experiente que teve a temeridade e o mau gosto de escrever uma terrível biografia do meu mestre) gostava de retratos de mulheres nuas em posições atrevidas, pelo que contratava montes de modelos para que o meu mestre as pintasse. Mas o Antoine era mais libertino de espírito do que de ação. Na verdade, era tão tímido que mal conseguia pedir um copo de vinho sem ficar com palpitações.

Tinha uma personalidade simultaneamente mordaz e nervosa – uma combinação, convenhamos, que não é das mais apelativas. Apesar de não ter recebido qualquer educação formal, era um intelectual, maravilhosamente instruído pelas suas muitas leituras e altamente contemplativo. Para além de desenhar e pintar, ler e escutar música eram as suas paixões gémeas. A única coisa que desprezava profundamente era a si mesmo. Os que presumem que uma dose moderada de sucesso poderia ter-lhe abrandado a alma crítica e estimulado nele alguma autoestima enganam-se. Sentia-se ainda mais incomodado e repugnado por si mesmo. Noite após noite ficava deitado a soluçar por baixo de quadros de Rubens e Ticiano, lamentando a sua falta de habilidade, as suas tentativas ineptas de se equiparar aos seus heróis.

Um nível ligeiramente menor de fúria era dirigido aos importunos que lhe perturbassem o labor.

Lembro-me de um incidente em que um miniaturista, que tinha adquirido um pequeno quadro a óleo, passou pelo estúdio para pedir ao Antoine que corrigisse uma «imperfeição mínima» nas nuvens. O

meu mestre olhou do miniaturista para a composição e pediu esclarecimentos. «Onde é ao certo que lhe parece imperfeito?», perguntou.

O miniaturista apontou para o canto superior esquerdo. Sem se deter, o meu mestre pegou num pouco de líquido de limpeza e apagou a tela inteira, à exceção da nuvem afrontosa. «Talvez agora fique mais satisfeito», comentou, empurrando o ofensor e a obra arruinada para a rua.

Onde é que eu ia? Perco-me um pouco. Acontecer-lhe-ia o mesmo, se tivesse trezentos anos.

Agatha – a restauradora – e Jesse continuaram a falar acerca do falecido pai deste e das saudades que ela tinha dele. Oficialmente, eram colegas, mas qualquer tolo veria que ela o amava; da história não consta se os sentimentos seriam recíprocos. Demoraram-se com reminiscências intermináveis, cada uma tão cintilante como uma esponja molhada num dia frio de inverno. Annie desistiu de se mostrar interessada e vagueou pelo espaço, observando outras pinturas. Por fim, acercaram-se de mim.

Agatha apontou uma luz forte à minha superfície antes de colocar um estranho aparelho, uns imensos óculos de aumento, na cabeça. Depois, servindo-se de um disco de algodão, esfregou-o delicadamente (admito que foi delicada) pela minha superfície.

– Onde o encontrou? – perguntou, virando-se para Annie.

– Numa loja de velharias.

– Pobre beleza – comentou a restauradora, antes de me virar para me examinar o verso.

Não é a primeira vez que um ser humano passa mais tempo a olhar para o meu «outro lado». Como já vimos, há diversas pistas interessantes que podem ser encontradas aí, incluindo a idade da minha tela, os carimbos dos que me possuíram, descrições de negociantes e muito mais.

– Já foi reentelado três ou quatro vezes – disse Agatha.

Jesse assentiu com a cabeça.

– Então alguém achou que valia a pena fazer isso?

Agatha concordou.

– Sugere valor. Ou apego sentimental.

Com uma lanterna e uma lupa, debruçou-se sobre a minha superfície.

– Há aqui uma zona onde se vê a qualidade da obra por baixo das camadas de sujidade – disse ela, observando atentamente o meu canto superior esquerdo. Com uma lanterna mais potente, passou o feixe para trás e para a frente sobre a folhagem. – Estou mesmo intrigada com o detalhe da pintura nas folhas e neste pedaço de seda do vestido dela.

Com outros óculos de aumento, fitou os arbustos com uma intensidade ainda maior.

– Se não me engano, aquele borrão branco ali ao canto é uma figura.

– Pensei que fosse uma nuvem – disse Annie, a espreitar para trás da folhagem.

– É um homem completamente vestido de branco. Na verdade, se o meu palpite estiver certo, até é capaz de ser Pierrot.

– Pierrot quê? – quis saber Annie.

Agatha recostou-se na cadeira e disse:

– Uma personagem popularizada pela *commedia dell'arte* italiana no século xvi. Por vezes, Pierrot era retratado como um palhaço sábio, ou como um bobo, mas era sempre um inocente.

– Mas porque haveria alguém de pôr um palhaço numa cena amorosa? – espantou-se Annie.

– Pierrot também era o pobre e desafortunado rival de Arlequim, a competir pelo amor de Colombina.

– Então em vez de ser um quadro acerca do amor num dia de verão, na verdade esta pintura pode dizer exatamente o oposto? Pode ser a história bem conhecida da crueldade do amor?

– Ou apenas de como o amor é improvável – acrescentou Jesse, com um olhar sonhador dirigido a Annie.

– O primeiro Pierrot a ser pintado, e também o mais famoso, é da autoria de Watteau; a obra é de cerca de 1718 e encontra-se agora no Louvre. É uma personagem tão carregada de *pathos* e melancolia, tão eivada de tristeza, que a maioria das pessoas o considera comovente e não ridícula.

– Eu gosto muito mais do quadro, agora que vejo o seu lado mais sombrio – disse Annie.

– Todas as boas obras de arte tratam de complexidade e emoção – disse Jesse. – É essa a sua força. Enunciam algo que nós não conseguimos bem expressar com palavras.

– Fazes-me lembrar o teu pai quando falas assim – comentou Agatha, esforçando-se por não chorar.

Jesse deu-lhe um abraço embaraçado antes de reconduzir a conversa para *moi*.

– Por que razão tantas gerações pintaram esta figura? – perguntou ele, a olhar para a imagem.

– Pierrot tornou-se um símbolo universal. De Cocteau a Picasso, Hockney...

– Juan Gris... – lembrou Jesse.

– Sickert – acrescentou ela.

– Matisse – contrapôs ele.

– Modigliani.

– Max Beckman.

– Chagall – riu-se Jesse. – E Paul Klee?

– Adoro o *Pierrot Jovem* dele – concordou Agatha.

– De que é que isso nos serve? – interveio Annie, que estava a sentir-se perdida e um pouco irritada com aquela competição.

– Na altura em que o seu quadro foi executado, só uma vintena de artistas pintava Pierrot. Watteau terá sido o primeiro e o melhor, e depois havia os seguidores dele, Lancret e Pater.

– Podíamos ir a Paris e ver a versão mais famosa. Está no Louvre – disse Jesse a Annie.

– Talvez – respondeu ela, sem grande entusiasmo.

Não precisava de ir a França. Eu fui o primeiro.

A restauradora pegou em mim e caminhou até a uma porta lateral, fazendo-lhes sinal para que a seguissem. A divisão era pequena, não tinha janelas e estava completamente pintada de preto.

Quando a restauradora fechou a porta, ficámos todos presos dentro daquela caixa minúscula sem ar.

– Algum de vocês é claustrofóbico? – perguntou.

– Ainda não – disse Annie num tom nervoso.

Agatha pegou numa grande lanterna preta.

– Annie, por favor, segure no quadro – pediu-lhe. – Jesse, podes desligar a luz de cima?

Mergulhámos numa escuridão imediata. Mas que raio passaria pela cabeça da mulher? Carregou num botão e do seu aparelho jorrou uma desapiedada luz violeta.

– A luz ultravioleta ajuda-nos a ver através de camadas de tinta – explicou Agatha a Annie –, e, o que é mais importante, a identificar campanhas diferentes.

– Campanhas? – Annie pestanejou. Eu via que ela se sentia desconfortável naquelas circunstâncias inusitadas e compadecia-me dela.

– É o termo dado às várias alturas em que um quadro foi trabalhado ou alterado. A luz ultravioleta é adjacente à luz visível, mas tem um comprimento de onda diferente. Isso permite-me ver gradações na superfície e a textura.

Passou o feixe pela minha superfície, fazendo a luz recuar e avançar.

– Estão a ver que há pequenas pinceladas e manchas fluorescentes à volta do rosto da mulher e também neste canto aqui atrás? – perguntou ela.

– Que estranho, porque será que é só na cara dela e não na dele? – perguntou Annie, a espreitar-me.

O que eles ainda não sabiam era que, mais tarde, o meu mestre tinha pintado outro rosto sobre o *dela*. Era a sua maneira de lidar com a rejeição. Ele não suportara separar-se dela; também não aguentava vê-la. Como um espinho cravado na sua psique, a memória dela nunca foi expurgada mas foi, pelo menos, ocultada. O rosto sobreposto pertencia a uma prostituta; era o mais longe que o meu mestre se aventurava no território do humor.

– O que é ainda mais esquisito é que a tinta sobreposta mal se distingue... deve ter sido aplicada pouco depois da pintura original – comentou Agatha. – Por vezes, as faces de um quadro eram alteradas para o tornar mais comercial. O negociante Duveen tornava os quadros mais apelativos para Hollywood pedindo ao seu restaurador que fizesse com que os Hoppners se parecessem mais

com Joan Crawford, os Romneys com Douglas Fairbanks.

Ela incidiu a luz sobre o meu canto superior esquerdo.

– Esta campanha é mais nítida... dá para ver que alguém retocou esta parte... uma mão bem pesada, tinha este restaurador... vejam só como a tinta se acumula aqui num grande torrão... muito diferente da qualidade da pintura noutras áreas. Este caso é absolutamente fascinante.

Eu não podia estar mais de acordo.

– Jesse, acendes a luz outra vez, por favor?

Agatha desligou a lanterna e levou-nos de volta ao estúdio principal.

– O que acha? – perguntou-lhe Annie.

A restauradora recostou-se na cadeira.

– O maior problema é a tinta sobreposta e o verniz antigo. Retirá-lo é um grande risco. Por vezes, lascar e raspar a camada superior arranca também o que está por baixo. Mas – acrescentou com delicadeza –, encontrou algo interessante. Não sei o que será, mas posso confirmar que é antigo e que, por baixo destas camadas de sujidade e verniz, me parece que haverá algo muito, muito bom.

Será que me deixa ficar com o quadro durante algum tempo? Poderia debruçar-me sobre ele ao final do dia.

A minha tela encolheu-se, horrorizada. Debruçar-se? Que raio quererá isso dizer? A minha proprietária não pode deixar-me aqui à mercê de todos estes frascos de acetona e químicos nefastos.

– O que vai fazer-lhe? – perguntou ela.

– Gostaria de fazer um teste num pequeno pedaço da tela, provavelmente no canto superior esquerdo. Muito devagar e com muita delicadeza, tirarei a sujidade e a poeira e verei o que há por baixo.

– Não tenho dinheiro para lhe pagar... – disse Annie.

– Eu não aceitaria qualquer pagamento. Este quadro trouxe o Jesse de volta à minha vida... sinto-me muito grata por isso.

Agatha inclinou-se e abraçou-o.

Quase me comovi mas, acima de tudo, estava assustado – um deslize e seria o meu fim.

Tentei acalmar as emoções – as vibrações são prejudiciais para a minha tela. Ao menos ficaria num museu. Talvez até pudesse ter algumas conversas interessantes. Do outro lado estava um grande Veronese – todo despojado –, com um ar sumamente infeliz, na minha opinião. Num cavalete estava um Grossart bastante refinado e, com grande entusiasmo, parecia-me ter visto um Giorgine

em cima de uma mesa. O meu mestre adorava Giorgine, pura e simplesmente adorava-o.

– Acho que vou sentir a falta dele – disse Annie, ao mesmo tempo que me levantava.

– Não terá tempo para isso. Vai ter de ser um trabalho de equipa. Preciso de informações acerca de quem executou esta pintura e quando. Quanto mais eu souber acerca do artista, mais exata poderei ser. Séculos e nações diferentes produzem tipos diferentes de tinta e de materiais. Seria muitíssimo útil ter noção de quando e onde foi pintado.

– A Delores Ryan disse que não passava de uma cópia barata – disse Annie.

– Não me tinha dito isso! – Jesse olhou para ela com um ar surpreendido.

– Esqueci-me.

– Os peritos nem sempre estão certos – atalhou Agatha. – E é tão divertido provar que se enganam.

O Jesse vai fazer um esboço. O meu palpite é que este quadro terá entre duzentos e cinquenta e trezentos anos. Já o levou à Wallace e encontrou semelhanças nesses quadros, pelo que é provável

que seja francês ou flamengo. – Agatha ia contornando a mesa no centro da sala, como que a pensar em voz alta. – Pode ser uma falsificação astuta – disse, pensativamente. – Mas ainda não me deparei com um falsificador que se desse a tanto trabalho a reentelar um quadro ou a cobri-lo de forma tão eficaz com camadas de fuligem e fumo.

– Vamos levá-lo ao Museu Britânico – sugeriu Jesse.

– Porquê? – perguntou Annie.

– É claro que pode ir sozinha – apressou-se ele a esclarecer e corando ao mesmo tempo.

– Não me referia a isso... já tinha falado do Museu Britânico... porque havemos de ir lá?

– É lá que está a coleção britânica de desenhos e esboços: deviam começar pelo *catalogue raisonné* – informou Agatha. – São inventários do trabalho de alguém, por norma consistindo nos esquissos feitos ao longo da vida. O Museu Britânico também contém uma coleção excecional de desenhos e esboços desde o início do Renascimento.

Annie deixou-se cair pesadamente numa cadeira.

– Continua a parecer-me que é como procurar um milagre num palheiro – comentou.

– Não é preciso aprofundar a busca nem mais um centímetro – assegurou-lhe Agatha num tom delicado. – Tenho muito trabalho com que me entreter – disse, abarcando o estúdio com um gesto. –

Em seguida tirou uma folha de papel de uma gaveta e começou a anotar alguns nomes. – Comece com Watteau, depois Lancret, Pater, Boucher e Fragonard. Se não obtiver resultados com estes, eu tentarei pensar noutros.

Eu percebi o que ia pela cabeça de Annie – em parte, estava horrorizada pela ideia de uma caça aos gambozinos por um mundo impenetrável de práticas arcanas e linguagem obscura. Por outro lado, porém, o seu interesse fora espicaçado; ela queria descobrir como funcionava aquilo. E, sobretudo, queria que eu fosse «bom». De alguma maneira, o meu valor e a sua autoestima tinham-se enredado.

Caso descobrisse uma obra-prima perdida, ela passaria a ser uma pessoa de bom gosto e discernimento.

Contra os meus próprios interesses, de súbito dei por mim a querer que aquela Agatha se debruçasse sobre a minha tela. A querer ser restaurado ao panteão dos grandes, ocupar o meu legítimo lugar com os meus amigos, pendurado numa parede de damasco, ser falado em sussurros reverentes, ser amado, admirado e estudado devido a quem realmente sou. Também queria que Annie desfrutasse da minha glória e fosse feliz. Era tão estranho que, ao fim de três séculos, eu desse por mim a afeiçoar-me realmente a um proprietário. A idade estava a amolecer-me.

Vi-a a olhar ora para mim, ora para Jesse, ora ainda para Agatha. Seguiu-se um silêncio breve mas intenso, até que o seu rosto se abriu subitamente num sorriso

imenso.

– Porque não? Porque não, caramba?!

Há que admitir que me senti bastante agradado.

Capítulo 14

Pela terceira vez na mesma semana, Rebecca cancelou o almoço e disse a Annie que deixasse a cozinha até ser chamada: devia manter-se contactável e não se afastar mais do que uma hora de caminho da Obras d'Arte Winkleman. Ao longo daquela quinzena, por motivos que ninguém compreendia, Rebecca fora ficando cada vez mais receosa e desconfiada de todos os funcionários.

Tinham sido instaladas mais câmaras de videovigilância nos gabinetes, o acesso à base de dados da empresa fora restringido e havia seguranças estacionados nos corredores e junto aos cofres. Rebecca era a primeira pessoa a entrar e a última a sair todos os dias; as suas reuniões rotineiras tinham sido canceladas e havia um aviso permanentemente pendurado na sua porta, a dizer «não incomodar».

Querendo demonstrar algum apoio, Annie bateu à porta e ofereceu-se para lhe preparar uma chávena de chá.

– Se tem tempo para fazer chá é porque não está a fazer o seu trabalho como deve ser – foi a resposta brusca de Rebecca.

Nunca passou pela cabeça de Annie que quaisquer daquelas medidas estivessem de alguma forma relacionadas com ela, quanto mais com o seu quadro; afinal, ela era apenas uma *chef* temporária, uma mulher sem qualquer importância.

Caminhando a um passo estugado, Annie demorou dez minutos do seu trabalho à Biblioteca de Londres. A Obras d'Arte Winkleman oferecia cartão de leitor aos funcionários, o que, para Annie, era a melhor regalia do seu novo emprego. Apressou-se por Berkely Street, atravessou Piccadilly e cruzou uma arcada, esquivando-se aos turistas e optando por uma rua secundária que ia dar a St.

James's Square. A biblioteca era um oásis de calma e contemplação. Annie pendurou o casaco e avançou pela grande escadaria, passou por uma porta lateral e subiu os degraus metálicos, percorrendo uma longa fileira de livros até chegar à secção identificada como Miscelânea/Comida.

Era a sua quarta visita nos últimos dez dias.

No início da sua pesquisa para o jantar de Delores, Annie tinha-se concentrado sobretudo em menus e em como prepará-los, mas a comida era apenas uma parte da história. A vida na corte francesa girava em torno de protocolos, intrigas, leis escritas e tácitas, e o banquete estatal era tão-só outro campo de batalha, o cenário de estratégias letais, minas e armadilhas, presidido pelo Rei. No decorrer de um único prato, carreiras eram feitas e perdidas. Quanto mais descobria, mais pormenores Annie queria apresentar. Embora não pudesse reconstruir as *nuances* ou sequer os perigos inerentes a um jantar da corte em Versalhes e lugares afins, desejava recriar o ambiente e a sensação da ocasião.

Em Versalhes, havia mais de dois mil trabalhadores na copa real; Delores teria apenas uma, inexperiente. Na Corte Real, os banquetes dividiam-se em vários serviços, cada um com dois a oito pratos: *hors d'oeuvres*, sopas, pratos principais, sobremesas e fruta. Quantos haveria ela de preparar? Quando Luís se retirava, pelas 23h30, teria comido entre vinte e trinta travessas, após o

que guardaria alguma fruta cristalizada no bolso e mordiscaria um ovo cozido a caminho da cama.

Poderia ela replicar tamanha aura de opulência e grandiosidade? Um grande serviço de porcelana, de uso quotidiano na corte, podia custar tanto quanto uma casa em Mayfair. Annie sabia que não bastaria apresentar simplesmente pratos similares; ares de pompa e cerimónia, mesclados com expectativa, seriam ingredientes essenciais. Para os cortesãos, essas noites eram motivo de ansiedade; participavam até quinhentas pessoas e onde cada uma era instalada refletia a posição ocupada na hierarquia de favoritismo do rei. Ser instalado no lugar errado era uma forma de humilhação pública.

Nem valia a pena conhecer os que ficavam para lá do sal1. Enquanto ia andando, Annie perguntava-se como poderia criar uma noite que não fosse apenas um *pastiche* engenhoso.

Durante o reinado de Luís, havia instruções fixas a acompanhar cada refeição. Essas regras faziam parte da exibição de poder e opulência. Annie voltou-se para outro tomo e viu que o rei se sentava ao meio de uma comprida mesa retangular. Alguns convidados e até membros do público reuniam-se de um lado e do outro da sala, a observar, embora não necessariamente a comer. A alguns seria pedido

que se sentassem às extremidades da mesa do rei, onde não estorvariam nem a visão de Sua Majestade, nem a passagem dos criados. Annie sorriu, imaginando que Delores apreciaria essa demonstração de poder.

A parte mais perigosa da refeição não era o risco de um *faux pas*, mas antes a mera quantidade de comida. A cunhada de Luís XIV, a princesa Palatina, recordava: «Ele era capaz de comer quatro pratos de sopa, um faisão inteiro, uma perdiz, um grande prato de salada, duas fatias de presunto, borrego *au jus* com alho, um prato de doce, e a tudo isso se seguia fruta e ovos cozidos.» Os ingredientes eram recolhidos dos quatros cantos do reino de Luís: ostras de St. Malo e Cancale, lagostas da Normandia; legumes e verduras dos jardins reais de Versalhes; trufas de Itália; caça das colinas e florestas de toda a França. Por incrível que parecesse, Luís tinha vivido até aos setenta e sete anos.

Annie começou a preocupar-se com o dinheiro necessário para comprar a comida. Ao início, um orçamento de 6000 libras parecia tremendamente generoso, mas isso fora antes de ela se ter inteirado de receitas com *foie gras*, salmão selvagem, ostras, saladas salpicadas com folha de ouro, lagostins frescos, creme de castanha com trufas; *bisque* de marisco. Uma refeição digna de um rei era um investimento, mais do que um luxo. Ela também sabia que teria de comprar ingredientes para experimentar as receitas; sobravam-lhe 6000 libras da venda da casa do Devon, mas sentia-se muito renitente quanto a recorrer ao seu fundo de emergência.

Annie olhou para o telemóvel e viu que se tinham passado duas horas. Ainda não recebera qualquer mensagem de Rebecca, nenhuma instrução quanto ao jantar. No frigorífico, havia comida suficiente para quatro pessoas e, desde que os Winkleman não estivessem à espera de convidados, bastar-lhe-ia uma hora para escalfar o peixe e cozer os legumes a vapor. Como precisava de esticar as pernas, saiu da biblioteca e afastou-se de St. James's Square, sem saber para onde ia. Uma aragem forte atingiu-a quando dobrou a esquina. A tremer, Annie enterrou mais o gorro na cabeça. Uma rapariga a correr passou por ela, com um leitor de música portátil numa mão e uma garrafa de água na outra. Uma mulher de meia-idade e o filho passaram em trotinetas, a mãe a ofegar, com uma saia justa que lhe restringia os movimentos. Começou a chover, primeiro umas gotas esparsas, e depois, sem aviso, uma bátega persistente. Havia gente a correr para entradas de prédios, a sacudir água de

casacos e a limpar rostos molhados, alegres, apesar da súbita adversidade

meteorológica. Um jovem deu um piparote numa gota caída a meio do seu cigarro aceso. Duas senhoras, vindas do campo, tiraram lenços de poliéster das suas malas pretas e lustrosas com fechos dourados. Um grupo de meninas de escola, a usar manuais como guarda-chuvas, correu para uma paragem de autocarro. A cena pertencia totalmente ao século xxi, mas Annie continuava perdida na corte de Luís XIV e nos preparativos para o jantar de Delores. Caminhava rapidamente, com os pensamentos a esvoaçarem de receitas para disposições da mesa. Seriam gansos fracos substitutos para uma receita que pedia seis cisnes brancos? Que altura conseguiria dar a uma pirâmide de profiteroles?

Um ciclista a acelerar descuidadamente pelo passeio na sua direção fê-la regressar ao presente.

Desviou-se com um pulo, tropeçou e reparou em algo prateado. Era um dracma grego, decerto já um objeto de coleção. Não era sinal de boa sorte encontrar um tostão, como quando nos caía caca de pássaro em cima? Annie animou-se um pouco. Guardou o dracma no bolso e avançou contra as gotas de chuva. O aguaceiro limpava os passeios. Ela tinha Londres só para si, enquanto pombos e peões se abrigavam da tempestade. A água entrava-lhe pelo buraco do sapato; a sua meia encharcada. Se o jantar de Delores ia ter lugar a 1 de abril, dali a menos de seis semanas, que produtos seriam próprios dessa época? Annie lamentou a sua ignorância, a falta de uma educação formal. Deveria servir coisas que não fossem da época, encomendadas de partes distantes do mundo? No tempo de Luís, sem meios de refrigeração e com um sistema de transportes limitado, isso estaria fora de questão. Nesse caso, contudo, se a ideia era cozinhar de forma autêntica, devia deixar alguma da carne estragar-se um pouco e disfarçar o sabor a podre com pimenta, noz-moscada e outras especiarias disponíveis.

A chuva parou tão abruptamente como tinha começado, deixando as ruas tão escuras e brilhantes como cabedal. As pessoas saíram das arcadas de prédios e das paragens de autocarro, lançando olhares apreensivos para o céu. Annie vagueara para uma zona da cidade que não conhecia e, de repente, sentiu fome e frio. Remexeu no fundo do bolso, de onde tirou três moedas de uma libra e o dracma. O que poderia comprar com aquilo? Quanto tempo a deixaria o proprietário de um café ficar se pedisse um único café? Viu o seu reflexo na montra de uma loja: o cabelo escuro colado ao rosto pálido, as olheiras pesadas.

Memórias do encontro da noite passada regressaram-lhe à mente, como que uma

picada de vergonha e autodesprezo. Annie jurara não ir a mais noites de solteiros mas, com Evie ainda em sua casa, ela precisava de sair. Conhecera o homem junto ao quadro *Embaixadores,* de Holbein, na

«Noite de Convívio» da National Gallery. Ambos estavam a tentar encontrar o crânio escondido na parte inferior da pintura; por acidente, as suas cabeças tinham ido uma contra a outra. Ele julgara que ambos tinham a mesma idade, vinte e cinco. Annie sentiu-se secreta e pateticamente grata por esse equívoco.

Ele era alemão e elegante, mais ou menos, divertido, mais ou menos, com um sentido de humor mais para o pesado e uma barba de dois dias. Ela acedera a ir ao apartamento dele, convencendo-se de que seria apenas para tomar um copo de vinho. Mas a verdade era que se sentia desesperadamente só. Esperava que fazer amor pudesse exorcizar memórias, embora soubesse bem que corpos desconhecidos e encontros casuais não ofereciam mais do que um conforto passageiro. Levantara-se da cama do alemão às seis da manhã e fora diretamente para o trabalho. Rebecca já lá estava e, ao cruzar-se com ela no corredor, mirou-a de cima a baixo. Ela sabe, pensou Annie, corando profundamente e indo muito depressa para a casa de banho.

Deu por si em Coptic Street. Um dos amantes da mãe, um especialista em igrejas coptas do Egito, prometera levá-las a Lalibela para que vissem mosteiros esculpidos em pedra; essa fora a primeira de muitas promessas por cumprir. Ao fundo da rua havia um pequeno café de janelas embaciadas e algumas decorações do Dia dos Namorados – umas fitas douradas e um coração de papel encarquilhado. Depois de espreitar lá para dentro e de ver que todos os lugares estavam ocupados, Annie prosseguiu caminho. Virou na esquina e deparou-se com uma fachada imponente num pátio rodeado de grades de ferro. Embora se tivessem passado mais de vinte anos desde que o visitara nos tempos da escola, Annie reconheceu o pórtico do Museu Britânico.

Quando Agatha e Jesse lhe sugeriram que investigasse a coleção de desenhos do Museu Britânico, ela não percebera o propósito disso. Sem ter a mínima ideia do que procurava, como seria possível encontrar o que quer que fosse? Três semanas antes, ter-se-ia atirado a qualquer tipo de distração; mas agora tinha a vida cheia com Rebecca e Carlo, a mãe e o jantar de Delores. Até mesmo a mágoa fora remetida para um espaço mais pequeno. Não tenho tempo para ir a museus em caçadas disparatadas, pensou. Olhou para o relógio. Eram duas e um quarto de uma quinta-feira à tarde.

Horas vãs estendiam-se à sua frente. Sou como a velhota da lengalenga infantil, pensou ela – a engolir a aranha para apanhar a mosca, a engolir o pássaro para apanhar a aranha – e talvez a atividade de deslocação também acabe por me matar.2

Subiu os vastos degraus de pedra, passou pelo balcão de informações, o átrio cinzento e entrou num imenso pátio interior, a dar-se conta de que a criança que fora não reconheceria o Museu Britânico. No centro havia uma construção circular feita de pedra da cor do mel, com uma escada em caracol; os pavimentos eram de lajes de mármore branco e o vasto teto abobadado era composto por milhares de painéis rendilhados de vidro opaco, a fazer lembrar um enorme olho de mosca. No café ao canto, pediu uma tigela de sopa e um naco de pão e sentou-se no chão por cima de uma grelha do sistema de aquecimento central, a ver quem ia passando. Aquele era o sítio ideal, concluiu, para se levar incerteza e não se sentir deslocado. A maior parte das pessoas que passava pelo espaço enorme ou que se agrupava perto das cabinas de venda de bilhetes do lado de fora da loja de recordações tinha guias turísticos, mapas impressos e um ar assoberbado.

Aquecida pela sopa e pelas baforadas do aquecimento central, Annie subiu as escadas e passou pela secção egípcia, com as suas múmias enfaixadas deitadas em sarcófagos abertos. Crianças em visitas de estudo encostavam os narizes às proteções de vidro. Assírios, Fenícios, Etruscos, que tinham vivido dois ou três mil anos antes. Quantas gerações antes? Quantos bisavôs? Quantos progenitores? Annie sentia-se estranhamente reconfortada pela sensação de ser tão absolutamente insignificante, tão diminuída pelo tempo.

Deteve-se junto a um jarro de vidro em miniatura, cor de jade. Tinha uma pega tão delicada como a pata de um pardal; e o vidro translúcido como a asa de uma libélula. A legenda indicava que era de 3200 a.C. Annie ficou fascinada. Como teria sobrevivido? Seria um objeto de coleção muitíssimo prezado? Ou teria sido apenas um acaso? Concentrou-se na legenda: «Este extraordinário objeto foi encontrado num caixão na Mesopotâmia, onde tinha estado durante quatro mil anos.» Valha-me Deus, pensou ela, que vida miserável: toda feita de tempo, sem qualquer ação. Imagine-se, não ver outra coisa que não o interior de uma caixa. Sem casos de uma noite, sem realizadores lunáticos, sem mães bêbedas, sem desgostos amorosos, sem erros atrozes ou pequenos triunfos... só uma data de segundos, horas, décadas, milénios acumulados. Os seus pensamentos regressaram a Desmond e, pela primeira vez em mais de um ano, o estômago

não se lhe revolveu. Então apercebeu-se de que o

grande peso, um elemento permanente no seu coração, se aligeirara. Talvez o estilhaçar da sua antiga vida tivesse sido uma espécie de bênção: agora, pelo menos, vivia de acordo com as suas próprias condições. Aquela nova estância de solidão (que esperava que fosse muito breve) era uma espécie de segundo ato, de movimento diferente, por miserável e desconfortável que fosse. Talvez até encontrasse o seu rumo, por entre aquela embrulhada, para chegar um grande desfecho. Quando tornou a olhar para o jarro de jade, sentiu uma pontada súbita e inexplicável de esperança.

Continuou a percorrer as divisões cavernosas até à ala este do museu, onde uma pequena tabuleta anunciava a biblioteca de desenhos. Mostrou a carta de condução a um jovem de guarda ao torniquete e entrou num espaço comprido com o teto forrado a madeira. Ao fundo havia uma janela alta. As paredes estavam forradas com dois andares de estantes com portas de vidro, acessíveis através de uma galeria. Grandes secretárias iam de um lado ao outro da sala. Ao centro, um pequeno espaço de exposição continha alguns itens da coleção. Annie espantou-se com um desenho de Picasso, um sátiro priápico com uma jovem voluptuosa. Se fosse uma fotografia, concluiu Annie, teria sido censurada.

O seu preferido era uma desenho de Jim Dine, que representava uma trança simples a descer pelas costas de uma jovem. Tratava-se de uma imagem literal e evocativa, que lhe lembrava o terror dos primeiros dias de cada ano letivo: quem se sentaria a seu lado? Iria a professora gostar dela? Será que vão gozar comigo porque tenho uma esferográfica vermelha? E se repararem que tenho buracos nas solas dos sapatos?

Agatha sugerira-lhe: «Comece pelas obras de Antoine Watteau.» Annie sentiu uma ligeira pontada de culpa, pois sabia que Jesse quereria estar ali consigo. Recordou o adágio de Evie: «Lá porque alguém te ama, isso não te obriga a amá-lo também.» Ocorreu-lhe que talvez o mundo inteiro estivesse preso num carrossel de amor não correspondido.

A um canto havia uns catálogos enormes, encadernados a couro. Annie procurou na letra W e encontrou vinte entradas para Watteau, divididas entre textos impressos e desenhos originais.

Preencheu um formulário e levou-o à bibliotecária.

– Escolha um lugar que já lhos levamos – indicou-lhe a jovem ao balcão.

Annie encontrou uma mesa vazia ao fundo da sala, ao lado de dois homens que estavam a examinar desenhos tirados de uma caixa cuja etiqueta dizia «Hogarth». Espreitou por cima dos ombros deles e, ainda que as imagens tivessem centenas de anos, bastou-lhe um olhar de relance para saber como havia sido cada uma daquelas pessoas; Hogarth captara a essência dos seus modelos com apenas alguns traços a lápis e esfumando um pouco com um dedo: o homenzinho arrogante com o seu peito inchado, pernas arqueadas e olhar sobranceiro; a mulher de vestido de menina, cujo olhar de esguelha estava carregado de determinação; os dois meninos debruçados sobre um pássaro com uma asa partida, distintamente sem se decidirem a tratar a criatura ou a pôr-lhe fim ao sofrimento. Até pouco tempo antes, Annie julgava que as pinturas captavam a semelhança e que só os entendidos eram capazes de compreender significados ocultos e simbolismos arcanos. Jesse ajudara-a a perceber que uma resposta emocional e instintiva era igualmente válida.

Enquanto esperava que lhe levassem os itens requisitados, tentou imaginar as vidas dos leitores que a acompanhavam ali. Quem seria aquela jovem bonita que examinava o retrato de um homem à lupa? E aquela solteirona vestida de forma tão severa, que rabiscava notas, rodeada pelas imagens mais pornográficas de Picasso? O que discutiriam a menina e o pai em sussurros tão urgentes? Seria mesmo a paisagem pastoral que tinham na mesa diante deles? Olhando em redor, agradava-lhe a aura de seriedade e contemplação.

Quinze minutos depois, a bibliotecária levou-lhe uma caixa e um par de luvas brancas. Annie calçou as luvas e abriu a pasta com o maior dos cuidados. Estão a deixar-me mexer em desenhos com trezentos anos, pensou ela enquanto olhava para a cabeça de uma mulher. Ninguém está a pairar a meu lado. Os esboços não têm uma capa protetora. Não há câmaras de videovigilância a espiar-me.

O primeiro desenho em que segurou fora feito com os mesmos paus de giz vermelhos, pretos e brancos que ela tinha visto no livro de Delores. Da mala, tirou os esboços que Jesse tinha feito do seu quadro e pousou-os na secretária, em busca de uma parecença entre a imagem e um desenho intitulado *Les Agréments de l’été,* que mostrava uma rapariga num baloiço. Para os olhos leigos de Annie, todas as pessoas nos desenhos de Watteau eram semelhantes e artificiais: com feições regulares, bem-proporcionadas, de peitos generosos e tornozelos delicadamente torneados.

Inevitavelmente, os seus pensamentos desviaram-se para o jantar de Delores e uma receita que tinha estudado, de lagostim em molho de Sauternes. Concentra-te, ralhou Annie consigo mesma e, retornando à tarefa em mãos, tentou imaginar, tal como Jesse sugerira, que aquilo era a cena de um crime e ela uma detetive em busca de pistas. Talvez, pensou, as feições de um rosto não sejam as coisas que reconhecemos. Fechou os olhos e pensou em Jesse, tentando captar a forma como o seu nariz e a sua boca estavam situados em relação às orelhas e ao cabelo. Era capaz de visualizar partes, mas não conseguia representar o todo. Recomeçou: belo cabelo acastanhado, olhos azul-celestes com um contorno mais escuro. Um metro e oitenta, por aí. Algumas sardas nas faces. Umas mãos finas e compridas. Um rosto estreito com maçãs do rosto altas. Porém, atributos físicos não conjuravam a essência de uma pessoa. Remeteu-se de novo ao café e tentou recordar os maneirismos dele, a maneira como afastava a franja dos olhos com uma passagem rápida dos dedos ou pousava o queixo nas mãos unidas. Aquela voz suave, profunda. Aquilo que recordava mais eram os olhos: sempre em movimento, à procura, a percorrerem-lhe o rosto, atentos. Talvez fosse aquela a chave da arte da deteção: não procurar a coisa completa, mas antes uma aura, uma sugestão; tentar encontrar a personalidade do artista nos desenhos.

O olhar fixo de um desconhecido arrancou-a ao devaneio. Sentiu os olhos colados em si antes de ver o homem que a observava intensamente, sentado com umas mesas de permeio. Era idoso e estava exuberantemente vestido, com um lenço às pintas ao pescoço e uma casaca de veludo, com o cabelo grisalho e lasso a emoldurar-lhe um rosto tão aguçado como uma bigorna. Tinha uma corrente magnífica a pender-lhe do bolso da casaca até um botão do outro lado, e ao centro um relógio com a tampa aberta. Annie correspondeu-lhe ao olhar com toda a hostilidade que era capaz de expressar. O

homem continuou a fitá-la com uns duros olhos azuis e um sorriso de lábios comprimidos, como que a reconhecê-la. Annie ignorou-o e regressou à sua pesquisa.

A bibliotecária colocou-lhe outra pasta de desenhos em cima da secretária. Era uma capa de couro verde, gravado a dourado, e ela abriu-a cuidadosamente. O primeiro desenho era decididamente diferente: um retrato eivado de individualidade. A mulher fitou-a com um olhar tranquilo, mas divertido. Annie sorriu-lhe. Havia uma legenda: *Charlotte: la plus belle des fleurs ne dure qu'un matin.* O que quereria aquilo dizer? A mais bela flor *ne dure... un matin,* manhã. *Ne dure, ne dure,* repetiu ela. Não dura? Durar? Deve ser isso. «Flores lindas não

duram mais do que uma manhã.»

Aquilo devia ter uma história por trás. Colocou o desenho de Jesse ao lado do desenho e procurou a fotografia do seu quadro, que tinha no telemóvel. Definitivamente, não se tratava da mesma pessoa.

Que pena, já que ela gostara do rosto de Charlotte, da sua vivacidade. Perguntou-se se seria a mulher acerca de quem lera no livro de Delores, o amor da vida de Watteau. À outra mulher dos desenhos

faltava a intensidade de Charlotte. A imagem seguinte era o busto de um homem, um autorretrato: Watteau. Annie estudou-o cuidadosamente. Tinha umas feições distintas, era um homem de rosto comprido, com uns olhos ovais de pálpebras pesadas e uma boca de lábios cheios. As roupas dele eram esplêndidas; o casaco tinha um debrum de pelo; o colete, botões de pérola. O seu cabelo era comprido e encaracolado. Exibia uma expressão profundamente melancólica e desiludida, como se o mundo o desapontasse consistentemente. O tipo de pessoa que emitiria pequenos gemidos e suspiros involuntários enquanto desempenhava as tarefas do quotidiano.

Folheando outros desenhos, encontrou retratos do artista, de todos os ângulos possíveis. Seria um narcisista, ou demasiado pobre para contratar um modelo? As representações que fazia de mulheres eram bastante insípidas, como se ele não estivesse particularmente interessado nas personalidades delas, mas depois Annie deparou-se com outro desenho da bela Charlotte. Mais uma vez, a energia e a excitação do artista saltavam da composição. Annie gostaria de saber o que teria acontecido à jovem – seria que ela e o pintor eram amantes? Tinha praticamente a certeza de que ele não se enamorara de nenhuma das outras modelos ou, pelo menos, de nenhuma que ela tivesse visto até então.

A assistente da biblioteca levou-lhe outro livro enorme, o segundo volume do *catalogue raisonné* das obras de Watteau: páginas e páginas de cópias impressas das pinturas originais. Ao virar as páginas, Annie via mais e mais cenas bucólicas e altamente afetadas de amor e artifício cortesãos, e a opinião que tinha do artista foi-se degradando cada vez mais. Como poderia alguém sentir-se seduzido por aqueles eventos sociais infindos, aqueles figurinos vestidos com demasiada sofisticação a quem uma sucessão de músicos dedicava serenatas? Traziam-lhe à memória a mais recente festa da estreia de Carlo, onde os excessivamente privilegiados perseguiam os escassamente vestidos. Annie tinha

observado convidados entregues a rondas desesperadas de bonomia e palmadas nas costas enquanto conjuravam secretamente a queda em desgraça tanto de amigos como de inimigos. Alguns tinham ido por amor ao cinema; mas a maior parte só queria saber do dinheiro.

Talvez, pensou Annie, fossem aquelas transações humanas afetadas e artificiais o que Watteau pintava. O comportamento nas cortes dos realizadores famosos e dos monarcas fabulosos não devia ser muito diferente: tanto num sítio como noutro, todos faziam vénias a um potentado, esperando assegurar favores. Talvez Watteau tentasse imbuir as cenas de ironia e *pathos.* Teria nascido pobre ou abastado? Seria um libertino nato? Sentir-se-ia tão desconcertado como ela ao ouvir por acaso partes da conversa no jantar dos Winkleman?

Virou a página e viu uma cópia impressa de um quadro intitulado *Embarque para Citera,* que mostrava casais a entrar num barco. À primeira vista, tratava-se de uma cena bucólica, com anjinhos roliços a darem cambalhotas com aparente alegria por um céu estival. Com mais atenção, Annie viu sinais de problemas iminentes: nos casais, cada um olhava para seu lado; havia uma árvore morta ao fundo e nuvens escuras acumulavam-se sobre distantes cumes nevados.

Annie não deu pelo homem com cara de bigorna, que se tinha levantado e ocupado o lugar ao lado do dela.

– Perdão, mas os apreciadores de Watteau são poucos e raramente se encontram – declarou numa voz suave, a espreitar o esboço de Jesse. – O que tem aí? Posso? – Sem esperar pela resposta, pegou no desenho e fitou-o, devorando cada traço de lápis com o olhar. – Foi a menina que fez isto?

– Um amigo fez-me uma cópia de um quadro.

– Onde está este quadro? – perguntou ele.

Annie reparou que a voz lhe falhava de excitação.

– Porque quer saber?

– Adoro a obra de Watteau – disse ele, pronunciando o nome no artista com um forte sotaque francês, pronunciando o «W» como «V».

– Como sabe que é dele? – perguntou Annie.

Sem pedir permissão, ele agarrou no telefone dela e fitou a fotografia com intensidade. Annie recuperou-o com um gesto firme.

– Ando à procura deste quadro há muito tempo – disse o Cara de Bigorna, afastando a cadeira e olhando pensativamente para Annie. – Onde o arranjou?

– Numa loja de velharias – respondeu ela, a achá-lo extremamente presunçoso e não pouco sinistro. Tirou-lhe o esboço e dobrou-o ao meio.

– Porque achou que poderia ser de Watteau? – perguntou ele.

– Não achei, nem acho – replicou Annie. – Um amigo sugeriu que talvez fosse e... – hesitou –, lembrei-me de fazer alguma pesquisa.

Não podia propriamente dizer àquele desconhecido que se sentia só e precisava de escapar à mãe.

O Cara de Bigorna pigarreou.

– Gostaria mesmo muito de ver o seu quadro – disse ele.

Annie fechou o livro e preparou a mochila para se ir embora.

– Antes de ir, veja só isto. – O homem foi até à sua secretária, a poucos metros da dela, pegou no grande livro que tinha estado a examinar e levou-o até Annie. Cuidadosamente, passou umas quantas páginas. – *Voilà* – disse com um grande floreado, a apontar para uma gravura. – O primeiro volume do catálogo de Julienne, *Le Recueil Julienne*, publicado pelo caro amigo e ocasional vendedor do artista. Como pode ver, há uma semelhança inequívoca entre o seu esboço e esta gravura. Q.E.D.»

Annie tornou a olhar para a reprodução. Ainda que estivesse a preto e branco, havia uma semelhança nítida. Aquela estranha nuvem branca à esquerda era, tal como Agatha suspeitara, um palhaço triste que parecia ter sido expulso de uma clareira encantadora pelo pé delicado da mulher.

Atrás desta havia uma fonte clássica e uma ninfa em cima de uma coluna, a rir.

– Não é o mesmo quadro. A senhora do meu tem um rosto diferente – disse Annie.

– Há um motivo para isso – contrapôs o Cara de Bigorna.

– Qual?

– Traga-me o quadro que eu conto-lhe uma história muito interessante.

Annie olhou novamente para a gravura e para a legenda: « *L'improbabilité d'amour,* fielmente gravado por Benoît Audran, o Jovem, em 1731». O Cara de Bigorna traduziu:

– *A Improbabilidade do Amor.*

Annie quase se riu.

– Há trezentos quadros atribuídos a Watteau no catálogo de Julienne – prosseguiu ele –, mas apenas uma centena sobreviveu ou é conhecida. Até agora, encontrei dez quadros perdidos. Se encontrasse este, eu e muitas outras pessoas ficaríamos felizes.

– Não é isso o que faz Delores Ryan? – perguntou Annie.

Com um esgar, o homem respondeu:

– Miss Ryan só fareja coisas que estejam cobertas de chocolate.

Annie sorriu, contrafeita.

– Então, quando vai mostrar-me o seu pequeno quadro?

De repente, ela só queria fugir daquela sala de ar rarefeito, daquele homem estranho de barba pontiaguda e feições esculpidas. Queria voltar a ser a anónima Annie McDee, livre e invisível nas ruas de Londres.

Vestiu o casaco e pôs a mochila ao ombro.

– Tenho de ir; estou com pressa – disse-lhe.

– Chamo-me Trichcombe Abufel. Precisa de mim, minha querida, muito mais do que eu de si.

O nome remexeu algo na memória de Annie, que no entanto não conseguia

precisar o que seria.

– Já ouviu falar de mim – comentou Abufel num tom atencioso.

Annie começou a encaminhar-se para a porta.

– Ouça, menina – chamou-a Abufel, a segui-la. Vários leitores levantaram a cabeça, irritados com a tagarelice. – O seu quadro não deve passar de uma cópia barata, mas há uma possibilidade remota de que não o seja.

Annie saiu da sala de leitura e avançou pelo corredor comprido. Para sua exasperação, Abufel continuava a seu lado.

– Só há um perito no mundo cuja opinião interessa, e esse perito sou eu. Sugiro-lhe que pare e ouça. – Abufel estava ligeiramente esbaforido. Annie não parou. Já estava farta de que lhe dissessem quando parar, quando começar, como se fosse o brinquedo de uma criança. – É evidente que não faz ideia do que tem em mãos, pelo que vou dar-lhe uma pista ou duas. Quando as resolver, calculo que ficará bastante ansiosa por entrar em contacto comigo e acabar de resolver o enigma.

Annie estacou e virou-se. A sua vontade era gritar-lhe uma obscenidade qualquer, mas o seu interesse fora espicaçado. Abufel sorriu com um ar triunfante, revelando uns dentes pequenos e amarelados e uma gengivas bastante cinzentas.

– A primeira pista é o rei Luís XV, a segunda é Catarina, a *Grande,* e a terceira é a rainha Vitória.

A ver se consegue unir os pontos. – Fez uma ligeira vénia. – Trichcombe Abufel, Consultor de Belas-Artes, 11D Lansdowne Crescent, W11. Espero que nos vejamos em breve em circunstâncias menos apressadas.

Ainda a sorrir, ele voltou-se de novo para a biblioteca de desenhos. Annie seguiu caminho.

– Era só mais o que faltava, raios – resmungou entre dentes. – Era só mais o que faltava, raios.

Afastando-se do museu, Annie tornou a sentir o manto pesado da solidão

instalar-se sobre os seus ombros. Olhou para o telemóvel e viu que eram quatro da tarde. Exilada do trabalho e de casa, sentia-se perdida e desprovida de propósito.

Decidiu que cozinharia para a mãe naquela noite. Seria a primeira vez, em várias semanas, que passariam algum tempo juntas.

– Ficava melhor com um bom clarete – comentou Evie nessa noite, depois de engolir um pedacinho de pato.

– O que achas do sabor?

Annie estava a pairar nervosamente junto ao fogão. Era o nono prato que tentava fazer e, até então, nenhum resultara.

– Está delicioso – disse Evie, levando mais uma garfada à boca. – Quem se terá lembrado de pôr laranja e chocolate com pato? A ideia parece horrível, mas sabe muito bem.

– Então é melhor do que carne de vaca com enguias?

– Qualquer coisa é melhor do que isso.

– Sabes o que quero dizer.

– O teu menu tem muito açúcar.

– Era sinal de grande opulência – explicou Annie.

– Ou talvez servisse apenas para disfarçar o sabor a mofo; suponho que não tinham frigoríficos em Versalhes.

Annie sentou-se ao lado de Evie.

– Porque não comes? – perguntou-lhe a mãe.

– Há duas horas que estou a prová-lo... seria um desperdício.

– Já estás a desperdiçar.

– Não comas demasiado; há mais dois pratos para experimentares.

– Não posso beber uma gotinha desse conhaque? Para cortar a gordura.

– Mãe, não me transformes no polícia desta relação – disse Annie.

– Só estava a pedir um copinho – lamentou-se Evie.

– Mas tu alguma vez bebes só um copinho?

– Não podes tirar-me a bebida. Isso ia deixar-me sem nada. Nada – disse Evie.

– E o que é ao certo que o álcool te dá? Amizade? Apoio? Dinheiro? – Annie começou a ocupar-se do prato seguinte, um creme de castanhas. Na noite do jantar, seria servido com trufas, mas por ora bastariam umas folhinhas de salsa. Alguns dos pratos que pretendia preparar eram demasiado dispendiosos para que os ensaiasse.

– Eu não te vejo lá muito feliz – comentou Evie em voz baixa. – Ouço-te a chorar até adormeceres.

Vejo-te a olhares para a tua cara chupada e desesperada ao espelho. Estou a testemunhar essa alegada maravilhosa vida de sobriedade e não me parece assim grande coisa.

Annie nada disse, continuando a mexer a sopa.

– Tens razão – reconheceu finalmente. – Não estou feliz, há muito tempo que não estou feliz. Na maior parte dos dias, tenho de me esforçar para pôr um pé à frente do outro, tenho de me arrastar para fora da cama e até ao duche. O meu emprego não é o que esperava que fosse. Este apartamento não é o sítio onde eu gostaria de viver. Os meus amigos estão a quinhentos quilómetros daqui e, mesmo que os visse hoje à noite, não sei se ainda teríamos de que falar. Mas pelo menos todas as decisões, por mais erradas, casmurras ou inúteis, são tomadas por mim e não comandadas por algum demónio líquido sem qualquer discernimento.

Evie não respondeu. Annie virou-se de novo para a panela, onde verteu um fio de natas para as castanhas derretidas.

Evie interrompeu o silêncio.

– Não chegaste a contar-me o que aconteceu com aquele guia tão simpático.

– Não aconteceu nada – ripostou Annie, zangada.

– Ele nunca te ligou?

– Não.

Annie pousou a sopa em frente à mãe e aguardou pacientemente pelo veredicto. Evie levou uma colherada hesitante à boca e logo a seguir mais duas.

– Isto está uma delícia, querida – disse Evie. – Nunca tinha provado uma coisa tão fragrante, tão inesperada, tão delicada.

Annie juntou as mãos.

– Estás a falar a sério?

– Podes crer que estou... tens um verdadeiro talento, Annie. És uma cozinheira realmente maravilhosa.

Contornando a pequena mesa, Annie deu um beijo no rosto da mãe.

Com umas tréguas frágeis em vigor, as duas mulheres ficaram sentadas lado a lado, a comer a sopa.

– Fala-me do quadro. O que descobriste? – perguntou-lhe Evie.

Annie queria contar-lhe as últimas novidades acerca do quadro, mas algo a fazia refrear-se.

Enquanto servia delicadamente uma segunda dose de sopa na tigela lascada do pequeno-almoço, apercebeu-se de que era o facto de saber que Evie transformaria o otimismo cauteloso de Agatha num drama de todo o tamanho. Já a imaginava a irromper pela National Gallery e a exigir declarações juramentadas e documentação numa tentativa equivocada de ajudar a filha.

– Não tenho tido tempo para pensar no quadro; tenho andado demasiado ocupada com o trabalho.

– Estou a dizer-te que é uma coisa boa, sinto-o nos ossos – disse Evie, raspando

a tigela da sopa com a colher. – De repente, pôs-se de pé num pulo e correu até à janela. – Olha, olha só – disse ela.

Seguindo o olhar da mãe, Annie viu a lua, tão cheia, grande e branca que parecia o desenho de uma criança, suspensa sobre Londres. – Lembras-te? – perguntou-lhe Evie, com os olhos a brilhar.

– Claro – riu-se Annie, a recordar os tempos em que mãe e filha tiravam a roupa, punham Elvis a tocar no leitor de cassetes e dançavam nos quintais das casas alugadas à luz da lua cheia. – Se ao menos tivéssemos um jardim...

– Mas temos, um jardim enorme – disse Evie que, abrindo a janela por completo, começou a esgueirar-se lá para fora.

– Estás louca? Isto é um quinto andar. Podes morrer – exclamou Annie.

– Pode acontecer uma coisa muito pior: podemos esquecer-nos de viver – replicou Evie.

Annie viu as pernas e depois os pés da mãe desaparecerem da janela, após o que ouviu o som de algo a mexer-se acima do teto. Em seguida as calças da mãe passaram a voar pela janela aberta.

Minutos depois, Annie tinha-se juntado a Evie no telhado. Para sua surpresa, era uma superfície plana, ligada às outras casas; era possível chegar ao fim da rua sem pôr um pé no chão. A lua iluminava a paisagem urbana com um brilho suave e prateado, a que se juntavam centenas de pontos luminosos de janelas e candeeiros de rua. Dali, Annie via as coordenadas do seu novo mundo: da loja da esquina à estação de metro e, do outro lado de Londres, a Obras d'Arte Winkleman. Via a rota que fazia de bicicleta ao longo do parque e, ao longe, o London Eye, o Shard e o Gherkin, os marcos a que recorria para se orientar pela cidade. Vê-la assim, adormecida, em baixo e à sua volta, fazia-a sentir-se menos assoberbada pela sua vastidão; pela primeira vez, conseguiu imaginar uma vida naquela metrópole.

As primeiras notas de «Hound Dog», sumidas no altifalante do telemóvel de Evie, começaram a tocar, ao que ela, já só de *soutien* e cuecas, começou a dançar.

– Não tens frio? – perguntou-lhe Annie.

– Estou a gelar, ainda me caem as mamas – respondeu Evie, que batia dentes audivelmente.

Annie fitou a mãe com ternura. Caso não tivesse engravidado aos dezasseis, talvez tivesse acabado a escolaridade e construído uma carreira. Em vez disso, os seus talentos tinham sido gastos e desperdiçados por um acidente que a deixara grávida de um rapaz que morrera dois anos depois.

Annie sentiu-se subitamente responsável pela mulher que abrira mão da vida para cuidar da filha, por

mais desajeitadamente que o tivesse feito. Agora cabia-lhe fazer com que essa decisão fizesse sentido, fosse boa para ambas. Foi imbuída de uma renovada sensação de propósito, um arroubo de ambição; ia preparar um jantar de que as pessoas falariam durante muitos e bons anos e provar que um quadro desconhecido valia qualquer coisa.

– Anda lá, Annie, despe o vestido – desafiou-a Evie.

Annie despiu-se e, a rir, deu a mão à mãe, com quem dançou ao luar.

1 *Below the salt*, no original, expressão que terá tido origem numa prática da Idade Média, de colocar o sal, ingrediente escasso e dispendioso, no centro da mesa, local a que nem criados nem pessoas de condição mais humilde tinham acesso. *(N. do E.)*

2 Na lengalenga, intitulada «There was an old lady who swallowed a fly» (o primeiro verso), a velhota vai engolindo animais para que comam os que engoliu anteriormente, até que, engolindo um cavalo, morre. *(N. da T.)*

Capítulo 15

Uma sensação de calma e equilíbrio instalou-se sobre a minha tela e a minha trama quando fiquei nas águas furtadas da National Gallery, banhado por uma delicada luz norte, embalado pelas vozes sussurradas de conservadores e estimulado por conversas maravilhosas com grandes obras de Diego Velázquez, Albrecht Dürer e Giovanni da Rimini; oh, o simples prazer inalterado de estar de novo entre amigos, alguns dos quais eu não via havia quase duzentos anos. O meu antigo amigo, o Velázquez, ficou bastante agitado quando lhe tiraram parte da camada superior. Reconhecidamente, tratava-se de uma adição tardia, mas

Diego receava que lhe tirassem também uma perna ou uma orelha. Entretanto, o coitado do velho Rimini, pintado em 1300 e deixado durante mais de setecentos anos num isolamento absoluto na sacristia privada de uma pequena igreja romana, fora vendido por monges a precisar de dinheiro e encontrava-se em estado de choque por causa de como o mundo tinha mudado: passava os dias a murmurar: *In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti.* Eu e Diego depressa nos cansámos de responder *Amen*. Imagine-se que traziam um Picasso arruaceiro ou um van Gogh deprimido para ali – a folha de ouro de Rimini até devia cair.

O diretor da galeria, Septimus Ward-Thomas, veio ver-me ontem. Não se demorou (na verdade só se interessa pelo Barroco Espanhol) mas acedeu a que Agatha trabalhasse em mim nos seus tempos livres.

Em momentos ociosos, penso na minha proprietária; acabamos por nos apegar. É estranho, realmente. Diego disse que era síndrome de Estocolmo, mas como eu há séculos não vou à Suécia, é óbvio que são ideias lá da sua moldura. Gostava de saber se Annie terá seguido a sugestão do jovem quanto a passar pela coleção de desenhos do Museu Britânico.

Agatha, honra lhe seja feita, não se precipita. Ontem tirou um pontinho minúsculo de tinta da lateral da minha tela e levou-a pelo corredor até ao departamento científico. Quatro cientistas estudaram os resultados e não terá início qualquer limpeza até determinarem ao certo que tipo de tinta o meu mestre usou. Antoine não era adepto da preparação. Na verdade, e custa-me criticar, tinha uma tendência para o desleixo. Em busca da rapidez da execução, gostava de pintar à pressa. As telas requerem uma preparação cuidadosa e a preparação não era o ponto forte do meu mestre. O que ele tentava era expressar todas aquelas ideias, todas aquelas emoções. Em vez de esperar que a tinta secasse, passava *huile gras* por toda a tela e pintava por cima disso. O estrago era aumentado por uma certa falta de limpeza na sua prática, o que afetava a «constância» das suas cores e, em resultado disso, muitas desvaneceram-se. Raramente limpava a paleta e passava frequentemente vários dias sem a guardar, pelo que os seus quadros ficavam cheios de poeira e sujidade.

Está na altura de vos falar dele, de Antoine e do amor da sua vida. O meu mestre nasceu em Valenciennes, em 1684, filho de um reparador de telhados alcoólico e violento. A circunstância humilde do seu nascimento marca-lhe o génio. O pai queria que o filho seguisse a sua própria profissão e obtivesse um salário regular; Antoine sabia que tinha de pintar. A meio de certa noite,

fugiu para Paris. Deu um desgosto à mãe e deu cabo da saúde. O tonto do rapaz decidiu fazer-se à estrada no inverno e, depois de quatro dias e quatro noites a pé, a dormir em valas e a comer nada mais do que erva, chegou à capital com uma pneumonia debilitante da qual os seus pulmões nunca recuperaram por completo.

A França encontrava-se no seu estado mais abatido: asfixiada pela guerra, pela fome e pela decrepitude de um monarca envelhecido, dispéptico e amargurado, manipulado pela mão fanática de uma amante embriagada pelo poder, Madame de Maintenon. Um *ennui* instalara-se na vida parisiense, um bafo fedorento e pesado a opressão solipsista. Até a corte cerimoniosa estava exaurida pela própria pompa. Não havia qualquer alegria ou vida nas artes, qualquer espontaneidade ou originalidade. O pseudo-heroísmo da pintura histórica cobria como um manto pretensioso e pesado até a alma mais jovial. No início do século xviii, durante a grande praga de Marselha, o canibalismo e a fome eram a norma na grande capital. Era esse o pano de fundo da vida do meu mestre.

Avancemos uns anos, até 1703. Antoine ainda era um jovem de dezanove anos, a trabalhar para o pintor decorativo Claude Gillot, em Paris. O salário era uma miséria, mal chegava para pagar uma garrafa de vinho e um naco de pão, mas, desde que tivesse um pincel na mão, ele dava-se por contente. Para que o dinheiro lhe chegasse, o meu mestre sentava-se em tabernas e desenhava a troco de esmolas. A sua vida foi assolada por malnutrição e pobreza. Trabalhar para Gillot foi um treino útil, mas a maior contribuição do homem mais velho para a educação do meu mestre consistia nas excursões a representações do grupo teatral banido, a *commedia dell'arte*. Estes espetáculos tinham lugar em tabernas de ruas secundárias e o atrevimento da representação era acentuado pela perspetiva de uma rusga policial. Na maioria dos casos, valia bem a pena correr o risco de prisão: aqueles atores maravilhosos eram anárquicos e imorais. O líder, Hippolyte, era corpulento, atraente e corajoso. O palhaço, Gilles, era a fonte de todas as piadas. Poucos naquela trupe levavam o que quer que fosse a sério – faziam pouco do velho regime e das suas regras. Riam-se do amor e da vida. A assistir às representações, Antoine conheceu uma nova leveza de espírito e uma sensação de otimismo. Naquele meio exuberante e animado, livrava-se, ainda que temporariamente, da pesada carga de Valenciennes, dos anos da guerra e da pobreza.

Ganhou o hábito de sair todas as noites. Na quarta visita, o meu mestre viu-a, Charlotte Desmares, largamente reconhecida como a mais bela jovem de Paris,

que acompanhava os italianos nalgumas representações. O seu nome de palco era Colette. Pousando o pincel e deitando a mão a uns paus de giz que tinha no bolso, Antoine começou a esboçar febrilmente aquela jovem que girava, rodopiava e dançava pelo palco. Charlotte viu-o, mas tratava-se de uma daquelas mulheres tão habituadas a serem observadas que a imagem de mais um jovem arrebatado dificilmente constituía algo fora do vulgar.

Watteau desenhou até ficar com os dedos a sangrar. Fingindo-se indisposto, o meu mestre voltou a correr para o seu minúsculo ateliê, onde desatou a pintar na única tela que possuía. Aquele pedaço de tecido, esticado entre quatro pedaços de madeira, aquele nada auspicioso pedaço de coisa nenhuma, viria a ser *moi.*

Sou o recetáculo, o veículo no qual toda a agonia e êxtase do primeiro amor foram vertidos.

Urgência e magia, excitação, paixão e terror fluíam-lhe do coração para o pincel. O ardor de Watteau era tão forte que não lhe dava tempo para preparar a tinta adequadamente na paleta. Em vez disso, juntava e misturava cores umas em cima das outras, num frenesim de pinceladas e borrões – vejam-se

as árvores, admire-se a luz do sol, o pontilhismo, os contornos esborratados, a informalidade, e assim se verá o nascimento do Impressionismo, embora o resto do mundo precisasse de mais cento e cinquenta anos para o alcançar.

Eu sou a representação do seu desejo apaixonado, tresloucado, inflamado. Sou *l'amour fou. La gloire d'amour.* Sou a exemplificação literal da loucura mortal e absoluta.

Oculto sob camadas de verniz e tinta sobreposta, a touca de Charlotte não é de um vermelho uniforme – é dourado, amarelo, carmim e magenta, descendo em tons de prata até ao rosa mais claro.

O seu vestido é açafrão – um amarelo que vai do canário mais pálido a um ranúnculo dourado, cada cor delicada colocada em minuciosa harmonia com as outras. Também é amarelo o que espreita pela abertura do seu decote, enquanto a saia é intensa, feita de lilases e castanhos suaves. Tem uma pele de um branco leitoso, como uma opala a receber reflexos de luz. Nunca haverá uma pintura de pele mais bela, nem sequer entre os Venezianos.

Houve outros pintores com musas. Vêm-me à memória Rembrandt e Hendrickje,

Modigliani e Jeanne Hébuterne, Dalí e Gala, Bacon e George Dyer, mas, na minha opinião, foi o amor demente do meu mestre por Charlotte o que imbuiu a minha tela de um fervor adicional e incomparável.

O meu mestre regressaria à composição durante toda a vida: o palco do amor. O fundo é transitório e artificial, uma paisagem mítica e mística adornada por figuras reclinadas, vigiada por uma estátua da deusa do amor. No meio, colocou Charlotte, orgulhosa e graciosa como um cisne. Erguendo os braços delicados, olha direta, feroz e provocadoramente para o observador. A seus pés, o jovem vestido de forma simples limita-se a fitar. Bastando-lhe apenas um toque do pincel, Antoine capta o seu fascínio ao olhar para esta visão de feminilidade. É possível sentir a esperança e o desespero, o amor e a sensualidade implícitos no seu olhar.

Se eu disser ao leitor que o rosto do homem é composto por apenas sete pinceladas, há de rir-se e protestar que não pode ser; mas é por isso que o meu mestre é um génio e a sua estrela se mantém no firmamento dos grandes artistas quase trezentos anos após a sua morte. Ele compreende a alquimia do vermelho, do rosa e do branco-pérola. Mais importante do que isso, compreende a humanidade e é capaz, como os grandes artistas, de traduzir os nossos medos e alegrias mais íntimos em algo tangível.

Há quem diga que não passo de um esboço. É verdade que fui executado com pressa e *élan*. Esta intensidade libertou Antoine do passado, dos ensinamentos de académicos enfadonhos, dos rabiscos de infância e, na sua pressa para captar o amor, encontrou o seu *métier* e uma nova forma de pintar.

Eu fui a tela que inaugurou uma carreira. Eu fui a pintura que encetou um movimento, o rococó.

Fui pintado para celebrar as cataratas selvagens do amor, a paixão turbulenta, agitada, destruidora e transformadora que inevitavelmente daria lugar a um desapontamento terrível, asfixiante e avassalador.

Quatro dias depois, mal a tinta acabava de secar, Antoine voltou ao teatro, levando-me como presente para Charlotte. Imagine-se este jovem desajeitado de dezanove anos a abrir o coração. A trupe acotovelava-se à nossa volta, empurrando e mexendo-se, rindo e tagarelando como tentilhões a um comedouro para pássaros. Tive então o meu primeiro encontro com a morte. A rival de

Charlotte, Hortense, foi de tal modo acometida por ciúmes que me raspou a tela com as unhas. Um tudo-nada mais fundo e ter-me-ia danificado para sempre. Foi chocante, na verdade. Charlotte ficou maravilhada. As atenções daquele jovem pintor elevavam-na e o seu cachê aumentaria com aquela dádiva de amor.

– Dá cá isso – exigiu ela, estendendo a mãozinha bonita. Watteau ia entregar-me... mas depois hesitou.

– Não – disse-lhe –, será o presente que te darei no dia em que acederes a casar comigo. Até lá, nunca me abandonará.

A companhia desatou à gargalhada. Como podia um jovem pintor sem um tostão competir com o amante dela, o duque de Orleães, sobrinho de Luís XIV? O riso foi tão intenso, tão sentido, que Gillot correu para ver o que se passava. Olhou para a atriz, para o pintor e, por fim, o seu olhar recaiu sobre mim. O seu rosto ficou exangue; bastou-lhe um olhar de relance para se aperceber de que o jovem era, de longe, o melhor pintor. Gillot, honra lhe seja feita, não poderia ter sido mais amável.

– Não posso ensinar-te mais, mas posso indicar-te a direção que deves seguir.

Enviou o meu mestre para que trabalhasse com Claude Audran, um decorador de interiores encarregado do Palácio do Luxemburgo, que albergava obras maravilhosas de Rubens, Veronese, Ticiano e Tintoretto.

Os outros atores imploraram a Antoine que os pintasse e muitos voltariam com ele para o ateliê, onde passariam horas a posar enquanto ele os imortalizava com giz, pena e, por vezes, até a óleo.

Mas, observando as suas grandes obras, encontram-se sempre vislumbres dela – umas vezes é o rosto, outras o pescoço, um braço, as costas, um pé. A essência do amor por Charlotte assombra-lhe a maioria das pinturas. O seu rosto menineiro e doce espreita por todo o lado e o espírito do amor que ele lhe devotava, daquele romance desenfreado, espraia-se por todas as suas obras.

Se eu quisesse apresentar um *soupçon* de crítica ao meu mestre, seria no campo do galanteio: o amor é uma arte, tal como a pintura ou a vida; requer prática, refinação, determinação, humildade, energia e delicadeza. À semelhança de muitos antes e depois dele, o meu mestre enamorou-se do êxtase doce da paixão não correspondida; considerava que o seu «problema» era não ser amado,

quando na verdade era a sua incapacidade de oferecer amor. Era tão inexperiente, tão ingénuo, que julgava que o amor chegava totalmente formado e completo. Nunca lhe ocorreu, depois da primeira rejeição, conquistar o respeito ou o coração de Charlotte. Fugiu para o seu estúdio. Custa-me dizê-lo, mas há quem ache bem mais doce a agonia da rejeição do que o êxtase da consumação.

Para tentar expurgar a memória da rapariga, pintou a cara de outra mulher por cima do rosto de Charlotte. Depois acrescentou o palhaço, uma figura fantasmagórica no crepúsculo; um Pierrot, a materialização de *pathos* e desdém. Era um autorretrato a que ele voltaria vezes sem conta durante o resto da sua curta vida.

Depois mudou-me o título. Outrora, chamei-me *A Glória do Amor*; depois da rejeição, tornei-me *A Improbabilidade do Amor.*

Então, e o que aconteceu a seguir? Contar-lhe-ei o resto a seu tempo.

Capítulo 16

–Asua mãe já telefonou sete vezes na última hora – disse-lhe a rececionista, Marsha. – Qualquer coisa acerca de um assalto... na verdade não percebi bem.

Não precisava de acrescentar que Evie estava embriagada e a arrastar as palavras.

Annie olhou para o relógio – eram três da tarde. De manhã, Rebecca tinha-lhe pedido que preparasse um jantar para oito pessoas e ela apressara-se a atravessar a cidade para ir à sua peixaria preferida e escolher um bacalhau pescado à linha. Depois de pendurar o casaco e deixar a carteira numa gaveta, ligou para casa. Evie não estava a ser coerente: Annie tentou dar sentido à série de acontecimentos. A mãe só tinha saído para fazer umas compras rápidas (provavelmente demorara-se bastante no *pub*, pensou Annie), mas ao voltar ao apartamento demorara uns quantos minutos a dar-se conta de que a porta tinha sido forçada (provavelmente uns vinte para conseguir subir as escadas e outros quinze à procura das chaves, traduziu Annie). Evie julgava que enlouquecera (só julgava?

Annie quase se riu) mas, apesar de o apartamento estar muito arrumado, as coisas não estavam bem na mesma (estavas a ver a dobrar?). A torradeira tinha sido deixada num sítio completamente diferente; o caixote de lixo desviara-se

cerca de um metro (como é que sabes?). Evie estava assustada (mas não tão preocupada como eu estou por ainda não te teres ido embora). Evie queria que Annie fosse para casa cedo (só em sonhos).

Prometeu à mãe que telefonaria à polícia, que compraria comida para levar para casa e que chegaria a tempo de ver o noticiário da noite.

Para grande consternação de Rebecca, a busca ao apartamento de Annie não revelara o que quer que fosse. Nada de quadro, nada de registos ou pistas que indicassem um gangue maior. Ou comprar o quadro fora uma coincidência tremenda e altamente improvável ou, e isso era simultaneamente mais provável e assustador, Annie fazia parte de uma organização extremamente sofisticada. Como conhecia o mundo da arte melhor do que a maioria das pessoas, Rebecca esforçava-se por pensar em quem teria os recursos e as competências para engendrar um golpe assim. O que quereriam? Estava bem ciente de que a antipatia em relação à Obras d'Arte Winkleman e à sua família se estendia para lá do mundo da arte. Muitos invejavam a subida meteórica do negócio: Memling chegara como um refugiado sem um tostão e agora valia vários milhares de milhões de libras. Sendo judeus, eram e seriam sempre forasteiros.

Havia outro fator que provocava a fúria das pessoas: o mundo dos Winkleman ocultava-se por trás de um véu de secretismo. Como empresa privada, nunca publicava relatórios de lucros ou perdas e todos os funcionários se atinham a contratos de confidencialidade. A família nunca dava entrevistas ou comentava acontecimentos da atualidade. Os Winkleman eram meticulosos, astutos, informados, trabalhadores, reservados e absolutamente inescrutáveis. Num mundo largamente povoado por gente

de escolas privadas e académicos, num meio onde era de rigor não dar importância ao dinheiro e num ambiente onde longos almoços e estâncias estivais eram a norma, os Winkleman, mediante a aplicação de ordem e disciplina, facilmente superavam a competição. Memling também tinha a capacidade desconcertante de encontrar grandes obras de arte perdidas, tanto conhecidas como recém-descobertas.

Avançando como grandes tubarões brancos pelas águas agitadas do mundo internacional da arte, Memling, Rebecca e os funcionários nunca paravam de trabalhar. Os seus contactos e agentes asseguravam informação global 24 horas por dia, 7 dias por semana: se um quadro potencialmente interessante surgisse

numa casa de leilões de uma terriola no meio de nenhures, os Winkleman inteiravam-se; quando uma família ponderava vender uma obra-prima, os Winkleman eram os primeiros a saber. Tinham bolsos fundos e nervos de aço; por norma, obtinham o que queriam. Ao longo dos anos, Memling criara uma base de dados exaustiva de colecionadores e dos seus bens, incluindo a idade, o estado de saúde e os herdeiros prováveis; e o valor das suas fortunas era constantemente reavaliado. Se se fosse um nobre empobrecido com um bom Joshua Reynolds ou um ingénuo dos fundos de risco com uns quantos milhões no banco, era quase certo que se teria notícias dos Winkleman num aniversário ou outra ocasião importante. Uma história, frequentemente contada, parecia tipificar a forma de Memling negociar: enquanto jantava no seu iate, a milhas da civilização, o quinto homem mais rico do mundo, Victor Klenkov, ficou pasmado ao ver um barco minúsculo aproximar-se dele. Tratava-se de um emissário enviado por Memling Winkleman, com uma garrafa de *Bollinger* Reserva e um pequeno esboço de Degas. O cartão dizia: «Muitas felicidades pelo seu quinquagésimo segundo aniversário. Espero um dia vir a conhecê-lo. Memling Winkleman.» Na altura, Klenkov nunca comprara uma pintura; na semana seguinte, gastou 15 milhões de libras num Degas jovem da Obras d'Arte Winkleman.

Dado que empregava os maiores académicos do mundo, a empresa não tinha de ir muito longe para conseguir autenticações. Mal um quadro chegava à galeria, havia um perito à mão para o validar.

Quadros importantes eram descritos em termos elogiosos e quadros realmente importantes eram alvo de monografias. Os Winkleman também tinham o direito autoatribuído, mas largamente aceite, de autenticarem obras de certos artistas.

Negociavam quadros, esculturas, gravuras, tapeçarias e antiguidades. A única área que a Winkleman evitava era a negociação de obras de arte contemporânea, que Memling descrevia como

«disparar contra serpentes venenosas com uma pistola de água». A empresa aventurava-se até 1973, o ano de morte de Picasso.

Na galeria de Curzon Street, os Winkleman organizavam exposições aplaudidas acompanhadas por catálogos que obedeciam a padrões de qualidade com que os museus apenas podiam sonhar. Se o preço de um artista favorito caísse, Memling levava anonimamente uma obra menor a leilão público e licitava contra si

mesmo, para elevar o preço da adjudicação a novos píncaros. Isto assegurava uma nova bitola e, pouco depois, uma ou duas obras do mesmo pintor, propriedade da Obras d'Arte Winkleman, chegaria ao mercado. Nas mãos dos Winkleman, os artistas tornavam-se superestrelas e as suas obras quebravam recordes.

Pela primeira vez que Rebecca tivesse memória, o «sistema» Winkleman era inútil; não obstante, Memling persistia em evitar conselhos externos. Recostada na cadeira Corbusier de pele, Rebecca carregou no botão «não incomodar» do telefone e, levantando-se, foi até à porta e deu três voltas ao trinco. Começou a andar de um lado para o outro ao longo da parede de treze metros forrada a

prateleiras cheias de monografias de artistas, cerca de um milhar de livros que ela lera e estudara.

Ao fundo do gabinete, havia uma lareira de madeira elaboradamente esculpida por Grinling Gibbons.

Por cima da madeira encontrava-se um pequeno quadro a óleo de Rafael, um presente do pai no seu décimo oitavo aniversário, que já valia mais de 25 milhões de libras. Não estava à venda, servindo para recordar aos clientes que os Winkleman não estavam naquele negócio apenas pelo dinheiro.

Rebecca virou-se e seguiu pelo outro lado da divisão, passando pela parede de vidro que dava para a galeria principal. Ela via lá para fora; ninguém via ali para dentro. Era útil ter um olho mágico para o espaço público da empresa, uma boa forma de observar funcionários e potenciais clientes.

Rebecca reconhecia a aparência da maior parte dos compradores importantes e, se estes entrassem, ela podia surgir momentos depois para os receber. Se houvesse algum problema, havia procedimentos bem ensaiados.

Rebecca manteve o olhar focado nos pés enquanto marchava para um lado e para o outro pela tapeçaria de Aubusson, tentando compreender o sentido do interesse avassalador que o pai tinha pelo quadro. Que se recusasse a contar-lhe pormenores não era invulgar: Memling dedicava um amor maníaco ao secretismo. Quando o pressionava, ele alegava que quanto menos ela soubesse, melhor; que a ignorância era a melhor forma de se proteger. Rebecca era CEO da Obras d'Arte Winkleman apenas de nome; Memling controlava todas as decisões. Estava ali por predefinição, tendo sido nomeada sete anos antes, em

consequência da morte súbita do irmão, Marty. Na altura, a sua filha Grace ainda andava na escola e Rebecca trabalhava para a firma como diretora da curadoria.

Terminara o seu doutoramento em pinturas renascentistas, na Courtauld, e publicara quatro livros sobre pintura florentina. Ninguém esperava que se encarregasse do negócio: era apenas a filha.

Surpreendera-se a si mesma, bem como aos colegas: tinha mais aptidão para gerir um negócio do que Marty, tão temperamental. O irmão fora um negociante genial, uma qualidade que Rebecca nunca possuiria, mas ela era metódica, organizada e altamente erudita. Se bem que não fosse particularmente estimada, era universalmente respeitada no mundo da arte, como uma pessoa de sagacidade e conhecimentos superiores.

Andando para trás e para a frente, Rebecca tentava esvaziar a mente e concentrar-se somente no quadro. Se Memling não lhe contasse por que era tão importante, teria de o descobrir por si mesma.

Por uma vez, não estava disposta a vergar-se perante as ordens do pai e punha-lhe em causa o discernimento. Apercebia-se também, pela primeira vez desde que se lembrava, de que o pai indómito e controlador estava vulnerável e assustado.

Depois de tornar a verificar que a porta estava trancada, Rebecca aproximou-se da lareira e, girando o escudo de um grifo, deu um passo atrás e esperou que o cofre se abrisse. Conhecida apenas por ela, Marty e Memling, aquela divisão secreta de quatro metros quadrados continha determinados quadros e registos da empresa, incluindo pormenores acerca de cada venda efetuada e de todas as obras de arte que alguma vez tinham passado pelas mãos da empresa, mesmo muitas que tinham sido vendidas a título privado. Os registos de Memling começavam com a chegada a Inglaterra, em 1946, pouco depois da sua libertação de Auschwitz. Com quinze anos aquando da deflagração da guerra, Memling nunca terminara a sua educação formal mas, conforme contara bastas vezes à filha, a mãe era uma professora do ensino artístico que se encantava com o entusiasmo do filho. O tratamento de que fora alvo nos campos de concentração (um período acerca do qual nunca falava) impedia-o de se dedicar a um emprego normal. Conhecer, adorar e negociar quadros fora a sua única opção.

Depois de fechar a porta do cofre atrás de si, Rebecca aproximou-se das prateleiras que continham

os vastos livros-razão. Com um metro e vinte por noventa centímetros, cada tomo encadernado a couro tinha sido feito especialmente para a Winkleman por uma firma de Berlim Leste. Entrada após entrada, numa caligrafia cuidadosa e legível, ali se indicavam os pormenores de todos os quadros vendidos, de onde tinham vindo, por que preço haviam sido adquiridos e por quanto foram vendidos.

Havia uma série de anotações ou de referências cruzadas a pormenorizar proveniência conhecida, elementos académicos e outros factos relevantes. Mais de 1150 quadros tinham passado pelas mãos dos Winkleman; a maioria fora adquirida em leilões ou vendas privadas ao longo dos trinta anos anteriores. Estudar aqueles livros-razão, pensou Rebecca, daria a qualquer historiador um vislumbre fascinante do mercado da arte e da história do gosto. Tirou o primeiro livro da prateleira, identificado como sendo de 1946 e, virando a pesada capa de couro, começou a percorrer as entradas. Não tinha uma fotografia do quadro desaparecido, apenas uma descrição e uma fotocópia da entrada do catálogo de Jean de Julienne. Com 45 centímetros por 60, pintado a óleo sobre tela, mostrava uma mulher a provocar o amante numa clareira, sendo as duas figuras observadas por um palhaço. Datava de 1703; o artista era Jean-Antoine Watteau. Rebecca virou cuidadosamente as páginas amarelecidas e passou o dedo por cada registo, em busca de entradas identificadas como relativas a obras francesas do século xviii.

Já tinha verificado a base de dados informatizada, deparando-se com três quadros de Watteau que haviam passado pelas mãos da empresa. Um fora comprado cerca de dez anos antes, em leilão; o outro na década de 1970 e o terceiro tinha a classificação especial VZW (*Vor dem Zweiten Weltkrieg*), que designava uma mão-cheia de pinturas adquiridas durante a Segunda Guerra Mundial.

Como sempre, Rebecca sentiu-se impressionada, tanto pela sorte dos Winkleman como pela tragédia inerente dos vendedores classificados como VZW (pré-guerra) e NZW (pós-guerra). Como Memling contara aos filhos, a subida do Partido Nazi ao poder na década de 1930 levara muitos judeus a quererem deixar Berlim sem terem os meios para o fazer. Sabendo que Esther Winkleman era uma grande apreciadora de arte e que o marido, Ezra, ganhava bom dinheiro

como advogado, vários deles tinham vendido os quadros à família. Depois da guerra, mesmo entre os sobreviventes poucos eram os que os queriam de volta. «Salvámos muitas vidas», dizia Memling aos filhos. A abreviatura NZW

referia-se ao período imediatamente a seguir à guerra, quando o mercado de arte estava estagnado.

Mais uma vez, os Winkleman acudiram os pobres judeus que queriam trocar quadros por comida e outros bens essenciais. A base do nosso negócio, dizia Memling aos filhos, é a tristeza inevitável e legítima.

Trabalhando rapidamente, Rebecca foi tirando livro-razão após livro-razão, em busca de pormenores acerca do quadro desaparecido. O pai dissera-lhe que o quadro deixara de estar na sua posse mais de vinte anos antes, mas recusava-se a revelar-lhe quando o tinha comprado ou a quem.

Rebecca passou os livros até ao final dos anos 1990 a pente fino, mas não encontrou qualquer menção a pintura alguma de Watteau que correspondesse àquela descrição. Ficou confusa. O pai era meticuloso a guardar registos de tudo e, para ele, nenhum pormenor era demasiado ínfimo para ser descuidado. Tornou a perguntar-se porque estaria tão interessado num quadro que parecia não lhe pertencer.

Sempre que possível, cada quadro era fotografado, para além de descrito. A sua condição, proveniência e quaisquer publicações conhecidas a seu respeito eram listadas e acompanhadas por uma nota de venda original. Não admirava que Marty tivesse querido escrever acerca dessas transações: o seu sonho era contar a história da extinção dos judeus alemães através dos bens que

tinham possuído. Memling demonstrara-se arrebatadamente contra a ideia; a guerra e os seus efeitos eram algo ainda demasiado recente para ele. Essa era uma das áreas em que pai e filho chocavam.

Rebecca sentiu uma pontada de saudades do irmão; era raro o dia em que não lhe sentisse a falta.

Enquanto ela era ordenada, pequena e comedida, Marty fora entusiástico, vivaz e impetuoso.

Rebecca compreendia a arte porque estudara afincadamente autenticações e

história; Marty sentia-a: nunca olhara para uma monografia ou estudara um desenho subjacente, limitava-se a saber instintivamente o que era bom e como o pintor alcançara o seu objetivo.

Pensando que talvez fosse possível – ainda que raro – que Memling se tivesse equivocado, Rebecca investigou os outros quadros desse período, obras de Pater, Lancret, Boucher e Fragonard.

Não parava de se espantar com a qualidade e a raridade das obras adquiridas pelo pai. Se tivesse conservado apenas metade dessas aquisições, poderiam ter fundado um museu de renome mundial.

Rebecca olhou para o relógio e deu-se conta de que se tinham passado duas horas. Tinha uma reunião dentro de trinta minutos, com um cliente da Suíça que estava de visita e queria comprar um Cézanne. Pegou num livro-razão de 1974 e, a custo, esforçou-se para o devolver à prateleira, o que a fez girar o corpo num ângulo estranho e reparar em qualquer coisa que estava colada à parte inferior da prateleira. Pousou o livro-razão, passou a mão por baixo da prateleira e sentiu um pouco de fita-cola que mantinha um pequeno caderno ali. Procurou a aplicação da lanterna do seu telemóvel, ligou-a e puxou cuidadosamente as extremidades da fita até poder fazer o caderno deslizar sem o danificar.

O seu coração acelerou quando se deparou com a caligrafia de Marty, as grandes curvas irregulares que enfureciam os professores dele. Memling costumava dizer a brincar que, se os filhos fossem reencarnações de pintores, Rebecca teria sido Ingres, cuidadosa e precisa, enquanto Marty era mais como o Ticiano dos últimos anos, com pinceladas ousadas e românticas.

Folheando o caderno, Rebecca sentiu-se confusa com as referências a cerca de 125 quadros, que incluíam datas e notas acerca de proveniência. Porque haveria Marty de ter criado um sistema independente, quando o de Memling funcionava com tamanha eficiência? Ao lado de cada entrada, Marty colocara símbolos, letras e estranhas anotações, nenhuma das quais lhe dizia o que quer que fosse. Na capa do caderno, em letras maiúsculas, estava uma morada de Berlim.

Com o *smartphone*, Rebecca fotografou cada página do caderno antes de o devolver à parte de baixo da prateleira. Percebeu instintivamente que havia alguma ligação entre o caderno e o quadro desaparecido. Pela enorme parede de vidro, viu que o cliente tinha chegado e estava a observar um Turner da fase

tardia, que se encontrava pendurado na galeria. Usou o telefone para ligar à assistente.

– Liora, cancele as minhas reuniões de hoje e de amanhã. Diga ao John que atenda o meu cliente.

– Posso ajudá-la de alguma maneira? – perguntou Liora.

– Não, obrigada – respondeu cordialmente.

Nem Liora, nem qualquer outra pessoa da firma deveriam suspeitar de que houvesse algum problema. O negócio fora construído numa sólida fundação de medo, respeito e confiança.

Antes de sair, Rebecca verificou que a câmara de videovigilância apontada de forma permanente à cozinha de Annie estava em funcionamento. (Tinha instalado mais equipamentos de videovigilância para que parecesse que toda a gente estava a ser monitorizada.) Uma firma de detetives privados escrutinava todos os movimentos de Annie, bem como as suas chamadas telefónicas e *emails*. Pegando numa mala de viagem que tinha sempre a postos e no passaporte, Rebecca escapuliu-se pela porta das traseiras e chamou um táxi que ia a passar. Desta

vez não usaria o jato da empresa.

– Aeroporto de Heathrow – instruiu.

Barty e Vlad caminhavam pela casa de Chester Square. Já tinha sido remodelada segundo critérios elevadíssimos e exibia variações intermináveis de creme e bege.

– É demasiado hedionda para ser descrita, mas podemos fazer qualquer coisa disto – pipilou Barty.

– Parece boa, nova – disse Vlad, a pisar com alguma hesitação a carpete Wilton de lã branca como a neve.

– Não, querido, não é boa. É vulgar – replicou Barty num tom severo.

– Vulgar? – repetiu Vlad.

Barty usava aquela palavra com frequência. Nas últimas horas, proclamara que várias coisas eram vulgares, incluindo amar a mãe, comprimidos de vitaminas, água mineral, echarpes, passar a noite em casa, cuecas de *nylon*, Mayfair, cartões de visita, *sushi*, velas aromáticas, *BMW*, o Sul de França, Courcheval, crianças com nomes de pedras preciosas ou subúrbios, férias de verão e, pior do que tudo isso, o adorado blusão de cabedal de Vlad.

– O vulgar deve ser evitado. É para pessoas comuns – disse-lhe Barty, a emitir sons de censura enquanto olhava para a grande sala de estar, que estava pintada de branco-sujo. – Abomino bege. É

como viver num par de cuecas sujas. Estou a ver vermelho, estou a ver cortinados, estou a ver sofás de veludo, estou a ver pufes, estou a ver um grande lustre de bronze, estou a ver *Performance,* o Mick e a Marianne, narguilés, xailes de caxemira e tapetes orientais – disse Barty, a saltitar num pé e no outro, com um entusiasmo que crescia a cada passo.

Vlad não fazia ideia de que estaria o homem a falar, mas já aprendera que provavelmente era mais simples acenar com a cabeça. Queria saber era se tinha paredes suficientes para tentar uma consultora do género de Lyudmila a entrar na sua vida.

– Precisamos de prepara o cenário, de criar um ambiente.

Vlad olhou em redor.

– Branco é bom.

– Não, querido, branco é vulgar... preste atenção – ralhou Barty, olhando para o tronco largo de Vlad.

– Quanto custa casa? – perguntou Vlad, a olhar em redor.

Não gostava particularmente daquele sítio, mas Barty já o arrastara por seis propriedades.

Convencido de que a sua suíte no Connaught estava sob escuta, cada vez mais paranoico quanto a ruídos de Moscovo, Vlad estava ávido por ter um espaço seu. A firma de segurança assegurara-lhe que aquela mansão, com a pequena cavalariça nas traseiras, era perfeitamente passível de ser protegida.

– Custa vinte e quatro milhões com um contrato de arrendamento maravilhosamente longo e terá de gastar outros cinco para a decorar – respondeu Barty na sua voz mais tranquilizadora.

– OK. Vamos comprar.

Incapaz de encontrar um parquímetro, Beachendon tinha estacionado a quase um quilómetro do seu

destino, num parque debaixo das arcadas. Pelo menos, pensou sombriamente, ali ninguém lhe queimaria ou riscaria a pintura. Um jovem de boné de beisebol estava sentado numa cabina a ler um livro de banda desenhada e, sem olhar para o conde, estendeu-lhe um bilhete de estacionamento.

– Para que lado fica Whitechapel Road? – perguntou Beachendon.

– Desce a rua, vira à esquerda duas vezes, uma à direita e depois é sempre em frente – respondeu o homem, com um gesto brusco da mão para a esquerda.

Saindo para a rua, o conde levantou a gola de veludo do sobretudo de caxemira azul-escura e, enquanto passava as chaves para um dos bolsos das calças e o telemóvel para o outro, perguntou-se se devia ter deixado a carteira no carro. Os edifícios em redor eram uma amálgama de estilos e épocas; uma antiga fábrica vitoriana ao lado de um prédio de escritórios dos anos setenta, um complexo habitacional dos anos oitenta e uma academia novinha em folha feita de madeira e aço inoxidável. Uma adolescente caminhava na sua direção com um cão, uma arma de destruição, com trela. A dona tinha cabelo rosa e roxo, uma argola no nariz e uma atitude que se via a cinquenta metros de distância; a cabeça ofegante do cão, branca, com um formato quase triangular, oscilava de um lado para o outro à medida que ele caminhava, em busca, calculou o conde, de uma canela que morder ou uma garganta que despedaçar. Desejoso de criar espaço entre si e os atacantes, Beachendon perguntou-se se seria melhor atravessar a rua; acabou por se decidir e arriscar um confronto com a jovem e o animal. Passaram sem qualquer incidente.

Beachendon seguiu caminho, a refletir tristemente no ultimato que a direção lhe fizera: tinha seis meses para arranjar uma venda, ou uma série de vendas, que revertesse os infortúnios da Monachorum e corrigisse o défice: basicamente, fora-lhe oferecida uma suspensão da execução.

Poucos, incluindo ele próprio, acreditavam que fosse capaz de localizar um fenómeno comercial cujo leilão resultasse num lucro de 300 milhões de libras naquele intervalo de tempo tão curto. Depois de percorrer todos os seus blocos de notas e bases de dados, Beachendon preparara uma lista de vinte colecionadores ou artistas a visitar, os quais talvez – era apenas uma hipótese remota – pudessem ser persuadidos a consignar as suas coleções a uma venda.

Demorou outros vinte minutos a localizar a casa de *sir* Patrick O'Mally, durante os quais passou por mais cinco assassinos letais de quatro patas, acompanhados pelos seus donos. «O meu título por um motorista», pensou ele. Nada feito: os mandachuvas da Monachorum só lhe permitiam que apanhasse um táxi de vez em quando na M25. Que se lixem os cortes, pensou ele, que se lixe a sovinice deles e que se lixem Roger Linterman e os outros. Todas as semanas, ele vendia quadros por dezenas de milhões de libras a colecionadores cujos rendimentos anuais eram mais elevados do que o PIB de muitos países. Aceitava licitações para algumas obras fantásticas, mas na maioria medíocres, por valores que cobririam várias vezes a sua linha de crédito. Competia-lhe criar batalhas frenéticas de desejo, criar a emoção de uma caçada para assegurar uma obra em particular, o indefensável em busca do incomestível, mas os seus proprietários insistiam que apanhasse transportes públicos ou usasse o seu próprio carro, tão dilapidado que o mais provável era que não passasse na inspeção daquele ano, o que seria apenas mais uma indignidade a suportar pelo dono tão necessitado de dinheiro.

Obrigando-se a voltar ao presente, Beachendon tirou uma ficha do bolso e reviu os pormenores da vida do colecionador Sir Patrick O'Mally. Nascido numa família da classe operária, descendente de imigrantes irlandeses, O'Mally estudara arte no Buskin College, em Oxford, e, mais tarde, no Instituto Courtauld, em Londres, onde desenvolvera uma paixão por obras do Renascimento alemão.

Por pequenas galerias e coleções privadas, fora, ao longo de cinquenta anos – entre 1934 e 1984 –

um entusiasta solitário, colecionando e publicando as suas impressões acerca desses artistas para um pequeno grupo de iluminados. Muitos anos depois, o mercado tinha-o alcançado.

Durante quase trinta anos, negociantes, galeristas, leiloeiros, colecionadores e

diretores de museus tinham prestado homenagem a Sir Patrick, esperando ficar-lhe nem que fosse só com uma tela da sua coleção de setenta e quatro Grandes Mestres, cujo valor já se estimava superar os 100 milhões de libras. As maiores estavam emprestadas a museus de renome mundial; só as mais pequenas permaneciam na sua casa de Whitechapel. Quanto mais velho Sir Patrick ficava, mais assíduos se tornavam os seus admiradores. O mais devotado era Memling Winkleman, que todos os anos lhe organizava uma festa de aniversário mais imponente do que a anterior. Sir Patrick nunca se via na necessidade de vender o que quer que fosse: vivia confortavelmente das gratificações que lhe eram oferecidas pelos admiradores ardentes e cobiçosos da sua coleção. Caso precisasse de alguma coisa

– um telhado novo, um telemóvel, um peru de bronze – bastava-lhe pegar no telefone e teria mais de vinte pessoas que consideravam que satisfazer qualquer desejo seu era um investimento profícuo.

A casa de Sir Patrick era uma bonita *villa* protegida por um muro em Whitechapel High Street.

Umas centenas de anos antes, teria sido um descampado; agora havia autocarros e camiões a agitar-lhe as fundações enquanto entrava e saíam lentamente dos subúrbios. Da última vez que o conde fora àquela zona da cidade tinha sido para o funeral de um proeminente filantropo judeu que escapara ao Holocausto e acabara por ser fatal na Bolsa de Valores. Não obstante constar que tinha uma fortuna de vinte milhões de libras, Manny Parkins recusara-se a deixar o apartamento de um só quarto que a câmara lhe atribuíra quando chegara a Londres, em 1946. «Não podemos esquecer», dizia à família e aos amigos. Tinha sido sepultado num dos cemitérios judaicos escondidos atrás da rua principal de Whitechapel, com o corpo envolvido num sudário branco, colocado num caixão rústico e empurrado num carrinho de rodas pelo cemitério. Ao sair do cemitério, o conde despedira-se de Mrs. Parkins e dos quatro filhos, apresentando-lhes os seus sinceros pêsames.

– Não chore por nós, caro rapaz – respondeu-lhe ela alegremente. – Agora podemos mudar-nos para a nossa casa de sonho, em Epsom.

O conde tocou à campainha e, ao fim de uns minutos, uma mulher de austero vestido azul abriu-lhe a porta. Partindo do princípio de que fosse a enfermeira ou a governanta, Beachendon sorriu-lhe amavelmente e entregou-lhe o sobretudo.

– Sir Patrick espera-o nessa sala – disse-lhe ela num tom simpático. – Chá, café?

– Será que tem xerez? – O conde achava que já ganhara o direito a um copinho.

– Vou ver na cozinha – respondeu a mulher com brandura.

Seguiu-a para o piso inferior e reparou que ela não estava a usar, como ele esperaria, sapatos práticos, mas antes de salto alto e com pelo à volta da biqueira.

– De onde é? – perguntou-lhe, por educação.

– De Lechlade – respondeu ela, com uma entoação que não convidava a mais perguntas.

De súbito, Beachendon sentiu uma enorme vontade de encostar a cabeça ao ombro dela, desabafar, falar-lhe das suas dívidas, das suas pequenas ladies Halfpennies e do seu filho, o visconde Draycott.

Confessaria que, se Sir Patrick não acedesse a vender pelo menos três dos seus quadros num leilão da Monachorum, o mais certo seria ele perder o emprego e os seus lindos filhos e nobre esposa

acabarem num abrigo à mercê da segurança social.

– Enquanto eu procuro o xerez, o melhor é subir, pois o Patrick está à sua espera – disse ela. – A sala fica ao fundo do corredor, à direita.

Beachedon queria demorar-se um pouco mais na cozinha, mas algo na atitude da mulher o incitava a apressar-se e a seguir as instruções dadas.

Sir Patrick, que acabava de celebrar o nonagésimo oitavo aniversário, estava confinado a uma cadeira de rodas. Apesar de o cérebro e os olhos ainda funcionarem, os tendões e os músculos tinham-se deteriorado, deixando-lhe a cabeça inerte, a pender sobre o ombro esquerdo.

– Olá, Patrick – saudou-o Beachendon com ânimo.

Sir Patrick não respondeu mas semicerrou os olhos húmidos e raiados de cor-de-rosa.

– Já se devem ter passado uns vinte anos – comentou Beachendon. Não sabia se haveria de se sentar e inclinar a cabeça de lado para que ficassem frente a frente, mas acabou por decidir manter a sua no ângulo natural. – Bela enfermeira (ou será governanta) que arranjou. Quem me dera ter uma assim.

Sir Patrick pestanejou.

– Então, o que tem feito? – perguntou-lhe, sem saber se o idoso ainda falava. Ouviu um roçagar atrás de si e a mulher voltou com um pequeno copo cheio de um líquido castanho.

– Não temos xerez, mas encontrei *brandy*. Será que serve? – perguntou.

Beachendon sorriu-lhe, agradecido, e, pegando no copo, bebeu-o de um só trago.

– No outro dia estive a reler a sua monografia acerca de Jan Gossaert – disse o conde. – Continua a ser o trabalho mais equilibrado, esclarecedor e inspirador acerca de qualquer artista.

Sir Patrick pestanejou um pouco mais.

– É impressionante ter presente que, quando o escreveu, poucos sabiam o que quer que fosse acerca de Gossaert, tratava-se de um grande mestre esquecido. Incrível, pensar que advogava a causa do Renascimento Alemão quando o resto do mundo desprezava o movimento, considerando-o feio e inculto. – Beachendon tinha noção de que estava a falar demasiado, mas não sabia ao certo como ter uma conversa inteiramente unilateral. – Hoje em dia, tudo está na moda, num sítio ou noutro –

comentou, sorumbático.

– Nós gostamos mais do livro sobre Holbein – atalhou a mulher.

O uso de «nós» confundiu Beachendon. Estaria o velhote a canalizar os seus pensamentos através dela?

– Não há dúvida de que essa é uma monografia esplêndida – disse Beachendon –, mas a reputação de Holbein não carecia do mesmo género de ressuscitação. Graças à sua estada em Inglaterra e aos retratos que fez de Henrique VIII, todos o conhecíamos.

O conde tentava não ser condescendente com a enfermeira que, assumia ele, saberia mais acerca de cateteres e arrastadeiras do que sobre Altendorfer e Cranach.

– Não prestamos muita atenção às modas – disse a mulher, com um sorriso doce.

– Gostaria de a recordar – replicou o conde num tom aprazível –, que Sir Patrick escreveu todo um livro acerca do gosto ao longo dos tempos e a importância da proveniência.

– E já vai na décima oitava edição; o Patrick é tão astuto – comentou a mulher, olhando ternamente para Sir Patrick.

Beachendon sentiu um rubor profundo a subir-lhe do coração em direção ao pescoço. Não era possível que aquela criatura jovem e encantadora, pouco mais velha do que o seu primogénito,

estivesse de alguma forma «envolvida» com o quase cadáver cuja cabeça pendia na cadeira de rodas.

– Não chegámos a apresentar-nos formalmente – disse Beachendon, estendendo a mão.

– Josephine O’Mally, mulher do Patrick – disse ela. – Pode tratar-me por Jo.

– Mulher? – repetiu Beachendon.

– Casámos no ano passado, pelo que suponho que ainda possa considerar-nos recém-casados.

Beachendon olhava ora para Sir Patrick, ora para a mulher.

– Sei o que está a pensar. Qual foi a primeira coisa que me atraiu no famoso e multimilionário colecionador de arte? – ofereceu Jo.

Beachendon esboçou um sorriso ténue.

– Foi a mente dele – prosseguiu ela. – Sir Patrick transportou-me do meu pequeno e enfadonho mundo para um estado imaginário de júbilo e fantasia.

– Júbilo e fantasia?

– Júbilo e fantasia – repetiu Jo com firmeza. – Somos muito felizes.

Beachendon olhou para o idoso e viu uma minúscula bolha de cuspo a formar-se no lábio superior dele enquanto tentava expulsar uma palavra.

– *Squappppy* – disse por fim.

Jo acercou-se do marido e deu-lhe um beijo delicado na face.

– E sei que mais está a pensar – continuou Jo.

– A sério? – perguntou Beachendon, sentindo-se inusitadamente deprimido.

– *Splauddeuery* – acrescentou Sir Patrick.

– Será que me dava um pouco mais de *brandy*? – pediu Beachendon.

– Vai conduzir? Se vai, não posso mesmo recomendar que beba mais – disse Jo. – Agora conte-nos, a que devemos o prazer da sua visita?

– É puramente social.

– Puramente?

– *Schalteralterrigis* – comentou Sir Patrick.

– Pois Sir Patrick pensa que veio cá para tentar persuadi-lo a vender a sua coleção – traduziu Jo.

– *Sclrlortisficathy.*

– Tens a certeza de que queres que eu diga isso, querido?

Jo ajoelhou-se ao lado do marido e limpou-lhe cuidadosamente um pouco de cuspo do lábio inferior.

– *Justhshioipoishhldky*.

– Ele diz que vocês, uns abutres merdosos, há anos que andam às voltas por cima do corpo dele, mas que ele não vai a lado nenhum.

– Foi realmente uma visita de cariz social – protestou Beachendon.

– *Crrasphoihslkenfijhnklend.*

– E a mãe dele é a rainha de Tombuctu.

– *Vlskjidhsot.*

– Perdão, de Vladivostok.

Beachendon olhava para as telas penduradas do chão ao teto; havia um minúsculo Holbein de Erasmo, um estudo para a grande obra que se encontrava

na National Gallery; dois Brueghels da fase tardia; um Lucas Cranach quase perfeito, o retrato de uma menina, e um Mathias Grünewald, de uma

velha. No andar de cima, em pesados baús de mogno, ele ouvira dizer que havia resmas de desenhos belíssimos de valor incalculável, e outros quatro pisos de grandes pinturas, todas adquiridas por menos de 200 libras pelo jovem Sir Patrick. A fantasia de Beachendon tinha sido juntar toda a coleção numa única venda imensa que duraria três dias. Agora, quando toda a gente julgava que o velho não sobreviveria a mais um inverno que fosse, tinha casado com uma jovem que parecia poder durar mais uns bons cinquenta anos. Se deixasse a coleção à mulher, décadas de vassalagem cuidadosa da parte de caçadores de testamentos do mundo da arte teriam sido totalmente em vão. A amarga desilusão de Beachendon era amenizada apenas pela noção de que haveria outros que ficariam ainda mais perturbados ao saberem da existência de uma nova Lady O'Mally.

– Nem acredito que já são estas horas – disse Beachendon, levantando-se para em seguida fazer uma ligeira vénia a Lady Jo. – Vou a Cambridge para uma conferência e lembrei-me de passar por cá.

– Vou buscar o seu casaco – disse Lady Jo. – Faça só companhia ao Patrick.

Beachendon debruçou-se para Patrick e, aproximando bem o olho do rosado e aguado do velhote, disse-lhe baixinho:

– Vitória absoluta, meu caro.

– *Fluckingsthelrrfff* – respondeu Sir Patrick. Beachendon detetou um sorriso muitíssimo ténue nos lábios do velho.

Lady Jo tornou a aparecer com o casaco do conde.

– Que agradável que venha alguém só para nos cumprimentar. Ainda no outro dia apareceu um curador de um museu americano, entrou por aqui, sacou do cartão de crédito e disse-nos: «Digam quanto querem», como se fôssemos agricultores de Glamorgon com ovelhas para vender.

Beachendon vestiu o casaco e assentiu com a cabeça, fazendo um ar compassivo.

– Houve outro que tentou seduzir-me! E não foi nada discreto, a dizer que queria

confortar-me naquele sítio especial de uma maneira especial que o meu marido não podia. Fiquei indignada.

Completamente indignada.

– Imagino.

– Por pouco não chamei a polícia.

Virando-se para Patrick, o conde Beachendon acenou-lhe, mas os olhos do velhote estavam firmemente fechados.

– Está na hora da sesta dele.

Lady Jo indicou a porta da rua com uma inclinação da cabeça.

– O meu cartão... para o caso de precisar dos meus serviços – disse-lhe Beachendon enquanto lhe entregava o cartão de visita.

– Tenho tudo o que quero por ora – respondeu Lady Jo, a sorrir.

Beachendon refez o caminho até ao carro. Desta vez, mal reparou nas armas caninas de destruição massiva. Pisou um grande monte de excrementos e nem tentou raspar a merda do sapato. De que valia isso? Ao chegar ao parque de estacionamento, viu a porta fechada e trancada; na porta alguém tinha colado uma nota. «Cenas familiares. Tive de bazar. Desculpem. Volto logo.»

Beachendon deu meia-volta e começou a caminhar novamente na direção de Whitechapel, onde esperava encontrar uma estação de metro. Os restos de um mercado de frutas e verduras sujavam os passeios. Havia bancas a serem desmontadas, caixotes de couves e maçãs por vender continuavam empilhados e o chão estava pejado de folhas descartadas e pisadas.

– A última caixa de peras, sua por cinco libras – apregoou um vendedor com pouco entusiasmo.

A cada passo, Beachendon dava por uma pitada de caca de cão e couve podre.

Como teria aquilo acontecido?, perguntava-se. Quarenta anos antes, ele era um jovem de dezoito anos, a sair de Eton e prestes a ocupar uma vaga em Oxford.

Elegante, com ligações impecáveis, devia herdar um grande título com propriedades, mas o abismo entre a expectativa e a realidade fora-se alargando a cada ano à medida que a má gestão do pai se ia tornando clara. Cinco semanas depois de a lua de mel ter acabado, a mesmíssima leiloeira para que agora trabalhava tinha entrado na casa e dividido a sua suposta herança em lotes distintos. Até os seus ursos de peluche tinham sido catalogados com a legenda « *memorabilia* de infância aristocrática». Ele e a mãe tinham-se sentado na primeira fila do leilão, acenando com as mãos em momentos oportunos para elevarem as licitações. Nada mitigara a dor aguda de ver cada última peça de mobília, da secretária Riesener às bacias de assento dos criados, arrematado por caça-legados. As únicas peças da herança que o jovem conde retivera haviam sido um relógio de bolso, um título e alguns conhecimentos básicos de mobília. Como as empresas continuavam a gostar de ter uma pessoa da nobreza nos quadros, Beachendon conseguira ocupar algumas diretorias não executivas e uma posição de pouca importância na leiloeira. Com trabalho árduo e tenacidade, fora subindo até ser nomeado diretor de leilões. Embora o negócio da arte tivesse prosperado, o mesmo não acontecera ao conde. Os seus clientes tinham-se tornado cada vez mais ricos; o seu salário mal acompanhava o ritmo da inflação.

A única notícia positiva era que se lembrara de ter posto o cartão do metro na carteira de manhã, com crédito à justa para atravessar Londres e chegar ao seu escritório.

Capítulo 17

Àsombra da fachada cinzenta de um prédio de Friedrichstadt, em Berlim, Rebecca sentia-se tola.

Estava na morada indicada no caderno do irmão, mas não sabia porque se encontrava ali ou o que procurava. Na sua vida profissional, Rebecca orgulhava-se de ser uma comandante de factos, uma marechal de datas e uma historiadora séria cuja reputação se baseava numa avaliação bem medida e considerada. Na sua vida pessoal, ignorava os pecadilhos do marido e em vez disso concentrava-se em cumprir os deveres uxórios de uma boa esposa e mãe. Encontrava consolo em comportamento regular, decente. Decidir impulsivamente apanhar um avião, cancelar reuniões importantes e mentir quanto ao seu paradeiro era algo totalmente alheio à sua forma de ser.

Calculava que o número 14 de Schwedenstrasse tinha sido construído por volta de 1900 e que devia ser um dos poucos prédios ainda de pé naquela área depois dos bombardeamentos dos Aliados durante a Segunda Guerra Mundial. Na altura, o vasto edifício de cimento com centenas de janelas deveria ter parecido impressionante e moderno. Agora encolhia-se entre arranha-céus que se projetavam para o ar com uma determinação férrea e monumental.

Rebecca hesitou antes de entrar no edifício: sabia instintivamente que, depois de transpor aquele limiar, nada voltaria a ser bem o mesmo. O seu telemóvel tocou; era Memling. Rebecca sentiu uma onda de alívio – o pai, com o seu inimitável sentido de oportunidade e intuição, estava a ligar-lhe para lhe oferecer a explicação tão desejada e plausível.

– É um toque estrangeiro. Onde estás? – perguntou-lhe. Nunca perdia tempo com palavras de cortesia ou saudações de espécie alguma.

Rebecca hesitou, sem saber se deveria contar-lhe a verdade.

– Estou em Paris a ver o que se esperava que fosse um Corot mas que não passa de uma cópia bem feita.

Rebecca ficou tão surpreendida com a mentira como com a facilidade com que a disse.

– Há notícias do quadro? – perguntou Memling.

– Um beco sem saída. Por todo o lado. – Reunindo a coragem, perguntou-lhe: – O que tem este quadro de tão importante? Se quer que o ajude, tem de me dizer.

Memling desligou.

Apesar de esperar que funcionários e familiares falassem de qualquer assunto acerca do qual ele os interrogasse, Memling respondia somente às perguntas que ele mesmo selecionava. Raramente se explicava ou extrapolava. As suas instruções eram bem definidas e precisas e a maioria das pessoas ficava grata por essa clareza e objetividade. Geria a organização como um império hierárquico com um grande intervalo entre ele e o degrau seguinte da administração. Em teoria, Rebecca partilhava a posição de topo e uma responsabilidade idêntica; na prática, era apenas mais uma empregada.

Memling mantinha o controlo absoluto mediante uma combinação de autoridade e intimidação naturais, postas em prática com um punho de ferro em todos os mecanismos financeiros. Todas as

contas, fossem de uma pintura de muitos milhões de dólares ou um clipe, tinham de ser sancionadas por ele.

Depois da faculdade, a jovem Rebecca rebelara-se contra o regime totalitário do pai. Recusando qualquer apoio financeiro, vivera com o parco salário académico como ocupa em Brixton. Oito anos depois, aos trinta e dois, voltara para o complexo dos Winkleman com um marido e uma filha a reboque. O marido, Carlo, na altura um incipiente realizador, era incapaz de sustentar a família.

Durante três anos, ela esforçara-se por fazer o dinheiro dar para mais do que renda e comida, mas nunca chegava para cobrir as despesas inerentes a um filho. Pressionada por Carlo e pelo pai, acabara por se demitir do seu emprego no Instituto Courtauld e aceitar um salário da Winkleman; como diretora da curadoria, trabalhava de perto com o irmão, que era diretor de vendas e vice-presidente. O pai não precisava de um título.

Dividida entre alívio e fracasso, Rebecca flutuara de volta para a órbita de Memling e para o teto comunal. À sua família foi atribuída uma casa na fileira de Curzon Street, ao lado da do irmão. Havia um ginásio partilhado, pessoal, carros e motoristas. Havia escritórios em Paris, Nova Iorque, Genebra e Pequim, bem como férias em casas da família em África, St. Barts e no Sul de França. A vida sob o jugo de Memling ora pendia para o luxo, ora para a infantilidade, e por vezes para o desalento, mas a ausência de responsabilidade concreta era preferível a morar nos ermos de Brixton.

Memling justificava este sistema centralizado como sendo uma forma de proteger aqueles que amava; nunca o via como sendo controlador ou dominador.

Rebecca defendia a decisão de regressar como tendo sido estritamente profissional. Winkleman era o negociante preponderante do mundo da arte e muitas das melhores pinturas da história passavam pelas mãos da empresa. Se todos os académicos, vendedores e curadores sonhavam trabalhar para aquela empresa, porque haveria Rebecca de se negar essa oportunidade? Em privado, reconhecia que estava esgotada pela penúria e aliviada por regressar a um mundo de vida privilegiada, ambientes belos, pessoal doméstico, roupas maravilhosas e

viagens em primeira classe. Havia ainda outro elemento. Rebecca amava e reverenciava o pai: era o homem mais astuto e bem informado; sabia instintivamente quem venderia e compraria; era intrépido a tomar decisões e só se culpava a si mesmo por quaisquer contratempos ou escolhas erradas. Acima de tudo, punha a família em primeiro lugar. Eram essas as qualidades que Rebecca mais admirava.

Guardando o telefone no bolso, deu um passo em frente e tocou à campainha do apartamento 409.

Para sua surpresa, depressa responderam:

– *Jah?*

Rebecca falava um alemão fluente, aprendido na escola, embora o pai raramente falasse com eles na sua língua materna.

– Peço imensa desculpa por estar a incomodar. Chamo-me Rebecca Winkleman – disse ela, a sentir-se tola, pois continuava a não fazer ideia da razão por que ali estava ou de quem procurava.

– Winkleman?

– Sim.

– Suba até ao quarto andar – respondeu a voz, e em seguida o trinco vibrou.

As paredes da entrada do prédio eram rugosas. Uma luz tremelicava no corredor forrado com painéis escuros e os saltos de Rebecca iam matraqueando ruidosamente pelas lajes cor de fígado.

Havia um pequeno elevador, provavelmente instalado na década de 1950, mas Rebecca decidiu que iria pelas escadas.

Apesar de estar em forma, faltava-lhe o ar quando chegou ao quarto andar. Havia dois corredores compridos e idênticos, um para a esquerda, outro para a direita. Ao fundo de um deles, ouviu uma voz de mulher.

– Aqui – chamou.

Rebecca avançou em direção à voz e, trinta metros depois, transpôs o pequeno átrio e entrou numa sala de estar onde uma mulher estava sentada no chão, de pernas cruzadas, a mudar a fralda a um bebé.

– Desculpe, não posso levantar-me! Chamo-me Olga; esta aqui é a bebé Britta – disse ela, fechando as tiras da fralda da bebé.

– Convida sempre perfeitos desconhecidos a entrarem no seu apartamento? – perguntou-lhe Rebecca, a sorrir.

– É que disse a palavra mágica, Winkleman. A senhora ao fundo do corredor contou-me que em tempos viveu aqui uma família com esse apelido.

Rebecca tentou disfarçar o seu espanto – fora ali que o pai crescera? Memling sempre dissera que as bombas dos Aliados tinham arrasado a casa de família dos Winkleman.

– Ando a tentar descobrir mais acerca da família do meu pai – disse ela, observando o espaço acanhado e tentando imaginar Memling a viver ali com os pais. – Sabe alguma coisa a esse respeito?

– Muito pouco. A senhora disse-me que tinham morrido todos. É fantástico que um tenha sobrevivido – respondeu Olga com um entusiasmo sincero. – Tem de ficar e conhecer o meu marido, o Daniel... ele vai gostar muito. Os avós dele foram enviados para Treblinka. Só a avó é que sobreviveu.

Rebecca sorriu. Nunca imaginara que pudesse existir alguma espécie de afinidade entre os herdeiros de uma grande tragédia. Memling raramente falava das suas experiências durante a guerra e, não obstante, o Holocausto insinuava-se em todos os aspetos da vida da família como uma mancha ténue e escura. A maior parte da família da mãe dela também falecera, depois da guerra, quando o barco que a levava para Israel fora ao fundo; só a mãe e duas outras pessoas tinham sido salvas da balsa improvisada, um fragmento de carga. Saber que outras pessoas da sua idade viviam com fantasmas similares era algo que a fazia sentir-se menos só. Ocorreu-lhe então outro pensamento: talvez alguns parentes tivessem sobrevivido e aquela viagem resultasse em descobrir uma família que nunca soubera ter. Grace poderia travar amizade com primos da sua própria idade. Enquanto cresciam, Rebecca e Marty nunca tinham conhecido quaisquer parentes, quer da parte do pai, quer da parte da mãe.

– Dê uma vista de olhos pela casa... não vai demorar a ver tudo! – disse-lhe Olga num tom animado, enquanto se levantava e empoleirava Britta numa anca.

– Ela é linda – disse Rebecca, automaticamente; só havia um bebé de que alguma vez gostara, o seu.

Deu uma volta pelo apartamento. Tinha dois quartos, cada um com o tamanho suficiente apenas para uma pequena cama de casal, e uma sala com uma janela grande que dava para a rua. Atrás ficava uma cozinha minúscula cuja janela dava para um saguão triangular do prédio.

– Tem o tamanho ideal para três pessoas – comentou Rebecca.

– Para nós funciona, mas deve ter sido muito apertado para os seis membros da família Winkleman

– disse Olga. – Vi-os todos alinhados nesta sala, no álbum de fotografias da Danica.

– Seis? – repetiu Rebecca, a tentar disfarçar a confusão. Memling sempre lhes dissera que era filho

único.

Olga fez uma expressão compreensiva.

– O seu pai deve ter tentado protegê-la da dor... ou talvez a si mesmo. A avó do Daniel fazia o mesmo: disse-lhe que só alguns dos parentes tinham sofrido, quando a verdade é que a família inteira foi eliminada. Era mais fácil rescrever a história do que aceitar a verdade.

– Talvez a tal senhora se tenha enganado? – sugeriu Rebecca.

– Há um sótão de tamanho decente. Talvez o seu pai e o irmão dormissem lá. Nós usamo-lo para guardar livros antigos e roupas.

Olga apontou para um alçapão.

– Posso vê-lo?

Rebecca calculou que os Winkleman talvez tivessem armazenado todas as obras de arte dos amigos no sótão. Pensou de novo nos quadros; certa vez, o pai dissera que tinham sido mais de trinta as obras que os Winkleman haviam comprado ou guardado a outros judeus. Algumas das obras mais importantes da empresa, incluindo dois Veroneses, quatro Degas, três Corots, um Fragonard, um esboço de Tiepolo e dois Rembrandts tinham-lhes chegado dessa forma.

– Se pegar nessa vara – disse Olga, a apontar para o canto –, pode puxar o alçapão e uma escada desce automaticamente. Está um bocado perra.

Rebecca subiu cuidadosamente até ao sótão. A cada passo, pesava-lhe mais o coração. As escadas tinham apenas a largura suficiente para a sua constituição esguia; não imaginava como seria levar uma grande obra renascentista por aqueles degraus instáveis. Ao chegar ao cimo, deparou-se com uma despensa minúscula, com cerca de dois metros e meio por um e meio, cheia dos pertences da nova família. Havia caixas e malas ordeiramente empilhadas. Teria sido impossível manobrar os grandes quadros pela escada retráctil acima para aquele cubículo. Mesmo que tivessem tirado as telas dos estiradores e das molduras, as obras maiores não passariam por aquele ângulo apertado.

Rebecca desceu lentamente a escada.

– Não há muito que ver – disse Olga, num tom apologético –, é o nosso primeiro apartamento.

– Há quanto tempo moram aqui? – perguntou Rebecca, com esperança de que Olga tivesse conhecido Marty.

– Só há seis meses... os últimos moradores tinham saído há uns anos... a casa esteve vazia durante bastante tempo.

– É encantadora – disse Rebecca, tentando livrar-se da sensação de mau agouro.

– Vá visitar a senhora do 411... é muito velha e está sempre sozinha. Tem fotografias desses tempos... há retratos da sua família.

Meia hora depois, Rebecca estava sentada num apartamento ainda mais pequeno, na companhia de Frau Danica Goldberg, de noventa e seis anos.

– É claro que me lembro da sua família – disse ela. – Brincávamos juntos, mas...

– inclinou-se e fitou Rebecca com um olhar intenso –, morreram todos nos campos, exceto a filha, Johanna. A Johanna morreu depois quando os Aliados, a tentarem ser amáveis, deram demasiada comida aos sobreviventes: o estômago dela rebentou.

Rebecca estremeceu; Danica pousou a mão no braço da mulher mais jovem.

– Que falta de tato o meu, contar-lhe isto assim. Desculpe.

Rebecca olhou pela janela. Se ao menos fosse só por isso que ela tremia.

As duas mulheres ficaram em silêncio durante algum tempo.

– Veio cá um homem que me fez as mesmas perguntas. Tenho o cartão dele algures por aqui.

Levantando-se a custo, Danica aproximou-se da mesa de apoio castanha e, depois de a abrir, tateou o interior. Pouco depois, tirava de lá um cartão de visita, que estendeu a Rebecca.

– Aqui está.

Tinha o nome de Marty, a inimitável caligrafia indómita, o número de telemóvel dele. Rebecca sentiu lágrimas a arderem-lhe nos olhos.

– O meu irmão.

– Sabia que deviam ter alguma relação. Fiquei tão contente quando o conheci – disse Danica, com um sorriso largo. – Pensava que toda a família Winkleman tinha morrido, mas não. Pedi-lhe que pedisse ao meu velho amigo Memling que me visitasse. Mas, até agora, ele não o fez.

Rebecca tinha a cabeça a mil. Por que razão não lhe teria Marty falado daquela visita? Seria aquilo uma pista que explicasse a sua morte súbita? Pequenas gotas de suor surgiram-lhe no pescoço e nas têmporas. Tinha o coração acelerado. Não, disse a si mesma, tinha sido um acidente. O médico-legista tinha registado «morte acidental». De repente, ela já não estava tão certa disso.

Olhou para o chão – o padrão da carpete nadava-lhe à frente dos olhos marejados.

– O homem que veio era moreno. A menina é tão clarinha.

Danica falava nitidamente, ainda que num tom suave. A idade pouco lhe diminuíra a força da voz ou, ao que parecia, a memória.

– O Marty sai à minha mãe... era italiana... uma judia de Verona – disse-lhe, recordando que era comum as pessoas julgarem que ela e o irmão não eram da mesma família.

– E a menina parece-se com o seu pai? – perguntou-lhe Danica.

– Extraordinariamente, segundo me dizem – respondeu. – Quando é que o Marty esteve cá?

O irmão tinha morrido sete anos e dois meses antes.

– Há oito anos... ou terá sido há sete? Pediu-me para ver fotografias. Gostaria de as ver?

Rebecca assentiu com a cabeça: só conseguia pensar em Marty. Marty sentado no mesmo sítio onde ela estava então; Marty a ver as fotografias; Marty a cair da amurada do *ferry* de Newhaven para Dieppe, no Ano Novo. Poderia tê-lo feito de propósito? As circunstâncias que rodeavam a sua partida de Londres sem bagagem ou sequer um telefonema para se despedir sempre a tinham intrigado. Não deixara nota alguma, nenhuma explicação. Pela primeira vez desde que a notícia da sua morte chegara, Rebecca perguntava-se o que a teria causado.

Muito devagar, Danica voltou a levantar-se e, acercando-se de um aparador, tirou de lá um velho álbum de fotografias.

– O meu pai era fotógrafo de estúdio. Tinha uma loja própria em Mitte e tirava lindo retratos formais. Os nazis incendiaram-lhe a loja e todos os registos que tinha. Uma geração inteira foi reduzida a cinzas. Eliminada. Queriam exterminar memórias, para além de vidas. Ele também tinha uma *Brownie* pequena e costumava tirar fotografias às famílias aqui de Friedrichstadt. O Museu Judaico quer o meu álbum... pode ficar com ele quando eu morrer. Mas, até lá, é o único amigo que me resta.

– Tem filhos e netos? – perguntou-lhe Rebecca.

– Nunca seria capaz de pôr crianças neste mundo. Não toleraria que outros o experienciassem.

Rebecca foi sentar-se ao lado de Danica no pequeno sofá. A senhora cheirava a urina rançosa, couve velha e pó de talco. Rebecca tinha vontade de fugir, mas obrigou-se a ficar.

Explorar o álbum era um processo moroso. Danica precisava de contar a história de cada pessoa

falecida havia muito. Depois de cada descrição, acrescentava: «Paz à sua alma.»

Enquanto a senhora falava, Rebecca tentou imaginar Marty sentado ali. Com mais de um metro e oitenta, mal teria cabido no sofá. Sendo um homem que detestava passar mais do que alguns segundos quieto, sem dúvida teria tirado o livro das mãos da senhora, para o folhear com impaciência.

Rebecca sentiu uma dor profunda e forte ao pensar no irmão – a animação, a generosidade franca e o entusiasmo infantil tinham-lhe conquistado muitos admiradores, mas nenhum, imaginava Rebecca, poderia tê-lo amado como ela.

– Aqui estão todas as crianças do quarto andar – anunciou a velha senhora, inclinando o álbum para que Rebecca pudesse vê-lo bem.

Ela detetou o jovem Memling de imediato – devia ter uns oito anos e era igualzinho à sua filha Grace. Era a primeira vez que via uma fotografia do pai em criança. Mesmo numa foto a preto e branco, Rebecca reconhecia-lhe o rosto largo e aberto, os olhos azul-claros e a melena loura.

– É ele – disse à senhora.

– Foi o mesmo que disse o seu irmão – comentou Danica num tom pensativo. – Esse não é um Winkleman; é o Heinrich, o membro mais jovem da família Fuchs, que vivia no 407. Eram os zeladores, os únicos do prédio que não eram judeus. O Fritz Fuchs e a mulher, já não me lembro de como se chamava, tinham passado dificuldades e não lhes restava alternativa se não viver aqui... ele detestava. Detestava-nos. Tinha perdido um pé na Primeira Guerra Mundial e não conseguira encontrar trabalho. Era do género que passava a vida a gemer e a queixar-se, que precisava de um bode expiatório. Às vezes eram os judeus, mas na maior parte do tempo era o pequeno Heinrich.

Pobre criança. Se o pequeno Heinrich fizesse algo mal na escola ou se portasse mal, era espancado e posto na rua sem roupas.

Rebecca observou o rapazinho louro com maior atenção – ter-se-ia enganado?

– Quais eram os Winkleman? – perguntou.

– É tão fácil distingui-los – riu-se Danica, a apontar para duas meninas minúsculas e dois meninos ainda mais pequenos, todos de cabelo encaracolado e brilhantes olhos escuros.

– Costumávamos dizer a brincar que era uma sorte eles serem tão pequeninos... de outra forma, como caberiam naquele apartamento?

Rebecca começava a sentir-se assoberbada pelo cheiro da senhora; as paredes da sala estavam a abater-se à sua volta.

– Preciso de um pouco de ar fresco – disse.

– Há ali uma varanda – indicou-lhe Danica, acenando com a cabeça na direção da janela. – Até tem vista, mais ou menos. Vou preparar um chá.

Saindo para a varanda, Rebecca aspirou rajadas de ar gelado e tentou acalmar os sentimentos.

Teria Marty saído para a varanda depois de ver a fotografia? Teria o seu coração batido descontroladamente? Caíam-lhe lágrimas quentes pelas faces – como se atrevera o irmão a não lhe revelar aquela descoberta? Quem lhe dera que ele estivesse ali. Marty, que tinha resposta para tudo; Marty, que sempre tornara as coisas suportáveis. Enquanto limpava as lágrimas sem grande determinação, Rebecca tentava abafar a sensação de pânico e mal-estar. Quando entrara no edifício, mantinha certas crenças firmes que o pai lhe reforçara em todas as alturas cruciais. Vezes sem conta, ele dissera-lhe que a lealdade à família era a coisa mais importante do mundo. Que a família era tudo o que tinham, tudo o que valia a pena proteger.

Havia duas gerações que o Holocausto pairava sobre a família: até Grace falava da terrível

«ferida» do avô. Naquela varanda, a olhar para um minúsculo parque enlameado,

Rebecca reviu o que sabia da história de Memling. O rapazinho e a família tinham sido forçados a entrar num vagão de comboio e a fazer uma longa viagem sufocante até chegarem a Auschwitz. A avó, quase cega, tinha tropeçado na plataforma da estação e fora espancada até à morte em frente à família. A mãe cedera as parcas rações para que o filho comesse um pouco mais, morrendo à fome. Os amigos que tinham desaparecido, um por um; o pai que fora levado sem qualquer explicação. Rebecca e Marty tinham acumulado aqueles pormenores ao longo dos anos. No braço do pai estava a tatuagem reveladora, uma sequência de números aleatórios que era o derradeiro símbolo do sofrimento. Eles só a tinham visto algumas vezes e sentiam o peso e a responsabilidade da sobrevivência, sabendo que tinham de viver pelos que não tinham resistido e aproveitar ao máximo cada oportunidade em nome daqueles que haviam perecido.

Memling ensinara os filhos a serem discretos, reservados, distantes, alheados – a nunca confiarem em ninguém, a partirem do pressuposto de que outro ataque poderia acontecer a qualquer momento.

Toda a sua forma de vida se baseava no facto de o pai ser judeu e ter escapado por pouco à morte num campo de concentração. E agora, que hei de fazer?, pensava Rebecca. E se o meu pai não for o sobrevivente do Holocausto, Memling Winkleman, mas apenas um alemão chamado Heinrich Fuchs?

Imagine-se, e o seu pânico aumentava, que tinha sido membro do Partido Nazi?

Ainda que ela e Marty não tivessem sido educados segundo os preceitos da tradição ortodoxa, serem judeus era uma parte fundamental da identidade de ambos, um facto inescapável. Ser judeu era como ter uma sombra omnipresente que formava figuras diferentes consoante determinadas situações.

Era algo que ela nem celebrava, nem rejeitava, mas que existia, que lhe infundia a noção de identidade e pertença. Ela era uma filha da Europa, uma de uma longa linhagem de professores judeus alemães que tinham emigrado séculos antes das Terras Santas para se instalarem no continente. O extermínio de todos os membros da família do pai durante o Holocausto, embora nunca fosse discutido, repercutia-se na maioria das áreas da vida dela. O vazio da ausência de parentes, de tradições, de cemitérios ou recordações criava um buraco negro na sua história, tão significativo como uma família alargada extremamente numerosa. Agora – de repente – tinha de abrir mão disso, de repensar o passado

e, pior ainda, aliar-se ao próprio opressor que a definira. Como poderia odiar o inimigo do pai, quando era a progénie do inimigo? Seria que a mãe sabia? Porque haveria alguém, como poderia alguém, criar e depois habitar uma mentira tão repulsiva?

O corpo tremia-lhe violentamente e ela agarrou-se à varanda para se apoiar. Inspirando fundo, tentou recompor-se concentrando-se na vista em frente, a paisagem do centro de Berlim num final de tarde frio de fevereiro; as pessoas que voltavam do trabalho, as crianças que brincavam no parque minúsculo. As vidas delas prosseguiam, enquanto a sua fora estilhaçada por uma fotografia.

– Deve estar frio aí fora. Fiz um chá – chamou-a Danica pela janela aberta.

Com relutância, Rebecca tornou a entrar, depois de secar as últimas lágrimas.

– Está muito pálida. Quer um copinho de *brandy*? Tenho um pouco para emergências – ofereceu Danica.

Rebecca abanou a cabeça.

– Conte-me mais acerca da família Winkleman.

– Eram generosos, bondosos... tinham sempre a porta aberta e, apesar de terem pouco dinheiro, partilhavam sempre o que tinham.

– Eu julgava que o pai era um advogado bem-sucedido...

– Ele representava os pobres e oprimidos... nunca ganhava dinheiro. Tinha um coração verdadeiramente bom e punha o bem-estar dos outros em primeiro lugar, antes de si mesmo ou da família. Ela era professora de arte.

– O meu pai contou-me que eles tinham ajudado judeus a fugir nos anos 1930, comprando-lhes quadros – disse Rebecca, embora já calculasse que era pouco provável que aquela parte da história fosse verdade.

Danica abanou a cabeça.

– Eles tinham um sótão, por isso as pessoas escondiam lá coisas: um quadro ou outro, joias, mas sobretudo recordações de família. Nunca se sabia quando viriam os nazis.

– Os Winkleman tinham algumas obras de arte? – quis saber Rebecca.

– O seu irmão perguntou o mesmo – disse Danica num tom pensativo. – Tinham um quadro. Ela tinha tanto orgulho nele. Estava por cima do lintel da lareira, na sala, e às vezes ela contava-nos a história dessa obra. Ainda me lembro: era de uma jovem lindíssima, com o amante, a serem vistos por um palhaço. Não era violento, como tantas obras contemporâneas; era uma pintura em que podíamos perder-nos.

– Não estará nalguma destas fotografias, pois não? – perguntou Rebecca.

A velhota folheou o álbum.

– Aqui está.

Apontou para uma pequena fotografia a preto e branco da família Winkleman, em frente a uma lareira. Atrás deles, na parede, estava um quadro com cerca de quarenta e cinco centímetros por sessenta. Apesar de ser uma imagem ínfima e mal dar para se perceber qualquer pormenor, Rebecca viu que correspondia à descrição do quadro que Memling estava tão ansioso por recuperar.

– Viviam mais de cem famílias neste quarteirão – disse Danica. – Muitas tinham lindos quadros.

Os andares de baixo pertenciam às famílias mais ricas – tinham tetos altos e obras maiores. Lembro-me de uma família, de apelido Steinberg, que tinha obras de Veronese, Rembrandt e já não sei quem mais. A senhora Winkleman costumava levar-nos a passear de vez em quando e tentava ensinar-nos coisas acerca de arte.

A virar as páginas do seu álbum fotográfico, Danica ficou calada.

– Os nazis não levaram só quadros, levaram tudo: lençóis, toalhas, mobília, tachos e panelas, tudo e mais alguma coisa. Roubaram a opulência aos ricos e a miséria aos pobres.

– O que fizeram com tudo isso?

– O melhor foi oferecido a Hitler. Em seguida, a Göring. Havia uma ordem hierárquica.

Rebecca assentiu com a cabeça.

– Os líderes regionais recebiam o lote seguinte, depois os oficiais; qualquer coisa que não fosse reclamada era vendida em leilões semanais. Às vezes, antes de nos internarem, íamos aos leilões para ver quem tinha comprado as nossas coisas. Uma vez, a minha mãe tentou comprar um bule que tinha pertencido à avó dela. Estava velho e lascado... não podia valer mais do que uns quantos marcos. O leiloeiro viu a estrela amarela no casaco da minha mãe e recusou-se a vender-lhe o bule, que era de porcelana. Pegou nele e deixou-o cair no chão, para que se despedaçasse. Eu não me teria importado de perder um quadro valioso se pudesse ter mantido um ou outro livro. Sabe que não tenho sequer um registo da letra da minha mãe ou do meu pai? Tudo o que quero é ter um vislumbre de um livro antigo, voltar a ver: «Para a Danica, Feliz Aniversário, com amor, da Mamã e do Papá.» Será pedir muito? Tenho noventa e seis anos, mas ainda não perdi a esperança.

Rebecca abanou a cabeça, a tentar refrear a mágoa e a vergonha – seria Memling um cúmplice, um ladrão de memórias? Ela e a família viveriam dos lucros conseguidos à custa do sofrimento daquelas pessoas?

– O Heinrich arranjou emprego a trabalhar para o esquadrão de arte pessoal do Führer –

prosseguiu Danica, como se adivinhasse os pensamentos de Rebecca. – Um dia, ele e uns colegas, todos elegantes com as suas camisas pretas e botas engraxadas, entraram por aqui e deitaram mão a uns quantos quadros. Dava para ver que ele se sentia pouco à vontade a fazer aquilo... mas não o suficiente para parar. Ficámos a vê-los. A Esther Winkleman chorava de vergonha; ela ensinara ao pequeno Heinrich o que era certo. Nunca lhe dissera o significado do mal.

– Ele levou o quadro dela?

– Enquanto ela era viva, não – disse Danica. – Mas muitas vezes me perguntei o que lhe teria acontecido depois de os levarem.

Rebecca abriu e fechou a boca; incapaz de formular quaisquer palavras, limitou-se a encolher os ombros e a deixar a cabeça pender.

Danica deu-lhe uma palmadinha na mão para a tranquilizar.

– Isso é o passado.

A compaixão da velha senhora feria-a como uma farpa.

– Como pode ser tão clemente? – sussurrou.

– Nunca perdoarei, mas não poderia permitir que a crueldade deles me dominasse a vida inteira; isso atestaria a vitória deles. Tive de arranjar uma maneira de viver com estas memórias, mas também não quero que ninguém esqueça o que aconteceu. – Lançou um olhar férreo a Rebecca. – Ao ouvir a minha história, a menina ajuda-me e ajuda outros. As pessoas têm de saber o que aconteceu para que a história não se repita.

Virando-se de novo para o álbum, Danica virou a página. Aquela mostrava o mesmo apartamento, com os mesmos pertences e com o Watteau ainda pendurado por cima da lareira, mas algo faltava.

– Onde estão as pessoas? – perguntou Rebecca. – Onde está a família?

– Em 1942, muitas famílias pediram ao meu pai que fotografasse os seus apartamentos vazios. Era como se soubéssemos que esta forma de vida estava a chegar ao fim. Já éramos não-pessoas aos olhos do Estado. Os nossos negócios tinham sido confiscados, a nossa liberdade estava severamente restringida, tinham-nos incendiado e saqueado os templos. Talvez soubéssemos que em breve só os nossos fantasmas assombrariam estas divisões, estes edifícios.

Durante muito tempo, as duas mulheres sentaram-se em silêncio a olhar para as divisões vazias captadas em imagens a preto e branco, com os contornos amarelados pelo tempo.

– Importava-se se eu tirasse algumas fotografias com o meu iPad?

Danica sorriu.

– É claro que não.

– Tem a certeza de que não houve mais sobreviventes da família Winkleman? – perguntou ela.

– Ouvi dizer que a Johanna teve um bebé no campo. Uma filha. Porque é que o

seu pai nunca tentou encontrá-la? – Danica abanou a cabeça, espantada. – As pessoas tiveram comportamentos estranhos depois da guerra... mas a maior parte das famílias queria voltar a unir-se.

– Ele começou uma vida nova em Inglaterra – disse Rebecca, voltando ao padrão familiar de proteger o pai. – Queria deixar o passado para trás.

Danica sorriu.

– Com a minha idade, o passado é a única coisa que temos.

As duas mulheres continuaram sentadas lado a lado durante alguns minutos. Rebecca olhava para as fotografias enquanto Danica olhava para Rebecca.

– Não é uma Winkleman, pois não? – perguntou-lhe a idosa numa voz benevolente.

– É claro que sou... se quiser mostro-lhe o passaporte – protestou Rebecca com rispidez.

Danica inclinou-se para a frente, fechou o álbum de fotografias e, pegando nas mãos de Rebecca com os dedos encarquilhados, perguntou-lhe:

– É uma Fuchs?

Rebecca fitou o rosto da velhota. Queria mentir, pôr-se de pé num pulo e fugir, gritar, barafustar e gritar. Diferentes reações e emoções rodopiavam-lhe a toda a velocidade pela cabeça. Obrigando-se a manter a calma, ouviu a sua própria voz, hesitante, dizer:

– Não sei.

Danica fitou-a durante alguns momentos antes de lhe responder na sua voz suave:

– Não importa que seja judia ou gentia... o que importa é fazer a coisa certa.

Ao afastar-se de Friedrichstadt, tudo o que Rebecca queria era falar com Marty. Nunca tinha imaginado que fosse possível sentir tanto a sua falta. Deteve-se em frente ao recreio de uma grande escola secundária e ficou a ver os estudantes.

Alguns entretinham-se com um jogo, outros estavam sentados numa roda, a conversar – pareciam tão confiantes e à vontade. Tentou recordar aquela sensação. Alguma vez a teria tido? Achava que não. Alguma vez voltaria a tê-la? Era fácil responder a isso.

Tirando o iPad da carteira, observou as fotos do caderno de Marty. Apercebia-se agora de que Marty seguira o percurso de certos quadros até ao número 14 de Schwedenstrasse – as mesmas que Memling alegava pertencerem ao conjunto adquirido pelos Winkleman aos amigos judeus que tinham escapado, incluindo um Veronese, um par de Rembrandts e um Watteau que correspondia à descrição do quadro em falta. Ao lado deste, Marty escrevera alguns pormenores, incluindo o nome Antoine Watteau, a data 1703, a entrada de um catálogo e uma referência de uma venda em 1929. Ela sabia que tinha de completar a investigação do irmão. Marty desvendara a identidade do pai e estava a tentar perceber como tinha ele obtido os primeiros quadros. Teria sido uma fraude oportunista ou algo pior?

Passou por algumas lojas, mas não conseguia concentrar-se nas montras. Se descobrisse que Memling era culpado de algum crime horrível, o que faria com tal informação? Expor o pai seria destruir todo o negócio dos Winkleman. Tinha de pensar na filha e em Carlo, bem como nos funcionários, para além dos clientes e dos museus que tinham comprado obras, agindo de boa-fé.

Mais uma vez, Rebecca ponderou se a morte do irmão teria sido um acidente; talvez não tivesse suportado a responsabilidade de expor a mentira, nem a impossibilidade de viver com ela. O quadro desaparecido estava enredado com a história da sua família – como protagonista, testemunha, cifra.

Apressando-se para o hotel, Rebecca teve a certeza de que precisava de o encontrar antes de qualquer outra pessoa, incluindo Memling.

Capítulo 18

Memling Winkleman acertou na bola de ténis com toda a força que o seu corpo de noventa e um anos era capaz de reunir.

– Hoje está imparável, Mr. Winkleman – disse-lhe a treinadora, Dilys, do outro lado da rede, esforçando-se para lhe devolver a bola.

Lançou-a com demasiada delicadeza para a frente de Memling, que lhe bateu

com tanta ferocidade que Dilys só teve tempo de saltar para o lado.

– Posso estar velho e decrépito, mas não me atire bolas condescendentes – rosnou Memling.

Tratava a treinadora como tratava toda a gente: com uma noção de imperiosidade prevalecente. A combinação de riqueza, idade e inteligência convencia-o de que era melhor do que os outros e essa crença pessoal era tão absoluta que se tornava contagiosa.

Dilys levantou as mãos, à laia de desculpa. Havia quase dez anos que jogava ténis com Memling três dias por semana, às seis da tarde, no campo de ténis subterrâneo e privado debaixo do complexo dos Winkleman em Curzon Street. Jogavam durante quarenta e cinco minutos e, exatamente às 18h45, ele ia-se embora sem sequer se despedir. Dilys não se importava – ganhava bom dinheiro e era mais desafiante do que o seu trabalho de dia, a ensinar crianças numa escola privada da zona.

Subindo de elevador da cave ao quarto andar, Memling passou pelo quarto e pelo quarto de vestir; arrancou as roupas e entrou no duche, que começava a correr automaticamente, predefinido para lançar jorros alternados de água quente e gelada. Precisamente cinco minutos depois, saiu do duche e olhou nervosamente para o telemóvel, esperando ter recebido uma mensagem. Não recebera. Numa altura em que deveria desfrutar da fortuna, tendo assegurado o futuro da filha e da neta, vivia assolado pelo medo. Tudo aquilo que construíra, o trabalho de uma vida, o futuro da família, estava em perigo, por causa de um erro sentimental. A única solução era encontrar e destruir a prova que o ligava a aspetos de um passado que ele enterrara com tanta eficácia. Os seus pensamentos regressaram à quinta da Baviera – a sua intenção fora incendiar o depósito na sua última visita mas, incapaz de aceitar a mortalidade iminente, recuara à última hora. Tomara a decisão de o fazer até ao final do mês, no máximo.

Secou-se e vestiu um fato de caxemira azul-escura com uma camisa azul-clara antes de voltar ao elevador e descer para a sua sala de jantar privada, no primeiro andar. Annie deixara-lhe o jantar, uma posta de peixe cozido ao vapor, espinafres e meia garrafa de um Bordéus tinto numa mesa de apoio. Quando não saía, Memling gostava de jantar sem distrações, acompanhado apenas por *Tiziano*. Naquela noite não tinha o menor apetite e ficou sentado a olhar para um esboço de Tiepolo, pendurado na parede em frente, enquanto pensava no seu segundo

grande erro: ter redescoberto o quadro na loja de velharias e não o ter comprado. Ao dar pela câmara de videovigilância na parede, Memling decidira enviar Ellis, o guarda-costas e motorista, uma das poucas pessoas em quem confiava, para que comprasse a obra. Vendo que o quadro tinha desaparecido, Ellis tentara

amedrontar o vendedor. Infelizmente, a sua «pequena lição» descontrolara-se. O homem tinha morrido e o quadro continuava desaparecido.

Memling serviu-se de um segundo copo e permitiu que os pensamentos regressassem a Marianna –

ela prometera nunca vender ou dar o quadro, que ficaria sempre na sua posse como recordação secreta do verdadeiro amor deles. A sua morte súbita e inesperada frustrara-lhe as boas intenções.

Pelo bem-estar dos filhos, Memling nunca deixara a mulher, Pearl, pelo amor da sua vida. Não sendo um homem propenso à paixão, nem a muitos sentimentos profundos, amara Marianna desde o momento em que a vira avançar até ao altar para desposar o seu grande amigo. Quando se virara, como o resto da congregação, para ter um vislumbre da noiva, Memling sentira um choque elétrico percorrer-lhe o corpo. E quando ela passara por ele, correspondera-lhe ao olhar, fazendo-o saber nesse mesmo instante que o sentimento era recíproco.

Marianna e Memling tinham passado cinco anos dolorosos a negar o amor que sentiam mas, certa noite, depois de se encontrarem por acaso nas imediações do hotel Claridge, passaram a primeira de muitas tardes felizes numa suíte do quarto andar. Dezassete anos depois do falecimento de Marianna, Memling ainda mantinha a suíte permanentemente reservada e regressava com frequência para chorar a sua perda.

Depois de Marianna ter morrido, Memling escrevera aos filhos dela a pedir-lhes o quadro. Não acrescentara que oferecera o objeto valioso à mãe como recordação do amor que partilhavam. Esse fora o único ato sentimental que Memling alguma vez cometera. Os filhos (nenhum dos quais era seu) tinham pedido desculpa, admitindo ter vendido todo o recheio da casa da mãe num único lote a uma firma comercial. Memling passara catálogos de museus e leiloeiras a pente fino durante muitos anos; ganhara o hábito de fazer visitas aleatórias a galerias e lojas de velharias ao fim de semana. Fora por mero acaso que o encontrara na loja de Bernoff naquele sábado, ao fim de dezasseis anos e

meio de busca. Por que razão, pensou pela enésima vez, teria dado aquele quadro a Marianna? Havia tantos outros, muitos deles mais valiosos. A resposta era sempre a mesma: aquele quadro dizia tudo aquilo em que ele acreditava acerca do amor, mas que nunca seria capaz de expressar. Durante os primeiros dezasseis anos da sua vida, pertencera à única pessoa que lhe demonstrara bondade genuína e incondicional. Era isso, presumia Memling, o amor. Quando conhecera Marianna, a noção que tinha do amor alterara-se; ele tinha passado a ser, em simultâneo, o jovem enamorado e feliz deitado aos pés da amada e também o tristonho palhaço que estava ao fundo do quadro. Estar apaixonado atirava-o, de um momento para o outro, entre ondas de êxtase e de angústia. Como qualquer outra pessoa, julgava que a difícil situação em que se encontrava era ímpar.

O tempo que passava com Marianna era o único que lhe oferecia um interregno do autodesprezo e da vergonha. Durante esses breves momentos, esquecia a criança nua e enregelada fora do prédio de Berlim, que era uma desgraça para os pais. Ou a vergonha que sentira ao andar pelo quarteirão a saquear as casas dos antigos amigos, a despojar os escassos sobreviventes das suas posses. Ou a indignidade inerente a ter roubado a identidade de outro homem, uma indignidade merecida. Havia alturas em que Memling justificava as suas ações perante a sua própria consciência: ter cortado as telas das molduras nos armazéns, enrolá-las e escondê-las na mochila era uma forma de salvar grandes obras; no fundo, porém, ele sabia que não passava de um ladrão com sorte.

O amor de Marianna enobrecia-o, tornava-o uma pessoa melhor, purgava-o dos seus crimes, ao passo que o amor que nutria por ela confirmava que, longe de ser uma má pessoa, havia bondade naquele coração de ferro. Vinte anos mais jovem do que Memling, esperava-se que vivesse mais

anos, e ela prometera queimar o quadro assim que soubesse da sua morte. Maldito fosse o destino que a levara cedo de mais. Maldita fosse a sua estupidez por lhe ter dado o quadro.

Olhou para o relógio. Já eram sete horas. Não queria ir à inauguração da Real Academia, mas sabia que devia ser visto, a agir como se nada desagradável estivesse a acontecer. Pressionou uma discreta campainha vermelha na parede para dar o sinal necessário para que o seu carro com motorista o esperasse em frente à casa.

Ao longo de toda a viagem de Chester Square até à Real Academia, Barty, que vestia umas calças demasiado apertadas, foi de pé na parte de trás do carro de Vlad, com o tronco a sair pela janela do tejadilho. Para captar o espírito da exposição («Música, Loucura e Caos na França do Século XVIII»), Barty vestira-se como um dos cortesãos de Luís XIV, com umas bragas justíssimas de um amarelo-elétrico, colãs de seda branca e sapatos de cabedal preto com fivelas brilhantes. Uma casaca de damasco rosa chegava-lhe a meio das coxas e uma camisa feita de centenas de pregas minúsculas cobria-o do pescoço à cintura. Feito para uma criança numa série histórica que a BBC

gravara nos anos 1970, o fato era vários tamanhos abaixo do seu, apesar de ele ter posto uma cinta e um corpete e de se ter recusado a ingerir alimentos sólidos nos últimos três dias. No entanto, a *pièce de résistance* era uma enorme peruca de sessenta centímetros de altura, com um galeão dourado aninhado em nuvens de cabelo branco cheio de brilhantina. «Pedi-a emprestada ao Elton, querido», dizia Barty a qualquer um que lhe perguntasse, ainda que a maioria não o fizesse.

Vlad puxou as lapelas do casaco de cabedal até às faces e, afundando-se no assento de pele branca e macia, esperou que ninguém que conhecesse os visse. Sentia-se exausto pela ideia de uma noite com Barty.

Ainda naquela tarde tinham chegado más notícias da fábrica de Eshbijan. Uma conduta explodira no chão da fábrica, jorrando metal derretido sobre 213 trabalhadores. Tinha havido duas mortes e sessenta e quatro operários estavam no hospital com queimaduras de quarto grau. O silêncio das famílias podia ser comprado, reparações adequadas podiam ser feitas mas, se o acidente se tornasse conhecido, a esperança que Vlad tinha de lançar a sua empresa na Bolsa de Valores de Londres ficaria em risco. Quase tão preocupante quanto isso era que a notícia tivesse chegado ao Líder duas horas e quarenta e cinco minutos antes de Vlad ser informado. Evidentemente, o poder estava bem infiltrado na sua organização. Vlad sabia que não havia ninguém em quem pudesse confiar.

– Oh, anime-se – disse-lhe Barty, ao olhar de relance para o rosto sorumbático do russo. – Vamos a uma festa. Se não lhe agradar, seguimos caminho. Isso é o que o mundo da arte tem de melhor: há todo um leque de escolhas. Podemos ficar sérios em Spitalfields, mais para o sórdido em Golders Green ou chiques em Chelsea. Tenha presente que, ainda que o lugar mude, as pessoas não. É curioso como a vida cultural é insular: mais do mesmo, mais do mesmo.

A opinião de Vlad acerca do mundo da arte estava a cair a pique. Nas últimas semanas, tinha visitado várias exposições altamente admiradas, ridiculamente apreçadas e absolutamente desconcertantes. Um artista enchera estantes com centenas de potes em miniatura, quase invisíveis atrás de vidro embaciado, enquanto outro, um alemão, pintava figuras deformadas e viradas de pernas para o ar num mar de rabiscos. Tinha-lhe sido oferecido um pedaço grafitado por um falecido artista de rua, pelo qual lhe pediam mais do que valia a sua casa nova, ou a obra de um *wunderkind* que lacava papel de parede comum e o vendia por centenas de milhares de libras. O que tornava todo

o processo das vendas ainda mais incrível era que, para comprar uma daquelas peças, Vlad teria de se inscrever numa lista de espera exclusiva, cujo tempo de vazão era indeterminado. Não admirava que as pessoas preferissem o sistema *cash-and-carry* das leiloeiras. Na semana anterior, ele comprara um *Elvis* e um *Presidente Mao* de Andy Warhol, numa venda noturna da Monachorum, esperando que o Líder se sentisse grato ao receber o Rei e o Potentado.

Para sua surpresa, o Gabinete do Controlo Central tinha gostado das pinturas de mosca e diamante de Hirst, mas rejeitara o Presidente Mao com uma nota a dizer: «O Líder não quer qualquer recordatória de olhos em bico.» Aquilo era o mais próximo que o regime conseguia chegar de fazer uma piada e Vlad quase se rira. Barty tinha pendurado o chinês na nova cozinha de Vlad, em Chester Square, dizendo que era «chique» ter 30 milhões em cima do fogão.

O carro de Vlad virou para passar pelos grandes portões ornamentados do pátio da Real Academia. A fachada estava iluminada e os degraus de pedra tinham anões seminus de togas douradas e tochas na mão. Havia um elefante com um ar desconsolado a um lado, montado por um jovem *mahout* com um turbante enorme, que estava quase roxo de frio. O elefante oscilava ligeiramente da esquerda para a direita.

– Pobre animal, esta semana está em todo o lado – disse Barty, num tom displicente. – Vi-o na festa da Doris, depois na da Credit Russe e ainda na dos Astors.

Vlad seguiu-o pelas portas giratórias que davam para o início de uma grande escadaria.

– Abram alas, abram alas – anunciava Barty a quem quer que pudesse ouvi-lo. –

Conheçam o Vlad.

Alguns viraram-se, curiosos, mas a maioria só estava interessada em ver e ser vista.

– Ele é assustadora e tremendamente rico – disse Barty num sussurro teatral. – Faz o Creso parecer... – hesitou, em busca de uma metáfora adequada – ... uma loja dos trezentos... sim, faz com que o Creso pareça...

Mas, distraído ao ver uma fileira de fotógrafos, Barty esqueceu-se logo do raciocínio.

Olhando em redor, Vlad apercebeu-se de que a sua *T-shirt* vermelha oferecia um raro toque de cor num mar de preto e branco, intervalado por uma ocasional carteira amarela ou luva turquesa a espreitar do bolso de um casaco. Os homens usavam fatos informais e *T-shirts* brancas. A maior parte das mulheres exibia vestidos de modelos angulares, tinha o cabelo erraticamente cortado e havia muitas a optar por óculos idênticos de aros pesados.

A vestimenta de Barty encantou os *paparazzi* e ele rodopiou diante deles num turbilhão de *flashes*.

Vlad subiu a grande escadaria atapetada, ladeada por jovens com bandejas de champanhe, perguntando-se porque aconteceria tantas vezes as empregadas terem melhor aspeto do que as convidadas.

Receando que o russo se fartasse rapidamente da multidão e das pinturas, com as suas delicadas cenas de corte em clareiras ornamentais, Barty deixou os fotógrafos e, sempre atento às costuras justas, subiu cuidadosamente para o primeiro piso. Ao olhar para a sala, ficou encantado ao ver muitos velhos amigos e potenciais conquistas. Barty tinha uma quota estrita de conversa a repartir, dependendo do estatuto: só os muito importantes recebiam mais do que alguns minutos; o resto era despachado com um beijo atirado para o ar e umas poucas frases.

A primeira pessoa que viu foi Septimus Ward-Thomas, da National Gallery, que estava com um ar atormentado.

– Olá, Barty – cumprimentou-o Septimus sem ânimo.

– Está com um ar cansado, Septimus – observou Barty.

– Exausto, na verdade. O departamento faz questão de que haja uma restruturação... seja lá o que for que isso quer dizer.

– Malditos burocratas – comentou Barty num tom alegre.

– Sabe que sou diretor de uma das mais importantes galerias mas não tenho tempo para olhar para arte? A minha agenda está repleta de funcionários públicos, líderes sindicais, plutocratas e potenciais doadores.

– Desconfio de que terá sido sempre assim, querido Septimus... van Dyck e Ticiano tinham de passar a maior parte da vida a fazer vénias cada um ao seu Carlos... O pobre Donatello mal podia pegar num cinzel sem que Cosimo de Médici lhe entrasse pelo estúdio. Ânimo, resista.

Barty seguiu caminho na direção do conde Beachendon, que estava do outro lado da sala.

Esquivando-se agilmente à filha roliça e enfadonha de um cliente, cumprimentou calorosamente o leiloeiro.

– Barty, está maravilhoso.

Beachendon fitou o velho amigo com um olhar divertido.

– Tentamos, tentamos – respondeu Barty, a sorrir. – Então, sabe que tenho um grande e bom russo que quer comprar arte.

– Não se fala de outra coisa em Londres – respondeu Beachendon com sinceridade. – Estou desejoso de o conhecer.

– Vou deixá-lo ficar com ele na próxima quinta. Será que consegue organizar um pequeno almoço?

Raparigas bonitas e muitas oportunidades de compra.

– O Barty podia ser o meu cavaleiro de armadura resplandecente – disse-lhe Beachendon.

– A competição é feroz – declarou Barty. Ambos compreendiam o código.

– Cinco por cento? – ofereceu-lhe o conde.

– Seis e vemo-nos para a semana.

Barty sorriu alegremente.

– Isso deixa-me praticamente sem nada.

– Está bem... cinco e meio se ele gastar menos de três milhões, subindo para seis depois disso.

– Quatro se passar dos dez milhões – contrapôs Beachendon.

Barty levou as mãos às ancas.

– É um mestre exigente.

Beachendon sorriu.

– Até quinta.

Reparando em Delores a um canto afastado, Barty encaminhou-se para ela.

– Porque está aqui? Está longe de toda a ação.

Delores apontou com o polegar para trás de si.

– Os canapés vêm por aquela porta. Assim sou a primeira a servir-me.

– O que hei de fazer consigo? Se engorda mais, vou poder levá-la a rebolar por aquelas portas, por Piccadilly abaixo até darmos a volta a St. James's Park.

– Essas bragas estão-lhe demasiado apertadas. Desafio-o a comer uma *crudité* que seja... não me parece que essas costuras aguentem.

– As suas hão de rebentar antes das minhas – retorquiu Barty.

Vendo Mrs. Appledore do outro lado do salão, fugiu a Delores.

– Querida, o seu cabelo. Adoro o toque rosa.

– A minha cabeleireira disse que ia ficar encantador – respondeu Mrs. Appledore, ao mesmo tempo que compunha os caracóis.

– Posso copiá-la? – guinchou Barty, muito empolgado.

– Sempre – disse a velha senhora, com um ar bastante agradado; a imitação era a melhor forma de lisonja.

– Não reparou – declarou Barty, a virar o queixo para a esquerda e para a direita.

– Foi ao Frederick! – Mrs. Appledore uniu as mãos. – Reconheço sempre o trabalho dele. Adoro que deixe uma covinha mínima como assinatura.

Tanto Mrs. Appledore como Barty haviam visitado recentemente o cirurgião plástico parisiense Frederick Lavalle. Também adoravam Patrick Brown para barrigas, mas discordavam quanto a quem era o melhor a rejuvenescer um pescoço. Mrs. Appledore preferia Wain Swanson, do Kentucky (famoso por treinar com tendões de puros-sangues no seus tempos livres), enquanto Barty descobrira recentemente um «querido» em Banguecoque.

– Ando em busca do último quadro-troféu – disse ela. – Sabe de algum?

– Hoje em dia é tão difícil encontrar obras-primas – disse Barty.

– São aqueles russos... compram tudo – queixou-se Mrs. Appledore.

– Não se esqueça dos do Catar – lembrou-a Barty. – Detêm o recorde.

– Quando eu era jovem, era um paraíso para os compradores... podia-se escolher o Ticiano que se quisesse, entre dez alternativas. Agora é uma sorte se nos oferecem uma obra menor de Canaletto.

Mrs. Appledore rescrevera a sua própria história tantas vezes que até ela já esquecera que passara a juventude numa quinta a cinquenta quilómetros de Varsóvia e depois num convento nos arredores de Cracóvia.

– Valham-nos os três «D»: Dívida, Defunção e Divórcio. As boas obras acabarão por voltar a aparecer – disse Barty.

– Os museus estragam tudo a comprar coisas. É tão difícil tirar obras de arte de instituições nacionais – lamentou-se Mrs. Appledore.

– Não se preocupe, querida, andam todos tão aflitos de dinheiro que é só uma questão de tempo para que comecem a desfazer-se das aquisições.

Olhando por cima do ombro da velha senhora, Barty viu a princesa de Alwabbi a subir as escadas, flanqueada por quatro damas de companhia e sete seguranças. Usava um magnífico vestido de alta-costura, branco, de caxemira, e uns sapatos de camurça com diamantes incrustados nos saltos.

– Sabia que ela tem uma sala do tamanho de um campo de ténis só para guardar as joias? –

perguntou Barty.

– Quem? De que está a falar? – Mrs. Appledore virou-se para seguir o olhar de Barty. – Oh, meu Deus. Veja só aquela pedra. É a *Dar a Leila*... pertenceu ao Xá Jeã. Não adora a forma como ela a engastou?

O diamante, do tamanho de um ovo de pomba, pendia de um colar de pérolas negras.

– Tão chique – concordou Barty. – Vou apresentar-me.

Momentos depois, dobrando-se pela cintura até ao chão, Barty fazia uma vénia profunda diante de Sua Alteza. Foi gracioso, mas excessivo para as costuras das suas bragas amarelas. Os que se encontravam por trás dele tiveram um vislumbre súbito das suas cuecas de seda escarlate. Barty guinchou. Sua Alteza partiu do princípio de que o ganido repentino daquele estranho homem seria

uma asseveração de vassalagem, não muito distante das ululações proferidas pelos seus súbditos aquando da passagem de um membro da família Alwabbi.

*

Ao entrar no átrio da Real Academia e ver um grande elefante indiano a sério, Annie perguntou-se se teria enlouquecido. O paquiderme estava com um ar infeliz em frente à entrada, montado por um rapaz que parecia gelado e usava um turbante.

Por que raio vim?, pensou Annie, com um copo de vinho em cada mão e a subir a grande escadaria.

O *email* do clube de corações solitários tinha chegado naquela tarde. «Última chamada para todos os corações solitários. Venham à inauguração da exposição de *fête galante* na Real Academia de Londres, hoje, das 18h30 às 20h00.» Sem saber como ocupar a hora entre terminar o jantar de Memling e encontrar-se com Jesse, na National Gallery, Annie decidiu ir. Talvez uma exposição intitulada «Música, Loucura e Caos na França do Século XVIII» lhe fornecesse inspiração para o jantar de Delores.

Vlad, ávido por escapar a Barty, deu por si a contemplar os quadros. A maior parte era de cenas pastoris fantasiosas: gente vestida muito à semelhança de Barty, a passear por clareiras. O tema e a atmosfera contrastavam em absoluto com a sua antiga vida na Sibéria e, por esse motivo apenas, gostou muito das pinturas.

Ao fundo da sala principal havia uma única tela de um palhaço quase à escala real, vestido de branco e com a expressão mais triste que Vlad alguma vez vira. Vlad fitou os olhos do homem e ficou chocado ao dar-se conta de que aquele Pierrot inanimado, pintado quase trezentos anos antes do seu nascimento, compreendia exatamente o que ele sentia. O palhaço irradiava uma sensação de perda, de se estar isolado num país estranho, de uma vida sem propósito ou significado; acima de tudo, o palhaço sabia o que se sentia ao ser-se rejeitado. Vlad percebeu que aquele estranho homem pintado tinha, como ele, amado uma mulher inatingível e também vivera eLivros da sua terra natal. Começou a chorar; grandes lágrimas salgadas desciam-lhe pelo rosto, seguidas por soluços involuntários que lhe tiravam o ar da caixa torácica. Apalpou os bolsos, esperando que alguém, talvez um dos seus muitos empregados, se tivesse lembrado de lhe pôr ali um lenço. Claro que não tinha lenço algum, restando-lhe levar a manga do casaco ao nariz.

– Tome, use isto.

Por entre olhos marejados, Vlad olhou para baixo e viu uma mão delicada a estender-lhe um grande pedaço de tecido.

– Também me dá vontade de chorar. Sei exatamente o que ele está a sentir – disse Annie, entregando ao homem choroso o pano da loiça que se tinha

esquecido de tirar das calças, as mesmas que usara para trabalhar.

Vlad limpou os olhos com o tecido fibroso e olhou para a mulher de calças pretas, blusão de penas e botas *Doc Martens.* Tinha uma juba de cabelo acobreado e algumas sardas espalhadas pelo nariz.

– É consultora de arte? – perguntou-lhe, a pensar em Lyudmila.

– Sou cozinheira – disse-lhe Annie.

Apesar de não ser loura e de estatura bastante baixa, Vlad achava que ela tinha algo atraente e maravilhosamente terno.

– Os quadros levam-no sempre às lágrimas? – perguntou-lhe.

Vlad abanou a cabeça – começava a sentir-se envergonhado.

– E se déssemos uma volta por aqui? – sugeriu Annie. – Não conheço ninguém.

Vlad assentiu com a cabeça e seguiu-a para a sala seguinte. Poucos se tinham afastado do centro da festa, pelo que podiam observar os quadros sem obstáculos.

– Começo a gostar realmente das obras de Watteau – disse ela. – As personagens dele são tão reais, as cores tão elétricas e as composições praticamente fervilham de vida.

Vlad assentiu com a cabeça, mas só tinha olhos para Annie. Poderia ser ela quem o ajudaria a combater a solidão?

– Quase que dá para ouvirmos as conversas que têm. Na verdade, até me pergunto se, juntos, estes quadros não serão uma versão antiga das séries cómicas? Veja – disse ela, desviando o olhar de uma tela para outra –, aparecem as mesmas pessoas em quadros diferentes. – Annie apontou para um homem de rosto achatado e para uma mulher cujo nariz empinado parecia aparecer numa pintura e depois noutra. – Oh, veja, veja... cá está o palhaço outra vez, com um ar ainda mais abatido.

Ainda que o seu inglês tivesse melhorado, Vlad tinha dificuldade em seguir a conversa.

– Jantar hoje, comigo? – convidou-a, presumindo que Barty saberia do melhor lugar onde levá-la.

– Não, obrigada – respondeu ela num tom firme.

– Por favor.

De repente, queria mesmo que aquela mulher falasse com ele, que partilhassem uma noite.

– Tenho um compromisso – disse Annie.

Umas semanas antes, poderia ter aceitado. Gostava do rosto triste do russo, da sua atitude derrotista e até do hediondo casaco de cabedal demasiado grande. Também achava engraçado que, naquele mar de gente rica e bem relacionada, a única outra pessoa pobre e solitária a tivesse convidado para jantar.

Vinte minutos depois, Annie estava com Jesse e Agatha no estúdio de conservação da National Gallery, a considerar a pintura. Passava um pouco do quarto para as oito, o céu lá fora estava escuro como breu e o estúdio estava iluminado pelo clarão intenso de uma única lâmpada de tungsténio.

Jesse esforçava-se por aparentar descontração e não olhar com demasiada frequência para Annie.

Desde o último encontro, concluiu, ela ficara mais bela. O cabelo emoldurava-lhe o rosto como um halo acobreado e a pele branca parecia brilhar no escuro. Nela tudo era frágil, mas forte; enérgico, mas melancólico. À luz nada favorecedora da lâmpada do teto, ele maravilhava-se com as suas pestanas pretas, o tom azulado das pálpebras, as curvas rosadas dos lóbulos das orelhas e com um pequeno conjunto disperso de sardas, em forma de quarto crescente, que ela tinha nas costas da mão esquerda.

– Embora seja mesmo muito cedo para me pronunciar em definitivo – disse Agatha a Annie –, há bons indícios que sugerem que o seu quadro será do século xviii e não uma cópia.

– Como pode ter a certeza disso? – perguntou Annie, tentando refrear o entusiasmo.

– Usamos vários truques técnicos. O primeiro é limpar uma porção do quadro.

Apontou para um pedaço de céu e copas de árvores, no canto superior esquerdo. Comparada com os amarelos foscos do resto do quadro, aquela pequena área, que tinha aproximadamente o tamanho de uma carteira de fósforos, ganhara vida; a folhagem fulgurava.

– Porque não avançou mais?

– Só aquele pedacinho exigiu umas quinze horas de trabalho meticuloso – explicou-lhe Jesse. –

Tem de ser feito a passo de caracol, para evitar danos acidentais.

– Peço desculpa... não queria parecer presunçosa.

Annie corou, sentindo-se impertinente e ingrata. Aquela mulher estava a trabalhar de graça, no seu tempo livre.

Agatha sorriu.

– Como já tinha dito, este quadro trouxe o Jesse de volta à minha vida, pelo que é uma troca justa.

Jesse sorriu-lhe com um ar agradecido.

– O principal problema é que a tinta original foi coberta por camadas sucessivas de verniz espesso e castanho. Para continuarmos, temos de decidir se o tiramos todo ou se vamos esbatê-lo. Embora seja mais fácil conseguir a primeira opção, isso pode retirar a velha pátina. Por sorte, as últimas pessoas que lhe deram uma camada ou duas usaram um verniz à base de resina de mástique, que é o mais reversível.

Pegando na lanterna, fez sinal a Annie que se aproximasse do quadro e, com um dedo a pairar sobre a superfície, apontou para a área limpa.

– Quem quer que o tenha feito era um pintor extraordinariamente dotado: veja só esta folhagem.

Embora tenha toda a profundidade e movimento de uma clareira profunda num

dia quente de verão, apesar de quase se ouvir o canto dos pássaros e de se cheirar o calor do sol nas folhas, ele fez tudo isso com apenas umas pinceladas de castanho e castanho-avermelhado.

– Mas o efeito é verde e dourado – disse Annie, fascinada.

– Preparou um fundo azul e branco e depois passou as cores por cima – disse Agatha, incidindo a lanterna sobre aquela área. – Também é possível que tenha usado um esmalte verde ou castanho por cima. Se tirarmos demasiado verniz, corremos o risco de lhe apagar o trabalho.

Pousou a lanterna, foi até à sua mesa de trabalho e regressou com três grandes fotografias a preto e branco. Annie olhou para uma, mas não conseguia perceber de que se tratava – estava desfocada e cheia de grão, embora se visse o fantasma de uma figura e mais alguns pontos destacados a branco, num canto. Olhando com mais atenção, distinguiu os contornos de um palhaço. Na foto seguinte, detetou a mulher e o admirador. A última fotografia era indecifrável para o seu olho leigo; uma série de quadrados e números.

– Tem toda a razão para ficar intrigada com esta – disse-lhe Agatha. – Dois dos raios X são óbvios, mas esta é do verso da tela. Estas sombras esquisitas são indícios de carimbos significativos e reveladores, escondidos por diferentes reentelamentos.

– É um pouco como receber uma prenda... nunca se sabe o que será até se desembrulhar – disse Jesse, e riu-se, tal como Agatha.

– Carimbos? – perguntou Annie, desconcertada pela conversa e sem perceber a piada.

– Tal como um agricultor marca as suas vacas, os proprietários de obras de arte gostam de deixar uma marca de posse – explicou Agatha antes de lhe mostrar duas fotocópias de brasões similares tiradas de um livro, que pousou ao lado da grande fotografia.

– Este brasão é sem dúvida a mesma insígnia que Frederico, o *Grande*, rei da Prússia, usava; mas o mais interessante é que este número, trezentos e doze, é um sistema de catalogação que Luís XV

punha nos quadros que entraram para a sua coleção entre março e setembro de

1745.

– Como é possível que saiba isso? – espantou-se Annie, a estudar a sequência de números.

– O trabalho de toda a vida de um colega meu tem sido verificar referências cruzadas entre catálogos de vendas e inventários desse período. Recorrendo à pesquisa dele, temos conseguido

precisar quando as obras entraram e saíram da coleção real.

– Talvez a galeria devesse começar a pendurar os quadros com a parte de trás à vista – comentou Jesse.

– Estás a brincar, mas já discutimos muitas vezes essa possibilidade – disse-lhe Agatha.

– O que mais descobriu? – perguntou Annie.

– Há outros dois números... aqui, no fundo, duzentos e trinta quatro, e, no canto superior direito, dá para ver o contorno de um oitenta... este parece-se um pouco com a numeração de Catarina, a *Grande*, mas isso seria demasiado entusiasmante.

– Porquê?

– Isso significaria que o seu quadro tem a história ou a proveniência mais intrigante com que alguma vez me deparei – disse Agatha.

Annie, Jesse e Agatha fitaram o quadro. Annie tornou a pensar no homem com cara de bigorna no Museu Britânico: seria aquela a resposta ao enigma dele? Tentou lembrar-se dos nomes de reis e rainhas. O que teria ele dito? Luís, Catarina e Vitória? Annie esforçava-se por se lembrar.

– Imagine só... a Annie ficaria ligada a alguns dos maiores governantes da história – disse-lhe Jesse.

– De rei para rainha até chegar a Miss Annie McDee, senhora de um pequeno apartamento em Shepherd’s Bush, quatro pares de calças, onze camisas, três pares de sapatos, um vestido preto e uma máquina de lavar roupa avariada –

disse Annie, com bastante ironia.

– E de uma obra-prima – acrescentou Jesse.

– Em parte, é por isso que as pessoas querem ter grande obras. São ligações a um legado glorioso e a governantes magnificentes – disse Agatha.

Annie simulou um aceno majestoso a Jesse, que respondeu com uma vénia deferente.

– Na verdade, ainda há mais boas notícias – disse Agatha, apresentando o que a Annie parecia ser um raio X. Quase impercetíveis entre os cinzentos estavam as linhas fluidas do esboço preparatório do artista. – Usámos refletografia de luz infravermelha na pintura e, se olhar com atenção, conseguirá ver o desenho subjacente.

– O que é que isso quer dizer? – perguntou Annie, confusa.

– Que é altamente improvável que se trate de uma cópia. Os falsificadores não precisam de experimentar onde ou como vão posicionar as suas figuras – o artista original já o fez por eles.

Agatha apresentou uma mão-cheia de fotocópias das refletografias tiradas a outros quadros de Watteau, para comparação.

– Não quero criar-lhe esperanças, mas estas imagens são raios X de outros quadros de Watteau, e dá para ver certas semelhanças.

Annie olhou atentamente mas, para ela, as marcas brancas podiam ter sido feitas por qualquer pessoa.

– É como distinguir a caligrafia de alguém – explicou-lhe Jesse. – Artistas diferentes usavam pinceladas e técnicas diferentes.

Pegando num exemplo, parecia a Annie que conseguia detetar um leve padrão por baixo da cena pastoral – um escudo? Ou uma lança?

– O que é que isto quer dizer?

– Watteau muitas vezes não tinha dinheiro para comprar telas, pelo que pintava

no que quer que tivesse à mão. Neste caso, foi o verso de umas portas de carruagem, cobertas de símbolos

heráldicos. Conhecemos outro quadro, *La Déclaration,* que ele pintou por cima de uma gravura em chapa de cobre.

– Era tão pobre que não podia comprar um pedaço de tela? – espantou-se Annie.

– É o que julgamos. Encontrámos outra pista acerca das suas circunstâncias financeiras. Sigam-me

– disse Agatha, levando-os porta fora por um corredor estreito, no qual passaram por duas portas grandes. Ali havia uma série de divisões organizadas como um laboratório científico.

O espaço era pequeno e sombrio. Havia vários computadores sobre a mesa e as paredes estavam forradas a prateleiras cheias de tubos de ensaio e parafernália científica. Annie fitou Jesse, estupefacta. Passava duas vezes por dia pela National Gallery e sempre pensara que era meramente um repositório de quadros.

Sentado diante de um ecrã estava um homem de bata branca, com cabelo grisalho em desalinho e uma irreprimível expressão alegre.

– Apresento-vos o Dr. Frears – disse Agatha.

– A senhora afortunada – comentou o Dr. Frears, já a levantar-se do computador e a estender uma mão. – A maioria de nós só pode sonhar com sair de uma loja de velharias com uma obra de arte encantadora.

– Talvez só aconteça a pessoas que nada sabem – disse Annie num tom mordaz.

– Gostaria de ver o que tenho estado a estudar?

Ela assentiu com a cabeça. Apesar do ceticismo e do jantar iminente de Delores, aquelas pessoas interessantes e os seus extraordinários conhecimentos estavam a cativar-lhe a imaginação. Seguiu o Dr. Frears até ao computador e olhou para uma imagem de um mil-folhas, com camadas de cremes e frutas de cores diferentes.

– Um bolo? – perguntou.

– É um corte transversal de um pedacinho de tinta tirado da lateral da sua tela, ampliado vários milhões de vezes – explicou o Dr. Frears. – Embora não seja visível a olho nu, esta manchinha pode contar-nos muitas histórias.

Fascinada, mas completamente desconcertada, Annie tornou a olhar para a imagem.

– Os pigmentos usados no seu quadro são idênticos a outros em obras de Antoine Watteau. O que é fascinante é este fragmento mínimo de azul prussiano... sabemos que este pigmento só chegou a Paris no início de 1700. Como terá o seu pintor conseguido pagá-lo é uma incógnita. Nesta secção inferior está um óxido de ferro que ele usava com frequência e que sabemos que provém de uma loja bastante próxima dos aposentos dele.

Annie e Jesse inclinaram-se para o computador, a fim de inspecionarem as camadas de cor e grão graduados.

– Então, como este jovem suspeitava – disse o Dr. Frears, com um aceno de cabeça para Jesse –, não podemos descartar a hipótese de este quadro ter saído da mão de Watteau.

– Mas isso certamente prova-o? – disse Annie.

– Infelizmente, não podemos tirar essa conclusão. O nosso trabalho consiste mais em descartar falsificações do que em atestar obras genuínas – atalhou Agatha.

– Outra descoberta absolutamente fascinante encontra-se aqui. – O Dr. Frears apontou para uma pequena marca preta. – Isto revelou-se parte de um pelo de um pincel.

Annie mordeu o lábio – tinha vontade de rir – com que mais haveria alguém de pintar?

O Dr. Frears continuou:

– Também há um resquício de vinho, de sangue e de uma espécie qualquer de gordura animal misturada na tinta.

– Talvez devêssemos enviar o ADN para os nossos amigos de King’s College? – sugeriu Agatha.

– Para que possam clonar o pintor? – perguntou Annie.

O Dr. Frears sorriu.

– Nunca se sabe!

Uma hora depois, num pequeno *pub* em St. James’s Square, Annie e Jesse estavam sentados à mesa do canto e bebiam vinho branco.

– Adoraria ter-lhe comprado champanhe – disse Jesse, como quem pede desculpa.

– Isto está muito bem, obrigada – disse Annie.

– Ao seu quadro.

Jesse ergueu o copo de vinho e Annie tocou-lhe com o seu. Tomar uma bebida com ele era o mínimo que podia fazer. Havia um relógio na parede atrás do bar, marcava as oito e meia; Annie estava cansada e queria ir para casa.

– Deve estar entusiasmada com o quadro – disse Jesse.

– Entusiasmada? Não compreendo este mundo. Há provas que indicam que o quadro é autêntico. A restauradora gosta dele e o cientista admira-o. Os testes de antiguidade são conclusivos. Os da tinta complementam-nos. Até há uma gravura do mesmo quadro num catálogo, mas nada disto importa, a menos que certos peritos o reconheçam.

– A arte é subjetiva – disse Jesse.

– Deus também.

– Não é reconfortante que a beleza não possa ser determinada pela ciência? Que esteja nos olhos de quem vê?

– Isso é demasiado aleatório para mim.

– Mas não se assemelha à cozinha... onde nunca se sabe bem qual será o

resultado final?

– Ao menos com a comida há um tempo delimitado... caso nos demoremos demasiado, ou se estraga ou se queima.

– Já descobrimos tanto, num período relativamente curto – afirmou Jesse. – Sabemos que o quadro é antigo, que foi pintado na altura em que Watteau viveu. Que pertenceu a algumas pessoas poderosas e que não é uma cópia.

– E a seguir?

A seguir eu gostava de te beijar, pensou Jesse. Quero abraçar-te e livrar-te da zanga e da mágoa que te pesam nos ombros, beijar-te as pálpebras até que esse transtorno acabe. Quero passar todos os minutos de todos os dias a teu lado para te provar que és maravilhosa. Preciso de te dizer que te acho especial e extraordinária.

Obrigando-se a pôr de parte esses sentimentos, Jesse disse:

– Vamos tentar comprovar a linha de propriedade desde os dias de hoje até ao século xviii, para tornarmos este caso mais convincente.

Annie olhou para outro lado do *pub*, vendo um casal sentado de mãos dadas a estudar uma brochura de férias. Algo na forma como a mulher se inclinava para a curva do braço do homem fez com que a sua vontade de ser abraçada se tornasse quase esmagadora.

– Porquê? – perguntou, obrigando-se a regressar ao presente.

– Porquê o quê?

– Porque está a ajudar-me?

– Não é óbvio? – perguntou Jesse. – Gosto de si. Muito. Tinha esperança de que pudesse gostar o suficiente de mim, o bastante, quero dizer, para continuar a ver-me.

Annie fitou o seu copo de vinho, com uma sensação de pânico a crescer dentro de si. Encontros inconsequentes eram algo com que conseguia lidar, mas a perspetiva de um verdadeiro envolvimento emocional era aterradora.

– Não sinto o mesmo. Peço desculpa.

Levantou-se, pegou no casaco e saiu a toda a pressa do *pub* para a rua. Caminhando o mais rapidamente que era capaz, ia dizendo a si mesma: não posso apaixonar-me por ninguém outra vez, isso só acaba em tristeza. Não posso.

Jesse ficou por alguns momentos a fitar o seu copo de vinho a meio, incapaz de compreender por que razão as suas palavras teriam sido tão destrutivas. Como era possível que tivesse interpretado tão mal a situação? Embora fosse verdade que Annie nunca o encorajara ativamente, também nunca o rejeitara. Ele não se sentia zangado, apenas abjeto. Pôs-se de pé num pulo e correu atrás dela.

Olhou para um lado e para o outro de King Street, até que viu a figura abatida a encaminhar-se para St. James's Park. Correu rua abaixo e alcançou-a quando ela estava a virar a esquina.

– Espere, por favor – disse ele, sem fôlego. – Não tenho o hábito de me declarar a mulheres... na verdade, a Annie foi a primeira e, se quer saber, sinto-me um verdadeiro idiota a andar assim atrás de si, mas sinto-me literalmente esmagado pelos meus sentimentos... apercebo-me que isto deve ser o golpe fatal, a última gota, mas, mesmo que se vá embora agora, mesmo que eu tenha feito tudo mal, ao menos, se alguma vez mudar de ideias, saberá como encontrar-me.

E, sem lhe dar um momento sequer para responder, virou-lhe as costas e depressa se afastou.

Capítulo 19

Como talvez já tenha reparado, o jovem curador está apaixonado pela minha proprietária; graças a Deus, ela já despachou isso tudo. Arrumou essas arcas, etiquetou-as com as palavras «o passado» e guardou-as no sótão. Sinto-me tremendamente aliviado, já que o amor oblitera o senso comum: olhe-se para a história e considerem-se a tolice absoluta e os atos de depravação cometidos em nome do amor. É destrutivo e uma perda de tempo. Eu que o diga, pois já o testemunhei inúmeras vezes.

O amor pode, durante períodos limitados, afugentar o tédio e a fome, mas não nos iludamos. A morte é a única coisa com que os seres humanos podem contar com alguma certeza.

Seja como for, regressemos ao assunto importante. *Moi.* Annie precisa de explicar a minha história. Porque é tão importante? Os humanos precisam de métodos de classificação e conforto: o preço é um indicador de valor; a erudição é outro. Se um grande cérebro escrever convincentemente acerca de um pintor ou da obra deste, o seu cachê aumentará. O meu antigo dono, Monsieur Duveen, esse negociante impecunioso (que deu origem ao mercado de arte dos dias de hoje) empregou um dos maiores estudiosos de todos os tempos, Bernard Berenson e, juntos, atiçaram tempestades de cobiça à volta de muitas obras.

O valor também acumula por associação. Como disse Santo Agostinho, «Diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és.» Em termos pictóricos, diz-me com quem tens estado pendurado, dir-te-ei quanto vales. Quando uma jovem elegante, atraente, se apaixona por um homem feio, este de súbito torna-se atraente. Se determinado círculo se pronuncia a respeito das subtilezas de um grande livro, toda a gente quer lê-lo. Que saiba, meu leitor, eu estive na posse do dono de uma loja de velharias e agora de uma simples rapariga, pelo que não deverá ter grande opinião acerca de mim. Mas se lhe contar que fui propriedade de reis, rainhas, de um sacro imperador romano-germânico, um papa, um grande filósofo e mais alguns, já ficará interessado.

À medida que as décadas iam avançando e eu era passado de um proprietário ilustre para o seguinte, o meu valor aumentava. Quem não quereria possuir algo precioso que pertencera a um grande imperador ou a um rei? Quem não quereria ficar associado a uma glória passada, a um poder monumental? A maioria deseja ver o seu gosto confirmado e ratificado. A arte é inteiramente subjetiva, por isso como será tranquilizador e seguro partilhar as escolhas de figuras monumentais da história. Afinal, mentes brilhantes pensarão da mesma forma...

No meu passado cruzam-se sexo, amor, luxúria e até um ou dois cadáveres. O que se segue não é uma ascética lição de história; é uma orgia de primeiro grau das classes altas. Chamam-me, e personifico, *A Improbabilidade do Amor.* Fui pintado para celebrar as desenfreadas cataratas do *amour,* a paixão agitada, alvoroçada, destruidora e transformadora que inevitavelmente dá azo a um desapontamento miserável, confrangedor e esmagador. Ao início, o meu mestre imbuiu cada pincelada de ardor desvairado, desejo desenfreado e lascívia insaciável. Enquanto me pintava, teve

de admitir que os seus sentimentos eram uma miragem, uma quimera na sua mente. É essa a grande tragédia do amor – mesmo que se tenha a sorte suficiente

para tropeçar nele, nunca dura. Todos os jovens acreditam que o seu caso será diferente: tolos, malditos tolos.

Alors. Em vida, o meu mestre nunca alcançou nem a fama, nem o reconhecimento que merecia.

Quiçá, se tivesse vivido mais tempo, estado remotamente interessado na vida da corte e tido um vendedor mais calculista, as coisas pudessem ter sido diferentes. No entanto, ele tinha aquilo que as pessoas mais poderosas querem: talento criativo. Tenho reparado que, assim que as pessoas enriquecem e alcançam os seus desejos terrenos, entram num vazio espiritual doloroso. Poucas pessoas abastadas se voltam para a religião. De que serve isso, se é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico ir para o céu? Em vez disso, é comum procurarem o poder tranquilizador da beleza. A arte leva os mortais a sentirem-se mais próximos do céu. Veja-se a quantidade de papas que encheram o Vaticano de Miguel Ângelos ou Berninis, ou os nobres e membros da realeza: os Sforza com Leonardo da Vinci; os Médicis, que adoravam Rafael; Carlos V, que adorava Ticiano; Filipe de Espanha, que adorava Velázquez, e por aí fora. Uma vez, conheci um quadro cínico de Courbet, que dizia que os ricos compravam arte porque se lhes tinham acabado outras coisas em que gastar dinheiro. Um Corot afirmava que era síndrome de imitação – fazer o mesmo que os outros. Nada enlouquece mais os homens do que a incapacidade de possuir.

Também tenho observado que os colecionadores compram por motivos ligeiramente diferentes: em parte como investimento, em parte para se exibirem perante os amigos, em parte para decorar, mas sobretudo com a esperança de que o manto de criatividade possa expandir-se e cobrir-lhes os ombros. A beleza tem um valor intrínseco. Desde as primeiras dinastias chinesas, desde os faraós, passando pelos gregos e ao longo de toda a história, os homens têm acreditado que a beleza é transformadora, que os torna melhores, que os eleva do atoleiro dos seus sórdidos negócios para um plano mais alto.

A minha pequena teoria é a de que, no cerne de toda a ansiedade humana, está o medo da solidão.

Começa com a expulsão do útero e acaba com uma cova no chão. No meio, há apenas uma luta desesperada por combater a ansiedade de separação através de qualquer meio de gratificação –

amor, sexo, compras, bebida, tanto faz. A minha composição prende-se com o alívio passageiro e transformador da solidão que o amor oferece, apesar da certeza fria de que esse interregno é apenas transitório.

Verá todos estes impulsos a repetirem-se com cada um dos meus donos.

Paris era um lugar pequeno no início do século xviii e, quando se soube que havia um pintor que se recusava a vender um quadro, isso aguçou o apetite de toda a gente e mais alguma. Nada é tão desejável como o inatingível. Ainda que poucos me tivessem visto sequer, os ricos e poderosos enviaram núncios, mensageiros, embaixadores e serviçais com ouro e joias para persuadirem o meu mestre a vender-me. Tornou-se uma questão de honra, um jogo extraordinário, tentar conquistar-me.

Non, era a resposta que Antoine dava sempre. A minha venda poderia ter sido a sua salvação, servido para pagar um teto decente, os melhores médicos e comida. Pense-se também na quantidade de trabalho que ele poderia ter produzido se tivesse um estúdio (hospedava-se em casas alheias) ou tintas decentes (nunca teve dinheiro para comprar pincéis de zibelina ou os melhores pigmentos). Eu era uma espécie de talismã para ele. Ao menos tu simbolizas a minha única memória grandiosa, dizia

antes de carpir. Não se separaria de mim.

Lembro-me de certa tarde, em 1709: Madame de Maintenon, que soubera da minha existência através do amigo, o conde de Caylus, um dos patronos do meu mestre, chegou à casa de Monsieur Crozat e exigiu ver o pintor miserável que se recusara a vender certo quadro ao seu emissário. Ora, Crozat, como qualquer mero mortal, ficou absolutamente apavorado. Madame de Maintenon era a amante do rei, uma rainha em potência, e uma ordem real sempre é uma ordem real. Crozat prometeu fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para persuadir o meu mestre a vender-me. O meu mestre não ia nisso. (Senti-me um pouco desiludido. Queria dar uma vista de olhos por Versalhes e testemunhar a vida da corte em primeira mão.) A sua recusa em vender teve consequências diretas: o meu mestre não foi agraciado com o Prix de Rome e viu-se rejeitado pela Academia. Foi emitido um decreto oficioso para que ninguém comprasse as suas obras.

Depois de o meu pobre mestre ter morrido numa penúria abjeta em 1721 (tão

jovem, que *tristesse,* que desperdício), houve uma pequena contenda entre os amigos acerca de quem me deveria herdar a *moi.* No final, a pretensão de Jean de Julienne prevaleceu, sob a condição de nunca me vender enquanto fosse vivo. Ele fazia tenções de honrar o compromisso, mas até as melhores intenções vão ao fundo num mar de necessidade. Sabe, Monsieur Julienne tinha um problema que crescia de mês para mês; entre 1726 e 1735, supervisionou e financiou a publicação de cerca de 495 impressões em quatro volumes do *catalogue raisonné* das obras do meu mestre, as mesmas que Annie examinou no Museu Britânico. Tratava-se de um compromisso sem precedentes para com um artista contemporâneo. Todavia, Julienne não era um homem abastado. Confrontou-se com dificuldades financeiras e decidiu sacrificar a joia da sua coleção, *moi*, por uma causa maior. Recebeu muitas ofertas, mas tinha noção de que eu deveria pertencer a alguém à altura. Emissários de Jorge I, dos guardiães do jovem Luís XV, de dois papas e de toda uma panóplia de nobres apresentaram ofertas, ofertas substanciais. Ele rejeitou todas até uma longa tarde sombria de 1729, quando bateram à porta.

O homem que se encontrava à sua frente estava prostrado, tanto de tristeza como de agitação; logo verteu a sua história de amor e aflição. Nessa tarde, conhecera o amor da sua vida e precisava de convencer a dama da sua paixão.

Ela era a Marquise du Châtelet, de seu nome Gabrielle Émilie le Tonnelier de Breteuil; quanto a ele, chamava-se François-Marie Arouet, mais conhecido como Voltaire, o grande escritor, historiador, filósofo e defensor de liberdades cívicas. Era uma triste ironia que a marquesa Émilie não só fosse casada mas também estivesse grávida. Rejeitara os avanços de Voltaire como sendo impróprios, inadequados. A boa dama era uma matemática e física, sem paciência, depreendia-se, para proclamações tresloucadas. Voltaire tinha-se apaixonado de imediato e dissera-lhe que esperaria até o seu confinamento terminar. Ela revirou os olhos e fez um ar absolutamente cético.

– Está a ver, Monsieur Julienne – exclamou o grande homem –, preciso de uma mensagem de amor, de algo que fique ao lado da cama dela e a recorde interminável e romanticamente de mim.

Assim foi que deixei Paris no final de 1729, numa carruagem com um defensor encarregado de mim. Não era a primeira vez que me ausentava da metrópole – tínhamos ido a Londres (detestei), a Valenciennes, de onde era o meu mestre, e dado um ou outro passeio pelo campo. Fiquei a saber que o casamento de Émilie

com o Marquis Florent-Claude du Châtelet-Lomont tinha sido combinado apenas quatro anos antes, quando ela tinha dezoito anos e ele trinta. Tinham-se seguido dois filhos, um após o outro e, embora ela tentasse evitar um terceiro, pouco antes de conhecer Voltaire, tinha engravidado novamente (violada, para o caso de estar a perguntar-se). Isso poderá explicar porque

Émilie se ausentara a toda a pressa para a propriedade do marido no nordeste de França, deixando-o a arrebatar amantes e prostitutas em Paris.

Eu admirava-a, mas nunca me afeiçoei a ela. Era demasiado séria. O pai, um nobre de baixo estatuto e *salonnier* da corte de Luís XIV, dera pelo intelecto da filha em tenra idade e treinara-a como poderia ter feito com um macaco, embora os seus truques fossem de ordem intelectual, em vez de física. Aos doze anos, era fluente em latim, grego, italiano e alemão. A sua ideia de diversão consistia em traduzir línguas estrangeiras para francês. Naturalmente, a mãe sentia-se horrorizada por essas atividades tão pouco senhoris e ameaçava enviá-la para um convento. Como bem sabemos, uma mente feminina aguçada mata paixões. Os homens preferem o peito à cabeça. O único pretendente de Émilie fora o malfadado velho marquês. Até Voltaire, escrevendo ao seu amigo Frederico II, disse que ela era «um grande homem cujo único defeito era ser mulher». Talvez estivesse a ser um pouco severo. Ela sabia dançar, tocar um pouco o cravo e cantar com afinação, mas esses eram pré-

requisitos para qualquer dama.

Émilie mantinha-me junto à cama. Agrada-me pensar que era a primeira e a última coisa em que ele pensava. A minha magia resultou. Quatro anos depois, Voltaire era seu amante e estava instalado no *château* da família. O velho marquês não se importava muito; tinha encontrado uma pega voluptuosa sem um único neurónio. Não posso dizer que tenha sido o meu posto mais excitante.

Voltaire e a amante tinham uma relação mais cerebral do que carnal. Quando ele entrava nos aposentos dela, de olhos inflamados e camisa de dormir arregaçada, por norma era para discutir uma qualquer teoria libertária ou ler um dos seus panfletos. Enquanto ali estive pendurado, ele completou 438 livros, peças, cartas, poemas e panfletos, para além de obras científicas e históricas. Émilie era quase tão prolífera quanto ele: ensaios acerca de energia cinética, a ciência do fogo, leis, álgebra e cálculo. Consta-me que a sua tradução comentada dos *Principia Mathematica* de Isaac Newton ainda se encontra em circulação.

Não digo que Voltaire fosse enfadonho! Na verdade, provavelmente foi o meu proprietário mais divertido, erudito e inspirador. Já Émilie, não obstante toda a sua proeza intelectual, queria experimentar o erotismo. Talvez isso para ela representasse outro ramo da aprendizagem, ou uma necessidade humana, mas ansiava por paixão, por ser abraçada, possuída, levada da sua mente até ao arrebatamento. Começou a acumular amantes, nenhum deles satisfatório (posso asseverá-lo – fui testemunha). Voltaire não se importava; nem sei se dava por isso.

Foi numa tarde soalheira de 1745 que ela *o* viu, ao poeta Jean François de Saint-Lambert; por fim, Émilie encontrara o seu grande projeto. Foi um *coup de foudre*, um desejo imediato e desenfreado.

Também era totalmente unilateral. Émilie não estava habituada a ser frustrada. Sendo uma mulher rica, poderosa e inteligente, poucas situações havia que não pudesse resolver. Era a primeira vez, na sua curta vida, que equações, hipóteses e teoremas se revelavam inúteis. Em questões de amor, o coração é ilógico, a mente irracional. O problema de Émilie chamava-se Madame de Boufleurs, mais conhecida como «A Dama das Delícias», por quem Jean François estava profunda, louca e arrebatadamente apaixonado.

A pobre Émilie tentou de tudo. Lenços largados no chão, um cavalo fugidio, doces, festas, sonetos, mas nada resultava. Um dia, então, por trás de um véu de lágrimas, viu-me como que pela primeira vez. Duas horas depois, na tarde de 22 de janeiro de 1745, fui despachado para a casa do poeta. Ele compreendeu a minha força mas, em vez de ficar comigo, ofereceu-me de imediato à Dama das Delícias. Devo dizer que a vida no quarto dela era muitíssimo interessante. Um rei, um poeta, um

advogado e até um abade passaram pelo seu *boudoir* na mesma semana.

Certa noite, a 28 de fevereiro de 1745, e isto eu nunca esquecerei, uma certa senhora, Jeanne Antoinette Poisson, apareceu nos aposentos da minha nova proprietária. Tinha ido ali em busca de conselhos: como cativar um rei. Apresentada a Luís XV no Real Baile de Máscaras a 26 de fevereiro, despertara as atenções do monarca. Recentemente, a terceira concubina dele falecera, o que criava uma vaga. Era a melhor oportunidade de emprego para qualquer mulher a oeste de Constantinopla. No entanto, ela não era a única candidata.

A Dama das Delícias deu-lhe conselhos ímpares: esqueça a coqueteria, seja direta e assertiva, mas sempre correta. Os homens precisam de tranquilização; precisam de saber que são amados. Olhando em redor, reparou em mim e, sem mais delongas, fui entregue a Jeanne Antoinette. Mais uma vez, os meus poderes afrodisíacos, como Circe, tinham sido reconhecidos. Dez dias depois, entregaram-me ao Rei de França. Que satisfação, entrar finalmente em Versalhes. *Naturellement*, dados os meus poderes de inspiração, só se passaram três semanas até Mademoiselle Poisson ser proclamada como amante oficial (o que, sorte a dela, foi seguido por um título nobiliárquico, propriedades e um aposento diretamente por baixo do de Sua Majestade); a transformação de uma Menina Peixe numa Madame de Pompadour – tudo isso se deveu a *moi*.

O problema era que, por mais que se tirasse uma rapariga a um meio burguês, vestindo-a, outorgando-lhe títulos, dando-lhe amor, arte e joias, no fim de contas ela continuava a não ser considerada como uma de nós – e não apenas na corte. Os Franceses são uma raça terrivelmente snobe. Estava muito bem que o rei tivesse consortes poderosas, conquanto fossem finas. Madame de Pompadour era, e continua a ser, muito desacreditada devido ao seu nascimento plebeu. Tinha muitas qualidades redentoras: adorava as artes e, pesem embora algumas das suas proclamações mais chocantes, nutria afeto pelas massas. Na verdade, *la Pompadour* era uma perfeita mãe provinciana.

Isso, no fim, foi a sua desgraça: os homens não querem fazer amor com a mamã (a menos que sejam ingleses). Depois de 1750, o rei não voltou a tocar na dama. Instalou uma série de amantes numa pequena mansão no Parc-aux-Cerfs. Madame de P não ligou à maioria, até à chegada de Louise O'Murphy que, aos treze anos, já tinha chamado a atenção de Casanova, que a considerava «uma criaturazinha bonita, desleixada e suja». (Apesar de detestar reconhecer méritos alheios, a pintura mais sensual de todos os tempos deve ser o retrato que Boucher fez de Louise.) Miss Louise cresceu demasiado para os seus botins e foi despachada dois anos depois. Quando a pequena safada partiu, roubou-me, acreditando, tal como muitos outros na corte, que era eu o elemento mágico que mantinha Luís e a amante juntos.

Seguiu-se uma nova viagem significativa, para a Rússia, rumo ao quarto de Catarina, a *Grande*.

Bastará dizer que tudo o que se diz (exceção feita ao cavalo) era verdade. Nunca, em todos os meus anos, encontrei uma mulher ou um homem com tamanhos

apetites. Nem Monsieur Casanova se aproximava. Fui comprado pelo nobre polaco, Stanisław Poniatowski, para ser oferecido à czarina em 1755. Stanisław era o patrono mais importante do Iluminismo polaco, um provedor de teatro, pintura, literatura e arquitetura – por isso, não é de admirar que eu lhe tenha chamado a atenção. É

claro que a relação deles estava condenada ao fracasso, embora ela lhe tenha dado uma filha e o trono da Polónia. Cansou-se dele em 1759 e avançou para os irmãos Orlov. Stanisław nunca casou; morreu de desgosto. Quanto a mim, teria adorado ficar em São Petersburgo, a capital do mundo desenvolvido. Se assim tivesse sido, estaria ainda com os meus antigos amigos, pintados por Leonardo, Miguel Ângelo, Ticiano e outros. Porém, o maléfico conde Orlov tinha outros planos. Não

suportava ver-me, não aguentava a recordação de que a imperatriz tinha um passado.

Mais uma vez, segui caminho. Francisco I, o Sacro Imperador Romano-Germânico, comprou-me como instrumento de sedução para oferecer à condessa Guilhermina von Neipperg. Depois de dezasseis filhos com a esposa, Maria Teresa, ele devia ter guardado o instrumento. A sua jovem amante era brutal e ambiciosa como poucas. Quando ele anunciou a intenção de a deixar, ela suplicou-lhe um último encontro, uma ida à ópera. Francisco sentiu-se mal durante o segundo ato; quando a carruagem chegou a casa, o imperador estava morto. Intoxicado por veneno de víbora, administrado pela picada do alfinete de diamantes da condessa.

A assassina de pés ligeiros vendeu-me de imediato. Por uma série de circunstâncias fortuitas, acabei nas mãos do conde Gregory Velovitch. Entretanto a história apagou a memória do seu nome e é uma pena singular que nem o meu mestre, nem outro da sua estatura o tenha pintado. O conde era um homem lindo, com braços e pernas delicadamente longos, uma juba de cabelo dourado e encaracolado e olhos negros como alcaçuz. Também era um homossexual extremamente ambicioso que tinha o olhar posto em Frederico, o *Grande*, rei da Prússia.

Muitos presumiam, erradamente, que Frederico gostava de homens. Tinha havido um jovem, muitos anos antes, Hans von Katte, mas isso fora um amor intelectual e não consumado. Depois disso, Frederico só teve um amor: Watteau.

Por que outro motivo teria construído o seu palácio absolutamente maravilhoso em Sanssouci seguindo o estilo que Watteau inventou? De que outra forma se explica que pinturas monumentais fossem mantidas noutros locais, em galerias à parte, mas que, naquela casa ínfima, que habitava, ele escolhesse ter obras do meu mestre e dos seus amigos?

Frederico aceitou o presente do conde Velovitch com grande prazer, mas mandou decapitá-lo por sugestão de atos lascivos e impróprios.

É claro que Frederico tinha galgos – mas isso é outra história, para depois.

Capítulo 20

Muito depois de os funcionários terem saído, com a escuridão a cobrir as ruas de Londres como um manto de veludo e os candeeiros de rua a lançarem globos dourados sobre passeios húmidos e raiados, Rebecca trancou a porta do seu gabinete e espalhou os livros-razão da empresa pelo chão. Colocando os registos mais antigos perto da lareira, dispôs os tomos imensos por ordem cronológica. Da última vez que os estudara, apenas uns dias antes, não sabia o que procurar. Agora esperava encontrar provas que, ao invés de confirmar, refutassem as suas teorias. Rebecca queria garantias de que o pai era Memling Winkleman, sobrevivente do Holocausto, judeu íntegro, legítimo negociante de quadros, pai e avô extremoso.

Durante as primeiras duas horas, entre as 20 e as 22, todas as proveniências verificadas pareciam legítimas. Começando em 1940, Rebecca ia associando faturas a aquisições antigas e animou-se quando encontrou o quadro de Renoir, *Filles avec parapluies et chien,* comprado por uns milhares de marcos a uma família de apelido Gandelstein. À primeira vista, o recibo parecia legítimo, mas depois Rebecca viu a morada – Schwedenstrasse 14 – e a data – 14 de fevereiro de 1944. Frau Danica dissera-lhe que nenhuma família do número 14 de Schwedenstrasse tinha regressado; todas haviam sido enviadas nos comboios da morte, incluindo todos os elementos da família Winkleman.

Rebecca tentou compor outra história. Talvez o pai tivesse agido como interposto, intermediário, vendendo os quadros dos amigos judeus aos nazis, para lhes dar a oportunidade de fugir. Essa versão agradava-lhe, mas só lhe proporcionou uns quantos segundos de alívio. No fundo, sabia que essa explicação era improvável.

Empurrou a cadeira para trás e foi até ao armário das bebidas. Era um belo armário *art déco*, de mogno com entalhes dourados, e fora oferecido a Memling no seu septuagésimo aniversário, por um cliente agradecido que frequentava a mesma sinagoga que a família. O cliente gastava mais de 10

milhões de libras por ano na Obras d'Arte Winkleman, pelo que, mesmo que o armário fosse hediondo, ali ficaria. Parte do presente era também um fornecimento ilimitado do melhor champanhe *Cristal*. O cliente morrera dez anos antes mas, por essa altura, o armário já se tornara parte integrante do escritório e, num toque comovente, o cliente deixara instruções testamentárias para que os Winkleman continuassem a receber *Cristal* até ao dia em que não houvesse qualquer descendente de Memling na firma. Rebecca olhou para as fileiras arrumadas de garrafas de champanhe. Pensou abrir uma, mas logo descartou a ideia – nada havia que celebrar. Precisava de álcool; devia haver outra coisa. No fundo de outro armário encontrou meia garrafa de malte escocês de 1962. Ela nunca bebia *whisky* e esperava que não fosse coisa que se estragasse. Servindo-se de uma boa dose, engoliu-a em três grandes tragos. O choque do álcool a arder num estômago vazio fê-la engasgar-se.

De ânimo reforçado, regressou ao cofre-forte. Pelas três da manhã, tinha seguido vinte e dois quadros até ao número 14 de Schwedenstrasse. Cruzou as suas descobertas com as do caderno de Marty. Ele tinha usado, tal como Memling, as classificações VZW e NZW, mas havia outras iniciais

que Rebecca não compreendia: ERR, KH e uma terceira, CN. Tinha contado setenta referências com uma ou outra daquelas siglas. Algumas entradas tinham as três, outras apenas uma ou duas. A mais comum era a das iniciais KH. Outro aspeto que a perturbava prendia-se com o paradeiro de certos quadros, que Memling aparentemente tinha e não vendera. De acordo com os cadernos de Marty, haveria pelo menos uma centena; Memling devia ter um esconderijo secreto.

Folheando ora os livros-razão oficiais, ora o caderno de Marty, Rebecca tentou estabelecer correspondências entre quadros adquiridos entre janeiro de 1940 e fevereiro de 1947 e proveniências legítimas. A maioria tinha descrições mínimas. «Pastor com rebanho» ou «Alegoria».

Ao lado encontrava-se a data da aquisição. Os vendedores, na maioria, eram identificados como Herr Schmidt ou Herr Brandt, tendo como descrições

profissionais títulos como «nobre» ou

«agricultor». Rebecca continuava a regatear com as provas. Naquela altura, um negociante astuto com um capital modesto poderia deitar a mão a dezenas de grandes pinturas. Mas onde poderia um jovem sobrevivente de Auschwitz conseguir esse capital?

Rebecca olhou para o relógio. Já eram quatro da manhã. Em breve, um sol pálido infiltrar-se-ia em redor das cortinas fechadas. Sentiu uma ligeira fraqueza e, de súbito, um grande cansaço. A cozinha da empresa ficava no piso inferior e, para chegar lá, ela teria de passar por três câmaras de videovigilância e desativar um alarme. A última coisa que queria era que o pai ou funcionários fizessem perguntas acerca da sua inusitada atividade noturna. Em cima da secretária estava uma caixa de flores de maçapão, uma prenda de um cliente. Detestava amêndoas, mas obrigou-se a comer.

Sentada à secretária, mordiscou uma pétala, que engoliu de imediato com água mineral, à espera da descarga açucarada de energia.

Para se distrair, digitou as iniciais ERR no motor de busca do computador. Para seu alívio, a primeira página era inteiramente dedicada à definição da palavra inglesa. «Err» queria dizer estar incorreto ou enganar-se. Talvez Marty estivesse a usar o Google como canal de conforto, dizendo-lhe, através dos tempos, que Memling fizera tudo aquilo por acidente. Enquanto dava uma dentada na segunda flor de maçapão, Rebecca passou para a página seguinte. Os seus olhos percorreram o ecrã e detiveram-se nas palavras *Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg*. Pousou o doce meio comido na secretária e começou a ler: ERR era a abreviatura da equipa liderada pelo ideólogo do Partido Nazi, Alfred Rosenberg, o homem encarregado de confiscar todas as propriedades culturais pertencentes a judeus. Atingida por uma náusea, Rebecca tapou a boca com a mão, mas vomitou uma combinação de *whisky*, bílis e maçapão por entre os dedos. O ecrã do computador ficou turvo ao mesmo tempo que ela sentia o coração a bater desenfreadamente no peito.

– Não, não, não – gemeu baixinho, limpando o vomitado com as costas da mão e a clicar no *link* para ler uma pequena descrição: «A *Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg* (ERR) foi a «Equipa Especial» dedicada a pilhar bens culturais valiosos nos países da ocupação nazi durante a Segunda Guerra Mundial e, até outubro de 1944, 1 418 000 vagões de comboio (bem como 427 000 toneladas

por via marítima) contendo livros e obras de arte foram transportados para a Alemanha. Muitos tinham como destino a coleção privada de Hitler, instalada em Linz.»

Sem parar para se limpar convenientemente, Rebecca martelou KH no motor de busca. Não surgiu nada relevante. Em seguida, digitou CN. Mais uma vez, nada. Deixa-te de histerismos e pensa, censurou-se. Limita a pesquisa. Entrando num *site* dedicado a informação sobre arte saqueada pelos nazis, perscrutou os documentos, em busca de alguém ou algum local com aquelas iniciais. Ao fim de alguns minutos, tinha duas possibilidades. Poderia KH ser Karl Haberstock, o negociante de arte

pessoal de Hitler, que aconselhava o Führer aquando de vendas e ajudava o Partido Nazi a desfazer-se da chamada «arte degenerada» que acarretaria a depravação dos Europeus? Continuando a ler, Rebecca ficou a saber que Haberstock tinha mediado mais de cem vendas a Hitler, incluindo *La Danse*, de Watteau, por 900 000 Reichsmarks, comprados ao Príncipe Herdeiro de Hohenzollern.

Percorrendo a lista de vendas de Haberstock, viu que outro Watteau, sem título, também fora vendido a Hitler, por um milhão de Reichsmarks, em 1943 – era identificado apenas como o quadro do

«Amor»; estremeceu. Seria aquele o quadro desaparecido do pai?

Ali descobriu que, ainda que tivesse sido detido e interrogado depois da guerra, Haberstock fora libertado e continuara a exercer a profissão de negociante de arte até ao final da década de 1950.

Marty indicava, nas entradas do seu caderno relativas ao período entre 1945 e 1956, que Winkleman tinha comprado e vendido quarenta obras de arte de uma pequena galeria de Augsburgo identificada como KH, incluindo quadros de Rubens, Hals, Wouwerman, van Goyen e Tiepolo. No mesmo artigo, havia várias referências ao Castelo de Neuschwanstein. Seria o CN de Marty? Rebecca viu imagens do castelo fantástico de contos de fadas, empoleirado numa colina da Baviera, construído para o anacoreta rei Ludovico, no final da década de 1880. Alfred Rosenberg escolhera-o como casa-forte para armazenar arte saqueada. Que ligações haveria entre o seu pai, Rosenberg, Haberstock e o castelo?

Rebecca não sabia bem quanto tempo tinha passado no chão do seu gabinete, a abanar-se para trás e para a frente, com os pensamentos a saltarem ora para Marty, ora para o pai, a tentar desemaranhar os factos dos seus sentimentos. Dúzias de bens roubados com faturas falsas não provavam necessariamente que Memling tivesse sido membro do Partido Nazi ou um ladrão. Talvez o pai tivesse ajudado aqueles judeus encontrando um negociante sem escrúpulos que lhes comprasse os tesouros, quando muitos os teriam roubado? Talvez fosse um funcionário ingénuo de Karl Haberstock, sem nunca se aperceber do papel que a arte tinha representado nas aspirações culturais de Hitler. Para mais, Haberstock fora absolvido de quaisquer delitos e reabilitado, tornando-se uma luminária em Augsburgo; a arte de que ele lucrara financeiramente parecia exonerá-lo em termos morais: um legado com o seu nome ainda se encontrava no museu da cidade. Gerações futuras de visitantes decerto elogiariam a família pela sua generosidade em vez de inquirir acerca de como teriam aquelas obras chegado às mãos de Haberstock.

Rebecca imaginou Marty sentado como ela estava naquele momento, depois de descobrir que o negócio da família se baseava em extorsão. Depois faltou-lhe o ar: o antebraço direito de Memling estava tatuado com 887974, um número que lhe fora gravado na pele pouco depois da sua chegada a Auschwitz em 1943. Ainda que Memling raramente falasse disso, a tatuagem poderosa recordava a todo o mundo da arte que aquele homem tinha sofrido. Isso ajudara-o a tornar-se o negociante de eleição de muitos judeus abastados. Ela sabia que o pai era implacável e determinado, mas iria tão longe para concretizar as suas ambições? Tornou a pensar na morte súbita do irmão. Teria sido um acidente, ou um assassínio? Deteve-se – o que estava a pensar? Memling amara o filho de todo o coração. Ele nunca faria algo assim, pois não? Sentiu os tentáculos da dúvida e do medo a subirem-lhe do estômago até ao peito e a apertarem-lhe o coração. Voltou a abrir a gaveta da secretária para verificar que a arma continuava ali e estava carregada.

Olhando para o relógio, viu que já eram quase cinco da manhã. Por vezes, Memling chegava cedo.

Tinha de disfarçar o seu rasto rapidamente. Pôs-se de pé num pulo e começou a repor os livros-razão na sala-cofre, assegurando-se de que cada um voltava precisamente para o seu lugar. Com um pano,

limpou as impressões digitais das prateleiras e das lombadas. Em seguida,

fechou a porta do cofre e restaurou os registos, assegurando-se de que as suas últimas duas entradas eram eliminadas dos registos eletrónicos. Dez minutos depois, esgueirou-se pelas traseiras da Winkleman. Acocorou-se no degrau até a câmara de videovigilância deixar de filmar a porta e depois caminhou rapidamente por Curzon Street acima e até Berkeley Square; em toda a sua vida, nunca se tinha sentido tão assustada.

As ruas estavam iluminadas pelo tom azulado da madrugada. Além de táxis esporádicos, Rebecca tinha Londres só para si enquanto caminhava, sem qualquer rumo em mente, esperando que o exercício lhe proporcionasse calma e clareza. O pânico arruinava-lhe a capacidade de orientação e, mais tarde, não recordaria onde a tinham levado os pés. Perguntava-se quem mais, se era que alguém, teria tido dúvidas acerca do pai. Provavelmente, as provas sempre tinham estado disponíveis, mas conviera à maioria fingir que não as via. A maior parte do negócio dos Winkleman era legítima: quadros comprados e vendidos no mercado aberto. Tratava-se de uma operação tremendamente bem-sucedida, que valia mais de um milhar de milhão de libras e movimentava várias centenas de milhões por ano.

Certamente, pensava ela, alguém – um funcionário, um jornalista ou um concorrente – teria suspeitado. Como poderia uma família de origens tão humildes ter construído, de forma inocente, uma coleção daquelas durante e após a guerra? Seria isso a explicação para que Memling mantivesse tanta gente na folha permanente de honorários, espalhando a culpa e a culpabilidade como um nevoeiro ácido sobre o mundo internacional da arte? Havia pagamentos mensais a um número considerável de «consultores» que alertavam os Winkleman para vendas potenciais ou assuntos relevantes: um membro da aristocracia que estava a pensar vender; uma nova política de aquisições de um museu ou colecionador, ou alterações legislativas. A esfera de influência e patronato dos Winkleman era vasta e considerável. A opulência acarretava legitimidade e, para cimentar a reputação, a família fazia donativos generosos a fundações beneficentes e a museus. Ainda na semana anterior, Rebecca passara cheques a um Museu do Holocausto em Moscovo e pagara para que dois Grandes Mestres do Museu Frick, em Nova Iorque, recebessem novas molduras.

As consequências de expor o pai ressoariam por toda uma indústria e atravessariam continentes.

Rebecca tinha de aceitar que também não era inteiramente inocente. Usara a

empresa cinematográfica do marido como frente para exportar obras valiosíssimas para toda a Europa. Atribuía todas as despesas domésticas à firma. Listava quadros como tendo sido vendidos por metade do preço real, para evitar impostos. Desmascarar Memling resultaria em bancarrota e vergonha para a família inteira, para os funcionários e associados. Era esse o dilema moral que o irmão tinha enfrentado e, no seu caso, esse conhecimento fora fatal. Marty, sabia Rebecca, nunca poderia ter vivido ou funcionado sob o peso dessas mentiras.

Agachando-se na entrada de um prédio, longe de olhares alheios, Rebecca chorou. Caíra numa armadilha e não tinha como voltar atrás. Talvez devesse, à semelhança do irmão, optar por pôr fim à vida. Ponderou fugir – deixar Grace e Carlo e refugiar-se nalguma ilha longínqua. Ainda seria possível fugir, nos dias de hoje? Haveria algum sítio fora do alcance de Memling? Achava que não.

Ele continuava a ter o controlo absoluto das finanças dela; era proprietário da casa onde ela vivia, pagava-lhe o ordenado e as propinas da universidade da filha. Quadros que lhe oferecera tinham os títulos de propriedade guardados em escritórios de empresas *offshore.* Memling mantivera os filhos com rédea curta, recusando-lhes qualquer autonomia e mimando-os com riqueza. Ela costumava pensar que era uma espécie de impulso controlador, mas benevolente; agora perguntava-se se o

punho férreo de Memling não seria antes uma forma de jogar pelo seguro: ele sabia que os filhos não sobreviveriam fora do ninho. Rebecca não tinha qualificações para fazer outra coisa e sabia que, se o pai fosse denunciado, ela nunca mais poderia trabalhar no mundo da arte. Não duvidava de que Carlo a deixaria. A ideia de viver sem o marido fê-la chorar ainda mais.

Depois de limpar os olhos e alisar o sobretudo amarrotado, Rebecca endireitou os ombros; adiaria qualquer decisão até ter averiguado a extensão da duplicidade do pai. Fortalecida por uma sensação de propósito e determinação, olhou para a esquerda e para a direita, a tentar determinar até onde caminhara. A tabuleta da rua dizia EC1 – estava a vários quilómetros de casa. Um táxi ia na sua direção, com a luz laranja alegremente acesa. Rebecca estendeu a mão. De súbito, a queda da família parecia-lhe inevitável, mas já se perguntava se, de alguma maneira, seria capaz de juntar elementos suficientes para mitigar os estragos.

Capítulo 21

Aentrada para a reunião fazia-se por uma porta lateral do centro de saúde e bem-estar. Construído na década de 1970, a fachada de betão e seixos estava gasta e a tinta era de um cinzento manchado pela chuva. Havia uma folha de papel colada à porta, com «reunião dos AA» escrito à mão e, por baixo, uma seta a apontar para cima, para o céu, ao que tudo indicava. Evie ajeitou o casaco e deu um toque leve no cabelo enquanto via o seu reflexo na janela suja. A sua aparência era importante. Não queria que ninguém julgasse que era uma alcoólica; era apenas alguém que precisava de um pouco de apoio de vez em quando.

– Veio para a reunião? – perguntou-lhe uma jovem de calças cor-de-rosa, camisola preta e *piercing* no nariz, enquanto passava por ela e abria a porta do centro. Esperou que Evie a seguisse. – É mesmo ao fundo deste corredor. Eu sou a Lottie.

Evie gostava de saber como a outra teria adivinhado.

– É a sua primeira vez? – perguntou-lhe Lottie. – Não fique assustada. Todos começamos nalgum sítio.

Avançou rapidamente pela passagem de chão de linóleo e, virando à esquerda ao fundo, abriu outra porta que dava para uma sala grande.

– Olá, Lotti – disse-lhe uma mulher de meia-idade, vestida com um casaco de malha e calças.

– Olá, Danni – respondeu Lotti, enquanto lhe dava um grande abraço. – O que disse o médico na semana passada?

– Mudou-me os medicamentos... agora ando a tomar uns diferentes.

– E estão a fazer efeito?

– Sinto-me um bocado estranha, para dizer a verdade – disse Danni. Voltou-se para Evie. – Bem-vinda. É a sua primeira reunião?

Evie assentiu com a cabeça e forçou-se a sorrir. A sua vontade era dar meia-volta e fugir. Sabia que o seu lugar não era com aquelas pessoas. Maldita fosse Annie por a ter obrigado a prometer que iria a uma reunião dos Alcoólicos Anónimos.

– Uma chávena de chá? – ofereceu Dannie.

Evie assentiu com a cabeça.

Aceitou o chá e escolheu uma cadeira numa extremidade. Ao longo da meia hora seguinte, chegaram umas quinze pessoas, e todas se conheciam. A mescla de idades e origens surpreendeu-a; havia um elegante negro na casa dos setenta anos, a usar um fato de bom corte e uma bengala; uma idosa muito bem cuidada, Patricia, que se vestia imaculadamente, de saia-casaco e colar de pérolas.

Um adolescente sebento chegou com uma sexagenária de fato de treino e um homem muitíssimo tatuado, com um rafeiro de nariz empinado. Bella, que se apresentou a Evie, devia ter sido modelo –

os vestígios de grande beleza ainda se apegavam ao seu rosto envelhecido.

– Preste atenção às semelhanças e não às diferenças – aconselhou-a.

– Vá voltando; a coisa resulta se nos aplicarmos – acrescentou Danni.

Patricia levantou-se e foi sentar-se atrás de uma mesa de fórmica, voltada para o resto da sala.

– Chamo-me Patricia e sou alcoólica – disse a todos.

Evie via-se forçada a admitir que aquela história era extraordinária, mas nada tinha que ver com os seus próprios problemas. Depois de Patricia ter acabado de falar, outros revezaram-se, falando das suas histórias. Alguns identificavam-se com Patricia, outros falavam das dificuldades que encontravam no quotidiano. A linguagem de todos estava cheia de frases feitas, «um dia de cada vez»

ou «a coisa resulta se nos aplicarmos». Psicologia da treta, pensou Evie, zangada. No final, foram reservados cinco minutos para recém-chegados. Todos olharam para Evie com um ar expectante, enquanto esta fitava os próprios pés. Por fim, incapaz de suportar o silêncio ensurdecedor, falou:

– Chamo-me Evie e não sou como nenhum de vocês.

Esperava uma rejeição em massa, mas ficou surpreendida quando o grupo inteiro lhe sorriu benigna e encorajadoramente, dizendo-lhe em uníssono:

– Bem-vinda, continue a voltar. A coisa resulta se nos aplicarmos.

Evie esforçou-se por esboçar um sorriso amarelo. Cambada de maluquinhos, pensou.

Não obstante, deixou-se ficar para tomar uma chávena de chá. As pessoas eram muito amáveis e deram-lhe panfletos e biscoitos rosa-choque. Evie levou o pacote de boas-vindas para o apartamento e deixou-o em cima da mesa para que Annie o visse. Pessoalmente, sabia que os AA não eram para ela; o que precisava era de um bom homem e de algum dinheiro. Só bebia porque estava sozinha e nas lonas.

Nos bons velhos tempos, pensou Melanie Appledore enquanto entregava o seu bilhete ao homem à porta, o presidente do conselho e o diretor teriam ido recebê-la à entrada da Royal Opera House. Ela continuava a doar 100 000 dólares por ano à instituição mas, nos dias que corriam, 100 000 dólares não asseguravam muito respeito, só um número para reservas prioritárias e uma pequena janela de tempo para reservar lugares para espetáculos populares. Em tempos, ela entrara no átrio e todas as cabeças se tinham voltado para a verem e ao marido. As pessoas sabiam exatamente quem ela era e a importância do seu diamante (o *Shimla*, de 30 quilates), o estilista do seu vestido e o valor do seu casaco de zibelina. Sussurravam o seu nome e especulavam quanto ao valor da fortuna do marido.

Mrs. Appledore sabia que tinham curiosidade acerca das suas origens humildes e do que fora a sua vida anterior. Muitos pressupunham que se tratava uma refugiada judia, enviada para a América no Kindertransport, antes da guerra. «Sabe que esse é um tema demasiado doloroso para ela», dizia uma amiga da elite a outra. Melanie não confirmava nem desmentia; não se importava de ser judia para os judeus ou uma *goy* para o resto. Sabia que era alvo de fascínio e, ocasionalmente, de sátira, mas era melhor que falassem dela do que nunca a mencionassem. Aquela noite era como os velhos tempos; a audiência fitava e sussurrava, mas Mrs. Appledore sabia que ninguém a reconhecia ou sequer se importava com quem seria ela. Em vez disso, as atenções concentravam-se em Barty, que se vestira como o herói operático Rodolfo, um escritor do século xviii em apuros financeiros.

Barty usava umas bragas rasgadas e uma casaca esfarrapada. O seu lenço era feito de páginas de uma peça inédita (escrita por Emeline naquela tarde, com a melhor caligrafia ensinada nas escolas privadas), os sapatos não condiziam e, na cabeça, Barty tinha uma touca de seda rosa-choque, uma deferência a Mimi, a

protagonista da ópera. Por sorte, pensou, estavam num camarote, caso contrário

muitos se queixariam do chapéu que bloqueava a vista para o palco. Como não era noite de estreia, não havia fotógrafos para captarem a sua interpretação genial de *La Bohème*, mas Barty nunca abandonaria os padrões de exigência no bem vestir. Para mais, conhecera o seu amor mais recente, um jovem estudante de moda, certa noite ao sair do *ballet*. Juan de Carlos pedira-lhe um autógrafo e não tardara a tornar-se a proteção de ecrã de Barty.

Mesmo que mais ninguém compreendesse quem era Mrs. Appledore, Barty fazia um grande estardalhaço à sua volta. Tendo passado meio século a acompanhar senhoras ao *ballet* e à ópera, ele conhecia cada passagem das traseiras, cada casa de banho e a maioria dos funcionários. Mrs.

Appledore chegaria ao seu camarote sem ser acotovelada ou empurrada. Conseguiriam a melhor mesa no bar Crush e uma garrafa gelada de champanhe seria entregue no camarote no final de cada ato. Já à espera, no camarote, estavam os outros convidados de Mrs. Appledore, o duque e a duquesa de Swindon. Ventoso Swindon (a alcunha devia-se à casa ancestral da família, no cimo de Marborough Downs) e a mulher, Malcheirosa (chamava-se Glendora e nunca cheirava mal) eram, na opinião de Barty, os aristocratas mais enfadonhos, o que era uma afirmação de peso.

– O que está a usar, Barty? – perguntou-lhe Malcheirosa.

– As referências não são assim tão intricadas – disse Barty, a apontar para a touca e para o manuscrito. – Sou Rodolfo, a chorar por Mimi.

– Mas quem porra são eles para ainda estarem em casa? – perguntou Ventoso.

– Está prestes a descobrir – disse-lhe Barty.

– Eles também vão fazer-nos companhia? – Malcheirosa olhou em volta.

– Rodolfo e Mimi são os protagonistas de *La Bohème* – explicou Mrs. Appledore, lançando um olhar de aviso a Barty.

– É a ópera que estão prestes a ver – disse Barty, num tom incrédulo.

Perguntava-se com frequência como era possível que a aristocracia tivesse uma

longevidade tão maior do que a dos neurónios.

A campainha soou e, no Camarote 60, os quatro ocuparam os seus lugares. Barty escolheu o banco alto ao fundo, uma posição que lhe agradava. Embora proporcionasse uma visão reduzida do palco, oferecia a melhor do público. Tirou do bolso os binóculos de ópera e perscrutou os camarotes e as bancadas em frente, em busca de rostos conhecidos. Tratava-se de uma noite bastante pobre. Lá estava lorde Beachendon com a sua mulher de ar cansado e vestido surrado. Faz lembrar, pensou Barty, alguém saído de um documentário da BBC dos anos 1970 acerca da nobreza rural, uma daquelas mulheres (provavelmente com cinquenta anos mas a aparentar setenta) que se tinham desterrado para o campo num vestido de Laura Ashley e um par de *labradores*. O seu cabelo, louro e grisalho, estava preso com um elástico de veludo e, à volta do pescoço, tinha o último legado da família, três fileiras de boas pérolas. O conde Beachendon, pensou Barty, exibia um ar macilento. O

seu velho *smoking* pendia-lhe dos ombros estreitos e curvados como ervas murchas. O cabelo, ou o muito pouco que lhe restava, precisava de ser aparado. Tanto o conde como a condessa lhe traziam à memória balões esquecidos num armário, a perder o ar.

Num contraste absoluto, o camarote ao lado estava a abarrotar de tipos dos fundos de risco demasiado presunçosos, que provavelmente tinham comprado bilhetes num leilão da City, julgando que *Bohème* devia ter alguma relação com Beyoncé. Dame Fiona Goldfard estava no Camarote Real (lugar que, como Rainha dos Judeus e principal patrona da Ópera, merecia); Tayassa, a filha mais velha do emir e da princesa de Alwabbi, estava presente (provavelmente a decidir se construiria uma

ópera para acompanhar o novo museu) mas, fora isso, era tudo bastante *déclassé*, pensou Barty com tristeza. Antigamente, ia-se à ópera para se ser visto; agora ia-se para se escapar.

O maestro ocupou o seu lugar e o público desatou a aplaudir.

– Sinceramente – sussurrou Barty a Mrs. Appledore –, não é como se tivesse acabado de aterrar um avião de férias na Costa do Sol... deixem o homem provar o que vale.

O maestro voltou-se para o público e fez uma vénia.

– Oh, vamos lá – protestou Barty, um pouco alto de mais.

Depois a enorme cortina de veludo abriu-se e a audiência foi transportada numa onda de violinos, flautins, flautas e violoncelos para a mansarda de Rodolfo, onde o escritor se encontrava ao lado de uma salamandra apagada, com o amigo, o pintor Marcello, queixando-se do frio e, claro está, do amor.

No Camarote 60, quatro pares de olhos fitavam o palco, mas quatro mentes estavam longe dali.

Barty lamentava a queda dos padrões de exigência e como era triste que poucos se dessem ao trabalho de se vestir para a ópera. Mrs. Appledore decidia esbanjar o resto da fundação do marido numa única e enorme doação, algo que fizesse parar tudo e todos. Ventoso Swindon perguntava-se se deveria vender a charneca dos tetrazes que tinha na Escócia. Já não valia muito – os tetrazes havia muito que tinham desaparecido –, mas talvez desse para pagar um novo telhado para a ala ocidental de Swindon Hall. Malcheirosa preocupava-se com a praga da sebe, que ameaçava toda a estrutura do jardim. O que poderia ela fazer para preservar o belo jardim entrelaçado sem uma sebe?

Alguém lhe tinha sugerido teixo, mas isso demorava séculos a crescer; não se preocupava tanto com alguma coisa desde que Ventoso arranjara uma amante (que continuava presente e revelara ser bastante conveniente, na verdade – Malcheirosa fora dispensada de deveres conjugais, um alívio abençoado).

Quando Mimi e Rodolfo declararam o seu amor, a música tornou-se tão comovente, e a imagem dos braços diminutos do tenor a tentarem envolver a cintura rotunda da soprano foi de tal forma alarmante que todos os ocupantes do Camarote 60 voltaram a atenção para o palco. Mrs. Appledore começou a chorar; recordava as outras *Bohèmes* a que ela e o marido tinham assistido, no Met, no La Scala, no Teatro La Fenice, e os tempos felizes que tinham passado juntos antes da morte dele, quase vinte e dois anos antes, que a consignara a uma vida de solidão peripatética e privilegiada, entre as casas de Londres, Nova Iorque, Aspen, Paris, St. Barts, Buenos Aires, Cap Ferrat, St. Moritz e, claro, o iate. Sempre atento, Barty reparou nas três pequenas lágrimas que desciam pelo rosto absolutamente liso de Mrs. Appledore e passou-lhe um lenço perfumado. Ele compreendia a solidão e, pegando-lhe na mão minúscula e envelhecida, segurou-a durante o resto do Segundo Ato, com a delicadeza que dedicaria a uma andorinha bebé.

No palco, os jovens faziam coisas típicas de jovens: beijavam-se e bebiam, apaixonavam-se e discutiam. O público, a maioria já em idade avançada, tinha de escavar nas profundezas da memória para recordar o que era aquilo.

Do outro lado do auditório, o conde Beachendon não pensava em amor ou sexo; preocupava-se com dinheiro e com uma visita que fizera nessa tarde ao artista contemporâneo que mais vendia em todo o mundo, um homem outrora conhecido como Gary Mitchell mas que optara pelo nome «Bolha».

Como media mais de um metro e oitenta e era magro como um pepino, ninguém compreendia porque teria escolhido um epíteto tão pouco adequado. Gary não explicava nem se alongava sobre a questão; como lorde Beachedon descobrira horas antes, Gary, ou Bolha, era muitíssimo parcimonioso com as

palavras. Depois de duas horas na sua companhia, tudo o que Bolha concedera fora «sim», «não» e

«talvez» e, no total, apenas «talvez». Talvez consentisse numa venda/exposição na leiloeira. Talvez isso pudesse acontecer naquele ano. Talvez dividisse os lucros com a leiloeira numa proporção de 60/40. Talvez deixasse os seus negociantes.

Lorde Beachendon tinha entrado na casa de Bolha com uma sensação de esperança, mas deixara-a num estado de confusão. Bolha vivia numa mansão

requintada de fachada dupla, em Spitalfields (comprada por oito milhões de libras naquele ano); o conde fora recebido por uma assistente incrivelmente bonita (licenciada pelo MIT), que o levara para uma sala de espera decorada com um Rembrandt (18 milhões de libras, vendido pelo conde dois anos antes). Os interiores estavam decorados com bom gosto (pelo menos 250 000 libras por divisão) e o tapete era de Aubusson (em perfeitas condições, 2 milhões). Minutos depois, a assistente pessoal de Bolha, uma beldade vestida com licra preta e justíssima (licenciatura dupla com honras de Cambridge) cumprimentou-o fria mas cordialmente e pediu desculpa pelo ligeiro atraso de Bolha. Podia oferecer-lhe um copo de *Cristal* (290 libras por garrafa ou um *Lafite Rothschild* de 1961 (450 libras). O que deprimia Beachendon não era a quantidade de dinheiro que Bolha devia fazer com a sua arte, mas que o artista e o seu espaço lhe despertassem os instintos mais vis e as propensões mais cobiçosas. À semelhança de muitos dos clientes que tanto desprezava, o conde apercebeu-se de que se tornara apenas mais uma pessoa que sabia o preço de tudo e o valor de nada. Não se daria ao trabalho de contemplar o Rembrandt ou o tapete, não conseguiria saborear o clarete ou admirar a inteligência da mulher à sua frente – tudo aquilo em que conseguia pensar era em quanto tinham custado.

As misteriosas forças do mercado haviam decidido que Bolha era «a coisa»: o novo *wunderkind*, o comandante de grandes preços. As suas pinturas, visões fantasmagóricas e altamente detalhadas do céu e do inferno, eram vendidas por milhões de libras e as listas de espera eram compostas por várias centenas de colecionadores. Era o primeiro pintor, desde Hieronymus Bosch, a captar a essência da depravação e da virtuosidade humanas. Os críticos, num raro caso de unanimidade, concordavam que o trabalho de Bolha refletia tudo o que havia de bom e de mau na sociedade contemporânea, e, além disso, que ele era, ao contrário de tantos dos seus pares, um belo desenhador e um pintor tremendamente competente. O que lorde Beachendon sabia era que Bolha tinha milhares de desenhos e esboços preparatórios a óleo de valor incalculável. Se fosse possível persuadir o artista a levá-los a leilão, todos os problemas do conde se evaporariam. A venda da obra de Bolha causaria sensação, tanto financeira como crítica. Bolha só tinha de dizer que sim; Bolha só dissera que talvez.

Exatamente ao mesmo tempo que Mimi exalava o último suspiro em Convent Garden, Agatha enviou uma mensagem de texto a Annie com uma novidade acerca do quadro.

«Annie. Verniz descolorido diluído: transformação extraordinária. Palhaço

branco é mesmo um palhaço! Tudo muito típico de Watteau. Necessária mais investigação e pesquisa. Septimus W-T quer quadro fora da galeria. Por favor recolha-a o + depressa possível. Cumprimentos, Agatha.»

Quando a mensagem chegou, Annie ainda estava a trabalhar, à espera de que um *oeuf en gelée* solidificasse. Tinha colocado o ovo numa forma com pétalas de agrião, raminhos de endro e sementes de mostarda mas, mesmo depois de seis tentativas, o resultado tinha um aspeto turvo.

Deitou um olhar de relance à mensagem de Agatha, ainda com a atenção na entrada recalcitrante:

poderia fazer uma omeleta, enrolá-la com caviar de salmão e espinafres picados cozidos ao vapor para criar três camadas de cor e colocar isso em *aspic*? Olhou para o relógio e viu que eram dez e meia da noite – demoraria uma hora a chegar a casa de autocarro, ou 45 minutos de bicicleta, pedalando contra o vento.

Este quadro, pensou, dá demasiado trabalho. Decidiu ir buscá-lo, pendurá-lo no seu apartamento e pôr fim àquela inútil caça aos gambozinos. Coisas miraculosas como descobrir obras-primas perdidas não aconteciam a mulheres como ela. Como resposta a Agatha, escreveu: «Mt obrigada. Vou assim que possa. Cumprimentos, Annie.»

Capítulo 22

Às cinco da manhã, o despertador tocou. Annie deixou-se ficar tranquilamente na cama, a planear mentalmente as horas seguintes. Os Winkleman iam receber clientes ao almoço e tinham pedido robalo seguido de maçã cozida. Rebecca tinha deixado bem claro que não deveria haver mais fantasias na cozinha, apenas menus fixos. Annie esperava conseguir encontrar algum robalo selvagem, mas duvidava que arranjasse maçãs decentes em março. O problema seguinte na sua lista era a probabilidade certa de ter as calças de ganga pretas molhadas, já que as deixara na máquina de lavar na noite anterior. Cambaleando para fora do quarto, resmungou:

– Depressa, liga o forno, toma um banho rápido enquanto aquece, não há tempo para rapar as axilas, também quem é que vai reparar? Calças pretas quase secas, deitas-te no chão, puxas. Se estiverem húmidas, mete-as no forno para secarem depressa. Tempera o frango; esfrega manteiga na pele, vira o peito para baixo. Tira as calças do forno e reza para que não cheirem a carne velha e a queijo.

Marca 65 minutos no temporizador. Liga para a peixaria.

– Sabes qual é o primeiro sinal de loucura? – perguntou-lhe Evie, levantando a cabeça para ver por cima da lateral do sofá.

– Falar sozinho – respondeu Annie enquanto abria o frigorífico. – Desculpa... esqueci-me de que estavas cá.

– Sabes qual é o segundo sinal de loucura? – perguntou Evie, passando os dedos pelo cabelo.

– Procurar cabelos nas palmas das mãos – disse Annie, lembrando-se de um velho jogo com que costumavam entreter-se.

– Era engraçado como as pessoas costumavam cair nessa, não era?

Evie dobrou o edredão da cama improvisada e atravessou a sala.

– O que vais fazer a esse pássaro? – perguntou Evie quando Annie tirou o frango cozinhado e sem pele do frigorífico e o pousou na mesa da cozinha.

Annie não estava com disposição para conversas; havia muito que fazer.

– Vou torná-lo digno de um rei – respondeu. – Ou da rainha Delores, seja como for.

– Quem é que vem? Alguém especial?

– Estou a praticar para o jantar; já falta menos de uma semana. Podes sair da frente?

Evie estava na passagem estreita entre o frigorífico e o fogão.

– O que é isso tudo? – perguntou Evie, sentando-se na cadeira que não tinha uma perna bamba e apontando para o conjunto de tigelas e pratos ordeiramente dispostos sobre a mesa.

– Mãe... podes levar a cadeira para o outro lado? E, por favor, não fales, preciso de me concentrar.

Evie afastou a cadeira e ficou a observar a filha a ordenar cuidadosamente os

instrumentos de cozinha sobre um pano limpo. Colocou as facas por ordem de comprimento, começando pela sua posse mais valiosa, uma lâmina japonesa Honyaki, tão afiada que era capaz de cortar um pedaço de

massa seca ao meio com um golpe limpo. Ao lado, Annie dispôs colheres de pau, um copo medidor, duas tigelas e uma pinça.

– Desculpa... é a primeira vez que faço isto e estou nervosa – disse Annie, enquanto avançava para o bico do fogão onde tinha uma pequena panela a fervilhar. Pôs uma beringela na água a ferver e marcou dez minutos no temporizador. Tirando outra panela da prateleira, misturou natas, uma folha de louro e uns grãos de pimenta, que mexeu durante cinco minutos. Depois de coar o líquido, deixou-o de parte.

– Posso fazer uma pergunta?

– Diz lá – respondeu Annie, colocando pedaços de manteiga numa panela e esperando que derretessem. Depois misturou duas colheres de sopa de farinha, para criar uma pasta homogénea.

Numa tigela à parte, dissolveu gelatina em água a ferver e misturou-a com o molho.

– Quantos pratos se espera que prepares para este jantar?

– Luís XIV tinha pelo menos quatro serviços, e cada um incluía até sete pratos diferentes.

– Quantos cozinheiros é que ele tinha?

Annie provou o molho.

– Cerca de dois mil funcionários permanentes nas cozinhas e cada jantar requeria até quatrocentas e noventa e oito pessoas, incluindo uma procissão de quinze guardas da casa. Os pratos realmente fabulosos tinham guardas exclusivos e havia cortesãos que recebiam a especial incumbência de fazerem vénias perante as bandejas.

– Mas és só tu – disse Evie, incrédula.

– Vou empregar pelo menos dez ajudantes e alguns dos figurantes do Carlo para dar um pouco de pompa e circunstância à ocasião. O tipo que fez de bobo da corte no último filme dele vai ser o Escanção Principal. Se alguém quiser mais vinho, ele grita: «Uma bebida para o rei ou para a rainha.»

Annie acrescentou mais meia saqueta de gelatina e bateu um pouco mais o molho, alternando batidas rápidas e demoradas.

– Também contratei a rececionista, a Marsha, lembras-te dela, para ser a Provadora da Cozinha: cabe-lhe provar a comida antes dos convidados; assim, se eu quiser envenená-los, ela morre primeiro.

– Assustador – disse Evie.

– Adoro que esteja tanto em causa. Hoje em dia a comida não tem grande significado. Vem em embalagens já prontas... pouca gente saberia distinguir uma batata ou um alho-francês num jardim, quanto mais fazer uma sopa ou um guisado. Devíamos aprender a respeitar e a obter os alimentos.

Evie atentou aos olhos brilhantes da filha.

– Há anos que não te via tão animada.

Annie virou-se e encarou a mãe.

– Encontrei finalmente aquilo que quero fazer da vida, mãe. Demorei trinta e um anos.

– Invejo-te.

– Se este jantar for um sucesso, talvez se sigam outros. Talvez consiga singrar como *chef* profissional.

Com uma última mexida na panela, verteu o molho bechamel à base de natas sobre o frango. O

líquido, da cor de um caramelo pálido, correu uniformemente pela ave, deixando-lhe a superfície enrugada lustrosa e dourada. Com uma colher, Annie retirou cuidadosamente o líquido em excesso e

devolveu o frango ao frigorífico.

– E se alguma coisa correr mal? – perguntou Evie.

– Terei de cair sobre a espada, como o chefe Vatel, que não conseguiu apresentar aves assadas e peixe fresco suficiente.

– Posso ajudar?

Annie hesitou.

– Não é boa ideia.

– Ontem fui a uma reunião dos AA. Vou mudar. Prometo.

Annie não respondeu. Tinha havido demasiadas novas alvoradas, garantias e esperança derramada em vão, e aquele trabalho era demasiado importante.

– Sei que já te desiludi, mas desta vez vai ser diferente – disse Evie.

Annie não respondeu.

A maioria das suas memórias de infância girava em torno dos recomeços de Evie e dos seus esquemas extravagantes para «entrar nos eixos». Que eixos seriam ou deveriam ser esses foi algo que sempre ficou por explicar mas cada iniciativa – não raro uma nova carreira ou empreendimento lucrativo – era abordada com convicção e ânimo. Certa vez, Evie decidira tornar-se jardineira paisagista e passara horas a estudar os livros da Reader's Digest, *Como Plantar...* Apesar de terem apenas um pequeno canteiro de janela para praticar, Evie, na sua mente, criava parques, limites, cercas e lindas vistas. Ao longo de várias semanas, ela ia descrevendo e Annie transcrevia a visão da mãe para grandes folhas de papel pardo, vivificadas e coloridas com aguarelas e coladas às paredes do apartamento camarário. Colocando anúncios no jornal local, em centros de jardinagem da zona e no quadro de avisos da escola, Evie até tinha conseguido que lhe dessem emprego, depois de convencer o vigário de que seria capaz de lhe transformar o pequeno matagal do quintal num jardim noturno romântico e perfumado, um lugar de calma e contemplação. Infelizmente, a mulher do vigário, que tinha umas noções de horticultura, pôs fim ao projeto quando Evie lhe disse que ia cobrir as paredes de uma cheirosa, vigorosa e trepadeira clamídia.

Outro esquema envolvera fazer criação de *Yorkshire terriers* miniatura, para vender cada cachorrinho por 50 libras. Os pais, *Alvo* e *Bala*, eram irmãos («Ninguém precisa de saber»), tinham custado 25 libras e só conseguiram dar dois cachorros num ano. Certo dia, Annie chegou a casa e recebeu a notícia de que num acidente/suicídio trágico e duplo, tinham fugido para a estrada e sido atropelados. Perturbada e sem se deixar convencer, Annie não falara com a mãe durante três semanas. Depois Evie estabelecera-se como curandeira, massagista e, por fim, instrutora de aeróbica, mas elas nunca viveram durante tempo suficiente num lugar para criar uma clientela.

Viajavam com pouco. Evie tinha duas malas de viagem e um estojo de maquilhagem, que continha uma coleção de objetos especiais, itens do seu passado. Havia um gancho de cabelo de carapaça de tartaruga com brilhantes incrustados que tinha pertencido à tia-avó Edna, uma fotografia dos avós maternos e a única coisa que pertencera ao pai, um exemplar do *Larousse Gastronomique*, o livro de cozinha que ele herdara de uma tia e cujas receitas Annie já decorara aos treze anos. Havia também os restos do *bouquet* que Evie levara no dia do casamento e a fotografia que Annie mais cobiçava, um retrato do pai deitado numa praia, a dormir, com o chapéu de aba pequena em cima da barriga e os braços abertos acima da cabeça, como uma criança pequena.

Aquelas recordações eram as únicas ligações que tinha a outra vida e a uma família mais alargada.

Ansiava por conhecer parentes e descobrir se os seus olhos vinham do pai ou de um primo e

descobrir quem mais teria cabelo arruivado. Na ausência de gente a sério, inventava histórias: a avó Josephine, com gota, temperamento irascível e predileção pelas polacas de Chopin; o avô Mortimer, que trabalhava como criador de porcos mas sonhava ser perfumista; a tia Alice, farta da vida na quinta, que fugira para se juntar ao circo local e ainda montava elefantes em Wigan. Tinha sido para aqueles parentes inventados que Annie começara a preparar os seus banquetes fantasiosos.

Imaginava-os todos a visitarem-na e a depararem-se com comida tão deliciosa que esqueceriam o passado, enterrariam ofensas e mágoas. Ela tinha conversas longas e imaginárias com cada um deles, informando-os acerca de vários aspetos da sua vida.

Os seus convidados iriam sair das suas vidas reais e entrariam noutra, tornando-se, pelo menos durante algumas horas, viajantes transportados até outros mundos e tempos por sabores e costumes.

Seguindo as personagens históricas que admirava, Annie combinava comidas e ingredientes com épocas e interesses particulares. Para Boudica, rechearia bochechas de javali com frutos secos e tâmaras, dispostas numa cama de feno ensopado em mel. Imaginava-se a preparar a primeira batata de Isabel I – um puré servido com estufado de lebre e tubérculos guisados em hidromel. Para manter as forças de Alexandre, o *Grande,* nas suas longas campanhas, defumava o peixe e guisava ligeiramente os legumes num caldo com uma infusão de ervas aromáticas. Investigando nas bibliotecas locais, tinha construído um índice pessoal de comidas e preparações fantásticas. Todas tinham de se basear no passado, já que o presente de Annie era consistentemente sombrio.

O temporizador do fogão começou a apitar com persistência. Annie tirou a beringela e pousou-a a fumegar num prato para que arrefecesse.

– Queres uma chávena de chá? – perguntou Annie num tom conciliatório.

Evie assentiu com a cabeça.

– Então, conta-me como foi a reunião dos AA.

– Foi interessante.

– Interessante?

Evie voltou a assentir com a cabeça.

– Não quero dizer demasiado... dar-nos demasiadas esperanças... mas ainda não me apeteceu uma bebida.

– Foi ontem que foste lá!

– Por norma, penso em beber todos os minutos de todos os dias – disse Evie em voz baixa. –

Desde que acordo até que finalmente me deito.

– Mas o que há que pensar? – perguntou Annie, sem compreender.

– Onde é que posso arranjar uma bebida, como posso pagá-la, como hei de não beber demasiado, como hei de beber o suficiente. Parece uma loucura... mas não podes perceber como é viver preso na obsessão.

Annie não respondeu – mas percebia. Durante meses, não pensara noutra coisa que não em Desmond, desde o momento em que acordava até aos últimos resquícios de raciocínio antes de adormecer.

O temporizador voltou a tocar e Annie tirou o frango do frigorífico; pousando-o na mesa, aplicou-lhe outra camada de molho de caramelo.

– O que estás a fazer? – perguntou-lhe Evie.

– Deve parecer que tem uma camada plástica de bechamel por cima e que está selado numa camada sólida de caramelo dourado.

– Um processo demorado – comentou Evie.

– Para a semana, terei de fazer oito. Todos nesta cozinha. – Devolveu o frango ao frigorífico para que se mantivesse frio. Tirou a beringela arrefecida e começou a tirar-lhe o interior até ficar só com a pele roxa. Servindo-se da faca mais afiada, começou a cortar a pele em losangos. Com a pinça, pegou em cada pedaço, que dispôs noutro prato. Na segunda tigela, misturou mais três colheres de sopa de gelatina com água e, um por um, mergulhou os losangos de pele de gelatina na solução. –

Vais a uma reunião dos AA logo à noite? – perguntou.

Evie assentiu com a cabeça.

– Quero que isto funcione.

Não és a única, pensou Annie, abrindo a porta do frigorífico.

Tirou de lá o frango e tocou ao de leve numa coxa. Solidificara na perfeição. Com a pinça, começou a colocar os losangos de pele de beringela em fila, de um lado ao outro e, unindo-os pelas arestas, fez outra linha e outra, até todo o frango estar coberto por uma matriz de losangos cor de rubi contra um pano de fundo

dourado.

– *Voilà* – exclamou, muito satisfeita.

– Está mesmo lindo.

– Era um dos pratos mais apreciados por Luís XV, *poulet au jacquard.* A ideia é que pareça um bolo glorioso.

– Onde encontraste essa receita?

– Num livro velho cheio de mofo, na Biblioteca de Londres. Achas que serve?

– Eu comia-o.

Annie sorriu-lhe com um ar grato, e Evie disse:

– Pareces animada, diferente, não sei.

Annie deu um abraço espontâneo à mãe.

– Ainda me despedem se não vou andando. Até logo.

*

Rebecca chegou ao Wiltons exatamente à uma da tarde. *Tiziano* estava sentado à porta mas levantou-se quando a viu. Ela afagou a cabeça do cão e entrou.

– O seu pai já cá está, Miss Winkleman – disse o *maître*, Mr. Tonks, aceitando o casaco de Rebecca e levando-a até à mesa pelo corredor cheio de caricaturas nas paredes, passando pelas banquetas de veludo vermelho.

Memling encontrava-se sentado ao canto, de costas para a parede, a ler um novo catálogo de vendas da Monachorum.

– Estás com um ar pálido – disse ele, sem levantar a cabeça.

– Estou bem – disse Rebecca, pegando no menu. Conhecia todos os pratos de cor mas esperava que concentrar-se nas opções lhe acalmasse o coração acelerado. Era a primeira vez que via o pai desde a ida a Berlim.

– Já pedi... não tens de te maçar com isso – disse Memling, indicando o menu com um aceno de cabeça. – O que achas deste Bourdin que vai a leilão para a semana?

Rebecca fechou o menu. Em tempos, encarara com bastante afeto a insistência do pai em pedir a comida por ela; naquele dia, parecia-lhe de loucos. Sentia-o a contar-lhe as calorias e o colesterol –

acharia mesmo que o controlo que detinha se estendia até ao corpo dela?

– Nunca gostei muito de Bourdin – respondeu.

– Como sabes, querida filha, um negociante deve deixar os sentimentos pessoais fora das transações.

Memling usou o tom de voz condescendente que a transportava de imediato para uma versão mais jovem de si mesma. A mulher de cinquenta anos sentada na banqueta estofada de veludo transformou-se numa criança trancada no quarto durante oito horas por não ter conseguido identificar um quadro de Fragonard. Rebecca levantou a mão para chamar a atenção da empregada. A mulher, de meia-idade e uniforme branco, apressou-se a ir à mesa.

– Posso mudar o meu prato principal para rosbife com batata assada? – perguntou Rebecca, sabendo que Memling lhe teria pedido uma simples solha grelhada.

– Com certeza, minha senhora – respondeu a empregada.

Rebecca agradeceu-lhe e virou-se para o pai.

– Os últimos três Bourdins que apareceram no mercado foram vendidos por menos do que as reservas. O melhor acabou por ser passado a um pequeno museu em Arles. O que vai ser vendido para a semana tem uma proveniência duvidosa e, na minha opinião, não vale nem uma fração da sua reserva. Temos dois clientes que poderiam estar interessados em comprar um Bourdin, mas um deles já tem um quadro de qualidade muitíssimo superior que lhe vendemos há três anos e o outro acabou de perder quarenta e cinco por cento da fortuna líquida num mau negócio no Azerbeijão. Por isso, o meu conselho é que evitemos este quadro.

Memling fitou-a, pensativo. Não podia criticar a opinião da filha, mas havia algo na forma de a expressar que o deixava pouco à vontade. Uma certa inconstância na voz, um tom entrecortado que ele não estava habituado a ouvir.

– Passa-se alguma coisa? – perguntou.

Rebecca hesitou. Queria levantar-se e gritar-lhe mil perguntas. (Como conseguia viver consigo mesmo? Que tipo de pessoa seria capaz de levar aquela vida dupla?)

– Por quanto acha que o Munch vai ser arrebatado na Monachorum? – optou por perguntar, mudando de assunto.

– Eu perguntei-te se se passa alguma coisa.

Memling inclinou-se para a frente e quase pousou a mão na dela mas deteve-se. Tinham-se passado anos desde que tocara noutra pessoa e provavelmente quatro décadas desde que demonstrara qualquer afeto físico à filha.

– Não se passa nada – disse Rebecca, num tom conciso.

– Há notícias do pequeno Watteau? – perguntou Memling.

Rebecca estava desejosa de falar com o pai acerca de Berlim, de Annie e do caderno de Marty.

Queria fazer-lhe perguntas e ouvir respostas plausíveis mas, por ora, os segredos eram as únicas armas de que dispunha. Tinha de saber mais antes de revelar o que quer que fosse.

– Nada de nada.

– Precisamos de começar a alertar os nossos contactos – disse ele.

– Pensava que queria manter isto em segredo...

– A discrição não está a levar-nos a lado nenhum; não conseguiste desenterrar informações úteis.

– Então agora o seu erro é culpa minha? – ripostou Rebecca.

A empregada levou-lhes a comida. Ela olhou para o prato de carne ensanguentada e sentiu-se ligeiramente enjoada. Nunca comia carne vermelha mas, naquele dia, teria de se obrigar a engolir

aquilo.

– Talvez fosse melhor contar-me por que razão este quadro tem uma importância particular? –

sugeriu, tentando impedir a voz de tremer.

(Que mentiras vais engendrar agora?, pensou.)

– Pertenceu à minha família; é a única ligação que lhes tenho.

(Pertenceu a uma família a quem roubaste, cujas memórias violaste, de cuja confiança abusaste.)

– Então porque não o manteve a seu lado? – perguntou.

Memling ficou imóvel a olhar para a filha.

– Há uma coisa que nunca te contei – começou ele.

Rebecca afastou o prato. De repente, não aguentava sequer olhar para o bife. Nem tinha a certeza de querer ouvir a confissão do pai. Se ele lhe contasse tudo, teria de agir em conformidade? Se ele confirmasse a sua terrível descoberta, isso forçá-la-ia a partilhar o seu conhecimento com um público maior?

– Isto vai perturbar-te – disse Memling.

– Então não me conte – replicou Rebecca.

Memling continuou:

– Houve uma mulher.

– Uma mulher?

Rebecca estava confusa. (O que é que isso tem que ver com a história?)

– Chamava-se Marianna e era casada com o meu amigo Lionel.

– Marianna Larikson?

Rebecca recordava-se nitidamente dos amigos dos pais. Ela e o marido participavam com frequência nas férias da família e eram presença assídua nas ocasiões familiares mais importantes.

Rebecca tentou lembrar-se da aparência dela – alta, de cabelo louro-platinado e olhos castanhos, sempre impecavelmente vestida, com sapatos a condizer com a carteira, echarpe a condizer com o lenço. Ao pensar em Marianna, lembrou-se da mãe a dizer, num tom zangado: «Lá vem Sua Alteza Real, a Rainha do *Pendant*.» Pensando bem, a sua mãe nunca fazia comentários mesquinhos e aquele fora totalmente inusitado.

Rebecca olhou para o pai e, para seu espanto, viu-lhe os olhos cheios de lágrimas. Ela nunca o vira chorar – nem sequer quando Marty morrera.

– Eu amava-a – disse ele.

– Há anos que ela morreu... de que está a falar?

– Fomos amantes... amávamo-nos, mas não queríamos magoar a tua mãe, o Lionel ou os nossos filhos, pelo que guardámos segredo. Eu dei-lhe o Watteau como símbolo do meu amor... e quando ela morreu, os filhos dela venderam-no. Tenho de o recuperar. Tenho mesmo.

Memling bateu na mesa com tanta força que outros comensais se viraram para olhar para ele com uma mistura de preocupação e irritação.

Rebecca, estupefacta, olhava para o pai e tentava adicionar aquela nova informação ao naufrágio de emoções em que já flutuava.

(O que estás a tentar dizer-me? Se isso é verdade, porque haverias de oferecer algo tão sujo a alguém que amavas? Isso é uma cortina de fumo, uma forma de esconderes a verdade?)

– Provavelmente estás a pensar: Porquê esse quadro? Porque não qualquer outra coisa da nossa coleção? Porque não rubis, ou diamantes, ou pérolas? Porque não casas, dinheiro ou ilhas? Todas as

coisas que eu poderia ter-lhe comprado. Mas quando vires o quadro, Rebecca, vais compreender.

Mais do que qualquer outra obra com que te tenhas deparado, este quadro capta o que quer dizer amar. Não sei se alguma vez sentiste isso... se sabes o que é ter o coração virado do avesso por uma paixão pura e desenfreada... mas era isso que eu sentia pela Marianna. Ela era a minha razão de viver. Com ela, eu era outra pessoa, alguém melhor, não a criatura repreensível que me considerava.

Esforçando-se por controlar as emoções, Rebecca observou o pai a partir o pão sobre o prato em pedacinhos minúsculos, com as lágrimas a descerem-lhe pelas faces.

(Isso é uma admissão de culpa? Estás prestes a contar-me toda a história hedionda? A minha mãe sabia?)

Sem dar voz a qualquer dos seus sentimentos, continuou a observá-lo em silêncio.

– Está tudo bem? – perguntou a empregada, olhando para a comida intocada.

Rebecca assentiu com a cabeça.

– Querem que leve os pratos?

Rebecca tornou a assentir com a cabeça.

Pai e filha continuaram sentados em silêncio, a fitar o centro da mesa. Tirando um lenço branco e simples do bolso, Memling limpou o rosto.

– Encontra esse quadro, Rebecca – disse ele por fim. – Faz isso por mim.

– Oh, hei de encontrá-lo – respondeu ela. – Nem que seja a última coisa que faça. – Levantou-se, dobrou cuidadosamente o guardanapo e pousou-o na mesa. – Adeus, pai.

Memling não olhou para cima.

Rebecca saiu do restaurante. Para um observador incauto, tratava-se de uma mulher de meia-idade esguia, elegante, cheia de confiança em si mesma, com

um corte de cabelo severo e a usar roupas simples mas dispendiosas. Com uma postura ereta e o olhar fixo na porta, esforçou-se por preservar essa impressão. Ao chegar à rua, correu para o carro e, depois de entrar, ao abrigo dos vidros fumados, agarrou o volante com as duas mãos e gritou contra o seu reflexo no espelho retrovisor.

Capítulo 23

Oconde Beachendon esperava havia onze anos para visitar o estúdio de Ergon Janáček, o misantrópico pintor checo cuja obra fora a primeira a ultrapassar a barreira do milhão de libras nos anos 1970 e exceder o recorde de 10 milhões na década seguinte. Janáček vivia e trabalhava em Crouch End, numa cocheira jorgiana, e tinha sete modelos, um para cada dia da semana, que pintava sempre à mesma hora. O modelo mais antigo posava para ele havia quase cinquenta anos e o mais recente havia mais de dezassete. De todos se esperava que posassem durante períodos que podiam chegar às quatro horas, sentados numa cadeira de pau sob a grande claraboia voltada para norte.

Janáček nunca falava com eles; estava demasiado absorto a pintar. Atacando a tela com as mãos, com grandes pincéis de pelo de texugo, atirando, salpicando, manchando e deixando cair tinta, Janáček resmungava e gritava de frustração enquanto se debatia com os seus demónios criativos. Cada retrato requeria pelo menos sete anos para ficar completo; um deles tomara-lhe dezassete. No final de cada sessão, com um *impasto* espesso de tinta de óleo pastosa que fora deitada sobre a tela, Janáček atirava tudo ao chão. Restavam apenas indícios mínimos dos esforços do dia. Então o artista voltava a tela para a parede, abria a porta do estúdio e esperava em silêncio que o modelo saísse.

Este processo repetia-se todas as semanas, ano após ano, até ao dia em que Janáček compreendia que a obra estava completa. Só uns poucos iluminados conseguiam discernir uma figura sob o *impasto* carregado, a massa rodopiante de tinta e cor. Quando lhes perguntavam porque se predispunham a um compromisso tão longo e exaustivo, os modelos pareciam ficar perplexos, como se ter um motivo fosse irrelevante. A maioria acompanhava Janáček bem antes de este se ter tornado uma figura de renome mundial; tinham começado quando a cadeira de pau era um velho caixote de laranjas e não havia dinheiro sequer para um pequeno termoventilador. Esses pequenos luxos chegariam mais tarde. Os modelos nunca eram remunerados, embora a todos tivesse dado jeito ter algum dinheiro extra. Ocasionalmente, recebiam presentes ou quadros. Caso se

insistisse mais, um ou outro admitiam que lhes dava prazer estar envolvido no processo criativo, mesmo que vicariamente.

Um ou dois diziam que as horas passadas a posar representavam um interlúdio meditativo privado e glorioso numas vidas rotineiras e enfadonhas. Relatos do seu mundo insular e intimista, do seu devotado bando de modelos, fascinavam tanto críticos como colecionadores.

A pequena cocheira de Janáček encontrava-se escondida numa ruela secundária, numa zona insalubre da cidade, delimitada pela linha do comboio, uma avenida buliçosa e uma antiga fábrica de tijolos. Para além de uma ou outra erva daninha, a passagem de betão estava limpa e despojada de caixotes do lixo ou outros detritos. O barulho de um casal a gritar, de música *dub* bem alta e do escape de um carro a disparar sugeria um certo tipo de vizinhança. Beachendon cheirou o ar enquanto descia pela ruela até ao estúdio de Janáček. Quanto mais se aproximava, mais pungente se tornava o cheiro a tinta a óleo. Quando chegou à porta, o fedor a terebintina e a tinta era tão forte que o conde teve vontade de tapar o nariz com um lenço de seda. Bateu à porta com força e, pouco depois,

Janáček abriu-lha. Estava em tronco nu, com uns calções esfarrapados, e, fazendo um gesto teatral com uma mão manchada de tinta, desviou-se para o lado para que Beachendon pudesse entrar. Este, depois de uma inspiração de ar londrino, atravessou o patamar e entrou no estúdio. Os últimos belos sapatos de pele *Lobb* que lhe restavam começaram a colar-se ligeiramente ao chão e, olhando para baixo, o conde viu que todo o pavimento estava coberto de camadas de tinta velha – na verdade, era difícil encontrar alguma parte daquele espaço que não estivesse salpicado ou manchado de alguma cor. O estúdio media uns seis metros por sete e todas as paredes tinham telas voltadas para a parede.

Beachendon contou pelo menos trinta e ficou com a cabeça às voltas enquanto traduzia o valor coletivo do acervo. Todos os seus problemas se resolveriam com apenas dez daquelas obras.

Imaginou a venda: «O Grande Leilão de Janáček».

– Aceita um chá? – perguntou-lhe o pintor. Tinha uma voz rouca e, embora vivesse em Inglaterra havia quase sessenta anos, conservava um carregado sotaque do Centro da Europa.

– Isso seria muito agradável – respondeu Beachendon, enquanto se perguntava

se o borrão de tinta de um amarelo-vivo que lhe manchara a biqueira do sapato direito reagiria a uma pequena passagem com terebintina.

Janáček foi até uma pequena *kitchenette* e encheu a chaleira com água da torneira.

– Há uma chávena aí algures – disse ele, a olhar em redor.

Beachendon sentia-se tonto, e não pouco – possivelmente um efeito da tinta, mas mais provável era que isso se devesse à perspetiva de poder finalmente resolver os seus problemas financeiros e salvar a leiloeira da bancarrota.

– Onde vive? – perguntou a Janáček.

– Aqui, claro! Não quereria desperdiçar tempo em deslocações pela cidade.

Beachendon olhou em volta, à procura de uma porta.

– Tem um apartamento ou uma casa aqui ao lado?

– Isto é tudo aquilo de que preciso. O meu reino!

Janáček agitou os braços, para abarcar aquele espaço.

– E a sua cama?

A cabeça de Beachendon começava a andar ligeiramente à roda.

– Aí ao canto.

Olhando para lá, Beachendon viu um monte de trapos a cobrir um catre.

– Então, em que posso ser-lhe útil? – perguntou Janáček num tom cordial.

– Eu é que esperava poder ser-lhe útil – respondeu Beachendon. – Como provavelmente saberá, trabalho para a Monachorum, a leiloeira.

Janáček esboçou um sorriso vago.

– Orgulhamo-nos de trabalhar de perto com os artistas, de lhes restaurarmos a independência financeira, libertando-os dos grilhões impostos por negociantes

de arte sem escrúpulos para que atinjam uma absoluta independência financeira. – O conde ficou bastante satisfeito com a frase que formara e desejou ter um caderno onde pudesse registar aquelas belas palavras. – Decerto recordará a primeira venda de Hirst?

Janáček abanou a cabeça.

– Damien Hirst?

Janáček tornou a abanar a cabeça.

– Desculpe, é que não saio muito.

– O artista Damien Hirst?

Beachendon pensou que Janáček talvez estivesse a brincar. O mundo inteiro já teria ouvido falar de Damien Hirst, o David Beckham das artes.

– Lamento, mas não. Os meus gostos ficam-se por Rembrandt e reservo o verdadeiro amor a Ticiano. Continham todas as referências de que eu precisava e não me dei ao trabalho de procurar outras.

– Então e Cézanne ou Corot, Corbet ou Manet? – perguntou o conde.

– Estudámo-los na escola de belas-artes e eram bons... sim, muito bons. Mas o meu interesse esmorece a partir de 1669.

– Van Gogh?

– Não, como lhe disse, é com Rembrant que para.

– Vendi bastantes Rembrandts ao longo da minha carreira – disse Beachendon, num tom apagado.

Janáček olhou para o relógio na parede.

– Meu senhor, não quero parecer descortês, mas espero um modelo daqui a meia hora e preciso de fazer alguns preparativos. Poderá fazer o favor de me dizer o que o trouxe cá?

– Gostaria de criar um leilão espetacular em torno de alguns dos seus quadros –

revelou Beachendon, olhando para os versos das telas encostadas às paredes. – Talvez pudéssemos escolher dez em conjunto?

– Porque haveria eu de querer fazer isso? – perguntou Janáček num tom bastante intrigado.

– Para ganhar dinheiro! Não teria de pagar uma comissão ao seu negociante; receberia sessenta por cento de todos os proveitos. Isso representaria um acréscimo de milhões por cada tela, comparado com o que obtém agora.

Janáček fitou o leiloeiro com um ar amável.

– E o que faria eu com esse dinheiro acrescido?

Beachendon olhou em redor, observou o caos, a torneira a pingar, as manchas de humidade, as camadas de tinta, o fogão da década de 1950, o catre, a chaleira velha, a cadeira torta e as roupas esfarrapadas penduradas em pregos.

– Sabe, Mr. Beachendon, eu tenho aqui realmente tudo aquilo de que preciso. Sou muito feliz no meu espaço com as minhas coisas. Ter posses é uma distração. Se pudesse oferecer-me um acréscimo de milhões de horas, eu atirar-me-ia de cabeça perante a possibilidade de um leilão. Se um dos meus quadros me comprasse mais um ano de trabalho, eu aceitaria a sua proposta neste preciso instante.

– Será que posso perguntar-lhe o que acontece ao dinheiro que o senhor ganha agora?

– Tiro aquilo de que preciso uma vez por ano e o resto vai para uma conta. Quando eu morrer, servirá para ajudar a National Gallery a manter-se aberta sem cobrar entrada. Se eu tivesse tido de pagar para visitar os meus adorados Ticianos, nunca teria sido capaz de pintar.

– Mas quanto mais dinheiro fizer enquanto for vivo, mais terá para deixar. – Era a última tentativa de Beachendon, a única carta que tinha para jogar.

– Esse é um argumento ilusório, baseado em demasiadas probabilidades. O seu leilão poderia conseguir dinheiro, mas também inflamaria a curiosidade. Tal como as coisas estão, já tenho demasiada gente a querer visitar-me, a obrigar-me a desperdiçar tempo com cartas e pedidos. Na semana passada, bateram-me à

porta dois japoneses, estudantes de arte... nunca hei de perceber como me encontraram. Com o seu leilão acontecerá uma investida publicitária, resmas de artigos jornalísticos, discussões e debates. Janáček, vale a pena? Janáček, quem é ele? Porquê Janáček?

Mesmo que eu nunca oiça ou leia essas coisas, o interesse lascivo vai invadir-me a vida, vai-se incrustar de alguma maneira desagradável e imprevisível. O homem do quiosque vai somar dois mais dois. A senhora da mercearia é capaz de se aperceber que o Janáček dos jornais e o Janáček que vai à loja é o mesmo. Os meus modelos que, na maior parte, conseguem distinguir o ato de posar do processo de vender, poderiam começar a pensar em todo o processo em termos monetários. Por isso, já vê, caro senhor, esse leilão não é para mim.

– E se houvesse um incêndio e isto tudo fosse destruído? – perguntou Beachendon, a olhar para as telas alinhadas à volta do estúdio.

– Para mim, a arte é o processo e a execução. Se isto arder, só me resta rezar para que eu arda também. – Janáček uniu as mãos e caminhou com passos decididos na direção da porta. Girou a maçaneta e abriu-a. – Adeus, Mr. Beachendon. Espero que encontre um artista que possa promover.

Nada tenho contra aqueles que desejam obter dinheiro, sabe.

Beachendon atravessou o espaço a chapinhar. O seu último par de *Lobbs* estava coberto por uma multitude de cores diferentes e ele viu que tinha um pequeno laivo de vermelho na perna esquerda das calças.

Antes de sair, deteve-se.

– Porque acedeu a receber-me, Mr. Janáček?

– Ao ler a sua carta, fiquei muito intrigado com a sua caligrafia, por causa da maneira como forma a letra S. Em tempos tive um amigo que fazia os «S» inclinados para trás e queria ver se havia alguma semelhança entre ele e o senhor.

– E havia? – perguntou Beachendon, saindo para a ruela estreita.

– Não, nenhuma – replicou Janáček, antes de fechar firmemente a porta na cara do leiloeiro.

Dois miúdos avançavam na sua direção. Noutros tempos, pensou, ter-se-iam afastado para o deixar passar mas, naquele dia, continuaram em frente e teve de ser o conde a desviar-se para a direita.

Bloquear-lhes a passagem equivalia a prestar-se a ridículo ou até a uma facada nas costas. Pensou em Janáček e na sua forma ascética de viver. Talvez ele e a condessa pudessem adaptar-se a uma vida mais simples, abrir mão do talhante elegante, das férias na neve, das *villas* da Toscana. Talvez pudessem arranjar um apartamento de duas assoalhadas e pôr as filhas em escolas públicas. O

problema era que, ao contrário de Janáček, ele não tinha qualquer género de paixão, qualquer desejo de fazer algo mais do que superar mais um dia. A única coisa de que realmente gostava era de cair num sono profundo. Era tudo o que queria. Acordar, tomar o pequeno-almoço, concluir um negócio, almoçar, até ver amigos: tudo isso requeria esforço.

Ao chegar ao carro, viu que alguém lhe tinha riscado o lado esquerdo, deixando uma cicatriz feia, branca e irregular na impecável tinta azul. Olhou para trás para os dois rapazes: um deles virou-se e mostrou-lhe o dedo do meio. Por um momento, Beachendon sentiu-se tentado a correr atrás deles, apanhá-los e bater-lhes com as cabeças no pavimento até que os miolos se espalhassem como salsichas ensanguentadas pelo chão. Em vez disso, destrancou o carro, entrou para o lugar do condutor e regressou ao escritório.

Capítulo 24

Estou de volta ao saco de plástico – desta vez é de uma loja chamada Peter Jones e por sorte este Peter (seja lá quem for) cheira sobretudo a lã e papel, ao contrário do seu amigo Waitrose, que fedia a carne e batatas. A minha proprietária foi buscar-me à galeria há três dias. Fiquei extremamente desalentado por ter de dizer *au revoir* aos meus velhos amigos. Os outros quadros, numa expressão uníssona e conjunta da tristeza que sentiam e do reconhecimento da minha importância, vibraram as suas superfícies enquanto eu saía do edifício. Ouvi a vibração, apesar do barulho do trânsito de Trafalgar Square, dos travões a chiar, dos escapes a bufar, dos pés a bater no pavimento, das asas de pombos a esvoaçar, de água a correr nas fontes. Uma coleção de quadros vale pela soma das suas partes: a minha partida fez mossa na magnificência da coleção nacional.

Por sorte, a conservadora tinha-me envolvido cuidadosamente em muitas camadas de papel e de um material esponjoso. Ainda lhe vi as sobrancelhas a arquearem-se cerca de um centímetro ou dois quando Annie me guardou num saco de plástico. Teria desmaiado se me visse no cesto da bicicleta.

Heureusement, não estava a chover. Lá fui levado aos solavancos pelas ruas a uma velocidade improvável, tirado do cesto, transportado para o trabalho dela e deixado no saco em cima da secretária da cozinha. Se tivesse a capacidade de me autoimolar, teria explodido ali mesmo. Que raiva. Não dá para imaginar a raiva.

Ia a segunda noite da minha encarceração plástica avançada quando algo bastante interessante ocorreu. Muito depois de Annie ter partido, uma mulher desceu e começou a remexer nas gavetas e a entrar nas contas do computador da minha proprietária. O telemóvel tocou e ela começou a falar de um quadro. Escusado será dizer, a conversa afinal era sobre *moi.* É de perder a cabeça, pensar que eu estava a escassos metros dela. O telefonema começou num tom amável, com conversa de circunstância que não lhe fluía com facilidade, percorrendo as perguntas sem qualquer intenção de escutar as respostas. Como está, como vai a família, então e o negócio, e depois a importante: «Estou a tentar localizar um pequeno quadro francês do século xviii, que mede cerca de 45 centímetros por 60. A composição mostra uma mulher a ser observada por um homem e um palhaço numa clareira. É

muito importante encontrá-lo. Porquê? É para um cliente que está disposto a pagar bom dinheiro por ele. Não me pergunte porque tem tanta importância para ele... já sabe como são estes colecionadores.

Quanto é que pagará? Quanto é daqui à lua? Oh, sim, e consta-me que os seus honorários da Winkleman estão quase a ser avaliados. Espero que possamos renová-los.»

A minha vontade era desatar aos gritos e aos berros para revelar o meu paradeiro. Ali, por fim, estava alguém que compreendia o meu verdadeiro valor. Eu sei o que é ser querido, ser procurado e ser adorado; no entanto, havia uma certa crispação na sua voz que começou a preocupar-me, e ocorreu-me que aquela ânsia pelo meu regresso talvez não se coadunasse com os meus interesses.

Horas depois, fez-se luz. De alguma forma, a mulher estava relacionada com

aqueles tempos. As horas mais sombrias da minha longa vida.

Por isso, permita-me que explique como tudo aconteceu.

*

Depois de Frederico, o *Grande*, fui vendido ao filho do papa Pio VI. De todos os meus proprietários, o papa e a família contaram-se entre os mais avaros e venais. Eu abominava-os. O

filho era um galdério, o pai uma criatura fraca e solipsista que, tal como muitos outros, tentava usar as artes para encobrir a sua vida fútil e imoral, como se a beleza oferecesse alguma espécie de absolvição. Foi o primeiro a instalar um museu no Vaticano e, ironicamente, foi essa iniciativa que inspirou o meu proprietário seguinte.

A arte segue o poder. Tal como os soldados penduram medalhas nas fardas, os ricos penduram quadros nas paredes. Napoleão Bonaparte foi o maior saqueador da história do mundo. Não foi nem o primeiro, nem o último, mas foi sem dúvida o mais sistemático e determinado. Hitler só sonhou com um museu em Linz; Napolão tinha planos para vinte e dois. Hitler tinha Göring como conselheiro; Napoleão tinha um homem chamado Dominique Vivant Denon e, juntos, organizaram roubos a todos os palácios da Europa para assegurar que os seus abrigariam o maior tesouro do mundo. Assim, no outono de 1796, dei por mim preso ao lombo de uma mula, a atravessar os Alpes na companhia da *Transfiguração* de Rafael. Pus seriamente em questão as minhas esperanças de sobrevivência. Fizemos parte do grande êxodo artístico enquanto Napoleão deitava a mão a todas as grandes obras de Ferrara, Ravenna, Rimini, Pesaro, Ancona, Loretto e Perugia; eu segui no comboio de oitenta e seis carroças que partiu de Bolonha. Foi bastante divertido, na realidade, estar com tantos grandes quadros e partilhar histórias do que tínhamos testemunhado. Foi a primeira vez que conheci o *Retábulo de Ghent*, o *Apolo de Belvedere* e os cavalos de bronze de São Marcos (também esses despojos de uma guerra anterior).

Lembro-me de chegar a Paris, como parte de uma imensa procissão numa carruagem aberta puxada por seis cavalos. Para aumentar o espetáculo, havia ainda camelos e uma jaula de leões. Cada caixote tinha uma faixa a listar o conteúdo; eu encontrava-me com dois Correggios, nove quadros de Rafael, os Ursos de Berna, uma coleção de pedras minerais e várias relíquias religiosas.

Sabe, a beleza sempre inspirou a brutalidade e o desejo de possuir, o saque sempre foi uma faceta da guerra e a arte e o poder são companheiros constantes. Antes de Göring, Hitler, de Napoleão e Denon, os Romanos fizeram Lívio tomar nota dos espólios. Os túmulos dos faraós foram saqueados bem antes da invasão de Alexandre, o *Grande*, em 332 a.C. O Antigo Testamento tem muitas referências a saques e pilhagens. No livros das Crónicas, o rei Shishaq, do Egito, atacou Jerusalém e levou os tesouros do templo do senhor, dos palácios reais e tudo, incluindo escudos de ouro que Salomão fizera.

Não pretendo dar-lhe uma lição de história, caro leitor, só quero que compreenda o poder da arte, as profundidades e alturas que inspira.

Sigamos com a minha história. Napoleão poderia ter escolhido quaisquer coisas maravilhosas para dar à sua imperatriz Josefina. Havia tapeçarias, joias, estátuas, quadros e todas as outras coisas que já mencionei; mas ele escolheu-me a mim. Com apenas quarenta e cinco centímetros por sessenta, mas mais poderoso do que as grandes telas do Renascimento, mais valioso para quem me possuía do que braçadas de pedras preciosas. (Se depois tiver tempo, contar-lhe-ei os segredos do leito conjugal do imperador. Deixe-me só dizer que havia um animal naquela relação e não era o pequeno comandante.)

Josephine era uma amante infatigável; era capaz de passar dia e noite a fazer amor e de levar os amantes a executar proezas heroicas. Napoleão era um líder portentoso no campo de batalha, mas ela fazia-o sentir-se melhor do que um conquistador. Todos sabemos, porém, que a semente dele não germinava nela. Ele divorciou-se de Josefina para casar com um útero. Os choros da minha proprietária ecoaram durante meses, levados pelo vento do seu *château* em Malmaison até aos aposentos de Napoleão, em Paris. Outrora a materialização em tinta de uma grande paixão, tornei-me a reificação de um coração destroçado. Na tarde de 11 de janeiro de 1810, ela atirou-me para a lareira. Por sorte, a aia salvou-me e, escondendo-me debaixo das anáguas espaçosas, levou-me do *château* até aos salões de um negociante conhecido.

O meu proprietário seguinte foi um rei britânico. Jorge IV era um absoluto biltre. Um bufão desnaturado, glutão, egocêntrico. Durante vinte anos, testemunhei um incessante bacanal intervalado por dias de lamentos prostrados enquanto ele tentava recuperar dos excessos autoinfligidos. O

homem mandava abaixo barris de vinho, porto, *whisky* e champanhe e só parava

para se encher de carne e batatas. Pesava mais de centro e trinta quilos e padecia de gota, aterosclerose, hidropisia e várias doenças venéreas. Vi-o sofrer uma morte horrível, lenta e convulsiva e deixei escapar um pequeno suspiro de alívio quando o seu corpo exalou o último fôlego pouco depois das três da manhã de 26 de junho de 1830.

Fui vendido (mais umas quatro aventuras por toda a Europa), mas acabei por ser oferecido por Alberto à sua amada e jovem princesa Vitória, que em breve seria coroada rainha de Inglaterra.

Infeliz e ignominiosamente, fui consignado a uma saleta do Palácio de Buckingham. Abominei Londres (como já sabe) – o *smog*, o barulho, a monotonia pardacenta. Sem dúvida continuaria naquela saleta irrespirável se não tivesse chamado a atenção de um jovem soldado raso que queria dar um presente ao seu verdadeiro amor antes de partir para a frente de guerra, em 1914. Ele chamava-se Thomas; ela, Ethel. Ele trabalhava no palácio e ela no Ritz. Talvez o soldado soubesse que tinha os dias contados e que nunca seria julgado por um roubo tão audaz, mas o que é certo é que, na tarde antes da partida para França, arrancou-me à parede, escondeu-me debaixo do casaco e marchou pelo parque até Piccadilly. Duas semanas depois, a 24 de setembro de 1914, morreu, apenas mais um corpo na lama e no lodo. Ethel chorou durante três semanas, mas encontrou consolo nos braços de um porteiro. Depois da guerra, fui vendido por duas libras e seis *pence.* Ninguém se interessava muito pela beleza nesses tempos.

Vou avançar até à venda em 1929, em Berlim. Outro momento baixo: arrematado por um advogado judeu pobretanas, como presente de noivado para a sua amada. Foram os meus primeiros semitas e talvez tenham sido os meus maiores admiradores. Eu ficava bastante esquisito pendurado por cima da lareira no pequeno apartamento castanho e pardacento que eles ocupavam em Berlim mas, como Esther Winkleman costumava dizer, «Aquele quadro é uma janela para um mundo melhor e mais puro».

Esse desejado mundo melhor e mais puro nunca se concretizou. Dez anos depois, rebentava uma nova guerra e as coisas foram-se tornando cada vez mais difíceis para os Winkleman, que perderam os empregos e se viram obrigados a usar estrelas amarelas cosidas às roupas. Apesar de o apartamento ser mínimo, a mãe dele e o pai dela foram morar com eles. Não tinham dinheiro para lenha e, a pouco e pouco, a mobília foi sendo queimada para manter a família quente no

inverno terrivelmente frio de 1940 e 1941.

Lembro-me claramente do rapaz; tinha uns olhos do azul mais claro que se imagine e uma melena

de cabelo louro. Não era filho de Esther e Ezra, mas passava muito tempo no apartamento deles.

Depois do deflagrar da guerra, passou a usar um uniforme preto; durante algum tempo visitava-os, com comida e até algum *brandy*.

No início de 1942, falando à parte com Ezra, o homem de olhos claros apresentou-lhe uma proposta para me comprar.

– Consigo arranjar-lhe um milhão de marcos por aquele quadro – disse ele. – E bilhetes para que o senhor e toda a sua família deixem este país.

– Porque haveria eu de querer fazer isso? – perguntou Ezra, genuinamente perplexo. – Este é o meu lar e eu tenho de esperar aqui para o caso de outros parentes meus precisarem de um sítio onde ficar.

O camisa negra implorou e tentou persuadi-lo. Ezra e Esther não capitularam.

A noite de 27 de fevereiro de 1943 é uma daquelas que nunca esquecerei; uma formação de camisas negras foi buscar os Winkleman.

– Deixem-nos só levar algumas coisas, por favor – pediu Esther, lançando-me um olhar de relance.

Arrastaram-na pelos cabelos para fora da sala e escadas abaixo. Ela não gritou; não queria assustar os filhos.

O homem dos olhos claros voltou uns dias depois. Entrou a toda a brida no apartamento e, encontrando-o deserto, sentou-se no chão e chorou; sabia o que tinha acontecido. Depois levantou-se, tirou-me do lintel da lareira e escondeu-me debaixo do pesado casaco preto. Fui vendido por um milhão de marcos ao seu líder. Herr Hitler só me viu uma vez; segurou-me e fitou as minhas profundezas durante quase uma hora. Depois, chamou o jovem soldado e disse-lhe que me escondesse nalgum sítio secreto, longe do olhar ganancioso de Göring, até que a guerra fosse vencida.

– Guarde-o com a sua vida – instruiu.

Capítulo 25

Annie lembrou-se de fazer aquele jantar para agradecer a Agatha e também para praticar para a festa de aniversário de Delores. Convidou Jesse, esperando que ele o interpretasse como um gesto de pura amizade. Dali a três dias, na véspera da festa propriamente dita, iria ao mercado de carne de Smithfield e em seguida ao de New Covent Garden. Compraria dezoito frangos, dez faisões, galinhas, fígados de frango, dez quilos de cebolas, de cenouras e de batatas, bem como braçadas de ervas aromáticas e alface. Na madrugada do jantar, 1 de abril, estaria no mercado de peixe de Billingsgate pelas 2 da manhã, para se abastecer de ostras, solha, caranguejo e lagosta. O caviar e o *foie gras* tinham sido encomendados a outro fornecedor.

Para o ensaio, Annie só poderia dar-se ao luxo de preparar certos pratos e, em vez de champanhe, beberiam *prosecco.* No jantar de Delores, os convivas fruiriam de vinte pratos, começando por uma omeleta de espargos e terminando com uma tarte. Naquela noite, seriam apenas cinco. Para o jantar de Delores, Annie alugaria uma pequena carrinha para se movimentar entre os diferentes destinos; para o ensaio, apanhou um autocarro e depois um comboio até Vauxhall e caminhou por avenidas e ruas secundárias até chegar ao mercado de New Covent Garden.

Enquanto avançava pelas fileiras de espargos, beringelas, couves, entre verdes carregados e vermelhos como rubi, entre legumes duros e carnudos, variedades estrangeiras que não conseguia identificar e outras hortícolas bem comuns, Annie sentiu um arroubo de felicidade. Cada espécie de legume e verdura sugeria uma história, uma possibilidade deliciosa e uma receita à espera de ser descoberta. Ao olhar para uma bandeja com marmelos, Annie viu-os assados, guisados ou ralados, imaginou-os com peras, cabrito ou queijo. Olhando para a direita, reparou numa pirâmide de funcho

– talvez pudesse misturar uns quantos bolbos na sopa de cenoura ou criar um acompanhamento com um molho perfumado com anchovas, ou limitar-se a salteá-lo ligeiramente para que a sua fragrância delicada pairasse sobre um prato de frango alourado.

Tornou a pensar no seu quadro e perguntou-se se o artista olharia para pigmentos

e bases como ela para ingredientes: imaginando uma colisão de cores diferentes, a mescla de pigmentos e o efeito final geral. Tanto para o cozinheiro como para o pintor, criar sabores ou imagens a partir de um conjunto de ingredientes básicos era um forma de descobrir o mundo. Ela usava sal, pimenta, verduras, óleos, especiarias, ervas aromáticas e carne; ele usava lápis, branco de chumbo, carmim, terra verde, índigo, ocre, verdete e esmalte.

Sobre uma banca grande havia uma vasta abóboda de beringelas, todas redondas e fortemente marcadas em tons de vermelho-escuro e branco-leitoso.

– Não são lindas? Parecem joias – comentou Annie com uma mulher que também estava a olhar para elas.

– Mas quando as cozinhamos transformam-se numa papa cinzenta – respondeu ela.

Annie fitou-a com um ar estupefacto. Como era possível que alguém tivesse uma opinião tão

depreciativa de uma beringela?

Nessa noite, Jesse foi o primeiro a chegar, com um ramo de narcisos e esforçando-se por não parecer demasiado satisfeito ao vê-la. Falaram com algum acanhamento do que tinham feito e de temas da atualidade, e ambos se sentiram aliviados quando Agatha chegou e Evie regressou da sua reunião dos AA. Annie ofereceu *Bellinis* a Jesse e a Agatha e um ponche de fruta sem álcool à mãe, para acompanhar uns ovos de codorniz equilibrados em pequenos quadrados de salmão fumado e pão caseiro com um raminho de endro por cima. Ao início, todos se mostravam tímidos; ficaram em círculo no meio da sala, em volta de um pufe marroquino e a fazer conversa de circunstância a propósito do quadro que estava no lintel da lareira.

– Precisa de uma moldura melhor – disse Annie.

– Continua com um ar encantador – disse Evie. – Desde que o vi que percebi que era qualquer coisa especial.

– E o que se segue? – perguntou Agatha.

– Na verdade, não sei. – Annie encolheu os ombros e aproximou-se do quadro. –

Tenciono viver com ele e admirá-lo.

– Eu disse-lhe que o levasse à Christie’s ou a um sítio desses... fazem dias de avaliações – disse Evie, antes de se voltar para Agatha. – Trabalha na National Gallery, não é? Se calhar podia dar-lhe uma vista de olhos?

Agatha e Jesse entreolharam-se, apercebendo-se de que Annie não revelara à mãe as suspeitas que tinham.

– Tenho só de ir fazer um *velouté* – anunciou Annie, encaminhando-se para a zona da cozinha.

Jesse seguiu-a.

– Deixe-me ajudá-la.

Annie hesitou mas, com um sorriso agradecido, passou-lhe uma tigela e uma vara de arames.

– Pode bater esses ovos com um pouco de sal e pimenta enquanto eu escaldo os espargos?

Jesse partiu perfeitamente os ovos para a tigela com uma mão, rodou duas vezes o pimenteiro e acrescentou uma pitada generosa de sal antes de os bater com vigor. Depois de os transformar numa nuvem espumosa e dourada, perguntou qual era a tarefa a seguir.

– Pode colocar esse *gruyère* e as torradas por cima das tigelas de sopa de cebola? – pediu Annie, atenta à manteiga clarificada, para que fervilhasse sem se queimar.

– Tem salsa para eu cortar?

– No canto superior esquerdo do frigorífico, num saquinho de plástico.

Enquanto Annie peneirava a farinha e a adicionava, colher a colher, à manteiga, Jesse picou a salsa, transformando-a numa poeira fina e verde pronta para salpicar a sopa.

– Sabe cozinhar – comentou Annie num tom surpreendido.

– A minha mãe precisava de um ajudante de cozinha.

– Ela era cozinheira?

– A melhor que alguma vez conheci: é capaz de pegar nos ingredientes mais simples e desengraçados e transformá-los em algo delicioso.

– Os melhores cozinheiros são esses – concordou Annie, enquanto adicionava o resto da farinha à manteiga.

– Um *roux*? – perguntou Jesse.

– Sim, pode aquecer-me esse tacho pequeno de caldo?

Jesse ligou o bico do fogão e, inclinado sobre o tacho, cheirou-o:

– Legumes com cogumelos?

Annie sorriu.

– Muito bem... é para a solha. Luís XV gostava de comer o peixe afogado em natas com cogumelos, mas achei que esta seria uma versão ligeiramente mais saudável.

Annie tirou uma frigideira da prateleira suspensa e untou-a com um pouco de azeite. Pousou-a num bico aceso e esperou que fumegasse.

– Quer que continue a preparar o molho branco enquanto faz as omeletas?

Ela sorriu-lhe com gratidão.

– Imagino que não esteja livre a 1 de abril? Vou preparar um grande jantar para cinquenta pessoas, para o aniversário da Delores. Tenho empregados de mesa e lavadores de loiça, mas adoraria poder contar com alguém confiante na cozinha. É pago... umas cem libras pela noite.

Jesse debruçou-se sobre o molho, a mexê-lo rapidamente, pois não queria que Annie o visse a corar de prazer ou o sorriso que lhe rasgava o rosto.

Ela interpretou erradamente o silêncio dele.

– Peço imensa desculpa. Foi mesmo presunçoso da minha parte.

Jesse voltou-se para ela a sorrir.

– Estava só a tentar lembrar-me do que tinha para fazer na quinta. Na verdade, acho que estou disponível e adoraria poder ajudá-la. Se calhar seria melhor encontrarmo-nos um pouco antes para revermos os menus e os tempos? Talvez amanhã?

– Isso seria fantástico.

Annie voltou a sorrir, agradecida.

Olhando para as costas de Jesse enquanto ele mexia o molho, viu-o como se pela primeira vez.

Agradava-lhe que ele se movimentasse pela cozinha apertada com passos delicados de dançarino, movendo-se graciosamente no pequeno espaço entre o fogão e o frigorífico. Agradava-lhe a forma como ia mexendo, batendo e misturando os ingredientes com ritmo, a forma como os músculos do seu pulso e do seu braço direito se fletiam. Chegou a pensar distraidamente como seria ele na cama mas então, já um pouco corada, tornou a concentrar-se na omeleta.

– Passa-me os espargos? – pediu.

Com cuidado, Jesse passou-lhos. Quando os pousou na bancada, a mão roçou acidentalmente na dela e ambos sentiram um pequeno choque. Annie olhou para os dedos compridos dele, para as sardas que lhe salpicavam as costas das mãos. Tentou imaginar uma carícia dele. Seria delicada?

Jesse olhou para ela, para a penugem suave e clara que começava mesmo abaixo da orelha direita e descia pela parte de trás do pescoço comprido. Através da *T-shirt*, ele percebia uma omoplata e um braço direito elegante. Teria a pele suave, debaixo da *T-shirt*, estremeceria se ele lhe descesse a mão pelas costas? Gostaria que lhe beijassem a nuca?

Annie salgou a água a ferver e juntou os espargos. Ouvia a respiração de Jesse, superficial e ligeiramente irregular. Olhou de relance para cima e viu-lhe a boca e os lábios quase femininos, de um rosa pálido, os quais, entreabertos, revelavam uns dentes direitos e brancos. Como seria ter aquela boca na minha, no meu

pescoço?, perguntou-se enquanto os espargos fervilhavam na água.

Precisamente nesse momento, Jesse estava absorto na sua própria fantasia e, provando o molho

para ver se precisava de mais tempero, imaginava-se a passar a língua por entre os seios de Annie e a descer em direção às pernas.

Continuou a mexer o molho sem desviar o olhar da nuca de Annie. Ciente de que tinha a respiração irregular e superficial, inspirou profundamente duas vezes.

– Acho que já deve estar bom – disse Annie, sem se virar para ele.

– Distraí-me... acha que já está?

Jesse pegou na panela e mostrou-lha. Ela olhou para o molho claro batido e, depois de mergulhar um dedinho no líquido lustroso, lambeu-o lentamente e olhou para ele.

Jesse engoliu em seco, obrigando-se a continuar de pé, a não a puxar para os seus braços e beijá-

la.

– Está bom – disse Annie.

Virou-se de novo para os espargos e, espetando um com uma faca de trinchar afiada, decidiu que estavam perfeitos, *al dente.* Pegou na panela, aproximou-se do lava-loiça e coou-os. O vapor cobriu-lhe o rosto como um orvalho delicado. Que ideia era a sua, estava a seduzir aquele homem? Sabia que ele gostava dela – estaria a ser maldosa, ou algo mudara?

Forçou-se a concentrar-se de novo na tarefa em mãos e pôs uma pequena frigideira no fogão.

Misturou cebolinho, tomilho e salsa acabados de cortar e um pouco de natas nos ovos, a que deu uma última volta. Depois preparou a grande tigela de sopa de cebola com fatias finíssimas de baguete cobertas de *gruyère, mozzarela e* parmesão e levou-a ao forno por uns minutos.

– O jantar é servido daqui exatamente a cinco minutos! – avisou.

Jesse tirou quatro pratos do forno e pousou-os na mesa.

Despejando os ovos na frigideira a fumegar, Annie esperou até se formarem minúsculas bolhas douradas antes de dispor os espargos na mistura, criando ziguezagues verde-ácidos sobre a base de um amarelo carregado. A receita sugeria enrolar a omeleta, mas Annie decidiu deixá-la plana e, mesmo antes de a tirar, picou uma malagueta da cor de um rubi e espalhou diamantes minúsculos de picante pela superfície.

Durante o jantar, ficou satisfeita por Jesse ter ficado sentado do outro lado da mesa e não à sua frente, pelo que não era possível tocar-lhe ou sequer vê-lo de muito perto. Cortando a omeleta em quatro pedaços, Annie pôs cada fatia num prato. Fez-se silêncio enquanto cada um provava. O ovo cremoso, a malagueta picante e os espargos *al dente* estavam em perfeita harmonia. Annie achou que o prato seguinte não estava lá muito bem – que as cebolas da sopa eram um pouco doces de mais –

mas Jesse era da opinião de que faziam um bom contraste com o queijo derretido. O frango *jacquard* mereceu aplausos, devido à capa de losangos roxos e brancos. Embora Evie jurasse não ser capaz de comer nem mais uma garfada, devorou a sua solha Colbert em silêncio, sem querer desperdiçar o contraste que sentia na boca, de camadas suaves de solha rodeadas por uma crosta de pão ralado aromatizado com o molho. Agatha deixou escapar um pequeno gemido ao morder a camada exterior estaladiça do peixe e sentir a manteiga quente a derreter-se-lhe na boca.

– Isto é melhor do que... – Corou profundamente quando todos se riram com ela.

Mais tarde, depois de terem despachado uma tarte de fruta escalfada, passas, pinhões e limões confitados com uma cobertura de chantili açucarado, Annie e os convidados continuaram sentados à mesa, com o favorito de Luís, um chocolate quente, tão espesso que Evie comeu o seu à colher.

– Qualquer pessoa capaz de fazer com que a comida saiba assim tão bem devia viver amarrada a um fogão – decretou Agatha.

– Esse seria o meu sonho – admitiu Annie.

Depois, Annie ofereceu a sua cama a Evie, dizendo que não se importaria de dormir no sofá.

Secretamente, queria a mãe do outro lado da única porta do apartamento, para que ela e Jesse pudessem ficar a sós. Agatha saiu para apanhar o último metro da noite e Jesse ficou para ajudar a lavar a loiça. Depois de terem lavado o último prato, ele segurou o rosto de Annie entre as grandes mãos sardentas e deu-lhe um beijo na boca.

– Agora vou-me embora – disse-lhe. – Mas não de vez.

Agarrou no casaco e no lenço, saiu do estúdio e Annie ouviu-o a descer as escadas com grandes saltos.

Incapaz de dormir, sentou-se à mesa da cozinha e, encostando o rosto de lado na superfície de madeira lavada, fechou os olhos e concentrou-se na sensação do grão da madeira a fazer pressão contra a sua face esquerda.

Capítulo 26

Trichcombe Abufel olhou pela janela da cozinha e observou os jardins comuns. Tinha comprado aquele pequeno apartamento no sótão trinta anos antes e assistido à mudança da vizinhança, de uma área diversa e multicultural para um foco homogeneizado de abastados banqueiros brancos e respetivas famílias. Olhando para o jardim lá em baixo, via cinco louras praticamente idênticas, de calções pretos, que passavam fome para ostentarem um peso pré-pubescente, cada uma com tanto *botox* que os seus rostos faziam lembrar suaves estátuas de mármore, todas a fazerem exercício seguindo as instruções de um treinador negro grande e musculado. Era bastante agradável, pensou Trichcombe enquanto olhava para o homem de pele escura, ver um toque de cor. Trichcombe não queria mudar de casa mas, a menos que algo se alterasse na sua vida profissional, a penúria não tardaria a obrigá-lo a deixar aquele apartamento e ir para os subúrbios. Talvez tivesse de voltar para Gales – a ideia fê-lo estremecer.

Desviando a atenção da cena lá em baixo, Trichcombe regressou à sua secretária e ao «problema».

Desde que conhecera aquela jovem no Museu Britânico, quando vislumbrara aquele esboço, Trichcombe tinha a impressão que «o tal» fora encontrado. Tinha-lhe tomados muitos anos de trabalho meticuloso para estabelecer uma

linha de proveniência para a grande obra perdida de Watteau, *A Improbabilidade do Amor.* Servindo-se de uma combinação de materiais impressos, registos inéditos, o seu arquivo pessoal e dados armazenados em museus nacionais e estrangeiros, Trichcombe conseguira estabelecer uma linha de propriedade quase ininterrupta. Sabia que o quadro fora criado em 1703, em Paris, e que a retratada era, muito provavelmente, uma linda atriz, Charlotte Desmares, que usava o nome de palco Colette. A paixão pura que Watteau devotava a essa mulher encontrava-se registada em vários relatos contemporâneos e, durante um período de sete meses, o rosto dela aparecia praticamente em todos os esboços e em muitos outros quadros a óleo.

Depois de Watteau morrer trágica e prematuramente de tuberculose em 1721, o quadro fora deixado ao seu amigo Jean de Julienne e, desde então, o seu percurso era um dos mais fascinantes com que Trichcombe alguma vez se deparara. Haveria outro quadro que tivesse pertencido a tamanha cadeia de patronos ilustres e interessantes? Não obstante, Trichcombe não estava particularmente interessado na história antiga da obra ou sequer na própria obra. Era o período entre 1929 e a atualidade o que lhe ocupava a maior parte da atenção. Tinha descoberto que a pintura desaparecera da Coleção Real durante a Primeira Guerra Mundial (possivelmente teria sido roubada) mas tornara a aparecer numa sala de leilões em Berlim, em 1929, ano em que um homem chamado Ezra Winkleman a comprara por cinquenta marcos. Trichcombe não precisava de procurar no Google ou em qualquer lista de personalidades famosas: sabia que Ezra era o pai de Memling Winkleman.

Nos últimos dias, espalhara-se pelo mundo da arte o rumor de que os Winkleman teriam «perdido»

um pequeno Watteau; tinham telefonado a toda a gente a quem pagavam honorários e, embora Trichcombe talvez fosse o único perito cujos serviços a família já não requisitava, recebera várias

chamadas.

Recordou a mulher de cabelo acobreado e o esboço que ela tinha no Museu Britânico. Um sexto sentido apurado por anos a procurar e pensar acerca de obras de arte sugeria-lhe que o quadro estaria na posse dela. Pela reação que tivera, ele estava praticamente convicto de que ela não faria ideia de quão valiosa ou importante era aquela pintura; Trichcombe esperava poder elucidá-la

bem antes de qualquer outra pessoa.

Sentado à secretária, voltou a olhar para a fotocópia da gravura de *A Improbabilidade do Amor*. O

quadro era importante por muitos motivos: o tema, a justaposição de esperança e desespero, sintetizava as emoções do amor correspondido e não correspondido. A ligeireza dos traços, a velocidade, destreza e simplicidade aparente da sua conceção indicavam um novo estilo de pintura, encorajava gerações posteriores de pintores a libertarem-se, a soltarem-se e expressarem-se. E, claro está, aquela obra era ainda o pai, a mãe e o amante de todo o movimento rococó. Mas, acima de tudo, era também capaz de inspirar amor.

Trichcombe levantou-se e voltou a entrar na cozinha. Lá em baixo, as senhoras faziam alongamentos, com o treinador a deter-se brevemente junto a cada corpo para lhes puxar e empurrar os membros para formas cada vez mais estapafúrdias. Na verdade, Trichcombe não estava a observá-los; tentava reunir tudo o que sabia e as coisas que não era capaz de explicar em relação ao negócio dos Winkleman. Desta feita, a sua esperança era ter encontrado os meios necessários à vingança.

A erudição dera-lhe muitas lições mas talvez a mais importante tivesse sido a da paciência.

Aprendera a esperar que a informação se revelasse e a deixar que as pistas emergissem quando ele menos esperava. Aprender e descobrir não eram processos lineares, mas antes redes de matrizes loucas, camadas de factos dispersos e desconexos que se acumulavam ao longo dos anos até que, subitamente, coalesciam. As suas grandes descobertas – encontrar o retábulo de Cimabue numa sala de exposições em Pewsey, e a *Madona das Camélias* de Rafael num corredor esconso de uma escola só para rapazes – deveram-se em parte a uma coincidência feliz (estar lá) e, também, a conhecimento: os anos passados a olhar para outras obras, a estudar as pinceladas mínimas de cada artista e, acima de tudo, saber o que faltava e onde fora avistado pela última vez. Um erudito, pensava Trichcombe com frequência, era tal e qual como um detetive: e ele era um dos melhores.

Memling fora a primeira pessoa a distinguir o seu talento particular; reservara os seus serviços por um salário principesco. Era raro encontrar alguém que

combinasse conhecimento e uma paixão obstinada por pintura. Ao longo dos primeiros sete anos, a sua aparente ausência de vida pessoal, disposição para trabalhar a qualquer hora e viajar sem aviso prévio representavam uma enorme vantagem. Memling enviava o jovem para todo o mundo a fim de avaliar novas aquisições e esquadrinhar pequenos salões de exposições. Juntos, tinham-se tornado o Duveen e o Berenson da sua era.

Mas a obsessão obstinada de Trichcombe também tinha algumas desvantagens: a maior parte dos funcionários da Winkleman trabalhava para receber um salário e dava-se por contente por poder voltar para casa à noite, sem fazer caso de quaisquer inconsistências. Os seus empregos eram tão-só o meio que lhes sustentava a vida. Para Trichcombe, um homem sem dependentes ou passatempos, o trabalho era a vida e, tal como outros se orgulhavam dos companheiros ou dos filhos, ele dedicava-se aos quadros, a estudar-lhes a história, a proveniência.

Uma situação cada vez mais tensa entre empregado e empregador teve uma erupção final quando

Memling, de súbito, desenterrou uma obra perdida de Boucher. Memling recusava-se a dizer de onde tinha surgido. Para ele, tratava-se de uma transação simples e altamente lucrativa. Para Trichcombe, tornava-se imperativo estabelecer a história daquela pintura. Sem dormir durante sete noites seguidas, fundamentou o historial de propriedade do quadro que cessava repentinamente em 1943, em Berlim, com um membro de uma família posteriormente aniquilada em Auschwitz. Memling recusava-se a esclarecer como se deparara com a obra. Dois meses depois, surgiu um caso similar quando Memling regressou de uma viagem à Baviera com um Canaletto, um Barocci e um Klimt.

Mais uma vez, Memling ignorou as exigências de documentação que lhe fazia o funcionário. Nessa altura, poucos se interessavam pela moralidade inerente à restituição de obras roubadas durante a guerra. Vendedores e compradores davam-se por satisfeitos com vagas cadeias de propriedade.

Memling gostava de afirmar que os seus quadros vinham de «um nobre» ou «uma senhora aristocrata». Ninguém estranhava.

À medida que o tempo ia passando, o desconforto de Trichcombe aumentava. Como era possível que Memling continuasse a fazer aparecer grandes obras-

primas perdidas? A maioria tinha uma proveniência sólida e cadeias verificadas de propriedade, mas algumas tinham literalmente surgido do nada. Ele tinha noção da grande fluidez do mercado artístico depois da guerra; os preços mínimos quando ter arte se tornava insignificante quando comparado com a necessidade de recuperar vidas.

Todavia, com a riqueza e a estabilidade a aumentarem durante a década de 1960, pechinchas e raridades tornavam-se mais difíceis de obter. Como era, então, que Winkleman não parava de apresentar obras-primas?

Para Memling, as interrogações de Trichcombe eram cada vez mais irritantes. A coisa chegou ao limite certo dia em 1972, quando Trichcombe viu um pequeno quadro de Watteau em cima da secretária de Memling. Media quarenta e cinco centímetros por sessenta e mostrava um casal a ser observado por um palhaço. Até Trichcombe, que não sentia o toque de outro ser humano havia trinta e sete anos, foi afetado pelo profundo poder daquela pintura. Havia algo extraordinariamente comovente e sentido no olhar do apaixonado deitado na relva a observar a rapariga, algo pesaroso na disposição do palhaço e no seu rosto triste e lânguido, e qualquer coisa obstinada e vivaz no absoluto domínio de que gozava a jovem sobre as emoções do pretendente.

De súbito, Trichcombe teve de saber mais acerca daquele quadro; tinha-lhe espicaçado infinitamente a curiosidade. Contudo, Memling disse que era uma obra privada, que não estava disponível para ser vendida, pelo que não dizia respeito ao funcionário. Trichcombe persistiu e insistiu em investigar arquivos e cadeias de títulos de propriedade. Na manhã seguinte, chegou ao trabalho e tinha todos os seus pertences numa caixa no patamar da porta. A rececionista entregou-lhe um envelope com mil libras em dinheiro. Não se tratava de um simples despedimento: a partir desse dia, Memling empregou o poder considerável de que dispunha para o desacreditar em todas as oportunidades e o erudito nunca conseguiu uma posição num quadro superior de um museu ou como curador privado de uma galeria. Vivia dos reduzidíssimos direitos de autor dos seus livros e de artigos académicos. De vez em quando, descobria um desenho ou um esboço a óleo numa sala de exposições provincial e vendia-o, mas nunca ganhava o suficiente para comprar algo significativo.

Enquanto jovem, a sua grande paixão fora o amor à arte; ao longo dos últimos quarenta e dois anos, a ambição que o movia era desmascarar Memling Winkleman. A partir do momento em o vira com o Watteau, no longínquo ano de

1972, soubera que o valor que tinha para Memling superava em muito o dinheiro e a emoção. Por razões que ele ainda teria de provar, aquele quadro era a chave do seu

futuro e da queda de Memling.

Trichcombe passou anos a reunir a história do Watteau; tudo o que precisava era de encontrar o próprio quadro. Já quase perdera a esperança até ter visto imagens da obra no Museu Britânico. Só faltava pôr uma peça no *puzzle*: o destino dos últimos proprietários, os pais de Memling. Os velhos registos da venda em Berlim, em 1929, tinham uma morada da família: Trichcombe decidiu ir até ao número 14 de Schwedenstrasse, para ver o que ainda restava.

No seu recém-criado escritório em Holborn, Vlad assistia, em tempo real, ao dinheiro a entrar na sua conta-corrente. Havia um pico nas transações de estanho e, naquela manhã, ainda antes de ter saído da cama, Vlad já ganhara 67 milhões de libras, o que elevava o total da semana a 127 milhões.

De acordo com as condições do seu exílio, o Gabinete de Controlo Central deveria receber pelo menos 30 por cento de quaisquer lucros que Vlad obtivesse. Quase contra os seus esforços, o preço do estanho não parava de subir, o que o obrigava a atiçar constantemente as chamas das exigências do Controlo Central. Nos nove dias anteriores, Vlad tivera de transferir anonimamente 24 milhões de libras para uma das várias contas. Se, por algum motivo, não quisesse fazer uma transferência bancária (e por vezes o Líder desaprovava esse método), ou se decidisse que um objeto seria um substituto melhor, tinha de depositar esse item no armazém em Surrey.

Na semana anterior, incapaz de conter a curiosidade, fora pessoalmente entregar um diamante do tamanho de um olho a Crawley Place, Godalming, Surrey. Ao chegar ao perímetro exterior da propriedade, fora recebido por três russos vestidos de preto que, depois de lhe pedirem que saísse do carro, o tinham revistado meticulosamente, inspecionado o carro e, com uma palavra-passe gerada especialmente para o efeito e impressa num pedaço de papel, o autorizaram a avançar até ao segundo portão. Aí, a várias centenas de metros, voltara a ser revistado e a receber outra palavra-passe. Este procedimento elaborado foi repetido quatro vezes antes de ele chegar a uma discreta casa de tijolo, com relvados muitíssimo bem aparados e um acesso de gravilha com sulcos delineados. Os pneus largos do *Maybach* de Vlad deixaram marcas feias

nos padrões cuidados.

Uma voz sem corpo soou, aparentemente vinda de nenhures, instruindo Vlad para que fosse até à porta da rua. Quando se aproximou, esta abriu-se. Nervoso, avançou. A porta parecia bastante normal mas, assim que entrou, Vlad apercebeu-se de que se encontrava numa caixa de metal estanque.

Podiam esmagar-me como uma lata e ninguém ficaria a saber, pensou ele. A mesma voz disse-lhe que ficasse absolutamente imóvel. Uma formação de raios infravermelhos dançava à volta do seu corpo.

– Está a ser examinado – disse-lhe a voz, sem necessidade.

Outra porta abriu-se e Vlad passou por ela.

– Encoste a mão à placa e olhe para cima – instruiu a voz.

Depois de colocar a mão num sensor e de voltar o olho para o teto, um painel de metal deslizou e Vlad entrou para outra caixa. Aquela era consideravelmente maior, quase do tamanho de todo o piso térreo da casa.

– Os tijolos e as janelas são um escudo para que este sítio pareça uma casa – disse a voz, ao que parecia capaz de lhe ler a mente. – Os serviços secretos britânicos sabem exatamente o que é, mas ainda não sabem como infiltrar-se nela. Ninguém sabe.

– Quem é você? – perguntou Vlad.

– Quanto menos soubermos um acerca do outro, melhor – replicou a voz.

O chão atrás de si tremeu. Vlad deu um passo rápido para trás quando uma secção do pavimento deslizou, revelando escadas para uma cave.

– Desça.

Não admira que me tenham dito para vir sozinho e mudar de carro duas vezes na viagem até aqui, pensou Vlad. Não era para se protegerem; era para se assegurarem de que, mesmo que alguém desse pelo meu desaparecimento, o meu corpo nunca pudesse ser encontrado. Ciente de que não tinha escolha, desceu pelas escadas e entrou num grande cofre.

– Essa é a sua caixa de pagamentos – disse a voz. – Só nós os dois conhecemos o seu código, que mudará a cada visita. Pense numa série de cinco números, que não devem estar relacionados com factos pessoais, como o ano do seu nascimento, o ano do nascimento da sua mãe, etc.

Vlad pensou um pouco antes de digitar o dia de nascimento do irmão, 61270.

– Isso corresponde à data de nascimento do seu falecido irmão. Ocorre-lhe outro número? –

perguntou a voz.

Vlad estremeceu ligeiramente e depois inseriu um código aleatório.

Uma caixa do tamanho de um baú de chá abriu-se na parede.

Depois de tirar uma pequena bolsa que levava no bolso, Vlad abriu-a e colocou o diamante no centro da caixa.

– Volte a inserir o seu código – instruiu a voz.

Vlad inseriu os dígitos e o cofre da parede fechou-se.

– Depois de ter sido analisado, receberá uma notificação por *email.* Saia pela passagem à sua esquerda e regresse ao carro.

– E se eu para a semana comprar um quadro grande? Como caberá aqui?

– Receberá instruções diferentes. Se o comprar a uma leiloeira, lidaremos diretamente com os encarregados. As vendas privadas são geridas de formas diferentes.

– Ou se eu comprar uma casa, ou uma ilha?

– Ainda não nos foi impossível processar o que quer que fosse. Não deve preocupar-se com isso.

Deixar o edifício era tão complicado quanto entrar. Ao alcançar o carro, reparou que a gravilha tinha sido alisada desde a sua chegada e, mais uma vez, teve a satisfação diminuta mas concreta de destruir os padrões perfeitos.

Depois de sair do complexo, Vlad conduziu por alguns quilómetros até que encostou o carro à berma, encostou a cabeça ao volante e sucumbiu a sentimentos de puro desespero. Como poderia ele, semana após semana, encontrar objetos adequados para satisfazer o Gabinete do Controlo Central?

Se não gostassem do diamante, o que aconteceria? Já contratara seis pessoas para o ajudarem a localizar obras de arte, objetos preciosos, propriedades, quadros e ações. O problema era tentar adivinhar o que o Líder quereria. Na semana anterior, rejeitara um chalé em Gstaad, alegando já deter 40 por cento da estância. Na semana antes dessa tinham-lhe devolvido uma esmeralda fabulosa por estar a pagar mais do que devia. Se o Líder rejeitasse o diamante, seriam três semanas de atraso nos pagamentos e a ficar com bens que, na verdade, ele não queria. Vlad não fazia qualquer tenção de ir a Gstaad (segundo lhe diziam, Courcheval era o único sítio que valia a pena visitar); não tinha uma namorada a quem dar a esmeralda (embora vivesse com a esperança de a oferecer a Lyudmila). Duas semanas antes, comprara uma participação significativa numa empresa que, afinal, já era detida pelo Gabinete do Controlo Central. Àquele ritmo, acabaria na bancarrota e com dívidas; e, se falhasse cinco semanas de pagamento, seria o seu fim.

A apertar o volante com as duas mãos, Vlad tentou pensar com clareza. Precisava de ter um plano, um plano bem feito acerca de como cumprir aqueles pagamentos. Teria de se assenhorar do mercado de alguma coisa, nalguma área que o Gabinete do Controlo Central não possuísse já e cujo valor fosse irrefutável. Também deveria tentar fazer pagamentos antecipados – se comprasse algo realmente valioso, estaria a dar-se tempo: semanas, talvez meses de sono sem interrupções. Quanto mais aprendia acerca do mundo da arte, mais confiante ficava de ter encontrado o meio ideal. O

problema da arte contemporânea era que havia uma oferta praticamente ilimitada, para além de ser demasiado dependente da moda. Hirst poderia desatar a fazer centenas e milhares de pinturas, afogar o mercado com círculos de cores garridas. Nos poucos dias entre comprar uma *Enfermeira* de Richard Prince e entregá-la aos seus credores sem rosto, a cotação do artista caíra. Os Grandes Mestres eram uma aposta mais segura. Afinal, esses pintores estavam mortos e a inerente falta de oferta para corresponder à procura potencial tornava improvável que os seus preços variassem muito. Vlad teve outra ideia: Eu podia manipular o mercado, comprando umas quantas obras de um artista, depois levar um a leilão, licitar para o preço subir loucamente, marcar um novo valor de referência e,

assim, tornar todos os outros muito mais valiosos. Por que razão ninguém se teria lembrado de fazer aquilo? Depois apercebeu-se de que outras pessoas decerto já o tinham feito e que isso explicava os preços recorde atingidos em leilões.

Agarrou no telefone e marcou o número de Barty.

– Quarenta minutos... Chester Square – disse-lhe.

*

Quando Vlad lhe ligou, Barty estava deitado numa mesa de massagem a receber um tratamento para impedir a formação de qualquer celulite potencial. Que fosse pouco provável que a celulite assolasse um homem magro de sessenta e nove anos era irrelevante. Barty tinha um horror absoluto à imperfeição – lá porque ainda não tinha acontecido, não queria dizer que não pudesse apanhá-lo de surpresa. Rolou para fora da mesa, saiu da sala de tratamentos e avançou pelo corredor fora, até aos balneários do clube. Era sócio vitalício daquele lugar a título gracioso, incluindo até 5000 libras de tratamentos por ano, como pagamento por apresentações feitas aos seus melhores clientes.

Debaixo do duche quente, Barty pensou em Vlad e na forma como a relação estava a desenvolver-se. Já conhecera imigrantes russos suficientes para saber de que precisavam. Lembrou-se dos velhos Russos Brancos, sumariamente expulsos no seguimento da revolução de 1917, que tinham escapado para Londres onde viviam numa pobreza digna, lamentando sempre a perda da pátria. A nova geração era igualmente melancólica, mas tremendamente opulenta, desde que se mantivesse viva. Enquanto a água quente lhe escorria pela cabeça e enxaguava o óleo de massagem, a situação de Vlad inspirava-lhe compaixão. O grande bruto tinha mais dinheiro do que a maioria das pessoas sequer sonhava gastar, mas era uma figura acossada e atormentada. Estar a milhares de quilómetros do Controlo Central já não oferecia qualquer segurança. Onde quer que se encontrasse, Vlad estava tolhido: emocional, financeira e fisicamente. A sua prisão era luxuriosa e parecia não ter paredes ou limites, mas ele não era livre. Barty suspeitava de que o Controlo Central seria capaz de localizar um funcionário errante até na mais longínqua ilha do Taiti e erradicá-lo numa questão de segundos. Os seus operativos decerto lhe teriam inserido *microchips* secretos e subcutâneos enquanto dormia, aparelhos de localização aplicados por prostitutas treinadas em muitas artes negras.

Barty nunca trocaria de lugar com o russo abastado, mas era com todo o gosto que conjurava novas

formas interessantes para que Vlad gastasse dinheiro.

Pouco tempo antes, aconselhara outro russo acerca de como gerir os seus milhões. Boris Slatonov comprara um clube de futebol em dificuldades e dera-lhe novo fôlego, gastando milhões em novos jogadores, treinadores e instalações. Por sorte, a equipa começara a ganhar e Boris descobrira que não havia algo de que o Líder gostasse mais do que de sucessos internacionais. O passo seguinte, mais uma vez com o auxílio de Barty, fora fundar um museu em Moscovo e enchê-lo de quadros modernos. O Líder não tardara a usar Boris como um dos seus banqueiros pessoais, canalizando dinheiro para o exílio através dos mundos do desporto e da arte.

Vendo-se ao espelho, Barty passou um pente pelo cabelo. Espessas e sedosas, as suas madeixas continuavam a ser um dos seus pontos fortes e estavam pintadas num tom acobreado. Barty achava que o novo cabeleireiro era provavelmente o melhor que já tivera, um homem que resistia ao seus rogos ocasionais para o cortar, riçar, fazer-lhe uma crista ou rapá-lo. «Se quer mudar de estilo, arranje uma peruca, querido.» Com o secador, Barty deu-lhe uma passagem rápida – não havia tempo para muito mais. Do estojo de maquilhagem, tirou a base e o *blush* que aplicou nas faces antes voltar a vestir o fato de três peças (naquele dia era Steed, de *Os Vingadores*).

Quinze minutos depois, estava num táxi para ir ao encontro de Vlad. No bolso esquerdo levava uma lista de todos os clubes de futebol atualmente disponíveis no mercado. No direito, uma litania de leilões vindouros. Também concluíra que Vlad não deveria procurar obras de arte contemporânea; embora os Grandes Mestres fossem mais raros, mais fugidios e menos atraentes, Vlad deveria concentrar esforços no mais procurado – na verdade, Barty decidira que finalmente recompensaria a amiga Delores e encaminharia Vlad na direção do século xviii francês. Os três identificariam uma *maison* pequena e encantadora em São Petersburgo (bem mais agradável do que Moscovo, hórrida e profundamente masculina). Ali, criariam um Musée des Beaux Arts de l’École du Dix-Huitième.

Barty já o imaginava – seria um acumular de brocado, damasco, ouropel, dourados, ouro e outras coisas absolutamente fabulosas. Ao contrário daqueles

grandes bastiões de betão monumental e brancura fluorescente que eram os museus modernos, o seu pequeno palácio seria um local onde o olhar nunca teria descanso, nem por uma fração de segundo. Seria uma cacofonia de cor e textura, seria contracontemporâneo, um insulto à moda; o museu de Barty e Vlad recuperaria a controvérsia para a cultura.

Chegou segundos antes de o carro de Vlad aparecer. O russo enorme parecia ainda mais desconsolado e deprimido do que era habitual. Barty deslizou para o assento ao lado dele, sentindo o couro de vaca sob os dedos e admirando o seu próprio reflexo no painel de instrumentos de castanho altamente polido antes de se voltar para Vlad.

– Alegre-se, meu botãozinho de ouro. Tenho um plano. Um plano simplesmente maravilhoso.

Capítulo 27

Recorrendo a cenógrafos, pintores e figurinistas que conhecera a trabalhar para Carlo, e inspirando-se no seu quadro, Annie transformou o Centro de Congressos Amadeus, em Maida Vale, numa clareira do século xviii. Grandes cortinados pintados como folhagem mosqueada pendiam das bancadas que rodeavam o espaço e enormes ramos de salgueiro, comprados naquela manhã no mercado de New Covent Garden, foram colocados em enormes potes de barro. A peça central, uma grande fonte, idêntica à do seu quadro, com a estrutura coberta de pequenos querubins sorridentes, tinha sido esculpida em esferovite e pintada de bege. Havia um baloiço pendurado no teto e o chão estava coberto de relva artificial sobre a qual tinham sido espalhadas pétalas naturais.

Annie preparou uma mesa central em forma de ferradura e cobriu-a de damasco grosso e branco. A uma firma de adereços para teatro, tinha alugado um grandioso serviço de loiça ao estilo de Luís XV, juntamente com vinte candelabros e trinta bandejas. A governanta dos Winkleman, Primrose, ajudada pela filha, Lucinda, tinha trabalhado toda a noite para coser as corolas de rosas a fios de gipsite para criar longos cordões de flores que adornavam as laterais e o tampo da mesa. O arranjo da mesa era composto por montanhas de fruta caramelizada, onde ratos comestíveis e açucarados eram perseguidos por gatos da cor de chocolate. Cada lugar tinha oito facas e garfos, três colheres e sete copos de vinho, além de um cálice para água. Guardanapos de linho engomado, cada um com mais de um metro quadrado, tinham sido dobrados com a forma de

cisnes a ajeitar as penas e dispostos sobre pratos dourados. À frente de cada lugar estava um cartão gravado à mão com o nome do conviva e um menu que incluía informações sobre o vinho e a comida.

A um canto da sala ficava um pequeno palco no qual um grupo de músicos vestidos com roupas da época tocaria madrigais. Por outra porta, quando o frango *jacquard* fosse servido, acrobatas com fatos de arlequim rodopiariam pela clareira para entreter os comensais. Durante uma das oito sobremesas, um bobo lacrimoso, um sósia do palhaço do quadro de Annie, apareceria com um alaúde e cantaria para os convidados ali reunidos.

Oculta ao fundo do salão, Annie criara uma cozinha improvisada. O tempo era um elemento crucial e, para atingir um estado de perfeição, não haveria mais do que segundos a separar os pratos.

Enquanto os cenógrafos davam os últimos retoques à clareira, Jesse, o exército de empregados e o segundo ajudante de cozinha chegaram. Annie sentia-se grata por Jesse se comportar como qualquer outro funcionário. Tendo tanta da preparação pormenorizada sido feita com apenas um ou dois dias de antecedência, a questão principal era conseguir levar os vinte pratos para a mesa a tempo, à temperatura certa e acompanhados do vinho certo. Ainda que um fracasso, ao contrário do que sucedia em Versalhes, não acarretasse consequências fatais, um mau trabalho decretaria o fim do sonho de Annie. Para Delores, a noite tinha de marcar um ponto alto do calendário social do mundo artístico.

Annie dividiu a equipa em quatro grupos, atribuiu a cada um uma tarefa e uma área específica, e

depois distribuiu folhas impressas a detalhar os acontecimentos e os afazeres da noite. Nenhum pormenor ficava ao acaso; até as idas à casa de banho estavam programadas.

– Esta noite tem de correr como uma campanha militar – explicou Annie. – Por favor, leiam esta lista cuidadosamente: têm de saber o que esperar e o que é esperado de vocês. O Jesse é o subcomandante, portanto se eu estiver ocupada, por favor, falem com ele. O Raoul coordena o serviço à mesa, a Amy ocupa-se dos vestiários, o Ted será o nosso escanção e o Riccardo trata das limpezas e das lavagens.

Annie olhou para os vinte e dois rostos expectantes. Ao fim de semanas de planeamento meticuloso, sentia-se confiante e calma. Contratara profissionais que sabiam o que fazer e como gerir situações stressantes. O lucro que obteria com aquela noite fora reduzido ao mínimo: o que estava em jogo era o seu futuro, não o seu saldo bancário.

A primeira pessoa a chegar foi Delores, vestida como Maria Antonieta. Envolta em camadas de renda bege e tafetá roxo, lembrava a Annie uma imensa anémona do mar a deslizar pelo salão.

– Oh, céus – exclamou Delores ao chegar ao caramanchão. – Vou chorar. Não posso chorar. Vou chorar... mas o que fez, sua criatura maravilhosa e astuta?

Annie sorriu e ficou vermelha como um tomate.

Encaminhando-se para o baloiço, Delores parecia disposta a tentar empoleirar o traseiro no assento mas, para grande alívio de todos, distraiu-se com fonte coberta de querubins. Pouco depois, passou para trás do palco, para inspecionar a comida. Prestou grande atenção a cada prato. Annie fez questão de apresentar cada um dos membros da sua equipa.

Exatamente às oito da noite, começaram a tocar os madrigais e, minutos depois, um corneteiro anunciava a chegada da primeira convidada, Mrs. Appledore, que estava vestida como Madame de Pompadour, num vestido copiado do retrato de Boucher, até ao mais ínfimo pormenor. Chegara inclusivamente a comprar um cão de colo por 2500 libras na loja de animais dos armazéns Harrods, para a acompanhar, mas a criatura tinha gemido e vomitado no carro e Mrs. Appledores abandonara-a à sua sorte na rua. Segundos depois, chegou Barty, vestido com uma cortesã do século xviii, de vestido de baile com uma roda de metro e meio bordada a ouro e pérolas minúsculas (tivera de subornar o seu amigo da V&A para que lho tirasse da loja por uma noite). Fora tão difícil vesti-lo que todo o pessoal da sua empresa tirara a tarde para ajudar Barty a entrar nas roupas interiores, no espartilho e na armação de madeira. Daquela vez, ele pedira emprestada uma peruca feita de canudos de caracóis louros. A suar ligeiramente sob o peso da peruca e a espessura da capa debruada a arminho, Barty dirigiu-se de imediato à casa de banho dos homens para retocar a maquilhagem. Vlad chegou à parte, de calças e gibão de cabedal preto, coroa na cabeça e um crachá a dizer «Pedro, o *Grande*». Havia concordado com o plano de Barty para construir um Versalhes em miniatura em São Petersburgo e empregara Delores

como principal consultora de pinturas, encarregando-a, para infinito deleite dela, de efetuar três compras significativas: quadros de Pater, Lancret e Boucher que tinham sido selecionados. Graças à comissão que ganharia, Delores alterara a escolha de champanhe para aquela noite para um reserva de *Pol Roger*, e decidira que o vinho seria um *premier cru*.

Às oito da noite, chegou à cozinha a notícia de que Rebecca não poderia ir ao jantar – uma questão

profissional urgente obrigara-a a deslocar-se a Berlim. No seu lugar, Memling Winkleman levaria Carlo e a neta, Grace.

– Que alívio – comentou Delores. – Rebecca não reconheceria um momento bem passado nem que ele lhe mordesse.

Às oito e meia, a maioria dos cinquenta convidados tinha chegado. Espreitando da área da cozinha, Annie reconheceu Septimus Ward-Thomas, um membro da baixa nobreza, a estrela *pop* envelhecida Johnny «Lábios» Duffy e vários dos *habitués* da revista *Hello!* O conde e a condessa Beachendon chegaram vestidos de cortesãos. O emir e a princesa de Alwabbi eram o único casal que não se tinha vestido de acordo com o tema «rococó». A maior surpresa fora Carlo e a filha de Rebecca – Annie esperava uma jovem acanhada de vinte e um anos; Grace era uma *punk* gótica com *piercings* a cobrirem-lhe o nariz e as orelhas, além de uma tatuagem de um dragão que lhe ia da nuca ao cimo das nádegas, claramente visível graças a um vestido sem costas. Delores sentara-a ao lado de Vlad.

– É consultora de arte? – perguntou-lhe ele.

– Sou o que quiser que eu seja – respondeu Grace.

Memling entrou, olhou em redor e sentiu-se ansioso, embora não conseguisse explicar, de imediato, o que o perturbava.

Para Annie, as quatro horas seguintes passaram a voar enquanto ela ia mandando sair cada prato, um após o outro – ostras, caviar, sopas, perdizes, *foie gras*, frango *jacquard*, sopa de cebola com champanhe, solha recheada com caranguejo, pilhas de legumes, batatas novas do tamanho de bolbos de crocos misturadas com ovos de codorniz, pombos adornados como se fossem pavões bebés, penas feitas de ervas cristalizadas em açúcar batido. A *pièce de résistence*

era um peru desossado recheado por um ganso desossado, recheado por uma galinha desossada, uma codorniz e, por fim, uma narceja bebé. Quando Jesse e outros dois levaram a ave para a mesa e a trincharam com uma serra em miniatura, os aplausos à mesa eclodiram.

– *Chef! Chef!* – entoava toda a sala.

Jesse correu para a cozinha improvisada.

– Estão a chamar-te, sai e faz uma vénia.

– Não posso... olha só para mim – disse Annie, sabendo que o cabelo lhe saía em desalinho do chapéu de cozinheiro e que teria o rosto manchado de suor e farinha.

Mas as palmas só aumentavam de intensidade. Limpando as mãos ao avental, Annie alisou o cabelo e saiu de trás da fonte, avançando nervosamente até ao centro da mesa em forma de ferradura.

– *Brava!* – Delores levantava-se a custo. – *Brava!*

Os outros convidados batiam palmas entusiastas.

Annie, profundamente corada, fez uma vénia.

– Muito obrigada... agora, se me dão licença, ainda faltam oito pratos.

Seguiu-se um gemido coletivo.

– Não conseguimos comer mais! – gritou alguém.

– Só mais umas dentadinhas! – riu-se Annie, já a recuar para a cozinha.

Ninguém compreendia por que razão Memling Winkleman se fora embora pouco depois de o Pierrot ter aparecido, mas todos estavam a divertir-se tanto que mal deram por isso.

Annie teve de ir fazer mais três vénias entre pratos e, no final, recebeu uma ovação de pé. Mrs.

Appledore, o conde Beachendon e Johnny «Lábios» pediram-lhe novamente que

criasse um evento para eles, e a princesa de Alwabbi tentou contratá-la para os seis meses seguintes.

Depois de os convidados terem ido embora, de o chão ter sido limpo, as mesas levantadas, depois de todos os pratos, copos e equipamentos alugados estarem arrumados em caixas e postos na carrinha alugada para aquela noite, a postos para serem devolvidos aos proprietários na manhã seguinte, Jesse e Annie ficaram finalmente a sós. Sentaram-se lado a lado, de pernas cruzadas, no meio do chão. O

salão fora devolvido ao estado original: grande, ligeiramente delapidado e estranhamente inútil.

– Ainda bem que a Delores contratou um fotógrafo – disse Annie, olhando em redor. – Agora parece que foi tudo um sonho irreal.

Pegando-lhe na mão, Jesse beijou-lhe a palma ao de leve.

– Foi extraordinário... senti-me honrado por fazer parte disto.

– Foste fantástico, caramba. Quando aquele frango escorregou da travessa...

– E disparou pelo chão...

– E ameaçou atirar a fonte ao chão...

– E tu o apanhaste como o Jonny Wilkinson a atirar-se à bola de râguebi...

Riram-se.

– E depois o peito da Delores saltou do corpete enquanto ela comia outro merengue – disse Jesse, a rir.

– Perdi isso por completo. Estava a construir uma torre de profiteroles!

– Devias ter visto a cara de Mrs. Appledore – disse-lhe Jesse, imitando o ar de horror absoluto.

– Que mais, que mais? – pediu Annie. – Perdi montes de coisas por estar enfiada na cozinha.

– O Vlad e Miss Winkleman saíram juntos... passaram a noite toda sem conseguir tirar as mãos um do outro.

– A Rebecca vai ficar furiosa... ela acha que a filha é uma Virgem Vestal – comentou Annie, deitando-se no chão.

O coração de Jesse acelerou ao ver-lhe o cabelo espalhado à volta do rosto pálido e lindo como um halo acobreado. Na cozinha improvisada, Annie parecera-lhe poderosa; agora estava com um ar tão frágil e leve que ele tinha vontade de a abraçar e beijar até lhe tirar as olheiras arroxeadas do cansaço.

– Conta-me mais – implorou ela.

Obrigando-se a relembrar o jantar, Jesse disse:

– O conde Beachendon parecia absolutamente deprimido. Ele e a mulher tinham-se perdido num bairro de Maida Vale. A ele roubaram-lhe o telemóvel, a ela a carteira. Mas assim que o conde soube que o Vlad ia construir um museu, animou-se bastante.

– Quem era a mulher dele?

– Aquela que parecia um canteiro de ervas com pernas.

– Oh, céus, a que estava a usar uns cortinados?

– Essa mesma – confirmou Jesse enquanto se deitava de lado para a ver melhor.

Annie sentiu o olhar de Jesse fixo em si, mas continuou a fitar o teto.

– Não sei porquê, a Delores sentou a condessa ao lado da estrela do *rock*. Como é que ele se chama?

– Johnny «Lábios».

– Não consegui perceber o que esses dois poderiam ter em comum. Pareceu-me uma decisão estranha – disse Jesse, aproximando-se mais de Annie.

– E? – Annie gostaria que ele deixasse de a fitar.

– Afinal, foi um entrosamento perfeito. Tanto ele como ela gostam de cavalos

árabes e de aurículas. Qual é a probabilidade de alguém reunir esses dois interesses?

– O que é uma... au...cí...rula?

Intrigada, Annie virou-se para ele. O hálito doce de Jesse rasou-lhe a face. Para sua surpresa, não achou que a sensação fosse claustrofóbica e gostou de olhar para o rosto dele. Reparou, pela primeira vez, que os seus olhos azul-escuros tinham pontinhos dourados e traços pretos.

– Aurícula... é uma espécie de flor; os rendeiros e tecelões de seda do século xviii eram loucos por ela. Depois, alguém enviou uma muda para os Estados Unidos e Thomas Jefferson apaixonou-se pela flor.

– Como é que sabes isso?

– Porque me pus à escuta da conversa deles.

– Fala-me do velho Winkleman.

– Quando o teu palhaço saiu de trás da fonte, começou a hiperventilar. Até pensei que ia ser preciso chamar uma ambulância, mas ele saiu sozinho, meteu-se no carro e o motorista arrancou.

– Reparei no lugar vazio, mas nem parei para pensar de quem seria. Fala-me do Barty... ganhou o prémio para melhor indumentária da noite.

– Foi um sucesso. Deu um sermão à princesa e ao Vlad acerca de coisas que são vulgares – disse Jesse, reparando que ela tinha um raminho de tomilho preso no cabelo, um toque minúsculo de verde entre os caracóis ruivos e dourados. Estendeu a mão e puxou-o com delicadeza; depois entregou-lhe a ervinha. Os dedos deles tocaram-se e, aceitando a oferta, ela cheirou-a e depois esmagou-a entre os dedos. Sentiu uma expiração no rosto e, ao abrir os olhos, deparou-se com Jesse debruçado sobre si.

– Estás tão linda – disse ele. – Posso beijar-te?

Annie rolou no chão para se afastar e sentou-se.

– Quero lembrar-me desta noite por outros motivos – disse.

– Claro. – Jesse levantou-se. – Peço imensa desculpa. Estava a ser egoísta.

Annie também se pôs de pé e sacudiu o pó das calças.

– Preciso de te contar algumas coisas – disse ela. – Mas não hoje. – Olhou para o relógio e sorriu-lhe. – Vou levar aquela carrinha e tentar dormir algumas horas.

Jesse sorriu.

– Podes deixar-me numa paragem de autocarro?

– Obrigada pela tua ajuda. Não teria conseguido fazer isto sem ti – disse ela, estendendo-lhe a mão.

Jesse segurou-lhe na mão.

– Terias, e hás de conseguir. Esta noite marcou o início da tua nova vida... dava para ver... parecias tão à vontade, tão confiante, tão feliz e certa.

– Achas mesmo?

Jesse olhou para aquela criatura estranha, forte mas frágil, e desejou apertá-la num abraço.

– Tinha-me esquecido da sensação da felicidade – disse Annie, enquanto procurava a chave no fundo da carteira. – Começo a perceber que estava bastante ausente da minha antiga vida.

Provavelmente parece uma estupidez mas, quando consigo persuadir três ingredientes diferentes e aleatórios a unirem-se para criarem algo delicioso, sou acometida por vagas de felicidade.

– É a mesma sensação que tenho quando a minha pintura ganha vida, assume uma força inexplicável e independente... um toque de verde, amarelo e um tudo-nada de escarlate fundem-se para criar uma folha perfeita.

– Achas mesmo que posso vingar como cozinheira?

– Não acho... sei – respondeu Jesse com uma grande convicção.

Annie virou-se para ele, com o rosto resplandecente.

– Obrigada, isso deixa-me muito feliz.

Capítulo 28

Jesse precisa de acordar: de passar à ação. O amor não tem só que ver com sentimentos, é importante dar provas dos sentimentos. Ele precisa de arranjar forma de demonstrar à *inamorata* que a vida dela seria incomensuravelmente melhor com ele. Precisa de se tornar indispensável, sem ser controlador; inspirador, sem o ego.

Infelizmente para ele, Annie foi tão magoada que o seu lindo coraçãozinho encolheu.

Aconteceu o mesmo ao meu mestre: nunca recuperou da rejeição de Charlotte. Aos poucos, foi-se desligando do mundo, exausto por um coração implodido e um corpo em colapso. Mudou-se constantemente, deixou o campo, ocupou vários apartamentos em Paris e até passou uma temporada em Londres. Este estilo de vida peripatético era uma forma eficaz de evitar as memórias suscitadas pelas pequenas intimidades acumuladas pelas experiências partilhadas: a taberna onde se tinham conhecido; o sabor de um tipo de pão de que ela gostava; as notas de uma canção que ela cantava; a curva de uma nuca que se assemelhava à dela. Gradualmente, o seu alheamento do mundo tornou-se completo: vivia sozinho com a sua doença e os seus sonhos. O desdém a que votava interesses materiais aumentava. Quando o amigo Caylus lhe implorou que fosse a um sanatório em busca de tratamento para a tuberculose, Antoine respondeu com desdém:

– O pior que me pode acontecer não é o sanatório? A ninguém se nega a entrada lá.

Ele também não queria fazer parte de um clube que o aceitasse. O meu mestre morreu aos trinta e seis anos. Sozinho.

Não desejo este final patético a ninguém, quanto mais à encantadora Annie; só não vejo o amor como panaceia ou caminho relvado a ligar a escuridão à luz. Quero que ela demonstre o meu valor, que me venda, que se liberte financeiramente, pelo menos. Quero que goze dos pequenos confortos da vida, que tenha o espaço e os meios para concretizar os seus sonhos. Nem sempre atraí a sorte para os meus proprietários: desta vez, deve ser diferente.

Capítulo 29

Depois de escassas horas de sono, Annie acordou, cheia de energia e determinação. Atirou os lençóis para trás, foi à casa de banho e postou-se em frente ao espelho. A pessoa que a fitava tinha os mesmos olhos inchados, ligeiramente aguados e uma pele pálida mas, naquela manhã, encarou o reflexo com tolerância e até alguma compaixão. As imperfeições tinham sido bem merecidas. Nem acreditava que a sua vida idealizada, o seu sonho de se tornar *chef* estava a avançar e que o abismo entre o faz-de-conta e a realidade se encurtava.

Pegou num pano, ensopou-o em água quente e encostou-o ao rosto.

– Como correu?

Evie interrompeu-lhe o devaneio.

– Incrível... foi incrível.

– Conta-me tudo.

– Tenho de levar a tralha toda agora, caso contrário cobram-me mais – disse Annie, já a secar o rosto com palmadinhas.

– Vou contigo. – Evie voltou-se para o quarto, para ir buscar a roupa. – Faço-te companhia.

– Mãe, quero estar sozinha. Para além disso, olha só para ti.

Evie deteve-se e viu-se ao espelho. Tinha o cabelo platinado espetado no ar. À volta dos olhos, tinha manchas de maquilhagem.

– Às vezes és muito cruel – replicou, voltando para o quarto da filha e fechando a porta.

Annie sentiu uma pontada de culpa. A verdade era que não queria Evie na carrinha, a fazer-lhe perguntas e a conduzir o assunto para si, onde ficaria, como uma agulha num disco riscado, a repetir:

«Eu, eu, eu.»

Agarrou na carteira, saiu do apartamento e, descendo os degraus dois a dois, apressou-se porta fora até à carrinha alugada. Para seu alívio, não tinha nem um risco, apesar de o seu telemóvel estar no assento da frente, esquecido na noite anterior. Entre as três da manhã, quando voltara a casa, e aquela hora, quase nove, tinha perdido oito chamadas. Quatro eram de Delores, uma era de Agatha, outra de Jesse e mais duas de um número desconhecido. Ouviu a primeira mensagem:

«Olá, Annie, sou eu, o Jesse – ontem à noite foi incrível... simplesmente incrível. Vamos encontrar-nos. Queres beber um copo logo à noite?»

O som da voz de Jesse provocou-lhe arrepios na espinha. Ao longo das semanas anteriores, Annie sentira-se libertada do amor ou, pelo menos, dos sentimentos que associava de forma tão firme ao passado. Havia outra sensação excitante: a de ser livre e independente; a de não se comprometer ou ter de considerar os sentimentos de outra pessoa. Desejando-a, Jesse impunha-lhe a sua vontade; rejeitando-o, Annie sentia-se culpada. Ser solteira significava não dever explicações a quem quer que fosse. Annie gostava de Jesse, mas não o suficiente para arriscar abrir o coração ou contaminar o seu ânimo recém-descoberto.

A mensagem seguinte era de Delores: «Querida. Que jantar magnífico. Obrigada. Um triunfo absoluto. Linda menina. Agora, ouça, isto é estranho, mas será que ainda tem aquele quadro que me mostrou há umas semanas? Telefone-me, querida.»

Annie passou para as mensagens seguintes:

«Miss Annie McDee. Chamo-me Trichcombe Abufel. Talvez não esteja recordada, mas conhecemo-nos e tivemos uma conversa breve na biblioteca de desenhos do Museu Britânico.

Preciso urgentemente de falar consigo acerca daquele esboço.»

«Miss McDee. É de novo Trichcombe Abufel. É urgente que me telefone.»

«Querida, é a Delores. Ligue-me. São oito da manhã.»

«Miss McDee, por favor telefone a Trichcombe Abufel o mais depressa possível.»

«Olá, Annie, fala a Agatha, do departamento de conservação da National Gallery. Peço imensa desculpa por estar a telefonar tão cedo, mas está a acontecer uma coisa muito estranha. Liga-me assim que possa?»

Annie não tinha pensado muito acerca do quadro nos últimos dias. Querendo saborear um pouco mais o triunfo da noite anterior, ignorou o resto das mensagens e pôs a primeira mudança na carrinha.

Conduziu por Shepherd's Bush, passando por vários restaurantes familiares, um talho e uma loja de chocolates. Já tinha ganhado a vida com comida; poderia fazê-lo de novo. Estava ciente de que sabia cozinhar e de que tinha uma visão original. Imaginava-se rodeada de cozinheiros, todos vestidos de branco, com o logótipo da sua empresa, «Comideliciosa» impresso nos chapéus e nos aventais, numa grande cozinha aberta com janelas panorâmicas a dar para uma horta, com um painel de vidro a separar a cozinha das áreas de planeamento. Noutra sala, via uma pequena equipa de *designers* a estudar desenhos e tabelas enquanto, nas traseiras da empresa, ficariam os armazéns onde ela poderia guardar todos os copos, loiças e adereços essenciais para criar os seus jantares temáticos.

Ao passar pela embaixada da Rússia e por Kensington Gardens, Annie pensou nos eventos diferentes que poderia oferecer – jantares inspirados por *2001: Odisseia no Espaço*; *As Mil e Uma Noites*; Art Déco; Modernismo; Era Vitoriana. Sentiu um arrepio de excitação ao imaginar como poderiam ser esses jantares e que menus poderia criar. Queria desesperadamente aquela nova vida: tudo o que faltava era como alcançá-la. Precisaria de um sítio onde cozinhar, mais equipamento, trabalho de relações públicas e *marketing*, alguma ajuda temporária e algum dinheiro adiantado para comprar ingredientes. O trânsito abrandou até parar. O fumo quente dos escapes deixava um halo de *smog* à volta dos automóveis. Annie fechou a janela para que o ar nocivo não entrasse. Talvez, até isto se encarreirar, possa manter o meu emprego com os Winkleman. Embora o emprego fosse enfadonho, era fácil e dava-lhe tempo para pensar noutras coisas.

O seu telemóvel tocou de novo e ela desligou e aumentou o volume do rádio. Começou a passar uma canção de que gostava, cantada por Bob Dylan. Annie, que tinha feito parte do coro de todas as escolas que frequentara, começou a cantar «Blowin' in the Wind», mas a voz saiu-lhe rouca.

Experimentou outra vez, mas não conseguia acompanhar a melodia. Pigarreou

com força; ainda assim, a voz tremia-lhe nos acordes. Com surpresa, apercebeu-se de que se tinham passado meses desde a última vez que cantara – até no banho. Na sua antiga vida, desatara a cantar em todo o lado, com tudo e toda a gente – pássaros, a televisão, o rio e os amigos. Tinha as cordas vocais calcificadas por falta de uso. Uma professora costumava dizer que «o canto vem do coração». Perdi o coração e a voz, pensou Annie, mas agora vou recuperá-los.

Trichcombe não era um homem religioso mas, enquanto o avião avançava pela pista do aeroporto Tegel, em Berlim, rezou para que Deus lhe conservasse a vida durante o tempo suficiente para escrever as suas descobertas recentes. Com a excitação por voltar a Londres, à sua secretária, às suas notas e à sua máquina de escrever, esquecera-se de marcar a opção «embarque rápido». Por causa disso, encontrava-se num lugar do meio, ao fundo do avião. À sua esquerda tinha uma jovem a mascar pastilha elástica de uma forma particularmente repugnante, que ocasionalmente soprava umas bolhas rosa-choque, que lhe rebentavam nos lábios pintados com um estalo. Do outro lado, um jovem *skinhead* cheio de *piercings* e com um ar feroz remexia-se e esticava-se no assento com uma intensidade maníaca. Trichcombe queria mesmo evitar tocar na mulher da pastilha elástica, mas estava realmente com medo de enfurecer Mr. Baader-Meinhof. Curvando os ombros, uniu ao máximo os braços ao corpo, juntou os joelhos e fez inspirações pequenas e superficiais.

O voo até ao aeroporto de Gatwick, em Londres, demorava menos de duas horas. Trichcombe recusou-se a comer ou beber o que quer que fosse, mas tocava sistematicamente no bolso do casaco para se assegurar de que a sua pequena câmara digital continuava ali. No memória da máquina estava uma fotografia de uma família em frente a uma lareira. Por cima da janela estava um pequeno quadro de Watteau e, juntamente com a família, um rapazinho de olhos azuis.

No outro bolso tinha uma folha de papel. Um telefonema e uma justificação fantasiosa tinham sido tudo o que precisara para persuadir a bibliotecária a dar-lhe o nome e o número telefónico da jovem com o esboço. Trichcombe tinha explicado que, por engano, agarrara num livro valioso que pertencia à jovem e que só agora se apercebia disso. Tinham-se passado algumas semanas e ela decerto estaria muito preocupada. Oh, sentia-se terrivelmente mal. A culpa. Os remorsos. Poderia aquela pessoa divina e prestável ajudá-lo? Claro que ia contra todos os regulamentos. *Mea culpa.* De forma alguma. Muitíssimo obrigado. Fico-lhe tão agradecido. Ainda em Berlim, tinha telefonado duas vezes à mulher, uma tal Miss Annie McDee. Voltaria a tentar assim que aterrasse.

Enquanto o avião sobrevoava Paris, Trichcombe ponderava que publicação deveria usar como portal para provocar a vergonha absoluta e a denúncia de Memling Winkleman e da família deste. A revista *Burlington*, ou talvez a *Apollo*? Recordou que essas publicações especializadas em belas-artes eram provavelmente detidas em parte pelos Winkleman, cujos tentáculos de influência se alongavam e passavam por fissuras minúsculas e inesperadas. Talvez, pensou ele, devesse ser um jornal diário – mas esses quereriam editar o seu artigo e insistiriam em levar a cabo todo o género de verificação de factos. Com o avião a passar sobre o Canal da Mancha, a mulher da pastilha elástica adormeceu e descaiu para o seu lado. Pela primeira vez na vida, Trichcombe sentiu a cabeça de uma mulher no ombro, o seu hálito junto à orelha, simultaneamente doce e acre. Que experiência mais repugnante, pensou, espetando-lhe o cotovelo nas costelas. Ela acordou e roncou profundamente.

Talvez, pensou Trichcombe, eu também consiga algum dinheiro. Depressa descartou a ideia. Tudo o que interessava era a vingança: quanto mais humilhante, disseminada e absolutamente conclusiva, melhor.

O gabinete de Delores parecia uma morgue antes do funeral de uma diva muito querida. Todas as superfícies estavam cobertas de extravagantes arranjos de flores.

– Mais vinte minutos aqui dentro e morremos de falta de oxigénio – queixou-se Barty, num tom irritado. – Toda a gente sabe que as plantas sugam tudo o que há de bom na atmosfera.

– Percebeu isso ao contrário – disse Delores, enquanto cheirava uma grande hortênsia. – Durante o dia criam oxigénio e à noite produzem dióxido de carbono.

– Como é que sabe isso?

Delores não respondeu.

– Quanto é que acha que isto custou?

– Mais do que o jantar, provavelmente.

– Acha que posso devolvê-las às floristas e pedir um reembolso?

– É certo que isso ficaria a saber-se.

– Quem gastou mais?

– Que importa isso, querida? Vamos lá voltar ao planeamento do museu.

Barty estava a esboçar uma imagem do grande salão a aguarela. As paredes estavam forradas a damasco de seda e os pavimentos eram de madeira embutida.

– Vou dizer ao decorador que doure tudo. Tetos, sanefas, cornijas, ombreiras, tudinho.

– Não quero a sua decoração a abafar-me os quadros.

– A Delores ainda não tem pinturas. Neste momento, parece-me que a vamos pendurar a si do teto.

– Não é assim tão fácil encontrar grandes obras-primas. Quase tudo foi abarbatado por museus.

– Não podemos abanar o livro de cheques do Vlad à frente de um ou outro curador?

– A coisa não funciona assim... pelo menos neste país.

– Então vamos às compras à Europa continental... os coitadinhos estão tão falidos que até as avós venderiam.

– Gostava de saber se é por isso que a Rebecca está tão desejosa de deitar a mão ao Watteau.

– Qual Watteau? – perguntou Barty.

– Um legado de família qualquer que desapareceu; ela quer recuperá-lo, custe o que custar.

– Custe o que custar? Essa expressão agrada-nos.

Delores assentiu com a cabeça. Quando Rebecca lhe ligara, às sete da manhã, ela tinha julgado que era para lhe pedir desculpa por não ter aparecido. Não esperava um monólogo rebuscado acerca de um quadro desaparecido. Rebecca tinha-lhe explicado que o Watteau fora roubado a Memling mas que não podiam ir à polícia ou publicitar o furto, não fossem os ladrões assustar-se e destruir a obra.

O quadro, segundo Rebecca, era a última ligação que Memling tinha à família e o seu valor sentimental era difícil de quantificar.

Descrevera-lhe pormenorizadamente a obra. Media cerca de quarenta e cinco centímetros por sessenta, era a óleo e mostrava uma jovem num baloiço com o apaixonado deitado a seus pés e um palhaço a observá-los. O título da pintura era *A Improbabilidade do Amor,* e tratava-se de uma obra inicial, talvez o primeiro grande quadro de Watteau, sem dúvida o que lhe lançara tanto a carreira como o movimento rococó.

Enquanto Rebecca lhe descrevia o quadro, Delores sentira a respiração acelerar e o suor a espalhar-se pela parte de trás do pescoço e pelas axilas. Poderia aquela obra ser a mesma que ela descartara, julgando-a uma imitação?

– Está a ouvir? – perguntou-lhe Rebecca, irritada.

– Sim, sim, estou a pensar – respondeu Delores, sentando-se pesadamente numa cadeira.

– Sabe alguma coisa acerca disto? Alguém lhe falou no quadro? – insistiu Rebecca, a tentar manter

um tom descontraído.

– Não! Não sei! – foi a resposta um pouco precipitada de Delores. Ninguém poderia ficar a saber ou desconfiar de que ela, uma das maiores especialistas vivas em arte francesa do século xviii, alguma vez o vira. – É claro que, se me deparar com ele, a informo de imediato.

Delores repetiu o que Rebecca lhe contara acerca do quadro desaparecido, omitindo qualquer referência à visita de Annie.

– Está a pensar o mesmo que eu? – perguntou Barty depois de escutar a amiga.

– Estou mesmo a pensar nisso – replicou Delores, a bater palmas.

– Encontrámos a peça central do nosso museu; vamos chamar-lhe o «Museu do Amor».

– Que sentimentalismo tão repugnante.

– E se os Winkleman não quiserem vendê-lo?

– Tudo tem o seu preço.

– E se este quadro for a exceção?

– Eles são negociantes de arte... a *raison d'être* deles é negociar.

– Consegue fechar esse negócio?

Barty pôs-se de pé num pulo e bateu palmas.

– Primeiro tenho de o encontrar.

Barty deixou-se cair pesadamente.

– Se eles não o encontram, como é que a Delores vai encontrá-lo? Eles empregam correspondentes e todo o género de gente no mundo inteiro.

– Tenho uma pista – disse Delores, num tom misterioso. Não ia admitir que já tivera o quadro nas mãos.

Sentada na beira da cama no quarto de hotel, Rebecca pressionou as mãos contra o colchão e os pés no chão para tentar acalmar os membros trémulos. Demasiado tarde, demasiado tarde, demasiado tarde, atormentavam-na as vozes na sua cabeça. Demasiado tarde, demasiado tarde, demasiado tarde.

Porque não teria ficado com a fotografia três semanas antes, quando conhecera Danica? Teria sido tão simples. Naquele dia, não hesitara; assim que a velhota virara costas, Rebecca tinha tirado o canivete do bolso e, cortando os contornos da foto, arrancara-a ao álbum e enfiara-a no bolso.

Fechando o álbum, devolvera-o à prateleira e, minutos depois, inventara um motivo urgente para sair do apartamento. Na rua, pegara na fotografia, rasgara-a em pedacinhos e, junto à buliçosa rua principal, libertara cada fragmento para que o vento e a passagem de carros e autocarros os levasse.

Mas agira demasiado tarde: a velha senhora, ainda que não fosse capaz de recordar ou pronunciar o nome do visitante, descrevera-o na perfeição: alto, de pele pálida, magnificamente vestido com um fato de fazenda de três peças e um lenço extravagante de seda com um nó e mantido no lugar por um alfinete de gravata em forma de corneta. Tinha uma abóboda de cabelo grisalho a dar-lhe pelos ombros, lindamente penteado; as unhas luzidias, de tão polidas; os óculos viviam num estojo de pele de crocodilo, que guardava num bolso interior.

– Que estranho eu não ter visitas há anos, desde o seu irmão, e que, no intervalo de poucas horas, a receba a si pela segunda vez e àquele homem – contou-lhe Danica –, e que todos estejam tão

interessados nas minhas fotografias antigas. São só uns instantâneos.

Reparou que ela estava com um ar terrivelmente pálido. Poderia oferecer-lhe uma chávena de chá doce? Fora tão amável da parte dela levar-lhe flores e chocolates.

Rebecca achava que fora uma estupidez do pai tentar destruir a carreira de Trichcombe e frustrar as tentativas do entendido de ganhar aceitação no mundo académico. Tinha presente o velho adágio:

«Mantém os amigos por perto, mas os inimigos mais perto ainda.» O pai deveria ter continuado a pagar um estipêndio a Trichcombe e a dar-lhe comissões ocasionais. Ela nunca tinha chegado a saber os pormenores do crime que ele supostamente cometera; já não precisava de perguntar: decerto Trichcombe tropeçara nalgum aspeto do passado de Memling.

Levantou-se da cama, aproximou-se da janela e olhou para a rua lá em baixo. O hotel ficava na interseção entre as antigas Berlim Leste e Ocidental, com vista para o Memorial do Holocausto.

Escassas semanas antes, ela era uma judia orgulhosa, de uma família de sobreviventes, pertencia aos que tinham escapado. Quem era agora? Enquanto olhava para o monumento lá em baixo, imaginou-se a perder-se nas vielas compridas do memorial e as lápides a cercarem-na até a esmagarem e matarem.

Fechou a cortina e atirou-se para a cama de barriga para baixo, à espera de que o ataque de pânico se apoderasse dela. Contudo, ali deitada com o rosto encostado à colcha de veludo, algo invulgar aconteceu. Em vez de acelerar, pareceu-lhe que o coração se acalmava e, em vez de formarem um rodopio de confusão, os pensamentos pareciam recuar e deixar-lhe uma única ideia. Porque estava a ceder com tanta facilidade? Onde estaria a sua a garra, a sua determinação? Porque haveria de se enrolar sobre si mesma e deixar que o destino e outras pessoas lhe debicassem a vida como se fosse uma carcaça velha?

Rebecca levantou-se, caminhou até à janela, abriu a cortina e olhou para as pessoas que atravessavam a praça lá em baixo. Imaginou o pai, quase setenta anos antes. Teria erguido as mãos para se render aos Aliados. Como um jovem oficial das SS que roubara e confiscara obras de arte a judeus, não havia dúvida de que era culpado de muitos delitos. Em vez de enfrentar um julgamento e a desonra, tomara a decisão de aceitar a vida, criar um futuro, ainda que desonestamente. Teria ela, aos vinte anos, tido tal coragem e hipocrisia? O que

poderia fazer agora para salvar a família do descrédito? Haveria opções?

Ficou parada durante alguns momentos a pensar em Memling. Independentemente do que o pai tivesse feito, ela amava-o e não era capaz de imaginar ou suportar a sua iminente desonra pública. A ideia de ver o rosto do pai impresso nos jornais, as suas mãos sarapintadas pela idade presas por algemas, a cabeça grisalha inclinada no banco de um tribunal, isso era bem pior do que a perspetiva de lhe guardar o terrível segredo. Ele era um monstro, mas era o seu monstro, uma parte inextricável do seu passado, presente e futuro. Poderia denunciá-lo, mas isso nunca o eliminaria, nem aos seus atos; ele fazia parte do seu ADN, da sua consciência e, quer isso lhe agradasse, quer não, ela tinha gozado dos frutos do logro dele.

Pensou então em Marty e teve a certeza de que, confrontado com aquela descoberta, ele decidira que o suicídio seria mais fácil do que enfrentar os destroços. Pela primeira vez, sentiu-se zangada com o irmão: porque não teria destruído o caderno? Quereria que ela o encontrasse, que enfrentasse tudo aquilo sozinha?

Parou de tremer e, de súbito, sentiu-se forte e cheia de propósito. Tudo o que existia entre ela e o desastre era um historiador de arte e um pequeno quadro. Se eliminasse ambos, o *status quo* manter-

se-ia intacto. O que quereria dizer «eliminar»? Até onde iria para proteger a família? Mataria? Para sua surpresa, a ideia não a repugnava. Não teria de sujar as suas próprias mãos – havia outras pessoas para esse género de coisas. Rebecca olhou para o relógio – eram dez e um quarto da manhã e, apressando-se, ainda apanharia o voo do meio-dia para Londres. Guardou as últimas coisas na mala de viagem, saiu do quarto e correu escadas abaixo até ao átrio. Havia um táxi à espera em frente e, com um sorriso apologético enquanto passava à frente de dois hóspedes, entrou nele.

– Para o Aeroporto de Tegel, *bitte* – disse ao motorista.

Nos meses seguintes, Rebecca recordaria o momento em que atravessara uma linha invisível e tomara a decisão de ajudar Memling a erradicar o passado, juntamente com os anos de subterfúgios e atividades desonestas. Não sentiria qualquer culpa ou remorso: apenas uma vaga de clareza e determinação.

Telefonou ao pai. Sem perder tempo com saudações de cortesia, disse-lhe que se

encontrasse com ela às quatro da tarde junto às fontes de Hyde Park. Ao recostar-se no assento do táxi, saboreou a surpresa do pai com um sorriso; ele não estava habituado a que a filha desse instruções. Doravante, concluiu, o controlo estava nas suas mãos.

Capítulo 30

Rebecca chegou aos jardins italianos com vinte minutos de antecedência e, caminhando lentamente à volta das fontes, recordou as visitas que ali fazia em criança. A mãe, um judia de Verona, adorava aquela área inesperada de Hyde Park; lembrava-a de casa, de Roma e da Villa d'Este, locais da sua infância. Pearl Winkleman gostava de se sentar na casa da nora e ver os filhos a pescar peixes imaginários com canas feitas de fios pendurados em paus. Quando eles se fartavam da brincadeira, ela fazia-os procurar animais diferentes gravados no mármore e na pedra de Portland das fontes e das urnas. De cada vez, as crianças fingiam descobrir de novo as cabeças de veados, os golfinhos e os cisnes: era difícil obter elogios na família Winkleman. Rebecca perguntava-se quanto saberia a mãe acerca das origens do marido, de quanto suspeitaria.

A sua relação com o pai alterara-se com um único telefonema; agora via-o sob uma luz diferente, de olhos bem abertos. Uns dias antes, teria visto um homem alto, idoso mas em forma, a usar um sobretudo de caxemira azul-escura, um lenço de seda branca ao pescoço e sapatos perfeitamente engraxados, com uma bengala de castão de prata na mão. Automaticamente, teria verificado a maquilhagem num espelho compacto e alisado o cabelo, receando que o menor sinal de imperfeição pudesse irritar o patriarca exigente e suscitar críticas indesejadas. Uns dias antes, nunca se teria atrevido a convocá-lo para uma reunião, quanto mais num sítio tão prezado pela sua mãe.

O homem que caminhava na sua direção continuava a vestir-se de forma impecável e a ser determinado e imediatamente reconhecível, com a juba de cabelo branco e o grande *husky* branco que o acompanhava. Mas agora, pela primeira vez, ele precisava mais dela do que ela dele; o equilíbrio de poder alterara-se; Rebecca detinha a chave para o futuro de ambos, para a posteridade dele. Sem a sua cumplicidade, o trabalho de toda a sua vida, aqueles anos de subterfúgios e enganos teriam sido em vão. Ao longo de setenta dos seus noventa e um anos, Memling labutara para arrancar a família à penúria e fazer dos Winkleman jogadores num palco internacional; a última coisa que desejaria seria que esse bom nome e belo negócio fosse levado por uma onda de vergonha

e escândalo.

Apenas uns trinta metros os separavam. Ainda posso mudar de ideias, pensou Rebecca, deixar que tudo volte ao normal e devolver toda a responsabilidade e tomada de decisões a Memling. Mas embora essa ideia lhe proporcionasse uma sensação temporária de alívio, era demasiado tarde: o castelo de cartas no qual a autoridade dele se apoiava tinha desabado.

– Filha – disse Memling, estendendo as mãos e sorrindo. – O teu telefonema deixou-me ansioso...

aconteceu alguma coisa?

Rebecca correspondeu-lhe ao sorriso de forma automática, incapaz de controlar o reflexo depois de tantos anos a ser ensinada para ser educada e cortês.

– Sentamo-nos?

Ela baixou-se para fazer uma festa na cabeça do cão; *Tiziano* respondeu majestosamente, com um piscar de olhos demorado.

– Porquê aqui? – Memling olhou em redor, estupefacto. – Há tantos sítios mais agradáveis à nossa disposição.

Sem responder, Rebecca virou-se e subiu as escadas para entrar na casa da nora. Fedia a urina e a cerveja velha, mas uma brisa afastava o pior dos cheiros. A uma ponta, estava um vagabundo embrulhado num sobretudo, semicoberto por um caixote de cartão. Rebecca escolheu o outro lado do banco, bem longe dos ouvidos do sem-abrigo, e sentou-se. Memling limpou cuidadosamente uma área ao lado dela antes de fechar o sobretudo à volta do corpo para se sentar.

– Sei tudo – disse ela. – O pai chama-se Heinrich Fuchs e não tem nem uma gota de sangue judaico.

Não passa de um ladrão oportunista.

Falava em voz baixa, mas com clareza. Surpreendia-se por não ter vontade nem de chorar, nem de gritar. Tinha encontrado um estado sereno de propósito e calma.

Memling não respondeu de imediato mas, quando o fez, a sua voz foi igualmente comedida e nítida:

– Palavras duras da minha pequena princesa, duras, amarguradas e ingénuas. Será o que merece um pai extremoso?

– Fui ao número 14 de Schwedenstrasse, em Berlim, e conheci a sua vizinha e amiga de infância, Danica Goldberg. Tem fotografias suas em rapaz, uma linda criança loura e de traços arianos no meio de uma família de apelido Winkleman. Quando é que decidiu roubar-lhes a identidade, o passado, as posses e as vidas? Matou-os ou deixou isso aos comandantes do campo? – As palavras de Rebecca saíam-lhe aos borbotões e ela tinha a impressão estranhíssima de ver cada sílaba a flutuar no ar e a entrar nos ouvidos do pai.

Memling mantinha-se em silêncio, de olhar fixo nalgum ponto não muito longe.

– Passei os livros-razão do cofre a pente fino. Foi muito meticuloso... demasiado meticuloso, talvez – prosseguiu Rebecca. – Deve ser da sua formação nazi: tirar notas claras, concisas e exaustivas acerca de tudo. – Lançou um olhar de esguelha ao pai e, embora o rosto dele fosse uma máscara inescrutável, ela reparou que tinha os nós dos dedos da mão direita cerrados e brancos. –

Todos os quadros que passaram pela nossa empresa estão registados. Aquelas primeiras obras apareceram como por artes mágicas, não foi? Lá chegaram às suas mãos depois da guerra. Mas o pai não era um mágico, pois não? Nem era assim tão bom a conseguir bons negócios ou a identificar obras-primas. Era um intermediário, recebia mercadoria roubada e passava-a. Para quem trabalhava? Para o seu antigo colega nazi, Karl Haberstock? Ou para os que já estavam presos mas precisavam de alguém no exterior para dar seguimento às suas boas obras? Ou para aqueles que escaparam, que estavam encafuados na Baviera ou na América do Sul e precisavam de um intermediário? – A voz de Rebecca tinha aumentado de volume e estava mais aguda; ela obrigou-se a baixá-la e a sussurrar de novo: – Ou foi mais esperto do que isso? Roubou dos seus superiores durante a guerra, foi surripiando um Ticiano, um Watteau, um Gaudí, sabendo que algum dia a guerra terminaria e os mortos não voltariam, não poderiam voltar para reclamar a propriedade que lhes era devida?

Durante um longo minuto, Memling nada disse. Depois, aclarando a garganta, falou num tom sóbrio, comedido:

– Eu queria contar isto a alguém. À tua mãe, ao teu irmão ou a ti. Mas só construí o negócio pela nossa família e não quis carregar-vos com a responsabilidade de saberem como tinha começado.

– Começou muito antes de nós termos nascido, antes de o pai ter conhecido a mãe, por isso não vá por aí – silvou Rebecca.

– Há tanto que não sabes – replicou Memling, zangado.

– Tenho o dia todo. – Rebecca cruzou os braços.

– Gostaria de ter esta conversa noutro lugar. Gostaria que fizesses a cortesia de permitir a um velho que ordene os pensamentos.

– Os dias em que ditava as condições acabaram. Aqui e agora serve perfeitamente.

Memling mexeu-se ligeiramente como se fosse levantar-se, mas arrependeu-se. *Tiziano*, pressentindo o desconforto do dono, pousou a cabeça no joelho dele, sendo recompensado com uma festa suave.

– O meu pai, o pai dele e muitas gerações anteriores foram soldados, sempre do lado dos vencedores. A partir de 1701, servimos os reis da Prússia e desde então fizemos parte da maior força de combate que a história alguma vez conheceu. Os meus antepassados nunca tiveram um lar ou posses: eles e as famílias levavam vidas de soldados, de campanha em campanha, de quartel em quartel. O soldo não era espetacular, mas o orgulho... oh, o orgulho nas suas façanhas compensava tudo. Ser um capitão prussiano, como o meu pai e o pai dele e os que os antecederam, era ter respeito e apreço. Na sociedade que ocupavam, eram mais importantes do que qualquer mercador ou homem de negócios; sentavam-se à mesa de príncipes e aristocratas.

– Não vim em busca de uma lição de história – interrompeu Rebecca.

– Nos próximos anos, desejarás ter feito estas perguntas; a ignorância é uma maldição à espreita para a geração mais jovem, para aqueles que se esquecem de perguntar.

Rebecca olhou para as fontes, para uma criança que brincava com um cão pequeno.

– Contou esta história ao Marty?

Memling estremeceu.

– Já chegarei ao Marty... deixa-me ao menos contar-te a história da maneira que faz sentido para mim. Permite-me isso, sim?

Mais uma vez, *Tiziano*, pressentindo o mal-estar do dono, pousou a cabeça no joelho deste e olhou ora para Rebecca, ora para Memling.

Ela assentiu com a cabeça.

– Quando a Primeira Grande Guerra foi declarada, a minha família celebrou. Tinham-se passado anos desde a última guerra e o meu pai estava entediado com a vida civil. Tinha conhecido e casado com a minha mãe em 1913, e estavam a tentar ter um filho, mas ela contou-me que, assim que surgiu a declaração de guerra, tudo o que o meu pai fazia era polir as esporas, o capacete e a espada. Era outro homem que estava lá em casa e ela não tinha a certeza de gostar daquela versão do marido. É

claro que essa guerra foi uma catástrofe para os orgulhosos soldados alemães, e o Tratado de Versalhes só cimentou a humilhação. Uma mina terrestre rebentou com o pé do meu pai, que foi mandado para casa, dispensado do serviço. Aqueles que antigamente lhe aplaudiam a bravura e as proezas passaram a considerá-lo responsável pela queda da velha ordem. A espada e o capacete, o uniforme e as medalhas tornaram-se símbolos de vergonha.

Memling falava com o olhar fixo no focinho do cão e ia coçando delicadamente o queixo do animal. Rebecca costumava pensar que o cão representava poder: o grande *husky* branco; apercebia-

se então de que era uma versão canina de uma manta ou cobertor a que uma criança se apegasse.

– O país passava de uma crise para outra, negócios a fechar, hiperinflação, desemprego; tudo o que os meus pais tinham, até a pequena pensão do exército, se reduziu a nada – disse Memling, ao mesmo tempo que puxava *Tiziano* para mais perto de si e lhe afagava o flanco branco. – Os meus pais, à semelhança de tantos outros alemães, estavam falidos e pobres. O único trabalho que o meu pai conseguiu arranjar foi como zelador de um prédio de apartamentos habitado por

judeus. Tens de perceber, Rebecca, que esse era o fim mais ignominioso e humilhante para um soldado orgulhoso.

– Que tem isso que ver consigo, connosco?

– Ouve e pode ser que aprendas alguma coisa – disse Memling.

Por um momento, Rebecca regressou à infância, à criança tímida amedrontada pelo pai.

– Não preciso de o ouvir, pai. Não preciso de escutar as suas histórias. Talvez conheça o passado da sua família, mas o futuro dela está nas minhas mãos. Seja cordial ou vou-me embora. Responda às minhas perguntas ou os meus ouvidos fecham-se.

Memling acenou com a cabeça. De repente, parecia mais pequeno, e Rebecca reparou que os seus olhos azul-claros estavam aguados... seriam lágrimas, ou a idade?

– Desculpa, filha. Queria explicar o que aconteceu. Não para que me perdoes, mas talvez para que compreendas um pouco melhor. Posso continuar?

Rebecca encolheu os ombros, um consentimento tácito.

– Quando nasci, em 1924, o meu pai encontrou um recetáculo infantil para todos os seus desapontamentos e sonhos frustrados. Assim que aprendi a andar, pôs-me a marchar de um lado para o outro no apartamento minúsculo em que vivíamos. Assim que comecei a reconhecer cores e formas, estudávamos planos de batalhas de guerras anteriores. O meu gosto pela precisão e pelo detalhe vem de uma Alemanha mais antiga. Noite após noite, ele e os amigos reuniam-se para falar das esperanças que tinham de ver restaurada velha glória da Alemanha. Se Hitler não tivesse surgido, é bem possível que alemães como o meu pai tivessem implodido sob o peso da perda de orgulho que partilhavam. Herr Hitler usou esse desapontamento como um jóquei monta um puro-sangue campeão.

Deu-lhes esperança e propósito.

– Não vou ouvir uma apologia de Hitler – comentou Rebecca em voz baixa.

Memling ignorou-a.

– A minha infância foi sombria e rigorosa. Se não fizesse a cama de forma adequada, havia consequências; se me atrasasse, ficava na rua, independentemente das condições atmosféricas; qualquer ato interpretado como falta de educação justificava uma tareia. Por vezes, castigar-me privando-me de uma refeição era a forma de o meu pai ocultar que não tinha dinheiro suficiente para pôr comida na mesa.

– O que dizia a sua mãe?

– A minha mãe vivia com tanto terror dele que acedia a qualquer plano que ele sugerisse. Mesmo que fosse segurar-me enquanto ele me batia. Podia ter arranjado emprego a limpar os apartamentos dos judeus, mas o meu pai não queria nem ouvir falar disso. O antissemitismo é tão velho quanto os judeus; não foi Hitler quem o inventou. – Memling olhou para a filha. – Podemos andar um pouco?

Estou a ficar com as pernas perras e já não suporto este cheiro. Também seria bom para o cão.

Rebecca levantou-se e estendeu um braço ao pai. Apoiando-se na bengala, Memling agarrou-lhe o braço e, a custo, pôs-se de pé. Apesar de conseguir correr num campo de ténis, ficar sentado durante algum tempo entorpecia-lhe as articulações dos joelhos e as costas. O par desceu lentamente as

escadas e avançou em direção a Serpentine. *Tiziano* acompanhava o dono de perto, olhando com frequência para o velho e depois em redor, não fosse surgir um perigo inesperado.

Um vento forte passara pelas cerejeiras que tinham florido cedo e havia flores espalhadas pelo chão, como flocos de neve. Os pássaros, a celebrar a chegada da primavera, cantavam e aceleravam pelos arbustos. Molhos de crocos precoces espalhavam-se pelo caminho e à volta das árvores, manchas de amarelo sobre verde-ácido. Um esquilo correu pelo caminho à frente deles, seguido por um desobediente *terrier* que tentava apanhá-lo e pelo dono a gritar em vão. *Tiziano* olhou para o outro cão mas não reagiu. Rebecca caminhava sem prestar grande atenção à vista. Quando olhou para baixo, viu que as suas três sombras avançavam à frente deles, um homem, uma mulher e um cão, caricaturas feitas por um sol baixo no horizonte. Ficou satisfeita ao notar que a sua parecia forte e determinada, enquanto a do pai estava curvada e frágil.

– A Esther Winkleman era tão bondosa quanto bonita – recordou Memling. – Tinha o cabelo comprido e escuro, uns olhos quase pretos e um sorriso permanente. O apartamento deles estava sempre cheio de música e risos. Quando me deixavam na soleira da porta à noite, ela ia buscar-me, levava-me às escondidas e dava-me de comer. Eram seis, num apartamento minúsculo de três assoalhadas, por isso mal havia espaço para mais uma pessoa, e também não eram ricos, mas faziam-me sempre sentir bem-vindo e partilhavam a comida comigo. Ela, que era professora de belas-artes na escola local, mostrava-me livros de arte e falava-me dos artistas com uma voz suave, ciciada.

Não admira que me tenha apaixonado por arte. Não gostava particularmente do filho que era da minha idade, mas fiz-me muito amigo dele para poder estar perto dela. Havia uma pequena biblioteca no caminho para a escola; deixavam-nos requisitar um livro por mês. Uma vez, o meu pai encontrou um livro sobre Dürer debaixo da minha cama... Dürer... era um bom alemão... mas nem imaginas a sova.

Rebecca deu um pontapé propositado numa pedra – queria que Memling explicasse as coisas mais tardias, como tinham acontecido. Pressentindo a irritação da filha, Memling prosseguiu com a história.

– Ao início, o meu pai denunciava Hitler, dizia que era um fanfarrão, mas, à medida que o poder dele foi aumentando, que ele foi jogando com as esperanças e os medos dos seus compatriotas, as opiniões mudaram. Inscreveu-me na Juventude Hitleriana e, quando a guerra foi declarada, falsificou a minha certidão de nascimento para que eu pudesse alistar-me mais cedo. Era alto para a idade e, graças à comida dos Winkleman, era forte. Só tinha quinze anos quando fui recrutado. Mais uma vez, a Esther Winkleman salvou-me a vida: um dos sonhos do Führer era construir o proeminente museu de Linz e enchê-lo com as maiores obras de arte do mundo. A maioria dos seus soldados não distinguia um Vermeer de um van Gogh. Correu a notícia de que o Führer procurava especialistas. Eu sabia pouco, mas muito mais do que a maioria. Fui selecionado para o prestigioso esquadrão artístico, o ERR. Tinha uma autoridade incrível: podíamos parar batalhões, ordenar a generais que se afastassem de certos locais, mandar encerrar pontes.

Rebecca e o pai chegaram a uma pequena área de recreio junto ao Serpentine. No meio havia uma estátua dedicada a Peter Pan, uma árvore de metal com pequenas figuras a treparem para fora.

Rebecca olhou para Peter Pan, que chamava os meninos perdidos para que o seguissem sob o olhar reprovador de Wendy. Lamentou a perda da sua própria inocência, abortada poucos dias antes em Berlim. Quanto tempo mais, pensou, poderei proteger a Grace?

– O que aconteceu aos Winkleman?

– Nos primeiros anos, consegui levar mantimentos e outros produtos essenciais à família. Eu estava, acredita, desesperado por ajudá-los a escapar. O Watteau era o único bem que eles tinham e, quando mostrei uma imagem do quadro a Hitler, ele ofereceu-se para pagar um milhão de marcos por ele. Implorei-lhes que o vendessem e comprassem uma passagem para saírem em segurança de Berlim e começarem uma nova vida em Inglaterra ou na América. Recusaram. Em 1943, a minha mãe disse-me que o apartamento tinha sido selado e que a família fizera umas férias para visitar amigos.

Senti-me magoado por não terem deixado uma morada de contacto. Só em 1944 é que descobri que tinham sido levados para Auschwitz-Birkenau.

– Em que momento decidiu pilhar-lhes o apartamento? – perguntou Rebecca, tentando manter a voz estável.

– A minha primeira intenção era manter as coisas deles a salvo... não só as dos Winkleman, mas as de todas as famílias do prédio. Tinha a esperança de que pudessem voltar e encontrar as coisas intactas. Trabalhava à noite quando me dispensavam do serviço, entrava nos apartamentos e tirava os quadros das paredes, embrulhava-os e escondia-os num sótão.

– Ninguém reparou?

– Passava-se muita coisa nessa altura.

– E o Watteau?

– Havia cada vez mais pressão sobre o esquadrão artístico para arranjarmos coisas belas.

– Então vendeu-o?

– Deixou as minhas mãos durante um curto período. Desde que eu lhe mostrara a

imagem que o Füher me atenazava para que lho levasse. Dei-lho em 1944; ele olhou para o quadro e disse-me que o escondesse num sítio seguro. Planeava oferecê-lo a Eva Braun como presente de casamento quando a guerra terminasse. Tirei-o da moldura, enrolei-o e passou o resto da guerra no meu bornal.

– Acho estranho que oferecesse o mesmo presente à sua própria amante... não ficou maculado pela associação a Hitler?

– Esse quadro tem qualquer coisa transformadora... captura-nos o espírito e o coração... hás de perceber quando o vires, quando o recuperarmos.

– Nunca o tinha considerado um tolo sentimental – disse Rebecca.

– Há uma enorme diferença entre sentimentalismo e romantismo.

Rebecca não sabia por que razão aquilo a magoava tanto – seria por o seu pai ter amado uma mulher que não a sua mãe? Ou por a pessoa que parecia controlar tudo, o seu próprio patriarca todo-poderoso, se revelar apenas mais um mortal? Começou a afastar-se do pai, a conter lágrimas negras.

Dava-se conta do pouco que sabia a respeito do homem que a criara, com quem trabalhava todos os dias. Atrás de si, ouvia a batida da bengala e os passos pesados de Memling, acelerados para a alcançar.

– Tinha dezanove anos quando a guerra começou, vinte e cinco quando acabou. Passei cinco anos extraordinários a viajar pela Europa e a ver objetos lindos... esses anos foram o meu liceu e a minha universidade num só. Pela primeira vez na minha curta vida, tinha mais do que o suficiente para comer. Nunca tive de matar um homem; vivia isolado da maior parte da dor e das dificuldades. Íamos a todas as grandes casas, da Alemanha à Normandia, vivíamos como reis. Bebi vinho das adegas de Château Lafite e dormi na cama do rei em Vaux-le-Vicomte. Jantei debaixo do retrato de Cosimo de Médici e fui para a cama com a tetra-tetra-tetra-neta de um príncipe Bórgia. A minha única incumbência era encontrar objetos belos. Trabalhávamos com negociantes e leiloeiros, entendidos e

académicos. Para onde quer que fôssemos, éramos bombardeados com sugestões. Toda a gente queria fazer algum dinheiro com a guerra. Nos setenta e tantos anos que passei a negociar em arte, nunca vi um mercado como aquele. Mais de um milhão de obras foram leiloadas no Le Drouot, em Paris, entre 1939 e 1945 – disse ele. – Não sou particularmente dotado; ao contrário de ti, não

consigo detetar um Ticiano a trezentos metros de distância. Não tenho os teus poderes de deteção. Tenho um talento para o detalhe... e foi por isso que me desmascaraste.

– O que o denunciou foi o Watteau... se não fosse esse quadro, eu nunca teria começado a investigar.

Memling estacou... tinha noção da ironia do caso. Seria a forma de Esther se vingar, lá do além?

Eliminando tais pensamentos da mente, continuou a narrar a sua história:

– A guerra acabou. Os meus superiores foram executados ou presos. O meu pai matou a minha mãe e suicidou-se, selando as janelas e as portas do nosso apartamento antes de abrir o gás. Eu nem sequer tinha um passaporte, só papéis do exército. Não tinha nada, não era ninguém e estava envergonhado. – Virou-se para Rebecca. – Se me denunciares, infligirás esta vergonha tanto a ti como à tua família. Queres mesmo, aos cinquenta anos, ficar na posição em que eu me encontrei aos vinte e dois?

– Talvez preferisse viver de consciência tranquila – disse Rebecca.

– Ainda ponderei essa ideia em 1945. Estava ao pé de uma pequena casa de quinta na Baviera, construída ao lado de uma mina desativada. Naquelas profundidades cavernosas estavam centenas de quadros, objetos e joias de valor que o meu esquadrão tinha escondido durante a guerra, destinados à coleção privada de Hitler. Ao longo dos quatro anos anteriores, tínhamos desviado cuidadosamente algumas das melhores coisas apreendidas, seguindo as instruções do Führer, principalmente para as manter fora do alcance de Göring. Quatro outras pessoas sabiam daquele tesouro; três suicidaram-se para não enfrentarem os julgamentos de Nuremberga e outra morreu de tifo.

– Então decidiu ficar com aquilo só para si?

– Nessa altura eu não tinha quaisquer planos, para além de me manter vivo. Fui para aquela quinta porque foi o único sítio que me ocorreu. Depois de a guerra acabar, houve uma espécie de vale-tudo desenfreado, com cada uma das fações vencedoras a tentar arrebanhar o que restava. Os Russos pareciam gafanhotos: apanharam tudo e levaram-no de volta para Moscovo. Os Americanos enviaram um batalhão de peritos, os Homens dos Monumentos, para tentar refrear a vaga

de saques e pilhagens, mas o que podia uma centena de homens fazer quando toda a Europa era de quem lhe deitasse a mão? Tínhamos roubado milhares e milhares de obras, mais de vinte por cento de toda a arte ocidental. Ainda que as pinturas não valessem muito, a arte continuava a ser uma moeda internacionalmente aceite. Talvez só se conseguissem uns cem dólares por um Klimt, mas sempre eram cem dólares.

– Quando é que teve a ideia de se fazer passar por Memling Winkleman?

Ele subiu lentamente o caminho em direção a Serpentine Gallery. No cimo, com a respiração um pouco ofegante, respondeu-lhe:

– Isso aconteceu por acidente. Três dias depois de a guerra terminar, voltei ao apartamento da nossa família e encontrei os corpos dos meus pais. Depois corri escadas acima, na esperança de encontrar nem que fosse um só membro da família Winkleman, mas todos tinham desaparecido. Ao sair, por impulso agarrei nalguns livros e no cartão de sócio da biblioteca que pertencera ao filho da Esther, Memling. Tirei várias outras pinturas das molduras, enrolei-as e, a pé e viajando apenas de

noite, pus-me a caminho da quinta. Passei lá um ano, a viver de frutos secos, bagas e dos pequenos animais e pássaros que apanhava. Emagreci terrivelmente: o meu cabelo cresceu e ficou emaranhado.

As minhas roupas estavam esfarrapadas. No outono de 1946, uma patrulha americana deu pelo fumo que saía da chaminé e decidiu revistar o edifício, em busca de soldados fugitivos. Apanharam-me depressa. Eu não lhes dizia o meu nome; não era capaz de lhes dizer o meu nome. Passaram revista ao espaço, em busca de pistas acerca da minha identidade, ou de armas, quem sabe. Um agente encontrou o cartão da biblioteca... somaram dois mais dois e concluíram que eu era um judeu que tinha fugido dos comboios da morte e que se escondera ali. Sabe Deus como inventaram essa história... os Americanos adoram um bom enredo. Levaram-me de volta para Berlim, arranjaram-me documentos, deram-me um passaporte e ofereceram-me uma vida nova na América. Sete semanas depois, cheguei a Nova Iorque. Na mala tinha algumas joias, o Watteau, um Rembrandt minúsculo e quinhentos dólares, cortesia do Tio Sam.

– Suponho que também o tenham tatuado? – disse Rebecca, numa voz carregada de sarcasmo.

– Isso fiz num salão coreano no Lower East Side. Por essa altura, já sabia o que tinha acontecido aos Winkleman... todos mortos. Este número é o da Esther; talvez te custe acreditar, mas fiz a tatuagem como sinal de respeito, não como um símbolo desavergonhado de cinismo.

Rebecca caminhou à frente do pai, a tentar decidir em que partes da história acreditava. Olhando em redor, viu a ponte por cima do Serpentine, um lago artificial construído no século xviii.

Perguntou-se quantos saberiam que Harriet Westbrook, a mulher grávida de Percy Bysshe Shelley, se afogara ali depois de se inteirar das infidelidades do marido. Ou que os Hanoverianos tinham celebrado ali o aniversário da vitória britânica em Trafalgar, outra guerra onde milhares tinham perdido a vida. Não sabia quanto tempo seria preciso para que as atrocidades da última guerra se reduzissem a mais uma memória apagada ou uma entrada da Wikipédia.

– Conta uma história tão plausível, mas toda a sua vida tem sido uma longa mentira sem vergonha.

Roubou a identidade do seu amigo morto, pertences de outros mortos... até a religião lhes roubou e educou os seus filhos de acordo com um legado falso. Não é um homem... é um parasita! – gritou Rebecca, voltando-se para o pai.

Uma mulher que passava por perto fitou-os com um ar nervoso e apressou-se a seguir caminho.

Memling parou e agarrou a balaustrada de ferro preto com as duas mãos.

– Eu queria viver – disse num tom frágil.

– Conseguiu esquecer de onde tudo veio? – silvou Rebecca.

– Nunca, mas ao menos proporcionei-vos uma alternativa.

– E o Marty?

Memling deixou cair a cabeça, com os ombros curvados.

– Enviou-me uma carta a dizer que tinha descoberto. Escrevi-lhe de imediato, oferecendo-me para me entregar ou para engolir um comprimido de cianeto que

mantenho sempre comigo.

Levou a mão ao bolso do casaco, de onde tirou um pequeno estojo prateado; abriu-o e revelou um pequeno comprimido azul numa almofada de veludo.

– Guarde isso, pai. Não é altura para dramas amadores – ralhou Rebecca com frieza.

Memling encarou a filha.

– O teu irmão era o meu orgulho, a minha alegria e o nosso futuro.

Rebecca não o contradisse; sabia que dizia a verdade. Também sabia, com uma certa tristeza, que, ainda que o pai gostasse dela, era a Marty que amava. Saltaram-lhe lágrimas dos olhos.

– Pobre Marty... não suportou ter de fazer de juiz, ter de escolher entre o certo e o errado, expô-lo e humilhar-nos.

– Acredita em mim: eu teria aberto mão de tudo, teria ido para a prisão, ter-me-ia entregado às autoridades, a Simon Wiesenthal... o que quer que fosse necessário para o manter aqui – disse Memling.

– A mãe... alguma vez soube?

– Não, nem nunca suspeitou.

– Ao menos, graças a ela, sou judia... não passei a vida toda a ir a sinagogas sendo nazi. Como foi, paizinho? Ter de rezar no Dia do Holocausto?

– Eu rezei, Rebecca, só não pelas mesmas coisas – disse ele, baixando-se e enfiando as mãos no pelo do cão. *Tiziano* virou-se e encostou o nariz ao rosto do dono. Memling não se afastou, deixou-o lamber-lhe a pele enrugada.

– Muitas vezes me perguntei se gostaria mais dos cães do que de qualquer membro da família.

– Ficarias chocada se te dissesse que acho que o amor é uma emoção sobrevalorizada? – perguntou Memling. – Gosto muito de cães, tal como dos meus filhos. Sinto-me particularmente grato pelo afeto incondicional e

descomplicado dos cães. Lembras-te, quando eras pequena, de ir à National Gallery ao fim de semana?

– Todos os fins de semana.

– Muitas daquelas grandes obras pertenceram a colecionadores hipócritas e sem escrúpulos...

negociantes de escravos, extorsionários e assassinos. Mas, quando hoje em dia olhamos para as posses desses homens, os seus Rubens, Hogarths, Rafaéis, Ticianos ou Velázquez, só vemos beleza.

– O que é que isso tem que ver com o que quer que seja? – perguntou Rebecca, incrédula.

– Eu tentava mostrar-vos o quadro geral, a passagem do tempo, queria que vissem para lá das histórias individuais – disse Memling.

– A arte não tem a capacidade de erradicar o pecado – disse Rebecca. – Que histórias estranhas e retorcidas teve de contar a si mesmo para justificar as suas ações e a sua desonestidade.

– Nunca tentei justificar o que quer que fosse, mas há coisas maiores, mais duradouras e mais importantes do que eu ou a minha família.

Rebecca encaminhou o pai para um banco junto a um pequeno arvoredo. Por cima deles, um bando de periquitos de cores garridas, talvez fugidos de uma coleção privada, rodopiava e guinchava entre as árvores, rasgando o ar com cores incongruentemente iridescentes: amarelos, verdes, vermelhos e azuis no meio dos verdes e azuis delicados do parque britânico. Memling sentou-se pesadamente e, com um lenço branco engomado, limpou o rosto.

– O que vais fazer? – perguntou. – Promete-me que não farás nada para te magoar. Farei qualquer coisa para evitar isso. Vou daqui à esquadra mais próxima. Diz as tuas condições.

A voz de Memling tremia de emoção.

Rebecca olhou para baixo e apercebeu-se de que, com o sol a pôr-se, as suas sombras tinham desaparecido. Olhou para os anéis de diamantes nos dedos, um

deles de Carlo, pelo noivado, o outro um presente do pai quando Grace nascera. As suas mãos já estavam ligeiramente enrugadas e tinha uma mancha da idade a começar a formar-se no pulso esquerdo. Tentou imaginar uma vida sem o pai, a filha ou o marido, para além de excomungada do seu meio, o mundo da arte. Virou as mãos para cima e olhou para as palmas das mãos de linhas indistintas, a pele quase branca e a finíssima artéria azul no pulso. Os seus pensamentos regressaram a Marty e à decisão que ele tomara. Devagar, virou

de novo as mãos e observou os anéis, aqueles aros de amor e responsabilidade.

Olhou para o pai, para a sua expressão receosa, ansiosa.

– Temos muito que fazer.

Os ombros de Memling abateram-se e ele foi deixando sair o ar que tinha nos pulmões cheios.

– O que interessa é que a Grace herde um título e uma fortuna limpos e que a vergonha e a culpa se fiquem por si. É o seu segredo sujo, não o nosso – disse Rebecca.

Memling tentou evitar que um sorriso de alívio lhe surgisse no rosto.

– Escreverá uma confissão total, de forma a que, caso algo venha a lume, fique bem claro que eu nunca soube nada disto – continuou ela.

Memling assentiu com a cabeça.

– O Trichcombe Abufel tem uma cópia de uma fotografia que a Danica Goldberg tinha do Watteau.

– O Trichcombe? – repetiu Memling, perplexo.

– Há anos que tenta tramá-lo.

– Mas sempre foi tão ineficiente – disse ele, a abanar a cabeça.

– Vai ter de destruir todas as notas dele, tudo o que ele possa usar para estabelecer uma ligação a nós. No pior dos casos, terá de se livrar dele.

– Livrar? – Memling parecia horrorizado.

– Deixe-se de tretas, paizinho: sei que incinerou aquele pobre coitado na loja de antiguidades à procura do Watteau... não finja que não.

– Isso foi um erro. Pedi ao Ellis que o assustasse.

– O meu motorista é o seu capataz? – Rebecca estava espantada.

– É um ex-polícia.

– Dois incompetentes – ripostou Rebecca.

Memling fitava as próprias mãos.

– Subestimei-te.

– O pai subestima toda a gente.

Memling olhou para ela com tristeza – via agora que negligenciara a filha, que a descartara por ser mulher, uma pessoa sem importância.

– Precisa de encontrar esse quadro e de se livrar dele. Não de o esconder... de o destruir –

decretou Rebecca.

Memling fez um esgar mas assentiu com a cabeça.

– Fui vítima do meu próprio sentimentalismo.

– Sentimentalismo! – insurgiu-se Rebecca. – Um egocentrismo solipsista, uma estupidez flagrante, ganância e fraqueza, seria assim que o descreveria.

– Sou um tolo – disse Memling, num tom fraco.

Durante alguns minutos, ficaram calados.

– Não há um museu ou um curador, um negociante ou um perito que não nos deva alguma coisa. Já fiz umas chamadas, mas é a sua vez. Atire-se a eles. Cobre o favor, ou acaba-se o dinheiro. Recolha todos os segredos sujos de todos os

indivíduos, sejam casos extraconjugais, dívidas de jogo, pormenores escabrosos... é capaz de precisar de os usar – instruiu Rebecca.

O pai assentiu com a cabeça.

– Há uma pista... só nos resta esperar que se trate de uma coincidência simplesmente espantosa. A nossa cozinheira temporária, Annie McDee, foi fotografada a sair da mesma loja de velharias e

depois com um embrulho do tamanho certo no cesto da bicicleta.

– Ainda trabalha para nós? – perguntou Memling.

– É melhor mantê-la sob vigilância cerrada. Se trabalha para outros, pode ser feita refém, um moeda de troca.

Memling olhou pensativamente para um ponto ao longe.

– Ela tem acesso aos computadores e aos registos?

– Não tem qualquer acesso aos nossos registos. Tornei a verificar todas as pesquisas e *emails* dela... não há nada.

– Deve haver qualquer coisa...

– A mulher só pensa em comida e receitas. Até já tentei descodificar algumas, para o caso de conterem mensagens ocultas ou cifras.

– Vou enviar umas pessoas ao apartamento dela.

– Já fiz isso. Talvez esteja na altura de fazer alguns estragos.

Pai e filha mantiveram-se sentados lado a lado durante mais alguns minutos, ambos perdidos em pensamentos. Com um olhar para o relógio, Rebecca levantou-se.

– O que vais fazer entretanto? – perguntou-lhe Memling.

– Gerir o negócio como habitualmente e manter as aparências.

– Quando voltarei a ver-te?

– Encontramo-nos nos jardins italianos às nove da manhã daqui a quatro dias. Vou reservar-lhe um voo para Munique para amanhã de manhã. Haverá um carro em nome de Brueghel no balcão da Hertz. O pai irá à quinta e provocará um incêndio na adega.

– Queres que eu queime os quadros? Há lá Fragonards, um Leonardo, cinco Ticianos, três Monets e mais uns quarenta de outros artistas. A Sala Âmbar de Catarina, a *Grande...* o maior tesouro que alguma vez se conheceu.

– Que valor têm para nós? Pensei, paizinho. Pense. Já temos a corda ao pescoço.

– Não podemos deixá-los lá e esperar que um dia alguém os encontre?

– E esperar também que somem dois mais dois? O jovem encontrado no mesmo sítio em 1946? As vezes que o levaram até lá?

Memling assentiu tristemente com a cabeça.

– E se eu falhar nalguma das tarefas?

– A próxima vez que nos encontrarmos será junto à sua campa – respondeu Rebecca.

Afastou-se, com as costas direitas como um fuso.

Capítulo 31

Evie sentou-se na beira da cama e chorou. Tinham-se passado dois dias desde o jantar triunfante de Annie mas, desde então, ela evitava-a. Queria partilhar o triunfo da filha, não para receber algum crédito pelo sucesso, apenas para inserir uma pequena memória positiva no banco de experiências partilhadas. As últimas semanas, em que frequentara reuniões dos AA, tinham-na ajudado a compreender que a filha fora forçada a viver no vórtice do seu mundo compulsivo, uma vítima impotente dos estados de espírito animados ou deprimidos por químicos. Quando voltava da escola, a criança nunca sabia qual Evie a esperaria atrás da porta. Seria a mãe olha-que-sorte-acabei-de-tomar-um-copo, ou a pessoa nervosa e agitada vamos-tentar-não-tomar-um-copo? Evie zangada e introvertida, ou a mãe que perdera os sentidos de tanto beber? Por vezes, Evie nem estava

– passavam-se dias, e ocasionalmente semanas, até voltar, sem oferecer explicação alguma. Não admirava que Annie tivesse aprendido a cozinhar; viu-se obrigada a isso.

Naquela manhã, o peso da culpa era quase insuportável. Não sabia como haveria de se perdoar.

Sem o amor da filha, de que valia viver? Passou a vida em revista, o soçobrar de tantos sonhos; a soma total era tão diminuta. Carreiras parcialmente encetadas, relações problemáticas e um rio de álcool. Talvez um copinho ajudasse a aliviar a dor daquele momento? Afinal, a bebida era sua amiga, sua companheira constante. Tinham-se divertido juntas, não tinham, ela e Billy Garrafa – ao menos ela vivera, divertira-se um pouco. Que diversão havia na vida estéril e solitária de Annie? Trabalhar, trabalhar, trabalhar. Levantar-se com o raiar do dia, esfalfar-se para benefício de outrem, chegar a casa e dormir. E, quanto a cozinhar, quer dizer, ela limita-se a provar, nem come – fazer uma coisa que é ingerida e defecada. Quem é que diz que essa é uma existência mais digna? Quem é que julga quem?

Evie sentiu a chama a regressar-lhe ao espírito. Levantou-se, viu-se ao espelho e riu-se; realmente, estava com um aspeto horrível. Passou água fria pela cara. Decerto um copo não faria mal? Um é demasiado e mil nunca são suficientes, troçou o espelho. Evie esfregou as manchas de rímel debaixo dos olhos, despiu-se e passou uma toalha húmida pela axilas e entre as pernas. Nunca se sabe, disse a si mesmo, o Sr. Certo podia aparecer aí hoje. Viu-se nua ao espelho da casa de banho. Nada mal, na verdade. Ao contrário daquelas cabras arrogantes que se via com as suas vivendas geminadas e carros desportivos em segunda mão. Essas podiam ter uma conta bancária, mas nem os próprios maridos conseguiam atrair. Evie conseguia, isso era certo. Conseguia espetar as mamas e, com uma boa luz, nem se notava a superfície enrugada como papel crepe. Só tinha quarenta e sete anos e mantinha um estômago liso e umas pernas firmes. A maior parte dos homens dizia que podia passar por trinta e cinco anos. Se bem que os homens diziam praticamente qualquer coisa perto da hora do fecho do bar.

Arranjou cuidadosamente o cabelo, penteando-o para trás até criar um capacete flexível e tufado e escondendo o pior das raízes com um pequeno gancho dourado. Pegou nos brincos de brilhantes de

Annie – nada como um pouco de bijuteria para dar vida a um rosto. Pintou os olhos com todo o cuidado, passou corretor para esconder as olheiras e um pouco de pó refletor. Depois deitou a mão ao «melhor» vestido de Annie e ao par de sapatos pretos de salto alto que ela tinha. Vendo-se ao espelho, decidiu que estava pronta para «o mundo lá fora».

Deteve-se. Esquecera-se de uma coisa importante – a coisa mais importante, talvez. Não tinha dinheiro. Nem uma libra. Sentiu o pânico a invadi-la. Agora que a decisão de beber estava tomada, nada poderia intrometer-se. Precisava de dinheiro. Abriu gavetas e armários, esperando encontrar um rolinho de notas; só levaria dez libras, talvez vinte, não precisava de muito. Contudo, não conseguia encontrar o que quer que fosse – nem sequer uma mão-cheia de tostões. Sentiu um suor ligeiro a cobrir-lhe as têmporas e as axilas.

Sentou-se à mesa da cozinha, tentou inspirar lentamente e pensou ligar ao seu mentor. Talvez uma entidade superior estivesse a cuidar dela. Depois viu o quadro – aquilo valia qualquer coisa, não valia? Não se dava o caso de Annie o querer realmente: bastas vezes dissera que lamentava ter comprado aquela coisa. Se Evie o levasse, seria um favor que fazia à filha, não seria? Mas onde haveria de vendê-lo? Na loja de penhores? Para que quereriam um quadro velho? Lembrou-se de um *pub* em East End, um sítio onde jovens artistas iam beber – talvez pudesse levá-lo e deixá-lo atrás do balcão como garantia. Era uma ideia perfeita, pensou: não ia vender o quadro da filha, apenas pô-lo a render. Embrulhou-o numa camisola velha, guardou-o num saco da Sainsbury’s e, agarrando no casaco, apressou-se a sair do apartamento e a descer as escadas. Eram onze da manhã: hora de abertura.

Já não tenho idade para andar a mexer em latas de gasolina e tochas inflamáveis, pensou Memling enquanto ensopava os cantos da casa da quinta com *diesel.* Outrora, teria sido capaz de levantar latas de vinte litros sozinho, mas agora custava-lhe segurar naquela, de um litro apenas. Como não queria provocar suspeitas, conduzira ao longo de mais trinta quilómetros para parar em várias estações de serviço e comprar latas individuais. Nunca tinha incendiado um edifício e não fazia ideia de como assegurar que ardia mesmo. Mais tarde, atravessaria o pequeno pomar até ao outeiro onde se encontrava o alçapão de acesso à mina desativada. A idade já quase não lhe permitia descer os degraus íngremes até ao *bunker.* Perdera a conta às vezes que ali regressara desde a guerra – trinta, talvez quarenta. Era estranho que quadros que praticamente nada valiam nos anos 1950 tivessem voltado a estar na moda. Certa vez, quase

mandara fora um par de Renoirs tardios, pois nunca acreditara que alguém viesse realmente a querer aquelas banhistas enfermiças e docemente rotundas.

Nos dias que corriam, alcançariam preços loucos, pensou ele, lembrando-se da venda de *Au Moulin de la Galette*, em 1990, por 78,1 milhões de libras ao presidente de uma empresa papeleira japonesa. O novo proprietário fazia tenções de ser cremado com o quadro; por sorte, a empresa tivera sérias dificuldades e o Renoir acabara por ser vendido em privado a um colecionador com ideias menos grandiosas a respeito de piras fúnebres.

Com o passar do tempo, Memling afeiçoara-se aos quadros da adega. Permitiu-se uma última ida às entranhas da pequena colina, uma última vistoria ao depósito. Lembrava-se de onde vinha a maioria. Aquele Léger estivera numa coleção judaica em Paris; tirara o Ticiano de uma pequena igreja perto de Veneza; o van Loo provinha de um sótão em Amesterdão onde uns judeus tinham tentado, sem sucesso, escondê-lo por cima de um armário; uma taça dourada, provavelmente de

Cellini, fora encontrada num *château* francês onde fora usada para guardar as algemas de um barão.

Memling duvidava de que qualquer um dos proprietários originais tivesse gostado tanto daquelas peças como ele. Para ele, aquelas obras de arte representavam beleza e também escape – eram a ponte mágica que ligava uma infância empobrecida e sem alegria em Berlim à posição luxuosa e poderosa de um dos negociantes mais proeminentes do mundo. Outrora, era provável que o nome de Memling só aparecesse nos registos da escola; agora estava gravado nas paredes e traves mestras dos grandes museus da Europa, em salas e extensões que ele patrocinara. No Museu do Holocausto, em Bremen, por cima do átrio de entrada, havia uma inscrição, cada letra com trinta centímetros de altura, a dizer: *Opera Memlingi Winklemani in perpetuum admiranda sunt:* Os feitos de Memling Winkleman deverão ser admirados para sempre.

Teve de rastejar por entre os arbustos emaranhados para chegar à entrada da adega. Naqueles dias, até ajoelhar-se constituía um esforço terrível. Sou capaz de nunca mais me levantar, pensou sombriamente enquanto avançava devagar por entre os arbustos densos e espinhosos. Três metros mais à frente, viu o monte familiar coberto de espinheiros e hera. Por sorte, lembrara-se de levar as luvas de borracha grossas e um pequeno pé de cabra. Depois de limpar o cimo do

alçapão, forçou a porta a abrir-se centímetro a centímetro até conseguir levantá-la e mantê-la aberta com a chave.

Depois virou-se, ainda de gatas, e recuou na direção do buraco. Poucos anos antes, Memling caminhava até à porta do alçapão, içava-a com as duas mãos e descia os degraus voltado para a frente. Já não confiava nem nas pernas, nem no equilíbrio, e ocorreu-lhe que poderia poupar-se a muito trabalho autoimolando-se na adega, ao que se livraria em simultâneo tanto das provas como do criminoso. Contudo, sempre sonhara com um funeral grandioso. Pré-reservara a sinagoga liberal judaica, mas estava a pensar que talvez fosse melhor optar pelos Salões Barry da National Gallery ou talvez por Guildhall. Desconfiava de que o primeiro-ministro quereria dizer umas quantas palavras. Não havia dúvida de que a cerimónia seria celebrada pelo Grande Rabino.

Memling deu cada passo com cuidado – sabia que eram trinta degraus até chegar ao fundo. Depois de os ter descido, tateou às escuras as paredes de tijolo, em busca das lanternas que ali deixara.

Chegara a pensar em ligar um cabo da casa à adega, mas isso seria demasiado fácil de detetar.

Encontrou uma lanterna, ligou-a e fez incidir o feixe potente num corredor estreito. Ele e os colegas tinham escolhido bem o local: não havia nem um indício de humidade, mesmo depois das chuvadas recentes. Vinte passos adiante, chegou à primeira sala. Media seis metros por seis e estava a abarrotar, do chão ao teto, de quadros, cada um num caixote próprio identificado pelo nome do artista – olhou para uma fileira: Donatello, David, Degas, Daumier, Delacroix, Denis, Domenichino, van Dyck e Dürer. Só de pensar que nem sequer abrira muitos daqueles... Estimava-se que ainda houvesse quarenta mil obras de arte desaparecidas desde os tempos das pilhagens nazis. Memling calculava que oitenta e quatro ou talvez oitenta e cinco se encontrariam ali; ao longo dos anos, vendera outras sessenta e cinco. Avançou para a sala seguinte – era ainda maior – Maretti, Matisse, Martini, Matsys, Miguel Ângelo, Nattier, Oudry e Parmigianino. Mais adiante estava um tesouro magnífico, a Sala Âmbar – cinquenta metros quadrados de painéis maravilhosos que pesavam mais de sessenta toneladas. Conhecida como a Oitava Maravilha do Mundo, tinha sido feita para um rei prussiano no dealbar do século xviii. Memling fora um dos agentes encarregados do embarque e do transporte desde São Petersburgo. Ele e os colegas tinham trabalhado em silêncio, inspirados por puro deslumbramento.

Era uma obra-prima germânica e o seu lugar era de novo na pátria. Oferecida a Pedro, o *Grande*, quando as duas nações eram aliadas, deveria regressar ao seu legítimo lar.

Passou a ponta dos dedos pelos painéis delicados. Quando voltou a lanterna para o âmbar, este rebrilhou como uma fornaça, com a luz a dançar pelos painéis e a refletir-se na delicada gravura dourada. Salvar a Sala Âmbar do Castelo de Königsberg tinha sido o maior feito da sua vida. Depois de se inteirar de que o espaço provavelmente ia ser atacado, liderara um grupo de homens para tirarem os caixotes de lá. Tinham trabalhado arduamente toda a noite com apenas umas mulas e uma carroça decrépita antes de requisitarem um comboio para transportarem as peças pela Alemanha até à Baviera. Quando se espalhou a notícia de que o Castelo de Königsberg fora bombardeado e que só uns quantos tijolos permaneciam no local, Memling e a equipa decidiram não falar da missão bem-sucedida – quanto menos pessoas soubessem, melhor. Agora a minha própria filha quer que eu destrua as coisas pelas quais arrisquei a vida, pensou Memling, enquanto passava a luz da lanterna pelo depósito. Se a sua vida tivera algum valor, se servira algum propósito, fora ajudar a preservar aqueles grandes tesouros para gerações vindouras.

Pensou na bondade de Esther Winkleman, que se apiedara da criança mal-amada apesar de ser o filho de um homem que detestava a raça e a família dela. Tinha-lhe dado de comer, ajudara-o a aprender e, inadvertidamente, dera-lhe uma competência que o ajudara não só a sobreviver, mas também a prosperar. É claro que aquela mulher nunca poderia ter adivinhado que salvaria o filho de outro homem e não os seus. Incidindo a luz num retrato de uma jovem pintada por Leonardo, mais uma amante do mecenas, o duque de Milão, Memling pensou no Watteau, a materialização pictórica dos eleitos.

Os seus gostos tinham-se desenvolvido com o passar dos anos. Gostava de reorganizar as obras na mina como um minimuseu privado, colocando certos quadros à frente das pilhas de acordo a sua disposição ou a situação em que se encontrasse. Parecia-lhe que os grandes artistas tinham capacidades divinatórias e conseguiam prever e traduzir até a menor agrura humana. Na vasta panóplia da vida, havia um quadro para cada aflição. Nenhuma emoção, por vil ou delicada que fosse, fora considerada demasiado mesquinha ou panorâmica. O brilhantismo dos artistas ultrapassava a compaixão ou a empatia; as obras-primas, para além de refletirem diferentes emoções, também eram capazes de as inspirar. Enquanto jovem, Memling não suportava nada que fosse sentimental e

prezava a garra e a atrocidade, que sobrepunha à beleza. Adorava o quadro de Caravaggio, *Judite e Holofernes,* que vendera recentemente a Mrs. Appledore, pois sugeria que a violência, desde que pragmática, era aceitável. Lembrou-se de uma paisagem de Claude cujo pendor bucólico acalmava uma mente perturbada, ou no estadista de Bronzino cuja aparência professoral inspirava liderança e coragem.

Depois de Marty ter morrido, Memling encerrara-se na adega durante cinco dias e cinco noites.

Levara água, mas não comida, e a sua intenção era morrer ali; contudo, o seu espírito desesperado fora salvo por uma Madona de Duccio, cuja expressão doce no meio do seu próprio sofrimento o persuadira a voltar à vida. Quando vivia apaixonado por Marianna, Memling tinha revelado Renoirs e Del Sartos; emanava uma doçura daquelas mulheres que se adequava à sua disposição. Porém, nunca houvera obra que se comparasse ao seu pequeno Watteau – essa extraordinária obra englobava a agonia e o êxtase do amor.

Ao pedir-lhe que destruísse as constantes, as fontes de alegria e conforto da sua vida, aquelas reproduções sensíveis das condições humanas universais, a filha privava futuras gerações de um consolo de que ele não só gozara, mas do qual dependera.

Olhou em redor e não foi capaz de reunir a coragem ou a barbaridade necessária para concretizar

os desejos de Rebecca. De lanterna na mão, despediu-se pela última vez da sua coleção privada.

Subiu a custo os degraus estreitos, saiu para o sol, virou-se, fechou o alçapão e tapou a superfície com terra, ramos e ervas; depois, ajoelhando-se dolorosamente, gatinhou pela cerca e pela ladeira abaixo até à estrada.

Ao chegar à casa, Memling pegou num fósforo e deitou fogo a um monte de trapos e achas que tinha empilhado no centro da sala. Ali ficou um pouco a ver as chamas minúsculas a bailar e tremelicar pelos escombros. Avançou para a divisão seguinte, despejou mais gasóleo sobre a velha mesa da cozinha, sobre as cadeiras e pelas cortinas esfarrapadas que remontavam ao período do pré-guerra.

Ele sabia que de nada valia incendiar uma quinta abandonada, mas ao menos

poderia fingir, perante Rebecca, que parte das suas instruções tinham sido cumpridas. Era certo que as autoridades locais iriam investigar o caso e que partiriam do princípio de que um grupo de vândalos se aproveitara de um espaço vazio. Os registos revelariam que a casa e os hectares em redor pertenciam a uma empresa sediada em Buenos Aires. A polícia passaria muitas horas frustrantes a tentar encontrar o legítimo proprietário. Memling criara uma série de empresas-fantasma, um rasto que ia de Buenos Aires às Ilhas Caimão, seguindo para Guernsey, para as Bermudas e regressando de novo à América do Sul. A dada altura, muito depois da sua morte, as autoridades locais desistiriam, apropriar-se-iam dos terrenos e vendê-los-iam. Esperava que os novos proprietários ficassem encantados ao descobrirem um depósito de grandes obras-primas debaixo da terra. O único pesar de Memling era não poder estar presente para ouvir a especulação quanto a como aquelas obras teriam ido parar a uma mina abandonada havia muito e a quem, se era que alguém, saberia do seu paradeiro. Como sempre usara luvas para inspecionar as peças, nem o cientista forense mais astuto conseguiria estabelecer uma correspondência de ADN.

De carro, afastou-se da casa, observando ocasionalmente pelo espelho retrovisor a nuvem de fumo negro que se enrolava ao longe atrás de si. À beira da estrada principal, verificou se não haveria outros automóveis a passar e, depois de se assegurar de que ninguém veria o *Fiat Panda* a sair da estrada de terra batida, avançou e refez o percurso de volta ao aeroporto. Em menos de quatro horas, estaria em casa. Quando voltasse, esperava ser informado de que os problemas conjuntos do quadro desaparecido e daquela praga que era Trichcombe Abufel tinham sido convenientemente resolvidos.

Depois tomaria um grande copo de *whisky* e iria bem cedo para a cama.

Embora se tivessem passado quase vinte anos desde a última vez que vira o sobrinho, de vez em quando Trichcombe enviava cópias dos seus manuscritos para a casa geminada onde ele vivia, em Mold. O historiador de arte sentia-se melhor por haver um exemplar impresso do seu trabalho guardado em segurança num pequeno sótão da sua terra natal de Gales. Duvidava que Maurice se desse ao trabalho de abrir os envelopes, mas ao menos tinha a gentileza de acusar a receção com um postal. Alguns dos alunos de Trichcombe riam-se daqueles impulsos luditas, insistindo para que usasse a nuvem ou, no mínimo, um disco rígido. Ele sorria e ignorava tais sugestões.

Naquele dia, enviou uma cópia de um documento a Maurice, por correio

registado. Até lhe telefonou, para lhe pedir que ficasse atento à passagem do carteiro. A mulher de Maurice, Della (ou seria Delia? Trichcombe nunca conseguia lembrar-se) parecera-lhe irritada.

– Vou ter de sair para assinar alguma coisa? – perguntara.

Trichcombe ouvia-lhe a voz esbaforida; já era gorda no dia do casamento, pelo que o mais

provável era que, por aquela altura, estivesse obesa. Imaginou-a a subir o acesso da casa a custo, fazendo uma pausa para recuperar o fôlego no cruzamento antes de se encaminhar para a estação dos correios, com as coxas a roçarem uma na outra, gotas de suor a acumularem-se entre rolos húmidos de gordura, os joanetes ligeiramente doridos.

– Por norma não pediria um favor desta amplitude, querida Della – disse ele, num tom untuoso.

– Delia – corrigiu ela.

– Delia. É o documento mais importante que alguma vez escrevi. Se alguma coisa me acontecer, assegure-se de que chega à polícia, minha querida.

Delia quase se riu; que interessariam à polícia as congeminações de um velho historiador de arte acerca de um artista morto há séculos? Ela certamente não iria esgotar-lhes a paciência com quaisquer palavras de Trichcombe. O tio do marido era uma anomalia na família deles – um académico... aquelas cinco sílabas curtas fizeram-na deitar a mão a um cigarro – afinal, que vida era aquela? Passar os dias enterrado entre livros e o passado. A vida era para os vivos – só se tinha uma oportunidade, como Maurice costumava dizer.

– Dahlia, querida... ainda aí está? – perguntou Trichcombe num tom queixoso.

– É Delia. Não se preocupe... eu recebo a sua encomenda – respondeu ela, aspirando profundamente o fumo do cigarro.

Trichcombe esperou que a carrinha do correio chegasse e viu a sua cópia desaparecer num grande saco cinzento. Ali ficou até perder a carrinha de vista depois de esta contornar a esquina, e só então se encaminhou de volta para o apartamento. Esperara quarenta e dois anos para pôr em prática uma vingança

contra Memling Winkleman – quarenta e dois longos anos. E agora, finalmente, depois de toda a pesquisa árdua e meticulosa, apanhara-o. O peixe mordera mesmo o anzol. Horas mais tarde, Trichcombe iria encontrar-se com o editor da *Apollo* – a revista podia não ter a maior das tiragens, mas chegaria a toda a gente que era alguém no mundo da arte e, depois disso, disseminar-se-ia para a imprensa generalizada. Mais uma vez, Trichcombe decidiu não enviar as suas preciosas investigações pela Internet. O melhor seria entregar tudo em mão.

Provavelmente vou aparecer no noticiário, pensou ele. Quase de certeza. Era certo que lhe arranjariam um apodo gasto como «Caçador de Nazis» em vez de «Historiador de Arte». Perguntou-se se Delia o veria – e se adotaria aquele tom condescendente de «apresse-se lá, velhote» da próxima vez que ele ligasse. Talvez fizessem um filme, ou talvez até ele próprio escrevesse um livro que vendesse mais do que algumas centenas de exemplares. O seu último, *Les Trois Crayons de Antoine Watteau,* tivera resultados desapontantes, vendendo apenas 124 exemplares. Trichcombe não sabia que título daria ao livro – *A Improbabilidade do Amor,* à semelhança do quadro. Ou *Uma Questão de Identidade*? Ou *Proveniência,* ou talvez *O Belo e o Nazi* – Trichcombe ia tão absorto nos pensamentos que não reparou nos dois homens à espera junto à entrada do seu prédio. Meteu a chave na fechadura, girou-a para a direita e, ao empurrar a porta, foi surpreendido por uma pontada aguda no pescoço. Virou-se e viu um homem, pequeno, atarracado e escuro, com um chapéu a cobrir-lhe a maior parte da cara e, na mão, uma grande seringa. Tentou gritar mas, de outro sítio qualquer, surgiu outra mão com um pano grosso. Sentiu-se estranhamente tonto, as pernas cederam e as escadas foram ao seu encontro. O último pensamento que teve foi acerca de um retábulo de Piero Della Francesca, *A Flagelação de Cristo,* que vira em Urbino quando tinha vinte e um anos.

Capítulo 32

Oconde Beachendon estava sentado na sua pequena cozinha da cave em Balham a olhar para uma grande mancha de humidade na parede; tinha a certeza de que aumentara notoriamente desde que noite anterior. No início do ano, parecia pequena e inofensiva, do tamanho e da forma de uma moeda de cinquenta *pence,* mas, nos últimos meses, crescera e já fazia lembrar um leitão sem cabeça a saltar por cima de um pão parcialmente comido. Em breve, pensou sombriamente, há de parecer-se com uma carroça a passar por cima de um salva-vidas. O conde não tinha dinheiro para pagar a um homem que investigasse a origem da humidade crescente, quanto mais a um pedreiro que arranjasse a parede. Gostava

de saber quem durará mais, se eu ou a mancha de humidade, pensou.

Uns meses antes, o conde ainda recebia o jornal *The Times*, mas isso tinha-se acabado, juntamente com ovos biológicos, clarete *Berry Brothers* e roupas limpas a seco, numa tentativa interminável e aparentemente fútil de aparar o orçamento da casa. As ladies Halfpennies eram capazes gastar uma semanada inteira só em colãs – de que servia comprar mais, se ficavam de imediato com malhas?

Quanto ao filho, lorde Draycott – o conde já perdera as esperanças de que o jovem mimado alguma vez fizesse algo de bom. O seu herdeiro devia ter nascido no final do século xviii, quando os Beachendon tinham dinheiro para esbanjar, propriedades para perder.

Abriu o frigorífico, em busca de algo que comer antes do jantar – ainda faltavam pelo menos quatro horas até à refeição seguinte. A fitá-lo do abismo branco e frio estavam quatro boiões de creme de rosto, um pouco de requeijão e três iogurtes magros. O que lhe valia eram os jantares de negócios, pensou Beachendon no mesmo tom de desânimo. Ainda no dia anterior fora apanhado a rapinar uns quantos pãezinhos – não se importava que os colegas o julgassem glutão, desde que não suspeitassem de que os quinze pequenos pães enfiados na sua pasta se destinavam a alimentar seis bocas esfomeadas em casa. «O homem que não conseguia dar de comer à família» – Beachendon não imaginava epíteto mais vergonhoso para a sua lápide. Sem exceção, todas as tentativas que levara a cabo para atrair um grande colecionador ou uma coleção de peso para a casa leiloeira tinham falhado. Sem um bónus de desempenho , o seu mísero salário mal dava para as despesas básicas, quanto mais para as meias.

Escolheu um pãozinho bastante duro que sobrara do bufete do dia anterior. Não havia manteiga, mas encontrou uma compota antiquíssima de ameixa, ao fundo do armário. Tinha uma espessa camada de bolor por cima, suficiente para afugentar as habitantes da casa. Abriu o vespertino gratuito e procurou de imediato as páginas dos obituários, para o caso de haver riquezas a colher dos defuntos: uma propriedade, talvez um legado de Gainsborough ou, se tivesse mesmo sorte, uma bela coleção de arte acumulada com afeto durante a vida de um homem e que os herdeiros quisessem despachar rapidamente. Era mesmo inconveniente que as pessoas vivessem mais tempo – maldita fosse a medicina moderna, pensou ele. Em tempos, um duque caía do poleiro a cada sessenta anos; agora qualquer um vivia até aos oitenta e muitos. Beachendon tinha um

caderno onde anotava os que

deviam morrer em breve. Quando a morte era anunciada, ele escrevia uma carta longa, floreada e absolutamente insincera aos parentes, infiltrava-se no funeral e esperava apanhar a dispersão de bens assim que o corpo estivesse suficientemente frio. Infelizmente, nos dias que corriam, havia uma data de abutres do mundo da arte a sobrevoar sepulturas. Ainda na semana anterior fora ao funeral da viúva de um artista abstrato e expressionista pouco conhecido. Para seu espanto, viu os diretores dos maiores museus nacionais da Grã-Bretanha e dos EUA, três dos seus equivalentes de outras leiloeiras, sete negociantes, nada menos, e, sentado ao lado da família no banco da frente, um certo advogado da Narrahs, Shattlecock & Beavoir. Nota mental, pensou Beachendon: levar o advogado a almoçar, lanchar e jantar fora.

A única morte diga de nota naquele dia era a daquele velho historiador de arte que fazia lembrar um lagarto, Trichcombe Abufel. O olhar de Beachendon desceu para o fundo do obituário em busca da causa da morte. Ataque cardíaco. Que enfadonho. «Trichcombe Llewellyn Abufel, de Mold, em Gales, foi um distinto historiador de arte especializado no século xviii, que escrevia acerca do rococó com a mesma audácia com que usava um lenço de seda», leu Beachendon. Que frase tão tonta

– qual seria o objetivo do redator? Desacreditar o homem por completo? «Mr. Abufel escreveu vários livros interessantes sobre grandes temas, como *Watteau; Amor Cortesão na Era de Luís XIV; A Interação de Esboços, Desenhos e Pinturas* e *Les Trois Crayons de Antoine Watteau.* » Então e a sua obra maior, a monografia de Antoine Watteau, que continuava a ser o texto de referência acerca do artista... isso não merecia uma referência, uma pequena menção? «Trichcombe Abufel manteve-se resolutamente independente durante a sua longa carreira, sem nunca ocupar uma posição significativa num grande museu ou uma cátedra em qualquer universidade, preferindo trabalhar sozinho.» Grande treta, pensou Beachendon; tinha colaborado de perto com Memling Winkleman durante dez anos, imprimindo imenso valor intelectual à instituição. Que estranho que isso não fosse sequer mencionado. «A contribuição de Abufel para o debate académico sempre foi cautelosa, considerada, e os seus argumentos eram desenvolvidos com uma eloquência empolgada.» Beachendon gostaria de saber o que diria o seu próprio obituário: «Leiloeiro que levou tanto a família como a empresa para que trabalhava à bancarrota.»

Farto da secção séria do jornal, passou para as Novas e Fresquinhas do Dia. Embora nunca tivesse ouvido falar da maioria daquelas pessoas, não resistia a examinar algumas fotos reveladoras de uma pequena celebridade qualquer chamada Kelly que aparecia em biquíni e tinha «saltado» de volta para o seu corpo pré-gravidez. Já a princesa fulana de tal parecia fazer sexo oral a um gelado. Uma personagem pouco importante da realeza tinha sido apanhada aos beijos com o melhor amigo do namorado em frente a uma discoteca de Havana. Um jogador de futebol estivera caído de bêbedo na véspera de um jogo da Primeira Liga. Oh, que vidas tão interessantes, pensou.

Ia subir as escadas para tomar o seu duche da noite quando um pequeno cabeçalho lhe chamou a atenção: «A Pintura, a Personagem e o *Pub*.» Beachendon olhou para a fotografia de um estabelecimento em Spitalfieds, chamado Queen's Head, e o proprietário rotundo com um pequeno quadro. Numa caixa ao lado havia uma fotografia de uma mulher desalinhada de meia-idade, a ser obrigada a entrar para as traseiras de uma carrinha da polícia. Beachendon olhou para o quadro com mais atenção. Era difícil perceber, já que a imagem estava cheia de grão – provavelmente era uma imitação barata, do género que se encontra ao fundo de uma loja de material de desenho. Leu o artigo. Uma senhora aparece num bar sem dinheiro e convence o *barman* a aceitar o quadro como garantia enquanto a amiga com quem combinou encontrar-se não aparece. O *barman,* Percy

Trenaman, sabe um pouco acerca de arte e pensa: «isto é uma bela obra do período barroco», pelo que aceita a proposta da mulher. Cinco horas depois, não há sinal da amiga, mas o que há é uma enorme conta por pagar. O patrão de Percy Trenaman, Phil, volta, despede o funcionário na hora e chama a polícia. Agora o quadro e a tal Personagem encontravam-se ao cuidado de Sua Majestade numa cela da esquadra de Paddington. «Não me interessa, nem que fosse do Leonardo Da Merda», diz Phil ao repórter», «no meu estabelecimento as pessoas pagam pelo que bebem.» Se ao menos a vida fosse assim tão simples, pensou o conde Beachendon. Podia levar umas tantas telas velhas à John Lewis, Waitrose ou Berry Brothers. Não era mal pensado, na verdade. Devolvendo o jornal à mesa, levantou-se dolorosamente da cadeira e subiu as escadas até à casa de banho.

Quatro noites depois do jantar, a vida de Annie regressou a uma rotina previsível. Os Winkleman mal tinham ido ao escritório e, quando estavam, pediam que o peixe cozido a vapor fosse deixado na gaveta aquecida. Incapaz de

enfrentar o drama amador da mãe e com receio de que as suas idas aos AA tivessem sido interrompidas, Annie dormiu três noites consecutivas na cozinha. Por fim, apercebendo-se de que não poderia manter-se longe para sempre, pôs-se a caminho de casa. Ao chegar ao fundo da rua, decidiu adiar um pouco mais o confronto com Evie e fazer uma paragem num bar, onde pediu um *Campari* com água mineral. Era uma bebida que lhe trazia o verão, as férias e a juventude à memória, estar sentada numa *piazza* em Itália ou numa praia em Espanha, já que não era o género de bebida habitual numa sala interior em Hammersmith ou numa tarde chuvosa de abril.

Como aquela semana marcava o início da sua nova vida, Annie decidiu tomar um *cocktail* inesperado a uma hora inusitada para celebrar. Num saco de plástico a seu lado estava um vestido novo, o primeiro que comprara em mais de seis meses, e um rádio – parte da sua campanha para recuperar a voz.

Enquanto olhava para as profundezas cor-de-rosa do seu copo, recordou o velho local do costume, Fox and Hounds, no Devon, e os clientes habituais: Ted, o construtor, Joe, o pastor, Ruby, da loja da esquina, e Melanie, casada com o dono do bar. A conversa teria sido reconfortante e circular, sem que fosse preciso encontrar um início, um meio ou um fim quando se tinha a certeza de que se veriam uns aos outros na maior parte das noites daquela semana – daquele ano, provavelmente. Com alguma hesitação, deixou os pensamentos desviarem-se até Desmond e visualizou-o no Fox and Hounds a tomar o costume, uma caneca de *6X* com um pacote de fritos de queijo e cebola. Daria a volta à sala cumprimentando os outros fregueses da mesma maneira («Tudo bem, Joe? Tudo bem, Ruby?») até chegar ao fim e depois, com a sua caneca, sentar-se-ia no seu lugar junto ao bar; Desmond era um homem pelo qual se podia acertar o relógio. Para sua surpresa, Annie conseguia pensar nele com uma sensação de desapego, e havia ainda outra coisa, algo novo, uma honestidade, um realismo acerca da relação que tinham tido. Percebia agora que, durante a maior parte da sua vida adulta, estivera presa no Planeta Desmond, num mundo governado por regras, costumes e sensibilidades dele. Para a Annie mais jovem e frágil, tinha sido reconfortante, até necessário. Mas, à medida que envelhecia, tinha começado a sentir-se claustrofóbica e reprimida. Ao pôr fim à relação, apercebeu-se subitamente, Desmond tinha-a libertado para que vivesse uma espécie de vida diferente, uma vida sua, em vez de a dele. Abanou a cabeça, maravilhada: na verdade, Desmond fizera-lhe um favor.

Sacou de um bloco de notas e de uma caneta para finalmente começar a lidar

com as mensagens que tinha no telemóvel. Já eram quinze, incluindo outras duas de Delores a falar do quadro. Havia

três de Jesse, cada uma a pedir, de formas diferentes, para voltar a vê-la. A mais surpreendente tinha sido deixada por Agatha, dizendo que a Obras d'Arte Winkleman oferecia um resgate por um Watteau desaparecido. Annie partiu do princípio de que Agatha estaria equivocada.

As mensagens mais emocionantes eram de um jornalista do *Evening Standard,* que queria escrever um artigo sobre os jantares de Annie, e de Mrs. Appledore, perguntando-lhe se poderia recriar o jantar no seu Museu de Artes Decorativas, em Nova Iorque, no mês seguinte. Annie bebeu o seu *Campari* com água mineral de um só trago. Estava a acontecer; mal podia acreditar na sua sorte.

O seu telemóvel voltou a tocar – um número bloqueado. Estava na hora de voltar ao mundo real.

Com alguma hesitação, atendeu:

– Estou?

– Miss Annie McDee? – perguntou uma voz.

– Sim.

– Fala da esquadra da polícia de Paddington Green. Temos a sua mãe aqui. Outra vez.

Era o mesmo polícia que prendera Evie na ocasião anterior.

– Outra vez?! – Annie não conseguia impedir que o cansaço se refletisse na sua voz.

– Será que pode vir buscá-la, por favor? – O polícia parecia igualmente farto. – Terá de trazer o livro de cheques... o dono do bar está a guardar o quadro como garantia pelos estragos.

– Que quadro? Que estragos? – perguntou Annie, embora tivesse um bom palpite acerca de ambos.

– Ela trocou um quadro por umas bebidas, prometendo que uma amiga chegaria mais tarde. A amiga nunca apareceu. Ela começou a ficar agressiva, partiu um espelho e uns quantos copos.

Annie recostou-se na cadeira. Ainda nem desfrutara de uma semana de sucesso e aquilo já estava a acontecer.

– Pode vir depressa? – perguntou o polícia.

– Não. Não vou. Diga à minha mãe que não me contacte. Já estou farta das mentiras e das bebedeiras dela.

– Então e o quadro, e os estragos? – perguntou o polícia.

– Isso é entre ela e o dono do bar. Quanto a mim, nunca mais quero vê-la. Obrigada.

Annie desligou. Esperava sentir-se livre – por fim, deixara de compactuar com as escolhas da mãe

– mas, na verdade, não experimentava qualquer sensação de triunfo ou alívio. Sentia-se apenas terrivelmente triste. Evie desperdiçara a vida e Annie passara demasiado tempo a preocupar-se com ela.

Agarrou nos sacos e levou o copo vazio ao balcão. Sabia que, por mais tempo e distância que pusesse entre si e a mãe, nunca escaparia às memórias, nunca seria capaz de atender o telefone sem um mau pressentimento. Ainda assim, tinha uma oferta de trabalho em Nova Iorque. Talvez uma coisa levasse a outra e ela pudesse começar uma vida nova nos Estados Unidos. De repente, a ideia era emocionante. Nada tinha a prendê-la a Londres, à exceção de um emprego de que não gostava e de um apartamento a que não era particularmente apegada. Enquanto descia Uxbridge Road, fez um plano. Apresentaria a demissão e aceitaria a proposta de Nova Iorque.

O processo de destruir as partes incriminatórias do arquivo dos Winkleman estava a demorar mais do que Rebecca esperara. Tinha comprado duas destruidoras industriais de papel mas, com mais de vinte grandes livros-razão encadernados a couro e sessenta e nove baús de registos, bem como a

necessidade de trabalhar discretamente e fora de horas, só ao fim de quatro

noites conseguira acabar de destruir os indícios de um único ano – 1946. Dado que Memling regressara com tanta consistência à mina da Baviera, Rebecca não podia ter a certeza acerca de que obras teriam vindo de espólios de guerra e de quais teriam sido obtidas de fontes fidedignas sem verificar e cruzar as referências de três fontes diferentes. A maioria dos quadros era absolutamente legítima, com registos precisos acerca de onde cada um tinha sido adquirido, a quem, para quê, e com correspondentes registos minuciosos das vendas. Memling era um relator meticuloso – todos os pormenores eram inseridos: as pequenas salas de exposições, até os licitadores vencidos, o leiloeiro, contas bancárias usadas, molduras e quantias gastas em restauros e transporte.

Num arquivo no cofre, Rebecca encontrou registos de todas as expedições de Memling. Ficou a saber que, em 1946, o pai fizera várias viagens à Baviera, três a Munique, uma a Viena e quatro a Buenos Aires. Haveria alguém que tivesse testemunhado aquelas viagens ou que pudesse adivinhar o seu propósito? Olhou de relance para o presente que recebera pelo seu vigésimo primeiro aniversário, o pequeno quadro a óleo de Rafael, e depois para a prenda que o pai lhe dera aquando do nascimento de Grace, um maravilhoso Klimt que já valia mais de 12 milhões de libras. Tê-los-ia ele comprado, ou também teriam sido roubados?

Rebecca pensou nas famílias que tentavam desesperadamente recuperar obras de arte; mal havia um dia que passasse sem uma história comovente a aparecer nos jornais. Uma família – os Silverman, outrora burgueses abastados e poderosos da Alemanha – tinha acabado a viver com uma pensão de guerra em Grimsby. Manny Silverman ainda estava vivo, com noventa e oito anos, tolhido pela artrite, e sonhava recuperar apenas um dos quadros desaparecidos da família. Até mesmo o mais modesto Modigliani, o quadro menos valioso da sua coleção, daria para proporcionar um pequeno desafogo aos netos para enfrentarem as agruras da vida moderna. Manny encontrara alguns bens, dois em galerias alemãs, quatro em museus russos, mas nenhum destes países estava preparado para lhe devolver o legado. A guerra tinha acabado, apercebia-se Rebecca, mas as batalhas prosseguiam.

Para seu alívio, não encontrou quaisquer ações de restituição contra quadros que o pai tivesse vendido. Talvez, pensou ela, pudesse usar os milhões que tinham obtido para ajudar os mais necessitados; ela poderia lavar a consciência.

Foi ao tentar determinar a proveniência de outra obra, de Ticiano, que Rebecca teve uma ideia.

Nos registos de 1962 da empresa, estava descrito como *Homem com Peles.* Não tinha qualquer proveniência registada e incluía as iniciais incriminatórias KH. No entanto, num livro-razão posterior, ela tinha encontrado outro Ticiano, com as mesmas medidas, uma composição similar e uma proveniência perfeitamente justificada, intitulado *Homem com Arminho.* Seria o mesmo quadro, apresentado com um título diferente? Teria o pai falsificado títulos e proveniências?

Rebecca riu-se – como poderia ter sido tão lenta, tão ingénua? Falsificar documentos representava um anátema para alguém como ela, formada em história de arte, mas, se ia entrar no mundo do subterfúgio e encobrir uma das maiores fraudes na história do comércio de arte, estava na hora de deixar de pensar como uma académica e começar a comportar-se como uma criminosa. Muitos negociantes, proprietários e até museus emendavam frequentemente o historial das obras – ela poderia fazer o mesmo com o Watteau e criar uma proveniência inteiramente fictícia, que afastasse as pessoas da galeria e as levasse numa direção diferente. Seria fácil inventar uma linha de proveniência do quadro que evitasse a Segunda Guerra Mundial por completo falsificando documentos e registos para que parecesse que o quadro estivera entrincheirado num castelo escocês

ou na casa de um ricalhaço norte-americano. Estando a questão de Trichcombe resolvida, depois de o seu telemóvel, computador e outros registos terem sido destruídos, quem poderia alguma vez relacionar o quadro com o jovem oficial das SS através do prédio de Berlim? Mesmo que alguém conseguisse localizar Frau Goldberg, esta já não possuía a fotografia em questão. Depois Rebecca teve outra ideia. A empresa tinha vários Watteaus, todos eles legitimamente adquiridos. Tudo o que ela precisava de fazer era trocar os registos de um que tivesse aproximadamente as mesmas dimensões e um tema similar e os do quadro do «Amor».

Desta vez, Rebecca acercou-se do armário das bebidas e abriu mesmo uma garrafa de *Cristal* reserva – finalmente, tinha algo digno de celebração. Levando o copo de volta para a caixa-forte, pegou nos registos relativos aos outros Watteaus da família. Eram dezassete desenhos e, embora nenhum se adequasse, fez uma cópia rápida da proveniência de todos, servindo-se do *smartphone.*

Havia um grande quadro a óleo comprado meses antes num leilão da Sotheby’s e ela descartou-o, já que o tema, uma festa musical, estava demasiado bem documentado. Memling adquirira outro quadro na década de 1970, *Soldados em*

Valenciennes, um quadro pintado por um jovem Watteau, mas tanto o tamanho como o tema eram errados. Havia mais uma possibilidade, *A Rejeição,* comprado em 1951

e ainda no armazém da empresa.

Rebecca reviu o historial de *A Rejeição.* O marquês de Jumblie tinha-o adquirido em 1969, à coleção do duque de Pennant, vendida em Paris. Pennant, por sua vez, comprara-o a lorde Cunnington, que o adquirira diretamente do legado de Madame de Pompadour, em Versalhes.

Rebecca fechou a pasta e, erguendo o copo, brindou à memória da amante de Luís. Tudo o que era necessário fazer era destruir *A Rejeição* e trocar as duas proveniências. Parecia uma barbaridade queimar um quadro que valeria entre 5 e 8 milhões de libras, mas era um pequeno preço a pagar para preservar a reputação da família.

Pensou então em Annie. Poderia ter sabido, ou seria aquilo realmente apenas uma coincidência bizarra? Seria possível que Carlo se tivesse inteirado do passado de Memling e incumbido a cozinheira de encontrar provas incriminatórias? Rebecca depressa descartou essa teoria. O marido estava fortemente implicado em atividades fraudulentas. A outra possibilidade era que Annie tivesse desvendado tudo aquilo sozinha. Deitou a mão a um arquivador e tirou o dossiê de Annie, que folheou. De acordo com um relatório encomendado à pressa mas que parecia bastante exaustivo, Annie era tal e qual quem alegava ser: a filha adulta de uma alcoólica, que fora despachada sem qualquer cerimónia pelo namorado de longa data, após o que seguira para Londres, a fim de tentar construir uma vida nova. O investigador privado analisara-lhe todos os extratos bancários e registos telefónicos dos cinco anos anteriores e não encontrara quaisquer pagamentos estranhos, quaisquer números inexplicáveis. Era uma vida patética, pensou Rebecca. Escrava de um homem até ser banida e perder o negócio, ver-se reduzida a ter de ganhar a vida como cozinheira, condenada a cozer peixe dia após dia.

Olhando para as imagens captadas pela câmara de videovigilância que mostravam Annie a sair da loja de velharias, ocorreu-lhe outro pensamento. Entrou na base de dados de videovigilância da sua própria empresa e inseriu um dia aleatório em que Annie tivesse trabalhado lá. Viu gravações de Annie ao fogão, Annie a cortar, picar e trinchar. Carregou no botão de avanço rápido e

reviveu os dias de Annie. A mulher levava o trabalho a sério, isso era certo – só saía da cozinha para ir à casa de banho. Também não perdia horas no Google ou em *sites* de encontros amorosos. Rebecca continuou a fazer avançar as imagens embora não soubesse ao certo o que era que procurava.

Depois, por acaso, viu Annie levar algo para o trabalho; o embrulho era do tamanho do quadro desaparecido, uns quarenta e cinco centímetros por sessenta, e estava num saco de plástico. Mais tarde, no mesmo dia, Rebecca viu-se a entrar na cozinha e passar revista às gavetas de Annie. E o quadro mesmo ali, pensou Rebecca. Avançou pelos dias seguintes – o saco continuava no mesmo sítio. A ironia não lhe passava despercebida.

Na quinta, Annie deixara o emprego com o saco de plástico. Para Rebecca, aquilo provava que a mulher não fazia ideia da importância do que levava. Se tivesse a menor noção, não o guardaria de forma tão pouco cerimoniosa; se fosse uma ladra profissional, nunca teria levado o quadro para a cova dos leões. Deixou escapar um suspiro de alívio – tratava-se de uma horrível coincidência.

Apercebeu-se ainda de que tudo o que tinha de fazer era mostrar as gravações de videovigilância para que parecesse que Annie roubara o quadro do depósito dos Winkleman. Sem as provas de Trichcombe e as fotografias da velhota, sem os registos no arquivo da família, aquela obra pertencia legalmente aos Winkleman e fora roubada dos seus cofres. Seria a palavra de Annie contra a de Memling – uma cozinheira temporária de um lado; do outro, o sobrevivente do Holocausto que tantos milhões de libras havia doado a museus europeus ao longo das últimas décadas.

O que deduziria um tribunal? Isso era fácil. Annie alegaria ter comprado o quadro por impulso numa loja de velharias. Poderia explicar onde ficava essa loja? Ardeu, Meritíssimo. A sério? Onde está o recibo do quadro? Não pedi fatura... o proprietário estava cheio de pressa para chegar à casa de apostas. Costuma comprar presentes sem pedir fatura? Não é cozinheira a tempo inteiro e não teve uma empresa? Decerto estará ciente da importância de pedir fatura para efeitos fiscais. Sim, Meritíssimo. A pessoa que lhe vendeu o quadro morreu nesse incêndio, não é verdade? Foi o que me disse a polícia quando voltei à loja no dia seguinte. Então esteve no lugar do crime no dia anterior e no dia do incêndio? Não é bem assim. Então como é? Foi uma coincidência, Meritíssimo, uma horrível coincidência. E também será coincidência que haja gravações de videovigilância que a mostram a colocar um embrulho de dimensões que

correspondem exatamente ao quadro desaparecido, dentro de um saco de plástico, na gaveta da sua secretária? Meritíssimo, a mesma câmara revelará que levei o embrulho para o trabalho nessa manhã... tinha-o em casa e ia levá-lo à National Gallery para o mostrar a uma restauradora. Miss McDee, as gravações não a mostram a entrar no edifício com o embrulho. Têm de mostrar, Meritíssimo. Não, não mostram... todas as gravações de videovigilância entre as sete da manhã e a uma da tarde desse dia foram misteriosamente apagadas: a acusação alega que terá tirado o quadro do cofre durante a sua hora de almoço e apagado os registos digitais antes que alguém voltasse. Mas, Meritíssimo, eu não faço ideia de onde estejam os controlos das câmaras de segurança. E o acesso ao cofre é exclusivo de Mr.

Memling e Mrs. Rebecca... mais ninguém tem as palavras-passe ou as chaves.

Na versão fantasiosa de Rebecca, o juiz virava-se para o oficial de justiça perfilado em sentido e ordenava: «Leve-a – quinze anos de prisão.» Os jornais haveriam de ter muito que escrever – montes de artigos a censurar o alcoolismo. Muito *Thelma e Louise,* mãe e filha estereotipadas como golpistas. Quanto mais histórias houvesse, menos provável era que a verdade viesse à tona. Factos reais ficaram escondidos por uma cortina de fumo de jornalismo sensacionalista. Rebecca não sentia quaisquer remorsos por enviar uma mulher inocente para a cadeia. Era a sobrevivência dos mais fortes, o necessário para assegurar o futuro de Grace e a descendência de Memling. Rebecca compreendia o jovem Memling Winkleman melhor do que ele poderia ter imaginado. Ocorreu-lhe outra ideia. Deveria leiloar o quadro e doar os proveitos a uma causa judaica – se alcançasse

valores suficientemente altos, talvez pudesse até criar um museu com o nome da mãe – afinal, tratava-se de uma judia que perdera muitos familiares no Holocausto. Não seria uma jogada totalmente cínica: o Centro Winkleman de Tributo aos Sobreviventes.

No relógio em cima da secretária, Rebecca viu que eram três da manhã. Precisava de uma boa noite de sono para permanecer alerta e com clareza de raciocínio. Antes de se deitar, decidiu dar uma volta ao quarteirão para espairecer as ideias. Ao sair pela porta da cavalariça nas traseiras da galeria, sentia pequenas pontadas de entusiasmo – as coisas iriam ser diferentes, muito diferentes.

Pela primeira vez na vida, não estava assustada – ao invés, fora imbuída de uma

sensação de força e propósito. Avançou por Curzon Street e viu um avião a passar, ciente de que este não cairia do céu para a esmagar. Um táxi vinha na sua direção e, daquela vez, o taxista não ia perder o controlo do veículo e abalroá-la. Deixou os pensamentos flutuar até Grace – uns dias antes, passara a noite inteira a preocupar-se com o caso amoroso da filha e do russo: agora encarava a vida sentimental de Grace com desapego e até uma centelha de divertimento.

À medida que caminhava, sentia-se envolta no brilho da determinação propositada. Até então, os seus esforços pareciam-lhe falhos de objetivo – pretendia criar a filha, escrever ensaios académicos respeitados e não ser posta em cheque. Doravante, a sua vida seria devotada a garantir que a Obras d'Arte Winkleman mantinha a posição de negociante proeminente de quadros de Grandes Mestres.

Quando subia New Bond Street, teve um vislumbre de si mesma numa montra: estava na altura de renovar a aparência. Os fatos e o corte de cabelo que usava tinham parado numa década anterior e havia que fazer uma afirmação e passar a ser vista como uma mulher de individualidade, ousadia e estilo. Noutra loja, viu um sumptuoso sobretudo de veludo vermelho e brocado dourado e decidiu comprá-lo. Passaria a usar *bâton* vermelho, em vez de rosa-claro, e pediria ajuda a Grace para escolher um novo penteado.

Na esquina deparou-se com o cartaz a anunciar o jornal vespertino. A parangona chamou-lhe a atenção: «A Pintura, a Personagem e o *Pub*.» Deteve-se, de olhar fixo. Estava ali uma fotografia do quadro desaparecido. Sentiu náuseas de medo – seria tarde de mais? Agarrou no *smartphone* e apressou-se a digitar a morada do bar enquanto lia o resumo da história. Deu meia-volta para regressar o mais depressa possível ao gabinete. Embora aquela notícia pudesse corroborar o seu caso contra Annie, havia trabalho a fazer, tanto para manipular as gravações como para purgar certos aspetos dos registos da família. Não dormiria até todas as provas terem desaparecido e o quadro ter uma proveniência inteiramente nova e completamente plausível.

Capítulo 33

Fui redescoberto. É uma sensação tremendamente agradável: ao fim de tantos anos nas trevas, é delicioso ver-me envolvido no zunzum do elogio, nos murmúrios de aprovação e no fulgor do apreço. Deram-me uma pequena limpeza e mediram-me apressadamente para me proporcionarem uma perfeita moldura

de época. O leiloeiro, o conde Não-Sei-Quê, está a empregar todos os truques que conhece, todos os estratagemas de vendas, para aumentar o interesse pelo meu leilão, que está agendado para julho, daqui a dois meses. Tenho esquadrões de jovens em fatos justos a escoltarem colecionadores e diretores de museus de todo o mundo para olharem para *moi*. Há conservadores a examinarem cada fibra da minha tela. Há funcionários de seguradoras e de bancos a meu lado, disponíveis para prestar assistência a desesperados cheios de dinheiro que só querem possuir-me.

Tout le monde da arte vai estar presente e a maioria prevê um preço recorde. Toda a gente conhece *mon histoire*... a minha ilustre linha de proprietários, *Les Amants du Monde*. Subitamente, graças a *moi*, a história ficou na moda. *Apparemment*, até o povinho nos centros comerciais fala de criatividade e gente como Voltaire, Luís ou Frederico é mencionada com a frequência reservada a estrelas de telenovelas. É *de rigueur* referir Madame de Pompadour em qualquer conversa casual.

Septimus Ward-Thomas resolveu o enigma da cara quando se apercebeu de que alguém tinha pintado por cima do rosto de Charlotte. Nem imagina o alvoroço e a celeuma acerca de restaurar ou não restaurar. Até chamaram psiquiatras e filósofos para debaterem o efeito na mente de Watteau. Só me apetecia desatar a gritar: o pintor morreu há quase trezentos anos!

Rebecca decidiu publicar os pormenores da minha história lúrida. Memling, na sua versão, foi apresentado como um pobre rapaz judeu que, ao contrário de toda a família, escapou por pouco à morte num campo de concentração. Com o bem mais precioso da mãe, um Watteau, escondera-se numa quinta remota durante a guerra até ser resgatado pelos Aliados em 1946, altura em que teria sido encontrado agarrado a *moi* como uma criança à sua mantinha preferida. Toda a gente concordou que era uma história demasiado boa para que alguém a tivesse inventado. Só que, claro está, alguém o fez.

Estão a lutar pelos direitos cinematográficos.

Um cabeludo já começou a fazer um documentário para a BBC.

O conde encomendou a minha biografia – também já não era sem tempo – a um escritor em voga qualquer, um artífice com jeito para as palavras e o melodrama. Haverá muitos erros, claro está, mas não deixa de ser gratificante. Neste

momento, estou pendurado com toda a pompa e circunstância em Houghton Street. Recebo mais visitantes do que um monarca falecido. Há filas. *Franchement.*

Para o mês que vem, partirei em digressão, como um general em campanha ou uma estrela *rock*, como dizem. Terei o meu próprio avião, encarregados e guardas. Visitarei a América (as duas costas), atravessarei continentes, irei a Moscovo, São Petersburgo, Tóquio e Berlim. Já ninguém quer saber da Europa – está acabada. Nunca pensei que o Japão e a China compreendessem a arte

ocidental. Nem sempre estou certo. Em tempos, julgava que os Russos eram bárbaros. Pensando bem, continuo a ser dessa opinião.

O catálogo da venda vai ser largo como a garupa de um cavalo – cheio de artigos eruditos, pormenores e fotografias. Haverá uma edição numerada para colecionadores, cem exemplares de capa dura.

A Tate, a National Gallery, o National Theatre e outros, numa rara tentativa de alcançarem uma harmonia cultural, vão unir-se numa curadoria conjunta para uma *hommage* a *A Improbabilidade do Amor* – vinte artistas contemporâneos, dramaturgos, cantores e sei lá que mais de renome internacional estão a criar obras inspiradas por *moi.* Estas obras vão ser leiloadas na noite da minha grande venda – e os lucros reverterão para o Centro Winkleman de Tributo aos Sobreviventes.

Escusado será dizê-lo, mas Ms. Winkleman vai ficar com uma comissão disto tudo. Recebe 60 por cento para compensar perdas e prejuízos (o que quer que isso signifique).

Há um terrível borrão na minha paisagem: a minha pobre Annie, que enfrenta a possibilidade de passar o resto da vida na prisão, acusada de roubo, fogo posto e o homicídio do lojista Ralph Bernoff. Ao que consta, os «indícios», generosamente facultados por Ms. Winkleman, são incontroversos e incluem gravações de Annie perto da loja, comigo, depoimentos de testemunhas, declarações juramentadas ... tudo aquilo de que se lembre. Alegam que se infiltrou na vida dos Winkleman, conseguiu chaves e palavras-passe e, por fim, roubou-lhes o quadro do cofre. Se eu não soubesse que não foi assim, ficaria completamente convencido. A mãe, que nunca perde uma oportunidade de fazer drama, tentou apunhalar-se à minha frente, à laia de protesto. Fez-se passar por

uma visitante normal até que sacou de uma faca de cortar pão e começou a ferir-se, enquanto gritava:

«Ela é inocente. Ela é inocente.» É claro que o conde adorou – mais publicidade, mais notoriedade.

Ouvi-o comentar com um assistente que o incidente tinha acrescido 800 000 libras ao meu preço.

O mais triste é que nem uma pessoa se chegou à frente para defender a jovem. O patife de um ex-amante vendeu uma história a um jornal acerca dos seus anos de terror com Annie – segundo ele diz, ela tentou roubar-lhe o negócio; ele teve de lutar para o preservar. A comunicação social encontrou amigos das escolas primárias de Annie, que reconheceram que mãe e filha tinham qualquer coisa

«estranha». A imprensa descobriu que Annie e Evie mudavam de cidade a intervalos de poucos meses – isso deu azo a mais uma orgia de comentários acerca dos problemas das famílias monoparentais. Se há um mal moderno, uma questão social, Miss McDee tornou-se subitamente um exemplo perfeito. A rapariga não tem nem qualquer hipótese. O jovem, a mãe e eu somos os únicos que permanecemos convencidos da sua inocência – mas poderão os inanimados e as pessoas sem quaisquer contactos triunfar quando os oponentes são vigorosos e poderosos?

Quando passamos tanto tempo no mundo quanto eu, habituamo-nos à balança desequilibrada da justiça. Estou a pensar especificamente na curta e trágica vida do meu mestre; a presença perpétua de uma saúde fraca, o espectro da morte que pairava sobre ele e o arrancou ao mundo mortal quando tinha apenas trinta e seis anos.

Desde o falecimento patético e doloroso do meu mestre que não me permiti nem um *soupçon* de sentimentalismo por qualquer um dos meus proprietários. Mas há qualquer coisa nesta jovem, Annie, na sua vulnerabilidade, paixão, na essência do seu carácter, tão frágil quanto forte, que se insinuou na minha trama.

Pelo menos tornou-se, ainda que por pouco tempo, parte de uma longa linhagem de extraordinários mecenas e colecionadores, parte de uma ilustre cabala de grande líderes, decisores do gosto e

intelectuais. Teve-me nas mãos. Olhou para as minhas profundezas. Isso tem

algum valor.

Capítulo 34

Jesse colocou-se na longa fila ordeira de amigos e familiares que se formava à porta da prisão Holloway. Era a terceira semana que ia até lá para visitar Annie e esperava que, desta vez, ela o recebesse. Até então, recusara quaisquer visitantes e estava a ser vigiada vinte e quatro horas por dia para garantir que não se suicidava.

Enquanto o mundo inteiro estava convencido da culpa de Annie, Jesse sabia-a inocente – nem a mentirosa mais experiente poderia ter mantido aquele nível de falsidade. Para além de Evie, mais ninguém partilhava da sua convicção. Ele tinha ido à polícia, solicitara depoimentos e declarações a Agatha, da National Gallery, e até aos comerciantes do mercado com quem Annie lidava regularmente. Porém, as provas acumuladas contra ela eram avassaladoras.

O pesar e os protestos de Evie só acrescentavam teatralidade ao caso, em vez de substância. Jesse tentou explicar-lhe que Annie precisava de criar uma imagem de vida familiar complicada, mas não de histeria exagerada. Evie a tentar suicidar-se em frente ao quadro, a atirar-se para a frente de um cavalo de corrida em Windsor ou a amarrar-se a uma divisória de estrada perto de Downing Street só atraía publicidade negativa. Durante algum tempo, a comunicação social concedeu espaço impresso e tempo de antena a Evie. Era uma fonte inesgotável. Quando mostrou o apartamento destruído de Annie aos repórteres, a maioria presumiu que ela o destruíra num estupor embriagado. A comunicação social não tardou a fartar-se das alegações de Evie e já eram poucos os que se davam sequer ao trabalho de escrever no Twitter acerca dos seus atos disparatados.

Ao fim de uma hora à espera, só havia duas famílias à frente de Jesse – uma mulher com os três filhos pequenos, e um casal idoso, elegantemente vestido.

– Porque é que temos de vir outra vez? – queixou-se uma menina.

A mulher lançou um olhar triste a Jesse.

– Posso dar-lhes uma guloseima? – perguntou a senhora idosa, já a abrir a carteira e a tirar de lá uma embalagem de rebuçados de menta.

A mãe encolheu os ombros como se há muito tivesse deixado de se preocupar.

– De onde é a senhora? – perguntou o rapaz, desembrulhando o rebuçado e atirando o invólucro para o chão.

– Da Jamaica – respondeu a idosa.

– O meu pai... o meu pai a sério... é jamaicano – afirmou o rapaz com orgulho.

– Costumas vê-lo?

– Nã... deixou-a. – Com um gesto da cabeça, indicou a mãe. – Não posso criticá-lo.

– Uma visita, McDee. – A guarda abriu a porta de metal e olhou para Annie, que estava deitada de lado. – O mesmo homem, Jesse, que tem vindo tentar vê-la todos os dias nas últimas três semanas.

Annie não se mexeu.

– Dê uma oportunidade ao tipo – disse a guarda num tom mais amável. – Alguma vez vai ter de se levantar.

Annie pôs-se de pé. Tinha os membros perros por falta de uso e o cabelo oleoso, que prendeu atrás das orelhas. Se o Jesse me visse assim, pensou, era uma maneira de o afugentar de uma vez por todas.

Não dormia convenientemente desde que chegara à prisão Holloway. Não era apenas o constante bater de portas, os gritos e as conversas incessantes das companheiras de cela, era também o pesadelo recorrente. Começa com Annie em casa, profundamente adormecida; alguém lhe bate à porta, aos berros: «Abra! Polícia! Abra a porta!» Indo à porta, depara-se com uma mulher e um homem fardados de azul.

– Miss Annie Tabitha McDee? – pergunta o homem.

Annie assente com a cabeça. Está confusa, sonolenta.

– Estou a detê-la pelos crimes de furto, fogo posto e homicídio. Tudo o que fizer ou disser poderá ser usado como prova.

No sonho, Annie ri-se. Há um erro qualquer, protesta, enganaram-se na pessoa.

Os agentes abanam a cabeça.

– Tem de vir connosco agora.

A polícia fica a observá-la enquanto ela urina e se veste.

Annie é levada de uma cela exígua para uma zona de espera sem janelas. Enquanto aguarda, visões da sua vida, boas e más, flutuam à sua frente como padrões de um caleidoscópio mas, quando tenta recordar pormenores de algum incidente, este evapora-se de imediato. Ocasionalmente, Rebecca ou Memling aparecem à espreita nos seus sonhos, rindo-se bem alto e tão perto que tudo o que ela vê é o fundo das suas gargantas enegrecidas.

Uma guarda fá-la entrar nas traseiras de uma carrinha cujas janelas minúsculas estão intensamente fumadas e demasiado elevadas para que ela consiga ver o exterior. Arranca a grande velocidade, avançando aos solavancos pelo trânsito. Annie agarra-se ao assento para não cair. Olha para o chão do carro e vê que está coberto de vómito – é seu. Na amálgama amarelada, vê os restos do banquete de Delores. Minúsculas codornizes, bocados de paté, ovos e doze frangos depenados vestidos com fatos de arlequim flutuam pelo chão a seus pés. Ela tenta voar pela janela para um céu de um azul profundo, mas as folhas das árvores são feitas de facas e obrigam-na a voltar. Sons ocasionais ensurdecem-na: um bebé a chorar, a batida incessante do ritmo do *dub* de um carro próximo, buzinas e trovões a chiar.

Por fim, a carrinha cai por uma rampa. Annie é atirada para o fundo. Estremece enquanto desce por uma ladeira comprida e entra noutra sala sem janelas. Há outros homens de fatos-macaco cor de laranja e expressões retorcidas.

– És aquela mulher... a assassina que admira arte – cantam eles, ao ritmo do coro de uma ópera de Gilbert e Sullivan.

– Sou inocente, inocente – replica ela, também a cantar.

– Diz isso ao juiz e ao júri. Diz isso ao juiz e ao júri.

– Não sou culpada, não sou culpada.

Os homens entoam:

– Um crime é um crime é um crime. Não és melhor do que qualquer um de nós.

– Não pertenço aqui – canta Annie, às escuras.

É levada para a sala do tribunal e espera-a uma parede de rostos familiares mas a fazerem esgares.

As professoras da primária, meninas más de recreios do passado, Robert, o alemão «de uma noite só», os Winkleman e a mãe.

Juntos, entoam:

– Culpada, culpada, culpada.

Para seu horror, a acusação é apresentada por Desmond, que tem um bebé aninhado num braço.

– Como se declara? – pergunta o juiz.

– Culpada, culpada, culpada – canta o coro, ainda mais alto.

Annie olha para o juiz, esperando que ele seja misericordioso, mas descobre que está a fitar os olhos do triste palhaço do seu quadro.

– Levem-na! – grita o juiz.

O final é sempre o mesmo.

*

Jesse demorou uns segundos a perceber que a figura que arrastava os pés na sua direção era Annie.

Tinha os olhos baços, os membros côncavos, o cabelo escorrido, uma atitude completamente abatida.

Perdera peso; o pior era que uma força vital parecia ter-lhe sido sugada.

– Vieste cá para fazer pouco de mim?

Jesse encolheu-se.

– Não, claro que não.

– São sobretudo os jornalistas que pedem para me ver.

– Sabes que não sou jornalista.

Annie sentou-se à mesa de fórmica virada para Jesse. À volta deles havia outras famílias e casais, mas Jesse só via Annie. Pondo o cabelo escorrido para trás das orelhas, falou numa voz tão baixa que ele teve de se inclinar para a frente para distinguir as palavras.

– Não percebo mesmo nada disto, Jesse. Nem o meu advogado se dá ao trabalho de ouvir a minha explicação. Limita-se a falar de negociar a pena, de circunstâncias mitigantes, de acordos e tempo a cumprir por bom comportamento. Tentou levar-me a culpar a minha mãe, dizer que éramos cúmplices e que ela se escondia atrás do disfarce de alcoólica.

Enquanto falava, Annie ia puxando pedacinhos de pele à volta das unhas roídas.

– Eu sei que não és culpada – declarou Jesse com firmeza.

Annie olhou para ele.

– Já nem tenho a certeza. Passam aquelas gravações de videovigilância no noticiário... tenho um ar esquisito e furtivo.

– Não és culpada, Annie... tens de te lembrar disso.

– Só um milagre convenceria as outras pessoas.

Jesse estendeu a mão por cima da mesa e tentou segurar na dela. Annie recolheu-a.

– A única forma de aguentar isto é fechar-me... não pensar acerca de nada, bom ou mau. Não ter memórias nem sonhos. Passamos vinte e três horas por dia encerradas. Tenho a sorte de ter três companheiras de cela que são mesmo perturbadas, estar com elas distrai-me da minha situação.

Jesse assentiu com a cabeça – tinha de se obrigar a não dar a volta à mesa e abraçá-la. Amava-a ainda mais.

– Tens de me ajudar a ajudar-te, Annie – disse ele. – Por favor, vamos rever tudo e verificar se não haverá um pormenor mínimo que possa ser benéfico para o teu caso. Começa no dia em que compraste o quadro: levantaste dinheiro especificamente para isso? Contaste a mais alguém que o tinhas comprado? Mostraste-o a alguém? Precisamos de determinar que o compraste mesmo naquela loja.

– Guardei-o no saco de plástico que pus no cesto da minha bicicleta e fui ao mercado... deixei-o aí até chegar a casa.

– Falaste dele aos vendedores?

– Estava a pensar no jantar que ia preparar.

– E quando chegaste a casa? Viste alguém nas escadas quando subiste para o apartamento?

– Não... e deixaram-me pendurada. No dia seguinte, a minha mãe foi lá para casa. Tu foste a pessoa que o viu a seguir, na Wallace, e depois a Agatha, na National Gallery.

– Não o mostraste à Delores?

– Isso está a ser usado como prova da acusação... dizem que estava a tentar vendê-lo sem que os Winkleman soubessem.

– E aquele homem, o Trichcombe Abufel?

– Viu o teu esboço, nunca viu o quadro.

– Disseste-me que te deixou uma mensagem.

– No dia a seguir ao jantar da Delores, pediu para me ver com urgência; qualquer coisa a respeito de Berlim e de uma identificação.

– Telefonaste-lhe?

Annie abanou a cabeça.

– Sabes que morreu?

Jesse confirmou que sabia.

– A Larissa, uma colega e amiga minha, disse-me que, no testamento, ele deixou todos os seus documentos e trabalhos de investigação ao Courtauld, mas que, quando alguém foi recolher os ficheiros, não encontrou nada. O disco rígido do computador dele tinha sido formatado.

Pela primeira vez, Annie levantou a cabeça.

– O que estás a sugerir?

– Pedi para ver a certidão de óbito dele... a polícia teve dificuldade em encontrá-la.

– Isso não prova grande coisa – disse Annie.

– Quando finalmente me arranjaram uma cópia, tinha a data da semana passada... e ele morreu há um mês.

– Que relevância tem isso?

– Não sei bem, Annie... as fileiras parecem estar cerradas. Os museus, a polícia, a comunicação social, todas as autoridades marcaram uma linha invisível qualquer. Alguém pôs uma história a circular e toda a gente acreditou. Não se deu o caso de testarem a validade... tornou-se uma verdade absoluta.

– Então estou feita?

Annie voltou a deixar cair a cabeça sobre o peito.

Jesse debruçou-se sobre a mesa e segurou-lhe as mãos. Ela tentou puxá-las, mas ele não as soltou.

– Enquanto eu respirar, podes ter esperança. Não vou permitir que te mantenham presa, Annie, prometo.

Muitas horas depois, Annie estava deitada no seu beliche a pensar em Jesse. Tinha-o subestimado, vendo-o como encantador, até atraente, mas de certa maneira incompleto, uma pessoa ainda em formação. A timidez dele tinha-a irritado e fizera-a partir do princípio de que ocultava uma displicência inata. Se

ao menos tivesse percebido que aquilo era uma máscara e visto a verdadeira pessoa meses antes... Talvez tivesse dado uma oportunidade ao amor. Logo a seguir, descartou aqueles pensamentos como meras fantasias; a encarceração estava a deturpar-lhe o pensamento e a exaustão turvava-lhe a capacidade de julgar situações. Umas semanas antes, recordou-se, o plano era ir trabalhar para a América. Agora, com cadastro, nunca conseguiria um visto sequer para visitar os Estados Unidos; e, quando saísse da prisão, Jesse estaria com outra pessoa. Isso se alguma vez chegasse a sair.

Sentindo vagas de desespero a acumularem-se dentro de si, recorreu à rota de escape à prova de bala e tentou planear um banquete para celebrar a sua libertação. Porém, naquele dia nem sequer conseguia reunir os ingredientes, quanto mais pensar em combinações interessantes. Em vez disso, voltou-se para uma caminhada muito apreciada por Dartmoor na primavera. As colinas ainda eram fustigadas por ventos invernais e sem sol e apenas alguns fetos lançavam dedos hesitantes para fora da terra, à espera de poderem desenvolver as frondes. As margens dos caminhos estavam cobertas de prímulas, dentes-de-leão e cicuta-dos-prados. Por toda a charneca havia violetas minúsculas, como sardas roxas em terra castanha. Caminhando junto às sebes, ela reparava em zízias, morugens e assobios espalhados pelo chão, bem como nos últimos vestígios de abrunheiros em flor. Deitada no beliche, a percorrer os seus passos imaginários, Annie apercebeu-se de que, pela primeira vez, era capaz de recordar o Devon sem a pontada habitual de dor; em vez disso, sentia-se simplesmente feliz por ter conhecido e adorado tanto um sítio.

Recordou aquele ato espontâneo de generosidade: comprar um presente para um amante afligido pela perda da mulher. Ao longo de toda a sua vida, ela tentara ser boa e justa. Salvara a mãe de uma miríade de situações – algumas perigosas, outras apenas humilhantes. Amara um homem que se tinha fartado dela. Abdicara da ideia de ter filhos para lhe agradar, só para depois o ver formar uma família com outra pessoa. Trabalhara árdua e conscienciosamente em todos os trabalhos que tivera e nunca roubara sequer um clipe. Apesar disso, tinha sido apanhada numa armadilha, sem qualquer perspetiva de poder escapar.

Começou a soluçar.

– Cala a porra da boca – resmungou uma das companheiras de cela.

– Peço desculpa – balbuciou Annie, encostando a cara à almofada de espuma

rija. Mesmo com uma fronha lavada, sentia o cheiro do hálito, da fleuma e do cabelo sujo de outras pessoas, efluentes da vida na prisão.

Só Jesse acreditava nela, mas como poderia uma pessoa remar contra a maré da opinião pública?

Uma visita à amiga de Trichcombe, Larissa, nada revelara. O editor da *Apollo* não chegara a almoçar com o historiador – isso estava agendado para o dia após o ataque cardíaco. Os Winkleman tinham apresentado um catálogo de exposição e uma fatura com data de 1929 a provar que o quadro era deles. Nenhum dos vendedores do mercado se lembrava de a ter visto na manhã da compra, mas a agente da polícia lembrava-se claramente dela no lugar do crime a perguntar pelo homem da loja e pela dimensão dos danos. Parecia que ser inocente não contava para nada.

Annie pensou em como tinha estado desejosa pela chegada do verão, pelos dias mais compridos, por passeios à beira-rio, piqueniques no parque. Sobretudo, porém, pensava naquela nova vida apenas encetada e já eviscerada. Mesmo que saísse, sabia que tinha a confiança estilhaçada. Tentara entrar num mundo novo e falhara. Ao olhar para cima, viu, pela janela gradeada, um avião a passar.

Subitamente, visões comuns tornavam-se tão portentosas. Que outros prazeres quotidianos iria perder?

Dali a dois dias, o seu pequeno quadro seria leiloado. Não lhe oferecia qualquer conforto saber que, embora centenas de pares de olhos tivessem olhado para aquela tela, só ela lhe reconhecera a qualidade. Lera acerca da proveniência do seu quadro com uma sensação de espanto e, noutras circunstâncias, talvez tivesse gostado de ver as fotografias que o mostravam rodeado por guardas armados e louvado pelos grandes e mais sabedores. Por ora, contudo, era um talismã do mal, que nada lhe dera se não azar. Não lhe importava que o seu valor fosse estimado em dezenas, talvez centenas de milhões, ou que, pelo facto de o ter possuído, ficasse automaticamente ligada a algumas das personagens mais notórias da história. Annie, que nada queria ter que ver com o quadro ou a sua história sórdida, abrira mão de quaisquer direitos de posse. Quanto mais longe dela estivesse, melhor.

Com um manto de autocomiseração a ajustar-se à sua volta, o ânimo de Annie afundou-se ainda mais. Talvez devesse seguir o conselho do advogado, declarar-

se culpada e apresentar-se como uma mulher desesperada e iludida. Nesse momento, porém, vinda de nenhures, a voz da mãe interpelou-a:

«Desafio-te a arranjares forma de sair desta. Desafio-te.» Annie sentou-se e olhou em volta, procurando a mãe na cela. Ela não estava lá, mas as suas palavras ressoavam nas paredes. Evie tinha razão. Não devia desistir com tanta facilidade. Tinha de encontrar uma forma de se desembaraçar daquele atoleiro de mentiras, ponderar cada possibilidade mínima, cada irregularidade. Precisava de começar pelo fim. Por que razão, perguntava-se, estaria Rebecca tão decidida a incriminá-la por aquele crime? Não podia ser por dinheiro – os Winkleman tinham-no em quantidade mais do que suficiente, não precisavam de correr o risco de serem acusados de fraude ou subterfúgio. Annie tinha noção de que aquela inimizade não lhe era dirigida pessoalmente – ela não era ninguém para Rebecca, nada mais do que um meio para atingir um fim.

Então o que teria a pequena tela? Por que motivo Rebecca não poderia limitar-se a reclamá-lo como legitimamente seu ou do pai? O que justificaria aquelas reviravoltas ridículas? Acusar uma pessoa que sabia ser inocente? Rebecca pensava com clareza e de forma estratégica – devia haver boas razões para acionar aquela sucessão de acontecimentos. A resposta só podia encontrar-se no quadro.

Sentou-se na cama e começou a recordar tudo o que tinha aprendido nos meses anteriores. Passara a saber que cada pintura tinha como que uma impressão digital única, que começava com o artista e as intenções, capacidades, opções de vida e sorte deste. A diferença entre uma boa obra de arte e uma obra de arte genial prendia-se com uma série quase indistinguível de fatores que, na sua maioria, eram indistinguíveis: o *élan* de uma pincelada; a justaposição de cores; as colisões numa composição e um ou outro toque acidental. Como uma pedra rolante a acumular musgo, uma pintura ia ganhando história, comentários e apreciações, e tudo isso lhe acrescentava valor. Na sua vida relativamente curta, o pequeno quadro de Annie, não mais do que quarenta e cinco centímetros por sessenta, reunira tanta admiração e história que ficara rodeado por um halo de desejo acumulado, o que elevava o seu valor a alturas estonteantes. Algures nessa história haveria pistas para o motivo da detenção de

Annie. Só deslindado aquele enigma poderia recuperar a liberdade.

Algo aterrorizara Rebecca – algo a levara a inventar uma sequência de

acontecimentos tão definitiva e brutal. Rebecca precisava de encerrar o assunto a qualquer custo; estava determinada a evitar quaisquer lacunas ou ambiguidades, mesmo que isso implicasse o sacrifício de uma pessoa absolutamente inocente. O ato inofensivo de comprar o quadro atirara Annie para o meio do terrível segredo que Rebecca e o pai precisavam de manter escondido.

Jesse tinha razão: Annie tinha de rever cada conversação mínima, examinar cada pista, repensar todas as situações para tentar desenterrar pistas. Recordou a mensagem de Trichcombe – ele dissera qualquer coisa acerca de proveniência e Berlim. O que tinha isso que ver com aquele caso?

Sentia uma bolha de frustração a crescer dentro de si. Como poderia provar a inocência estando encafuada na prisão? Não tinha acesso a livros ou à Internet, nenhuma oportunidade de refazer os seus próprios passos. Faria aquilo parte do grande plano de Rebecca? Estremeceu de medo. Rebecca não poderia descobrir que ela tinha um cúmplice no exterior. Tinha de enviar rapidamente uma mensagem a Jesse para o avisar.

Jesse não se considerava particularmente corajoso ou honrado. Levara a vida exclusivamente de acordo com as suas condições, esquivando-se à responsabilidade e à convenção para se dedicar à paixão pela pintura. Nalguns aspetos, pouco tinha que pudesse mostrar pelos seus trinta e dois anos de vida – nenhuma relação significativa, nenhuns filhos e nenhuma exposição relevante da sua obra.

Estava ciente de que essa falta de ambição e materialismo frustrava a sua família e a maioria dos seus amigos; a sua ideia de sucesso não condizia com a deles. Ele não queria estar preso a uma hipoteca ou a um contrato de emprego; não tinha qualquer interesse em posses e nunca compreendera a demanda incessante dos irmãos para adquirirem versões melhoradas do que já tinham – um televisor melhor, uma namorada melhor, um carro melhor. O seu trabalho na Wallace, combinado com uma venda ocasional dos seus quadros, bastava para lhe cobrir as despesas básicas. Os seus pertences cabiam num par de malas e incluíam dois fatos, dez *T-shirts*, quatro pares de calças, uma chaleira, duas panelas, um rádio, pincéis, tintas e um cavalete. Nem precisava, nem desejava mais nada. Aquela vida reduzida ao mínimo convinha-lhe perfeitamente: até ter conhecido Annie McDee.

Os seus pensamentos desviaram-se para o alegado suicídio do pai, levando-o a

perguntar-se se estaria a confundir a situação de Annie com a dor por mitigar da morte do pai. Talvez o passado contribuísse para a sua sensação de injustiça, o seu desagrado pela forma como vários aspetos do mundo da arte funcionavam. Ele sabia que os seus sentimentos por Annie eram reais. Queria protegê-

la e amá-la. Pela primeira vez na vida, via o propósito do dinheiro. A riqueza, apercebia-se, não garantia a felicidade, mas proporcionava uma base de segurança e oportunidade. Antes de Annie ter sido presa, Jesse sonhava instalá-la numa cozinha profissional; desde a sua detenção, só queria contratar um advogado de primeira para a defender. Mas a única coisa que podia oferecer-lhe eram todos os segundos que passava acordado e a convicção absoluta na inocência dela.

Certo de que Trichcombe Abufel se deparara com informação relacionada com o quadro, e incapaz de pensar noutra pista, Jesse encontrou a morada do falecido historiador na lista telefónica e persuadiu o zelador do edifício de que era sócio de Trichcombe e precisava de ir ao apartamento recolher um livro. Chegando às oito da manhã, tinha acordado o homem de nariz arrebitado, faces avermelhadas e pijama às riscas. Não obstante, o zelador mostrou-se surpreendentemente amistoso e

loquaz para alguém arrancado à cama por uma campainha insistente – ainda não tivera a oportunidade de falar da morte do historiador de arte. Sim, era triste que o velhote tivesse morrido, depois de uma triste vida sem amigos, família ou festas – tudo o que ele fazia era trabalhar, trabalhar, trabalhar. Tinha uns parentes quaisquer em Gales que nunca o visitavam e ainda na noite anterior o sobrinho lhe dissera que mandasse vender tudo, sem exceções. Não queriam recordações nenhumas.

Nem sequer as roupas ou um daqueles lenços elegantes.

Jesse escutou-o com paciência, esperando que o zelador o deixasse sozinho para passar revista ao apartamento do último andar; o homem já tinha mais de sessenta anos e uma respiração ofegante.

Jesse fez figas com os dedos dentro do bolso. Meia hora depois, entrava sozinho no apartamento do defunto. Parecia que alguém acabava de sair de lá: havia uma chávena de chá por acabar em cima da mesa; um livro aberto junto a uma cadeira; a cama por fazer e um par de chinelos à espera do dono.

Jesse pegou no livro – era uma monografia de Watteau, escrita pelo próprio Trichcombe, e estava aberta numa secção que falava de proveniências. Levantou-o, com esperança de encontrar algum papel ou notas explicativas. Depois aproximou-se da mesa de cabeceira, onde havia um livro de ensaios de Montaigne e uma biografia de Catarina, a *Grande*. Folheou ambos, não fosse Trichcombe ter deixado alguns sinais que pudessem encaminhá-lo para a verdade.

Avançando para a parede do fundo, Jesse viu oito prateleiras atravancadas de livros, monografias intermináveis de artistas, a maioria dos períodos rococó e barroco. Era tão abrangente como a biblioteca da Wallace e não havia dúvida de que aqueles tinham sido mais consultados. Perguntou-se se deveria informar um dos seus colegas de que aqueles livros seriam vendidos por tuta e meia no dia seguinte, na leiloeira Lots Road. Recordou a mensagem aflita que Annie lhe deixara naquela manhã – ninguém deveria inteirar-se da existência de uma ligação entre ela e Jesse, quanto mais entre Jesse e o quadro. A preocupação que ela demonstrara por si alegrava-o.

Tirou todos os livros sobre Watteau, mais uma vez em busca de pistas acerca do quadro de Annie.

Contudo, Trichcombe era um académico cuidadoso e, portanto, não marcaria os seus livros. De vez em quando, entre uma página e outra, havia um pedaço branco de papel com um número e uma letra escritos a lápis; mas se eram referências, onde estariam os ficheiros de notas correspondentes? Jesse avançou até um grande armário a um canto – na frente tinha três etiquetas – a gaveta de cima dizia

«Pessoal», a do meio «Livros Acabados» e a última «Livros em Curso». Cada uma das três gavetas deslizantes estava vazia. Não fazia qualquer sentido que um homem eliminasse todas as notas, tanto profissionais como pessoais, que formatasse o disco do computador e depois sucumbisse, vítima de um ataque cardíaco fatal, deitado na cama e completamente vestido.

Jesse aproximou-se da janela e olhou para o jardim comum. Lá em baixo, umas senhoras estavam a ter uma aula de ginástica com um treinador musculado que usava uma camisola sem mangas. A um canto, duas amas tagarelavam enquanto as crianças a cargo delas brincavam na caixa de areia. Na casa, à direita do lava-loiça, havia um pequeno placar no qual Trichcombe escrevera algumas notas –

a primeira dizia: «Manuscrito para Mold»; a segunda dizia: «Almoço *Apollo;* comprar *Fairy*; nota de agradecimento à Larissa». Jesse tirou uma fotografia ao placar com o seu telemóvel. Agarrou no livro aberto sobre Watteau, saiu do apartamento e desceu as escadas.

O zelador estava à espera dele no rés do chão.

– Cá está! – Jesse mostrou-lhe o livro.

– Ainda bem – disse o zelador, olhando para ele. – Veio cá uma senhora e pediu-me que lhe ligasse se alguém passasse por cá. Foi mesmo muito insistente.

Jesse nem pestanejou.

– Alta, magra, de cabelo curto e louro, quarenta e muitos anos? – perguntou, oferecendo uma descrição de Rebecca Winkleman.

– Isso mesmo.

– É a minha chefe... vai ficar muito contente por eu ter encontrado o livro.

– Então não preciso de lhe ligar? – perguntou o zelador.

– Oh, não... vou agora mesmo para o escritório – replicou Jesse, tentando falar num tom ligeiro e despreocupado. Depois acenou ao zelador, saiu do edifício e, assim que dobrou a esquina, correu rua abaixo o mais depressa de que era capaz.

Rebecca e Memling davam a volta à fonte de estilo italiano em Kensington Gardens.

– Estás satisfeita com o desfecho das coisas? – perguntou Memling, numa voz tensa e receosa.

– Não calculei a dimensão do circo mediático – reconheceu Rebecca.

Não precisava de dizer ao pai que o interesse da comunicação social, que não dava quaisquer sinais de abrandar, começava a deixá-la nervosa. Tinha previsto uma pequena conferência de impressa na qual participariam alguns jornalistas amigáveis ligados ao mundo da arte, os quais escutariam respeitosamente a história de Memling. No dia seguinte, pensava ela, talvez houvesse um ou dois

parágrafos nos jornais generalistas, no pior dos casos talvez um pequeno segmento numa parte morta do programa matinal *Today.*

Em vez disso, a família passara a ser seguida de manhã à noite por um grupo aparentemente insaciável de fotógrafos e repórteres. Havia três semanas que a história era fonte de parangonas – as palavras «arte» e «quadro» eram usadas a torto e a direito por toda a imprensa sensacionalista.

– Só receio que este plano todo se tenha descontrolado – disse Memling.

– O pai é que incendiou a loja e o coitado do homem. O pai e os seus brutamontes deviam agradecer-me, em vez de me criticar.

Memling olhou em redor para se assegurar de que ninguém os ouviria.

– É melhor lidar com estas coisas com discrição, não num turbilhão de publicidade.

– Deixe-me recordá-lo, pai, que estas coisas são obra inteiramente sua... eu estou só a tentar proteger o nosso legado.

Pai e filha seguiram caminho em silêncio. Rebecca reparou que o pai coxeava mais do que era habitual; ela esquecia-se com frequência de que ele tinha noventa e um anos.

– Só falta o documentário e a venda e isto depois vai cair no esquecimento.

– Documentários, não.

Memling tinha horror à fotografia e ao filme e sempre recusara todos os pedidos para ser retratado.

– Preciso que entre neste.

– Porquê?

– O carimbo da televisão vai selar a nossa inocência.

– És como Ícaro a voar demasiado perto do sol, Rebecca – disse Memling, com a voz a erguer-se.

Um transeunte fitou-o com curiosidade. – Temos de manter a cabeça baixa, há que ser discreto. Verás que a empatia não tarda a transformar-se em antipatia. É muito melhor fingir que não se tem nada, que não se é nada.

– Pai... meteu-nos nisto, agora vai tirar-nos disto.

Em vez de se zangar, Memling maravilhava-se com a transformação da filha e com a sua determinação férrea; nas suas mãos, o império Winkleman prosseguiria e isso era o que ele mais queria: posteridade. Continuando a andar, Memling estava ciente de que tinha as articulações cada vez mais perras; naquela manhã, cancelara a sua aula de ténis e, pela primeira vez na vida, sentia-se desesperadamente cansado. Talvez aquela, pensou, fosse a forma de a natureza preparar o corpo para a morte, algo por que ele já ansiava. Imaginava que fosse como entrar numa névoa profunda e anestesiada de vazio eterno. Já desfrutara de bastantes encantos terrenos; mais do que aqueles com que a maioria poderia sequer sonhar.

– Não sentes remorsos por causa da rapariga? Enfrenta uma vida inteira atrás de grades.

Memling não se importava com o destino de Annie, mas espantava-se com a brutalidade súbita da filha.

– É um espécime miserável. Pobre, solteira, com mais de trinta anos... a vida dela já era uma prisão. De qualquer maneira, assim que ela for condenada, passarei a poder respirar – disse Rebecca.

– Não, filha... vais descobrir que nunca mais voltarás a ter um sono tranquilo. Viverás sempre com uma pontada de medo por poderes ser desmascarada e todo o castelo de cartas se desmoronar.

– O pai não parece devastado pela culpa.

– Tive mais de sessenta anos para aprender a lidar com isso. Tens um longo caminho a percorrer.

O dia estava ameno, mas Rebecca estremeceu e embrulhou-se melhor no casaco de caxemira.

– Redigiu a carta?

– Sabes que sim... tu, o teu marido e a tua filha ficam completamente exonerados: nenhum de vocês teve qualquer conhecimento do meu passado ou da origem dos quadros.

– Onde está?

– Num cofre de um banco suíço... deixei-o lá em mão há dois dias. Os dados de acesso estão no meu testamento: há vinte e nove cofres diferentes, em quatro bancos. O nome de código deste é Armadilha. A palavra-passe é Amor, seguida do aniversário do Marty de trás para a frente. –

Memling voltou-se para a filha. – Vou implorar-te uma última vez: não devemos fazer mais comentários públicos acerca deste caso. Devemos deixar que cinzas arrefeçam; guardar um silêncio digno. Não nos cabe falar de compaixão ou de perdão... não somos Deus, nem juízes... somos dois negociantes dúplices e desonestos, nem mais, nem menos.

– Dê a entrevista... isso não é negociável. O carro vai buscá-lo às quatro da tarde para o levar para os estúdios.

Rebecca deu meia-volta e foi-se embora.

Mais uma vez, a casa do conde estava cheia de alimentos biológicos e havia entregas regulares de clarete *Berry Brothers*. Até tinha organizado um pequeno jantar para a véspera do leilão. Não convidava os seus clientes importantes para que fossem a Balham (aquela zona provavelmente nem aparecia no sistema de GPS dos motoristas) – as *soirées* tinham lugar na galeria onde se encontrava o Watteau na sua vitrina de vidro à prova de bala, especialmente construída para o acolher. Era impressionante quem aceitava o convite desde que o quadro fosse mencionado: o príncipe de Gales, os embaixadores de todos os países de relevo, uns quantos oligarcas, mais uns tantos bilionários, já

para não falar do vice-primeiro-ministro e da esposa deste.

O conde recordou aquela fria noite de abril, três semanas antes. Tinha comido um pãozinho ressequido barrado com compota ligeiramente bolorenta, vestira uma casaca e saíra para o seu jantar em Little Venice. A linha de metro do norte estava operacional, para variar, e a querida e velha Victoria também, mas a de Bakerloo estacara em Edgeware Road, cuspindo-o numa das piores interseções do noroeste de Londres. Só tinha entrado na esquadra da polícia de Paddington

Green para pedir indicações e, para seu enorme espanto, vira o quadro empoleirado numa prateleira atrás do oficial de serviço. Se não fosse o pequeno quadrado de tela limpa no canto superior esquerdo, Beachendon nunca teria olhado duas vezes para a obra. Não era propenso a acreditar em coincidências ou no destino, mas durante todo o jantar absolutamente enfadonho, não conseguira pensar noutra coisa. Lembrava-se do artigo do jornal e do telefonema que Rebecca Winkleman lhe fizera nessa manhã, a respeito de um quadro desaparecido que correspondia àquele. A caminho de casa, tornou a passar pela esquadra e, com as poucas centenas de libras que lhe restavam na conta, pagou a fiança de Evie e convenceu-a a deixá-lo levar o quadro para casa.

Ao chegar, observara-o demoradamente pela primeira vez. O quadro estava sujo, mas a sua qualidade era inconfundível. Ligeiramente animado por umas quantas garrafas de vinho, o conde insistira para que a mulher se levantasse e o visse. A condessa reconhecera que era maravilhoso e sugerira-lhe que falassem daquilo de manhã. Às dez e um quarto do dia seguinte, o conde já tinha saído com o quadro. Quando voltou, à noite, a pintura fora reconhecida pela Monachorum como sendo uma obra original e perdida da autoria de Jean-Antoine Watteau. A leiloeira ficara com a guarda temporária do quadro até que o legítimo proprietário se identificasse. A comunicação social já tinha a centelha daquela história; não tinham sido necessárias muitas achas para lhe fomentar o interesse. O conde gostava bastante da ribalta e permitiu que a *Tatler* tirasse um retrato de família, acompanhado pelo visconde Draycott e pelas filhas nos degraus da casa ancestral deles.

Nunca haveria de perceber por que razão os Winkleman tinham demorado uma semana inteira para reclamar o quadro. Só lhe ocorria que isso se devesse à circunspeção do velho quanto a revelar o seu tenebroso passado, ou que Rebecca tivesse querido esperar que a publicidade à volta da obra esmorecesse. Porém, no final da semana dificilmente haveria uma única pessoa em Inglaterra que não tivesse ouvido falar do pintor Antoine Watteau ou que não tivesse uma opinião acerca do caso.

Os Winkleman tomaram a difícil decisão de leiloar o quadro para angariar dinheiro para boas causas e pediram ao conde que representasse os seus interesses. Precisamente quando a publicidade começava a diminuir, a cozinheira deles, Annie McDee, tinha sido detida, acusada de furto e homicídio. Só ajudava o conde que a ladra fosse uma mulher bonita e a cúmplice, a mãe, uma velha e tresloucada alcoólica. A comunicação social pintara o par como *Thelma e Louise*

dos tempos modernos. Grandes damas e jovens incipientes de Hollywood perfilavam-se para desempenhar aqueles papéis. Beachendon não se lembrava de que a mesma rapariga cozinhara para ele, duas vezes.

Recebeu uma promoção e um aumento salarial. Parte das condições que impusera para ficar fora o despedimento imediato do advogado da firma, Roger Linterman, que tanto se esforçara por provocar a sua ruína.

De cada vez que havia um abrandamento do interesse, aparecia alguma informação nova e inesperada. Todos os jornalistas se tinham transformado em historiadores de arte. A sala de impressões e desenhos do Museu Britânico vira-se assoberbada por um influxo de novos visitantes e,

pela primeira vez na sua história, fora obrigada a restringir as admissões. Os visitantes da Coleção Watteau também dispararam. A pouco e pouco, a história fascinante do quadro começou a emergir.

Como declarara o *Mail,* nem Hollywood teria sido capaz de lhe sonhar tamanha vida. Primeiro veio à tona o pobre, desolado e tuberculoso Antoine, apaixonado pela galdéria, Charlotte, que usara o admirador com um devotado cão de colo, ao qual atirava ocasionalmente restos de afeto, mas cujas súplicas, olhares apaixonados e ombros tragicamente descaídos ignorava a maior parte do tempo.

Trezentos anos após a morte, Charlotte recebia por fim a atenção pública por que ansiara em vida.

Os descendentes do Dr. Mead, o médico britânico que não conseguira curar a tuberculose de Watteau, foram encontrados em Guernsey, a partir de onde emitiram um pedido oficial de desculpas.

Um entendido qualquer seguiu o rasto da pintura até Voltaire e a amante deste e, daí, até à Madame de Pompadour. O *Daily Gossip* publicou a parangona: «A Testemunha de Watteau – O Rei, a Pega e o Faz-Tudo». Seguiam-se páginas de especulação lúrida acerca dos atos lascivos a que o quadro teria assistido ao longo dos últimos trezentos anos. Os jornais generalistas, que se consideravam superiores a esse lixo, publicavam gráficos temporais de tratados e leis importantes que o quadro poderia ter vislumbrado. Mas quando se soube que Frederico e Catarina, a *Grande,* também tinham sido proprietários do quadro, todos os escrúpulos foram abandonados. Galgos, cavalos, catamitos, sodomitas, eunucos, virgens e anões – todas as variedades conhecidas de gente ou atos pervertidos foram enumeradas.

As entradas nos museus tiveram uma subida de 34 por cento entre a população adulta, mas as escolas cancelaram as visitas de estudo, por recearem críticas de ativistas antipornografia e dos direitos das crianças. Septimus Ward-Thomas, diretor da National Gallery, fez circular uma declaração: «Embora seja verdade que a galeria contém pinturas de mães solteiras (a Virgem Maria), bem como outras que representam violência, violações, assassínios, agressões e outras ações humanas bastante alarmantes, todos foram considerados através da lente de um artista. Não consideramos que uma visita à National Gallery seja imprópria para qualquer idade.»

Quando se revelou que o quadro tinha sido roubado do Palácio de Buckingham por um soldado raso, surgiram novos torvelinhos de especulação. Como poderia a família real não dar pela falta de algo tão valioso? Seria absolutos selvagens? E

iriam os Winkleman vergar-se à família real e, com uma vénia, devolver o quadro? Seguiu-se um silêncio de cinco dias antes de Sua Majestade anunciar:

«Estamos satisfeitos por o nosso quadro ter sido redescoberto depois de tão longa ausência. Encanta-nos que vá ser leiloado para angariar fundos para uma causa admirável.» Todos os jornais de ambos os lados do Atlântico e de Durban a Dar es Salaam, do Cabo Wrath ao Cabo da Boa Esperança tinham publicado uma fotografia da rainha a fazer um esgar. (Na verdade, a fotografia tinha sido tirada no momento em que o seu cavalo era vencido em Epsom, não aquando da declaração.) A atenção mediática inflamava as chamas da avareza: parecia que toda a gente queria possuir *A Improbabilidade do Amor.* A Monachorum recebia milhares de chamadas. Pensionistas idosos ofereciam as poupanças de toda a vida; crianças a semanada «para sempre»; museus, colecionadores privados, reis, rainhas, russos, árabes, estrelas do *rap* e até governos avançaram com propostas, indicando o seu interesse.

O conde nunca se sentira tão popular – quem lhe dera poder adiar a venda por mais dois anos e continuar a desfrutar das caixas de vinho, jantares gratuitos e outros presentes extravagantes que lhe iam chegando. Também estava ciente de que seriam necessárias algumas desenvoltas capacidades de negociação para que toda a gente ficasse feliz. Só haveria um vencedor e, de alguma maneira, o

conde teria de manter a calma entre os outros concorrentes. A Monachorum poderia acabar por perder mais do que ganhava se os seus Detentores-de-Altos-Rendimentos se sentissem manipulados ou prejudicados.

Selecionando os nomes dos que só o faziam desperdiçar tempo e dos que estavam nitidamente fora do seu meio, Beachendon identificou alguns candidatos prováveis. Mrs. Appledore, velha amiga da leiloeira, queria dar uso aos milhões existentes na fundação beneficente do marido antes de morrer. O

conde achava que ela poderia chegar a licitar 250 milhões de libras.

As ladies Halfpennies ficavam «para lá de excitadas» à menção do cantor *rap* M. Power Dub-Box.

Nos meses anteriores, este assarapantara o mundo da arte ao comprar algumas obras de arte de importância seminal e de valor espantoso.

O emir e a princesa de Alwabbi haviam construído recentemente um museu lá na

sua capital empoeirada do Médio Oriente. O edifício era do tamanho do terminal 5 do aeroporto de Heathrow, 1227 hectares de mármore polido. Como recém-chegados ao mundo museológico, ainda tinham encontrado pouco que fosse realmente importante para exibirem no seu museu. Se conseguissem o Watteau, este serviria para colocar de imediato o pequeno reino nos roteiros obrigatórios de todos os turistas apreciadores de arte. Dado que eram os maiores produtores mundiais de gás natural, o conde calculava que pudessem chegar a oferecer mil milhões de libras pelo quadro, restando apenas saber se o emir permitiria que a resoluta esposa fosse tão longe.

Depois havia os oligarcas rivais, cujas batalhas já tinham feito subir os preços de propriedades e objetos preciosos a níveis inimagináveis. O conde conhecera o mais recente oligarca de Londres, Vladimir Antipovsky, na companhia de Barty, e era bem sabido que o homem controlava 43 por cento da produção de estanho do mundo e que nada o deteria para superar as licitações do arquirrival Dmitri Voldakov, que controlava 68 por cento da potassa da Terra. Ambos tinham vendido recentemente participações minoritárias nas suas companhias, no valor de 8 mil milhões de libras e 9

mil milhões respetivamente. O conde nem se atrevia a especular quanto seriam capazes de gastar para se frustrarem um ao outro.

Para seu espanto, também tinha havido telefonemas de representantes dos governos francês e britânico. França acreditava que tinha o direito de possuir a obra, já que Watteau era um deles. (O

conde não disse ao embaixador francês que Watteau, tendo nascido em Valenciennes, tecnicamente era flamengo.) Se bem que o primeiro-ministro britânico dissesse que o quadro tinha de permanecer em solo britânico, toda a gente sabia que a nação não podia pagar o valor necessário.

Dado que receberia 0,2 por cento da licitação vencedora, o conde contava com um belo pé-de-meia para si e para a sua família.

– Arrancados às mandíbulas da pobreza – dissera à mulher. – E mesmo na altura perfeita.

A condessa sorrira e concordara que realmente era uma maravilha.

Vendo Jesse perdido num torpor sorumbático na sala do pessoal da Wallace,

Larissa fez questão de que ele jantasse com ela naquela noite. Quando ele chegou, disse-lhe que se sentasse num banco junto à bancada da cozinha enquanto ela ia preparando o jantar.

– É claro que sei do Watteau... era preciso viver na Nova Escócia com a cabeça enfiada no traseiro de um urso polar para poder ter evitado essa notícia – disse ela, enquanto mergulhava uma lagosta viva em água a ferver.

Um grito terrível escapou-se da panela; Jesse fez um esgar.

– Não te preocupes, é só água a sair-lhe da carapaça – disse ela animadamente. – Podes pelar esses dentes de alho, querido? – Pensou um pouco. – Ou vais ver uma namorada mais logo?

Jesse abanou a cabeça.

– Santo Deus... a rapariga de quem gostavas não era a Annie, a ladra?

Jesse fez outro esgar, mas assentiu com a cabeça.

– Tiveste sorte em sair disso com vida.

– Nunca chegou a acontecer.

Jesse decidiu que Larissa não precisava de saber tudo, para o bem de ambos.

– Pica o alho aos pedacinhos, por favor – instruiu ela.

Jesse sentiu uma pontada de tristeza – a última vez que cozinhara fora com Annie, na noite do seu jantar triunfante. Ela parecera tão feliz e à vontade na cozinha improvisada, enviando pratos para a mesa como esquadrões impecavelmente ordenados, um após o outro.

– O Trichcombe era teu amigo? – perguntou Jesse, tentando manter um tom casual.

– Conhecia-o há vinte anos, mas nunca passou disso, de um conhecido. Sabes fazer maionese?

Ele acenou com a cabeça. Pegando num ovo, partiu-o no rebordo de uma taça de

porcelana e separou a gema da clara. Depois, triturou os pedacinhos de alho e juntou-os.

– Gostas com mostarda? – perguntou.

Larissa assentiu com a cabeça e Jesse acrescentou uma colher de chá de mostarda, uma colher de sopa de vinagre e um pouco de sal e pimenta à mistura. Bateu tudo muito bem antes de verter azeite para a taça.

– Veio cá jantar umas noites antes de ter morrido. Nunca o tinha visto tão animado.

– Em que andava a trabalhar? – perguntou Jesse.

– Não queria dizer-me ao certo, mas era qualquer coisa que ia causar um escândalo absoluto... ia dizendo: «isto vai ser muito, muito grande». Porque perguntas?

– Ligou-me e fartou-se de falar da *Apollo*... não consegui perceber a que se referia – mentiu Jesse.

– Ouvi dizer que estava a escrever sobre Watteau. – Larissa tirou a lagosta da panela e pousou-a numa travessa. – Ia publicar uma pesquisa nova que tinha andado a fazer... não se decidia se haveria de ir para o *Mail* ou para a *Apollo.* Não podiam ser coisas mais diferentes, na minha opinião.

– Não te disse sobre o que era?

Jesse misturou o azeite na maionese. Sentiu o rosto a corar um pouco. Nunca tivera jeito algum para os subterfúgios.

– Qualquer questão de proveniência, um quadro perdido. De certeza que ia ser maravilhosamente enfadonho. Pobre velho Trichcombe, sempre andou perdido. Nunca chegou a recuperar do golpe de ter sido despedido por Memling Winkleman.

Jesse parou de bater a maionese.

– Ele foi despedido pelo Winkleman? Porquê?

– Continua a mexer, querido, senão isso talha – alertou Larissa. – Nunca consegui perceber o motivo do despedimento; o contrato incluía uma cláusula de confidencialidade, pelo que ele não podia falar disso. Num momento de distração, disse que tinha descoberto uma fraude qualquer nos arquivos. O típico das teorias de conspiração do mundo da arte. A Delores dizia que ele devia ter bebido demasiado e que isso teria deixado o Memling furioso.

– Seria despropositado esperar que ele te tivesse enviado uma cópia do manuscrito para que o

guardasses? – perguntou Jesse.

– Meu Deus, não. Ele não partilhava coisas dessas com ninguém. O mais provável é que a tenha enviado para uma caixa postal em Tombuctu ou para algum parente em Mold.

– Em Mold?

– De onde é a família dele.

Jesse lembrou-se do placar no apartamento de Abufel, no qual o académico escrevera «Manuscrito para Mold».

– Senta-te, este cavalheiro cor-de-rosa está *à point*. – Larissa mergulhou a lagosta em água gelada e pousou uma salada na mesa. Com um dedo, provou a maionese de Jesse. – Nada má, não está mesmo nada má.

Jesse olhou para o crustáceo e os seus pensamentos regressaram a Annie. Alguma vez voltaria a comer ou a cozinhar uma lagosta? Poderia fazer ou provar maionese caseira? Imaginou o que sentiria se lhe dissessem que nunca mais poderia pintar, perder-se numa composição ou expressar as suas ideias por imagens.

Larissa observou-o com atenção.

– O que se passa, Jesse? O que te deixa nesse estado?

Jesse abanou a cabeça e engoliu.

– Estava só a pensar que o jantar está mesmo com um ar apetitoso.

Pousando os talheres, Larissa pegou-lhe na mão.

– Aceita um conselho meu. O mundo da arte não é um pequeno lago acolhedor; é um negócio mortal. Há séculos que a beleza e o desejo de a possuir enlouquecem os homens. Se juntares cento e vinte mil milhões de dólares anuais a esta equação, obténs um problema sério. Pensa só, Jesse...

ultimamente, até um trabalho de somenos por um pequeno artista vale mais do que a maioria de nós vê durante toda a vida.

Jesse assentiu com a cabeça, triste.

– Para complicar ainda mais a questão – continuou ela –, trata-se de um mundo construído sobre reputação, e os mandachuvas não conhecem limites para manter a posição que ocupam... nenhuns.

Não sei o que terá acontecido entre o Trichcombe e os Winkleman aqui há tantos anos... francamente, nunca quis saber. Quando o Trich aqui veio há umas semanas a dizer que finalmente tinha apanhado

«o sacana», pedi-lhe que se calasse. Quem me dera não te ter dito que o vi. A influência dos Winkleman ultrapassa salas de exposições, museus, galerias e instituições; eles controlam concessionários, intermediários; subornam a polícia, a comunicação social. O velho provavelmente tem ações da *Apollo* e da *Burlington.* É o maior beneficente não só do mundo da arte, mas também faz donativos a partidos políticos. O Trich achava que podia fazer-lhe frente; agora está morto... vá-

se lá perceber. Mesmo que eu soubesse alguma coisa, Jesse, não te diria.

Debruçada sobre a mesa, Larissa fitou-o com um ar sincero.

– Lamento que te tenhas apaixonado por essa rapariga. Lamento mesmo. Mas tens de aceitar que, mesmo que esteja inocente, nunca sairá da cadeia.

– Ela é inocente!

Jesse levantou-se de supetão, com o rosto vermelho.

– Uma mulher e o seu namorado apaixonado contra o mundo? A coisa não

funciona assim. Jesse, o melhor que podes fazer é esquecê-la.

– Não posso.

– Não tens escolha. Se tiver sorte, vai continuar presa. Agora come a lagosta e fala-me de outras coisas da tua vida.

Jesse não tinha apetite e teve de se obrigar a comer. Sabia que Larissa lhe dizia a verdade e, ainda que não tivesse medo por si, estava aterrorizado por Annie. Talvez a prisão fosse o lugar mais seguro para ela; ao menos ali não poderiam matá-la.

Capítulo 35

Era a primeira vez que o Honorável Barnaby Damson era convocado ao gabinete do primeiro-ministro no Palácio de Westminster. Delores esperou à porta enquanto secretários privados iam passando, sem lhe prestarem a mínima atenção. Toda a gente sabia que a pasta de Damson era um atoleiro político; no melhor dos casos um degrau no caminho para coisas mais importantes, no pior um cargo sem qualquer consequência. Outrora, os membros desesperados ou com demasiadas esperanças eram enviados para a Irlanda do Norte; agora iam para o Ministério da Cultura.

Depois de uma espera de quarenta minutos, Damson entrou numa sala do tamanho de um campo de ténis. O primeiro-ministro encontrava-se mesmo ao fundo e os sapatos de Damson chiaram ruidosamente por todo o *parquet* flutuante até à secretária imponente.

– É um pouco como ser chamado ao gabinete do diretor na escola – comentou Damson.

– Por amor de Deus, não fale da escola – silvou o primeiro-ministro. – Eton deveria preparar-nos para a vida, em vez de nos passar uma corda de culpa à volta do pescoço. Bom, porque está aqui? –

perguntou, num tom zangado.

– Foi o senhor que pediu para me ver.

– Para quê?

As esperanças de Damson elevaram-se e caíram em simultâneo: não ia ser promovido, nem dispensado.

– Para lhe explicar a situação do quadro, *A Improbabilidade do Amor*? – sugeriu Damnon.

– Claro. Vá, comece do início. Como é que se pronuncia o nome do tipo? – perguntou o primeiro-ministro.

– Watteau... rima com barco, em francês.

– Barco, arco, marco? – replicou o primeiro-ministro, perplexo.

– A palavra francesa para barco é *bateau* – indicou Damson. E proferiu o nome do pintor com uma perfeita pronúncia francesa: – V-A-T-T-E-A-U.

– Vat... quê?

– É como se quisesse dizer «avô».

– Avô! Pois, é mais velho do que o meu trisavô! – disse o primeiro-ministro.

– Hilariante. Bela piada, senhor – disse Damson, a pensar numa promoção.

– Então e de que trata?

– Dois amantes numa clareira nos bosques.

– É pornográfico? – perguntou primeiro-ministro, nervoso.

– De todo. Trouxe uma reprodução.

Damson tirou uma folha A4 dobrada do bolso.

– A arte é um campo minado, não é? – perguntou o primeiro-ministro.

O ministro da Cultura assentiu com a cabeça e pousou a imagem na secretária.

– Como pode ver, não é grosseiro... só um homem a olhar para uma bela mulher.

O primeiro-ministro observou a pintura com atenção.

– Não tem muito que se lhe diga, pois não? É assim do género que a tia-avó Maude teria gostado.

– Tem integridade e beleza.

– Eu cá nunca gostei muito de arte – confessou o primeiro-ministro.

– A sério?

O primeiro-ministro levantou-se e caminhou pelo gabinete. Espreitando pela janela, via quatro grupos distintos de manifestantes a gritar por causa do preço do pão, do fracasso da educação, da política dos negócios estrangeiros no Médio Oriente e do colapso do Sistema Nacional de Saúde.

Pareciam insignificantes naquele retângulo de relva, como anões entre os edifícios governamentais que tinham de um lado e do outro, o Supremo Tribunal em frente e a Abadia de Westminster por trás, mas o primeiro-ministro sabia que, juntos, representavam o estado de espírito do país; faltavam menos de doze meses para as eleições e as sondagens não lhe eram nada favoráveis.

– Preciso de uma história patriótica. Este quadro pode transmitir uma mensagem positiva? –

perguntou, caminhando pelo gabinete. – A pequena Grã-Bretanha arrecada a obra mesmo debaixo das barbas dos estrangeiros. O governo salvou uma grande obra-prima para a nação. – O primeiro-ministro tinha ficado com o pescoço bastante corado. – O que lhe parece?

– É um ideia fantástica.

– Obrigado, Plum.

– O meu nome é Damson3, na verdade – lembrou-o Damson em voz baixa.

– Quanto é que vale esta coisa?

– Vale tanto quanto alguém estiver disposto a dar por ele. Há um consenso no mercado que nos dá uma espécie de valor indicativo.

Damson achava que estava na altura de educar um pouco o seu primeiro-

ministro.

– Por amor de Deus, deixe de falar por enigmas – exasperou-se o primeiro-ministro. – Quanto?

– A estimativa mais baixa aponta para os cento e oitenta milhões.

O primeiro-ministro levou uma mão ao peito.

– Cento e oitenta milhões de libras? Mas está pintado em ouro?

– Não, numa tela simples.

– Podia comprar uma ogiva nuclear por esse valor. Parte de uma ogiva, pelo menos.

– É muito – concordou Damson. – Os Franceses estão determinados a comprá-lo. Ouvi dizer que se preparam para gastar até trezentos milhões de libras.

– Trezentos milhões! – O primeiro-ministro até saltou. – Isso é exatamente o dinheiro que receberam para resgatar mais um banco falido. Só por cima do meu cadáver é que esses franciús me ficam com o quadro.

– É um quadro francês...

– Agora está no nosso maldito território: isso torna-o um quadro britânico.

– Temos o dinheiro necessário?

– Não exatamente; bem, não, de todo, na verdade. Que mais podemos fazer?

– Podemos recusar-nos a emitir uma licença de exportação e esperar encontrar um bom samaritano disposto a comprá-lo e doá-lo à nação.

– Quem quereria fazer isso, caramba? – perguntou o primeiro-ministro.

– Poderá haver alguém desejoso de receber alguma honraria.

– Chegaria uma Ordem do Império Britânico?

– Acho que não.

– Ser elevado à condição de cavaleiro?

– Pouco provável.

– Hoje em dia não posso atribuir títulos de nobreza sem todos os malditos comités de seleção e jornais me caírem em cima.

– O problema, como o senhor saberá – disse Damson –, é que a arte, à semelhança do dinheiro, se tornou noutro género de moeda. Com o euro a dar as últimas e o iene em queda livre, muitos encaram a arte como um investimento seguro.

O primeiro-ministro continuou a palmilhar o gabinete. Tinha o hábito desconcertante de estalar ruidosamente os nós dos dedos e de vez em quando um estalido alarmante interrompia o silêncio.

Damson observou os manifestantes e estes, ao detetarem uma figura à janela, agitaram os cartazes com vigor.

– Tomei uma decisão – declarou o primeiro-ministro num tom definitivo. – É melhor falar com o MI6... eles que resolvam isto.

– Não podem propriamente invadir a leiloeira... isto não é o Congo – comentou Damson com nervosismo.

– É altamente improvável que o Congo tenha uma leiloeira. Mas o nosso Ministério dos Negócios Estrangeiros dispõe de serviços secretos.

– Uma missão para James Bond! – exclamou Damson, numa excelente imitação de Sean Connery.

Isso pareceu enfurecer o primeiro-ministro

– Estava a brincar – apressou-se Damson a dizer. – Nenhum idiota pensaria recorrer a James Bond.

O primeiro-ministro arqueou as sobrancelhas.

– Não? – replicou com frieza. – Na verdade, era mesmo isso que eu tinha em mente. Só que nos dias que correm o James Bond chama-se Darren Lu... é filho

de imigrantes chineses... mortífero, segundo me consta.

O chefe de governo olhou para o relógio e suspirou.

– Até logo, Plum – dispensou o ministro, a quem virou costas.

Desta feita, Damson não o corrigiu. Ser recordado pelo nome errado poderia revelar-se uma bênção.

Por trás dos muros altamente guardados e pelos portões monumentais feitos de quatro colunas jónicas flanqueadas por muros sem aberturas da residência oficial do presidente francês, no Palácio do Eliseu, o conselho de ministros tinha sido convocado para uma reunião de emergência. Passaram rapidamente pelo átrio majestoso e cerimonioso. Já todos o tinham visitado, mas a maioria continuava a impressionar-se com a grandiosidade do estilo clássico francês, com as magníficas tapeçarias penduradas, os quadros e os ornamentos cuidadosamente selecionados.

Ao contrário do habitual, o presidente não deixou o conselho à espera. Entrou com um ar determinado na sala, flanqueado por dois adidos.

– Dentro de dois dias, em Londres, um quadro será leiloado.

O ministro da Cultura sorriu – tinha sido ele a informar o presidente.

– O quadro é da autoria do mestre francês Antoine Watteau, o fundador do movimento rococó e um dos maiores que alguma vez gerámos – disse o presidente aos colegas. – Para quem não tenha a história da arte bem presente, Watteau morreu em 1721, no ano anterior a este palácio ter sido completado. Repatriar o quadro para o seu país de origem e pendurá-lo neste palácio enviará a mensagem clara e ensurdecedora de que a França é uma nação de importância cultural e riqueza proeminentes. Numa altura em que sofremos a maior crise económica da nossa história, com os bancos a ruir, as linhas de crédito a falhar e as obrigações a serem incapazes de atrair o interesse dos mercados, comprar este quadro provará que a França ainda é uma força considerável. Não estamos acabados. Ainda nem sequer começámos. Compraremos o quadro depois de amanhã. Custe o que custar. *Vive la France!*

E, sem mais, o presidente virou-se e saiu da sala.

Os ministros entreolharam-se. Estavam em apuros ainda maiores do que suspeitavam.

Desde que se tinham conhecido no jantar de Delores que Vlad e Grace Spinetti-Winkleman passavam todas as noites e quase todos os dias juntos. Era a primeira vez numa década que Vlad não pagava por relações sexuais.

Durante um dos raros momentos de separação do casal, Vlad perguntou a Barty:

– Como provo o amor?

– Antigamente, desafiaria alguém para um combate – respondeu Barty.

– Um combate? Quem combato? – perguntou Vlad, bastante confuso.

– Não estava a falar a sério, seu tolo. A verdade é que nunca fui muito bom nisso do amor... um zero à esquerda, na verdade. É melhor perguntar a alguém com mais qualificações.

Vlad, subitamente enfurecido, agarrou Barty pelas lapelas do casaco de veludo (estava a canalizar Adam Ant e os Neorromânticos, naquele dia) e disse-lhe:

– Não é piada estúpida. É pergunta. Pergunta importante. Como provo o amor? Responde a pergunta.

– É uma pergunta que há séculos tem ocupado a mente de muitos homens e mulheres de valor. Não sou um semiótico nem um filósofo – protestou Barty, tentando soltar-se dos punhos de ferro de Vlad.

– Ela não quer dinheiro. Ou carros ou pedras ou casas. Diz: «prova só o amor».

Com uma exalação cheia de alho para o rosto de Barty, Vlad deixou-o cair novamente na cadeira.

Barty afrouxou o colarinho e passou um lenço perfumado pelas têmporas.

– Precisa de o provar? Não podem só estar juntos?

– Quero que ela venha para Rússia comigo. Viver.

– Essa é uma péssima ideia. Vai perder tudo! – Barty ficou desolado; no dia em

que Vlad pisasse solo russo, seria privado de todos os seus bens. – Então e o nosso museu? – queixou-se.

Ultimamente, só pensava no edifício que Vlad teria em São Petersburgo. Não eram razões mercenárias o que o motivava; adorava a ideia de criar uma perfeita joia em miniatura que qualquer pessoa pudesse visitar. A maioria das casas que ele decorava nem sequer podia ser fotografada –

eram tesouros secretos dos seus proprietários opulentos. A Casa Branca de Barty, aberta ao público sete dias por semana, proporcionava-lhe imenso prazer; ele desejava criar outro edifício de que todos pudessem desfrutar.

– Amor mais importante que museu – disse Vlad com firmeza.

– Porque quer voltar para lá e ser pobre? – perguntou-lhe Barty. – Se aqui pode viver com dinheiro e amor...

– Quero que filhos sejam russos.

– Ela está grávida?

– *Niet.*

Barty passou as mãos pelo cabelo, em desespero. O amor heterossexual às vezes era tão complicado... Negociações incessantes seguidas de mal-entendidos, renegociações, mais mal-entendidos e, por fim, infelicidade. Era muito melhor levar a vida como um homossexual não-praticante: isso parecia-lhe impressionantemente simples e direto.

– O que diz a Grace acerca de viver como uma siberiana sem um tostão?

– Diz «muito fixe».

– Só podia.

– Diz que está farta de maldito capitalismo de merda... quer valores a sério.

– Pois diga-lhe que a maldita pobreza da merda é muito, muito pior do que qualquer maldito capitalismo da merda – retorquiu Barty, irritado. – Sinceramente, nunca ouvi uma coisa tão tola e mal pensada.

Os dois homens permaneceram em silêncio. Ambos estavam à beira de perder o que queriam. De repente, Barty saltou e pôs-se de pé.

– Já sei! – exclamou, a bater palmas.

Vlad ergueu ligeiramente a cabeça.

– Tem de comprar o quadro que pertenceu à bisavó dela: *A Improbabilidade* ou *Impossibilidade* ou lá como se chama *do Amor.* E pendura-o no nosso, quero dizer, no seu museu de São Petersburgo.

– Bisa-quê? – Vlad estava a ter dificuldades em seguir o raciocínio.

– Esqueça lá isso. O que importa é que tem de comprar o quadro. É a prova do amor. Não percebe?

Vlad olhou para cima. Barty viu as lágrimas que lhe brilhavam nos olhos e começavam a cair pelas faces.

– Meu amigo – disse Vlad, tornando a pegar em Barty, desta feita para lhe pespegar beijos a cheirar a alho nas duas faces. – Meu amigo. Meu amigo.

– Pronto, pronto – disse Barty. – Há limites para o afeto que um homem aguenta.

– Vá agora. Compre quadro. Agora já. Levamos à Grace logo.

– Não é bem assim que funciona, Vlad. Vai haver um leilão e o Vlad vai ter de licitar.

– Ofereça mais.

– Não pode oferecer mais até saber o que está em jogo.

– Tudo tem preço – disse Vlad, a ficar enervado.

– O quadro vai ser seu. Mas tem de o comprar no leilão. Só tem de esperar mais uns dois dias.

Imagine como vai ser ainda mais importante para a Grace, porque vai comprá-lo num lugar público, à frente de média do mundo inteiro.

Vlad assentiu com a cabeça.

– Imediatamente a seguir à compra, fazemos uma declaração. Revelamos o museu a toda a gente.

Vlad agarrou na mão de Barty e começou a apertá-la e a abaná-la vigorosamente.

– Pronto, rapaz... só tenho duas dessas – lembrou-o Barty.

– Prova de amor, prova de amor. Muito bom. Bom.

*

Sentado no seu banco privado, numa casa geminada em St. James's Square, Dmitri decidiu que compraria *A Improbabilidade do Amor,* mesmo que isso o levasse à falência e provocasse o desagrado duradouro do Líder. A sua motivação era simples: humilhar Vlad. Desde que chegara à Grã-Bretanha, não fizera outra coisa senão causar problemas: investir na sua área; inflacionar os preços do mercado da arte a níveis sem precedentes. Além de tudo isso, Dmitri tinha a certeza de que Vlad andara atrás da sua noiva, Lyudmila. Assim, era uma questão de orgulho conquistar o quadro e já liquidara uma parte significativa da sua fortuna para preparar o triunfo no leilão. Também acionara um plano B, não fosse o diabo tecê-las. Voldakov não era um homem que prezasse a vida humana, a liberdade ou altos padrões morais; gostava de vencer – a qualquer custo.

Do seu gabinete no 87.º piso das Brent Towers, entre Park Avenue e a rua 73, Stevie Brent, fundador e diretor executivo da SB Capital Partners, Inc., olhava para o Central Park e considerava as opções à sua disposição. Dali a dez dias, o titã de Wall Street seria levado a enfrentar o procurador público dos EUA, que o acusaria de abusar de informações privilegiadas. Investidores nervosos já tinha retirado 15 mil milhões de dólares do seu principal fundo de risco, o que o deixava com as reservas bastante baixas. O empresário pretendia enviar um sinal aos mercados globais, indicando que, longe de estar acabado, continuava suficientemente rico e confiante para comprar o quadro mais dispendioso alguma vez leiloado. *A Improbabilidade do Amor* seria pendurado na entrada do seu escritório de Manhattan e a sua imagem apareceria na capa do relatório anual da empresa.

Brent estava habituado a fazer apostas sem garantias ou seguranças. Quando os riscos eram elevados, Brent estava no seu elemento; mantinha a coragem quando

outros sucumbiam. Naquele momento, precisava de um golpe fortíssimo. Não seria a primeira vez que recorria à arte para reforçar a sua reputação. De cada vez que a sua empresa passava um mau bocado ou que os agentes federais se aproximavam, o Rei de Wall Street comprava um quadro fabuloso. Tal como os Médici, mercadores de escravos e governantes saqueadores que o haviam antecedido, Brent compreendia que a arte tinha a capacidade de lhe branquear a reputação. O Watteau era a forma perfeita de restaurar a confiança dos investidores. No dia seguinte, abririam o jornal ou clicariam numa notícia na Internet e veriam que Brent voltara a triunfar. Nenhum tipo prestes a ir preso ou à falência arriscaria uma jogada tão audaz.

Na sua suíte do hotel Claridge, Mrs. Appledore assinava as últimas folhas para autorizar a liquidação da Fundação de Beneficência Melanie e Horace Appledore.

Na National Gallery, em Londres, Septimus Ward-Thomas presidiu a uma reunião de emergência da administração; foi tomada a decisão unânime de usar todos os fundos de reserva da galeria, um total de dois milhões de libras, para tentar assegurar a aquisição do quadro.

Darren Lu contornou a leiloeira, olhando para portas e janelas. Recebera instruções claras, mas ainda não sabia ao certo como atingir o objetivo. Lá chegaria. Darren Lu nunca tinha falhado.

O Excelentíssimo Presidente da República Francesa tinha requisitado as reservas do país para garantir a aquisição do quadro. Insistindo que a Força Aérea Francesa preparasse um voo especial, instruiu a comunicação social do país para que fosse ao seu encontro à pista do aeroporto na noite seguinte, podendo assim testemunhar o regresso da maior obra-prima da pátria.

*

No seu estúdio em Hoxton, Mr. M. Power Dub-Box gravava a última faixa do seu último álbum.

Tinha reservado a noite de quinta-feira para ir ao leilão. Chegaria numa caravana de *Range Rovers* brancos, ao som do seu novo *single,* «Witches' Brew», e um par de raparigas a suspirar por ele.

Sabia que o quadro seria vendido por mais dinheiro do que aquele que possuía.

Não podia levar o mundo da arte a sério. Preços loucos. Gente louca.

O gabinete de Barty estava coberto de possíveis fatos. Não conseguia decidir-se se haveria de ir mascarado de Catarina, a *Grande* (e chegar com um cavalo debaixo do braço), Pedro, o *Grande* (e levar um galgo a sério), um conde dissoluto (a arrastar garrafas de vinho vazias), Luís XIV (com uma enorme peruca); ou de Madame de Pompadour, com um vestido de baile de tafetá e rendas rosa-choque, completado com uma peruca de caracóis brancos a cair em cascata.

– Usou uma coisa assim no meu jantar – comentou Delores.

– Com todo o respeito, Delores, o seu jantar foi para cinquenta pessoas numa zona escondida de Londres; os eventos de logo à noite vão ser seguidos por mais de dois milhões de pessoas – ripostou ele, irritado. – Bennie, Emeline, onde está o meu pessoal?

– Estamos todos aqui – respondeu a sua assistente pessoal, Frances, num tom cansado.

Barty olhou em redor e viu que todos os quinze funcionários se encontravam pacientemente alinhados à espera de instruções.

– Se usar outra peruca extravagante, ninguém saberá quem é. Porque não esquece a peruca? –

sugeriu Delores. – Mais Sofia Coppola, menos Danny La Rue.

– Quando o quadro for comprado, eu atirarei a peruca ao ar e toda a gente vai saber – replicou Barty, a imaginar a cobertura mediática no noticiário da noite.

– Vai parecer uma velha *drag queen* toda suada... imagine o que quatro horas debaixo daquelas luzes quentes vão fazer-lhe ao cabelo e à maquilhagem – insistiu Delores, a caminho da porta.

– Não pode ir já embora – queixou-se Barty. – Porque tenho de fazer tudo sozinho?

Duas noites antes do leilão, a BBC transmitiu um documentário sobre a história de *A Improbabilidade do Amor.* Enquanto se instalava para assistir, Larissa

pensou que era muito invulgar que a BBC dedicasse uma hora do horário nobre a uma obra de arte. Em tempos um passatempo assaz rarefeito e contemplativo, a arte passara a ser vista como uma ocupação popular e populista.

Quando Larissa começara a formação como historiadora, mais de quarenta anos antes, tinha entrado num mundo de arquivos empoeirados, igrejas bolorentas e pilhas imponentes a cair aos bocados.

Uma geração mais jovem mal conseguia acreditar que tal tempo tivesse existido. Agora havia meias de rede, arquivos digitais e extensões de museus acabadas de inaugurar.

O programa estava feito de forma imaginativa. Recorrendo aos mais recentes efeitos digitais disponíveis, os realizadores tinham recriado as divisões exatas onde o quadro teria sido pendurado.

Num minuto mostravam o quadro na mansarda de um artista, no seguinte nos aposentos privados dos czares imperiais. Cada um dos proprietários comprara o quadro como símbolo de verdadeiro amor.

Larissa, juntamente com 12 milhões de outros telespetadores, assistiu com assombro ao percurso daquela pequena obra de arte pela história, passando de um casal ilustre para o seguinte.

Por fim, em 1929, tinha sido comprado por um jovem advogado judeu, Ezra Winkleman, como prenda de casamento para a noiva, Esther, que amava desde a infância de ambos. Depois de terem casado, o quadro ficara no pequeno apartamento de Berlim em que viviam. O casal tivera quatro filhos, incluindo Memling, e vivia simples mas alegremente. Depois chegara a guerra e os judeus de Berlim tinham sido cercados. Os Winkleman e os filhos foram enviados para campos de concentração – a maioria julgara que tinham morrido. O filho mais novo, Memling, conseguira escapar do comboio da morte e passara a guerra numa quinta remota, alimentando-se apenas de ervas e bagas. Quando os Aliados o descobriram em 1946, tudo o que ele possuía era um documento de identificação, o retrato da mãe e o quadro. Larissa sentiu um nó estranho a formar-se ao fundo da garganta.

Uns quantos planos depois, Memling surgia, elegante, de rosto quadrado, malares largos e aqueles estranhos olhos azuis. Larissa nunca tinha reparado nos olhos dele; nunca estivera suficientemente perto. À semelhança do resto do país,

fascinou-se com a voz tranquila, autoritária e ciciada. A história dele era tremenda, comovente e, no entanto, Larissa não ficou convencida. Que estranho que um judeu asquenaze tivesse aqueles olhos azul-claros, pensou, reparando também que, de cada vez que falava dos pais, Memling olhava para baixo, para as mãos.

Recordou o seu último jantar com Trichcombe. O historiador tinha-lhe dito que finalmente encontrara «provas». Algo acerca de uma fotografia em Berlim e uma certidão de nascimento. Ela não tinha prestado grande atenção à diatribe mais recente de Trichcombe, que acalentava aquele ressentimento havia mais de quarenta anos. Porém, havia qualquer coisa naquele documentário, algo em Memling, que a perturbava profundamente. Apesar de serem quase 11 da noite, marcou o número de telefone de Jesse e pediu-lhe que fosse ao seu apartamento sem demora.

3 Jogo de palavras: «plum» quer dizer «ameixa», enquanto o apelido do ministro, «damson», significa «abrunheiro». *(N. da T.)*

Capítulo 36

A Véspera do Leilão

Inglaterra nunca tinha parecido mais encantadora, pensou Jesse com tristeza, enquanto olhava pela janela do comboio e via os campos aveludados cheios de ovelhas e as sebes embranquecidas e rosadas por causa dos espinheiros em flor. As árvores de folha caduca já tinham folhas de verdes vívidos e os seus troncos eram figuras esguias e negras que contrastavam com o azul do céu. Além do clarão amarelo-elétrico da colza, o comboio ia passando por campos feitos apenas de centenas de tons de verde. Em viagens similares de comboio, Jesse ter-se-ia perguntado como haveria de captar aquela paisagem majestosa que se estendia diante do seu olhar mas, desde a detenção de Annie, custava-lhe pintar. De olhar voltado para o exterior, perguntou-se o que veria ela da sua janela, se era que a tinha. A cada visita que lhe fazia, ela parecia-lhe mais fechada sobre si mesma; os olhos vivos tinham-se tornado baços e turvos e a farda da prisão pendia-lhe do corpo cada vez mais magro.

Naquela manhã, seguindo a sugestão de Larissa, Jesse apanhara o comboio para Wrexham, onde mudara para um mais pequeno. Eram quatro da tarde e todos os lugares estavam ocupados por crianças a voltar da escola. Jesse tinha encontrado

um lugar ao canto, na ponta da carruagem, e sentia-se apanhado no meio de um fogo de artifício humano, com crianças a brincar, saltar e gritar à sua volta. Era o único adulto presente, mas parecia invisível para os companheiros de viagem. Havia onze paragens entre Wrexham e Buckley e, em três delas, Jesse ainda pensou apear-se e esperar uma hora pelo comboio seguinte. Quando atravessaram o rio Cegidog, um grupo de pequenos selvagens abandonou um jogo – passar o corredor a saltar – para dar início a outro, que consistia em atirar crianças mais pequenas de um lugar para outro. Por vezes apanhavam-nas, por outras deixavam-nas cair no chão com um estrondo doloroso. Ao início, Jesse receou que partissem ossos e sangrassem do nariz. Depois começou a preocupar-se por poderem voltar-se contra ele. Poderiam arrastá-lo pelas unhas dos pés para fora da janela ou usá-lo como trampolim humano. De súbito, em Penyffordd, houve um êxodo em massa e Jesse ficou sozinho com uma menina pequena e o irmão, que se tinham refugiado numa prateleira de bagagens por cima dos assentos e que então desceram e se sentaram à sua frente.

– Isto é assim todos os dias? – perguntou-lhes.

A menina encolheu os ombros. O irmão olhou pela janela.

Jesse tentou imaginar um jovem Trichcombe Abufel em circunstâncias similares. Como teria o assexual ascético sobrevivido àquele tipo de infância? Teria encontrado refúgio em obras de arte inanimadas? Ter-lhe-iam servido como imagens de calma e tranquilidade?

Em Buckley, Jesse apanhou um autocarro local para Mold, esperando ver algumas paisagens

campestres gloriosas pelo caminho, mas mal tinha deixado os subúrbios de Buckley quando os primeiros edifícios dispersos de Mold apareceram. Olhou para morada de novo: 21 Fford Pentre –

esperava que fosse mais fácil de encontrar do que de pronunciar.

Depois de muito deliberar com Larissa, ambos tinham concluído que seria melhor fazer uma visita em vez de telefonar ou escrever ao sobrinho de Trichcombe, Maurice, sobretudo porque o leilão teria lugar na noite seguinte. Jesse receava que, depois do bruaá da venda ter passado e de a comunicação social e o público perderem o interesse pelo quadro, a polícia também não teria interesse em rever o caso de Annie. E ele não queria que ela perdesse nem mais

um minuto na prisão.

– E se estiverem de férias? – perguntara a Larissa, andando de um lado para o outro no apartamento dela.

– Hão de voltar – respondera-lhe ela com sensatez.

– E se tiverem deitado as coisas dele fora?

– Nesse caso, acaba-se a esperança. Jesse, tens de ter cuidado... não fazes ideia de quão poderosos são os Winkleman.

– É o que estás farta de me dizer – replicara Jesse, irritado.

Por sua vontade, teria conduzido até Mold naquela mesma noite. Só a ausência de um carro e de uma carta de condução o impedira. Se tivesse dinheiro para isso, teria apanhado um táxi que o levasse até lá.

– Vê só o catálogo do quadro – dissera-lhe Larissa, segurando o imponente tomo exclusivamente dedicado à obra. Em letras douradas, estava o título, *A Improbabilidade do Amor*; e, entre a capa e a contracapa duras, havia onze ensaios a exaltar a importância e o significado cultural do quadro.

Havia artigos assinados por Septimus Ward-Thomas acerca do valor daquela pintura na litania da arte; por Simon Schama, sobre a sua proeminência artística e histórica; bem como comentários de Jasper Johns, Peter Doig, Dexter Dalwood, Catherine Goodman, Gerhard Richter e Tarka Kings, e ainda poemas de Carol Ann Duffy e Alice Oswald, inspirados na obra.

– Ninguém, exceto nós, quer que este leilão fracasse – dissera Larissa.

– A Annie é inocente! – exclamara Jesse, com ênfase.

Tinha parado de andar de um lado para o outro e estava em frente a Larissa, de olhos a chispar.

– Eu não digo que ela seja culpada, só que há montes de provas contra ela. Não há gravações que a mostrem na loja no dia da alegada compra, mas uma polícia lembra-se de que ela prestou declarações no dia a seguir, quando o estabelecimento foi incendiado, e a demonstrar particular interesse na morte do

lojista. Até há gravações de câmaras de videovigilância que a mostram a tirar o quadro da Winkleman e indícios de que terá reunido informação acerca da história do quadro, incluindo visitas à National Gallery e ao Museu Britânico. Os Winkleman até têm registos de livros sobre Watteau requisitados a bibliotecas e há indícios de que terá tentado autenticar o quadro em todos os estabelecimentos que não o óbvio... o dos seus empregadores. Porque é que ela não mostrou o quadro à Rebecca?

– Não queria ser vista como estando a desperdiçar tempo de trabalho – redarguira Jesse. – Para além disso, sabes que tanto a Rebecca como o Memling são assustadores e difíceis de abordar.

– Tens de reconhecer, Jesse, que a coisa não tem bom ar. Nenhum júri terá grande pejo em condená-la – declarara Larissa.

– Foi uma cilada.

– És um homem apaixonado – lembrara-o ela com delicadeza. – Tens de agir com muito cuidado e

sangue-frio se queres ajudar a Annie.

Jesse caminhou pelo centro de Mold. Com sede e fome, olhou para a montra da Dolphin Inn a pensar se teria tempo para um almoço tardio e uma caneca de coragem holandesa. Todavia, os seus pensamentos regressaram de imediato a Annie e provocaram-lhe uma pontada de vergonha – o futuro dela estava nas suas mãos e ele a pensar em comida. Encontrou Ffordd Pentre com facilidade – era um complexo habitacional construído na década de 1980, perto da via principal, Chester Road. Cada casa era uma variação ligeira de uma caixa de tijolos: algumas tinham janelas salientes, outras tinham tábuas brancas, todas tinham garagens demasiado grandes e pátios calcetados. O número 21 estava rodeado por um pequeno muro e uma sebe de alfena. Ao contrário das dos vizinhos, tinha um relvado pequeno mas bem aparado e cestos suspensos. Um gato cor de tartaruga estava sentado à janela, a lavar-se, e havia um pequeno automóvel estacionado em frente.

Jesse tinha-se vestido cuidadosamente. Usava uma camisa azul-clara, uma gravata e o seu melhor fato de bombazina, esperando ter um ar respeitável, mas não oficial. Ajeitou o cabelo com a mão direita, avançou até à porta e bateu com firmeza.

Lá dentro, Delia Abufel acabava de preparar uma chávena de chá, de tirar três bolachas recheadas da lata dos biscoitos, de lembrar a si própria para comprar mais no supermercado no dia seguinte, e de se sentar para assistir a um programa diário, *Pointless.* Começava às cinco da tarde e, às dez para as cinco, estando tudo «como devia», Delia ligou o televisor e viu o rosto sorridente de Alexander Armstrong a anunciar o primeiro convidado. Hoje, pensou Delia, vou ganhar. No dia anterior voltara a ser vencida, mais uma derrota numa longa série de desilusões. A campainha tocou. Um som curto mas insistente. Delia olhou para o gato, mas este estava impassível e continuava a lamber a pata.

Aumentou o volume da televisão. Deviam ser miúdos lá do cimo da rua – o melhor era ignorá-los.

Do lado de fora, Jesse ia passando o peso de um pé para o outro. Sabia que havia gente lá dentro; via reflexos fantasmagóricos de um televisor a tremeluzir por trás das cortinas de rede. Quanto tempo deveria deixar passar antes de voltar a tocar? Não queria irritar os Abufel.

Dentro de casa, Delia considerava os diferentes concorrentes e que par seria o seu principal rival.

A maioria era constituída por gente normal de meia-idade, de classe média, mas havia um duo que lhe suscitou um ódio à primeira vista: Milly e Daisy, de Blackpool. Para começar, eram bonitas –

demasiado bonitas para terem também miolos, boas figuras e belas roupas. Delia poderia ter sido Daisy ou Milly. Delia deveria ter sido esse tipo de rapariga. Mas algo correra mal. Não lhe calhara uma boa mão. Deveria ter casado com Tod Florence e ido para a Nova Zelândia, ou aceitado namoro de Ronnie Carbutt, que agora era gerente de todas as Tesco's de Gales, mas, em vez disso, decidira-se pelo rapaz simpático da área. Maurice era, francamente, um desperdício de espaço – um canalizador sem qualquer esperança de ser promovido. Um homem por quem se podia acertar o relógio, não um homem com quem passar a vida.

A cada filho, ela ganhara seis quilos; agora os quatro tinham saído de casa, deixando a mãe com um vazio na vida e um estômago que pendia por cima das calças. Olhando de relance para a estante ao lado da televisão, Delia viu as duas fileiras arrumadas de livros: as prateleiras de cima eram dedicadas à culinária, volumes de Nigella Lawson, Delia Smith e outros do género; as de baixo eram

a sua coleção de dietas falhadas, todas as modas desde a dieta de South Beach à Atkins, três metros de sonhos desfeitos.

A campainha voltou a tocar. Desta feita, demorou-se mais, foi mais insistente.

«De que filme foi Sigourney Weaver protagonista?», perguntou Alexander Armstrong. «Se adivinhar o menos provável, que obtenha menos pontos, terá a oportunidade de chegar ao frente a frente.»

Delia esforçou-se freneticamente por pensar num filme com Sigourney Weaver. Seria *Alien*? *A Tempestade de Gelo*? *Os Caça-Fantasmas*?

A campainha tornou a tocar. Delia pensou ir buscar um jarro de água a ferver e atirá-lo à cara da criança malcriada.

Ocorreu-lhe algo. Podia ser a Polícia Militar a ir dizer-lhe que o seu filho mais velho, Mark, tinha sido ferido no Afeganistão. Eles iam à porta das pessoas. Não telefonavam. Onde estava Maurice quando ela precisava dele? Teve vontade de chorar. Levantando-se a custo do cadeirão, quase correu até à porta, que abriu.

– Diga-me tudo – disse ela, a conter as lágrimas.

O homem à sua frente não parecia um soldado, nem um polícia ou qualquer pessoa com um cargo oficial. Envergava um fato que já conhecera tempos melhores. Tinha a gravata direita, mas o cabelo espesso e castanho-escuro estava espetado em tufos irregulares. Olhando para baixo, Delia reparou que os sapatos dele estavam sujos de tinta.

– Quem raio é você? – perguntou.

Jesse fitou a mulher baixa e redonda, de bata e chinelos felpudos cor-de-rosa. Mesmo que procurasse a pessoa mais distinta de Trichcombe Abufel – de membros finos, plastrões perfeitamente arranjados e sapatos engraxados –, nunca se teria atrevido a imaginar Delia. Trichcombe raramente expressava qualquer emoção, enquanto a mulher à sua frente abrira a porta consumida por tristeza e já estava inflamada pela raiva.

– Quem é vocês, raios? – perguntou ela de novo.

– Sou amigo do Trichcombe Abufel – começou Jesse.

– É o paneleiro dele? – perguntou Delia, num tom hesitante.

– Como?

– O mariconço?

– Sou só um amigo – respondeu Jesse num tom firme.

– Qual é que acha que terá sido o filme menos conhecido da Sigourney Weaver? – perguntou ela, voltando a olhar para o televisor.

– *Gorilas na Bruma*? – sugeriu Jesse.

– G'anda ideia, porra – exclamou Delia, antes de lhe bater com a porta na cara e correr de volta para o ecrã.

Jesse ficou à soleira da porta fechada. Lá dentro, Milly e Daisy ganharam a ronda com um filme obscuro chamado *Heróis Fora de Órbita.*

«Eis os nomes de oito futebolistas... corresponda o clube em que jogam às seleções nacionais que representam.» E a seguir Alexander Armstrong desapareceu do ecrã.

Delia afundou-se no cadeirão – não sabia nada acerca de futebol. Viu-se que Milly e Daisy sabiam

– ficaram mesmo em primeiro lugar, com a pontuação mais baixa.

A campainha voltou a tocar.

Delia levantou-se e foi à porta.

– O que é agora?

– Lamento incomodá-la. É mesmo urgente.

– Não posso convidá-lo a entrar... vai ter de esperar que o Maurice chegue.

– A que horas será isso? – perguntou Jesse, mantendo o tom educado.

– Às seis em ponto. Nunca um minuto antes ou depois. Agora, em que clube

joga o Robin van Persie e de onde é o sacana?

– No Manchester United e é holandês.

Mais uma vez, a porta foi fechada na cara de Jesse, que foi sentar-se no muro em frente à casa. Um vento forte soprava por Fford Pentre. Reparou noutras pessoas a voltarem da escola ou do trabalho, a estacionarem os seus carros quadrados e de cores garridas em frente aos alpendres de tijolo e a apressarem-se a entrar. Apesar de ser julho, parecia que um crepúsculo prematuro se instalava na vila. Viu as luzes a acenderem-se e a refletirem-se nas pedras da calçada. Cada casa, tão discreta e modesta durante o dia, ganhava uma aparência amistosa depois de escurecer, com as janelas a brilhar como olhos delicados num rosto ameno. Precisamente às seis da tarde, o carro de Maurice Abufel, um *Honda Civic,* parou em frente à casa.

– Olá, o senhor deve ser Maurice Abufel – disse Jesse, enquanto se afastava do muro.

Se Maurice se surpreendeu ao ver um desconhecido à espera no seu quintal, não o demonstrou.

Parecia-se um pouco com o tio – alto e magro, com feições exageradas e uma expressão bastante lúgubre. Ao contrário de Trichcombe, porém, que se vestia com tanto esmero, aquele Abufel usava um fato-macaco azul e sapatos com sola de borracha.

– E você quem é? – perguntou.

– Sou amigo do seu tio Trichcombe. Era amigo. Os meus pêsames – apressou-se a acrescentar Jesse.

– O que está aqui a fazer? – perguntou Maurice, tirando a chave de casa do bolso. – Porque é que não tocou à campainha? Entre.

Maurice abriu a porta de casa e fez-lhe sinal para o seguisse. Lá dentro, tirou o chapéu, pousou-o na mesa, pendurou a chave num gancho que dizia «Chave» e a do carro noutro que dizia «Carro do M». Abriu um armário na entrada e pendurou o casaco cuidadosamente num cabide de plástico azul.

– Temos uma visita. Desliga a televisão – disse à mulher.

– Quem?

– Um amigo do tio T... estava à espera lá fora.

Maurice e Jesse ainda estavam lado a lado no pequeno átrio de entrada. Pela porta aberta viram Delia a erguer-se do cadeirão e a aproximar-se deles.

– Pois eu disse-lhe que esperasse lá fora – afirmou ela, sem olhar para Jesse.

– Porquê? Está frio.

– Podia ser um violador – respondeu Delia.

Maurice mirou-a de cima a baixo.

– Nos teus sonhos, mulher, nos teus sonhos.

– Cala a boca, Maurice, e come – disse-lhe Delia.

– O que há?

– Douradinhos e feijão.

– Oh, pois, hoje é quarta.

– Não há que chegue para três – disse Delia, olhando para Jesse.

– Cozinhas que chegue para dez... e comes por nove... hoje podes reduzir um pouco a dose. Não vai matar-te. – Maurice voltou-se para Jesse. – Entre e conte-nos o que o traz por cá.

Maurice foi à frente até à cozinha.

Jesse não comia desde manhã mas, enquanto tinha a atenção deles, falou, contando-lhes que Annie comprara o quadro numa loja de velharias e ele a encorajara a tentar autenticá-lo. Depois explicou-lhes que Trichcombe se tinha deparado com algum segredo sombrio do passado dos Winkleman, o que provocara a sua expulsão e descrédito no mundo londrino das artes na década de 1970. Havia qualquer coisa naquele quadro, disse-lhes Jesse, que confirmava o palpite de Trichcombe. Ele esperara mais de quarenta anos pela oportunidade de desmascarar os Winkleman e, quando encontrara Annie e vira o quadro, por fim

conseguira provas. O historiador de arte tinha escrito a sua tese e planeava publicá-la numa revista chamada *Apollo.* Na véspera de ir apresentar a história ao editor, morrera subitamente.

– O médico-legista disse que foi um ataque cardíaco – interveio Maurice.

– Que tipo de pessoa apaga todos os registos do telemóvel, do computador e também as cópias físicas do arquivo e depois tem um ataque cardíaco? – perguntou Jesse.

– Talvez o esforço tenha sido demasiado?

– O zelador do edifício viu-o sair nessa manhã. Levava um pacote e disse-lhe que ia aos correios.

Perguntei-lhe se lhe tinha parecido pálido ou adoentado. Ele disse-me que o tinha achado feliz da vida... que até lhe tinha dito «Bom dia», o que era surpreendente para um velho rabugento. Com todo o respeito – apressou-se Jesse a acrescentar.

– Ele era um tipo rezingão – concordou Delia.

– Duas noites antes, jantou com uma amiga que tínhamos em comum e disse-lhe que tinha desenterrado um crime que deixaria toda a gente de cara à banda. Disse que provava que ele estava certo e tinha sido muito prejudicado – continuou Jesse, inclinando-se para eles. – Não acredito que a morte do Trichcombe tenha sido acidental.

Maurice e Delia entreolharam-se.

– Ainda hoje estava a tratar da roupa e a pensar que nada acontecia em Mold – comentou ela.

– E não acontece. Isto teve lugar em Londres – disse Maurice.

– A minha amiga disse-me que o Trichcombe era capaz de vos ter enviado alguma coisa... uma cópia do relatório que escreveu.

Jesse susteve a respiração. Era a última esperança de Annie.

Maurice abanou a cabeça.

– Nada, lamento.

Delia ficou calada até que, de repente, disse:

– A encomenda... pensava que era a minha roupa da ASOS... fiz o caminho todo a pé até à vila, tive de esperar na fila durante quarenta e cinco minutos e afinal era só um dos manuscritos dele. Tinha telefonado para me avisar uns dias antes.

– O que fez com esse manuscrito? – Jesse debruçou-se sobre a mesa.

– Estou a tentar lembrar-me – replicou Delia, recostando-se na cadeira.

– Vê lá não te despaches, não... Só está em causa o assassínio do meu tio e uma pessoa presa indevidamente – disse-lhe Maurice.

– Depois da estação dos correios, fui ao talho e comprei duas costeletas de borrego. Encontrei a

Lily e ela disse-me, vamos beber um café à Ivy. Então fomos à Ivy... ela tinha feito um belo bolo. Um pão de ló com compota e natas e morangos a sério, de morangos.

Jesse esforçou-se ao máximo por não gritar de frustração.

– Depois vim para casa.

– Foi tudo o que aconteceu nesse dia? – perguntou-lhe Maurice, incrédulo. – Eu provavelmente tinha conduzido de Chester a Birmingham, arranjado quatro caldeiras, desentupido um par de ralos e preenchido o mesmo número de fichas de clientes; e tu estiveste armada em Maria Antonieta, a comer bolo?

Delia cerrou os lábios e não respondeu.

– Trouxe o pacote para casa? – perguntou Jesse.

– Estou só a tentar pensar com que saco é que saí nesse dia.

– É possível que o tenha deixado com a Ivy? – perguntou ele, esforçando-se para que o pânico não se lhe notasse na voz.

– Será que levei o saco grande das compras ou o de rede?

– O que é que isso importa? – perguntou Maurice.

– Um deles tem uma bolsa.

– Talvez pudesse ver na bolsa? – sugeriu Jesse, já de pé.

Delia foi até ao armário e abriu-o. O saco de compras estava atrás da tábua de engomar. Delia apalpou o grande bolso da frente.

– Aqui não está. – Olhando para o relógio, arquejou. – O *Mac Show* começa daqui a dez minutos...

hoje vai lá o Rob Brydon. Vamos ver?

– Por favor, Mrs. Abufel, eu sei que é pedir muito, mas temos mesmo de encontrar aquele pacote –

disse Jesse, tentando dar um tom mais firme à voz trémula.

– Não se preocupe... assim que o programa acabar, eu continuo a procurar.

Desta feita, o marido dela levantou-se. Maurice, nos seus chinelos velhos de xadrez, com o cabelo penteado para o lado para tapar a careca, o casaco de malha castanha e remendado por cima do fato-macaco e os óculos da década de 1960, transformou-se de canalizador em colosso irado.

– Levanta-te desse cadeirão e vai ao sótão – gritou à mulher. – Por uma vez na vida, põe a televisão em segundo lugar e alguém em primeiro. Estamos a falar do meu tio Trich. Era da família.

Em primeiro lugar está a família. Se não fosse assim, eu já tinha saído por aquela porta há muitos anos. Agora vai buscar todos os papéis que o meu tio te tenha enviado e traz tudo para aqui o mais depressa que conseguires com essas perninhas curtas.

Delia olhou para o marido, atónita. Abriu e fechou a boca, antes de sair da sala. Jesse e Maurice ficaram em silêncio, a escutar os passos pesados de Delia nas escadas e no patamar, seguidos por um baque quando a escada do sótão foi

descida. Ouviram-na a ranger enquanto Delia subia por ela.

– Seria melhor se eu fosse ajudá-la? – perguntou Jesse.

– Deixe-se estar aí – respondeu Maurice, de olhar fixo em frente.

Uns minutos depois, Delia regressou com três sacos de correio. Dentro havia envelopes almofadados por abrir, com o nome de Maurice escrito à frente. No verso, também escrito à mão, estava o nome e o endereço de Trichcombe. Jesse passou-lhes revista rapidamente. Nenhum era recente.

– Estes são os livros dele? – perguntou Maurice, virando os envelopes.

– Ele escreveu pelo menos doze – respondeu Jesse. Examinou cada selo postal com grande

cuidado. – Não está aqui.

– Vai ligar à Ivy. A ver se o deixaste lá – ordenou Maurice à mulher.

– Ela há de estar a ver o *The One Show* – resmungou Delia, mas foi até ao átrio de entrada, onde estava o telefone.

Ivy, segundo ficaram a saber, não tinha o manuscrito, e Lily também não.

Jesse sentia o seu futuro e o de Annie a escapar. Sabia que não havia esperança, que ela seria condenada e passaria o resto da vida na prisão por um crime que não cometera. A sua vida seria sacrificada para que um segredo continuasse a salvo. Jesse também sabia que nunca mais amaria.

Sem dúvida haveria outras mulheres, memórias criadas, quadros pintados, mas essa seria uma sombra da vida que ele queria passar com Annie. Apercebia-se então de que, até ao momento em que a conhecera, a sua existência estivera envolvida numa espécie de ambivalência e que a sua noção de sucesso correspondia a liberdade pessoal – liberdade de compromissos, preocupações, pobreza, riqueza, ansiedade e posses. Construíra uma existência bastante apagada, emocionalmente selada.

Adorava pintar e adorava a família, mas pouco mais. Por uma ou duas vezes, houvera uma mulher por quem tinha valido a pena atravessar a cidade mas,

quando elas se afastavam, queixando-se da sua falta de empenho ou compromisso, Jesse limitava-se a encolher os ombros, à laia de desculpa.

Tudo isso mudara ao conhecer Annie. A sua vida, até então uma série ordeira, monótona e agradável de notas harmoniosas e idênticas, tinha explodido numa cacofonia de acordes estrepitosos e imprevisíveis. A luz do sol inundara-lhe cantos escuros e desconhecidos do seu ser. Ficara completamente tolo, estonteado e de coração aberto. Sorria a desconhecidos, cantava em elevadores, dançava em corredores. Ouvia melodias como pela primeira vez; via cores novas. Todas as pequenas tarefas deixavam de requerer esforço – corria rua abaixo e subia os degraus dois a dois. Alguma película inexplicável deixara de lhe cobrir os olhos, o que lhe permitia observar o mundo de um ponto de vista familiar, mas absolutamente surpreendente. Tudo se intensificara, mais agudo e potente. A sua pintura sofrera uma tremenda transformação: tons apagados e composições cuidadosas tinham dado lugar a explosões extravagantes de cor e a rasgos de fantasia, com os pincéis a fluírem com garra e *élan* pelas telas. De vez em quando, ficava sem fôlego com tamanha intensidade que tinha de se agarrar a algo sólido para que o chão não lhe fugisse debaixo dos pés. Sabia, com uma certeza absoluta e inegável, que ele e Annie estavam destinados a ficar juntos.

Esta nova descoberta fazia-se acompanhar pelo oposto, pelo medo da perda. Desde o momento em que vira Annie, passara a conhecer, pela primeira vez, o verdadeiro terror. A sua atitude despreocupada e descontraída em relação à vida evaporara-se e cada movimento, cada acontecimento, por mínimo que fosse, era realçado por uma sensação de pânico e temor. Ali sentado, no número 21 de Fforde Pentre, Jesse percebeu que tinha perdido, que ele e Annie nunca iriam ficar juntos e que a pessoa que mais amava no mundo enfrentava um futuro desolador. Deixou cair a cabeça sobre as mãos e começou a chorar.

– Está um desconhecido a chorar na minha cozinha – comentou Delia.

Tirando o lenço do bolso, Maurice entregou-o a Jesse. Depois virou-se para Delia e disse-lhe:

– Leva o saco grande e o de rede. Vai procurar na pilha da reciclagem. Só pode estar lá.

Delia olhou para o relógio. Estava um pouco confusa quanto ao que daria a seguir. Que dia era?

Maurice levantou-se e foi à despensa. Tirou de lá a vassoura e umas panelas para chegar ao saco de compras e a outros sacos.

– Estás a desarrumar tudo – queixou-se Delia.

– Vai lá ver no caixote da reciclagem – ripostou Maurice.

Delia levantou-se e saiu pela porta das traseiras, para o velho barracão de carvão, onde guardava fardos de papel e plástico. Desde os cortes que a câmara fizera, só passavam de quinze em quinze dias e estava ali um bom monte.

Maurice virou o saco de compras ao contrário. Caiu de lá uma cenoura solitária. Virou outros sacos do avesso. Nada.

No barracão, Delia acendeu a luz e começou a remexer nas camadas de papel. Já estava zangada e sentia-se humilhada. Como se atrevia Maurice a falar assim com ela, em frente a um desconhecido?

Como se atrevia aquele homem estranho e choroso a interromper-lhe os horários televisivos? Deu um pontapé a uma pilha de papéis, que se espalharam pelo chão. Claro que não estava ali nada. O que julgaria Maurice? Que ela não se lembraria de ter posto as coisas do seu falecido tio na pilha? De repente, Delia parou. Ali estava um canto revelador, cinzento e almofadado. Puxou-o para si e viu a familiar caligrafia rebuscada. Sentiu um assomo de pânico. Encontrá-lo assim, sem mais nem menos, faria com que ficasse ainda mais malvista, com que parecesse ainda mais estúpida. O melhor seria escondê-lo e, quando Maurice fosse trabalhar no dia seguinte, ela poderia rasgá-lo ou levá-lo à Tesco’s para que fosse reciclado. O mais urgente era livrar-se do homem a chorar na sua cozinha e poder voltar à sua televisão. Delia só aguentava viver com o mundo em ordem, caso contrário começava a tremer e o pânico instalava-se. Tinha o pressentimento de que o que quer que estivesse dentro daquele envelope lhe mudaria a vida, e não necessariamente para melhor.

– O que estás aí a fazer?

Maurice apareceu atrás dela, projetando uma sombra assustadora sobre o barracão.

– Assustaste-me – disse ela, enquanto dava um passo atrás e tentava tapar o envelope com uns papéis em volta.

Maurice, pelo canto do olho, viu-lhe o olhar de esguelha e nervoso.

– O que estás a esconder?

– Nada... o que haveria de esconder aqui? – respondeu ela. – Vamos para dentro tentar reconfortar aquele jovem. Coitadinho. Podias levá-lo à estação.

Delia sabia que ninguém deveria encontrar aquele envelope.

Maurice empurrou-a para o lado e, pondo-se de joelhos, começou a remexer na pilha.

– Isto aqui está tudo sujo, levanta-te – pediu-lhe Delia.

Maurice precisou de menos de vinte segundos para encontrar o envelope de Trichcombe.

Segurando-o numa mão com um ar triunfante, pôs-se de pé e saiu do barracão de carvão sem sequer dirigir o olhar à mulher.

Regressou à cozinha e largou o envelope à frente de Jesse.

– Encontrámos. Quem é que o abre? Eu ou você?

Jesse levantou a cabeça da mesa, olhou ora para Maurice, ora para o envelope, e limpou as lágrimas.

– Isto é maravilhoso. É mesmo maravilhoso. Abra o senhor.

Levantou-se e abraçou-o. Também foi abraçar Delia.

– Nem se atreva a aproximar-se de mim – silvou ela, endireitando ao máximo todo o seu metro e cinquenta e cinco.

Com muito cuidado, Maurice descolou a aba do envelope e, inserindo a mão, tirou de lá uma memória USB, algumas fotografias, um manuscrito criteriosamente datilografado com cerca de

quarenta páginas e uma carta.

Caro Maurice,

Espero que nunca te encontres na necessidade de ler esta carta ou tomar ação relativa ao que aqui se encontra. Se esse dia chegou, provavelmente terei morrido. Como és o meu parente mais próximo e, ao que tudo indica, um membro fiável e honrado da tua comunidade, sempre confiei no teu bom carácter para que me guardasses cópias do meu trabalho.

Suspeito de que nunca terás tido tempo ou propensão para digerir os meus livros. Na minha juventude em Mold, nunca conheci outra pessoa que partilhasse a minha paixão pela arte.

Não sei bem de onde terá vindo. A casa dos teus avós não tinha nem uma reprodução, quanto mais uma obra original; a minha paixão inflamou-se quando a diretora da escola, Miss Quilter, se esqueceu de marcar uma visita de estudo à fábrica de Bournville e a turma teve de ir desperdiçar tempo no Museu da Cidade e na Galeria de Arte de Birmingham. Talvez não te lembres, mas levei-te lá quando eras pequeno. Era da opinião de que toda a gente merecia uma experiência transformadora, mesmo que não aproveitasse a oportunidade. Para mim, a arte tornou-se o meu salva-vidas; estudá-la, observá-la, amá-la foi a única forma de me sentir um pouco menos só e estranho. Há quem ame mulheres ou homens, o jogo ou a garrafa; eu amo quadros e devotei toda a vida ao seu estudo e a tentar explicar a outros a beleza e a mística que contêm.

Maurice reajustou os óculos e, espreitando a carta, continuou: *Houve um homem que me ajudou a estabelecer uma carreira e foi o mesmo homem que a destruiu. Chama-se Memling Winkleman.*

Maurice interrompeu-se para olhar para Jesse.

– É ele?

Jesse assentiu com a cabeça. As lágrimas tinham secado e o coração batia-lhe acelerado no peito.

– Leia o resto – instou.

Espero que, quando leres esta carta, o seu nome já seja internacionalmente reconhecido e que ele tenha sido exposto pelo que é – um criminoso dissimulado e desonesto, um nazi, que não deixou que nada se intrometesse no seu caminho para criar o negócio mais bem-sucedido do mundo da arte.

– Um nazi. Imagine-se – comentou Delia.

Com um olhar, Maurice mandou-a calar-se e prosseguiu a leitura.

Como talvez saibas, trabalhei para ele como autenticador, um perito que declara se algo é verdadeiro ou falso. Tenho um conhecimento prodigioso (se posso reclamar algum crédito) de pinturas e uma memória fotográfica. Depois de ver um quadro, de o estudar durante algum tempo, nunca me esqueço de um único pormenor. Se me mostrares um canto de um Rembrandt, eu serei capaz de te dizer tudo acerca dessa obra. Isso fez de mim um

identificador excelente – eu e o Memling rondávamos as galerias; eu identificava e certificava uma obra de um mestre e o Memling comprava-a. Pode parecer estranho, mas nunca tive grande interesse por dinheiro; queria a associação a coisas grandiosas e a oportunidade de publicar as minhas ideias e comentários. Eu e o Memling tínhamos uma bela parceria; ele enriquecia, eu obtinha consagração.

– O que quer dizer consagração? – perguntou Delia.

Maurice e Jesse ignoraram-na.

Havia uma coisa que nunca consegui compreender; uma coisa que ele nunca foi capaz de explicar. Mesmo quando o mercado se restringia, quando havia menos boas coisas disponíveis, o Memling arranjava grandes quadros, fazia-os aparecer como por artes mágicas. Metia-se num avião e voltava com uma tela ou duas. Eu perguntava-lhe «como» e

«onde», mas ele nunca respondia. Uma vez voltou com um Ticiano estupendo, um retrato de uma jovem, pequeno mas perfeito. Qualquer coisa naquele quadro espicaçou a minha curiosidade. Eu conhecia a composição, por causa de um esboço que tinha visto na Gemäldegalerie, em Berlim. Depressa verifiquei que pertencera a uma família judaica, antes da guerra, e que depois desaparecera. Comecei a examinar os registos de outros quadros que tinham passado pela galeria – sub-repticiamente, claro está – e descobri que, durante os dez anos em que tinha trabalhado para o Winkleman, cerca de trinta quadros apresentados haviam pertencido a judeus exterminados no Holocausto. Acho que percebi logo quanto poderia custar-me tal conhecimento.

Um dia, entrei no gabinete do Memling sem me lembrar de bater à porta e, na

sua secretária, estava um quadro do mestre francês Watteau, intitulado A Improbabilidade do Amor – *conhecia-o de esboços, claro... é uma obra de arte realmente maravilhosa. Diz-se que a sua beleza tem o poder de inspirar o amor em meros mortais; não há dúvida de que me inspirou uma certa loucura. Sem pensar, agarrei nele e devorei-o com os olhos. Deveria ter fingido que não o via. O Memling arrancou-me o quadro das mãos e, aos gritos, expulsou-me do gabinete, do edifício. Fiquei em tal estado de choque que fiz o que me era pedido. Ao voltar na manhã seguinte, encontrei os meus pertences e livros metidos em caixotes no passeio do lado de fora. Tinha-me sido barrada a entrada. Os rumores começaram de imediato. O mundo da arte é um espaço pequeno, gerido por uma elite poderosa. Eu entrava em exposições privadas ou galerias e deparava-me com olhares indiferentes ou abertamente hostis. Os meus manuscritos eram rejeitados; não conseguia ser publicado, quanto mais arranjar emprego. Tentei denunciar o Memling, falar a outros das minhas descobertas, mas ninguém me dava ouvidos. Sabiam onde estava o poder. Todos somos cúmplices numa dança com o poder.*

Fui-me remediando. À justa. Tinha o meu apartamento e um pequeno estipêndio da Wallace. Continuei a escrever livros... a maioria está por publicar. Tens um exemplar de cada. Aceitei que assim funcionava o mundo. Que os Memlings deste mundo prosperariam enquanto os pequenos homens de Mold definhariam.

Um dia, a esperança regressou. Vi um desenho do quadro – do Watteau, A Improbabilidade do Amor – *e uma jovem disse-me que o tinha. Talvez tenham sido os anos de raiva reprimida*

ou talvez algum resquício do espírito combatente de Gales, mas percebi que ali tinha a oportunidade de expor o monstro. Aquela obra de arte minúscula e belíssima deu-me a força e a determinação para fazer o que deveria ter feito há muitos anos.

Este longo ensaio, que espero que tenha sido publicado e que se tenha disseminado pela comunicação social do mundo inteiro, revela como foi que o fiz e que provas servem de base à minha teoria. Embora se tenham perdido vidas, agora haverá justiça.

Se, por algum motivo, a minha vida for encurtada (e não seria excesso de dramatismo presumir que isso poderá acontecer), peço-te, querido sobrinho, que te assegures de que esta informação vê a luz do dia. Aconselho-te que o

faças de forma anónima e com o maior dos cuidados, mas sei que és o género de homem que deseja corrigir injustiças.

O teu tio respeitoso,

Trichcombe

Delia levou uma mão ao coração.

– Eu sabia que devíamos ter deixado isso no barracão, Maurice. Só vai dar problemas.

– Põe a chaleira ao lume – retorquiu o marido.

Ao longo das duas horas seguintes, até às dez da noite, ele e Jesse leram e releram o ensaio de Trichcombe e analisaram as suas pormenorizadas notas. O historiador de arte abandonara as convenções e escrevera a história na primeira pessoa, descrevendo detalhadamente a sua relação com Memling e os negócios que tinham feito juntos. Falava de suspeitas postas de parte e do retrato de Ticiano, a que se tinham seguido outras aparições «milagrosas». Falava abertamente de ter suprimido as suspeitas para fazer avançar a sua própria carreira, até ao dia em que vira o Watteau.

Cada quadro que mencionava era acompanhado por uma longa linha de proveniência que demonstrava que pertencera a judeus exterminados durante a guerra. O indício mais devastador encontrava-se nas fotografias do jovem «Memling» com a família Winkleman, diante de *A Improbabilidade do Amor* no apartamento de Berlim. Trichcombe fora diretamente do apartamento de Danica Goldberg, no número 14 de Schwedenstrasse, para o arquivo público. Pedira uma cópia da certidão de nascimento de Memling Winkleman e também de um rapaz chamado Heinrich Fuchs.

Não se ficara por aí. As fotografias que desenterrara em seguida eram da Juventude Hitleriana, mostrando um jovem recruta chamado Heinrich Fuchs, uma versão mais nova do homem a quem, na atualidade, todos chamavam Memling Winkleman. Trichcombe seguiu a carreira do homem até ao esquadrão nazi da arte, onde Fuchs tinha trabalhado sob as ordens diretas de um oficial chamado Karl Haberstock. A fotografia que talvez fosse mais impressionante era a que mostrava um oficial júnior por trás de Hitler, a segurar um quadro. Embora a fotografia estivesse esborratada e ligeiramente desfocada, o jovem com a boina

puxada sobre o rosto, as costas direitas como um fuso, era, inequivocamente, Heinrich Fuchs.

– E agora o que fazemos, caramba? – perguntou Maurice, chegando a cadeira para trás.

– Fingem que nunca viram nada disso – disse Delia, que tinha passado as últimas duas horas a cirandar nervosamente entre o televisor e a cozinha.

– O génio já saiu da lanterna. Temos de fazer a coisa certa pelo tio T – afirmou Maurice. – Não imagino os rapazes de azul daqui a levarem isto a sério.

Jesse estava a fotografar cada imagem e cada página do manuscrito com o *smartphone* e guardar os

ficheiros num servidor remoto.

– Se calhar posso enviar isto por *email* a alguém? – sugeriu.

– Vamos levar as provas a Londres – disse Maurice com firmeza.

– Nunca foste a Londres. Não vais encontrar o sítio – protestou Delia.

– Algumas coisas são demasiado grandes para não darmos por elas – disse ele, fitando-a de cima a baixo.

– Não podes deixar-me aqui.

– Já devia ter-te deixado há muito tempo.

Maurice saiu da cozinha e subiu as escadas. Jesse e Delia ficaram à mesa da cozinha, em silêncio.

Ele tinha o rosto rasgado por um grande sorriso; o dela parecia um monte de cera depois uma noite passada em frente a radiador, com as faces descaídas e olhos tristes.

Uns minutos depois, Maurice regressou com uma pequena mala numa mão e o sobretudo na outra.

– Venha, Jesse. Vamos lá.

Capítulo 37

Recorte do *Daily Shout*

Arte e Detenções: A Improbabilidade de Tudo

Um artigo do nosso

Correspondente de Arte Principal

Arthur Christopher

Com apenas 45 centímetros por 60, óleo sobre tela, o pequeno quadro *A Improbabilidade do Amor* tem uma história extraordinária, que acaba de se tornar ainda mais fantástica. Com venda marcada na leiloeira Monachorum para as 20h00 da noite passada, esperava-se que o quadro do mestre do século xviii, Antoine Watteau, quebrasse todos os recordes. Embora não tivesse a qualidade ou a importância histórica de um grande Ticiano ou Leonardo, nem fosse tão conhecido ou inovador como um Richter ou um Warhol, a proveniência deste quadro cativou imaginações de todo o mundo. Muitos eram os colecionadores que aspiravam a acrescentar os seus nomes à ilustre linha de reis, rainhas, grande pensadores e amantes notáveis que, ao longo da história, possuíram este quadro.

Escassos momentos antes do início do leilão, uma falha elétrica mergulhou o salão na escuridão e provocou o caos na casa leiloeira. Portões automáticos de segurança desceram, trancando cerca de 250 convidados importantes do salão de vendas. O pandemónio instalou-se e só piorou com a chegada de vinte polícias armados, que se confrontaram com as equipas privadas de segurança contratadas para proteger alguns dos indivíduos mais abastados do mundo, bem como o presidente de França e o ministro britânico da Cultura. Houve vários disparos; Mr. Barthomley Chesterfield Fitzroy St. George foi alvejado num braço, mas a única fatalidade foi Mrs. Melanie Appledore, a filantropa de setenta e nove anos, residente em Nova Iorque, que faleceu na sequência de um súbito ataque cardíaco.

A multidão reunida no exterior para assistir à transmissão em direto das licitações não contribuiu para melhorar a situação. Quando a falha de energia desligou os ecrãs televisivos, espectadores insatisfeitos tentaram entrar na leiloeira.

No meio do caos, ninguém reparou que o quadro tinha desaparecido nas barbas de órgãos de comunicação social de todo o mundo, da polícia e das equipas de segurança. Seguiu-se uma confusão sem fim; teria um dos curadores levado o quadro para um cofre-forte? Seria possível que um dos distintos convidados o tivesse surripiado? Depois os funcionários da casa leiloeira descobriram que

as câmaras de videovigilância tinham sido desligadas.

De manhã cedo, um jornalista desta publicação, estacionado em frente à residência privada de Mr.

Memling Winkleman, transmitiu a informação de que agentes à paisana tinham chegado à casa pelas oito horas, saindo acompanhados pelo proeminente negociante de arte. Mais tarde, da esquadra de polícia de Paddington Green chegou a confirmação de que o homem de noventa e um anos, bem como a filha de cinquenta, Rebecca Spinetti-Winkleman, se encontravam a colaborar com as investigações.

Até à data, não foram constituídos arguidos.

Ao meio-dia, Miss Annie McDee foi libertada do estabelecimento prisional de Holloway e todas as acusações contra ela foram arquivadas. Os leitores estarão recordados de que Miss McDee se encontrava em prisão preventiva, a aguardar julgamento por furto, extorsão, conspiração fraudulenta e o homicídio de Mr. Ralph Bernoff, filho do proprietário da Antiguidades Bernoff, em Goldhawk Roak, Londres.

Às 10 da manhã, o Centro Simon Wiesenthal publicou um *tweet* na sua conta oficial, indicando que um dos últimos líderes nazis, Heinrich Fuchs, tinha sido desmascarado. Fuchs, um dos atores principais do infame «esquadrão da arte» de Hitler, ou Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg (ERR) vivia incógnito desde 1945. Rumores por confirmar sugerem que Fuchs se terá apropriado da identidade e do legado de um judeu berlinense, Memling Winkleman, falecido em 1943 em Auschwitz.

Às 11 da manhã, o presidente francês promulgou a seguinte declaração: «Na noite passada, cheguei à Grã-Bretanha para concretizar a aquisição de uma importante obra de arte francesa, *A Improbabilidade do Amor,* da autoria de Watteau, que deveria encontrar-se no Palácio do Eliseu, em Paris. É da maior importância para a minha nação que o quadro seja devolvido com a maior

brevidade possível.»

Ao meio dia, o número 10 de Downing Street emitiu a seguinte declaração: «É com muita satisfação que anunciamos que um dos nossos agentes conseguiu resgatar o quadro de Watteau, *A Improbabilidade do Amor,* furtado na noite passada à casa leiloeira. Até informação em contrário, o quadro permanecerá em lugar seguro, cujo endereço não será divulgado.»

Capítulo 38

Como provavelmente terá calculado, tratou-se de uma missão inteiramente orquestrada pelo jovem agente governamental, Mr. Darren Lu, que se fez passar por porteiro. No caos que se seguiu à falha de energia, fez um buraco no meu suposto vidro inquebrável, enfiou-me numa mochila, desceu as escadas e saiu pelas traseiras.

Condoí-me da pobre e idosa Melanie Appledore – uma senhora que sobreviveu a uma guerra mundial, ao meio brutal de Park Avenue e a ser uma viúva solitária durante quase um quarto de século, para acabar a bater as botas no salão de leilões. Ao menos morreu *hors de combat,* acreditando que a vitória só poderia ser sua.

Senti-me amargamente desapontado por não estabelecer um novo recorde mundial em leilão. O

astuto conde esperava arrecadar mais de 500 milhões de dólares. Perfeitamente atingível, dado que os jogadores de cartas de Cézanne, uma das cinco versões, alcançou 261 milhões e que a minha proveniência é muito mais excelsa do que o *Retrato de Adele Bloch-Bauer,* de Klimt, que foi vendido por 150 milhões.

Não se escandalize com esta aparente autorreverência; a minha tela está coberta pelas pinceladas de um génio, a que se sobrepõem séculos de desejo, amor e avareza. Cada um dos meus proprietários me acrescentou um estrato inatingível mas indelével: o primeiro foi o jorro emotivo do meu mestre; o segundo, o afeto fraterno do seu amigo Julienne, aos quais se seguiram a admiração dos grandes e dos perfeitamente vis; até a jovem Annie me somou alguma magia. Estas camadas de apreciação, embora invisíveis para o olho humano, são detetáveis por aqueles que gozam de capacidades particulares de intuição e sensibilidade.

Será que isso, ouço-o perguntar, justifica os preços insanos das obras de arte e

explica por que razão eu e os da minha espécie somos mais prezados do que ouro ou diamantes, um investimento mais fiável do que casas ou terras, quando, na verdade, não passamos de um pedaço de pano estendido entre quatro traves esguias de madeira? A resposta é bastante simples: olhe em redor, observe este mundo louco, ímpio, cínico, e pergunte-se: em quê e onde pode a Humanidade depositar a confiança? Eu sei, julga que eu, dogmático, sou um maçador de primeira que não se cala; mas, numa era em declínio, degenerada, obcecada pelo dinheiro, onde até Mamon dececiona a maioria, a arte tornou-se uma espécie de religião e a beleza oferece uma forma rara de transcendência.

À semelhança de outras religiões bem-sucedidas, a arte evoluiu e oferece templos gloriosos e sacerdotes eruditos, para além de alianças e credos. Às novas igrejas chamamos museus, e nestes a contemplação da arte transformou-se numa espécie de prece e atividade comunal. Os muito ricos podem criar capelas privadas recheadas de raridades inimagináveis e garantir que se sentam no banco da frente. Sempre foi assim.

De volta a *moi:* tem havido tremendas discussões quanto a quem é o meu proprietário. Annie, fiel à sua palavra, abdicou de todas as pretensões à minha posse, pelo que todas as outras pessoas andam

pelo mundo a tentar encontrar um familiar, nem que seja um primo distante dos Winkleman originais.

Dez mil pretendentes já se anunciaram; a maioria pode ser descartada, mas há uma mulher, em Israel, que parece plausível.

Tudo o que quero é resolução, não restituição. Até agora, tem havido demasiado movimento e eu estou desesperado por um período de paz e consolidação. A minha bênção é inspirar excessos de emoção; a minha maldição é não deter o menor controlo sobre o meu destino.

Por ora, encontro-me na parede do salão de jantar do primeiro-ministro, por «motivos de segurança»; o seu principal objetivo é irritar os Franceses. Trezentos anos passados e nada muda; França e Inglaterra continuam a discutir por muito pouco. Aquele Rochedo de Gibraltar, cedido aos Britânicos em 1713, continua a ser motivo de disputa com os Espanhóis, e os Britânicos e os Russos continuam a apaixonar-se e a desentender-se; sempre foi assim. Hoje em dia já não se fala muito da Suécia, nem do Império Austro-Húngaro, mas há dois

novos atores em cena, a América e a China; as superpotências, que vêm e vão, controlam as marés.

Le scandale du jour foi que o velho nazi tomou um comprimido de cianeto na cela da prisão e morreu a espumar no chão do estabelecimento prisional de Wandsworth. Surgiu uma carta a afirmar que a filha nada sabia dos delitos do pai; contem-me outra, como costumava dizer a calçadeira. A mesma carta também revelava o paradeiro de um esconderijo cheio de pinturas – pilhagens nazis –

numa mina de sal desativada da Baviera. Descobriu-se que continha oitenta e quatro obras primas e a Sala Âmbar. Agora a Rússia, a França e a Alemanha andam às turras para determinar a quem pertence o quê. Desde Helena de Troia que a beleza suscita a guerra.

Annie foi libertada, com uma absolvição total. Veio almoçar com o primeiro-ministro e trouxe Jesse, além de um homem de Gales. Por acaso, havia um problema com uma sanita entupida. O

homem de Gales despiu o casaco e desapareceu com um empregado. Trinta minutos depois, voltou a aparecer, com o problema resolvido. O primeiro-ministro ficou tremendamente satisfeito e fartou-se de falar acerca de boa cidadania e de uma «grande sociedade». Tenho de dizer que o primeiro-ministro é um pouco maçudo, mas provavelmente é preciso ser-se um tanto enfadonho para se querer entrar para a política e ainda mais para se ficar lá.

O de Gales teve outra ideia: e se transformassem *moi* no «Quadro do Povo». Propôs uma campanha para me salvar e manter na nação, em que casa cidadão doaria três libras para a grande causa. O primeiro-ministro adorou, ciente de que seria o primeiro político da história a criar um imposto de que toda a gente gostaria.

Mesmo antes de partir para a América, Annie veio ver-me. Olhou em redor, para se assegurar de que ninguém a ouvia, e sussurrou-me junto à tinta:

– Obrigada – disse –, por despertares de novo a minha fé neste mundo e, sobretudo, por fazeres com que o amor voltasse a ser possível. Estou em grande dívida para contigo.

Pouco depois, Jesse apareceu atrás dela, passou um braço à sua volta e deu-lhe

um beijo ao de leve na cabeça.

– Em que estás a pensar? – perguntou.

– N' *A Improbabilidade do Amor* – respondeu ela, ainda a olhar para mim. Enlaçou os dedos nos dele e encostou a cabeça ao seu ombro.

Há que admitir que fiquei bastante comovido.

Tomi Horshaf foi confirmada como neta de Ezra e Esther Winkleman. Nascida em Auschwitz-Birkenau em 1943, órfã pouco depois, foi adotada por um casal norte-americano que se mudou para um *kibbutz* no norte de Israel. À beira do Mar da Galileia, Mrs. Horshaft disse: «Embora esta descoberta não possa devolver-me os pais, avós ou primos, usarei o dinheiro angariado com a venda do quadro para construir uma escola em sua honra.»

O povo da Grã-Bretanha uniu-se para me comprar a *moi* por 240 milhões de libras (uma fração do meu valor estimado). É uma terrível estopada; determinou-se que, a cada trimestre, eu fosse levado para outro museu regional. Havia filas lá fora, com centenas de milhares de pessoas a querer admirar-me a *moi*. Os museus cobravam taxas altíssimas aos casais que queriam dar o nó debaixo do meu olhar. Todos os anos desde a minha compra, fui votado como o melhor Tesouro Nacional Britânico, com seis vezes mais votos do que os recolhidos por Stonenge, o Palácio de Bleinheim, a Calçada dos Gigantes ou a Torre de Blackpool, sejam lá o que forem e onde quer que estejam.

Ainda assim, a arraia-miúda foi-me mantendo a par das novidades: ouvi dizer que Annie e Jesse se mudaram para uma quinta a norte de Nova Iorque, um sítio que lhes satisfez o amor ao campo sem distar muito da cidade. A empresa de Annie, ComiDeliciosa, tornou-se sinónimo de *catering* especializado e chique, temático, de alta qualidade. Apesar de ter recebido ofertas para tornar a ComiDeliciosa numa companhia global, Annie resistiu. «Para mim», disse a um jornalista, «a comida é amor, a comida é memória, a comida é sofrimento e esperança, a comida é o passado e futuro, a comida é quem somos e quem queremos ser; por isso, é essencial ter originalidade e intimidade, coisas que não se atingem em grande escala.» Quando o jornalista lhe perguntou se era a mesma Annie McDee que tinha comprado o quadro mais famoso do mundo numa loja de velharias, ido presa e recusado um milhão de libras de compensação oferecido pela Fundação Winkleman, Annie respondeu: «Essa era uma pessoa

completamente diferente.»

Jesse, com quem entretanto casou, continua a pintar as paisagens da sua memória no estúdio, um grande celeiro reconvertido. Dizem-me que são coloridas, abstratas e altamente procuradas.

Acusada de falsificar documentos e ocultar provas, Rebecca Winkleman foi condenada a cinco anos de prisão, mas continuou a gerir o negócio a partir da prisão de baixa segurança. Ao fim de dois anos e meio, foi libertada. A maioria das pessoas partiu do princípio de que quaisquer ilegalidades que tivesse cometido haviam sido apenas para proteger o adorado pai; isso permitiu que voltasse a ser acolhida no mundo da arte. Sob a sua extraordinária perceção e nervos de aço, a empresa prosperou. Em 2015, o Comité de Honra do Rei concedeu-lhe o título de Dama por reconhecimento pelo serviço prestado às artes.

Depois de Memling ser desmascarado, Carlo Spinetti estabeleceu-se como realizador

independente e recebeu um Óscar por um filme de terror de baixíssimo orçamento, *O Meu Sogro,* acerca de um ex-nazi implacável que bebia sangue ao pequeno-almoço. Carlo morreu em flagrante delito com duas jovens no Chateau Marmont de Los Angeles.

Vlad e Grace Spinetti casaram. Ele renunciou à fortuna e os dois mudaram-se para a sua terra natal, Smlinsk, onde tiveram sete filhos e abriram um estúdio de tatuagens. Grace ainda ponderou regressar a Inglaterra para se juntar à mãe no negócio da família, mas preferiu liberdade pessoal a recompensas profissionais.

O Honorável Barnaby Damson perdeu o seu lugar no parlamento nas eleições de 2020. Tornou-se consultor mediático da Albânia.

O braço esquerdo de Barty ficou ferido no tiroteio, mas a leiloeira recompensou-o generosamente.

Viveu até aos 102 anos, sempre vestido de acordo com cada ocasião, e protagonizou o seu próprio programa de televisão, intitulado *Terrivelmente Vulgar,* uma visão idiossincrática do sistema britânico de classes.

*

Delores Ryan casou com um taxista marroquino e mudou-se para Taroudant, em Sus. Depois de ter sido incapaz de reconhecer o Watteau, desistiu da história de arte e dedicou-se à venda de uma linha de produtos à base de óleo de argão.

O conde Beachendon deixou a leiloeira para se ocupar da curadoria do museu do emir e da princesa de Alwabbi. Com um orçamento anual de mil milhões de dólares para gastar em quadros, tornou-se uma das pessoas mais poderosas do mundo da arte.

Pela ideia astuta de recorrer ao *crowdfunding* para assegurar o Quadro do Povo, Maurice Abufel foi recompensado com o cargo de embaixador da República do Daguestão. «É do mesmo tamanho de Gales, mas fica bem longe de Mold», dizia a toda a gente. A sua ex-mulher, Delia Abufel, ganhou o título de «Emagrecimento do Ano», tornou a casar e instalou-se em Pontefract.

Evie completou com sucesso a reabilitação, concluiu a educação secundária e conseguiu uma bolsa para frequentar a Universidade de Oxford. Dois anos depois, casou com Bruce Goldenheart (sóbrio havia trinta e cinco anos) e, juntos, gerem um serviço de aconselhamento para alcoólicos em recuperação na Ilha de Wight.

Depois de quatro anos de casamento, a mulher de Desmond deixou-o, alegando «comportamento irrazoavelmente controlador».

*

E quanto a *moi*? Ainda vê um velho pedaço de tela, com quarenta e cinco por sessenta centímetros, incrustado por pigmentos, óleos, um toque de canja de galinha e uma mosca morta? Não me parece.

O meu tempo está a chegar ao fim. Francamente, estou exausto. É árduo manter a chama da beleza e da excelência a arder. Séculos de ser arrancado a molduras, preso a lombos de mulas, carregado em navios, enfiado em sacos de plástico, pendurado por cima de lareiras acesas e submetido a hálitos quentes surtiram os seus efeitos. A minha trama está a desintegrar-se; a humidade evaporou-se do óleo. Em breve não passarei de um minúsculo monte de poeira. Por sorte, muitos seguidores e imitadores florescem e sobrevivem. Alguns são excelentes. Tudo o que importa é que os artistas continuem a recordar aos mortais o que realmente interessa: o espanto, a glória, a loucura, a importância e a improbabilidade do amor.

Agradecimentos

As personagens deste livro inspiram-se em muitas que conheci, sobre as quais li, ou que simplesmente espero que existam. Quaisquer semelhanças serão inteiramente acidentais ou intencionalmente elogiosas. Várias personalidades e instituições públicas figuram nestas páginas, já que seria difícil imaginar um mundo da arte, real ou fictício, sem elas.

Tive a sorte de aprender com académicos distintos e também com os diretores, conservadores, curadores e administradores da National Gallery, da Tate, da Coleção Wallace e de Waddesdon Manor. Estas instituições e as suas luminárias têm-me proporcionado fontes duradouras de consolo e inspiração.

Agradeço também a Catherine Goodman, pela sala de escrita e pelos seus comentários acerca de pintores e pintura.

A Sarah Chalfant, fantástica agente, que viu o potencial deste livro e o encaminhou para as distintas casas da ímpar Alexandra Pringle e da impagável Shelley Wanger. Agradeço a todos os que viajam com a Wylie Agency, com a Bloomsbury e a Knopf, e a Sonny Mehta, Nigel Newton, Alba Ziegler-Bailey, Charles Buchan, Alexa von Hirschberg e Anna Simpson.

Tenho uma especial dívida de gratidão para com a minha família, os meus amigos e os meus colegas, pelo apoio, humor e paciência; para com os leitores atentos que foram Jacob e Serena Rothschild, Fiona Golfar, Justine Picardie, Philip Astor, Stephen Frears, Rosie Boycott e os SP. Por último, mas não por ordem de importância, obrigada, Emmy.

Document Outline

- Ficha Técnica
- Prólogo
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Capítulo 24
- Capítulo 25
- Capítulo 26
- Capítulo 27
- Capítulo 28
- Capítulo 29
- Capítulo 30
- Capítulo 31
- Capítulo 32

- Capítulo 33
- Capítulo 34
- Capítulo 35
- Capítulo 36
- Capítulo 37
- Capítulo 38
- Agradecimentos